HISTORIA

MILITAR E POLITICA

DE PORTUGAL

HISTORIA

MILITAR E POLITICA

DE PORTUGAL

DESDE OS FINS DO XVIII SECULO ATÉ 1814

POR

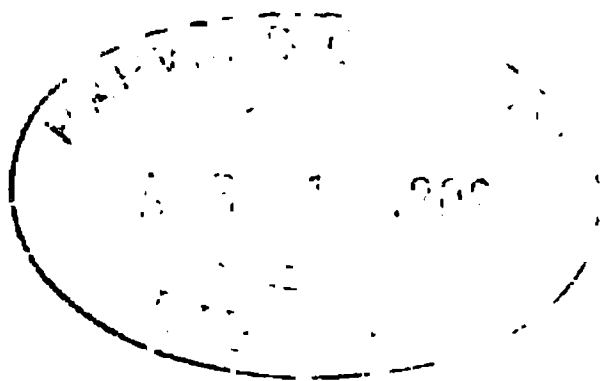
JOSÉ MARIA LATINO COELHO

General de brigada, lente da escola polytechnica

TOMO III

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1891

LIVRO III

A GUERRA

INDICE ANALYTICO

LIVRO III

A GUERRA

CAPITULO I

O EXERCITO PORTUGUEZ ATÉ O FIM DO SECULO XVIII

João Cosmander.—Lasart.—A arte das minas.—Miguel Timmermann. Falta de engenheiros portuguezes.—Admissão de extrangeiros em o nosso exercito.—Queixas contra o modo de executar as leis militares nos primeiros annos do governo de D. João IV.—Penas comminadas aos desertores.—O systema militar durante os reinados de D. Affonso VI e de D. Pedro II.—Nova escola de engenheiros.—Luiz Serrão Pimentel.—Manuel de Azevedo Fortes.—Variações na força do exercito.—O conde de Schomberg —As companhias de cavallos.—A administração financeira do exercito portuguez e a *Arte de furtar*.—Falta de amor á profissão militar e decadencia da disciplina.—Revolução determinada nas instituições militares de Portugal pela Guerra da Successão de Hespanha.—Providencias tomadas para pôr o exercito em pé de guerra.—Os *fuzis*.—Os *troços* de artilheria.—Recruta-se em Inglaterra o pessoal d'esta arma.—Instrucção militar.—O conde de Gallway.—O barão de Faggel.—Os mais altos postos militares dados á nobreza.—Inconvenientes do privilegio.—As primeiras operações da Guerra da Successão.—Entrada triumphal do marquez das Minas em Madrid.—Derrota de Almansa e victorias de Villa Viciosa e Saragoça.—O armisticio de Utrecht.—Reorganisação do exercito portuguez em 1707.—Esboço de codigo penal militar.—Ordenanças de D. João V.—Prescripções relativas ao serviço das differentes armas, sob o ponto de vista da administração, da tactica e do armamento.—Penalidades estabelecidas para certos crimes de militares.—Falta de applicação dos regimentos do exercito.—Reorganisação das tropas portuguezas em 1715.—Instituições absurdas ainda veneradas.—Preparativos de guerra em 1735.—Instituição das academias militares.—Decadencia do exercito.—Primeiras providencias tomadas por Sebastião de Carvalho como ministro da guerra.—Antagonistas que se lhe oppõem.—A guerra de 1762 faz despertar o exercito portuguez.—Penuria de recursos defensivos.—Sebastião de Carvalho decreta as providencias mais urgentes para melhorar o estado da força armada.—Determina completa uniformidade na ordenança.—Os soldados portuguezes feitos mendigos.—Difficuldade de organisar e adextrar um exercito quasi em presença do inimigo.—Expedientes de occasião.—É augmentada a força da infanteria, cavallaria e dragões.—Accrescenta-se o numero das companhias nas tropas a cavallo.—Privilegios que limitavam o recrutamento.—Os mercenarios suissos.—Portugal toma a seu serviço quatro batalhões d'estes soldados.—O regimento dos *Reaes extrangeiros*.—Força das nossas tropas em 1762.—Chega a Lisboa o conde de Lippe-Schaumburg e é nomeado marechal general do exercito de Portugal.—O que esta nomeação representou para o paiz.—Carencia de generaes portuguezes.—Torna-se necessario ir buscar ao extrangeiro um commandante em chefe experimentado.—Preparativos bellicos que o conde de Lippe já encontrou effeituados.—Mais officiaes extrangeiros admittidos no exercito de Portugal.—Como as nações de então se apercebiam para a guerra.—Com tropas recrutadas e instruidas á ultima hora consegue o conde de Lippe sustar e enfraquecer o inimigo.—Feito o tratado de paz de 1762, o marechal-general cura de melhorar a organisação do exercito sob o seu mando.—Aptidões que tinha para esta missão.—Nova organisação militar.—

CAPITULO II

A DIVISÃO AUXILIAR

CAPITULO III

AS OPERAÇÕES DOS HESPANHOES NOS PYRENÉUS

pas que se contrapunham.—Posições occupadas pelos dois exercitos.—Inexperiencia de ambos os contendores.—Qualidades boas e defeitos que os assignalam.—Systema de guerra por elles seguido.—O combate de Viella.—Os hespanhoes passam o Bidassoa.—Atacam e tomam, durante a noite, o campo de Sare.—Os francezes formam o acampamento de Bridart e occupam Saint-Jean-Pied-de-Port.—Recontros de Valle Carlos e Baygorry.—Tomada de Chateau-Pignon pelos hespanhoes.—Os francezes obrigam os inimigos a tornar a passar o Bidassoa.—Combates de 1 e 23 de julho de 1793.—Melhora o espirito das tropas republicanas.—Posições das forças belligerantes em agosto d'aquelle anno.—Os francezes acommettem Beriatou.—Novos recontros.—Resultados da campanha de 1793 no departamento dos Baixos Pyreneus.—É no Roussillon o principal theatro da guerra entre a França e a Hespanha.—Pensamento que esta levaria em mente ao invadir o condado.—Posições occupadas pelos francezes do *exercito dos Pyrenéus orientaes*.—O governo hespanhol resolve emprehender pelo Roussillon a invasão do territorio francez.—D. Antonio Ricardos y Carrillo.—Tomada de S. Lourenço de Cerdá, de Arles e de Céret.—Proclamação de Ricardos aos francezes.—Inacção dos dois exercitos, causada pelo mau tempo.—Os hespanhoes acommettem e tomam os campos fortificados de Thuir e de Masdeu, os fortes Des Bains e de La Garde, e entram sem resistencia em Elme, Argelès e Cornellás.—Sitio e reddição de Bellegarde.—Assenhoreiam-se do valle do Tech.—Retorno offensivo dos francezes contra Elne.—O principe de Monforte apossa-se de Villeneuve.—Tentativa infructuosa das tropas de Carlos IV contra Oriols.—Actividade de Ricardos.—Investida dos hespanhoes contra o campo de l'Union.—Equiparam-se as vantagens obtidas por um e outro exercito.—A escassez de forças obriga os francezes a limitarem-se á defensiva.—Reforços enviados a Ricardos.—Capitulação de Villefranche.—Excursão até ás cercanias de Conflans.—Tomada da posição de Cornellás pelo marquez de las Amarillas.—O general Crespo desaloja de Montferrail os francezes.—As forças republicanas apossam-se de Puygcerdá, mas não logram bom exito no ataque planeado contra a rectaguarda das posições inimigas.—Derrotam completamente o marechal Velasco, em Olette.—O marquez de las Amarillas toma Rivesaltes.—Mallogra-se o ataque dos hespanhoes contra Orlès e Cabestany.—Tomada de Peyrestortes.—D. João Courtén desaloja de Vernet as tropas republicanas, mas é depois rechassado, e retira para S. Felice, tendo padecido perdas consideraveis.—Retirada dos hespanhoes para Truillás.—Os francezes retomam Peyrestortes e Olette.—Batalha de 22 de septembro de 1793.—Os francezes são completamente desbaratados ao atacarem Thuir e Truillás.—Prophecia dos commissarios da Convenção.—Situação mais desafogada dos exercitos da Republica.—Os francezes recuperam Thuir.—Em logar de vantagem é contratempo lastimoso para os hespanhoes a victoria de Truillás.—Ricardos determina a retirada do seu exercito para Boulou.—Dagobert entra em Campredon.—O general Turreau substitue a Dagobert no commando.—Acommette o campo de Boulou: o combate mantem-se indeciso em Montesquiou, mas em Plat del Rey, tendo sido primeiro favoravel aos francezes, dá por fim a victoria ás tropas

CAPITULO IV

A PRIMEIRA CAMPANHA DOS PORTUGUEZES

CAPITULO V

A PRIMEIRA CAMPANHA DOS PORTUGUEZES

(Continuação)

O general republicano aproveita os erros dos chefes inimigos. — Descuido e incapacidade de Mendinueta. — Estrada construida pelos francezes. — Dagobert opera uma incursão na Catalunha, pela Cerdanha.— Toma a posição de Belver e a cidade da Seo de Urgel, onde levanta uma contribuição de guerra. — Morte de Dagobert.— Chega a Céret o general em chefe dos alliados. — Dirige um reconhecimento á estrada militar, que os francezes estavam construindo e toma o pequeno posto de Vilar. — Acommette as alturas de Oms. — Depois de porfiada lucta, os francezes abrigam-se alem das alturas de Vilar. — Resultado nullo colhido pelos hespanhoes n'este combate sanguinolento.— Os francezes intentam readquirir a posição de Vilar. — Oppõe-se-lhes o conde de la Unión, desguarnecendo pontos importantes, e enfraquecendo o centro da sua linha.—As tropas republicanas reoccupam a posição de Vilar, e pretendem interromper a communicação entre Arles e Céret. — Entre as forças que as contrariam, estão quatro dos regimentos portuguezes.— Combate de Oms.—Os alliados têem por fim que retirar.—O general em chefe hespanhol vangloria-se da sua mallograda operação.— Distincto procedimento do regimento de Freire de Andrade e do seu coronel.— Posição do exercito alliado no valle do Tech.— Defeitos que apresenta.— Dugommier trata de romper a linha inimiga, tornando ao mesmo passo desastrosa e impossivel a retirada dos alliados.— Ordena que toda a linha seja atacada vigorosamente a 30 de abril. — Os francezes desmascaram uma bateria nas alturas de Oms, e dirigem o seu principal ataque contra Montesquiou, La Trompette e o campo de Boulou. — Situação critica dos alliados. — O conde de La Unión manda o principe de Monfort reforçar La Trompette e Montesquiou. — Os francezes, sob o mando do general Pérignon, atravessam o Tech. — Uma parte d'esta força vae atacar o reducto de Montesquiou, e conquista-o. — Torna-se inevitavel para os alliados a perda de La Trompette.— Disposições tomadas pelo principe de Monfort. — Os soldados republicanos apossam-se da bateria *de las Señales*. — O conde del Puerto e D. Pedro Buck, e por fim o principe de Monfort, são forçados á retirada.— A posição de La Trompette cáe em poder dos francezes.— Censura que merecem o principe de Monfort e D. Ildefonso de Arias.— Medidas adoptadas pelo conde de la Unión. — Os regimentos de Cascaes e de Peniche marcham para o Boulou. — Retrocede para Céret o segundo d'aquelles corpos.— O commandante em chefe dos alliados convoca a conselho os generaes. — Forbes propõe, repetidas vezes, um ataque desesperado contra Banyuls des Aspres. — A maioria resolve-se pela retirada, que principiará a effectuar-se no dia 1.º de maio, á noite.—Força numerica da divisão auxiliar.—Providencias tomadas por Forbes para a remoção dos enfermos.— Antecipa-se a retirada dos alliados, que começa a executar-se no 1.º de maio, de madrugada.— Faz-se com precipitação esta manobra. — Maneira por que estava planeada. — Como o que devia ser marcha retrograda se torna em fuga desordenada. — Uma grande porção das tropas hespanholas é cortada pelas francezas. — Os soldados do marquez de las Amarillas, em vez de se arrojarem ao inimigo, debandam para o Col de Porteil. — Como o conde de la Unión explica este facto. — O regimento de Peniche e o 1.º do Porto começam a retirar

CAPITULO VIII

OS SUCCESSOS POLITICOS

CAPITULO IX

NA CATALUNHA

experimentam os francezes. — Manobra de cavallaria ordenada por D. Rafael Valdés, e seu excellente resultado.—Mortos, feridos e prisioneiros no combate. — Tropas que o effeituam. — Acções em que entram os *somalénes*.— Outras operações de pouca importancia havidas na Catalunha durante o mez de junho de 1794.— Excursões de pequena guerra feitas pelos francezes em territorios do principado. — O marechal Vives é enviado contra as forças que effeituam estas aggressões.—Ataques incessantes determinados por Dugommier. — Investidas dos francezes contra Villaortali, Masarach, Villarich e Palau.— Combate de 5 de julho.— Incursão do marechal Cuesta na Cerdanha.—Forças que tomam parte na expedição, e quaes as tropas inimigas que se lhes oppõem.— Combate em frente de Belver.— Ataque ao cerro de Monterox.—Falha a empreza contra Puyg-Cerdá.—Cuesta retira com perda.— Emboscada que o conde de la Unión manda executar em Palau.— Os francezes assaltam Masarach.— Operações de Teran e Cuffi em Prat de Mollo e S. Cristobal de Baget.— Diversão dos francezes em frente de Masarach.— Emboscada dos hespanhoes em Montella.— Combate nas alturas de Estannia.— Escaramuças nas cercanias de Montella.— Os francezes acommettem Llorona, Albania e Pincaro, e são rechassados.— Os soldados republicanos desalojam os *somalénes* dos postos avançados de Esterri, e entram em Alos, Isil, Borel e Isavarre.— É tempo de passar das pequenas ás grandes operações — Reforços recebidos pelo exercito hespanhol.— Plano do conde de la Unión.— Começa a realisar-se a operação a 13 de agosto de 1794.— Divisão das forças alliadas.— Como se executa a concepção do general hespanhol.— As tropas de Augereau vencem as de Perlasca e vão coadjuvar as de Sauret, que auxilia Lemoine contra o ataque de Courten.— Combate encarniçado.— Bernardim Freire reforça Courten.— A columna do marechal Izquierdo.— Movimento prescripto por Augereau a Mirabel.— Morte d'este general.— Lemoine toma o commando e alcança a victoria, emquanto as tropas de Courten retiram acossadas pelas de Augereau. — Forbes e Mendinueta cobrem a rectaguarda dos alliados.— Parte que no combate de San Lorenzo de la Muga tomam os regimentos portuguezes.— A brigada de Werna põe-se em marcha com atrazo, por culpa do quartel general hespanhol.— Contribue para atalhar o passo aos francezes.— Modo por que effeitua a retirada até ás posições em volta de Figueras.— Bernardim Freire, com as companhias de granadeiros de dois regimentos portuguezes, obsta a que os francezes continuem a perseguir as tropas alliadas.— Um corpo de seis mil hespanhoes ataca a posição de Cantallops, mas tem de retroceder.— A esquadra do almirante Gravina tenta, mas em vão, auxiliar o ataque. — Perdas experimentadas pelos republicanos no combate de San Lorenzo de la Muga.— O nome de Mirabel inscripto na columna do Pantheon.— Perdas dos alliados na mesma acção, uma das mais renhidas e sangrentas da campanha.— Parenthese necessario e importante.— Más condições de Portugal para fazer a guerra.— Falta de armas.— Pedido do governo hespanhol.— Escassez de recursos pecuniarios.— Incoherencia e irresolução da politica portugueza.— Os nossos estadistas anceiam pelo fim da lucta.— Os invalidos da divisão auxiliar.— O conde de la Unión nega-se a deixal-os regressar á patria.— Esfriam por este

motivo as relações entre o governo de Lisboa e o de Madrid.—Os commandantes dos regimentos portuguezes exaggeram o numero dos invalidos.— Augmentam por isso as suspeitas dos hespanhoes.—Accordo a que chegam a final aquelles dois governos.—Voltam para Portugal as praças inhabeis para o serviço.—Incidente que vem de novo amargurar o general Forbes.—Dissensões entre os officiaes do corpo expedicionario.—Gomes Freire e Clavière.—O conde de Assumar.—Como alguns officiaes, com altas protecções e influencias, tornam intoleravel a situação de Forbes.—Queixas que este general dirige a Luiz Pinto de Sousa, e increpações que faz ao conde de Assumar.—Animadversão de Gomes Freire contra Forbes, Mestral e Clavière.—Pendencia entre Gomes Freire e Mestral.— O commandante da divisão auxiliar manda que Freire fique preso no castello de Figueras.—Receios que lhe inspira este acto de rigor.—Hostilidade entre os regimentos de Freire e de Olivença.— Conflicto imminente.—São presos dois capitães do segundo d'aquelles corpos.—Excessivo melindre de Gomes Freire.—Ameaças d'este coronel a Teixeira Rebello.—Accusação que os officiaes, com valimento na côrte, fazem ao commandante da divisão auxiliar.—O governo portuguez approva o castigo applicado a Gomes Freire.—Engrossam as forças republicanas nos Pyrenéus Orientaes.—A direita franceza vae apoiar-se em Darnius.— Resolve o conselho dos generaes alliados não soccorrer a praça de Bellegarde.—D. João Corrêa de Sá, com quatro dos nossos regimentos, vae occupar as posições de San Lorenzo de la Muga.—Situação de outros corpos.—Desde a acção de 13 de agosto o exercito francez parece retraír-se.—O que o general em chefe dos alliados resolve.—Manda occupar umas alturas entre la Junquera e Capmany.—São ali construidas doze baterias.—Descuido dos francezes.—Empreza contra Monroch.—O ataque faz-se a principio com bom exito.—Retirada vergonhosa dos hespanhoes.— O general Godoy consegue refrear o inimigo.— Os fugitivos tornam a reunir-se e a entrar em fórma.—O coronel Mestral, com o 1.º regimento de Olivença, ameaça os francezes que pretendem irromper pelos barrancos de Viura e pelo castello de Escoure.—Forças que tomam parte nos combates de 21 de septembro.—O que diz o general hespanhol da cobardia manifestada pelas suas tropas ao fugirem de Monroch.— Perdas dos alliados.—Castigo dos cobardes.—Efficacia da intervenção de Forbes a bem dos culpados.— Ultima phase do cerco de Bellegarde.—As tropas sitiantes.—Circumstancias em que está a praça. — O governador, marquez de Valsantoro, propõe capitulação —Dugommier intima-o a que se renda á discrição e é obedecido.—Modo por que a Convenção Nacional celebra esta victoria.—Os francezes atacam o posto das Sete-Casas.—Desejos que Forbes e o governo de Lisboa mostram de que a divisão auxiliar se ausente do theatro da guerra.—Resposta que dá o duque de Alcudia.— Deserção de soldados portuguezes.—Fermento de má vontade entre os dois governos da Peninsula.—Questão diplomatica por causa de uma galeota argelina.—Pequenos recontros no theatro da guerra.—Exploração e reconhecimento dirigido por D. Pedro Echevarria.— Os hespanhoes repellem os francezes que avançavam do Col de la Bassa.— Sáe frustrada a empreza das tropas republicanas contra Ro-

CAPITULO X

A CAMPANHA DE 1795 — GERONA

Bosquejo do novo theatro da guerra.— A cidade e praça de Gerona.— Seus arredores e suas condições defensivas.— Opinião erronea de Gomes Freire.— Força do exercito francez e do alliado.— O que determina o desequilibrio entre um e outro.— Nomeação de D. José Urrutia para general em chefe dos hespanhoes.— Difficuldades da sua missão, e o que d'elle espera o governo de Madrid.— Forbes entrega o commando das forças portuguezas a D. Antonio de Noronha, que a seu turno é substituido por D. Francisco Xavier de Noronha.— Transtornos que similhantes factos causam á divisão auxiliar.— Gomes Freire e Pamplona tomam officiosamente o encargo de dirigir os nossos soldados.— Padecem com isto a disciplina e o valor tactico das tropas.— Atrazo de pagamentos.— Força exigua a que estão reduzidos os corpos da divisão auxiliar.— Logares onde os nossos e os francezes acantonam.— Tacito armisticio.— Combates no territorio comprehendido entre o rio Fluvia e as montanhas de Oriol.— Os hespanhoes atacam Plá de Cotó e causam grandes perdas ao inimigo.— Os francezes recuperam os seus prisioneiros.— Prosegue o sitio de Rosas.— Urrutia, se bem que tardiamente, pretende distrahir, com uma diversão, os sitiantes.— É infructifera a parte d'esta operação commettida a D. Ildefonso Arias, e bem succedida a que o marquez de la Romana executa.— Rosas prestes a render-se.— A villa, a angra e as obras defensivas.— A guarnição da praça e a esquadra de Gravina.— Pérignon começa o investimento de Rosas.— Operações e trabalhos do ataque e da defesa.— Combates fóra da praça.— Effeito causado pelas baterias francezas de Puig-Ron.— Defesa heroica do forte de *la Trinidad*.— Um temporal causa grandes avarias na esquadra hespanhola.— Retira para Rosas a guarnição de *la Trinidad*.— Augmenta o fogo dos sitiantes.— A esquadra de Lángara.— Doenças em Rosas.— Lángara aprésa a fragata franceza *Iphigénie*.— O inverno, alliado natural dos sitiados.— Os fogos do ataque.— Os francezes tomam á viva força varios intrincheiramentos.— Estado da praça.— A guarnição acolhe-se, em grande parte, á esquadra de Gravina.— Rebate falso.— Os outros sitiados rendem-se prisioneiros aos francezes.— Quanto a defeza d'esta praça é honrosa para os hespanhoes.— Numero dos tiros disparados pela artilheria sitiante.— Galardões concedidos a ambos os contendores pelos seus respectivos governos.— Operações secundarias.— Ataque dos francezes ás posições proximas de la Seo de Urgel.— A operação não dá resultado contra Bezach, mas surte bom effeito em Bar e Aristot.— As tropas da Republica não se conservam n'estas duas posições.— Em 1 de março os francezes passam o Fluvia e vão, divididos em duas columnas, para o Col d'Oriol e Besalu.— A primeira columna trava rijo combate e retira com perda consideravel.— O commandante da outra columna ultrapassa Besalu e chega até Bañoles.— Os hespanhoes empregam com felicidade um estratagema, e obrigam os francezes a desastrosa retirada.— Ataque ao

CAPITULO XI

A TERMINAÇÃO DA GUERRA

re.— As narrações publicadas na *Gazeta de Lisboa* a respeito dos combates de 17 e 20 de novembro reaccendem os descontentamentos.— Violenta reclamação de Gomes Freire.—Injurias crueis que este official dirige a Clavière. — Forbes e Gomes Freire buscam reciprocamente amesquinhar-se perante o ministro da guerra.— Desencadeiam-se as iras do commandante da divisão auxiliar contra o capitão Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, hospede de Gomes Freire.— Desforço que toma este coronel.— Outros officiaes que fazem opposição a Forbes.— Queixas do timido general, e acto degradante por elle praticado.— Resoluções do governo portuguez.— Gomes Freire parte para Lisboa.— Desprestigio de Forbes.— Outras provas de falta de disciplina e de boa camaradagem na divisão auxiliar.— Urrutia manda acommetter por terra e por mar a praça de Rosas.— Não dá resultado a empreza.— Os francezes atacam, em 14 de junho, todas as posições inimigas sobre o Fluvia.— Na esquerda da linha hespanhola trava-se um combate sanguinolento, mas infructifero para ambas as partes.— Os atacantes da direita dos hespanhoes são obrigados a retirar.— Façanha do cabo de esquadra Eusebio Chavero.— Expedições que os batalhões do regimento de la Corona executam para alem do Fluvia.— D. Philippe Palanco defende com tres esquadrões a posição de Armentera — O que se passa no centro da linha hespanhola.— Urrutia resolve antecipar o ataque por esta parte.— Plano que fórma e que é executado com rigor.— Os hespanhoes conquistam Pontós, Armadas e a ermida del Angel.— Retirada dos francezes e suas perdas n'aquellas operações.— Os regimentos portuguezes estabelecem-se no acampamento de Olivas.— Os francezes pretendem atacar pela rectaguarda as forças contrarias, que tinham passado o Fluvia.— A divisão de Cuesta frustra-lhes o intento, e oppõe-se tambem com bom exito a dois ataques de flanco.— Os marechaes Arias de Saavedra e marquez de la Romana rechassam o inimigo na esquerda do centro hespanhol e na altura de Pontós.— As forças portuguezas não tomam parte na acção.— Os alliados tornam a passar o Fluvia.— Erro praticado pelo general Urrutia.— Perdas que padecem os combatentes.— Retráem-se os dois adversarios.— Rebate em 15 de junho.— Posições que os regimentos portuguezes vão occupar no dia 16, e forças que lhes ficam proximas.— Influencia que a modificação operada a 9 thermidor na politica franceza exerce na direcção das guerras da Republica.— Tratado de Basilea.— Os acampamentos dos francezes.— Movimentos das tropas alliadas em 2 de julho.— Prenuncios de paz.— Frequentes deserções na divisão auxiliar, e suas causas.— Falta de enthusiasmo nos officiaes e soldados da expedição portugueza.— Enfermidades simuladas.— Incapacidade de alguns d'aquelles officiaes, resultante não só das fadigas da guerra, mas da edade provecta.— Urrutia delibera atacar Puyg-Cerdá.— É dado a Cuesta o commando da expedição e a Miranda Henriques o da columna portugueza.— A marcha das nossas forças.— Cuesta resolve atacar os campos fortificados de Er, Ossège e Puyg-Cerdá.— Primeira victoria.— Os alliados senhoream Ossège.— Condições de resistencia de Puyg-Cerdá.— As columnas de ataque.— Assalto e occupação da praça.— As nossas tropas concorrem grandemente para esta victoria. — Numero consideravel de baixas que experimentam. —

ADVERTENCIA PRELIMINAR

O presente volume é o primeiro da Historia militar propriamente dita. Como, porém, a narração dos successos, de que ella se compõe, não ficaria perfeitamente intelligivel sem o conhecimento previo da situação politica e social da nação portugueza, nas suas relações domesticas e internacionaes, principalmente em presença da Revolução franceza e das suas immediatas consequencias, a essa exposição foram consagrados os volumes antecedentes.

A participação mal disfarçada, mas directa de Portugal na primeira coallisão contra a Republica franceza, deu origem a que as armas portuguezas, como n'uma escola da guerra então novissima, se fossem adextrar conjunctamente com as hespanholas nas campanhas contra o exercito francez dos Pyrenéus orientaes e ali buscassem restaurar-se da longa somnolencia, em que tinham caído após as breves operações de 1762.

Pareceu pois necessario narrar com toda a possivel individuação, segundo o facilitavam os numerosos documentos existentes no archivo do ministerio da guerra e outras fontes va-

liosas de informação, os successos militares no departamento dos Pyrenéus orientaes e na Catalunha e tornar especialmente bem sensivel a parte que tiveram nas victorias e nos revezes as tropas de Portugal.

A historia, para que seja a fiel e desapaixonada narrativa dos acontecimentos e a sua critica severa e imparcial, tem como primeira e essencial obrigação não deixar-se nunca dominar e absorver pelo mal entendido empenho de exalçar, quando o não merecem, as virtudes nacionaes e doirar com os reflexos fugitivos de uma gloria fallaz e insubsistente os desastres manifestos. Basta-lhe que ao deplorar os erros se não esqueça jamais do que exige o bem da patria e tire d'elles o proveito de recommendar para o futuro a sua emenda e correcção. Só n'este aspecto salutar póde merecer o nome de *mestra da vida,* e como subsidio experimental e pratico elucidar os povos e os governos na maneira por que lhes cumpre dirigir a sua carreira. É principalmente por este caracter, que a historia se distingue da chronica, onde os factos se contorcem e se deformam muitas vezes para que não padeça quebra o amor proprio e a vangloria nacional.

N'este volume foi difficil não raramente o destrinçar do laconismo e da confusão das narrações officiaes portuguezas e hespanholas os factos strategicos e tacticos. N'este ponto os estados maiores dos dois exercitos estavam na infancia da sua missão. Ainda accresceu a escasseza das cartas chorographicas, que representam o theatro da guerra, e das topographicas, que figuram hoje os campos de batalha com tão admiravel precisão, que os *momentos* successivos de um grande recontro de dois exercitos estão claramente assignalados, e apparecem indicadas as posições e os movimentos das unidades tacticas e das suas fracções em cada phase do combate.

Para as campanhas realisadas no territorio francez foram de inapreciavel auxilio as folhas da carta chorographica do *Deposito da guerra* em França. Quanto ás operações e aos combates na Catalunha, era por extremo penosa a carencia de similhantes auxilios graphicos. A esta mingua se occorreu, como era possivel, achegando quantas cartas particulares se poderam alcançar, e construindo por ellas uma carta chorographica do theatro da guerra no principado catalão. A este fim dedicou a sua illuminada intelligencia, o seu saber e o seu trabalho o sr. capitão do estado maior de artilheria Maximiliano de Azevedo, a quem pertence grandissimo louvor pela sua activa cooperação n'este volume.

Quanto aos planos de batalhas e combates, deveriam no archivo antigo do ministerio da guerra existir varias cartas levantadas pelos officiaes, que compunham a brigada de engenheiros na divisão auxiliar. Não foi, porém, possivel descobrir a sua existencia n'este archivo, nem tão pouco no do commando geral de engenharia. É comtudo facto attestado por documentos officiaes, que o commandante da engenharia na divisão auxiliar, o coronel José de Moraes d'Antas Machado, as remettêra ao ministro dos negocios extrangeiros e da guerra Luiz Pinto de Sousa Coutinho.

Apesar da falta de documentos essenciaes, no meio da sua apparente exuberancia, a despeito das contradicções, em que laboram muitas vezes os papeis emanados do quartel general portuguez e do hespanhol, empenhou-se estudo escrupuloso em reconstruir os successos militares, buscando apenas es- ...ecer a verdade e conferir aos meritos relevantes o louvor, ... acções reprehensiveis a censura.

... de maio de 1891.

CAPITULO I

O EXERCITO PORTUGUEZ ATÉ O FIM DO SECULO XVII

Celebradas as convenções e os tratados, pelos quaes a monarchia portugueza se enfeudava estreitamente aos arbitrios e aos interesses dos seus exigentes alliados, resoluta a guerra como obrigação indeclinavel, vejamos agora com quaes armas se apercebêra Portugal para a contenda. A empreza estava decretada. Corresponderia á sua difficuldade a efficacia do instrumento?

A situação do reino, em forças e apercebimentos bellicosos, *era miseravel* n'aquelle tempo. Assim o dissera tão insuspeita e sciente auctoridade, qual era o proprio ministro, que presidia aos negocios da guerra. Antes de começar a narração das campanhas portuguezas contra a França revolucionaria, não será importuno o historiar de que maneira foi sendo em Portugal constituida a força publica, e por quaes alternativas de abatimento e renascença chegára finalmente a escasso luzimento ao abrir-se para as armas portuguezas o vastissimo theatro das guerras da Revolução. Lancemos, pois, uma rapida mirada sobre as phases diversas por que foram passando em Portugal as instituições militares, desde a creação do exercito permanente.

Foram sempre os nossos nacionaes optimos na guerra pela audacia, pelo valor e pelo animo com que nunca souberam medir a victoria pelo numero, nem a longanimidade pelos maximos revezes. Gentes que reuniam todas as virtudes heroicas do soldado. Esforçados na marcha, impetuosos na peleja, pacientes de privações, impacientes do inimigo. Soffredores da fome, resignados á nudez, desprezadores dos frios, das chuvas, das tempestades, impassiveis em presença das maiores contradicções da natureza, acampando sem barracas, se o pedia a occasião, e dormindo sobre a terra encharcada dos bivaques por duras e cortantes invernias; affeitos a morrer quando a fortuna lhes não consentia vencer e triumphar. Impassiveis, estoicos, espartanos. Sómente um senão hereditario vinha em certa maneira contrapesar os nativos e preciosos attributos do seu temperamento militar. A viveza irrequieta dos povos meridionaes, encarecida porventura no povo portuguez, os trazia mal soffridos do jugo militar, sem o qual os exercitos mais bem constituidos são apenas hordas bellicosas, sem uniformidade e connexão. Eram os soldados portuguezes algum tanto desinclinados á rigorosa disciplina. Os fastos guerreiros das nossas conquistas e dominações nas terras de ultramar, testificam sobradamente este vicio ingenito da nossa idiosyncrasia nacional. Uma certa reluctancia a reconhecer e acatar a superioridade, um certo humor altivo, predominante na peninsula pyrenaica, e em que temos por compartes os nossos vizinhos hespanhoes, foram desde muito um vicio custoso de debellar em todo o nosso organismo militar.

Este defeito, agora capital e intoleravel nos exercitos modernos, póde por largo tempo dissimular-se, quando mesmo ainda nas guerras europêas os pleitos armados se dirimiam quasi unicamente pelo braço, pelo valor, pelo combate corpo a corpo. A guerra era, por assim dizer, um officio mechanico, empirico e brutal, não como hoje uma arte e uma sciencia funesta, mas necessaria, egualmente racional, methodica e experimental.

Quasi desde fins da edade media, desde Toro e Aljubarrota, até ás guerras da Restauração, os portuguezes tiveram por

theatros de suas façanhas as terras ultramarinas, onde assignalaram por indeleveis monumentos a sua gloria e o seu valor, e por inimigos a povos asiaticos ou africanos, meio barbaros ou incultos os mais d'elles, a cuja maneira de pelejar tiveram de accommodar as suas fórmas tacticas[1]. Ao mesmo passo que os brios portuguezes se andavam exercitando em longinquas e remotas regiões nos pequenos combates, nos cercos isolados, nas frequentes correrias em Africa, na Asia, na Oceania, a Europa gemia sob o peso das grandes guerras continentaes e os exercitos, saídos da chrysalide feudal, attingiam uma florente e nova edade. A cavallaria nobre, e chapeada de ferro, deixava de mirar com desdem e sobrecenho a turba dos peões, aquella congerie ainda informe de villãos, onde estava resumido o fecundissimo embryão da infanteria, o esqueleto e a musculatura dos exercitos. A sciencia, pela invenção das armas de fogo, e pela sua rapida divulgação, pozera termo á *hoste* mediéva, e dera o signal de que novos typos de organisação e de combate deveriam em breve inaugurar novo capitulo na historia da methodica destruição.

Na revolução, ou antes pautada evolução, pela qual se foram transformando successivamente as instituições militares dos povos europeus, não foi certamente sem notavel influxo a Renascença, este maravilhoso despertar para as idéas, as crenças, os costumes da classica antiguidade. A Renascença era a investigação e o exame de tudo o que tornára illustres na philosophia, nas artes, nas sciencias, no direito, na politica, os gregos e os romanos, e a sua accommodação á phase actual da Europa civilisada. Assim como se desentranharam das ruinas as estatuas, os cippos, os monumentos e os códices da Grecia e de Roma, assim tambem se rememorou que haviam sido os gregos os grandes mestres na arte da guerra, e os roma-

[1] «Nossos passados, que punham a maior felicidade das batalhas em o valor e constancia com que as litigavam com seus inimigos, não sabemos que na guerras se governassem por regras scientificas, como os romanos, e ainda os gregos». D. Francisco Manuel de Mello, *Epanaphoras*, II, Lisboa, 1676, pag. 175.

nos os seus fecundos continuadores. Á quasi total ausencia de fórmas tacticas scientificas e regulares, que faziam de um exercito na edade media uma immensa mole bruta, sem a flexibilidade, a divisão e a mobilidade conveniente para a guerra, contrapoz o espirito moderno a systematica e perfeita organisação da phalange macedonia, e principalmente da legião romana, e assentou por esta fórma os alicerces onde havia de estribar-se de futuro, com successivos aperfeiçoamentos, a organisação e o combate nos exercitos modernos. A *Arte da guerra*, do celebrado Niccolò Machiavelli, mais conhecido pelo extranho paradoxo das suas maximas politicas, do que pelo seu relevante merito de escriptor, é um irrecusavel documento de quanto os typos tacticos da antiguidade influiam poderosamente nos espiritos preoccupados com a fórma e o destino dos exercitos durante o Renascimento.

Em toda a edade media as guerras foram na Europa continuas, implacaveis, cruentissimas. São frequentes os combates, onde predomina o selvatico valor. Mas as grandes batalhas são ainda raras, e as concepções estrategicas apparecem apenas em fugitivos rudimentos. As proprias cruzadas, onde milhões de homens em massas multiformes e desregradas, uns armados e combatentes, outros inermes e peregrinos se arremessam a espaços ao Oriente, guiados pela fé e não menos pela esperança dos despojos, são antes tempestuosas migrações do que intrepidas campanhas. A partir do seculo xv, começam a desenhar-se mais distinctos os lineamentos da guerra scientifica e moderna.

A guerra, em vez de ser um instincto natural e uma lastimosa necessidade, degenera pouco a pouco n'um officio, deixa de ser heroica devoção para converter-se n'uma industria proveitosa. A gloria já não é sufficiente galardão para quem se aventura nos combates. O oiro, a paga, o *soldo*, eis o principal aliciente para colligir as armadas multidões. O *miles* romano, o *cavalleiro* da edade media, o *homem de armas*, o cataphracta dos tempos feudaes, cede o logar ao *soldado*, cuja appellativa designação implica a tacha e desprimor de mercenario, de quem troca pelo *soldo* o serviço pessoal.

Havia então empreiteiros de guerra, como hoje emprezarios de vias ferreas, de canaes e de telegraphos. Os *condottieri* italianos, imitados n'outras nações, os Guarnieris, os Landos, os Carmagnolas, os Braccios da' Peruggia, e celebre entre todos Francisco Sforza, que d'esta milicia aventureira fez escada para subir a duque de Milão, as *companhias de ordenança*, de Carlos VII, e os *gens d'armes*, de Carlos VIII, dão a primeira fórma de exercito permanente ainda restricto a breves proporções. Bem depressa as grandes potencias européas seguiram a impulsão da França que se empenhava em ser a primeira na gloria e no poder. A infanteria começa a figurar como elemento fundamental, á similhança do que fôra entre os gregos e romanos. A sua arma é o pique, a lança, a bésta. Renovando, posto que sem a exacção geometrica da antiguidade, a phalange macedonia, a infanteria adopta a ordem profunda, com os piqueiros no interior das grossas columnas e os arcabuzeiros no exterior, a reforçar principalmente os angulos dos quadrados cheios, massiços, descommunaes.

As grandes batalhas principiam a exemplificar a maneira por que as massas numerosas de combatentes se podem affrontar em pleno campo e disputar longamente a fortuna oscillante dos combates. É nos fins do seculo XV, com as expedições de Carlos VIII e Luiz XII, de França, contra aquella pobre Italia, durante seculos a arena desditosa para os duellos da ambição e da conquista, que se póde considerar iniciada a moderna maneira de compor e empregar o organismo militar. Bem depressa a arte da guerra toma vôos mais audazes com as luctas d'aquelles dois coroados aventureiros, d'aquelles dois principes rivaes, que fizeram ainda refulgir nos modernos campos de batalha, ao lado das fórmas scientificas da guerra, o romanesco espirito dos velhos cavalleiros. Carlos V e Francisco I proclamam em Pavia, que desde então as batalhas se haverão de pelejar arremessando grandes massas contra enormes multidões, e que já não basta a galhardia dos Bayards para vencer e destroçar as tropas enfileiradas em regulares e disciplinadas formações.

É a datar de Pavia e Saint Quentin, onde os celebrados ter-

ços hespanhoes principiam a divulgar a sua reputação proverbial, que as grandes guerras européas determinam profundas alterações nas precedentes instituições e fórmas dos exercitos. É no seculo XVII, e na famosa e cruentissima guerra de trinta annos, que os talentos guerreiros de Gustavo Adolpho, rei da Suecia, e caudilho dos protestantes contra a cega intolerancia dos orthodoxos na Allemanha, dotam de novos e proficuos aperfeiçoamentos a arte militar. As ordens de batalha adquirem mais scientifica e plausivel disposição. Ao grandissimo progresso de reunir as *bandeiras* ou companhias, antes dispersas e isoladas, nos solidos *regimentos* allemães ou nos *terços* hespanhoes, vem então acrescentar-se o primeiro passo para a organisação racional das tropas em campanha, a formação de uma nova unidade tactica, a *brigada*, rudimento inicial, d'onde mais tarde hão de saír por gradativo agrupamento, a unidade meio tactica, meio estrategica, a *divisão*, e a unidade estrategica por excellencia, o moderno *corpo de exercito*.

Portugal nunca foi lesto em madrugar para as proveitosas invenções e descobrimentos na sciencia militar. Poz durante largos tempos mais confiança no esclarecido sangue dos seus chefes, e no valor dos seus soldados, que na pericia e exercicio racional da arte de combater. D'este apego irresistivel com que os portuguezes perseveravam addictos ás suas antiquadas instituições militares, e da vaidade com que fiados no esforço e brio pessoal, desdenhavam por inuteis as modernas innovações, se lastimava D. Francisco Manuel de Mello, tão illustre e optimo soldado, como classico poeta, moralista, historiador em uma e outra linguagem peninsular[1].

[1] «Foram os portuguezes os ultimos que abraçaram as regras d'esta milicia, que ainda hoje, com gravissimo damno da guerra do Oriente, se não póde introduzir. Era a rasão, por que nas guerras particulares de nossa gente, que se reduziam a conquistas da India e praças de Africa, não parecia de grande conveniencia mudar a fórma primeira, com a qual ellas se ganharam e foram conservadas. O mesmo se podéra entender na India, emquanto não foi invadida das nações septentrionaes, que com sua entrada praticaram logo todas as ordens e rigorosa disciplina de Europa, a cuja defensa quasi inutilmente se oppõe nosso valor, regulado pelos an-

A frequencia com que, a partir do seculo XVII, vieram a succeder-se na Europa os armados litigios da ambição e da conquista, fizeram necessario o crescimento dos exercitos permanentes, que em seus primeiros incunabulos se haviam cifrado nas chamadas *companhias de ordenança*, instituidas pelo rei de França Carlos VIII. O que entre os gregos e romanos tinha sido um puro dever civico, veiu a converter-se modernamente em officio e profissão. O romano e o grego, como o suisso nosso contemporaneo, como o cidadão dos Estados Unidos, reconheciam por sagrada obrigação a defensão da patria e sabiam alliar a pericia do soldado com as pacificas e fructuosas occupações da vida civil. Quando a guerra terminava, os que haviam meneado o ferro na peleja, penduravam como trophéus as lanças e os laureis na granja ou na officina, e tomavam novamente a charrua ou a ferramenta do lavor quotidiano. Este foi em certa maneira o costume dos nossos portuguezes na metropole durante a edade media e nos primeiros tempos da moderna. Havia certamente quem seguisse por vocação o officio de soldado, mas era para combater nas praças de Africa ou alistar-se nas campanhas e expedições do Oriente. Assim havia soldados africanos e indiaticos, passando a vida a guerrear em Ceuta, em Azamor, em Mazagão, nas capitanias asiaticas, e volvendo á patria, ao cabo de longos annos, com mais feridas abertas ou mal cicatrizadas, que opimos e generosos galardões.

O primeiro vislumbre de methodica organisação da força publica, permanente, se bem pouco onerosa para o estado, foi a regular constituição das ordenanças em tempos do aventuroso D. Sebastião, o emulo do germanico imperador Frederico Barbaroxa no amor das temerarias aventuras e na lenda maravilhosa do seu destino. Como quem desde a tenra puericia já sonhava com as emprezas militares e com o renome e laurea de guerreiro, proveu D. Sebastião, pela sua lei de 9 de de-

tigos preceitos, e esses mal observados, os quaes com facilidade (como vemos) contrasta a milicia moderna, desprezando a vaidade com que n'aquella parte persiste na desordem da guerra antiga nossa nação». D. Francisco Manuel de Mello, *Epanaph.* II, Lisboa, 1676, pag. 178.

zembro de 1569, a que sempre houvesse no seu reino gente armada, de pé e de cavallo, e ampliou o que n'este assumpto legislára el-rei D. João III a 7 de agosto de 1549. Aos que tinham o fôro de fidalgos, cavalleiros e escudeiros, com um determinado censo ou rendimento, impoz a obrigação de terem armas e cavallo. O mesmo encargo militar attribuiu aos que, pertencendo ao estado chão e popular, tivessem de renda annual 200$000 réis ou maior quantia. Os homens não condecorados com algum fôro nobiliario, e cujo rendimento fosse apenas de 100$000 réis, seriam obrigados a prover-se de arcabuzes. Os que nenhuma fazenda possuiam, os proletarios, a infima peonagem, desde os vinte aos sessenta e cinco annos de sua edade, deveriam ter lança, meia lança, ou ao menos dardo. D'esta maneira ficava constituido n'um primeiro e rude esboço de organisação o exercito nacional, como energia latente e apparelhada para servir, sem comtudo vexar as povoações com o serviço continuado, nem opprimir o regio erario com os grossos dispendios reclamados pelos quadros permanentes. Estabelecia-se por esta guisa a pautada transição entre os exèrcitos irregulares da edade media e a nova constituição exigida pelos methodos modernos de organisar e dirigir a força publica, e de apercebel-a para a guerra. Ficavam d'esta maneira melhor delineadas do que d'antes as duas armas, que então se haviam por fundamentaes. A cavallaria continuava a ser a arma e privilegio da nobreza, com a differença porém de que o imperio da *plutocracia,* ainda hoje conservado no systema das remissões, principiava a influir poderosamente na obrigação do serviço militar, conferindo á burguezia e á riqueza o privilegio de servir na cavallaria e egualar-se n'este ponto com a nobreza. A infanteria, ao revez do que fôra na edade media, era agora, pelo numero, extremamente superior á gente de cavallo. Repartia-se, ainda segundo a distincção entre os haveres, e por uma especie de regra censitica, em tropas destinadas a usar as armas de fogo, por modernas e efficazes havidas por mais nobres, e em multidões providas unicamente de armas brancas. A primeira categoria formava, por assim dizer, a *élite,* a flor da infante-

na; na segunda accommodava-se á plebe militar, a *nação dos campos*. Na primeira estava o germen do que haviam de ser depois, até principios do XVIII seculo, os *mosqueteiros* e arcabuzeiros, em contraposição aos *piqueiros*, de que na segunda appareciam os primordios. A artilheria, principalmente a de campanha, era ainda considerada como um instrumento secundario. Uma sombra de regular constituição existia nos tempos de D. Affonso V, que no *Regimento do védor mór das artilherias da guerra* prescreveu algumas regras sobre o apercebimento e conservação do material[1]. Na segunda metade do seculo XVI a sua organisação continuava a permanecer no mesmo estado em que a haviam deixado em Portugal as expedições e as campanhas nas terras ultramarinas e o serviço das armadas. Era antes um mister mechanico do que um officio de soldado. O seu uso era quasi limitado ao armamento dos navios e ao ataque e á defeza dos pontos fortificados. Os *bombardeiros* dirigidos pelos *condestaveis*, uns e outros em grande parte extrangeiros, continuaram a manobrar as grossas bôcas de fogo, sem que lembrasse a D. Sebastião o regular por novas providencias um serviço que já n'aquelle tempo apparecia mais satisfactoriamente organisado em outras nações da Europa.

Pela sua lei de 12 de dezembro de 1569 estatuíra D. Sebastião o que modernamente se chama a constituição da força publica. Formulavam-se os preceitos, segundo os quaes se deveria procurar a materia prima dos exercitos. Era propriamente uma lei de recrutamento. Tornava-se, porém, indispensavel imprimir n'aquella massa ainda informe de cavalleiros e peões uma distribuição, uma fórma, uma organisação, uma hierarchia de commando, um processo de instrucção. A esta necessidade acudiu o rei cavalleiroso com o seu alvará de 10 de dezembro de 1570, em parte modificado pela provisão de 15 de maio de 1574, sobre a organisação methodica das *ordenanças* de pé e de cavallo. Por esta providencia legislativa a força militar em todo o reino ficava repartida em com-

[1] Este regimento datado de 13 de abril de 1449 existe na Torre do tombo na chancellaria de D. Affonso V, liv. v, fol. 6.

panhias, as quaes, reunidas em maior ou menor numero, segundo a população de cada cidade, villa ou concelho, haveriam de obedecer a um chefe superior com o titulo de *capitão mór*. Nas terras onde estivessem presentes os senhores e donatarios, ou os alcaides móres, teriam elles por direito proprio esta dignidade e officio militar, excepto o caso de que o imperante houvesse por seu melhor serviço nomear para este cargo outra pessoa. Nas demais povoações os capitães móres seriam eleitos pelas camaras e pelos cidadãos que, segundo a organisação politica d'aquelle tempo, tinham o direito de servir os que se chamavam então os *cargos da republica*, ou, na expressão do alvará, os que *andavam na governança*. Devia assistir sempre á eleição o corregedor ou provedor da comarca, onde estivesse incluida a cidade, a villa ou o concelho. Cada uma das companhias constaria de duzentos e cincoenta homens, e teria um capitão, um alferes, um sargento, um meirinho, um escrivão e dez cabos correspondentes a egual numero de esquadras de vinte e cinco homens, em que se dividia a companhia. Cada capitão de companhia era obrigado a ter sua bandeira de ordenança, que era levada pelo alferes. Cumpria egualmente ao capitão ter um tambor, que deveria de entregar a um criado seu, mandando-o instruir nos toques do serviço[1]. Os officiaes e as praças graduadas eram designadas pelo mesmo systema eleitoral. Sómente os cabos de esquadra eram nomeados pelo capitão. Alem das funcções do commando militar, incumbia ao capitão mór o serviço do arrolamento. Devia para este fim inscrever n'um livro especial todos os homens a quem incumbia a obrigação de ter armas, exceptuando unicamente os fidalgos e outras pessoas, que tinham sempre cavallo seu. A edade para o alistamento decorria desde os dezoito aos sessenta annos. Mas o capitão mór, por uma singular e extranha prescripção da lei, poderia incluir nas suas listas os homens que, excedendo o limite assignado, parecesse, por seu *aspecto e disposição*, deverem tomar ar-

[1] «E com o tambor fará servir um criado seu, que para isso mandará ensinar pelo honrado cargo, que se lhe dá». *Regimento dos capitães mores*, 10 de dezembro de 1570, n.º 16.

mas em serviço do seu rei. Os capitães mores haviam de ser eleitos d'entre as pessoas principaes da sua circumscripção. A lei prescrevia miudamente como as esquadras e companhias se haveriam de exercitar em dias não dedicados ao trabalho. Cada um dos atiradores,—assim chamavam já aos arcabuzeiros, espingardeiros, e bésteiros, — era obrigado a fazer um tiro ao alvo, ou segundo a expressão technica d'aquelle tempo, *a fazer barreira*. Para os que mais se distinguiam n'este exercicio, havia premios, ou *preços*, — era este o nome n'aquella epocha [1]. As munições eram fornecidas pelas camaras. Entre os lanceiros ou piqueiros se despertava egualmente pelos premios uma certa emulação. Como estes soldados não podiam em simulacros comprovar a sua pericia, eram premiados os que apresentavam mais bem concertadas e luzentes as espadas e as lanças. Alem dos exercicios de companhia, haveria pela Paschoa e pelo S. Miguel alardo e exercicio geral de todas as ordenanças de cada cidade, villa ou concelho. A elle presidia o capitão mór, que repartia os *preços* determinados aos melhores atiradores. A lei comminava penas pecuniarias, e outras maiores, segundo os casos, aos que faltavam ás formaturas.

Para Lisboa determinou-se uma organisação especial. As ordenanças ficavam repartidas em quatro *terços*, cada um composto de tres mil homens e sujeito a um chefe que se intitulou coronel [2]. Estes corpos de infanteria, assim como outro que se denominava *terço dos privilegiados da côrte*, persistiram durante cerca de dois seculos, porque ainda se encontram no reinado de D. José.

Segundo o systema militar estatuido no alvará de 1570, estamos em presença de um exercito verdadeiramente nacional em seus primeiros incunabulos. Vemos n'elle implantados, ha mais de tres seculos, os grandes principios por que se regulam ou de futuro se hão de governar os exercitos modernos. Em primeiro logar, o serviço rigorosamente obrigatorio,

[1] Os maiores premios ou *preços* eram de um tostão para os arcabuzeiros e espingardeiros, e de meio tostão para os bésteiros.

[2] Alvarás de 10 e 19 de setembro de 1577.

com poucas excepções. Logo em seguida o rigor d'esta obrigação temperado pela grande moderação, com que se concilia o bem do estado com a vantagem particular de que os militares, em tempo de paz, não desamparem os seus lares e vivam e se adextrem a pequena distancia do seu domicilio habitual. Depois os premios estabelecidos para os mais peritos atiradores. E ainda a instituição democratica das eleições para todos os postos da milicia, segundo se praticou, ainda que por breves tempos, e com differente modo, nos primeiros exercitos da republica franceza. Póde sem hyperbole asseverar-se que na organisação militar estatuida por el-rei D. Sebastião, está em bosquejo o systema guerreiro da Suissa, sem esquecer a fecunda instituição do tiro nacional. A constituição militar assim determinada era a continuação das antigas milicias communaes da edade media, aperfeiçoadas, porém, e accommodadas aos progressos realisados na arte de combater.

Não é possivel conhecer com exacção a que numero subiria a gente arrolada para a guerra em todo o Portugal. Devia ser porém mui crescido, se havemos de nos ater ao que referem historiadores, de que só na villa de Barcellos e seu termo, uma das mais populosas regiões em todo o reino, as ordenanças numeravam dezesete mil soldados [1].

As leis mais bem meditadas e as mais previdentes e minuciosas disposições ficam estereis, se as não segue de mui perto uma rigorosa e continua observancia. Portugal, porém, se ia avizinhando ao extremo limite da sua decadencia e corrupção. A lei não pôde quasi passar de letra inanimada, e a força prodigiosa que podia esperar-se do armamento em massa e da leva universal, não veiu jamais a constituir um exercito apercebido para a guerra [2]. Assim, quando o temerario D. Sebastião passou á Africa, para sepultar nas areias de Alcacer Kibir as reliquias derradeiras da gloria portugueza, mal pôde congregar de gente de guerra dezoito mil homens.

[1] Duarte Nunes de Leão, *Descripção de Portugal*, cap. XXIV.

[2] «O levou (ao modo de organisar a milicia) antes á perfeição do que ao exercicio, el-rei D. Sebastião». D. Francisco Manuel de Mello, *Epanaph.* II, pag. 177.

entre os quaes cerca de sete mil eram aventureiros hespanhoes, italianos, allemães. Tal era já n'aquelle tempo a tendencia funesta de não pôr inteiramente no só esforço de animos e braços portuguezes a esperança da victoria, e de resgatar por expedientes da ultima hora a negligencia com que se deixára desamparada a força propria da nação.

A datar do terrivel desastre de Alcacer Kibir até o prodigioso renascimento dos brios portuguezes no grande movimento da Restauração, abre-se um parenthesis lastimoso na historia militar de Portugal. No espaço que decorre desde 1578 até á occupação do reino pelo sombrio e astuto filho de Carlos V, passa brevemente pelo throno portuguez um inquisidor, o cardeal-rei, e empenha-se um bastardo, o prior do Crato, em renovar a heroicidade cavalleirosa de outro bastardo mais glorioso e mais feliz. No combate de Alcantara contra os intrepidos soldados do duque de Alba naufragam os esforços do pretendente, não sem que o Marte portuguez cáia pelejando com valor e celébre honradamente as exequias da sua gloria. O poder guerreiro de Portugal finda n'aquelle ponto. Os Filippes, como todos os prudentes e avisados conquistadores, não se esquecem de que são perigosas as armas nas mãos de gente mal avassallada e insoffrida de extranha dominação. Por isso, durante os sessenta annos que dura a sujeição ao jugo de Castella, o exercito como força nacional quasi não padece sensivel modificação, quanto ás leis já quasi obsoletas por que d'antes se regia. Se a organisação puramente portugueza descaiu em quasi total fraqueza e desamparo, notavel melhoria se introduziu por outra parte no que ainda nos restava de espirito guerreiro. Dos hespanhoes, já então mais amestrados pelas continuadas guerras em que desde Carlos V andavam pela Europa, se derivaram a Portugal as novissimas instituições militares, e os primeiros lineamentos de exercito regular. No systema decretado por D. Sebastião não existia ainda como norma geral esta ordenada repartição da infanteria em unidades, que procedam em serie hierarchica desde a simples esquadra até ao *terço* e ao regimento. A exemplo dos castelhanos vieram os portuguezes a instituir o que tão vantajoso

se mostrára para o emprego methodico das tropas[1]. Os soldados portuguezes, que já não serviam para tutelar e defender o profanado territorio da mãe patria, eram todavia excellentes para encorporar-se nas tropas de Castella, e irem com ellas combater em Flandres, na Italia, em Catalunha ou nas poderosas armadas hespanholas. É d'aquelle tempo que data o estadio final da transição para a moderna maneira de organisar e distribuir a infanteria. Não havia em Portugal ainda exercito permanente, na rigorosa accepção do termo technico. Levantavam, porém, os Filippes, segundo o pedia a occasião, terços bem constituidos e avultados em numero de gente disciplinada e instruida no officio da guerra por fidalgos portuguezes, benemeritos de valor e sciencia militar. Para servir nos exercitos hespanhoes creavam-se alguns terços regulares que, passada a occasião, se reformavam ou dissolviam. E por isso D. Francisco Manuel lhes dá o nome de *volantes* e não de *firme pé de exercito*[2]. Então se formaram os terços de Gaspar de Sousa, D. Jorge Mascarenhas e D. João de Menezes. Eram os portuguezes, durante o dominio castelhano, reputados perigosos como inimigos e excellentes como soldados. E tão grande era a fama de ingenita vocação, que para a guerra os attrahia, que d'elles dizia com rasão o insigne escriptor e capitão: *haver certeza de não faltarem soldados, onde se acham portuguezes*[3]. Não consentia a politica suspicaz dos tres Filippes que em Portugal persistissem armados os seus proprios nacionaes. Para a guerra em remotas paragens os sabiam, porém, aproveitar. E a este proposito andava em locução proverbial o serem os portuguezes similhantes aos pomos persicos que, transplantados a alheias terras, melhoram em sabor[4]. Em Flandres teve D. Francisco Manuel ao

[1] «Depois de reunidos os portuguezes e os castelhanos, não é rasão negar-lhes a gloria de os havermos tido por mestres da nova sciencia militar, em que nos pagaram outros bons usos que de nós aprenderam». D. Francisco Manuel de Mello, *Epanaph.* II, pag. 178.

[2] «Se levantaram em Portugal alguns terços regulares de infanteria portugueza, supposto que volantes e não de firme pé de exercito». D. Francisco Manuel de Mello, *Epanaph.* II, pag. 178.

[3] D. Francisco Manuel de Mello, *Epanaph,* II, pag. 175.

[4] Ibid., pag. 179.

seu mando um terço portuguez. Antes que se principiasse a ordenar em fórma regular a infanteria, as tropas que nas armadas haviam de embarcar de guarnição, eram á pressa levantadas na propria occasião e formadas de gente collecticia, a qual, apenas era a empreza concluida, se dissolvia e dispersava. Com o que succedia não haver, quando occorria nova necessidade, nem officiaes, nem soldados velhos e experientes na profissão das armas [1]. Para obviar a este grave inconveniente se ordenou em tempos dos Filippes a creação de um terço portuguez fixo da armada, que teve por seu primeiro mestre de campo ao almirante D. Francisco dê Almeida. Seguiu-se a instituição de um novo terço, appellidado o *de soccorro,* porque era especialmente destinado a restaurar do poder dos hollandezes a Bahia, e foi seu mestre de campo Antonio Moniz Barreto.

Andando os annos, e entrando na politica ciosa de Filippe IV o distrahir de Portugal a maior força para empregal-a em longinquas expedições, levantaram-se quatro novos terços. Um d'elles teve por chefe a D. Francisco Manuel, que o formou de quinhentos e setenta portuguezes, e o foi depois completar na Corunha com soldados hespanhoes em numero quasi egual. Constituiam-se aquelles terços em tempos já mui proximos á Restauração, e eram destinados a guarnecer a armada apercebida contra as forças navaes da França, então inimiga implacavel dos monarchas austriacos de Hespanha.

Na epocha, de que vamos discorrendo, não tinham os terços hespanhoes, nem tão pouco os que se formavam em Portugal, uma força invariavel. Quizeram no principio que fossem a terça parte de um *regimento,* como já se chamava na Allemanha a reunião das antigas *bandeiras* ou companhias. E porque estes corpos allemães constavam de tres mil homens, veiu o *terço* hespanhol e o portuguez a computar-se em mil infantes, ou pouco mais. Houve-os por algum tempo de dois mil e quinhentos homens, repartidos em dez grossas companhias de duzentos e cincoenta praças cada uma. Os tacticos,

[1] D. Francisco Manuel, *Epanaph.,* pag. 181.

porém, d'aquella edade houveram por demasiado numerosa e de pouca facilidade no commando e nas evoluções uma tão copiosa multidão, sob as ordens de um só chefe superior[1]. O *terço* era em regra dividido em dez companhias, cada uma de grandeza efficaz para o combate, em que então dominava exclusiva a ordem unida e profunda, e ao mesmo passo accommodada ao mando immediato do seu particular caudilho ou capitão. Ás vezes o *terço* era composto de companhias em numero impar e superior a dez. Assim o *terço* levantado por D. Francisco Manuel de Mello numerava onze companhias, cinco portuguezas e as restantes hespanholas. No estado maior do *terço* figurava em primeiro logar o *mestre de campo*, como então se appellidava o que depois em Portugal geralmente se chamou coronel. Abaixo d'elle assistia á administração, á disciplina e ao commando na ausencia do mestre de campo, o *sargento mayor*, ou *sargento mór*, que mais tarde por abbreviatura começou a designar-se pelo nome de *major*. O *ajudante do sargento mayor* desempenhava encargos simílhantes aos que hoje exercem os que com mais laconica designação se denominam ajudantes.

A Restauração de Portugal, creando necessidades urgentes de defensa contra o poderio castelhano, tornou indispensavel evocar os adormecidos brios bellicosos e improvisamente crear tropas, de que a politica filippina deixára Portugal desguarnecido. A primeira providencia militar de D. João IV, poucos dias após a sua acclamação, foi o instituir repartição accommodada em que houvessem de examinar-se e resolver se os negocios militares. Creou pois o tribunal, a que chamou *Conselho de guerra*, o qual em grande parte desempenhava em fórma collectiva as funcções, que depois veiu a exercitar um privativo secretario d'estado. Tinha o conselho de guerra voz puramente consultiva em todos os assumptos concernentes ao exercito e aos meios materiaes de defeza nacional. Acrescentado com accessores jurisconsultos, julgava em ultima instancia nos processos criminaes e em muitos dos

[1] D. Francisco Manuel de Mello, *Epanaph.* II, pag 177.

civis, em que eram réus ou auctores os militares[1]. Conforme ás singulares idéas administrativas d'aquelle seculo, o exame e solução dos mais graves negocios do governo tornavam-se dependentes, não de um funccionario individual, mas de um tribunal ou de uma corporação. Este uso, aliás vulgarissimo então em toda a Europa, se demorava e obstruia muitas vezes o expediente, e submettia a execução, que deve ser prompta e desimpedida, ás delongas naturaes de um corpo deliberante, aggravava-se, quando applicado aos assumptos militares, em paiz de pouco emancipado, com uma guerra já accesa nas fronteiras, tendo por inimigo uma resentida e ainda poderosa monarchia, e por instrumentos de resistencia recursos improporcionados á magnitude e contingencia da empreza. Mas tão certo é que a fortuna, ou o racional e infallivel encadeamento dos historicos successos ajuda a triumphar as idéas chegadas á sua maturação, que assim mesmo com processos tão desnaturaes e complicados, com tropas improvisamente levantadas, com officiaes sem experiencia, os portuguezes, a custo de tenaz perseverança, souberam pelejar em durissimos recontros com os seus antigos dominadores, e finalmente consagrar como um facto irrevogavel a separação monarchica das Hespanhas, durante sessenta annos reduzidas a um commum destino sob o pesado sceptro dos austriacos.

Era urgente repartir o territorio de Portugal em largas e menores circumscripções, em cada uma das quaes se podesse unificar a acção militar. Instituiu D. João IV governadores para as provincias, e outros de menor categoria para cada uma das comarcas. As ordenanças, conservando quasi intacta a organisação, que lhe imprimira el-rei D. Sebastião, comprehendiam, segundo o pedia a urgente occasião, todos os homens válidos, a contar dos quinze aos sessenta annos. Esta força, por assim dizer universal, e diffusa por todo o territorio em desmesurada multidão, não sómente serviria como tropa irregular nas operações de pequena guerra, local e circumscripta, senão tambem representava na constituição da

[1] Decreto de 11 de dezembro de 1640, e *Regimento do conselho de guerra* de 22 do mesmo mez e anno.

força publica um papel da maxima importancia. Era aquelle o vasto repositorio, especie de conscripção, ou *landsturm* d'onde, pelo systema das levas ou pelo recrutamento voluntario, se extrahíam os soldados pagos ou os que deviam constituir o exercito regular. Eram poucas legalmente as excepções á rigorosa obrigação do serviço de campanha. Dos homens que restavam em cada comarca, depois de apurada a gente da primeira linha, dos que haviam sido exceptuados e dos casados ainda em edade florente e em boa disposição, se formava um *terço auxiliar*, que tinha por mestre de campo e capitães as pessoas mais nobres e qualificadas, e por saber e energia capazes de exercerem o commando. Os sargentos mores e os ajudantes eram officiaes de infanteria habeis e experimentados. Assim ficava estabelecida a segunda linha, correspondendo em certa maneira á moderna *landwehr*. Aos officiaes e ás outras praças dos terços auxiliares attribuia a lei valiosas franquezas e exempções, com que buscava attrahil-os ao serviço. Eram immunes de todo o encargo ou contribuição municipal, e preferidos na vacancia dos officios nas terras d'onde eram naturaes [1].

As tropas regulares ou pagas constituiam o exercito de campanha, e era com elle que se emprehendiam as operações da grande guerra. Os auxiliares tinham por dever o acudir ás fronteiras assignadas a cada terço, e emquanto n'ellas persistiam mobilisados recebiam pão de munição como os soldados pagos. Ás ordenanças, alem do serviço puramente local nos seus districtos, incumbia, quando era grande o aperto e necessidade, guarnecer as praças que lhes ficavam mais vizinhas.

Constava cada terço de infanteria de tres especies de combatentes. Os *piqueiros*, tambem chamados *cossoletes*, armados de pique e espada, similhantes aos *hastati* da primitiva legião romana, formavam na frente e no interior da columna ou *esquadrão*, como então se chamava esta formação em ordem

[1] Alvará de 4 de novembro de 1645, no *Systema ou collecção dos regimentos reaes*. Lisboa, 1785.

profunda. Os *arcabuzeiros* e os *mosqueteiros*, que formavam nos flancos, eram destinados ao combate de fogo, com as armas não facilmente portateis e ainda imperfeitas, que se chamavam o *arcabuz* e o *mosquete*, e se disparavam incendiando a polvora com a *corda* ou o morrão[1]. Com o *mosquete* deviam armar-se exclusivamente os soldados mais robustos e briosos. Aos mosqueteiros se dava a primazia em todo o terço, pelo maior alcance da sua arma, que apesar de mui pesada e de não poder-se disparar sem o auxilio da forquilha, era de grande importancia e efficacia para conter o inimigo á distancia a que não chegava o arcabuz. O mosqueteiro, porém, não servia para o combate de escaramuça, ou para o que hoje dizemos em ordem dispersa, nem era accommodado a pelejar em terrenos por extremo accidentados, e por isso alguns bem avisados escriptores militares os consideravam inferiores aos arcabuzeiros e aos piqueiros[2].

Durante as campanhas da Restauração os *terços* pagos iam-se de novo levantando, segundo as occorrencias, sem que d'elles houvesse numero determinado. Dos tres da nobreza, organisados em 1642, era chefe superior o principe D. Theodosio. No mesmo anno se instituia o terço dos privilegiados e dos extrangeiros residentes em Lisboa. O numero das companhias não era invariavel nos terços constituidos em epochas differentes. Alguns se formavam de oito companhias. Houve-os tambem de maior numero que dez[3]. Porém logo no principio da Restauração, ao regular-se a força dos terços no Alemtejo, se fixou como divisão normal a de cada terço em dez companhias de duzentos homens cada uma. Havia porém occasiões, em que se levantavam terços de mil e quinhentos homens. Tal era o que de gente da ordenança

[1] *Regimiento militar*, escripto em castelhano pelo sargento mór portuguez Antonio Gallo, e impresso em Lisboa por Paulo Craesbeeck em 1644, fol. 3 a 6 vers.

[2] Luiz Mendes de Vasconcellos, *Arte militar*, impressa em Alemquer por Vicente Alvares, anno de 1612, fol. 124 vers., a fol. 126.

[3] Em janeiro de 1643 o terço de Luiz da Silva, composto de dezesete companhias, foi reduzido a nove unicamente. Decreto de 3 de janeiro de 1643. Papeis do conselho de guerra no archivo da Torre do Tombo.

formou em Lisboa o conde de Penaguião, para ir a toda a pressa servir no Alemtejo[1].

O systema de recrutamento para o exercito de primeira linha era territorial. Assim no Alemtejo, de cada comarca mui extensa ou de duas menos populosas, se tiravam os soldados para cada terço pago da provincia.

É nos tempos de D. João IV que principia a organisar-se de um modo regular, posto que ainda imperfeitissimo, a cavallaria moderna. O governo, pelo contrato chamado *das arcas*, concedia vantagens importantes aos homens, sempre dos mais nobres e principaes, que se offereciam a levantar, por sua diligencia, as companhias. Ministrava o governo os cavallos, de que haviam de compor-se em sua primeira organisação, e os que se fossem inutilisando eram os capitães obrigados a fazel-os substituir mediante certas quantias, que lhes eram assignadas em proporção com a força primitiva de cada companhia. Estas unidades tacticas permaneciam habitualmente independentes e separadas, e apenas se reuniam para formar corpos mais avultados quando estavam em campanha. Das unidades de maior força e puramente accidentaes tinham o commando uns officiaes superiores, que se intitulavam *tenentes generaes da cavallaria* e *commissarios geraes*, que respectivamente correspondiam aos mestres de campo e aos sargentos móres nos terços de infanteria.

Os grandes exercitos modernos ainda por aquelles tempos não tinham feito em vastissimos theatros da guerra a sua apparição. A arte de mover as grandes massas, de as subordinar com ordem e exacção ás concepções da estrategia, e de as dispor e empregar nos campos de batalha, estava ainda nas faxas infantis. Um general d'aquelle seculo, a quem dessem um moderno corpo de exercito com os seus vinte e quatro batalhões de infanteria, os seus oito esquadrões divisionarios, a sua reserva de cavallaria e as suas dezeseis baterias, alem do immenso numero de viaturas, ver-se-ía enleiado por extremo em menear e conduzir este organismo

[1] Decreto de 19 de janeiro de 1644. Papeis do conselho de guerra no archivo nacional.

complicado. Os exercitos eram, principalmente em Portugal, mui resumidos. As côrtes convocadas para 28 de janeiro de 1641, fixaram em vinte mil homens de infanteria e quatro mil cavallos a força que devia levantar-se para acudir á defensa das fronteiras. Cada soldado recebia 50 réis diarios. A duração do serviço era indeterminada. Sómente aos soldados que voluntariamente se alistavam se encurtou ao maximo limite de seis annos a obrigação do serviço militar[1]. Os encargos do exercito, segundo eram esmados nas côrtes de 1641, elevavam-se a 800:000$000 réis, e para os alcançar decretou-se como contribuição de guerra a *decima* imposta sobre toda a propriedade. Em 1644 o que podia já ter nome de exercito permanente era de dezeseis mil praças de infanteria e quatro mil cavallos. Preponderava ainda n'aquelle tempo, em parte pela tradição, e em parte pela verdadeira necessidade, o costume de exagerar a proporção em que haviam de concorrer as duas armas. O Alemtejo era nas campanhas da Restauração o theatro da guerra habitual e predilecto. As suas vastas planicies deparavam á cavallaria repetidas occasiões de ostentar as suas massas. Por outro lado eram frequentes as pequenas operações, as entrepresas, os saltos improvisos contra as povoações e destacamentos do inimigo, e era então a cavallaria e ha de ser sempre, pela sua mobilidade e ligeireza, por esta especie de ubiquidade com que apparece e desapparece inopinadamente, a arma efficacissima. As tropas a cavallo eram já n'aquelle tempo repartidas nas duas sub-armas principaes, a que todas as mais especies se têem sempre subordinado. A cavallaria pesada, de linha ou de batalha, era representada pelos *cavallos-couraças*, que mais tarde tiveram o nome de couraceiros. A cavallaria ligeira formavam já, posto que sem esta designação, os caçadores a cavallo armados de clavinas[2].

Em 1652 ordenou D. João IV (carta regia de 12 de fevereiro) que em campanha o exercito se compozesse de dezesete mil seiscentas setenta e uma praças de infanteria, com mil

[1] Alvará de 2 de janeiro de 1652.
[2] *Regimento do vedor geral* de 29 de agosto de 1645.

duzentos sessenta e oito officiaes (sete officiaes para proximamente cem combatentes) e cerca de tres mil cento e quarenta cavallos. As bôcas de fogo eram servidas por cento e cincoenta bombardeiros, tendo por serventes auxiliares duzentos homens de infanteria.

A artilheria, principalmente a de campanha, era a mais resumida e imperfeita de todas as armas que compunham os exercitos no tempo de D. João IV. Empenhou-se comtudo este soberano em prover á grande mingua de artilheiros. Um dos primeiros actos da sua legislação militar foi o restaurar em melhor fórma o corpo que, em reinados antecedentes, se chamára dos *bombardeiros da nómina*. Determinou que se compozesse de trezentas praças, em que entravam cem allemães. A profissão do artilheiro havia então chegado a lastimosa decadencia. Fôra costume antigo, depois durante largos annos conservado, o chamar homens extrangeiros, principalmente de Allemanha, para servir e manobrar a artilheria. E porque era necessario convidar com vantajosos alicientes os portuguezes a que se matriculassem no corpo novamente restaurado, concederam-se-lhes valiosos privilegios e soldo mui superior ao dos soldados. Com a nova instituição dos bombardeiros se ligou a primeira tentativa de estudos technicos e de trabalhos praticos para doutrinar no seu officio os novos artilheiros. O *condestavel mór* era obrigado a ensinar-lhes o exercicio e as manobras da artilheria, e a manipulação dos artificios de guerra. Uma vez por semana os bombardeiros haviam de ir exercitar-se no tiro ao alvo, que então se chamava *de barreira*. Era aquelle o rudimento do que havia de ser mais tarde o polygono da artilheria. Alem do ensino pratico, não esquecia ao legislador o lançar os primeiros fundamentos á instrucção scientifica da arma. Duas vezes por semana o cosmographo mór,—o geometra official,—ou o jesuita professor de mathematicas no collegio de Santo Antão, devia fazer lições de artilheria e de esquadria [1]. Para commandar os bombardeiros

[1] Decreto de 13 de maio de 1641, restaurando os *bombardeiros da nómina*. Papeis do conselho de guerra no archivo da Torre do Tombo.

foi creado um logar de capitão[1]. Mais tarde se despacharam n'este posto mais alguns officiaes. Mas era tão radicado o aferro com que se defendiam as praticas antigas e as velhas instituições de Portugal, que alguem julgava sufficientes para o serviço os condestaveis, e havia por indiscreta imitação dos castelhanos o innovar sobre este assumpto, instituindo capitães de artilheria[2]. A instrucção pratica dos bombardeiros continuou mui deficiente, a ponto de que no reinado de D. Affonso VI se propozesse a creação de uma escola no forte de S. Filippe, de Setubal, para que se podessem adextrar os artilheiros no serviço da sua profissão[3].

Não tinha n'aquelles tempos systema regular o material da artilheria. Parece comtudo que entre as bôcas de fogo mais usadas havia as peças de calibre 10, 16 e 24[4]. Usavam-se tambem ainda os sagres e falconetes da primitiva artilheria, e nas praças de Africa, onde permaneciam mais vivas as tradições da guerra antiga, ainda se encontravam em grande numero as *aguias*, as *esperas*, os *meios sagres*, as *meias colubrinas*, e ainda por memoria da primitiva artilheria os *camellos* de grosso calibre, lançando balas de pedra[5].

É durante o governo de el-rei D. João IV que se lançam os primeiros fundamentos a um systema regular de administração economica do exercito. O vedor geral era o magistrado superior que presidia a este ramo de serviço, e tinha sob as

[1] Decreto citado de 13 de maio de 1641.

[2] «Não houve nunca n'este reino capitães de artilheria, nem os officios que a communicação de Castella introduziu, porque só com os condestaveis e artilheiros fizeram e senhorearam o que todos estes tempos atrás se tem perdido depois que se introduziram est'outros.» Informação de Luiz Cesar, sobre a paga que devia arbitrar-se aos capitães de artilheria. Papeis do conselho de guerra no archivo nacional.

[3] Decreto de 21 de março de 1658, e consulta do conselho de guerra de 25 de maio do mesmo anno. Papeis do conselho de guerra, archivo nacional.

[4] Documento annexo ao decreto de 10 de julho de 1642, entre os papeis do conselho de guerra, no archivo da Torre do Tombo.

[5] Inventario por occasião de entregar Luiz de Moura Telles o governo da praça de Mazagão a D. João Luiz de Vasconcellos e Menezes, 12 de novembro de 1645. Papeis do conselho de guerra no archivo nacional.

suas ordens os commissarios de mostras, que as iam passar periodicamente ás tropas da fronteira. Até aquelle tempo não tinha havido regras por onde se ajustasse o accesso gradual aos differentes graus da hierarchia. Prescreveu D. João IV normas regulares de promoção. Para ser despachado capitão de infanteria era, segundo a lei, forçosa habilitação o ter servido effectivamente por seis annos debaixo das bandeiras como soldado e tres como alferes em algum terço. Podia porém um militar obter o commando de uma companhia, se por dez annos tivesse servido como soldado. Os homens de distincta qualidade, e notaveis pelo seu valor, prudencia e virtudes militares, poderiam ascender a capitães se tivessem cinco annos de serviço nas campanhas. A alferes não podia ser promovido nenhum soldado sem ter effectivamente militado durante quatro annos, e sem que n'elle concorressem os predicados exigidos para o exercicio do commando. A nomeação incumbia aos capitães das companhias, devia ter porém a confirmação do mestre de campo [1]. Sómente reinando já D. Pedro II se proveu a que os sargentos móres, os ajudantes de infanteria e os *tenentes de mestre de campo general*, especie de primeiros ajudantes de campo, ou chefes de estado maior dos generaes, não fossem promovidos áquelles postos sem que n'um exame rigoroso demonstrassem a sua habilidade e competencia [2].

Enfermava a engenheria na sua constituição de maiores defeitos que a outra arma technica, sua affim e companheira. Os engenheiros d'aquelle tempo não constituiam corpo militar, e eram principalmente escolhidos entre os numerosos aventureiros que de varias terras da Europa estavam diariamente acudindo a Portugal com a mira mais no interesse que na gloria. Logo nos primeiros tempos da Restauração o celebrado jesuita hollandez João Cosmander, era, com o posto de coronel, encarregado de visitar as praças e riscar os planos da sua mais perfeita fortificação. Era elle o que na investida do inimigo á praça de Elvas, em 1644, dirigia com grande

[1] *Regimento do vedor geral* de 29 de agosto de 1645.
[2] Decreto de 20 de agosto de 1683.

valor e conhecimento da guerra dos sitios a defeza d'aquella praça, sob as ordens do conde de Alegrete[1]. O francez Lasart, engenheiro mór ao serviço de Portugal, era tambem empregado activamente em trabalhos importantes de engenheria. Outro padre, provavelmente de Italia, João Turriano, traçava as novas obras de fortificação á entrada da barra de Lisboa, no sitio da Cabeça Secca, ou do Bugio[2].

Ignorava-se quasi inteiramente em Portugal a arte das minas, tão indispensavel no modo então usado de fazer a guerra, na qual os sitios ás grandes praças e aos demais pontos fortificados eram mais frequentes que as batalhas. Eram alem d'isso os bombardeiros ou artilheiros portuguezes pouco sabidos e experientes em varios serviços mais difficultosos da sua arte, como eram a manipulação dos artificios, o emprego das balas ardentes, das granadas, das lanças de fogo, dos brulotes, dos petardos. Com grossos estipendios veiu de Hollanda contratado Miguel Timmermann, engenheiro de fogo, segundo então se appellidava, e petardeiro consummado[3]. E mais tarde outros hollandezes egualmente professos no mesmo ramo da artilheria vieram servir em Portugal[4].

Dos jesuitas que moravam no collegio de Santo Antão, alguns mui lidos e bons theoricos na geometria e na sciencia fortificatoria, eram convidados a dar opinião sobre como convinha traçar e construir novas obras de defeza[5].

A falta de engenheiros portuguezes era extremamente lastimosa. Não era para extranhar que em terra, onde alem da medicina galenica e das sciencias theologicas e juridicas, se não professavam outras humanas disciplinas, onde as scien-

[1] Do padre João Cosmander escrevia o conde de Alegrete: «Não é comparavel o merecimento d'este sujeito no serviço de vossa magestade». Carta do conde de Alegrete a el-rei, Elvas 8 de dezembro de 1644. Papeis do conselho de guerra no archivo nacional.

[2] Ordem de 23 de outubro de 1646. Papeis do conselho de guerra.

[3] Decreto de 26 de maio de 1645. Papeis do conselho de guerra no archivo nacional.

[4] Decreto de 5 de setembro de 1647. Papeis do conselho de guerra no archivo nacional.

[5] Ordem expedida ao conselho de guerra, em 21 de maio de 1642, entre os papeis d'aquelle tribunal no archivo da Torre do Tombo.

cias physicas e mathematicas eram quasi inteiramente desconhecidas, não houvesse quem tivesse ao menos em theoria os principios d'aquella sciencia, que fôra cultivada por Alberto Dürer, Daniel Speckle, Errard de Bar-le-Duc e Pagan, e haveria de levar n'aquelle seculo ao fastigio da mais alta reputação os nomes de Vauban e de Coehorn. Nada ha mais imprudente e mais perigoso que penderem da alheia sciencia e extranho esforço os destinos militares de uma nação. Por mais numerosa, disciplinada, briosa e instruida que seja n'um exercito nacional a infanteria, se as demais armas, as technicas principalmente, se hão de mendigar entre forasteiros, será sempre a força defensiva inferior ás emprezas que tentar. A artilheria presta-lhe as grandes machinas, a engenheria apresta-lhe a officina. E não ha nunca esperar grandes victorias sómente de infantes desajudados, que são como operarios embora diligentes, desprovidos de efficazes ferramentas. Era tão manifesta, em tempos de D. João IV, a urgencia de crear engenheiros portuguezes, que o proprio jesuita Cosmander, com ser extranho a Portugal, representava a el-rei esta grande necessidade, para que de seus naturaes fosse mais bem servido que de extrangeiros[1]. Era porém singular que entre homens pertencentes ao estado clerical se continuasse principalmente a recrutar os primeiros engenheiros portuguezes. Em 1646 um beneficiado da sé de Elvas, o licenciado Pedro Fernandes, servia n'aquella praça, ajudando como engenheiro nas obras de fortificação o padre Cosmander, com o soldo de 200 réis por dia[2].

Não era porém sómente na artilheria e engenharia, consideradas como umas sciencias superiores e mui difficeis, que as armas portuguezas se soccorriam de forasteiros. De infanteria existiam em Portugal, nos primeiros annos da guerra da Restauração, diversos corpos extrangeiros com o titulo de regimentos, já então vulgar na Europa septentrional. Havia cor-

[1] Informação do secretario d'estado Pedro Vieira da Silva a D. João IV ácerca do que propunha o padre Cosmander. Papeis do conselho de guerra no archivo nacional.

[2] Ordem de 15 de setembro de 1646. Papeis do conselho de guerra.

pos francezes, hollandezes e irlandezes. A intolerancia religiosa era porém tal n'aquelle tempo, que o piedoso D. João IV sentiu a sua meticulosa consciencia aguilhoada por escrupulos, havendo por gravissimo peccado o servir-se de soldados neerlandezes, infamados por hereges. Foi necessaria a persuasão de generaes tão prudentes e sensatos, quaes eram o conde de Alegrete e D. João da Costa, para que o monarcha se dobrasse a boas rasões. Representaram-lhe que o papa, o imperador, o rei christianissimo e o catholico entregavam a sua defensão a estas gentes condemnadas. Pozeram-lhe diante o escasso numero de tropas nacionaes, principalmente de cavallaria, e o quanto era inexequivel que o reino se podesse sustentar sem o soccorro de extrangeiros, embora separados da pura orthodoxia [1].

Egualmente se formaram regimentos de quatro companhias de cavallaria ligeira, de clavinas, e dragões, commandados por coroneis francezes, e em que serviam mesclados cavalleiros d'esta nação e soldados portuguezes [2]. Alem d'estes corpos muitas companhias de cavallos isoladas eram constituidas e commandadas por extrangeiros. A estes se dava a preferencia no commando das companhias, como a quem pela

[1] Consultas do conde de Alegrete e de D. João da Costa a el-rei D. João IV, 11 de setembro de 1644. Papeis do conselho de guerra no archivo nacional. D. João da Costa escrevia: «Que a Vossa Magestade lhe seja necessario fazel-o (servir-se de herejes) o conhecemos da falta de gente e de cabos (officiaes) com que se acha o reino, que é muito maior do que se tem representado a vossa magestade, e certissimo que se durar a guerra, como é certo que durará, se não poderá sustentar, nem defender o reino sem os soccorros de Hollanda, Suecia e França, e se agora se publicasse que vossa magestade não queria admittir em seu serviço esta gente, é declarar-se vossa magestade por seu inimigo e perder as esperanças de impetrar os soccorros, que já hoje e cada dia mais havemos mister, particularmente cavallaria; deve vossa magestade por meio de seus embaixadores pedil-a em França e Hollanda com grandes instancias, e quando não possamos impetrar que nos ajudem sustentando dois regimentos de cavallos á sua custa, comprarem-se pela fazenda de vossa magestade, porque para o anno, que vem, a maior parte da pouca, que hoje ha, estará acabada, e no reino não ha cavallos com que a refazer, quanto mais com que a acrescentar».

[2] Decreto de 21 de setembro de 1641, entre os papeis do conselho de guerra, no archivo nacional da Torre do Tombo.

sua maior pericia e experiencia inspirava mais segura confiança militar[1]. O proprio governo confessava com boa ingenuidade haver em Portugal mui grande falta de chefes habilitados por saber e experiencia para commandar cavallaria, e só via remedio a esta mingua em mandar vir officiaes extrangeiros[2].

Seria uma illusão acreditar que as numerosas providencias legislativas promulgadas n'aquelle tempo haviam tido em resultado constituir um exercito exemplar. Apesar das previdentes disposições que na lettra das leis regulavam o recrutamento, as levas, quando era preciso reforçar os antigos terços, ou instituir alguns de novo, eram executadas com grandissimos vexames e oppressões. D'ellas se aggravavam nas côrtes de 1646 muitos procuradores do estado popular. Das violencias exercidas sem discrime era forçosa consequencia uma espantosa deserção. Pelos fins de 1643 os desertores em exercito de força mui resumida, excediam a tres mil[3]. O governo expedia as ordens mais estreitas e comminava as penas mais severas aos que desamparavam as bandeiras. Os soldados assim delinquentes deviam ser arcabuzados ou *estropeados*[4]. A disciplina n'aquelles tempos não era edificante nas tropas nacionaes e extrangeiras. Os soldados commettiam depredações e desacatos contra os moradores das praças em que estavam de guarnição[5].

Sem nenhuma essencial alteração permaneceu o systema

[1] Nomeando el-rei D. João IV varios capitães de cavallos, todos portuguezes, para a Beira, ordenava que se lhes dessem as companhias, se porventura na provincia não houvesse capitães extrangeiros, pelos quaes de preferencia se deviam repartir os cavallos. Decreto de 7 de fevereiro de 1643. Papeis do conselho de guerra no archivo nacional.

[2] Decreto de 16 de março de 1647. Papeis do conselho de guerra.

[3] Decretos de 7 de outubro de 1643 e de 7 de outubro de 1645. Papeis do conselho de guerra.

[4] Decreto de 19 de outubro de 1645. Papeis do conselho de guerra.

[5] Um dos capitulos apresentados nas côrtes de 1646 pelos procuradores de Elvas dizia: «Que pelo animo com que levam os damnos recebidos do inimigo ou para melhor defensa e bem da fortificação, que vossa magestade ordene com que cessem os que os soldados fazem assim no roubar, como destruir as fazendas, que os que se acharem culpados sejam castigados rigorosamente».

militar durante o reinado de D. Affonso VI. Sómente n'esta epocha se formou no Porto um terço novo pago pela cidade [1]. O governo de D. Pedro II não foi mais fecundo em reformas que modificassem fundamentalmente a constituição e organisação do exercito portuguez. É d'este reinado a providencia pela qual se rebaixou a quatorze annos a edade em que os mancebos poderiam alistar-se de voluntarios nas bandeiras. Outra mais notavel e mais humana resolução foi a que estatuiu que aos soldados inhabilitados no serviço por seus provectos annos ou doenças se continuasse a abonar o soldo, para que se não visse em Portugal a inhumana ingratidão com que até ali, e depois ainda, se viam honrados e velhos militares pedindo á caridade o pão que o rei lhes denegava [2]. Foi tambem reinando D. Pedro II que se deram os primeiros lineamentos ao corpo de engenheiros, assignando-se o numero que d'elles deveria haver em todo o reino [3]. É por aquelles tempos que principiam a apparecer em maior numero os engenheiros portuguezes, e alguns já de notavel capacidade, sem que deixem todavia de acolher-se os extrangeiros mais experientes na sciencia da fortificação. A aula instituida por el-rei D. João IV e confiada ao insigne magisterio de Luiz Serrão Pimentel, cosmographo mór do reino e auctor do *Methodo lusitanico de desenhar as praças*, ia habilitando alumnos que entravam no serviço como ajudantes engenheiros [4]. Se os engenheiros eram ainda pouco attendidos, e escassamente remunerados, como officiaes, não deixavam de ser havidos na conta de sabios por excellencia e encyclopedicos nas sciencias militares, ainda nas que não cabiam estrictamente nos limites da sua profissão. Eram elles a quem muitas vezes se

[1] Alvará de 20 de março de 1659, e carta regia de 19 de novembro de 1696.

[2] Decreto de 10 de janeiro de 1689.

[3] Decreto de 27 maio de 1693.

[4] Decreto de 26 de maio de 1687. Era porém tão irregular o modo por que se promoviam os engenheiros, que um soldado do terço da côrte ía exercer em Mazagão o cargo de engenheiro, com as honras de capitão e o simples soldo de soldado. Tal era a consideração que a engenharia, então arma plebeia, merecia aos governos d'aquella epocha Decreto de 31 de dezembro de 1682.

commettia a instrucção dos artilheiros[1], o ensino tactico nos corpos de infanteria, e o desempenho de funcções correspondentes ás do moderno estado maior junto dos mestres de campo generaes[2]. O mais illustre de quantos engenheiros portuguezes apparecem no reinado de D. Pedro II é Manuel de Azevedo Fortes, o auctor do livro publicado com o titulo de *Engenheiro portuguez,* que n'aquelle tempo fez grande honra á sciencia nacional.

Durante esta epocha a força do exercito experimentou algumas variações. Em 1693 a infanteria constava de vinte mil homens, repartidos em vinte terços de mil praças cada um. Ao findar o seculo XVII o exercito compunha-se de quinze mil praças de infanteria e tres mil e quinhentos cavallos. As tropas extrangeiras eram numerosas. Havia-as francezas, inglezas, allemãs. O general conde de Schomberg, com o posto de mestre de campo general, servia então com grande reputação em Portugal, e muitos officiaes de varias nações e de todas as armas acudiam a alistar-se no serviço portuguez.

Quasi todo o reinado de D. Pedro II se passára sem guerra contra Castella. Em 1668 se havia celebrado a paz, que terminou a tenacissima lucta da independencia. Por isso, e conforme ao velho costume portuguez, o ramo de oliveira fôra o signal para que se esquecessem quasi inteiramente os negocios militares e se deixasse caír a força publica em grande abatimento. Sómente quando a guerra se avizinha reverdecem os brios militares e principia a cuidar-se com maior diligencia e energia em tornar mais proficuo o exercito portuguez. Durante os dois reinados que succedem ao de el-rei D. João IV o exercito continua a reger-se essencialmente pelos principios e pelas regras que desde 1640 se haviam adoptado como base de

[1] Pelo decreto de 11 de março de 1688 ordenava-se que um capitão engenheiro despachado para a provincia de Entre Douro e Minho, fosse ao mesmo tempo capitão de artilheria para instruir os officiaes menores d'esta arma, sem que por isso recebesse acrescimo de soldo.

[2] Pelo decreto de 19 de fevereiro de 1705, o sargento mór engenheiro Manuel de Azevedo Fortes, em attenção a ter servido no estado maior do barão de Fagel, general hollandez ao serviço de Portugal na guerra da successão, é promovido a tenente de mestre de campo general.

toda a organisação. Não ha numero fixo de terços, nem de companhias de cavallo. Levantam-se e dissolvem-se a cada passo, segundo o intima a necessidade. Não é sempre egual em todos os corpos o numero das companhias; mas póde haver-se como normal que o terço se reparta em dez fracções [1]. Alem dos terços regulares, muitas vezes se formavam companhias avulsas de infanteria, principalmente destinadas a guarnecer as praças de segunda ordem. Em tempos de D. Affonso VI reconheceram-se os graves inconvenientes de que estivesse a cavallaria organisada em companhias ou *tropas* independentes, sem a cohesão e a unidade que resulta da sua encorporação. Pensou-se em constituir regimentos, attribuindo a cada um o seu estado maior, composto de coronel, tenente coronel e sargento mór, segundo era usado nas potencias militares mais dignas de imitação n'aquelle tempo, em França, na Allemanha especialmente. Mas esta innovação, apesar de abonada por votos auctorisados, teve contra si o costume rebelde e inveterado e só veiu a naturalisar-se nos primeiros annos do seculo XVIII [2].

O isolamento habitual das companhias de cavallos tinha por infallivel consequencia o aggravar a geral dissolução que então reinava nos costumes e a tendencia manifesta á relaxação e incuria no serviço. Os capitães de cavallos, havendo por empreza lucrativa o posto, que deveria ser de honra e abnegação, vendo-se desassombrados de contínua superintendencia e de effectiva responsabilidade, commettiam fraudes mui frequentes, já simulando com artificios o terem completas as companhias, já provendo-as de cavallos incapazes, ora minguando-lhes as rações em seu proveito, ora usando de extorsões contra os seus subordinados [3]. Era propriamente áquelles

[1] Pelo decreto de 7 de fevereiro de 1660 se ordenou que se reduzissem a dez companhias todos os terços, supprimindo as que excedessem este numero. Papeis do conselho de guerra, archivo nacional.

[2] Consulta do conselho de guerra de 21 de março de 1664. Papeis do conselho de guerra no archivo nacional.

[3] Vejam-se os decretos com que se busca reprimir as desordens na administração da cavallaria, entre outros o de 8 de junho de 1676, o de 20 de outubro de 1699 contra os officiaes que vendiam a cevada, e o decreto de 29 de dezembro de 1705.

tempos e aos pessimos costumes administrativos então dominantes no exercito, que se dirigiam as satyras violentas em muitos dos mais celebres capitulos da *Arte de furtar*, attribuida incertamente ao grande prégador e insigne republico Antonio Vieira. Os extravios e dilapidações commettidas na cavallaria chegavam a tal extremo, que era forçoso recorrer a cada passo ás mais severas, se bem infructuosas providencias para os cohibir e castigar[1]. A justiça militar era tão frouxa e as valias tão poderosas, que as mais altisonantes comminações ficavam quasi sempre em lettra morta. Ainda assim, acordando algumas vezes, a justa severidade punia com o perdimento do seu posto os negligentes ou culposos capitães. Ao capitão de cavallos Manuel de Carvalho e Ataide, pae do celebrado marquez de Pombal, por grandes irregularidades na administração da sua companhia, impunha-se como pena a demissão d'aquelle posto[2].

A disciplina e o amor á profissão das armas continuavam em lamentavel decadencia. A deserção era tão frequente e numerosa, que as providencias para a enfrear e punir severamente se viam succeder umas a outras sem notavel melhoria[3]. Umas vezes comminava-se que os soldados desertores fossem mettidos a tormento, e *trateados a braço solto*[4]; outras vezes, para levar a punição ao ultimo rigor, decretava-se que fossem quintados, sem nenhuma commiseração, os soldados fugidos aos terços do Alemtejo, onde era n'aquelles dias o principal theatro da guerra[5]. Muitas vezes os soldados que permaneciam nas fileiras excediam-se ás mais culposas teme-

[1] O decreto de 30 de julho de 1701 dizia: «Por não estar bastantemente provido no regimento das fronteiras, nem em o alvará de 1665 de remedio para *as fraudes, que cada dia se experimentam maiores na cavallaria,* em grande prejuizo do meu serviço, hei por bem, etc.»

[2] Decreto de 21 de fevereiro de 1705.

[3] Vejam-se entre outros os decretos de 10 de junho, de 10 de dezembro de 1657 e de 26 de maio de 1664. Papeis do conselho de guerra.

[4] Decreto de 28 de abril de 1664. Papeis do conselho de guerra.

[5] Decreto de 4 de agosto de 1664, nomeando uma alçada. O preambulo do decreto dizia: «Pelo *grande excesso* que ha em fugirem da fronteira e exercito de Alemtejo os soldados, e ser precisamente necessario acudir sem dilação com remedio mais efficaz que té agora».

ridades, e aos delictos mais intoleraveis, congregando-se, ainda na propria capital, em bandos armados, e offendendo nas vidas e nas fazendas os pacificos moradores. E a tal ousadia se abalançavam em Lisboa, que o desembargo do paço, o tribunal mais grave e eminente de todo o reino, se julgava em consciencia obrigado a demandar energicas providencias para castigo dos culpados e socego da cidade. A justiça militar d'aquelle tempo, se porventura se mostrava dura algumas vezes com a deserção, parece que reputava meras venialidades os demais crimes perpetrados pela gente do seu fôro, e d'esta clemencia se aggravavam ao chefe da nação os desembargadores do paço [1]. Taes desordens eram, porém, natural consequencia dos costumes rixosos d'aquelle tempo, em que o proprio monarcha divertia os seus lazeres discorrendo por Lisboa em busca de nocturnas e romanescas aventuras.

Se os simples soldados nacionaes e extrangeiros, que militavam no serviço portuguez, não eram sempre exemplares na disciplina e fidelidade ás suas bandeiras, entre os chefes superiores e os outros officiaes não era tão pouco edificante o zêlo e a devoção, sem o qual o valor e a galhardia militar perdem a maior parte do seu preço. Repetiam-se a cada passo as genericas intimações para que os *cabos*, isto é, os officiaes generaes e superiores, e os que nas fileiras occupavam logares de capitães e subalternos, deixassem promptamente, sob pena de perderem os seus postos, e de servirem como solda-

[1] «A soltura com que andam os soldados nos furtos e roubos, que fazem n'esta cidade de noite e de dia com geral escandalo e menos respeito das justiças, sem haver quem os impida, nem castigue, ferindo e matando a quem se defende, obrigou a esta mesa a chamar a ella os ministros todos (os magistrados judiciaes), recommendando-lhes mui particularmente da parte de vossa magestade fizessem por atalhar estes damnos. Será impossivel haver effeito todo o cuidado, que pozerem, pois os que prendem, não só por estes, mas por outros crimes gravissimos, são logo soltos... e tornam a passear como de antes». Representação do desembargo do paço a D. Affonso VI, 24 de janeiro de 1660. Cf. decreto de 3 de março de 1665, a respeito dos roubos feitos em Lisboa pelos soldados. Cf. decreto de 3 de setembro de 1700 contra os militares que faziam contrabando de tabaco.

dos, os ocios em que ándavam esquecidos ou mal cuidosos das suas obrigações na presença do inimigo [1].

A guerra da successão de Hespanha cifra por assim dizer o ponto tropico, d'onde começa uma profunda revolução nas instituições militares de Portugal. É d'ella que data a organisação do exercito permanente na sua fórma menos imperfeita e mais congenere á das principaes potencias militares. Alguns annos antes que as nações da Europa pozessem em campo os seus exercitos para litigar sobre quem levaria o throno hespanhol, disputado entre Carlos, archiduque de Austria, e o neto de Luiz XIV, já os rebates da guerra, que principiava a andar accesa, punham de sobreaviso o rei D. Pedro II. Acordava o reino de sua longa somnolencia militar. Ordenava o governo que o exercito portuguez se levantasse a vinte mil homens de infanteria e a quatro mil cavallos, nos quaes se comprehenderiam quatrocentos dragões. Repartia-se toda a infanteria em vinte terços de mil homens. Haveria em cada terço uma companhia de granadeiros, e assim entrava pela vez primeira na organisação das tropas nacionaes esta especie de infanteria, a que por aquelles tempos se dava grande apreço nas grandes nações guerreiras, e cujas funcções particulares então correspondiam com verdade á sua denominação. Alguns annos depois, reinando ainda D. Pedro II, estatuiu-se que em cada um dos terços regulares houvesse duas companhias de granadeiros, que ficaram sendo sempre graduadas e havidas como a flor da boa infanteria [2].

A cavallaria continuava a dividir-se na unidade fundamental, a companhia, ou *tropa*, derivada porventura esta designação do vocabulo inglez *troop*, ainda hoje applicado na Gran-Bretanha aos meios esquadrões. Cada *tropa* seria com-

[1] Eram mui repetidas as ordens e os bandos para que os officiaes recolhessem aos seus corpos ou aos seus commandos. Decretos de 27 de agosto de 1660 e 1.º de outubro de 1665, e outros mais que se tinham ido publicando ainda no tempo de D. João IV.

[2] Decreto de 14 de novembro de 1702. Dando as rasões da instituição dizia este decreto: «Por se ter introduzido na milicia moderna da Europa o uso dos granadeiros, e ter mostrado a experiencia que este genero de soldados é de grande effeito nos combates e em todas as occasiões».

posta de oitenta cavallos[1]. Este numero se elevou mais tarde a cento e vinte, conservando-se apenas o primitivo nas *tropas* da capital[2]. Era, porém, tão instavel a organisação militar n'aquelles tempos, que já em 1698 o exercito se reduzia a quinze mil infantes, não comprehendido o terço da junta do commercio e o da armada, e a cavallaria a tres mil e quinhentos cavallos. Cada um dos terços tinha seiscentas e sessenta praças, exceptuados os dois de Lisboa, que se compunham de mil homens cada um, os dois do Algarve, que eram de mil praças, e o terço de Cascaes, formado de seiscentas e oitenta. Alguns annos depois, por motivo da guerra da successão de Hespanha, elevaram-se a oitocentas praças todos os terços pagos, sem excepção[3].

Á maior parte da despeza occasionada por esta força se provia com o rendimento do tabaco, então arrematado por 1.600:000 cruzados, ou 640:000$000 réis. Para occorrer á insufficiencia d'esta verba tinham as côrtes de 1698 votado uma consignação de 600:000 cruzados. E é notavel que na transição das antigas fórmas representativas para o governo ousadamente absoluto de el-rei D. João V, ainda o seu predecessor, apesar de escassamente escrupuloso, respeitasse nos mandatarios da nação o direito consagrado de taxarem a força do exercito e votarem os recursos para a sua sustentação[4].

É dos ultimos annos do XVII seculo que data em Portugal o uso e divulgação dos *fuzis* ou espingardas de pedreneira em logar dos mosquetes de morrão. Já em 1696 o governo de D. Pedro II julgava conveniente que os proprios terços auxiliares e as ordenanças estivessem providos das novas armas muito mais expeditas e accommodadas ao combate do que as antigas e imperfeitas[5].

A artilheria mereceu alguns desvelos á suprema direcção

[1] Decreto de 20 de junho de 1693. Papeis do conselho de guerra, archivo nacional.

[2] Decreto do 1.º de março de 1697. Papeis do conselho de guerra.

[3] Decreto de 26 de julho de 1704.

[4] Decreto de 9 de junho de 1698. Papeis do conselho de guerra.

[5] Decretos do 1.º de dezembro de 1696 e de 20 de julho de 1697. Papeis do conselho de guerra.

dos negocios militares no reinado de D. Pedro II. Logo em seu principio se reconheceu a mediocre instrucção dos artilheiros, e para a melhorar se estatuiu que houvesse em cada provincia um capitão de artilheria, que ajudado por quatro condestaveis, estabelecesse escola pratica nas quatro maiores praças de guerra situadas na sua circumscripção[1].

É já entrado o XVIII seculo que se institue com alguma regularidade um corpo de artilheria. É então creado na capital um *troço* de quinhentos artilheiros, e n'elle se encorporam os que já existiam dispersos nas provincias do Alemtejo, da Beira e Traz-os-Montes. Era este o rudimento d'onde havia de emanar, correndo os annos, um regimento de artilheria organisado segundo os modernos exemplares[2]. Pouco depois, estando impendente a guerra a Portugal, pela sua participação no cruento litigio da successão de Hespanha, houve-se por insufficiente o numero de artilheiros já fixado, e elevou-se o troço até mil praças[3]. Pelos fins do seculo XVII augmenta-se consideravelmente a artilheria, creando-se no Alemtejo um novo *troço* composto de oito companhias com cincoenta praças, das quaes duas de bombardeiros, com seus capitães e officiaes, por fórma similhante á praticada nos terços de infanteria[4].

A pericia, não já theorica, mas simplesmente pratica, no serviço da artilheria não era para influir notavel esplendor em uma arma, n'aquelles tempos já chegada a consideravel perfeição n'outros exercitos, embora ainda remota do que veiu a ser no seculo XVIII sob o influxo de Vallière e Gribeauval[5]. Pouco haviam entrado os artilheiros na propria substancia do exercito, e antes se reputavam mesteiraes e homens

[1] Decreto de 18 de julho de 1669.

[2] Decreto de 29 de novembro de 1701. Papeis do conselho de guerra.

[3] Decreto de 28 de setembro de 1702. Papeis do conselho de guerra.

[4] Decreto de 9 de fevereiro de 1706.

[5] São numerosos os documentos em que se patenteia quanto eram pouco adextrados os artilheiros portuguezes na segunda metade do seculo XVII e nos principios do seguinte. Entre outros é digno de citar-se o decreto de 23 de setembro de 1702, adoptando providencias para que deixem de ser imperitos e incapazes.

de officio do que genuinos militares. O uniforme, que é o signal externo da soldadesca profissão, ou não existia ainda para elles, ou era deixado inteiramente ao arbitrio individual[1].

Apesar das multiplicadas providencias, com que se procuràra constituir em termos regulares a artilheria, ainda em principios do seculo xviii, andando já accesa a guerra da successão, era tão deficiente em numero e capacidade, que se tornava urgente mandar vir de Inglaterra numerosos artilheiros, officiaes, sargentos, condestaveis e mineiros experimentados no serviço de campanha, e obreiros industriados no fabrico e reparação do material[2].

É no reinado de D. Pedro II, e quasi ao terminar o seculo xvii, que se fixa pela primeira vez o numero de engenheiros. O seu quadro fica então determinado em quatorze officiaes, distribuidos pelas provincias. Decretou-se ao mesmo passo, que na aula de fortificação houvesse permanentes dez partidos de estudantes destinados ao serviço da engenharia[3].

Não era mais bem quinhoada a infanteria na frequencia e perfeição do ensino tactico, que já então nas tropas bem constituidas era assidua occupação durante a paz[4]. Os exercicios de fogo era infrequentes, antes rarissimos nos principios do seculo xviii. Os piqueiros, apesar de que pela invenção da baioneta íam desapparecendo nos exercitos europeus de primeira ordem, continuavam a ser ainda em Portugal o nervo da infanteria. Mas já então começava a prevalecer contra o despotismo da tradição e do costume a crença de que a

[1] Decreto citado de 23 de setembro de 1702: «E para que andem com igual farda e sem total dissonancia nos trajes, se lhes tirará do soldo cada mez o que bastar para os fardarem na mesma fórma que se fez á infanteria, *de sorte que pareçam soldados*».

[2] Eram os inglezes contratados para servir em Portugal, um coronel para ter a commissão de tenente general da artilheria, dois outros officiaes, cinco engenheiros, outros tantos bombardeiros, um sargento, dezeseis condestaveis, um commissario, dois ferreiros, dois carpinteiros de rodas, um serralheiro, dois carpinteiros e um torneiro. Decreto de 23 de janeiro de 1705. Papeis do conselho de guerra.

[3] Decreto de 27 de maio de 1693. Papeis do conselho de guerra.

[4] Decreto de 14 de novembro de 1702.

força principal d'esta arma residia nos seus fogos. Prescreveu-se pois que os piqueiros se adextrassem como os arcabuzeiros ou fuzileiros em servir-se do mosquete ou do fuzil[1].

É nos principios do seculo XVIII que se torna geral e obrigatorio na cavallaria o uso da pistola e da clavina[2]. A cavallaria continuava, porém, a ser ainda extremamente irregular na sua organisação. Das companhias ou *tropas* tinham a nomeação de capitães os sujeitos quasi sempre da nobreza, que se offereciam a levantal-as sem que nada se inquirisse sobre a competencia militar dos interessados. D'este modo vinha o commando a converter-se em pura mercê regia, a qual pendia as mais das vezes dos empenhos e valias.

Logo nos principios da guerra da successão acodem numerosos aventureiros a servir nas tropas de Portugal. Entre elles vem um general britannico, o conde de Gallway. Varios outros forasteiros recebem postos militares, não sómente nos estados maiores, mas tambem na infanteria e cavallaria. Diversos corpos, formados de extrangeiros, vem servir de auxiliares no exercito portuguez.

Quando Portugal, pelo tratado de 16 de maio de 1703, entre D. Pedro II, a rainha Anna de Inglaterra e os Estados geraes das Provincias unidas, é obrigado a envolver-se na guerra quasi geral contra a prepotencia de Luiz XIV, o exercito portuguez não é bastante pelo numero para entrar em campanha com vantagem contra as armas hespanholas e francezas, que sustentam os direitos do duque de Anjou ao throno das Hespanhas. O rei de Portugal obriga-se a manter a expensas proprias doze mil homens de infanteria e tres mil cavallos. Para perfazer um exercito de força conveniente, levantam-se á custa dos alliados mais treze mil infantes portuguezes e mais dois mil cavallos. Tão radicado era o costume e tradição de que sempre nas suas guerras européas tivessem as tropas de Portugal por seus auxiliares soldados extrangeiros, que em 1705 militava com a gente portugueza um

[1] Decreto de 4 de agosto de 1703.
[2] Decreto de 11 de fevereiro de 1704.

corpo britannico e outro hollandez. Do primeiro era commandante o mestre de campo general conde de Gallway, e do segundo o mestre de campo general barão de Fagel[1]. No campo de Albuquerque em 1705 appareciam vinte terços de infanteria portugueza e nove dos alliados[2].

N'aquelle tempo ainda os mais eminentes postos da milicia eram havidos como apanagios da nobreza, e quasi sempre da mais distincta e graduada. Não sómente eram conferidas a titulares e a outros fidalgos das mais esclarecidas ascendencias as insignias de general, mas tambem o commando dos terços de infanteria ou dos *troços* das tropas a cavallo era quasi um cargo só devido ao sangue mais illustre. O esplendor do berço era o predicado a que mais se attendia no soldado para eleval-o aos mais subidos graus na hierarchia.

Um escriptor militar d'aquelles tempos, insuspeito por fidalgo e por mestre de campo, escrevia nos primeiros annos do seculo XVIII, que a maior parte dos coroneis, por serem gente nobre e principal, se bem eram dotados de valor, não tinham a capacidade exigida para o commando, e o que lhes minguava de experiencia e de pericia militar deveria ser supprido pelos seus tenentes coroneis[3].

Com tropas quasi levantadas na presença do conflicto, com soldados em grande parte bisonhos se deu principio da parte

[1] Antonio do Couto Castello Branco, *Memorias militares*, tom. III, pag. 121-122. Debaixo das ordens do conde de Gallway servia como seu immediato o tenente general Hugh Windham, e eram sargentos móres de batalha o conde de Petersburgh. o marquez de Montandre, Henry Cuningham, Daniel Harvey, William Lloyd, e brigadeiros Thomás Brudnell, Holcraft Bloods. No corpo hollandez eram tenentes generaes o barão de Freisheim e o barão Roek, sargentos móres de batalha o conde de Dohna e Blet, e brigadeiros o barão de Viceuse e o conde de Galles.

[2] Antonio do Couto Castello Branco, *Memorias militares*, mappa no fim do tom. III.

[3] «E se devem nomear (para tenentes coroneis) os officiaes mais praticos, de signalado serviço e capacidade... e que saiba como ha de atacar e defender uma praça, levar o regimento a todo o combate, ... e deve supprir o que falta de sciencia aos coroneis, porque a maior parte são cavalleiros (fidalgos), inda que lhes não falta valor, não costumam ter a experiencia necessaria.» Antonio do Couto Castello Branco, *Memorias militares*, Amsterdam, 1719, tom. I, pag. 12.

de Portugal á guerra da successão [1]. As primeiras operações não foram coroadas de exito brilhante, quando el-rei D. Pedro II e o archiduque Carlos foram até á fronteira e tiveram de retroceder perante as forças hespanholas e francezas do marechal duque de Berwick. É porém tão insita aos portuguezes a vocação de soldados, que, decorridos alguns tempos de maior exercicio e dexteridade no officio militar, já nos annos seguintes a fortuna remunerava largamente o seu valor. O marquez das Minas, general em chefe do exercito portuguez, operando no valle do Tejo, rendia na primavera de 1706 Alcantara, Cáceres, Placencia e outras praças e povoações do dominio castelhano. Logo depois, mudando para o norte o theatro da guerra, assenhoreava-se de Ciudad Rodrigo, de Salamanca e de Avila, e em principios do verão fazia em Madrid a sua entrada triumphal.

No mesmo anno, em que d'este modo se illustravam as armas portuguezas, subia ao throno D. João V, a quem a natureza havia negado todos os dotes e virtudes militares. Não foram venturosos os auspicios, com que sob o seu dominio a guerra se proseguiu. Logo o principio d'esta nova dominação foi tristemente assignalado pela perda da batalha de Almansa em 1708, onde ficaram prisioneiros treze regimentos de infanteria, e em 1709 por um recontro junto ao rio Caia, em que foi quasi inteiramente destroçado o regimento de dragões de Traz-os-Montes. Estes successos infelizes foram, porém, em certa maneira compensados em 1710 pelas victorias de Villa Viciosa e Saragoça. É verdade que n'este anno se rendeu aos francezes e hespanhoes a cidade de Miranda, restaurada novamente em 1711 pelas tropas de Portugal. N'este mesmo tempo demonstraram os soldados portuguezes que, a despeito da sua imperfeita organisação e disciplina, ainda eram para

[1] Os soldados eram quasi todos tão novos no serviço e tão imperfeitamente adextrados, que Antonio do Couto Castello Branco, mestre de campo de um dos terços e um dos officiaes mais instruidos, escrevia: «Era ainda tão grande a bisonharia dos nossos soldados, que... um comboio, que nos vinha de Portugal com mantimentos para o exercito... julgaram ser inimigos». Antonio do Couto Castello Branco, *Memorias militares,* tom. III, pag. 125-126.

emprezas memoraveis, conquistando varias praças e logares do reino de Leão e da Estremadura hespanhola. No anno seguinte de 1712 alcançaram as armas portuguezas novos louros na defeza briosa e pertinaz de Campo Maior contra o sitio que lhe poz o marquez de Bay. O armisticio de Utrecht veiu terminar a contenda sanguinosa que durára largos annos. O archiduque Carlos, assumpto ao solio imperial da Allemanha, desistira das suas pretensões ao sceptro das Hespanhas, e o duque de Anjou, neto de Luiz XIV, pôde afinal, sob o nome de Filippe V, substituir na peninsula á casa de Austria a dynastia de Bourbon.

Logo no começo do seu reinado attentára D. João V em que os exercitos portuguezes, na sua antiquada organisação, andavam dissonantes do que n'este ponto observavam as potencias empenhadas na guerra da successão. A antiga fórma de terços de infanteria e de *tropas* isoladas de cavallaria, representava um atrazo mui desvantajoso em relação ao que então se costumava nos exercitos europeus. Os terços que em 1707 operavam na Catalunha, sob o mando do marquez das Minas, e as *tropas* de cavallo n'aquelle exercito, foram constituidas em regimentos, cujos commandantes receberam a denominação de coroneis. N'aquelle proprio anno se ampliou a todas as tropas de Portugal a nova organisação. Um regimento de infanteria se compoz então de doze companhias, inclusa a de granadeiros. O seu estado maior constava de um coronel, um tenente coronel, um sargento mór, um ajudante. Cada companhia era formada de um capitão, um tenente e um alferes, dois sargentos, quatro cabos, dois tambores e quarenta e quatro soldados. Um regimento de cavallaria ou de dragões compunha-se de doze companhias. Cada uma tinha um capitão, um tenente, um alferes, um furriel, que era o official inferior especial nas tropas a cavallo, tres cabos, um trombeta e quarenta soldados. O estado maior de cada regimento consistia em um coronel, um tenente coronel, um sargento mór, um ajudante, um cirurgião, um capellão. Tanto n'uma como n'outra arma, o coronel e o tenente coronel em cada regimento tinham companhias, de que eram privativos capi-

tães. Ficava indeterminado o numero dos corpos nas duas armas. As necessidades occorrentes a cada passo durante a guerra occasionavam frequentes reducções e creações de novas unidades. No campo de Valverde, na Hespanha, em 1704, os terços de infanteria eram vinte e dois, e as companhias ou *tropas* de cavallo eram sessenta e oito. Faltavam, porém, ali os terços e as *tropas* do Alemtejo, e ainda alguns de outras provincias[1]. Por uma comparação de varios documentos d'aquella epocha, parece que o numero total dos terços portuguezes não excedia a trinta e quatro. Quantas fossem, porém, as *tropas* existentes ao decretar-se a nova organisação, não consta de nenhum documento com plausivel probabilidade. As antigas designações, por que até ali eram conhecidos varios postos militares, foram substituidas pelas que então eram usadas nos demais exercitos da Europa. Foram abolidos os postos de governadores das armas, generaes da cavallaria e artilheria, tenentes generaes de cavallaria, que passaram a chamar-se coroneis, commissarios geraes da mesma arma, que tiveram o nome de tenentes coroneis, tenentes de mestre de campo general e ajudantes de tenente. O estado maior general ficou sendo composto de mestres de campo generaes, egualados aos tenentes generaes dos exercitos contemporaneos, e sargentos-móres de batalha, correspondentes aos marechaes de campo. Pela vez primeira se comprehendia em Portugal a vantagem de reunir em brigadas os regimentos, até ali empregados em operações sem nenhum vinculo e cohesão de unidades tacticas superiores. Ao commando de cada brigada se deputou um official superior intermediario entre o coronel e o primeiro posto de general. A exemplo do que se praticava nas tropas extrangeiras deu-se-lhe o nome de brigadeiro. A intenção do legislador era que os officiaes antes de passarem a mandar as grandes reuniões accidentaes de armas combinadas em campanha (não se conheciam então as divisões), se adextrassem em dirigir e menear mais que um

[1] Antonio do Couto de Castello Branco, *Memorias militares*, pag. 99 e 100.

unico regimento. Cada brigada devia ter um sargento-mór de brigada, nomeado pelo brigadeiro d'entre os officiaes sob o seu commando [1].

O soldo até ali arbitrado a cada posto e situação militar era ainda menos do que exiguo. As fraudes na administração regimental e a crescente e espantosa deserção explicavam-se, se não se justificavam inteiramente, pela miseravel remuneração, principalmente nos graus inferiores da hierarchia. Decretou D. João V um augmento, se bem ainda modesto, aos honorarios militares. Os coroneis e tenentes coroneis recebiam, alem do soldo das patentes, o que lhes competia como chefes das suas companhias, e o vencimento correspondente a cinco praças de soldado, depois de feitos os descontos que a lei determinava. Do soldo dos militares, que depois se chamaram *praças de pret,* recebia cada uma apenas uma fracção, e a restante era applicada ao uniforme e vestuario e a outras despezas, que recaíam sobre o pobre soldado portuguez. Na cavallaria, considerada então como a primeira e a mais nobre de todas as armas, os soldos em todos os graus eram maiores que os das tropas a pé. Na infanteria os granadeiros, alem de outras preeminencias, recebiam, como tropas graduadas, vencimentos superiores aos que a lei assignava aos fuzileiros. Os trombetas nos regimentos a cavallo eram entre todas as praças inferiores a officiaes as mais generosamente remuneradas [2]. Apparece então pela primeira vez instituida uma companhia de guias egual em composição ás das tropas a cavallo [3].

Foi nos principios do reinado de D. João V que pela primeira vez se reduziu a corpo de legislação um esboço de codigo penal para o exercito. Compoz-se de quarenta e dois artigos de

[1] *Regimento* de 15 de novembro de 1707, em que se dá nova fórma á cavallaria e infanteria.

[2] Cada trombeta vencia 200 réis por dia, alem do pão de munição, emquanto que o *furriel,* immediatamente inferior ao alferes, recebia sómente 6$000 réis, sem que o estado lhe désse pão, nem armas, nem *libré,* que assim chamavam então ao fardamento. *Regimento* de 15 de novembro de 1707.

[3] *Regimento para o exercito, quando estiver em campanha,* de 20 de fevereiro de 1708, n.º 226.

guerra, onde vinte e seis crimes são punidos com a pena capital, e quasi todos os restantes a arbitrio dos julgadores ou da suprema auctoridade militar[1]. Pelo mesmo tempo se ordenaram egualmente em corpo de doutrina os preceitos que deviam observar-se quando o exercito portuguez estivesse em campanha, se regularam as precedencias entre as diversas armas e os postos de officiaes, e se estabeleceram as regras do commando. É então que a preferencia da antiguidade apparece claramente definida como o principio fundamental nas relações do serviço militar. N'esta nova legislação se estatue a maneira de preencher as vacaturas nos differentes graus da hierarchia. N'ella se prescreve que os sargentos, como officiaes, ainda que inferiores, sejam tratados com devida consideração pelos seus superiores. Ordena-se que os regimentos de cavallaria se repartam em quatro esquadrões de tres companhias. Consagra-se o preceito de que um regimento de infanteria se possa dividir em dois batalhões, e de um d'elles, quando separados, seja o coronel o commandante e do outro o tenente coronel. Regula-se a concessão de licenças aos officiaes, em que d'antes dominava a mais completa e reprehensivel anarchia. Determina-se de que modo se fará o serviço de guarnição nas praças de guerra, a maneira de nomear por escala os officiaes, e se estabelece que sejam de duas horas os quartos de sentinella, excepto em dias de grande frio, em que apenas seriam de uma hora. Prescreve-se a frequencia na instrucção do tiro, do serviço das tropas em campanha, e da tactica elementar, ordenando-se que os regimentos se exercitem ao menos uma vez cada semana, e que nas praças de grandes guarnições haja exercicios correspondentes ás modernas evoluções de linha ou de brigada. É durante a guerra da successão que se mandam proscrever completamente da infanteria portugueza as armas de mécha ou de murrão, que ficam substituidas pela espingarda. Os calibres ou adarmes das armas de fogo portateis haviam sido entre si tão discrepantes, quaes haveriam de ser forçosa-

[1] Alvará de 27 de maio de 1710.

mente n'um exercito onde coexistiam os arcabuzes, os mosquetes e os fuzis. Ordenou-se, e foi esta uma proveitosa innovação, que todas as espingardas fossem de um só modelo[1]. Desapparecem os piqueiros na infanteria. Dominava já n'aquelle tempo a tactica linear, e a formação em linha ou *em batalha* era a ordem predilecta. Os officiaes subalternos alinhados formavam na frente das suas companhias a um passo da fileira da frente, os capitães a um passo da linha dos subalternos. Em cada flanco do batalhão quatro sargentos cerravam as fileiras. Em cada flanco da primeira formavam mais tres sargentos. Os restantes collocavam-se em linha á rectaguarda do batalhão, em fileira supranumeraria. As bandeiras formavam na linha dos officiaes; os tambores divididos em dois ternos nos dois flancos e alinhados com a fileira da frente[2].

Pelas ordenanças militares de D. João V se regulou o serviço das marchas e o uso dos itinerarios. Deram-se preceitos sobre o acampamento methodico das tropas. Adoptaram-se providencias para tornar mais efficazes as mostras, em que até ali as fraudes tinham sido habituaes e escandalosas, como alem dos authenticos documentos se deprehende da *Arte de furtar*. Prescreve-se como regra a formação da infanteria e cavallaria em brigada, tanto no serviço ordinario como em operações militares. É então que se formulam os primeiros lineamentos da justiça militar, que até áquelle tempo, pelas delongas e incertezas do processo, deixava que a impunidade aggravasse cada vez mais a indisciplina[3]. Estatuem-se os preceitos a que deve accingir-se a subordinação e obediencia,

[1] *Regimento para o exercito quando estiver em campanha.* 20 de fevereiro de 1708, n.º 145.

[2] *Modo de tomar as armas para se pôr em batalha um batalhão.* Appendice ao *Regimento* de 20 de fevereiro de 1708.

[3] «Não sendo possivel conservar na devida obediencia e disciplina a gente de guerra sem prompto castigo dos delictos... e não se podendo conseguir por um dilatado processo, *como ordinariamente se fazia,* resultando d'esta dilação ou ficarem sem castigo, ou executar-se tão tarde, que já não fazia impressão nos soldados, fui servido resolver, etc.» *Regimento para o exercito, quando estiver em campanha,* n.º 146.

e comminam-se as penas em que podem incorrer os delinquentes em materia penal ou disciplinar. A pena capital e os *tratos de polé*, ou o castigo de ser *apoleado* ou *trateado*, são distribuidas profusamente como dura expiação. O rei galanteador e cavalheiro, rendendo culto ao amor voluntario, é inexoravel contra os que forçam as mulheres, e condemna-os não á polé, mas ao baraço [1]. Respira na legislação penal o principio salutar de que pelos crimes e delictos dos soldados são responsaveis os officiaes, quando por sua negligencia se tenham perpetrado. São terriveis as penas comminadas á deserção, que era n'aquelle tempo, e continuou a ser por largos annos, a praga do exercito portuguez [2]. Publicou-se egualmente n'aquelle tempo o que poderia chamar-se uma ordenança de tactica para os regimentos de infanteria e para o exercicio de brigada. Conservando ainda saudosas tradições da ordem profunda, ordenou-se que a formação habitual seria em quatro fileiras, o que era já um progresso em relação á ordem a seis de fundo, a que o rei da Suecia Gustavo Adolpho reduzíra as suas linhas de infanteria [3]. Os officiaes usavam de espontão, mas os de granadeiros em certas operações de campanha eram obrigados a armar-se de espingarda.

Não se pense, porém, que todas as providencias legisladas nas ordenanças e regimentos militares de D. João V, apesar de serem discretamente concebidas e imitadas do que então se praticava nos exercitos regulares, conseguiram mediana execução e elevaram as tropas de Portugal a um grau satisfactorio de força e de esplendor. A letra foi em grande parte esquecida ou desprezada. Depois da guerra da successão os regimentos, reduzidos a quadros diminutos, vegetavam miseravelmente na vida ociosa das guarnições. Os exercicios,

[1] *Regimento* citado, n.º 174.

[2] Pelo decreto de 30 de agosto de 1706 commina-se aos soldados pagos, que desertem, a pena ultima, e aos auxiliares incursos no mesmo crime, o passarem a soldados pagos ou o trabalharem nas fortificações, quando não fossem capazes para o serviço activo.

[3] *Exercicios uteis*, no appendice ao *Regimento* de 20 de fevereiro de 1708.

principalmente os de tiro, eram em cada corpo um acontecimento rarissimo, extraordinario[1]. O proprio manejo de armas, que ainda em tropas mal adextradas na pratica do tiro se observa executado com uniformidade e perfeição, era discorde e irregular[2]. Quando nem os exercicios de parada se praticavam com apparencia de mediocres, é superfluo advertir que os soldados não recebiam, durante a longa paz, que se seguiu á guerra da successão, a mais ligeira instrucção ácerca do serviço de campanha. E a este proposito ponderava o discreto e instruido coronel André Ribeiro Coutinho, quanto é inutil um exercito se o numero, que é inerte, não é vivificado pela sciencia e pelo ensino[3].

Da legislação que deixámos summariada, e que foi em grande parte copiada das ordenanças francezas, é que data verdadeiramente a constituição do exercito moderno. Uma nova regulação veiu, passados alguns annos, completar o que ainda nas primeiras providencias ficára indefinido. Pela paz de Utrecht, em 1713, o estado militar devia padecer forçosamente uma consideravel reducção. O exercito, durante uma guerra diuturna, arrebatára á nação as suas forças productivas em homens, pelo continuo e oppressivo recrutamento, e em capitaes pela carga violenta dos tributos.

Para alliviar ao mesmo passo os povos e o erario, ordenou D. João V, em 1715, a reducção das tropas e a sua nova e mais modesta organisação. Constava n'este anno a infanteria de trinta e quatro regimentos de seiscentas praças e de vinte a cavallaria, com quatrocentos e oitenta cavallos cada um[4]. Toda a infanteria veiu a ficar distribuida em vinte regimentos, não

[1] «Não só passam mezes, senão tambem annos inteiros, em que não tem os corpos a instrucção necessaria em acção tão decisiva (o tiro).» André Ribeiro Coutinho, *Capitão de infanteria portuguez*, Lisboa, 1751, tom. I, pag. 275.

[2] *Capitão de infanteria portuguez*, tom. I, pag. 274-275.

[3] «De outro modo (não havendo instrucção no serviço de campanha) póde um exercito constar de muitos mil homens, mas de muito poucos soldados, sendo certo que sem a sciencia dar a mão ao valor, nem o valor tem costas, nem a sciencia braços.» Ribeiro Coutinho, *Capitão de infanteria portugueza*, tom. II, pag. 5.

[4] *Gazeta de Lisboa* de 31 de agosto de 1715.

entrando n'este numero o da armada, o da junta do commercio, e o que era sustentado pela camara do Porto. A cavallaria ficava reduzida a dez regimentos. Cada corpo de infanteria era composto de quinhentas praças, inclusos os officiaes, e repartia-se em dez companhias de cincoenta homens. Os regimentos da armada, o da junta e o do Porto, ficariam tendo a força de mil praças [1]. Um regimento de cavallaria formava-se de trezentos cavallos, divididos por dez companhias de trinta praças, entrando n'esta conta os officiaes. Toda a infanteria numerava, segundo a nova legislação, treze mil homens. A cavallaria contava tres mil cavallos. O exercito permanente em pé de paz, sem attender á artilheria, compunha-se, pois, de dezeseis mil homens. Estes numeros eram, porém, apenas theoricos. Bem depressa os quadros se foram praticamente resumindo a ponto de que já em 1718 toda a infanteria apenas contava nas fileiras dez mil homens. A cavallaria, como arma fidalga, permanecia com a força regulamentar. Os numerosos officiaes excedentes aos quadros reduzidos eram implacavelmente *reformados* [2] com meio soldo, emquanto não fossem collocados nas vacaturas occorrentes [3]. O abuso das reformas tinha sido até aquella epocha tão frequente e oneroso para os tenues recursos do paiz, que se decretaram providencias mais justas do que litteralmente executadas para obviar ao espantoso incremento das despezas. E de feito, n'aquelle tempo o favor e o nepotismo dominavam sem contrapeso na suprema direcção dos negocios militares.

Algumas ligeiras alterações padeceram na sua composição os regimentos de cavallaria e infanteria depois da reorganisação de 1715. Assim foi decretado o augmento de duas companhias em cada um dos dois regimentos de Lisboa, o

[1] Relação remettida da junta dos tres estados ao conselho de guerra em 1718. Papeis do conselho de guerra.

[2] A designação de *reformado* não tinha n'aquelle tempo o seu presente significado. Exprimia o que modernamente se chamou *official em disponibilidade*, e correspondia ao official em *half-pay* no exercito inglez.

[3] Decreto de 20 de agosto de 1715.

accrescimo de quatro cavallos em cada uma das companhias existentes e das novas [1]. Com o intento de promover a cultura das sciencias militares, ordenou D. João V que em uma das companhias de cada regimento de infanteria fossem engenheiros todos os officiaes [2].

As mais absurdas instituições eram ainda veneradas em homenagem á tradição ou em beneficio das pessoas eminentes e ajudadas de valias. Será difficil acreditar que o posto, ou antes officio militar de *tenente general de artilheria*, a cuja conta corriam todos os negocios attinentes ao armamento e material do exercito portuguez, foi vendido como officio hereditario em 1748 a um particular pela somma de 150:000 cruzados. Procurára el-rei D. João V justificar esta venda escandalosa com o aperto do thesouro e a urgencia de prover aos gastos de uma expedição ao estado da India [3]. O governo da praça de Peniche, uma das mais importantes de Portugal, é conferido em 1722 ao conde de Atouguia, D. Luiz de Athaide, ainda na infancia, e esta mercê tem por fundamento principal a pobreza, em que ficára a condessa sua mãe [4]. Do castello de S. João da Foz, tão valioso militarmente para defender a entrada no rio Douro, eram governadores de juro e herdade os marquezes de Fontes, condes de Penaguião. Não é raro n'aquelle tempo o confiar o governo das armas de uma provincia a um bispo, fazendo-lhe do báculo de pastor o bastão de general [5]. Tal era então a escasseza de generaes e a inversão de todos os principios militares.

Quando em 1735, pelo desacato commettido em Madrid contra o embaixador portuguez Pedro Alvares Cabral, estive-

[1] Decreto de 29 de dezembro de 1721.

[2] Decreto de 24 de dezembro de 1732.

[3] Decreto de 8 de abril de 1748. O officio foi comprado por Manuel Gomes de Carvalho e Silva.

[4] Decreto de 24 de abril de 1722, expedido ao conselho de guerra, para cumprir o alvará de 2 de novembro de 1713. Papeis do conselho de guerra.

[5] O bispo do Porto, D. Thomás de Almeida, que depois foi o primeiro patriarcha de Lisboa, é encarregado do governo das armas da cidade e seu districto, por decreto de 22 de outubro de 1709.

ram a ponto de armado rompimento as relações entre Hespanha e Portugal, sentiu o governo a urgencia de apparelhar-se para a guerra, e despertou do longo lethargo em que jazêra a datar da paz de Utrecht. E de feito, segundo o velho e damnoso costume portuguez, de pendurar as armas e deixar que se embotem e enferrugem apenas o perigo é já passado, as instituições e as forças militares tinham vindo a lastimosa decadencia e corrupção. Os quadros de paz haviam descido muito abaixo da força legalmente determinada. Foi então necessario quasi improvisar o exercito para a defeza. Os regimentos de infanteria desdobraram-se em dois batalhões de seiscentos homens cada um, repartidos por dez companhias. Cada regimento numerava por esta fórma alguma cousa mais que mil e duzentas praças [1]. Em cada batalhão uma das companhias deveria ser de granadeiros [2]. Um regimento de cavallaria ligeira ou de dragões veiu a ser constituido por doze companhias de cincoenta cavallos cada uma [3]. Permittiu-se que os particulares podessem como capitães levantar a expensas proprias novas companhias de cavallos, e tivessem o privilegio de nomear os seus officiaes. O exercito deveria, pois, contar no estado completo um pouco mais de vinte e quatro mil infantes, excluidos d'este algarismo o regimento da armada, o da Junta do commercio e o do Porto, que por uma singular anomalia figuram sempre á parte no conto da infanteria. Os regimentos montados numeravam seis mil cavallos, que, sommados com os das companhias avulsas, deviam perfazer algo mais que sete mil.

Para exagerar, em vez de cohibir, a damnosa instituição de terem companhias nos seus regimentos os coroneis e tenentes coroneis, ampliou D. João V aos sargentos mores este lucrativo privilegio [4]. Uma providencia foi decretada ao mesmo tempo, a qual seria extremamente proveitosa para a instrucção, disciplina e unidade nas differentes armas, se não

[1] Decreto de 22 de março de 1735.
[2] Decreto de 24 de março de 1735.
[3] Decreto de 22 de março de 1735.
[4] Decreto de 30 de março de 1735.

caisse em desuso quasi apenas instituida. Foi a de se crearem directores geraes para a cavallaria e infanteria [1]. Outra louvavel instituição foi a das academias militares, que, alem das já estabelecidas em Lisboa e em Vianna, deveriam instaurar-se nas duas praças principaes, Elvas e Almeida. As doutrinas professadas haveriam de constituir uma verdadeira encyclopedia militar, porque abrangiam no seu ambito, alem da fortificação permanente e de campanha, e das construcções civis, o ataque e a defeza das praças, a arte dos acampamentos, os *ataques geraes e particulares,* que na mente do legislador comprehenderiam porventura a estrategia e a grande tactica, a topographia e o levantamento das cartas geographicas [2]. Eram, porém, de tão exiguas proporções aquelles estabelecimentos de instrucção, que o ensino theorico das sciencias militares permaneceu apenas em enfesado rudimento até que foi instituida mais de meio seculo depois a academia de fortificação. Apesar d'aquelles frouxos incentivos, com que se buscára converter os militares ao estudo theorico da sua profissão, a instrucção nas differentes armas não se diffundiu por modo tal que affrouxasse a corrente de officiaes aventureiros, que durante o reinado de D. João V affluiram a Portugal. Convidava-os a grande predilecção, que por forasteiros homens de guerra continuava a dominar, e accendia-lhes a ambição os proventos que fruiam no exercito, mui superiores em soldo e accesso á miserrima condição dos seus camaradas portuguezes. Concorriam principalmente engenheiros e artilheiros. Não eram, porém, pouco frequentes os officiaes das outras armas, desde os postos subalternos até á categoria de generaes. Era tão irregular n'aquelle tempo o systema de habilitação para as armas technicas, que uma graciosa attestação do jesuita que no collegio de Santo Antão regia a aula de *esphera,* — n'esta designação se comprehendiam as sciencias mathematicas e as suas applicações á fortificação — era bas-

[1] Decreto de 6 de agosto de 1735. Os generaes nomeados directores geraes foram logo dois fidalgos da mais alta hierarchia, o conde de Assumar para a cavallaria, e para a infanteria o da Atalaia.

[2] Decreto de 24 de dezembro de 1732.

ante a comprovar a aptidão e a competencia em todas as provincias da arte militar.

A datar de 1735, quando se desvanece a perspectiva de uma guerra quasi imminente, o exercito portuguez, relaxadas todas as molas do seu debil organismo, cáe no estado lastimoso, em que são contestes a descrevel-o os documentos dos archivos nacionaes e as relações dos viajantes extrangeiros.

Os quadros chegam por vezes a ficar tão reduzidos, que já em 1735 apenas se numeravam oito mil homens de infanteria[1]. Quando a piedosa ostentação do monarcha dissipador se converte com vaidoso enthusiasmo a erigir a basilica monumental destinada a cenobio sumptuoso dos arrabidos, as tropas são, em grande parte, empregadas nos trabalhos da construcção, e ao general marquez de Marialva, com boa porção da sua cavallaria, encarrega D. João V o serviço dos carretos para as obras do edificio collossal[2].

Os enormes rendimentos derivados do oiro e diamantes do Brazil são despendidos em tão grossas prodigalidades, que pouco se aproveita em acudir aos serviços mais urgentes da nação. Para pagar os tenues soldos ao exercito continua-se a contar com os redditos do tabaco. Mas em 1710, quando a guerra da successão está no seu fastigio, quebra o contratador do monopolio, e os soldados ficam esperando largos mezes que o rei lhes satisfaça o que mal chega para illudir a sua miseravel condição[3]. Estava por tal maneira consagrado como systema que o estado haveria de solver com frouxa pontualidade as pagas das suas tropas, que n'uma lei se impunha aos soldados, sob pena capital, a paciencia e a resignação, quando não recebessem a ponto fixo os seus escassos

[1] Visconde de Santarem, *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, tom. v, pag. CLIII.

[2] O capitão irlandez Costigan, que servíra em Portugal, escrevia a este proposito: «The only use King John the fifth made of his troops was to dig and to carry the stones to build a magnificent church and convent for three hundreds idlers at Mafra». *Sketches*, tom. I, pag. 225.

[3] Pelo decreto de 19 de março de 1710 ordena-se, que, tendo quebrado o contratador do tabaco, se vão pagando, como for possivel, os soldos atrazados.

vencimentos. E por debil consolação, dizia o legislador, os soldados haveriam de attender a que, se acaso se lhes não pagava, era por não caber na possibilidade [1]. Em 1735, quando parecia de novo então imminente a guerra com a Hespanha, deviam-se seis mezes ás tropas de Portugal. Era tão lastimosa a penuria e desamparo dos arsenaes, que para acudir ás primeiras necessidades se mandaram comprar a toda a pressa dezeseis mil espingardas [2].

Da paga insufficiente era forçosa consequencia a profunda relaxação, que dominava como lei na disciplina e na moral do exercito portuguez. Os furtos commettidos a cada passo pelos capitães de cavallos eram tão escandalosos, que a legislação militar de D. João V é copiosa de providencias tão frequentes como estereis para cohibir a rapacidade n'aquelles officiaes [3]. Os soldados, a quem não sobejavam tantas largas para fraudarem a fazenda real, esses, para não perecerem á mingua e não andarem quasi nús, ou recorriam publicamente á mendicidade, ou desertavam em crescidas multidões [4].

O armamento, principalmente o da infanteria, estava em lamentavel parallelo com a esqualida miseria dos soldados. O conde de Unhão, governador das armas do Algarve, escrevia á côrte em 1736 serem as armas taes, que rebentavam em quasi todos os exercicios, e que em toda a sua provincia não

[1] «Prohibo com pena de morte a todo o soldado de infanteria, cavallaria, dragões e de artilheria o pedir, gritando, a paga ou servir-se de algum termo, ou fazer alguma demonstração, que excite o motim ou sedição, e lhes mando calem sem queixa o dever-se-lhes algum dinheiro, respeitando a que, quando se lhes não paga no tempo estipulado, é por não ser possivel.» *Regimento para o exercito quando estiver em campanha, etc.*, 20 de fevereiro de 1708, n.° 183.

[2] Visconde de Santarem, *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, tom. v, pag. CXLV.

[3] Vejam-se o decreto de 3 de março de 1707, em que as delapidações dos capitães de cavallos são designadas expressamente pelo nome de *furtos*, e o decreto de 25 de agosto de 1707, perdoando aos capitães que andavam fugidos dos seus corpos pelos abusos commettidos na administração das companhias.

[4] «The soldiers were naked, begging charity in the streets, with a monstruous string of beads in one hand and a ragged hat in the other; their arms, when they had any, were all over rusty and without locks.» Costigan, *Sketches*, tom. I, pag. 227.

haveria com que armar cincoenta soldados, quando o pedisse a occasião.

Os uniformes da soldadesca eram os que se podem imaginar em tamanha negligencia e desamparo. Contrastavam com a penuria do fardamento nos soldados o luxo e sumptuosidade, com que os generaes e os officiaes mais abastados guarneciam de ornatos e garridices caprichosas as casacas, as vestias, os chapéos, sem a minima attenção á uniformidade [1]. Na decadente situação a que o exercito chegara sob a nefasta administração do Salomão do Occidente, não era para assombrar que o favor e as valias decidissem maximamente da promoção aos postos de officiaes. Os generaes e os mestres de campo ou os coroneis eram quasi inteiramente da nobreza. Para os fidalgos ascenderem prestemente de uns a outros graus da hierarchia, bastava-lhes a recommendação do seu illustre sangue [2], e o monarcha era complacente para dispensar em seu obsequio os regulamentos e as leis [3]. A sciencia andava em tão pouco avaliada para os postos militares, que não era infrequente o existirem sargentos e mesmo officiaes que nem o seu nome sabiam assignar [4]. Esta ausencia completa de instrucção era notavel principalmente nos subalternos da

[1] Veja-se a pragmatica militar de 18 de abril de 1735, pela qual intentou o legislador cohibir os enormes abusos n'este ponto, condemnando nos officiaes o luxo e prodigalidade, e permittindo nos uniformes os galões de oiro com extrema parcimonia.

[2] Os coroneis na infanteria e cavallaria eram na sua maxima parte nobres de nascimento. N'uma relação dos terços e regimentos de infanteria, nos cincoenta e um ahi enumerados, que existiram em diversos tempos, e tiveram cada um varios coroneis, figuram entre elles numerosos titulares e outros fidalgos das casas mais illustres, e seria difficil encontrar algum que fosse plebeu. Documento pertencente ás antigas vedorias e existente no archivo do tribunal de contas. A proposito da nobreza exigida nos coroneis, escrevia um d'elles nos tempos de D. João V: «O coronel deve ser pessoa de qualidade e que seja rico e de auctoridade para mandar absolutamente os seus capitães.» Antonio do Couto Castello-Branco, *Memorias militares*, tom. I, pag. 13.

[3] As dispensas abundam a cada passo nos decretos enviados ao conselho de guerra.

[4] O decreto de 4 de abril de 1735 ordenava que d'ali em diante ninguem podesse ter praça de tenente, alferes, sargento, furriel ou cabo de infanteria ou cavallaria, sem que soubesse ler e escrever.

infanteria e cavallaria, que, segundo a lei, eram nomeados a arbitrio dos seus proprios capitães e escolhidos entre os seus familiares, clientes ou domesticos. Na cavallaria, como arma privativa da nobreza, segundo legalmente se havia declarado, as patentes de capitão conferiam-se ás pessoas qualificadas, que se offereciam a levantar as suas companhias. Ninguem durante longos annos se lembrou de que o berço esclarecido, embora acrescentado com o valor, não podia transformar um homem civil, sem nenhum trato e ensino de armas, n'um perfeito chefe de tropas a cavallo. Sómente em 1707 se determina, com melhor prevenção do que successo, que se inquiram cautelosamente os meritos militares dos candidatos aos postos da cavallaria[1].

Nas armas especiaes não era certamente mais regular a maneira de prover os postos de officiaes. Era usual o promover a capitão de infanteria, com exercicio de engenheiro, a um soldado, sómente porque servíra nas obras de alguma sumptuosa e régia edificação[2].

Tão minguada é a confiança do governo nos seus officiaes de todas as armas, de todas as graduações, que até ser findo o reinado de D. João V não cessam os extrangeiros de ser admittidos com grossos estipendios e melhoria de seus postos nos exercitos reaes[3]. Ao estado lastimoso em que durante a frouxa administração do rei galanteador se deixaram caír as

[1] «Por ser informado de alguns prejuizos que se seguem ao meu serviço, de se proverem os postos de capitães de cavallos em pessoas, em que não concorrem as partes necessarias para os exercitarem: ordeno que d'aqui em diante se não consultem para os ditos postos os que os pretenderem, offerecendo-se a levantar tropas á sua custa, sem que preceda informação, fazendo-se-me presente o merecimento, valor e mais qualidades que concorrem nos taes pretendentes, para que com verdadeiro conhecimento possa tomar a resolução conveniente.» Decreto de 25 de agosto de 1707. Papeis do conselho de guerra, no archivo nacional.

[2] Em 1733 o soldado Custodio Vieira é promovido a capitão engenheiro, em attenção aos serviços que prestára nas obras do palacio real de Vendas Novas. Decreto de 11 de setembro de 1733. Papeis do conselho de guerra.

[3] Ainda em 1749 eram admittidos numerosos officiaes para o serviço da engenharia, entre elles Miguel Angelo Blasco, que depois foi engenheiro mór do reino.

instituições e as forças militares de Portugal, serve ao menos de consolação o memorar que entre a geral insciencia dos officiaes portuguezes alguns alcançaram mui honrosa reputação. Os nomes de Manuel de Azevedo Fortes, de Manuel da Maya e do conde da Ericeira, apparecem como rarissimos luzeiros n'aquella escuridão universal.

Tal foi o estado do exercito portuguez emquanto dominou por quarenta e tres annos o galan sumptuoso de Odivellas, a quem a paz e a ociosidade era dilecta, importuna e pesada a guerra e o trabalho.

Portugal era n'aquella edade sempre uma nação guerreira, pelos brios de seus impetuosos naturaes, porém não uma potencia militar, no significado estricto da palavra. Quando era imminente a guerra, apercebia-se improvisamente para a invasão ou para a defeza; acrescentava tumultuariamente o seu exercito a custo de tremendas vexações á gente popular, dava calor, quanto podia, ao fabrico de suas armas, reparava e guarnecia de algum modo, na apertura do perigo, as praças e fortalezas, onde a propria artilheria em grande parte jazia desmontada e padecia todos os embaraços e delongas consequentes a uma rapida mobilisação, que não estava de antemão apparelhada. A publicação da paz, as salvas e os fogos de artificios, as jubilosas demonstrações, com que por ella reciprocamente se congratulavam os povos e o monarcha, eram os signaes de que iam desmaiar os enthusiasmos e esquecerem-se o rei e a nação de que nem sempre o Jano caprichoso tem por longo tempo cerradas as suas portas. Recomeçava a preguiçosa vida das guarnições a enervar e amollecer os brios dos officiaes e a disciplina dos soldados. Os quadros rebaixavam-se a tenues proporções, não sómente pela falta de um regular e methodico licenceamento, senão tambem por que deixavam de prover-se largos annos os postos que vagavam, e de preencherem-se as baixas nos regimentos. O proprio systema de recrutamento, se bem theoricamente e nas suas formulas geraes não era de todo o ponto irracional para aquelle tempo, tornava-se illusorio pelas numerosas exempções, que durante a existencia do

exercito permanente se tinham ido escandalosamente multiplicando [1].

Ao terminar a primeira metade do XVIII seculo póde affirmar-se que o exercito era apenas uma força nominal. Os derradeiros oito annos de rebelde enfermidade, ao cabo de uma vida sensual, ainda tinham aggravado no soberano a natural desinclinação ás cousas militares.

Quando o rei D. José succede no governo, e começa a presidir aos negocios da guerra o infatigavel Sebastião de Carvalho, com algumas escassas prevenções acode o novo ministro a congregar as dispersas reliquias do exercito portuguez. É assim que, logo nos primeiros tempos do seu longo ministerio, faz expedir as ordens mais peremptorias para que recolham aos seus corpos os officiaes e os soldados que, segundo o costume já inveterado no reinado antecedente, permaneciam ausentes e deslembrados do sacramento militar. Provê n'uma larga promoção os postos vacantes no exercito. Ordena, mas sem fructo correspondente ao zêlo ministerial, que as tropas se exercitem no seu officio e profissão, e que o serviço nas praças de guerra se execute com o maximo rigor. Suppondo improvavel guerra proxima, reduziu Sebastião de Carvalho os quadros da infanteria. Ordenando que se conservassem os regimentos como se haviam organisado em 1735, determinou, comtudo, que mantendo-se a divisão em dois batalhões, se limitassem as companhias a trinta praças, incluidos os officiaes. D'esta reducção não participaram os regimentos da armada, o do Porto, e o da Junta do commercio. Na artilheria, exceptuada a do Algarve, continuariam as companhias a ser de sessenta homens [2].

A urgencia de acudir á segurança e policia da capital na occasião do terremoto fizera conhecer a que deploravel situação eram chegadas as tropas em Portugal. A tremenda catastrophe exerceu uma como acção reflexa na energia mi-

[1] O coronel André Ribeiro Coutinho, no seu *Capitão de infanteria portuguez*, tom. II, pag. 164-172, enumera não menos de vinte e um casos de exempção.

[2] Decreto de 12 de janeiro de 1754.

nisterial para que buscasse restituir o exercito a uma fórma regular e prestadia. Por isso Sebastião de Carvalho reitera as ordens para que os officiaes, em grande numero ausentes dos regimentos, n'elles se apresentem sem detença, e ali permaneçam continuamente restaurando a disciplina, adextrando os seus soldados com frequentes exercicios [1]. Com varias outras disposições procura o ministro de D. José acudir á mais instante precisão de melhoria e de reforma. Restaura os directores geraes da cavallaria e da infanteria, nomeia para a primeira o marquez de Tavora [2]. No Algarve, onde não havia regimento algum de cavallaria, manda levantar cinco companhias de dragões de trinta cavallos cada uma, ainda pelo mesmo systema de conferir o seu commando aos particulares que as houvessem de organisar a suas expensas. E d'estas novas companhias ordena que se forme o que chama um esquadrão [3]. Restaura em cada regimento das tropas a cavallo o posto de furriel mór, ficando a sua nomeação a cargo do coronel [4]. Institue em cada regimento das tres armas tres cadetes por companhia com o predicado da nobreza [5].

Os militares andavam por aquelle tempo distrahidos dos seus regimentos pela frequencia, com que eram nomeados para os cargos civis. Acudiu o legislador a este abuso prohibindo esta pratica damnosa e exceptuando apenas da geral disposição os mestres de campo generaes [6]. Mas Sebastião de Carvalho, apesar das suas aptidões quasi universaes para o bom regimento de uma absoluta, mas innovadora monarchia, não tinha pelas cousas militares esta zelosa predilecção e este ardor inextinguivel, que o estavam convidando para os assumptos civis e para o fomento da nação. Logo desde os primeiros passos na sua aspera carreira de estadista lhe estiveram

[1] «De sorte, dizia o legislador, que em todas as provincias se veja renascer o ardor militar, a regularidade da disciplina e a aptidão e asseio das tropas.» Aviso de 12 de dezembro de 1755 ao marquez de Marialva.

[2] Decreto de 24 de março de 1757.

[3] Decreto de 29 de outubro de 1757.

[4] Decreto de 21 de março de 1757.

[5] Decreto de 16 de março de 1757.

[6] Decreto de 12 de janeiro de 1754.

soprando rijos e inclementes os ventos e encrespando-se verdes e borrascosos os politicos mares, em que singrava. O seu espirito bem cedo começou a embrenhar-se n'esta serie ininterrupta de cuidados e locubrações, de que pendia ao mesmo passo o emancipar-se o poder civil do jugo theocratico, e desprender-se o povo portuguez das trevas cerradas em que jazia.

O terremoto veiu salteal-o, quando elle se apercebia a combater contra a subversão moral da monarchia, sem cuidar que teria egualmente por inimiga a natureza. A sua infatigavel cogitação e a sua energia inexhaurivel convertem-se então principalmente para a catastrophe tremenda, que sepulta nas ruinas a opulenta e grande capital. Não são decorridos largos tempos depois de saneadas as primeiras calamidades, quando já lhe arremettem pela frente, a principio dissimulados e retrahidos, e logo descobertos e audazes, os jesuitas, e os que trazem engrossada e crescente a sua parcialidade. E mais adiante á lucta da cleresia vem juntar-se a conjuração armada da nobreza. Sebastião de Carvalho é apenas um contra milhares de antagonistas, só tem como força o seu espirito, e por arma o despotico poder que, do fundo do throno onde se esconde, lhe empresta o seu monarcha, ou antes, o seu collega ocioso no governo. Era homem civil e pouco affeito a lidas militares. Não lhe deixavam ocios para tratal-as os gravissimos negocios, que lhe ondeavam em redor continuamente. Essa mesma sombra, ou esqueleto de um exercito, que D. João V lhe deixára, ainda era bastante como força policial para comprimir e castigar a insurreição do Porto, a felonia dos Tavoras, a protervia dos jesuitas. Não transparecia no horizonte nada que podesse nem de longe perturbar a calmaria no que dizia respeito aos negocios internacionaes. Esqueceu-se, pois, do exercito durante alguns annos, e poz de parte a prevenção e a cautela, em que para tudo o mais fôra sempre exemplar.

Assim como o terremoto de 1755 foi uma feliz calamidade, porque sem ella a velha e sordida Lisboa teria continuado por annos indefinidos a enroscar-se nas suas mil quelhas tortuosas e insalubres, e a insultar diariamente com a sua es-

qualida apparencia a ridente formosura do seu Tejo, assim tambem a guerra de 1762 foi um successo providencial, porque veiu despertar da sua diuturna somnolencia o exercito portuguez. O estadista acordou tambem ao mesmo passo para a meditação do grande problema da defeza. Viu então que muitas vezes, contra a prepotencia das nações arrogantes e firmadas na rasão persuasiva dos seus canhões, não póde a solercia dos politicos substituir exactamente o ferro das bayonetas, nem a activa moderação das suas notas diplomaticas fazer o officio das praças de guerra inexpugnaveis para deter o inimigo nas fronteiras. Então poderia adivinhar quanto lhe eram pertinentes os reparos, que ácerca do seu descuido nos assumptos militares lhe reprehendia poucos annos depois o duque de Choiseul, o celebre ministro de Luiz XV, o qual já estabelecia como maxima politica ser o meio mais seguro de manter a paz o haver-se apercebido para fazer a guerra com vigor [1].

A guerra, a final, veiu a romper entre Portugal e os dois principaes soberanos da dynastia de Bourbon, agora mais estreitamente vinculados pelo *pacto de familia*. O que fazer n'este lance, não inopinado, mas havido pouco antes por menos imminente? Como defender um estado, um territorio, onde ha a sombra apenas de um exercito, sem officiaes e sem soldados que saibam sequer o alphabeto da cartilha militar, sem armas, sem munições, sem as solidas defezas artificiaes, que a sciencia e o trabalho sabem traçar e construir, porém não improvisar? Não podia estar mais desapercebido n'aquella conjunctura o povo portuguez, inerme pela quasi total ausencia de armamento e material, imbelle pela extrema bisonharia das tropas, dos generaes. O proprio legislador se lastimava e se doía, de que tendo os inimigos quasi em frente, a nenhum ponto podia estender a vista, em que se lhe não deparasse a penuria e desamparo dos recursos defensivos [2]: ge-

[1] Despacho do duque de Choiseul a Saint-Priest, enviado francez em Lisboa, de 17 de junho de 1766, *Quadro elementar*, VII, pag. 209.

[2] «Um dos tristes effeitos que a sensibilissima enfermidade do... sr. D. João V causou necessariamente n'este reino pelos oito annos de sua

neraes sem nenhum saber e experiencia da moderna arte da guerra, officiaes enervados e perdidos na damnosa estagnação de estereis guarnições; soldados sem educação guerreira, nem austera disciplina; tropas sem armamento e equipamento; inutil a artilheria, rotas e desfeitas as antigas barracas de campanha, a polvora escassa, raras as munições [1].

Que restava, pois, ao rei n'este eclipse funesto das forças defensivas? Estender a mão supplicante ao auxilio da Gran-Bretanha, esconder-se no mais escuso do seu reino, e deixar que o leopardo britannico lhe fizesse exclusivamente sentinella para guardar-lhe a sombra da independencia? Mas a Inglaterra, pela peculiar constituição das suas forças terrestres, e pela enorme extensão do seu imperio, nunca póde enviar ao continente exercitos poderosos. Em suas faculdades só cabe auxiliar, porém não tomar á sua conta o defender os que vergonhosamente desamparam á caridade dos extranhos a propria segurança e defensão. Sebastião de Carvalho pediu auxilios ao seu alliado tradicional, mas tratou de acudir, como podia, á urgencia da occasião. O exercito, no ultimo reinado, adoecêra da lenta febre e consumpção do fisco regio. A miseria fôra sempre o seu destino. Era pois consequente o crear recursos, de que se podesse alimentar a guerra, este immenso dragão, cujas fauces e entranhas se não podem facilmente saciar. Instaurou em novas bases a administração da fazenda publica. Instituiu o erario, como centro de todas as receitas e despezas do estado. Acudiu com providencias propriamente militares ao que na ante-vespera do conflicto se podia prover e legislar. Deu nova organisação ao estado maior general. Os antigos mestres de campo generaes são agora designados pelo titulo de tenentes generaes. Os sargentos móres de batalha passam a denominar-se marechaes de campo. Criam-se, á imitação do systema prussiano, como postos immediatamente superiores aos tenentes generaes, os generaes de ca-

duração, consistiu em ficarem quasi extinctas as tropas.» Pombal, *Appensos da contrariedade sobre o libello famoso*, appenso II, n.º 37. Ms. da bibliotheca da academia real das sciencias.

[1] *Appensos da contrariedade*, appenso II, n.os 52 e 53.

vallaria e de infanteria, e acima de todos, como suprema dignidade militar, a eminente categoria de *marechal dos exercitos*[1].

O symptoma principal de que um exercito periclita por intimos achaques na sua disciplina e efficacia militar, é a ausencia de uniformidade na tactica de cada arma, e na maneira de executar o manejo e as evoluções. N'este ponto continuava a ser lastimosa a anarchia. Porfiavam os chefes dos regimentos e os capitães das companhias contendendo entre si sobre qual d'elles, com manobras mais complexas e exercicios mais vistosos, daria da propria sciencia do seu commando mais luzida opinião. Procurou Sebastião de Carvalho occorrer a esta damnosa irregularidade, quasi ingenita no sangue portuguez, prescrevendo como obrigatoria a completa uniformidade na ordenança[2]. Foi por aquelle tempo que se distinguiram claramente por divisas no uniforme os differentes postos de officiaes[3].

A despeito das providencias que se haviam decretado logo desde o principio do reinado, era ainda lastimosa a força e a condição das tropas portuguezas. O ouro do Brazil continuava a jorrar para a metropole, mas ao exercito chegava-se a dever dezoito mezes das suas pagas tenuissimas, como se os soldados, principalmente, se podessem alimentar, a não ser que se arrojassem ao latrocinio, ou se humilhassem á esmola. Continuava a ser habitual n'aquelle tempo este recurso para alliviar a miseria militar. São a cada passo repetidas e contestes as narrações dos extrangeiros que viajavam em Portugal. E uma testemunha tão auctorisada e insuspeita como era o agente di-

[1] Decreto de 5 de abril de 1762.

[2] «Por me constar que alguns officiaes commandantes dos regimentos de infanteria e dragões, levados de um mal entendido desejo de se distinguirem, têem introduzido no exercicio militar e manejo das armas dos seus respectivos regimentos o uso de differentes vozes e diversas acções das que se praticam nos outros regimentos, com grave damno do meu real serviço, ao qual muito convém a uniformidade que em todos se deve guardar, para a boa ordem e regular promptidão das suas evoluções, ordeno, etc.» Decreto do 1.º de novembro de 1761.

[3] O decreto de 14 de abril de 1762 estabeleceu, por meio dos galões na orla das casacas, a distincção nos differentes postos de general.

plomatico francez na côrte de Lisboa, admirador enthusiasta de Pombal, referindo-se á miseria que lavrava nas fileiras, referia ao seu governo que as proprias sentinellas estendiam a mão á caridade [1]. Já nos fins de 1761 Sebastião de Carvalho assegurava por acertadas disposições que de futuro se fizessem regularmente os pagamentos, e desde logo conseguia solver aos famelicos soldados seis mezes dos seus soldos atrazados.

Não é facil nem seguro o organisar e instruir já quasi na presença do inimigo os exercitos que o hão de enfrear e destruir. É um exercito um complicado mechanismo, no qual a harmonica travação das suas partes, a consonancia dos seus orgãos, a regularidade e perfeição dos seus regrados movimentos são a propria vida e os penhores da sua efficacia e energia. De que serve ter quadros numerosos mas vasios, officiaes em grande copia, mas sem o estimulo poderoso do zêlo, da vocação e do amor ao officio militar, soldados apenas habituados á monotona e pacifica existencia das guarnições, e esterilmente adextrados nos exercicios de parada e ostentação? E se a esta manifesta e perigosa inferioridade se acrescentam os armamentos ruins e antiquados, o material inutil ou imperfeito, as praças desmanteladas, nullos para o tempo de campanha os serviços administrativos do exercito, as subsistencias, os transportes, o trem, os hospitaes, as ambulancias? Pois era justamente n'estas dolorosas condições que Portugal, tendo por auxiliares sete mil homens inglezes, haveria de sustar briosamente o passo ao invasor. Sebastião de Carvalho só podia recorrer a expedientes de occasião, e era necessario que o vigor do seu espirito e a audacia do seu animo supprissem o que a duras penas se póde effectuar em longos

[1] Officio do encarregado de negocios de França, Saint Julien, ao duque de Choiseul, 17 de novembro de 1761, *Quadro elementar*, VII, pag. 29, cf. officio do embaixador francez O'Dunne ao duque de Choiseul, a 23 de fevereiro de 1762. *Quadro elementar*, VII, pag. 50.— «There is nowhere in Europe an equal number that look so wretched. The greater part of them (portuguese soldiers) are absolutely in rags and patches, and in Lisbon many of them asked my charity not only in the streets, but even when they stood sentinels.» Baretti, *Travels in Portugal*, cit. em Smith., *Memoirs*, I, pag. 320.

annos de paz providentemente aproveitada em forjar e acicalar o ferro defensivo da nação. Se um homem constituido nas mais altas eminencias do governo se honrou a si e á patria não descrendo da salvação commum, esse homem foi sem duvida Pombal. Foi elle o verdadeiro fundador do exercito moderno em Portugal com as providencias decretadas entre o sobresalto e a desesperança do paiz, e quasi ao temeroso boato e estridor da contraria artilheria.

A infanteria era então de todas as armas a que mais padecêra a deslembrança e desidia dos governos. Havia n'aquelle tempo muitos regimentos, reduzidos, porém, a força minima. Tão pouca gente numeravam as companhias, que o eleval-as a cincoenta e cinco praças, incluidos os seus tres officiaes, já se reputou um acrescimo notavel. E como se julgava inexequivel o incluir nas companhias existentes a multidão immensa de recrutas, que já se haviam feito em todo o reino, augmentou-se com mais oito companhias cada um dos regimentos de infanteria, repartidas egualmente por ambos os batalhões [1]. Foi egualmente reputado um bom augmento na força da cavallaria e dos dragões, que as suas companhias se compozessem de quarenta e dois homens na sua totalidade [2].

Era então singular predilecção dos homens de guerra o accrescer consideravelmente o numero das companhias em vez de o reduzir a conta rasoavel para que ficassem em força conveniente para a guerra. Decretou, pois, Sebastião de Carvalho, que mais quatro d'aquellas pequenas unidades se juntassem a cada regimento de tropas a cavallo [3]. Eram instaveis em tal extremo as noções, que então vogavam ácerca da melhor organisação, que eram passados apenas poucos dias, e já o legislador determinava que das quarenta companhias acrescentadas aos dez regimentos de cavallaria, se formassem quatro corpos de nova creação [4].

[1] Decreto de 16 de abril de 1762.
[2] Decreto de 16 de abril de 1762.
[3] Segundo decreto de 16 de abril de 1762.
[4] Decreto de 21 de abril de 1762. Os novos corpos eram os regimentos ligeiros de Castello Branco e de Vianna, e os de dragões de Campo Maior e de Penamacor.

O recrutamento continuava a pesar com a sua oppressiva e cruel impiedade sobre as classes miserrimas do povo, excluidos pelo iniquo privilegio os que podiam timbrar de sangue nobre, e d'entre os proprios populares os que logravam acostar-se como servidores e apaniguados aos fidalgos, aos desembargadores, e os que á mingua de outras mais obscuras exempções alcançavam inscrever-se como familiares do santo officio, como mamposteiros dos captivos, ou alcançar o valioso privilegio de tomar na mão a bandeja das esmolas e discorrer pelas povoações pedindo para a casa de Santo Antonio[1]. Com este systema composto de violencia para os desvalidos e de favor para os poderosos e seus innumeraveis acostados, não era possivel alimentar a corrente ininterrupta, que durando as hostilidades, haveria de lançar o sangue novo nas fileiras debilitadas pela guerra. Os cantões helveticos tinham desde muito por costume o serem um mercado de soldados, onde os principes europeus iam a miudo refazer a cruenta dispensa das batalhas, costume barbaro, que deshonrava a liberdade, onde ella se prezava de mais antiga, e vendia os seus independentes cidadãos para serem os lictores do primeiro potentado, que tinha uma bolsa para os comprar, uma libré que lhes vestir e um preboste para os flagellar[2]. Quando n'um paiz as levas dos naturaes não chegavam a preencher as vacaturas, lá estavam os suissos, gente alpestre, pobre, aventureira, cobiçosa de algumas gages menos tenues que os fructos escassos das suas montanhas.

Portugal, á mingua de soldados sufficientes, tambem quiz ter a seu serviço dois batalhões suissos, e cada um d'elles se compoz de oitocentos homens repartidos em quatro compa-

[1] Pelo aviso de 8 de junho de 1756 declarava Sebastião de Carvalho, que, ainda mesmo em urgencias da guerra, ficavam subsistindo todas as infinitas exempções, que a legislação tinha ido accumulando durante mais de um seculo.

[2] A constituição federal da Suissa de 31 de janeiro de 1874, artigo XI, apagou para sempre este opprobrio da fronte d'aquelle povo, prohibindo aos cantões o fazerem o que se chamava *capitulações*, e eram os contratos solemnes e bilateraes, com que se obrigavam a fornecer os seus soldados aos estados extrangeiros.

nhias. Eram seus coroneis Thormann e Saussure[1]. Parece que é Portugal paiz, onde se não aclimatam moralmente soldados extrangeiros, e que da sua permanencia resultam quasi sempre lastimosos desaguisados. Pouco depois de admittidos em Portugal os dois corpos helveticos, era fuzilado por suas malversações um de seus officiaes. E tal era a situação disciplinar d'aquelles mercenarios, que o ministro omnipotente os dissolve por um acto de vigor, e do que d'elles se póde aproveitar e de soldados allemães constitue um novo corpo, que sob o nome de *reaes extrangeiros* se compoz de oito companhias[2].

Apesar de que o entendimento de Pombal nunca se havia largamente alumiado versando as sciencias militares, a despeito da falta absoluta de homens experimentados e scientes que o podessem aconselhar nas cousas attinentes á milicia, a sua energia fez milagres, e em breves mezes, segundo elle deixou escripto, conseguiu elevar o exercito portuguez a quarenta e oito mil homens. Era o maximo de força que tivera em tempo algum. Nos principios de 1762 o exercito não chegava a numerar dezoito mil homens[3]. Mas taes haviam sido os esforços do infatigavel estadista, que já nos fins de abril d'aquelle anno se contavam nas fileiras mais de quarenta mil praças[4], e no setembro seguinte, ao concluir-se a campanha de 1762, orçariam por sessenta mil as que serviam sob as armas[5].

Emquanto o ministro de D. José, firmado apenas nos seus

[1] Decreto de 27 de junho de 1762, approvando as capitulações com que foram contratados os dois batalhões de gente suissa. Cada batalhão tinha um coronel, um tenente coronel, um sargento mór, um quartel mestre, um auditor, um grão-preboste, um ajudante, um capellão, um cirurgião mór, um tambor mór, e cada companhia constava de um capitão tenente, um tenente, um segundo tenente, um alferes, quatro sargentos, um furriel, um pagem da bandeira, um secretario, seis primeiros cabos, seis cabos de fila, quatro tambores e um pifano.

[2] Alvará de 17 de setembro de 1763.

[3] Officio do embaixador francez em Lisboa, O'Dunne, para o seu governo, de 27 de fevereiro de 1762, *Quadro elementar*, VII, pag. 51.

[4] Officio do embaixador francez, O'Dunne, ao duque de Choiseul, de 30 de abril de 1762, *Quadro elementar*, VII, pag. 65.

[5] *Quadro elementar*, VII, pag. 79.

proprios recursos administrativos, se esforçava em construir quasi de novo, como de edificio velho e derrocado, o exercito portuguez, chegava a Lisboa a 3 de julho de 1762 o conde de Lippe-Schaumburg, que servira até ali como general no exercito britannico. Era senhor de um pequenino estado soberano da Allemanha, ainda hoje subsistente como um dos membros autonomicos do moderno imperio allemão. Attrahia-o a Portugal a vocação da guerra, o nome já famoso de Sebastião de Carvalho, a urgente solicitação do monarcha portuguez, e não menos a risonha perspectiva das honras e das riquezas; meio mercenario e meio paladino. Por carta regia de 10 de julho de 1762 era nomeado marechal general do exercito portuguez, encarregado do commando superior das tropas, e director geral de todas as armas. A sua vinda a Portugal, se bem em certa maneira um desdouro para o genio militar dos portuguezes, póde seguramente commemorar-se como o principio da nossa reformação e melhoria militar. Distanciava-nos da Europa civilisada em assumptos bellicosos quando menos meio seculo. Assim como ia Portugal na geral civilisação seguindo de mui longe e a passos lentos e inseguros os mais cultos povos europeus, assim tambem marchava o seu exercito na reçaga das forças militares de outras nações.

Supposta a situação semierme e negligente, a que uma paz de meio seculo havia reduzido os generaes, os officiaes e os soldados, não era exequivel o instituir como de raiz um novo exercito sem que mente exercitada nas cogitações da sciencia militar, e braço longamente feito ás armas na escola dos mais illustres disciplinadores e estrategicos viesse evocar aos habitos guerreiros a nação, que da guerra havia nascido, na guerra crescêra e se illustrára, e que na paz desaprendêra fatalmente, sob o sceptro de um rei desprecavido e indolente, como se pódem manter em viço immarcessivel os loiros conquistados com sangue e com valor.

É na verdade não pequeno deslustre das patrias glorias militares que o brio e valor nativo de nossos naturaes e as suas virtudes guerreiras de tão subido grau, não hajam podido ser aproveitadas sem que nas fileiras portuguezas se transfun-

disse mais uma vez, evocada de extranhas gentes, a alma dos exercitos, que é o commando nas suas diversas gradações. E não à mingua de engenho e vocação em nossos homens de guerra, se não pelo habito vicioso e deleterio, em que vivemos longamente, de esquecer na paz os serviços da guerra, de não fazer dos quietos ocios, que nos deixa o inimigo, a escola onde instruir e educar para a campanha os generaes, os officiaes e os soldados. É principalmente da carencia de generaes que mais têem padecido sempre as instituições militares de Portugal. E mais do que em tempo algum se experimentou este desdouro na epocha a que nos vamos referindo. Ao romper o conflicto com a França e a Hespanha em 1762, eram numerosos os militares que nos mais eminentes postos da milicia pompeavam os seus brilhantes uniformes nas festividades cortezans. Não havia, porém, talvez um unico general a quem seguramente se podessem confiar dez ou doze mil homens com a esperança de que levasse a termo decoroso sequer uma operação secundaria da guerra. Esta falta completa de organisadores e estrategicos, ainda mesmo de mediocre opinião, era tão geralmente reconhecida, que o ministerio portuguez se não corria de a divulgar e encarecer aos proprios extrangeiros, com quem estava diplomaticamente negociando nas vesperas da guerra [1].

Nas campanhas da guerra da successão ainda Portugal se podéra gloriar de um marquez das Minas, ou de um conde de Villa Verde. Mas em 1762 os titulos historicos abundavam no generalato portuguez, havia n'elle homens, que em valor e galhardia pessoal não houveram de envergonhar as cinzas dos

[1] Respondendo o ministro dos negocios extrangeiros e da guerra D. Luiz da Cunha a uma nota collectiva do embaixador de Hespanha e do ministro de França, escrevia com a mais infantil candura: «Sabendo todo o mundo que em Portugal não havia generaes, nem officiaes, que tivessem experiencia das campanhas, mandou convidar para o seu serviço a lord Tyrawley, *assim como se praticou sempre n'este reino* e se praticou agora a respeito de outros differentes officiaes, não só inglezes, mas de todas as outras nações da Europa, *para disciplinarem as tropas portuguezas.*» Resposta de D. Luiz da Cunha á segunda memoria do embaixador de Hespanha e do ministro de França, de 5 de abril de 1762. *Quadro elementar,* II, pag. 260.

seus maiores. A guerra moderna, porém, não se faz sómente com as bravezas de Nuno Alvares, ou com as gentilezas de Bayard. Em 1762 já a guerra, educada na escola brilhante de Gustavo e de Frederico, era uma sciencia difficil, transcendente, firmada ao mesmo passo no estro militar, que no berço predestina os generaes, e no estudo continuado, que aprimora e adelgaça a vocação. Era pois necessidade, embora humiliante para a nação, que um caudilho experimentado, arrastando comsigo uma turba de officiaes aventureiros, mas scientes do seu mister, viesse commandar em chefe um exercito, onde até áquelle ponto dominára a desorganisação e a anarchia. Era urgente que um homem de guerra, formado nas meditações do gabinete e no tumulto das batalhas, tirasse de soldados portuguezes a melhor materia prima para a feitura de um exercito, e viesse affeiçoar e modelar um organismo capaz de combater e triumphar [1].

São copiosos, senão inexhauriveis, os naturaes recursos, que após uma paz longa e demorada, ainda ministra Portugal a um governo zeloso e intelligente, quando queira apparelhar-se para a defeza. Tão fructuosos tinham sido na presença da guerra os empenhos e diligencias de Sebastião de Carvalho, que á chegada do conde de Lippe já os apercebimentos bellicosos davam ao exercito portuguez um aspecto de vigor e energia militar. O conde de Lippe, apenas desembarcado, admirava desde logo quanto as suas impressões a respeito da situação militar em Portugal eram diversas das que lhe haviam em Londres representado, e dirigia ao governo britannico a expressão do seu assombro ao ver os bons auspicios, com que

[1] O official irlandez Costigan, censor inexoravel, e muitas vezes exagerado, das miserias no exercito portuguez, escrevia dos soldados o elogio mais brilhante, dizendo que seguiriam os seus chefes aonde os quizessem conduzir para combater sob o seu commando com quem lhes fosse determinado, e que marchariam a toda a parte com as maximas fadigas, sem soltar um só murmurio, contentando-se de ter por alimento pão e agua, levando por condimento um dente de alho. «They will go anywhere with you and fight whom you please, if you lead them on... They will go through a vast deal of fatigue without a murmur and live upon bread and water, with a head of garlick.» Costigan, *Sketches*, II, pag. 262.

o ministro portuguez principiára a converter em machina de guerra o que fôra até então um engenho desconjunctado[1].

Um grande numero de officiaes extrangeiros, inglezes e allemães principalmente, são admittidos no exercito em todas as armas e em todos os graus da hierarchia. Entre os que vinham acompanhando o conde de Lippe tinha a preeminencia o duque reinante de Mecklemburg-Strelitz, irmão da rainha de Inglaterra, desde logo nomeado tenente general e coronel general do regimento de cavallaria, que por largos annos conservou o nome d'este principe. Os brigadeiros inglezes John Crawfurd e George Cary recebem as patentes de marechaes de campo com grossos estipendios, sem nenhuma rasoavel proporção com os seus camaradas portuguezes[2].

Não é facil de acreditar a enorme copia de officiaes admittidos no exercito portuguez, sem que a urgencia do momento tornasse demasiado escrupulosa a eleição. Se entre elles acudiram alguns militares de grande merito, e outros de sufficiente capacidade, não foram muito raros os que pouco vieram ennobrecer as fileiras portuguezas, e contribuiram para incutir na familia militar a indisciplina, o ciume e a discordia[3].

[1] «I have employed every day since my arrival to get information of the real state of the military preparations they are making in this country. I found most things surpass by much my expectations and particularly the manufacture of muskets. There is powder, cannon, bullets, and founderies. These things only want order. There are also pretty good workmen.» Smith, *Memoirs of the marquis of Pombal*, I, pag. 340.

[2] Decreto de 3 de junho de 1762.

[3] A proposito d'esta lastimosa necessidade, que obriga a receber officiaes aventureiros, escrevia Dumouriez, tão illustre pelas armas, como reprehensivel pela traição: «Malheur à la nation, qui appelle des officiers subalternes étrangers à son service, malheur à celle, qui emploie ce ramas d'officiers ineptes, incapables, indignes, dont le Portugal fut inondé en 1762». Dumouriez, *État présent du Portugal*, pag. 115.

Para que se veja como n'aquelle tempo a mingua de officiaes portuguezes, que merecessem confiança pela sua pericia militar, obrigava a assoldadar a todo o preço os aventureiros que tinham a seu favor o merito verdadeiro ou as valiosas recommendações, cabe referir n'este logar que os marechaes de campo Crawfurd e Cary venciam de seu soldo 7$200 réis por dia e vinte e quatro rações de forragens. Dois brigadeiros inglezes contratados no mesmo tempo para o serviço portuguez venciam 5$400 réis diariamente e vinte rações para os cavallos. Uns e outros no principio e no fim da campanha tinham direito a receber cem rações de

Ainda não era chegada a sasão propria para que o exercito se compozesse de quadros permanentes e em numero determinado, como hoje se pratica em todas as potencias militarmente bem constituidas. Por um lado a desorganisação e o desleixo, em que durante meio seculo se haviam deixado correr sua má fortuna os interesses da defeza nacional, e por outra parte a guerra, já quasi ardendo nas fronteiras, não davam logar á fixidez e symetria. Continuava o costume lamentavel de supprir com expedientes provisorios o que não podia decretar-se como systema definido. Não havia n'aquella epocha em Portugal, nem tão pouco nas mais cultas potencias militares, a idéa da methodica mobilisação, d'este processo regular, mas complicado, pelo qual o exercito da paz assimila com rapidez os novos elementos e fortalece para a guerra o seu organismo debilitado. Não acontecia como hoje nos exercitos regrados e systematicos, em que a energia potencial, armazenada nas reservas, nas *landwehrs*, nas tropas de substituição (no *Ersatz* dos allemães) se transforma, mobilisando-se, na energia cinetica dos exercitos em campanha. Ao contrario dos modernos processos de preventiva organisação o ministro de D. José era obrigado a augmentar a força do exercito, creando novos regimentos, como sempre se fizera em Portugal na presença do conflicto. Era forçoso fazer improvisamente as levas de recrutas, distribuil-as pelos corpos já existentes e pelos de nova creação, instruil-as, disciplinal-as, adextral-as para a guerra, já quasi na vespera do combate. É assim que nos primeiros mezes de 1762 se desdobram tres regimentos de infanteria. Eram o do Porto, o de Chaves e o de Bragança. Dos segundos batalhões d'aquelles corpos brotaram de improviso tres novas unidades independentes [1]. O mesmo processo é mais tarde applicado a deze sete regimentos já existentes. Os segundos batalhões dão ori

forragens, que pela taxa de então vinham a fundir 216$000 réis. E ver dade que um monsenhor da santa egreja patriarchal não saía por muito menor preço ao estado, porque tinha de congrua annual seis mil cruzados, e a murça e os arminhos eram certamente menos arriscados e custosos de trazer do que as armas na campanha.

[1] Decreto de 20 de abril de 1762.

gem a outros tantos corpos de novissima formação. Muitos dos regimentos assim creados têem por coroneis a officiaes extrangeiros de varias procedencias[1]. O numero total de regimentos novos veiu a ser vinte. Organisou-se novamente um regimento de cavallaria, cuja aptidão para entrar logo em campanha é facil inferir para quem sabe quanto é difficil adextrar em breves dias um cavalleiro militar[2].

Com tropas por tal modo instituidas e com soldados tão imperfeitamente acostumados á instrucção e disciplina soube o conde de Lippe-Schaumburg, n'uma guerra de posições e de manobras habilmente combinadas, evitando cautelosamente os grandes recontros com o inimigo, sustar os seus progressos, desmoralisar as suas tropas e temporisar fructuosamente emquanto os esforços diplomaticos aplanavam as asperezas e irritações entre as potencias belligerantes. Tivemos, é verdade, n'esta campanha, o auxilio de Inglaterra. Era, porém, escasso, qual então o podia prestar uma nação, cujas forças terrestres eram n'aquelle tempo mui pouco numerosas e difficeis de levantar. Seis ou sete mil homens constituiam todas as tropas, com que o alliado intimo de Portugal o pôde em tanto aperto soccorrer[3].

Um exercito, em grande parte collecticio, sob as ordens de um habil e prudente general, mostrou em brevissima campanha para quanto eram e o que valiam soldados portuguezes, quando submettidos a um commando activo, zeloso, in-

[1] Decreto de 3 de setembro de 1762. Os dezesete regimentos, cujos segundos batalhões serviram de casco á organisação dos novos corpos eram: o do conde de Aveiras, o do conde do Prado, os dois regimentos da armada, o de Cascaes, o de Peniche, o de Setubal, os dois de Elvas, o de Olivença, o de Campo Maior, o de Castello de Vide, o de Moura, o de Lagos, o de Penamacor, o de Bragança e o de Valença. Entre os coroneis nomeados para as novas unidades contavam-se os officiaes britannicos Richard Vaughan, Charles Gray, Paschoal Pepper, James Money, James Anderson, James Fowles e Charles Lee.

[2] Decreto de 26 de junho de 1762.

[3] As tropas britannicas eram o regimento de dragões do brigadeiro general Burgoyne, os regimentos de infanteria *(Old buffs)* 67, 83, 85, 91, e os voluntarios reaes (dois batalhões), um total de seis regimentos. O commandante em chefe era o general lord Loudon.

telligente, sabedor, quando estimulada a nativa indolencia meridional pelos milagres portentosos da instrucção e disciplina. Não foram brilhantes e immortaes as glorias adquiridas, como haveriam de ser meio seculo depois nos historicos sitios e batalhas da guerra peninsular, mas foram bastantes a attestar que Portugal é por indole e tradição um povo guerreiro, e que os seus revezes militares têem por causa geralmente a desidia e negligencia dos governos, que têem presidido nas epochas diversas aos destinos da nação.

A breve campanha começada em abril e terminada em setembro de 1762, foi uma util e salutar advertencia, com que a fortuna nos poz de sobreaviso contra os lances que podia correr a nossa defensão e independencia, se persistissemos no antigo desmando e negligencia das cousas militares. Ficaria manifesto desde então que as instituições guerreiras de Portugal já não podiam bastar á sua defeza e era tempo de cuidar pausadamente na sua mais racional reformação.

A paz, que é o fecundo ambiente da riqueza e o fomento da cultura, tem comtudo o senão de amortecer a energia nacional. A guerra levanta e enaltece os espiritos das nações, durante largos annos reclinadas no seio carinhoso da paz ininterrupta. A campanha de 1762 deu rebate ás vocações bellicosas do paiz, e arrancou de novo o exercito á lenta consumpção, em que se fôra obscuramente definhando [1].

Concluida que foi a paz pelo tratado de Paris de 1763, viu o marechal general conde de Lippe ser chegada a occasião de corrigir na organisação do exercito portuguez os erros e imperfeições inevitaveis, quando é realisada já tendo nas fronteiras o inimigo. Não era o conde de Lippe um d'estes famosos capitães, cujos nomes ficam imperecedouros na historia civil e militar, mas era um official de grande merito, um discipulo de Frederico, principalmente um homem competente para organisar, instruir e disciplinar. É sabido que as mais das vezes não são os grandes estrategicos os melhores organi-

[1] «Cette guerre, qui aurait dû écraser le Portugal, lui a donné une espèce de vigueur et de ressort, qui lui manquait.» Dumouriez, *État présent du Portugal*, pag. 263.

sadores. A alteza das concepções, onde revoam, não deixa ao seu espirito esta microscopica visão, que estão requerendo os mil minuciosos e obscuros promenores da administração e disciplina de um exercito na paz. O conde de Lippe era ao mesmo tempo official de todas as armas, pelo que a todas havia conversado no campo e no gabinete. Mas a sua profissão especial era de artilheiro, e como tal servira por muitos annos em Westphalia. Talhavam-no de molde as suas habilidades para occorrer com remedios efficazes aos achaques, de que padecêra longamente o exercito portuguez. Inspirou no animo de Carvalho o empenho de organisar as tropas de Portugal, achegando-as aos modelos mais perfeitos, principalmente aos prussianos, com que n'aquelle tempo se operava uma profunda revolução na arte militar. Accedeu o ministro ás instigações do general. Decretou uma nova organisação. Um regimento de infanteria ficou sendo composto de sete companhias, cada uma de cento e um soldados. A força completa do regimento numerava oitocentas vinte e uma praças [1]. Confirmava-se o uso antigo de que os tres officiaes superiores fossem chefes de outras tantas companhias. A quarta era de granadeiros. Continuava o erro de deixar praticamente sem commando tres companhias do regimento, ou antes batalhão, que nos diplomas officiaes estes dois nomes lhe são promiscuamente applicados. Não podemos hoje facilmente comprehender que vantagens tacticas o legislador pensaria derivar da nova organisação. As companhias ficavam, é verdade, em força conveniente, e mui superior á que se usára sempre em Portugal. Mas o numero impar adoptado só podia expli-

[1] Cada regimento era composto de um coronel, um tenente coronel, um sargento mór, um ajudante, um quartel mestre, um capellão, um auditor, um cirurgião mór, seis cirurgiões ajudantes, um tambor mór, um espingardeiro, um coronheiro e um preboste. As companhias dos officiaes superiores tinham tenente e alferes. Nas outras quatro, havia o capitão e os dois subalternos. Cada companhia tinha um sargento, um furriel, um porta-bandeira, cinco cabos de esquadra, dois tambores, cento e um soldados. A do coronel tinha dois pifanos, e a de granadeiros tinha a mais que as outras os seis porta-machados. *Regulamento para o exercicio e disciplina dos regimentos de infanteria* de 18 de fevereiro de 1763.

car-se pela circumstancia de que os granadeiros operavam muitas vezes em campanha reunidos em batalhões. As formações, principalmente as do quadrado, *praça vasia,* como n'aquelle tempo se chamava, tornavam-se mais difficeis do que n'um batalhão, cujo numero de companhias fosse par. Exceptuada, pois, a maior solidez e consistencia das unidades fundamentaes, a organisação da infanteria parecia retrogradar alem do typo, em que a deixára D. João V.

O regimento, ou mais propriamente batalhão, era nas formaturas dividido em oito pelotões, dos quaes só tres eram commandados por capitães. Os absurdos tacticos d'esta organisação, em que o numero das unidades administrativas era incongruente com o das unidades tacticas, foram reconhecidos em 1776, porque n'esse anno se acrescentaram mais tres companhias a cada regimento, que ficou sendo composto de dez, como na antiga organisação de 1735. Uma das novas companhias era de granadeiros [1]. O legislador exhibia principalmente como fundamento do novo accrescimo a rasão tactica de que era conveniente concordar o numero das companhias com o dos pelotões, em que o regimento deveria fraccionar-se, conforme ao regulamento de 1763. As duas companhias graduadas, quando reunidas ao seu corpo, continuariam a cobrir os flancos, mas em campanha seriam principalmente reunidas em batalhões especiaes e provisorios. Apesar do erro commettido na divisão do regimento ou batalhão em sete companhias, o regulamento de 1763 importou um progresso mui notavel na instrucção tactica da infanteria. Ali apparecem consignados os principios, segundo os quaes as tropas deveriam ser exercitadas na firmeza do soldado, então exageradamente apreciada, quando era quasi inteiramente desusado o combate na ordem dispersa; na regularidade e perfeição dos alinhamentos, na mesurada cadencia do passo militar, nas marchas em linha ou em batalha, tão predilectas n'aquelle tempo, onde era dominante a tactica linear e geometrica. Ali se coordenam os preceitos para a regular e perfeita execução dos

[1] Decreto de 28 de agosto de 1776.

fogos da infanteria. Ali se consignam as regras sobre o serviço nas guarnições e praças de guerra. E tudo isto apparecêra apenas confusa e vagamente esboçado no regulamento de 1708, pelo qual durante meio seculo se havia governado o exercito portuguez.

Foi incomparavelmente melhor e mais chegada às modernas formações a maneira de compor um regimento de cavallaria. Constava cada um de um estado maior e de oito companhias, que formavam quatro esquadrões. Era, porém, diminutissima a força da companhia. As do coronel e tenente coronel contavam quarenta e uma praças, e as restantes apenas trinta e oito ou quarenta, n'umas e n'outras incluidos os seus officiaes. A força do regimento comprehendia na sua totalidade trezentas vinte e nove praças [1].

No mesmo anno, em que se decretou esta nova organisação, foram supprimidos quasi todos os regimentos de infanteria, que para a guerra se haviam instituido. Todos os que até àquelle ponto existiam em Portugal, sem contar os que estavam destacados no Brazil, eram quarenta e seis. Os regimentos formados dos segundos batalhões reuniram-se de novo aos seus antigos corpos. Depois de effeituada a reunião, a infanteria ficou sendo composta de vinte e seis regimentos [2].

Se era defeituosa, segundo o plano do conde de Lippe, a organisação da infanteria, se offendia um principio fundamental, qual o de concordar na mesma unidade a funcção tactica e a administrativa, não se póde negar que pelos seus regulamentos, pelas instrucções publicadas para regular o serviço

[1] O regimento compunha-se de um coronel, um tenente coronel, um sargento mór, um ajudante (tenente), um quartel mestre (tambem tenente), um capellão, um auditor, um cirurgião, quatro cirurgiões ajudantes, um timbaleiro, um picador, um selleiro ou correeiro, um espingardeiro, um coronheiro. As companhias do coronel e tenente coronel tinham primeiro tenente, segundo tenente, alferes e porta-estandarte, e este posto existia egualmente na terceira e na quarta companhia, para que pertencesse uma insignia militar a cada um dos esquadrões. Em tudo o mais eram eguaes as companhias, porque constavam de um furriel, tres cabos de esquadra, um ferrador, um trombeta e trinta soldados. *Regulamento para o exercicio e disciplina dos regimentos de cavallaria* de 25 de agosto de 1764.

[2] Decreto de 10 de maio de 1763.

interior dos corpos e o serviço de campanha, e principalmente pela sua acção e influxo quotidiano em as tropas submettidas ao seu commando, o conde de Lippe conseguiu dar ao exercito a solidez e a apparencia de uma força regular, estimular nos officiaes o amor da profissão, levantar a dignidade abatida e o respeito do uniforme, restaurar a disciplina, promover a instrucção, e insufflar no soldado portuguez o espirito militar, sem o qual um exercito, tendo sómente por euphemismo esta honorifica designação, é apenas uma congerie de homens disfarçados na enganosa apparencia do armamento e do uniforme. O merito das instituições segredadas ao marquez de Pombal pelo genio organisador do conde de Lippe, ficou largamente comprovado pelo tempo diuturno durante o qual poderam resistir nos seus lineamentos principaes á torrente innovadora, e pela especie de supersticiosa idolatria, com que por quasi um seculo constituiram o evangelho militar do povo portuguez. Comparadas com o regulamento de 1708, as regulações do marechal general conde de Lippe representaram um progresso incontestavel. N'um ponto, porém, não se avantajaram grandemente á legislação de D. João V. A sua lei penal, os famosos artigos de guerra, dariam tanta margem aos reparos e censuras do mais severo e cruento criminalista, como a parte penal comprehendida no *Regulamento para o exercito em campanha,* ou como os artigos de guerra de 1710. A pena capital é largamente comminada. Á polé da antiga lei penal succedem agora as pancadas de espada de prancha, pela primeira vez introduzidas em Portugal, á imitação do rispido e deshumano tratamento, com que então na Prussia era mantida uma ferrea disciplina nos exercitos do philosopho coroado. A nativa brandura dos costumes portuguezes deixou em grande parte immobilisado em letra morta o durissimo rigor do codigo penal. Em vez da tremenda applicação dos castigos mais crueis, a justiça militar descaíu á parte opposta, e, apenas afastado o conde de Lippe, bem depressa a impunidade fomentou novamente a relaxação nos habitos disciplinares. Á similhança do que succedia nos tribunaes civis, os réus militares jaziam por largo tempo esperando

o julgamento, e depois de sentenciados permaneciam nas prisões, sem que a pena se cumprisse [1]. Póde, todavia, affirmar-se com verdade, que o fôro militar foi racionalmente demarcado, e a sua fórma e o seu processo tiveram por instituidor o ministro de D. José. É nos regulamentos de 1763 que apparecem pela vez primeira claramente estatuidos os conselhos de guerra, definida a sua composição, assignadas as attribuições dos auditores, e regulada a ordem judicial.

Se todas estas excellencias se podem justamente attribuir á legislação militar de Sebastião de Carvalho, o maximo louvor cifrou-se para o estadista em ser elle o que, sob a inspiração do marechal-general, creou em Portugal a moderna artilheria e lhe deu a importancia e graduação de uma arma scientifica. Os pequenos progressos realisados na sua organisação durante os reinados antecedentes haviam sido baldados inteiramente pelo completo desamparo em que D. João V deixára caír a artilheria, volvendo áo anachronico systema dos *troços* de artilheiros com os obsoletos condestaveis. Sebastião de Carvalho, pelos conselhos luminosos do seu mentor nos assumptos militares, comprehende que um exercito moderno, sem uma boa e permanente artilheria, illustrada technicamente, e instruida durante a paz para as suas complexas e difficilimas funcções nas praças, nos sitios e nas batalhas, é um corpo sem um orgão essencial. Reconhece, ao mesmo passo, que a artilheria não póde improvisar-se nas vesperas de uma campanha.

Já desde os primeiros annos do seu governo para acudir á decadente situação, em que se lhe deparava a artilheria, dera Sebastião de Carvalho ao regimento de Extremoz uma composição mais congruente com o moderno serviço d'esta arma. Ficára sendo composto de dois batalhões. O primeiro haveria de repartir-se em oito companhias de artilheiros e duas graduadas, a de bombeiros e a de mineiros. O segundo batalhão tinha egual composição, com a unica differença de ser a companhia de mineiros substituida por uma de *pontoneiros,* ou

[1] Costigan, *Sketches,* I, pag. 234.

de *barcas*, segundo então vulgarmente se dizia[1]. Em 1762, quando a guerra parecia já inevitavel, institue-se o regimento de artilheria da côrte, e designa-se para seu quartel a torre de S. Julião. Extinguem-se ao mesmo tempo os corpos irregulares chamados *pés de castello, presidios* e *troço* de artilheiros, que até áquelle tempo ministravam as guarnições para as fortalezas nas cercanias de Lisboa, e para os navios da armada. São abolidos a final os postos, ou mais propriamente os officios de condestaveis móres, de condestaveis e sota-condestaveis, que passam respectivamente a chamar-se alferes, sargentos de numero e sargentos supras. O novo regimento é composto de dois batalhões de setecentas e vinte praças cada um, inclusos os officiaes. O batalhão reparte-se em doze companhias de sessenta homens.

Assim acaba em Portugal a velha e anachronica organisação da artilheria para dar logar aos primeiros rudimentos da sua moderna constituição. Esta arma deixa de cifrar-se em um simples mister mechanico, para começar a converter-se n'uma profissão illuminada pela sciencia. O legislador comprehende que a artilheria, pela extrema complicação do seu serviço, não póde confiar-se a um pessoal unicamente dirigido pela pratica desajudada de toda a luz intellectual e scientifica. Apparecem então consignadas na legislação as habilitações especiaes adquiridas nas escolas e comprovadas por exames para o accesso aos postos de official. Institue-se em S. Julião uma aula profissional regida no regimento pelo tenente coronel ou pelo sargento-mór[2]. Os progressos da instrucção theorica e pratica, e a harmonia essencial entre estas duas fórmas de technismo, preoccupam vivamente o legislador, zeloso de levantar do seu degradante abatimento a arma de artilheria, em que elle confessa residir principalmente a força das mo-

[1] Decreto de 26 de julho de 1757.

[2] Alvará de 9 de abril de 1762. O legislador escreve: «Constando a irregularidade com que se faz o serviço da artilheria no presidio do castello de S. Jorge, Beirolas, fortalezas da marinha e barra de Lisboa, guarnições d'ellas e das naus, onde os officiaes e soldados se empregam na fórma antiga de *pé de castello e troço, achando-se esses militares n'um estado equivoco entre militares e paizanos...*»

narchias. É por isso que Sebastião de Carvalho não descontinua em promulgar as providencias, com que possa ter na sua arma predilecta soldados experientes e illuminados officiaes[1]. Determinava em primeiro logar que a artilheria se organisasse em tres regimentos, cada um dos quaes haveria de ter doze companhias de sessenta praças, incluidos os officiaes[2]. E logo, não satisfeito com a primeira organisação, que era apenas um bosquejo, procura aperfeiçoal-a por uma nova e mais completa legislação. A artilheria continua a ser officialmente proclamada a primeira arma dos exercitos, pelo seu caracter essencialmente scientifico e pela sua importancia incontestavel nos sitios e nas batalhas[3]. É definitivamente organisada em quatro regimentos, um dos quaes continua a ter o seu quartel em S. Julião da Barra, o outro se estabelece no Alemtejo, o terceiro no Algarve e o ultimo no Porto. Cada regimento é composto de doze companhias, entre as quaes tres são graduadas, a de bombeiros, a de mineiros, a de pontoneiros. Estatue-se n'esta nova legislação que os officiaes haveriam de ser gradualmente accrescentados nos seus soldos á proporção da sciencia, que adquirissem e podessem comprovar em seus exames. O que se mostrasse perfeito official e largamente conhecedor de todas as obrigações do artilheiro teria dobrado soldo. A promoção por antiguidade era abolida n'uma arma, onde a aptidão se não póde medir exactamente pelos annos de serviço. Todos os postos nos regimentos de artilheria haveriam de ser providos precedendo exames de opposição ou de concurso. Em cada regimento era instituida uma aula, onde se professassem as mathematicas e as suas applicações á artilheria, e ordenava-se que fosse regida por um dos mais peritos officiaes. Determinava-se

[1] Decreto de 30 de julho de 1762, restringindo em extremo as passagens dos officiaes e soldados de artilheria para as outras armas do exercito, e favorecendo que d'ellas transitem para a artilheria os soldados qualificados por exames nas aulas regimentaes.

[2] Decreto de 10 de maio de 1763.

[3] Alvará de 15 de julho de 1763. N'elle escreve o legislador: «... por ser esta profissão da artilheria, a interessante arte de que se tem feito dependente a maior parte da força dos exercitos».

o plano dos estudos, e prescreviam-se as obras, que deveriam adoptar-se como livros de texto ou de consulta. Decretavam-se instrucções para que fossem frequentes e methodicos os exercicios praticos da arma.

A nova organisação da artilheria fôra innegavelmente um progresso inestimavel, se a letra dos decretos e alvarás não caísse brevemente em esquecimento ou em desuso. Tão fatal era o saírem estereis e frustradas as melhores instituições militares em Portugal, que, sendo apenas decorridos breves annos, já o reformador era obrigado a acudir com uma nova lei á decadente condição da sua arma predilecta. É em 1766 que Sebastião de Carvalho põe o ultimo remate á sua legislação ácerca da artilheria. Cada regimento é composto de doze companhias, das quaes tres são graduadas, a de bombeiros, a de mineiros, a de artifices. Os officiaes de cada uma são o capitão, o primeiro tenente, o segundo tenente[1]. A ultima alteração legislada pelo marquez de Pombal na força dos regimentos consistiu em acrescentar em 1776 mais vinte praças a cada uma das companhias[2]. O marechal general conde de Lippe não omittiu uma só recommendação, uma unica diligencia para que a instrucção e o serviço da artilheria portugueza subisse ao nivel, em que estava nos exercitos das mais cultas potencias militares. A sciencia, o *espirito geometrico*, em que desejava fossem exemplares os officiaes de artilheria, tinha, porém, contra si o amor da velha tradição e o nativo desdem pela theo-

[1] Na companhia de mineiros comprehendem-se, alem dos officiaes, officiaes inferiores e cabos de esquadra, vinte e cinco mineiros e vinte e cinco sapadores, e d'esta maneira apparecem pela vez primeira encorporadas em esboço nos regimentos de artilheria as tropas de engenheria. Na companhia de bombeiros instituem-se seis artifices de fogo. A companhia dos artifices deveria constar de vinte e seis operarios, e vinte e quatro pontoneiros. O regimento, incluindo o estado maior e menor, com um coronel, um tenente coronel, um sargento mór, tendo cada um d'elles a sua companhia especial, um capellão, um auditor, um ajudante, um quartel mestre, um cirurgião mór, quatro ajudantes do cirurgião, um tambor mór e um preboste, numerava setecentas quarenta e nove praças. Alvará de 4 de junho de 1766.

[2] Alvará de 29 de agosto de 1776.

ria. A *pratica cega e imitatoria* que, segundo o illustre general, haveria de ter sempre sectarios numerosos e impenitentes, conseguiu baldar em grande parte os seus esforços e rebaixar de novo a artilheria á condição d'onde o illustre general se empenhára em a tirar [1].

O conde de Lippe, apesar do zêlo com que buscou organisar e disciplinar o exercito portuguez, não pôde gloriar-se justamente de haver levado a cabo a sua empreza. Quando já restituido ao seu pequeno condado, ainda por muitos annos esteve, desde a sua residencia de Buckburg, velando cuidadoso por que se não perdesse a obra começada, e em cartas, em memorias e instrucções dirigidas a Portugal, continuou a interessar-se vivamente pelo seu systema militar e defensivo. Durante a sua estancia n'este paiz o exercito acrescentou-se em instrucção e disciplina. Póde affirmar-se com verdade que sómente durante os breves annos do commando exercido immediatamente pelo conde de Lippe, o exercito prosperou e floresceu, e se egualou ás boas tropas européas [2].

Em 1767, no acampamento dos Olhos de Agua, junto a Palmella, as tropas reunidas em numero de quatro brigadas de infanteria e duas de cavallaria, mostraram pela toleravel exacção das suas manobras e pela regularidade no serviço de campanha, que ainda permanecia em certa maneira o espirito militar influido no exercito pelo seu diligente reformador [3].

[1] «Convem entreter quanto é possivel n'este corpo o espirito geometrico... uma pura *pratica cega e imitatoria não deixará de ter sempre grande numero de partidistas.*» *Pro-memoria do conde de Lippe a respeito de uma differença de opinião na aula de artilheria de S. Julião da Barra*. Buckburg, 14 de fevereiro de 1771.

[2] Em 1764 o agente diplomatico francez escrevia ao seu governo que as tropas de Portugal andavam bem fardadas, bem pagas, e optimamente exercitadas, depois que estavam sob o commando do conde de Lippe. Officio de Saint-Priest ao duque de Choiseul de 24 de janeiro de 1764. *Quadro elementar*, VII, pag. 100. No despacho de 18 de dezembro de 1764 escrevia o duque de Choiseul a Saint-Priest que o estado do exercito fazia o elogio do rei, do ministerio e dos officiaes superiores. *Quadro elementar*, VII, pag. 156.

[3] No campo de manobras dos Olhos de Agua reuniram-se doze regimentos de infanteria, seis de cavallaria e o regimento de voluntarios leaes, verdadeira legião composta de duas armas. As manobras foram execu-

A verdade é porém, que a ausencia do conde de Lippe determinou que depressa os negocios militares descaíssem novamente em Portugal. Os antigos abusos renasceram com grande intensidade. Affrouxou outra vez a disciplina. Sebastião de Carvalho, attrahido por gravissimas questões de estado, esqueceu-se do vigor e actividade, com que nas vesperas da guerra soubera melhorar a força defensiva da nação. As leis deixaram de cumprir-se. Ainda que o principio prussiano da antiguidade, como fundamento e regra geral da promoção, excepto na artilheria, estivesse decretado, o favor e a valia continuam a decidir soberanamente do provimento dos postos militares [1]. Os officiaes transitam com a maior facilidade e frequencia de uma para outra arma, como se entre ellas não houvesse essencial separação. Os simples soldados são de um salto promovidos a capitães, os capitães a coroneis. Não é raro depararem-se officiaes que, por mingua de protecção no paço ou nos gabinetes dos poderosos, envelhecem nos postos inferiores, e continuam nas fileiras decrepitos ou invalidos. Os officiaes de pequenos postos, principalmente na infanteria, não era pouco frequente deslustrarem a sua dignidade, fazendo-se familiares e clientes dos fidalgos e senhores, elevados antes pelo nascimento, que pelo merito, aos mais eminentes graus da hierarchia militar. E emquanto foi attribuição dos coroneis o nomearem ou proporem os capitães dos seus regimentos, e dos capitães o designarem a seu talante os subalternos, parece demonstrado que muitos dos homens, que serviam nas casas dos magnates, eram por elles condecorados com as insignias de official. E porque o serviço irregular e desleixado, como era, não requeria a presença quotidiana dos officiaes junto de suas bandeiras, cursavam muitos d'elles as grandes casas titulares, fazendo officios que desluziam, quan-

tadas a datar de 24 de novembro de 1767. *Copia de uma carta, que um amigo militar escreveu a outro, dando-lhe conta diariamente do que se passou em o acampamento, etc.* Por Gonçalo Jireidiero Ganzeas (pseudonymo). Lisboa, 1768. «Some of the great manœuvres were tolerably executed.» Costigan, *Sketches*, I, pag. 234.

[1] *Regulamento para o exercicio e disciplina dos regimentos de infanteria*, cap. XIII, n.º 2.

do não infamavam, o uniforme. Todos os extrangeiros, que por aquelles tempos publicaram a narração das suas viagens em Portugal, são contestes em affirmar não ser mui raro o ver officiaes fazendo mister de famulos nas familias da nobreza, e abatendo a propria degradação e a affronta do seu posto até á derradeira abjecção [1].

N'um documento official irrecusavel apparece consignada uma disposição, que torna manifesto serem antes do governo de Pombal mui pouco zelosos dos seus brios alguns officiaes. O regulamento de 1763 confere-lhes a nobreza, embora hajam saído do estado mechanico e plebeu, e recommenda-lhes expressamente que só tratem de obter o adiantamento pelo rigoroso cumprimento dos seus deveres e não servindo e cortejando os superiores, e gastando em obrigações de cortezãos e aduladores o tempo, que lhes sobra do serviço [2].

[1] Dumouriez, *État présent du royaume de Portugal,* traducção ingleza, liv. III, cap. I. «The officers of these troops were servants, who mounted behind the carriages, or served at the tables of their masters, when they were not on duty.»

«Les officiers même de cette armée étaient sans aucune espèce de considération. C'étaient les domestiques, les valets des officiers supérieurs, qui servaient de majors, de capitaines, de lieutenants, et qui malgré l'uniforme dont ils étaient revêtus continuaient à servir leurs maîtres et à les suivre dehors.» Duc de Châtelet, *Voyage en Portugal,* II, pag. 4.

O duque de Châtelet, que viajava em Portugal no ultimo quartel do seculo XVIII, refere uma anecdota singular a este respeito. O conde de Lippe, refere Châtelet, jantando um dia em casa do general conde dos Arcos e vendo a servir á mesa do grande aristocrata um capitão de cavallaria de Alcantara, se recusára com indignação a tomar parte no banquete, emquanto o misero official não fosse tambem um dos convivas. Correu-se o conde dos Arcos, e logo o capitão tomou logar entre o general portuguez e o allemão. Esta anecdota é manifestamente falsa ou desfigurado o seu assumpto. Os capitães de cavallos eram n'aquelle tempo escolhidos entre pessoas de nobreza esclarecida e mal se compadece com esta condição a de exercerem misteres servis, em casa de outros fidalgos, embora mui eminentes por titulos e posição na côrte e no exercito. Châtelet, *Voyage en Portugal,* II, pag. 30.

[2] «Todo o official de patente assignada pela real mão, será reputado nobre e não poderá exercitar alguma especie de emprego, nem fazer outro algum serviço, que não seja o serviço real... E se succeder que algum official envileça e desacredite o seu posto por um procedimento contrario a esta disposição, será expulso e declarado indigno de servir nos exercitos de sua magestade.» *Regulamento de infanteria,* cap. XIII, n.º 7.

A condição dos soldados torna a approximar-se á que existia nos annos derradeiros de D. João V. Os uniformes não renovados nos periodos legaes, mal deixam perceber ao cabo de longos annos, que debaixo da sua miseravel apparencia possa esconder-se um galhardo e brioso militar[1]. Todos os testemunhos são conformes em attestar que nos ultimos annos do reinado de D. José o exercito havia quasi retrocedido ao estado, em que jazêra em tempos do seu predecessor. A tal extremo havia chegado a indisciplina e dissolução dos vinculos militares, que em 1772 o marquez de Pombal se viu forçado a comminar a pena ultima e a privação do fôro privativo contra os soldados que, reunidos em grossas partidas, ousavam em Lisboa resistir com as armas na mão ás justiças, quando intentavam cohibir os contrabandos[2].

Os soldados, coagidos pela miseria, incorriam necessariamente nas mais graves infracções da boa ordem. O major inglez Dalrymple, que viajava em Portugal em 1774, escrevia não ter visto nunca em parte alguma tropas similhantes ás portuguezas, pela triste condição em que as deixavam miseravelmente definhar[3].

Nos primeiros annos do reinado de D. Maria I não descontinuou a degradação, a que pelo desleixo e esquecimento dos governos estavam condemnadas as tropas em Portugal. As primeiras providencias militares, com que a piedosa rainha procura acudir á triste condição do seu exercito, denunciam desde logo a feição proeminente da nova administração. A

[1] Escrevendo em 1766 ao seu governo o ministro de França em Lisboa, Saint-Priest, informava que as tropas de Portugal ainda continuavam a ser pagas, porémj á principiava a faltar-se-lhes com o fardamento e com as recrutas, e que o exercito entrava novamente em decadencia. Officio de Saint-Priest ao duque de Choiseul de 7 de maio de 1766. *Quadro elementar*, VII, pag. 205.

[2] Alvará de 14 de fevereiro de 1772.

[3] Dalrymple, *Voyage en Espagne et en Portugal dans l'année*, 1774, París, 1783, pag. 163-164. Este official, que aliás reconhecia no soldado portuguez todos os mais excellentes predicados militares, escrevia a respeito das tropas, que víra em Vianna: «Les habits sont troués, leurs armes sont rouillées, l'équipement est sâle et déchiré.» Dalrymple, *Voyage*, pag. 165.

poucos dias de coroada ordena a soberana que se reze o terço indefectivelmente nas guardas e nos quarteis, e que se façam escrupulosamente as honras militares aos prelados diocesanos[1]. Até á revolução franceza o exercito portuguez caminha com uma enorme acceleração para o seu derradeiro abatimento. Preside nominalmente aos negocios da guerra um ministro de tão duvidosa competencia e de tão debil energia, qual era Ayres de Sá e Mello. A historia militar não regista um unico facto d'onde se possa colligir que a acção governativa se preoccupa com a reformação e melhoria do systema defensivo portuguez. É preciso chegar aos tempos em que Luiz Pinto de Sousa começa a dirigir os negocios militares, para descobrir que a attenção ministerial procura conhecer e remediar as lamentaveis circumstancias do exercito. Seguindo a norma invariavelmente observada em Portugal, é só na probabilidade ou no prospecto de um proximo conflicto, que o poder se lembra de que uma força publica toleravelmente organisada não é uma superflua ostentação.

[1] Aviso do ministro da guerra Ayres de Sá e Mello ao governador das armas do Alemtejo de 28 de junho de 1777.

CAPITULO II

A DIVISÃO AUXILIAR

Resolvida a participação de Portugal na guerra empenhada entre a Hespanha e a republica franceza, deu-se pressa o governo portuguez em ordenar que se apercebesse como auxiliar ás armas hespanholas uma divisão composta unicamente de infanteria e de algumas bôcas de fogo.

Não haviam as tropas nacionaes tido frequentes exercicios, e ainda menos se tinham continuado os simulacros de grande tactica, de que fôra bom exemplo o campo da Porcalhota em 1790. Julgou o governo conveniente exercitar sequer por breve tempo alguns regimentos nas manobras de corpos reunidos em divisão e ordenou que na charneca de Cintra se formasse um acampamento. Antes de meado o mez de junho de 1793 já as tropas manobravam na posição designada. Constavam de seis regimentos de infanteria, dois de cavallaria, e de bôcas de fogo em numero proporcionado. Commandava o acampamento o marquez das Minas, recentemente promovido a tenente general e escolhido para chefe do pequeno exercito auxiliar á corôa de Hespanha.

Era seu ajudante general o coronel de cavallaria conde de Assumar. Servia de general da infanteria o marechal de

campo D. Francisco Xavier de Noronha e de general de cavallaria o marechal de campo João Forbes Skellater. O coronel engenheiro José de Moraes d'Antas Machado exercia as funcções de quartel mestre general. Após algumas semanas de exercicios para adextrar as tropas nos serviços de campanha levantou-se a 3 de julho o acampamento, aonde o principe D. João fôra muitas vezes presenciar as manobras e os trabalhos.

Logo no arsenal do exercito principiaram grandes fainas para prover do que lhe era necessario a divisão auxiliar. Com tanto maior diligencia se proseguiram, quanto era o desleixo indesculpavel, com que até áquelle tempo se haviam deixado correr os negocios militares na doce e enganosa perspectiva de uma paz inalteravel.

No anno de 1793, em que se apercebia a expedição, o exercito portuguez estava longe de responder pela sua organisação, pela sua disciplina e pelo seu numero ás condições, que tornam a guerra desejavel ou possivel com prospecto de bom exito. Eram vinte e cinco os regimentos de infanteria. Estanciavam em differentes guarnições na Extremadura oito corpos, em que estavam comprehendidos os dois regimentos da armada. No Alemtejo havia seis regimentos. Dois corpos de infanteria guarneciam a Algarve. As provincias da Beira, do Minho e Traz os Montes contavam cada uma dois regimentos. Na circumscripção militar, que então se apellidava o partido do Porto, serviam os dois regimentos, que d'aquella cidade haviam tomado a sua denominação [1].

[1] Os regimentos que estavam na côrte e na Extremadura eram o de Cascaes, o de Freire, o de Lencastre, o de Lippe, o de Peniche, o de Setu bal, numerando ao todo cinco mil oitocentos sessenta e seis praças. No Alemtejo havia o primeiro e o segundo regimento de Elvas, o primeiro e o segundo de Olivença, o de Castello de Vide e o de Serpa, com a força total de cinco mil sessenta e uma praças. No Algarve existiam os regimentos de Lagos e de Faro, perfazendo ambos juntos mil quatrocentos noventa e tres homens. Na Beira estavam de guarnição os regimentos de Almeida e de Penamacor, contando ao todo mil quatrocentas oitenta e sete praças. No Minho existiam os de Valença e Monsão com egual numero de praças effectivas. No partido do Porto contavam-se o primeiro e o segundo regimento d'esta denominação com mil quatrocentas e qua-

Compunha-se a divisão auxiliar de seis regimentos de infanteria e de uma brigada de artilheria. O commando de toda a divisão fôra primitivamente conferido ao tenente general marquez das Minas. As suas enfermidades lhe tolheram o ir continuar em Hespanha as tradições do seu illustre avoengo, general do exercito portuguez na guerra da successão. Para substituir o marquez das Minas foi nomeado o marechal de campo João Forbes de Skellater, official escocez de boa reputação, que desde a campanha de 1762 servia honradamente em Portugal. E para dar maior importancia ao seu commando conferiu-lhe o governo a graduação de tenente general. Ainda que era por extremo diminuta a força da pequena divisão, hyperbolicamente então appellidada o *exercito auxiliar*, deu-se-lhe por maior lustre e galhardia um numeroso estado maior.

Os marechaes de campo D. Francisco Xavier de Noronha e D. Antonio Soares de Noronha exerciam as funcções do que então se chamava os *generaes da linha*. O estado maior general era como se vê luxuosamente desproporcionado a tão escasso numero de tropas.

Repartiu-se a divisão em tres brigadas. O marechal de campo graduado D. João Correia de Sá teve o commando da primeira, e da segunda foi nomeado commandante o marechal de campo graduado José Correia de Mello. A terceira brigada deveria ser eventualmente constituida pelas doze companhias de granadeiros dos seis regimentos e não se lhe designou desde logo chefe especial.

Os regimentos destinados á expedição tinham grande falta de soldados, com que perfizessem o seu estado completo. Dos regimentos de Lippe, de Lencastre, primeiro de Elvas, Serpa, Setubal e Castello de Vide se ordenou que passassem aos seis da expedição seiscentas e cincoenta praças. O contingente pedido ao regimento de Lippe constava de cento e cincoenta

tro praças. Em Traz os Montes finalmente o regimento de Chaves e o segundo de Bragança com mil quatrocentas oitenta e nove praças. Mappa da força da infanteria no 1.º de janeiro de 1793, assignado pelo marechal de campo conde de Oeynhausen, inspector da infanteria.

homens, e eram de cem os dos outros corpos. Ficavam assim por tal fórma desfalcados, que logo foi indispensavel reduzir na capital o serviço da guarnição.

Os soldados, que haviam de vir dos outros corpos, deveriam ser, quando possivel, voluntariamente offerecidos para a campanha. Em caso algum se receberiam os que tivessem nota de deserção.

O effeito produzido nas fileiras pela organisação de um corpo expedicionario havia sido por um lado nos militares briosos o pedirem com instancia que os admittissem á honra de arriscarem suas vidas na guerra, de que havia largos annos viviam inexperientes e deslembrados e por outra parte provocar a uma numerosa deserção os soldados mais impacientes do jugo militar, e mal dispostos a affrontar longe da patria uma campanha e por uma causa, que na commum opinião não alcançára fóros de popular.

Em alguns regimentos era consideravel a proporção dos militares, que se offereciam e o numero dos que estavam presentes debaixo das bandeiras. Assim no regimento commandado pelo marechal de campo escocez John Mac Intire, que apenas tinha menos de trezentos homens então promptos, cerca de cem pediram participar nos perigos e nas glorias da expedição. Dos cadetes, a quem estimulava a nobreza e distincção da sua classe, nem um só deixou de solicitar o ser encorporado na divisão auxiliar. Muitos dos militares, que do regimento de Setubal e dos regimentos de Serpa e Castello de Vide se tinham offerecido, foram mandados engrossar os regimentos de Freire e de Peniche.

A força total da infanteria em Portugal era de cerca de vinte mil praças incluindo os officiaes. E eram por aquelle tempo tão frouxos os vinculos da disciplina, tão pouco venerado o sacramento militar, tão desarraigado nas multidões o amor da profissão, e tão miseravel a condição do soldado, que a deserção habitual inutilisava em grande parte o que os vexames e oppressões do recrutamento podiam annual-

[1] *Gazeta de Lisboa*, primeiro supplemento ao n.º 34, de 1793.

mente acrescentar á força effectiva do exercito. Sómente na infanteria o numero dos desertores ascendia em principios de 1793 a cerca de treze mil.

Nos corpos destinados á expedição havia muitos officiaes, que pelos seus provectos annos e achaques mal poderiam soffrer as marchas e os trabalhos de uma campanha de inverno em região tão desabrida como os Pyreneus. Nem menos de vinte e oito officiaes dos regimentos de Freire, de Cascaes, primeiro e segundo do Porto foram aggregados por incapazes a varios corpos, que deviam ficar em Portugal [1].

Uma grande promoção preencheu os postos vagos nas tropas destinadas á expedição. Cerca de cento e cincoenta officiaes ascenderam como effectivos ou graduados aos postos immediatamente superiores.

A munificencia do principe regente quiz remunerar com antecipação os serviços futuros aos principaes e aos mais nobres officiaes da expedição. O marechal de campo Correia de Sá teve a mercê da segunda vida na commenda de S. Thomé de Travassos e a alcaidaria mór de Benavilla. O general Forbes, os marechaes de campo D. Francisco Xavier de Noronha, D. Antonio de Noronha e José Correia de Mello receberam commendas da ordem de Aviz.

Muitos dos numerosos desertores dos regimentos portuguezes haviam-se ausentado para Hespanha, onde n'aquelle tempo era costume receberem-n'os por soldados nas tropas castelhanas. Decretou o governo de Lisboa, com o intento de acrescentar a força da divisão, um indulto geral para todos aquelles militares, comtanto que em Hespanha se apresentassem a algum dos corpos da expedição [1].

E apesar d'estas previdentes disposições, era tão velho e obstinado o costume de que soldados e officiaes nos postos inferiores da hierarchia subsistissem nas fileiras em edades avançadas, que nos proprios regimentos destinados á expedição era frequente depararem-se capitães e subalternos mal accommodados por seus annos á mobilidade, ás privações e ás

[1] Decreto de 13 de setembro de 1793, *Gazeta de Lisboa*, n.º 38, 17 de setembro de 1793.

fadigas de um exercito em campanha. Contavam-se n'estes corpos tenentes e alferes com perto de cincoenta annos[1]. Um grandissimo numero das praças de pret haviam encanecido sob as armas, e chegados a annos já provectos continuavam a servir nominalmente nos seus regimentos. Para avaliar exactamente a situação das tropas regulares e a sua capacidade physica para a guerra, basta por exemplo rememorar que o regimento de artilheria de Faro, apesar de reduzido a força diminuta, contava nas suas fileiras cerca de cento e cincoenta praças inteiramente incapazes de serviço por velhice e decrepitude ou incuraveis enfermidades[2]. Nos dois regimentos da armada, considerados officialmente como entre os mais graduados corpos de infanteria, existiam praças numerosas, que serviam desde mais de quarenta annos[3]. O coronel do regimento de artilheria de Faro, escrevia por aquelle tempo, que depois de haver apurado os melhores soldados para se encorporarem na brigada de artilheria destinada á expedição, toda ou a maior parte da gente, que lhe ficára, «era um composto de velhos e estropeados, de doentes, e de creanças... indignos de terem o titulo distincto de soldados artilheiros[4]». Segundo informava pontualmente o conde de Valle de Reis, governador e capitão general do reino do Algarve, não podia ser mais lastimosa e miseravel a condição do regimento de artilheria. Depois de encarecer a ausencia completa de regular administração e contabilidade, referia que eram rotos e indecorosos os uniformes dos officiaes e dos soldados, e cada um os apresentava com as cores, que lhes apraziam, ou lhes permittia a sua miseria. Era

[1] Vejam-se as propostas de promoção e de reforma enviadas ao governo pelos commandantes dos regimentos primeiro e segundo do Porto, e primeiro de Olivença. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Officio do conde de Valle de Reis, capitão general do Algarve ao ministro da guerra, 15 de setembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[3] Mappas das praças incapazes nos dois regimentos da armada, 9 de abril de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[4] Officio do coronel José Nunes da Costa Cardoso, em agosto de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

tão velho e deteriorado o armamento que a maior parte das espingardas eram totalmente incapazes de serviço [1].

Com tão desfavoraveis elementos não é difficil adivinhar quanto esforço e diligencia seria necessario despender para organisar plausivelmente a pequena divisão. O governo concentrou sobre este ponto fundamental todos os seus cuidados e attenções da ultima hora. Trabalhou-se activamente no arsenal. Conseguiu-se o elevar a uma força rasoavel o effectivo dos seis corpos destinados á expedição. Distribuiram-se por elles novos armamentos. As espingardas, todas compradas em Liège, tinham porém o defeito capital de que em muitas d'ellas os cartuchos não eram accommodados ao adarme [2].

O material, com que ía apercebida a expedição, quanto a bôcas de fogo, a material e munições, a artigos de acampamento, a ferramentas e utensilios para o serviço de engenheria, longe de ser diminuto e taxado avaramente, era pelo contrario tão numeroso, que desde a Catalunha se queixava pouco depois o general Forbes Skellater da sua exuberancia e profusão [3]. E a que fosse completo e numeroso o trem da expedição não obstou um incendio consideravel que em junho de 1793 veiu demorar os trabalhos no arsenal.

Concluidas as tarefas preparatorios, e destinados os navios de guerra e de transporte, que haveriam de levar ao seu destino a divisão, resolveu-se que as tropas se embarcassem a 10 de setembro. Sobrevindo, porém, inconvenientes aprasou-se o embarque para o dia 16, e ordenou-se que estivesse inteiramente concluido a 19.

O general em chefe ía a bordo da nau *S. Sebastião*. Os officiaes do estado maior e os funccionarios civis aggregados ao quartel general distribuiam-se pelos quatro navios de

[1] Officio do conde de Valle de Reis, capitão general do Algarve, ao ministro da guerra, 27 de janeiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Officio de Luiz Pinto ao inspector do arsenal o marechal de campo Bartholomeu da Costa, 8 de agosto de 1793.

[3] Officios de Forbes a Luiz Pinto, a Martinho de Mello, e ao duque de Lafões, no tom. I do registo da correspondencia do general.

guerra, que compunham a divisão naval, destinada a comboiar a expedição.

Íam como voluntarios, dos portuguezes o marquez de Niza e João Gomes da Silva Telles, e dos extrangeiros o duque de Northumberland, official inglez, o principe de Montmorency, filho do duque de Luxembourg. O conde de Châlon, filho do ultimo embaixador de Luiz XVI na côrte de Lisboa, offerecera-se tambem por voluntario, mas por doença não pôde acompanhar a expedição.

O regimento de Cascaes, o primeiro de Olivença, e egualmente a artilheria embarcaram a 16 em Paço de Arcos; em Belem no seguinte dia o regimento de Freire e o de Peniche, e a 18 no mesmo caes os dois regimentos do Porto. Os navios de guerra e os transportes destinados a conduzir as tropas eram a nau *S. José e Mercês*, levando oitocentas praças do regimento de Freire, os navios *Penelope* e *Neptuno*, onde embarcou, por elles distribuido, o regimento de Cascaes, o navio *Polyphemo* e a charrua *Providencia*, em que ía o primeiro regimento de Olivença. O primeiro do Porto era conduzido em duas embarcações mercantes, *Sueco* e *Santos Martyres*. Os navios *Trindade* e *Boa Fé*, pertencentes á praça do Porto, transportavam o segundo regimento d'esta mesma denominação, e os navios, que se chamavam *Mercurio, Olinda* e *Canna Verde*, o regimento de Peniche. O corpo de artilheria embarcou em duas escunas, *Trovoada Pequeno* e *Aguia Lusitana*. Numerava no estado completo oitocentas praças cada um dos corpos de infanteria, á excepção do regimento de Peniche, que subia a novecentas e cincoenta. Todo o pessoal da artilheria constava de seiscentas e cincoenta.

Compunha-se a força naval, destinada a comboiar a expedição, da nau *Medusa*, onde arvorava a sua insignia como commandante geral o chefe de divisão Pedro Mariz de Sousa Sarmento, das naus *Bom Successo, S. Sebastião, S. José e Mercês*, e da fragata *Venus*, de que respectivamente eram chefes os capitães de mar e guerra José Caetano de Lima, John Dilkes, William Gallway, e o capitão de fragata Sampson Mitchell, os tres ultimos todos officiaes britannicos ao serviço

de Portugal. Eram quatorze ao todo os navios de transporte.

Era tal o receio de que ao approximar-se o embarque das tropas expedicionarias crescesse em grau extremo a deserção, que as mais cautelosas providencias se empenharam para a frustrar ou prevenir. O regimento de cavallaria de Evora, então aquartelado em Oeiras, teve o encargo de destacar patrulhas numerosas para que as praças dos regimentos de Cascaes e de Olivença, onde era maior a deserção, não podessem criminosamente afastar-se das bandeiras. Tão debil era geralmente nos soldados portuguezes o fervor e enthusiasmo para ir combater, em nome de uma cega diplomacia, um inimigo de que não sabiam haver-se recebido a menor affronta por parte da sua nação. A custo de grandissimos esforços não chegava a expedição a numerar seis mil homens promptos de ambas as armas e de todas as graduações [1]. A

[1] Toda a força que embarcou effectivamente ascendia escassamente a cinco mil homens. A ordem de batalha de toda a divisão era a seguinte: commandante em chefe, o tenente general graduado João Forbes Skellater; ajudantes de ordens do commandante em chefe o tenente coronel francez Luiz Carlos de Claviére e os sargentos móres graduados Nuno Freire de Andrade, D. Miguel Pereira Forjaz e o capitão de cavallaria Carlos André Harth; primeiro general da linha, o marechal de campo D. Antonio Soares de Noronha, seus ajudantes de ordens, o tenente coronel João Barreiros Garro, e o tenente Lourenço Correia da Gama; segundo general da linha, o marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha, tendo por ajudantes de ordens o coronel D. Antonio de Salles de Noronha, e o capitão graduado Francisco Ventura Rodrigues Velho; ajudante general, o conde de Assumar (depois marquez de Alorna) coronel de cavallaria; quartel mestre general, o coronel de engenheria José de Moraes d'Antas Machado, levando por ajudantes o capitão engenheiro Pedro Celestino Soares, lente substituto da academia de fortificação, e o primeiro tenente engenheiro Paulo José de Barros; auditor geral, o desembargador José Antonio Ribeiro Freire; intendente geral da policia do exercito, Francisco Joaquim de Aguiar, auditor do regimento de Peniche; capellão mór, o beneficiado da egreja patriarchal Nuno Rodrigues da Horta; medicos inspectores do serviço de saude. o dr. João Francisco de Oliveira, e João Manuel Nunes do Valle. Primeira brigada: commandante, o marechal de campo graduado D. João Correia de Sá; major de brigada, o sargento mór do segundo regimento do Porto Florencio José Correia de Mello; ajudante de ordens, o conde de Tarouca, capitão graduado do regimento de Freire. Primeiro regimento de Olivença, coronel João Jacob de Mestral; segundo do Porto, chefe o marechal de campo D. João Correia de

artilheria constava de seis obuzes, duas peças de calibre 6, doze de 3, á rasão de duas por cada regimento de infanteria e mais duas de sobrecelente.

A divisão auxiliar devia operar na fronteira dos Pyreneus, onde então andava já accesa a lucta armada entre a republica franceza e a Hespanha. Quizera a principio o governo hespanhol que das forças de Portugal repartidas em dois corpos um d'elles desembarcasse no porto de Passages, na provincia de Guipuzcoa, e o outro na foz do Ebro, proximo a Tortosa, e se dirigissem ao Aragão e á Navarra, para que podessem d'ali marchar para o theatro da guerra nos Pyreneus occidentaes. Empenhava-se o gabinete de Lisboa em que fossem antes empregadas na parte oriental d'esta cadeia. Mediaram sobre este ponto negociações entre os dois gabinetes peninsulares e vindo finalmente a prevalecer a opinião do ministerio portuguez, accordaram as duas potencias em que a expedição de Portugal formada em um só corpo se dirigisse á Catalunha e assignaram o porto de Rosas como logar do desembarque [1].

As circumstancias, que presidiam á empreza militar, eram

Sá; regimento de Freire, coronel Gomes Freire de Andrade e Castro. Segunda brigada: commandante, o marechal de campo graduado José Correia de Mello, com um major de brigada e um ajudante de ordens. Primeiro regimento do Porto, chefe o marechal de campo José Correia de Mello; Peniche, coronel Antonio Franco de Abreu; Cascaes, coronel o monteiro mór do reino Francisco de Mello de Mendonça da Cunha Menezes, alguns annos depois condecorado com o titulo de conde de Castro Marim. A brigada de granadeiros deveria organisar-se das doze companhias graduadas dos seis corpos de infanteria e teria mais tarde por commandante o coronel Gomes Freire de Andrade. Brigada de artilheria, commandante o sargento mór José Antonio da Rosa, lente da academia de fortificação, artilheria e desenho. Primeira divisão: commandante, o de toda a brigada; ajudante, o capitão graduado do regimento de artilheria de Extremoz, Manuel José Durão Padilha; quartel mestre, o capitão graduado do regimento de artilheria da marinha Caetano José Vaz Parreiras. Segunda divisão: commandante, o sargento mór do regimento de artilheria da côrte, Antonio Teixeira Rebello. A 20 de setembro de 1793, cerca das quatro horas da tarde, largaram do Tejo e saíram barra em fóra os navios, que a seu bordo conduziam a expedição.

[1] Officios de Luiz Pinto ao embaixador portuguez em Madrid, D. Diogo de Noronha, 2 de julho e 10 de agosto de 1793. Archivo dos negocios extrangeiros.

pouco favoraveis e abonadoras de exito seguro: a estação pouco propicia para navegar no Mediterraneo, os navios de transporte escassos, ruins, desaccommodados ao alojamento de tropas pouco afeitas a fadigas e trabalhos, as provisões insufficientes, a previdencia do governo improporcionada ao que requeria tão desusada operação, qual a de conduzir uma divisão com um immenso material a um ponto mui distante de Lisboa.

A viagem foi dilatadissima, cortada de pequenos incidentes adversos e denunciadores de pouca sollicitude no aprestar e prover a expedição.

Até á altura da serra de Monchique os navios foram todos navegando de conserva. Começava-se já então a padecer em alguns dos navios de transporte os effeitos de aguada pouco salubre. Com cinco dias de viagem, a 26 de setembro, estavam os navios á altura do cabo de Espartel, promontorio septentrional da Africa junto ao estreito de Gibraltar. Duas naus hespanholas vieram encorporar-se no comboi de Portugal. A 27 tendo o vento refrescado, quasi todos os navios se alongaram uns dos outros, avistando-se apenas a nau *Medusa*, a *Bom Successo* e um unico transporte. Os ventos contrarios alternando com as calmarias determinaram que a expedição estivesse muitos dias á vista do cabo de Espartel sem que fosse possivel dobral-o promptamente.

Sómente no 1.º de outubro a esquadra amanhecia a leste de Gibraltar. Alli desembarcou o general em chefe e se avistou com o tenente general Boyde, commandante das tropas britannicas na praça. Apercebiam-se áquella sasão em Gibraltar dois regimentos da sua guarnição destinados a Toulon, que os realistas francezes haviam entregado ás forças inglezas. Alli davam começo as tropas da Convenção a um sitio memoravel, onde a fortuna principiou a favorecer a Bonaparte, então simples official de artilheria, e mais tarde o arbitro supremo da tiara e das corôas européas. Em Gibraltar apontou o general Boyde ao chefe das forças portuguezas quanto seria mais urgente e efficaz do que soccorrer a Catalunha, o irem as tropas de Portugal engrossar a guarnição da

cidade rebellada contra o jugo da Convenção[1]. Tomados alguns refrescos em Gibraltar, fez-se logo de véla a expedição, e indo quasi sempre seguindo a costa hespanhola no Mediterraneo, avistou successivamente as povoações littoraes de Fuengirola, Velez, Malaga, Motril e Almeria, a cuja vista navegava a esquadra a 14 de outubro.

Os ventos escassos ou adversos haviam feito alongar extremamente a viagem da expedição, e os effeitos d'esta longa navegação já se íam padecendo pela escassez de agua e provisões. Em alguns dos navios de transporte estavam já as tropas reduzidas a um quartilho de agua só por dia. Os viveres egualmente escasseavam a ponto de que nem para os doentes, já então numerosos na esquadra, havia com que os prover e confortar[2].

Para acudir ás precisões da expedição o commandante em chefe da esquadra teve por bom conselho endireitar o rumo a porto melhor provido, depois que os navios se tinham demorado quatro dias no de Almeria. A 27 de outubro ancoravam os navios da expedição na bahia de Carthagena. A demora n'esta cidade remediou em certa maneira a penuria, em que até ali tinham vivido as tropas da expedição.

O chefe Mariz Sarmento determinou que para facilidade na viagem e no desembarque o comboi saísse de Carthagena em tres distinctas divisões. A 5 de novembro fazia-se á véla a primeira composta de cinco navios de transporte, comboiados por duas naus hespanholas. A segunda divisão constituida pela nau *S. Sebastião*, em que ía o general em chefe, e pela charrua *Principe da Beira* e *Santo Antonio Providen-*

[1] Officio do general Forbes a Luiz Pinto, narrando a viagem da expedição, 14 de outubro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[2] N'um officio dirigido ao general Forbes a 21 de outubro de 1793 escrevia o commandante interino do regimento de Freire, o tenente coronel Nicolau Joaquim de Caria, que o estado do seu regimento em a nau *S. José e Mercês* era lastimoso, que não havia agua, que os doentes de molestias agudas eram trinta e seis, deitados em esteiras rotas e desfeitas, e inteiramente desamparados de alimentos e de remedios. Archivo do ministerio da guerra. Tal era n'aquelles aureos tempos da monarchia os cuidados, que mereciam ao poder os pobres soldados, que a insensatez dos governantes enviavam em soccorro da Hespanha.

cia, desaferrou do porto de Carthagena a 6 de novembro. A terceira divisão composta das naus *Medusa* e *S. José e Mercês*, da fragata *Venus* e das restantes embarcações de transporte, saía a 7 de novembro, sob o commando immediato do chefe de divisão Mariz Sarmento. A 10, logo de manhã, avistava-se o cabo S. Sebastião, a tres leguas ao sul de Rosas, e ás tres horas da tarde fundeava a primeira divisão n'aquelle porto, onde já se viam ancorados os navios, que não tinham entrado em Carthagena. Logo veiu a bordo da nau *S. Sebastião* a comprimentar o general Forbes o capitão D. Felix Colon, ajudante de campo do tenente general Ricardos, commandante em chefe do exèrcito hespanhol nos Pyreneus orientaes. Trazia uma carta d'este general para o chefe portuguez, de quem um commissario de guerra vinha na mesma occasião receber as ordens, que para o desembarque e provimento das tropas auxiliares se haveriam de executar [1].

Conferiu Forbes no mesmo dia com D. Thomás Morla, quartel mestre general do exercito hespanhol, sobre a immediata participação das tropas de Portugal nas operações já começadas. O recebimento, com que os hespanhoes acolheram a principio os portuguezes foi cordial e accommodado a augurar uma boa intelligencia entre os officiaes e os soldados de uma e outra nação peninsular. Bem depressa, porém, se desvaneceram as esperanças de mutua confiança e de boa e generosa hospitalidade.

Antes de relatarmos as marchas, as posições e os combates das forças portuguezas ao serviço da Hespanha, cumpre que digamos qual era a situação das operações entre os francezes e os hespanhoes, ao chegar ao porto de Rosas a divisão auxiliar.

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, Rosas 10 de novembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

CAPITULO III

AS OPERAÇÕES DOS HESPANHOES NOS PYRENEUS

Declarada a guerra pela França a Carlos IV, decretou a Convenção nacional a formação de um exercito de cem mil homens com a denominação de *Exercito dos Pyreneus*. Eram, porém, tão difficeis as circumstancias da republica, tendo a combater em todas as fronteiras contra as principaes potencias européas, que não era exequivel converter em effectiva realidade o exercito decretado pela Convenção. Era então grande a penuria de armamentos, de cavallos, de munições e não menos de soldados, já então empenhados principalmente em oppor-se á invasão de austriacos e prussianos. Das forças republicanas colligidas contra a Hespanha uma divisão fôra destinada a guardar e defender os Pyreneus occidentaes, e a occupar com tropas diminutas o terreno, que decorre desde o valle de Aran até á margem do Oceano. A divisão franceza escassamente numerava oito mil homens, commandados pelo general Duverger, pouco depois substituido pelo general Servan, que pouco antes fôra ministro da guerra. As tropas hespanholas contrapostas ás forças da republica ascendiam a trinta mil homens, com uma numerosa artilheria, e tinham por seu general em chefe a D. Ventura Caro.

Cada um dos dois exercitos occupava n'uma linha mui extensa uma serie de posições de uma e outra parte da fronteira, em sitios asperos e montuosos, accommodados a limitadas e difficeis operações de pequena guerra. Nem um, nem outro dos contendores pela instrucção, pela disciplina, pela experiencia de campanhas antecedentes, podia auspiciar em seu favor algum d'estes grandes successos militares, que nos primeiros dias de uma campanha fazem pender a balança da fortuna para um dos antagonistas. As tropas da republica eram quasi todas levantadas havia pouco. Batalhões de voluntarios organisados por assim dizer na vespera, companhias francas de gente montesina, esforçada, mas alheia aos attributos essenciaes das tropas regulares, constituiam na maxima porção o exercito francez dos Pyreneus.

Apenas dois regimentos de infanteria, um batalhão de caçadores e um regimento de dragões tinham formado parte do antigo exercito francez no tempo da monarchia. Os proprios officiaes e os soldados, que já haviam militado n'essas tropas, nunca haviam tido occasião de affrontar-se com inimigos em campo de batalha. No começo da campanha o exercito francez dos Pyreneus tinha apenas uma escassa artilheria.

A Revolução ainda não brotára do seu seio estes grandes generaes, que á frente dos exercitos francezes haveriam de levar triumphalmente as insignias tricolores na sua marcha pela Europa. Os poucos generaes, que n'esta epocha já tinham reputação, os Hoches e os Jourdans, eram poucos para conter nas fronteiras francezas do Norte e do Oriente as massas invasoras dos austriacos, inglezes, prussianos. As tropas hespanholas eram mais regularmente organisadas e com melhor instrucção e disciplina que as levas republicanas. Os seus generaes, se não privavam por notaveis estrategicos, e se desde mais de trinta annos haviam adormecido no ocio da côrte ou na vida quieta das guarnições, não eram certamente inferiores aos adversarios, saídos improvisamente das fileiras e promovidos rapidamente ás mais altas graduações. A artilheria hespanhola era não sómente numerosa em

extremo grau, mas notavel pela grande perfeição das bôcas de fogo e pela solida instrucção dos artilheiros.

O systema de guerra adoptado pelos francezes e hespanhoes tinha, pois, feições communs e distinguia-se principalmente pelas pequenas operações, pelos saltos e incursões no territorio do inimigo, pelos recontros sem consequencias vantajosas, por um estado quasi permanente de equilibrio entre as duas forças contendentes, apenas perturbado como se fosse por breves oscillações a uma e outra parte da fronteira. A guerra principiou pelo combate de Viella, a 31 de março de 1793. O general Sahuguet penetra no valle de Aran, e occupa com uma columna aquella região. Intentam os hespanhoes disputar o passo ao inimigo. São, porém, obrigados a retirar com alguma perda, deixando nas mãos dos republicanos muitos prisioneiros. Os francezes avançando chegam até Fox e alli sendo mais brava a resistencia do inimigo, executam a retirada sem deixarem de occupar o valle de Aran.

Os hespanhoes, collocados na defensiva contra forças inferiores disseminadas n'uma grande zona de terreno, começavam a campanha sob prosperos auspicios. A 23 de abril de 1793 passavam o Bidassoa, e apossavam-se da montanha de Luiz XIV, onde os francezes tinham uma bateria, e lançavam a confusão e o terror nas tropas republicanas. Reanimados, porém, os soldados da republica pelo esforço e pelo exemplo dos seus mais briosos officiaes, faziam novamente cara ao inimigo e obrigavam-n'o a retroceder ás suas antigas posições ao sul do Bidassoa. O haver-se frustrado o primeiro ataque dos hespanhoes contra os francezes não demoveu de novas e mais bem combinadas operações o general D. Ventura Caro.

Na noite de 30 de abril para o 1.º de maio de 1793, marcharam as tropas hespanholas com o intento de tomarem aos francezes o campo de Sare, situado n'uma altura defronte da aldeia hespanhola de Zagarramurdy. O ataque nocturno foi tão rapido e tão favorecido pela densa escuridão, e era tão descuidado o serviço de segurança no inimigo acampamento, que em breve tempo os hespanhoes d'elle se apoderaram,

desordenando inteiramente as tropas republicanas, e forçando-as a uma difficil retirada. Foi n'esta occasião que se distinguiu notavelmente o capitão Latour d'Auvergne, appellidado o *primeiro granadeiro* dos exercitos francezes. Foi elle quem salvou quatro peças de artilheria prestes a caír em poder do inimigo, e quem, cobrindo a retirada, tornou possivel aos francezes chegarem a Ustariz, onde a ordem se restabeleceu nas suas fileiras. Os aggressores, queimado o acampamento, retrocederam ás antigas posições. A victoria obtida pelo exercito hespanhol, ainda que esteril da minima vantagem estrategica, havia inspirado nas tropas da republica o desanimo e nas povoações francezas da fronteira o sobresalto e o terror. Em Bayona, principalmente, era lastimoso o effeito produzido pelos revezes das armas republicanas. O receio de que os hespanhoes, estimulados pelas primeiras duas victorias, tentassem apoderar-se d'aquella praça, se por um lado acrescentava a inquietação nos habitantes e nos soldados, induzia-os por outra parte a redobrar de esforço e de valor para obstar a que o inimigo se entranhasse victorioso no territorio da republica. O general Servan ordena que se forme o acampamento de Bridart para cobrir a praça de Bayona, e que as tropas francezas desoccupem Andaye e Jolimont, desamparando na desordem e confusão da retirada numerosa artilheria e copiosas munições. As forças francezas eram quasi todas formadas por gente collecticia, com a indisciplina a fermentar-lhe nas fileiras. O general Servan consegue disciplinar e adextrar as tropas do seu commando. Reparte-as em duas divisões. Uma sob as suas ordens immediatas defende o campo entrincheirado de Bidart, a outra commandada pelo general La Genetière occupa Saint-Jean-Pied-de-Port. O primeiro combate, em que as armas francezas alcançam a victoria, é o pequeno recontro com os hespanhoes, que em força mui diminuta haviam occupado sem resistencia o Valle Carlos e n'elle se tinham fortificado. Os francezes conseguem a 23 de maio desalojar o inimigo, que em fuga precipitada deixa em poder do vencedor as armas, as bagagens, e numerosos prisioneiros.

Não quizeram os hespanhoes que o seu brio entibiasse pelo desastre de Valle Carlos. D'este revez se quizeram desquitar pouco depois, atacando impetuosamente as tropas francezas, que occupavam Baygorry e as alturas de Araca na frente d'aquella importante fundição. É para ellas desfavoravel a principio o exito do combate, mas as tropas republicanas, affrontadas e corridas de retrahir o passo diante dos hespanhoes, empenham com melhor fortuna um novo encontro, e carregando o inimigo á baioneta, a arma predilecta e maravilhosa nos exercitos da Revolução, obrigam-n'o a deixar o campo em tumultuoso desbarato.

A fortuna da guerra continuava a repartir alternativamente os seus favores aos dois exercitos n'esta serie de combates, em que o sangue se vertia copioso sem vantagem decidida para nenhum. A 6 de junho o general D. Ventura Caro tenta vindicar a affronta recebida em Baygorry. As armas hespanholas dirigem-se agora contra a posição de Château-Pignon e a favor de um espesso nevoeiro marcham em muitas columnas com o intuito de saltear improvisamente os francezes descuidados. O capitão Moncey, mais tarde levantado á suprema dignidade militar pelo imperador Napoleão, commandava os postos avançados. Advertido pelos tiros dos hespanhoes, dá rebate no seu campo, avisa o general La Genetière, e, carregando o inimigo, consegue no primeiro impeto desbaratal-o, perseguindo-o até á altura de Mendibelza. Volvem em si os hespanhoes, e um corpo numeroso com seis peças de artilheria marcha para oppor-se aos progressos dos francezes. Mas os capitães Moncey e Boudet, resistindo novamente e inutilisando a artilheria de seus contrarios, espalham o assombro e o terror nas suas columnas. Eis que de improviso o nevoeiro se dissipa. Reconhecem os hespanhoes quão diminuta é n'aquelle ponto a força dos francezes. Cobram animo, e auxiliados por uma bateria de quatro peças e dois obuzes, atacam novamente o inimigo, e procuram envolvel-o.

O capitão Moncey faz tocar á retirada, e acolhe-se aos entrincheiramentos, deixando ao inimigo as peças já toma-

das. A posição de Château-Pignon era apenas defendida por soldados bisonhos, recentemente recrutados, ainda extranhos ás praticas da guerra. Os effeitos da artilheria hespanhola lançam n'aquella gente a confusão e o desanimo e a forçam a desamparar Château-Pignon, buscando sua guarida em nova posição, pouco depois tambem abandonada. Uma companhia de granadeiros francezes affronta por largo tempo o ataque impetuoso dos hespanhoes. É em vão que o general La Genetière e Moncey se esforçam por deter na sua fuga os soldados possuidos de terror. As tropas ligeiras hespanholas torneiam a direita do campo e occupam os entrincheiramentos. N'esta refrega fica prisioneiro o proprio general republicano. Os francezes fogem em desordem e sómente se julgam a salvamento quando chegam a Saint-Jean-Pied-de-Port. Os hespanhoes apossam-se de Château-Pignon, mas a victoria é comprada a preço de mil e duzentos homens. As tropas republicanas perdem duas peças de artilheria e trezentas praças fóra de combate.

Os hespanhoes tinham por aquelle tempo alcançando vantagens incontestaveis sobre os seus antagonistas. Depois que os republicanos haviam desamparado a sua posição de Andaye, as tropas castelhanas tinham occupado no territorio francez varios pontos e n'elles estabelecido muitos acampamentos, que se dilatavam ao longo do Oceano e chegavam á montanha de Luiz XIV. Os hespanhoes, que as defendiam, tendo na retaguarda o Bidassoa a separal-os do grosso do seu exercito, offereciam naturalmente ao inimigo propicia occasião de reparar por um brilhante feito de armas o opprobrio dos seus ultimos desastres. Ao terror, que a principio supplantára os brios dos francezes, succedêra a vergonha e a decisão de expiar com uma victoria o desbarato e a fuga ainda recente. O prospecto do territorio patrio, profanado pelas pisadas afrontosas do inimigo, inflammára em novos brios o animo dos soldados republicanos. A certeza de que as forças hespanholas cooperavam com as dos outros alliados para extirpar do solo francez as raizes ainda pouco profundas, que firmavam a liberdade e a republica, o receio de que os seus

adversarios se aprestassem porventura a partilhar na desmembração da França, influia no exercito francez dos Pyreneus, como nos que operavam em outras fronteiras, esta heroica fortaleza, que reanimava sempre as tropas republicanas depois dos seus mais tragicos desastres.

O general Servan havia recebido reforços de tropas mais bem disciplinadas e instruidas. A 22 de junho, repartidos em tres columnas tres mil homens marcham a atacar os entrincheiramentos inimigos. A columna da direita empenha um vivissimo combate com as forças, que occupavam uma floresta nas immediações de Andaye. A columna do centro acommette os postos hespanhoes e avança depois a atacar os seus entrincheiramentos.

As tropas, que os defendem, pouco numerosas, resistem a principio com valor, mas cedem finalmente ao impeto do inimigo, e procuram a segurança nas obras de campanha, que defendem a montanha de Luiz XIV. Os francezes reforçados por um troço de dragões, commandados pelo ajudante general Darnaudot, tornam frustranea a resistencia dos hespanhoes, obrigam-n'os a passar o Bidassoa, e a buscar melhor guarida em seu proprio territorio. Após tantos revezes padecidos pelas armas republicanas, a victoria alcançada contra os hespanhoes influiu nos animos francezes esta confiança, que exalta a força moral das tropas e das pequenas vantagens tira impulsos para novas e mais arrojadas tentativas. Os exercitos tornavam a occupar respectivamente as suas primitivas posições. O general Servan, delatado á Convenção pelos inimigos, que deixára ao saír do ministerio, é então demittido do commando e, segundo era costume n'aquelles tempos, arrebatado ao seu exercito para expiar no carcere ou no patibulo o furor dos delatores ou os revezes da fortuna. O general Delbecq veiu commandar o exercito dos Baixos-Pyreneus. Pequenas escaramuças de postos avançados foram os successos militares, que succederam ao ataque da montanha de Luiz XIV.

O combate mais importante, apesar de infecundo em decisivos resultados, foi o que se travou no 1.º de julho, quando os francezes, commandados pelo general Dubouquet, mar-

cham contra o acampamento dos hespanhoes na montanha de Ispégny.

As tropas republicanas desalojam do campo os seus adversarios, e lhes tomam algumas peças e obuzes. E apesar de que se restabelece o combate por entrar em acção um corpo consideravel de hespanhoes, recatado até ali ás vistas dos francezes, os reforços enviados pelo general Delbecq obrigam o inimigo a retirar, e a buscar o seu refugio no proprio territorio.

O combate de 23 de julho não foi mais venturoso para as armas castelhanas. Os hespanhoes, na força de quatro mil homens de infanteria e quatrocentos cavallos, marcharam do acampamento de Irun ás alturas de Urrugne. Os francezes ao principio em escasso numero avançaram ao inimigo, que sobre elle se precipitou com o intento de o cercar. Novas tropas republicanas, acudindo ao recontro com presteza, repelliram os contrarios, cuja retirada por uma carga impetuosa de oitenta dragões francezes veiu a converter-se em fuga desordenada. Deixaram os hespanhoes em poder dos seus antagonistas numerosos prisioneiros, entre elles um general.

As vantagens conseguidas n'esta pequena guerra de montanhas tinham exalçado o espirito das tropas republicanas, e adextrado em certa maneira os soldados pouco feitos a principio a affrontar-se com o inimigo. O exercito francez na região occidental dos Pyreneus ascendia n'esta epocha a vinte e oito mil homens de infanteria, cerca de setecentos cavallos e mil e quinhentos artilheiros. Os representantes do povo, delegados da Convenção, e por ella revestidos de poderes proconsulares junto dos exercitos francezes, contribuiam poderosamente a excitar o animo republicano dos soldados e a vincular o seu enthusiasmo e o seu valor á causa da nação e ao culto fervoroso da liberdade.

Endurecido nos combates repetidos, e exaltado pelo fanatismo patriotico, e pela energia revolucionaria dos dois commissarios da Convenção, Garrau e Féraud, o exercito republicano, sem tentar ainda por então operações decisivas no territorio das Hespanhas, empenhou-se na sua esquerda em

repellir das posições ainda occupadas no territorio francez as tropas hespanholas. Assim foram desalojados com perdas consideraveis alguns pequenos postos hespanhoes, em Irulepe, na portella de Ispégny, na povoação montanheza dos Aldudes.

Estas pequenas operações passavam-se em julho e em agosto. Os successos militares na direita da linha republicana foram mais importantes, se bem não decisivos. Occupavam os hespanhoes proximo do Bidassoa e no territorio da republica a posição de Biriatou, forte pelo sitio e ainda mais fortalecida pela arte com obras defensivas e poderosa artilheria. Á esquerda d'aquella excellente posição, haviam-se apoderado das alturas, que se estendem entre a Croix-des-Bouquets em terra franceza e a povoação hespanhola de Irun, na margem esquerda do Bidassoa. O general Desprez-Crassier, que havia por aquelle tempo succedido interinamente ao general Delbecq, instigado pelos conselhos ou intimações dos commissarios convencionaes e ancioso de provar a sua pericia militar, pendia com vehemencia a intentar alguma empreza de bom nome e que pozesse a sua propria reputação muito acima das glorias modestissimas alcançadas pelos seus predecessores. Justamente o preoccupava o perigo imminente de deixar os hespanhoes senhoreando uma posição, por onde facilmente poderiam penetrar longe do Bidassoa no territorio da republica. A traça da operação resolveu-se em acommetter Beriatou por meio de surpreza, e bem succedida que fosse esta facção, e posto em retirada o inimigo, acoçal-o vivamente, passar com elle de roldão o Bidassoa, e aproveitando a confusão e a desordem nas fileiras, arrasar as baterias na margem hespanhola d'este rio. Em a noite de 29 para 30 de agosto o general Desprez-Crassier, marchando em direcção ao Bidassoa, começou a pôr em effeito o que traçára. Os hespanhoes estavam, porém, vigilantes e apercebidos. Defendem energicamente a posição e tomando com valor a offensiva, perseguem os francezes, convertendo-lhes em opprobriosa e confusa retirada a victoria, que tinham premeditado. A Convenção nacional, indignada contra a temeridade e im-

pericia do general, ordenou desde logo a sua prisão, e a de outros officiaes.

Alguns novos recontros se passaram entre francezes e hespanhoes, onde pequenas forças se empenharam sem nenhuma vantagem conhecida para um e outro lado ou com manifesto damno dos francezes. Tal foi o ataque emprehendido por uma divisão franceza contra as posições hespanholas de Urdax e Zagarramurdy a 7 de setembro de 1793, e uma ainda menor escaramuça, em que os francezes, sob as ordens do general de brigada Willot nas alturas vizinhas á montanha chamada Commissary, estiveram a pique de ser envolvidos e deveram a salvação ao soccorro de alguma tropa chegada opportunamente ao campo do combate.

Tal fôra a campanha de 1793 no departamento dos Baixos-Pyreneus. N'ella não se passára successo algum, que demonstrasse as altas qualidades militares, senão o valor degenerando em cega temeridade, e a sanha dos contendores raiando a cada passo em selvatica fereza. No pequeno theatro d'aquella guerra os edificios incendiados, as aldeias arrazadas e fumantes, os campos devastados e os casaes attestando tristemente as rapinas e os ultrajes do alternado vencedor, offereciam aos olhos dos amigos da humanidade as scenas lastimosas produzidas pela guerra, quando a falta de movimentos estrategicos, profundamente concebidos e executados com vigor, deixa exhaurir a força dos exercitos em estereis e ferozes operações, e cifra na deshumanidade e na crueza a lei fundamental da guerra sem quartel.

Cumpre narrar agora brevemente o que ao mesmo tempo se passava nos Pyreneus orientaes, onde as operações emprehendidas foram de mais valiosas consequencias e mais directamente vinculadas á historia das armas portuguezas em França e na Hespanha.

A antiga provincia ou condado francez do Roussillon, cujo territorio, segundo a nova divisão administrativa, formava com uma parte do Languedoc o departamento dos Pyreneus orientaes, era o principal theatro da guerra entre o catholico rei D. Carlos IV e a republica energicamente in-

stituida e sustentada pela implacavel e dura Convenção. A Hespanha, invadindo o Roussillon, não podia porventura ser extranha ao pensamento de encorporar de novo na sua corôa um dominio, que já lhe pertencêra em outro tempo e fôra cedido a Luiz XIV ao concluir-se a paz dos Pyreneus em 1659. E de feito as potencias, que se empenhavam em derribar a republica franceza e restabelecer em seu logar o velho absolutismo dos Bourbons, não punham a mira unicamente em suffocar no seu berço a Revolução e libertar do contagio da liberdade a Europa sobresaltada, mas contavam egualmente repartir os despojos da victoria, attribuindo a cada um dos alliados alguma parte do territorio conquistado.

Logo após a declaração reciproca da guerra entre a França e a Hespanha, a republica ordenára a formação de um exercito especial destinado a oppor-se aos hespanhoes, sob o titulo de *exercito dos Pyreneus orientaes*.

As tropas francezas estavam occupando uma extensa cadeia de posições em redor de Perpignan, capital do departamento, e praça defendida por obras importantes de fortificação.

O general De Flers, que commandava as forças republicanas, tinha posto o seu maior empenho em cobrir a praça de Perpignan e em manter faceis as communicações com os pontos fortificados de Lagarde e de Fort-les-Bains, e com a praça de Bellegarde. Duas linhas de defeza eram guarnecidas pelas tropas republicanas. A mais avançada para o lado da fronteira era a do rio Tech, em cuja margem septentrional ficavam defendidas pelos francezes as povoações de Saint-Elme, de Arlès e Prats-de-Molló. A praça de Bellegarde, situada alem do Tech mui proxima da Hespanha, era o ponto mais exposto ás incursões dos hespanhoes, os quaes vendo n'ella a entrada mais commoda e natural para penetrarem no territorio da republica e emprehenderem o sitio de Perpignan, punham todo o esforço e diligencia em a tomar.

A segunda linha de defeza formava-a o rio Tet, a cuja retaguarda fica Perpignan. O theatro da guerra era, pois, contornado por um triangulo irregular, cujos lados eram os dois rios, a base a costa do Mediterraneo, e o vertice a posição

franceza do Mont-Louis na confluencia das duas linhas de defeza convergentes. Não era possivel aos hespanhoes realisar a invasão pelo caminho de Portus, defendido e interceptado pela artilheria de Bellegarde. Houveram por melhor conselho passar a fronteira em outro ponto, e encaminhar as suas operações de tal maneira, que flanqueando as posições do inimigo, tomassem de revez todos os pontos, que cobriam a unica estrada então existente e que cifrava a sua linha natural de communicação. O governo de Madrid, havendo então limitado estrictamente á defensiva o seu pequeno exercito das fronteiras de Guipuzcoa, da Navarra e de Aragão, ao longo dos Pyreneus occidentaes, resolvêra que pela parte do Roussillon se emprehendessem desde logo operações de energica offensiva.

Parecia que por este lado seria mais facil e veloz a invasão e mais aberto o caminho ao seio da republica. Commandava o exercito hespanhol destinado a esta campanha o tenente general D. Antonio Ricardos y Carrillo, official que na extrema penuria de chefes militares, illustres pelo talento e experiencia, a vaidade nacional se comprazia em levantar ao nivel dos grandes e fecundos estrategicos. Tinha sob as suas ordens vinte e quatro mil homens, muitos d'elles de tropas regulares, se bem quasi virgens de marchas e combates; numero escasso para affrontar-se com uma nação, onde a magica inspiração da liberdade e a torva omnipotencia da Convenção fariam surgir, como das entranhas da terra, os exercitos armados, seguindo enthusiastas a bandeira tricolor. Felizmente para os hespanhoes as tropas republicanas, ao começar a campanha de 1793, eram poucas e em grande parte colligidas nas vesperas da guerra, mais exemplares pelo civismo enthusiasta que pela solida instrucção, mais temiveis pelo valor que pela arte.

Defronte de Bellegarde demora a villa hespanhola de Junquera. Alli se reuniram as tropas castelhanas destinadas á primeira operação offensiva contra os francezes.

Dirigiram-se os hespanhoes sob as ordens de Ricardos ao posto fortificado de S. Lourenço de Cerdá, que os francezes

estavam defendendo. Comprehendiam as forças castelhanas pouco mais de tres mil e quinhentos homens e eram formadas por oito companhias de granadeiros, um batalhão do regimento de Valencia, e outro do regimento de Granada. Acommettida a posição pela vanguarda castelhana, foram desalojadas as forças republicanas, depois de breve, porém não deshonrosa resistencia. No dia seguinte os hespanhoes já reforçados com mais tropas atacaram os francezes nas suas posições diante de Arlès, guarnecidas por escassos destacamentos, e conseguiram occupal-as e entrar vencedores na povoação. A 20 de abril, proseguindo Ricardos o seu plano de avançar no Roussillon, saiu de Arlès com as tropas hespanholas em numero de quasi tres mil e foi postar-se em frente de Céret, cuja posse era em extremo vantajosa para a sequencia das operações. Defenderam-se com vigor os soldados republicanos, que em numero quasi egual ao dos contrarios guarneciam aquella povoação, e faziam laborar activamente a sua artilheria. Mas as tropas hespanholas excitadas pelas victorias antecedentes, obrigaram finalmente á retirada os seus antagonistas depois de tres horas de combate. Não contente com os faceis triumphos alcançados, desde logo traçou D. Antonio Ricardos apoderar-se de Bellegarde, e fazendo passar pela portella ou garganta de Portell a artilheria, que não podéra antes conduzir, estabeleceu desde logo um sitio regular a esta praça.

Imitando, se bem com prudencia e moderação, o manifesto do duque de Brunswick, dirigiu Ricardos aos francezes uma sua proclamação. Asseverava o general em nome de Carlos IV que as armas hespanholas não vinham a combater a França, nem assolar seu territorio, mas sómente a refrear e punir a Revolução. Intimava os francezes a abjurar os sentimentos e os propositos revolucionarios, a proclamar a restauração da antiga monarchia e a pôr de novo no solio dos Capetos a raça dos Bourbons. Ameaçava finalmente com os maximos rigores os que em nome da Revolução oppozessem a força contra a força e repulsassem com energia as altivas intimações.

Desde a tomada de Céret os exercitos estiveram em pre-

sença sem que pelo desabrido e aspero do tempo, com chuvas copiosas e borrascas persistentes, se podesse tentar alguma empreza de momento. Apenas a bonança permittiu os movimentos, logo Ricardos se dispoz a acommetter o inimigo por um ataque geral na extensa linha das suas posições.

O general De Flers para cobrir a praça de Perpignan havia estabelecido na posição de Thuir um campo entrincheirado e adoptado as convenientes disposições para soccorrer, quando o pedisse a necessidade, os pontos fortificados de La Garde e Fort-les-Bains, e a praça de Bellegarde, cujo sitio continuavam com vigor os hespanhoes. Ricardos com doze mil homens das suas melhores tropas e vinte e oito bôcas de fogo, em a noite de 18 para 19 de maio, marcha confiado na victoria contra os campos fortificados de Thuir e de Masdeu, guarnecidos por oito mil homens de guardas nacionaes mobilisadas e tres regimentos de regular infanteria. Os hespanhoes dividiam-se em quatro columnas, uma das quaes era destinada ao ataque frontal, e as outras a tomar de flanco o inimigo, tendo em mira principalmente o torneal-o e envolvel-o pela direita.

O general republicano, percebendo as intenções do seu adversario, dirige a maior parte das suas tropas a reforçarem o seu flanco ameaçado, e por uma bem concebida manobra dispõe-se a acommetter e tornear pela sua esquerda os hespanhoes. Ás cinco horas da manhã trava-se o combate pelos fogos de artilheria, vigorosamente continuados entre os dois resolutos contendores. A posição franceza, alem dos meios defensivos, com que a arte fortificatoria a tinha assegurado, era naturalmente defendida pela aspereza bravia do terreno, cortado de barrocaes e precipicios. Os fogos certeiros dos francezes causavam grandes perdas aos contrarios. Começavam a desordenar-se as columnas inimigas. Conhece o general hespanhol ser inefficaz a continuação do ataque frontal, emquanto permaneçam intactos os flancos do inimigo. O duque de Ossuna commandava a direita dos hespanhoes. Ordena-lhe Ricardos que torneando a aldeia de Comte, tome de flanco os francezes na posição de Masdeu, emquanto elle proprio, com tropas da sua esquerda, procura envolver as ba-

terias, que guarnecem a direita dos seus adversarios. Ricardos á frente da cavallaria é recebido no seu ataque por um fogo tão vivo e tão mortifero dos canhões republicanos, que as tropas hespanholas principiam a vacillar e bem depressa fazem frente á retaguarda. Um movimento da cavallaria hespanhola tinha, porém, feito receiar aos francezes que o inimigo os pretendia tornear, e o sobresalto começa a dominar as suas fileiras. Áquelle tempo o duque de Ossuna, havendo executado pontualmente as prescripções do general em chefe, aproveitando o primeiro desalento dos francezes, ataca-os vigorosamente, e penetrando no seu campo pela esquerda, lança n'elle a confusão e a desordem. As baterias na direita dos francezes tinham sido reduzidas ao silencio pelo fogo certeiro e ininterrupto de quatorze peças hespanholas, as quaes varejavam de tal maneira as tropas inimigas já desalentadas, que nenhuma esperança lhes sorria de victoria. Restava, pois, como extremo recurso aos republicanos uma retirada, que não degenerasse em fuga desastrosa. O general De Flers, não desanimado pelo revez, determina formar solidamente em massa as suas tropas, que resistindo com vantagem ás cargas violentas da cavallaria, conseguem retirar em boa ordem. Os hespanhoes extenuados de fadiga, e contentes de occuparem tres campos do inimigo, a excellente posição de Thuir, a sua artilheria e munições, não se empenham em seguir o alcance do exercito francez.

Continuaram as armas hespanholas com vigor as suas operações para acabarem de senhorear o territorio, que decorre desde a fronteira até á linha do rio Tech. Os francezes conservavam apenas n'este espaço os fortes Des Bains e de La Garde, e a praça de Bellegarde, isolada inteiramente do exercito republicano.

O forte Des Bains com diminutos meios de resistencia, quanto á sua fortificação e artilheria, era defendido por uma escassa guarnição com menos de quatrocentos homens. Após um fogo mui violento, ainda que pouco duradouro, intimado o commandante a render-se aos hespanhoes, propoz uns artigos de capitulação, em que pedia que do forte saissem

livremente os defensores. Sendo, porém, rejeitada a proposição, deixaram os francezes o Fort-des-Bains com as honras da guerra no dia 4 de junho, e ficaram prisioneiros dos hespanhoes.

O forte de La Garde, guarnecido por obra de quinhentas e cincoenta praças, depois de escassa resistencia rendeu-se no dia 5, ficando prisioneira a guarnição.

As tropas de Ricardos entraram finalmente sem a minima resistencia nas povoações de Elne, de Argelès, de Cornellás, que os francezes desampararam ao approximar-se o inimigo.

A praça, ou forte de Bellegarde era um pentagono regular fortificado com cinco baluartes e um revelim. Mais difficultosa e cruentada foi a sua rendição, porque sendo diminutos os seus meios de defeza, eram porém mais efficazes que os de La Garde e Fort-des-Bains. Constava a guarnição de novecentos homens. Quarenta e quatro bôcas de fogo estavam assestadas nas differentes baterias.

Á intimação de se render aos hespanhoes respondia a 3 de junho o governador com a usual contestação de que levaria a sua defeza até á derradeira extremidade. Houve pois de continuar com o maximo vigor o sitio regular, a que os defensores contrapunham com grande vivacidade o fogo da sua artilheria. Durante quarenta dias se empenharam os hespanhoes com energia desusada em reduzir ao silencio os canhões e os morteiros dos francezes, em tornar a brecha practicavel e aperceber-se para o assalto.

Mais de trinta mil projecteis de artilheria tinham lançado as baterias de sitio contra os muros e terraplenos de Bellegarde. Haviam os francezes respondido enviando aos seus contrarios talvez mais de onze mil tiros. As obras exteriores e o recinto da praça eram já reduzidos a estado de não ser possivel com exito a defeza, derruidas as muralhas, os fossos em grande parte obstruidos, os terraplenos intransitaveis, destruidos os travezes e os cavalleiros, as poternas e as pontes levadiças, arruinados os paioes, a artilheria quasi inteiramente desmontada e inutil para o serviço. A uma nova intimação do general Ricardos podiam já os francezes sem desluzir o seu

brio militar corresponder submettendo-se a uma capitulação inevitavel.

A 26 de junho rendia-se Bellegarde ás armas hespanholas. Saía a guarnição com as honras da guerra. Deviam os soldados marchar para a praça hespanhola de Figueras. Aos officiaes permittiu Ricardos que sob sua palavra se podessem transportar a Perpignan. O general hespanhol ao entrar na praça coroou o esforço do seu animo com um documento edificante do seu humano e generoso coração. N'uma ordem do dia ás suas tropas antes de entrarem na fortaleza, intimava-as a que respeitassem o infortunio dos contrarios, invocava os principios da justiça e da humanidade, confiava na honra e no primor dos soldados hespanhoes que não haveriam de abalançar-se a ultrajar aquelles, a quem fôra adversa a fortuna dos combates, e comminava penas proporcionadas á graveza do delicto, se alguem das suas tropas, esquecendo os seus deveres, ousasse offender com gestos ou palavras a qualquer dos militares que haviam capitulado.

Com a tomada de Bellegarde ficavam os hespanhoes senhoreando inteiramente o valle do Tech, com a excepção dos pontos fortificados de Collioure e de Port-Vendres no littoral do Mediterraneo. As tropas de Ricardos avizinhavam-se d'esta maneira a Perpignan, primeiro objectivo das suas operações. E de feito as povoações de Elne e de Cornellás, situadas a pequena distancia de Perpignan, assignalavam claramente os progressos, a que haviam chegado já as armas hespanholas e quanto eram de mau agouro para o exercito francez dos Pyreneus orientaes. Não admira pois que o general De Flers, gravemente ameaçado pela vizinhança do inimigo, que o ia estreitando cada vez mais, intentasse desalojar os hespanhoes e rechaçal-os com vigor até que finalmente se internassem pela fronteira. A 19 de agosto os francezes formados em tres columnas marcharam contra Elne com o intento de recobrar a posição. Para obstar á empreza do inimigo enviou Ricardos o tenente general principe de Monforte com um grosso destacamento composto das tres armas. Dirigindo-se aquellas tropas pela esquerda de Elne, chegaram á povoação

de Villeneuve a pequena distancia dos acampamentos republicanos á direita de Perpignan, onde tiveram novas de que os francezes haviam já retrocedido. Não ficou, porém, sem algum effeito a expedição dos hespanhoes, porque entrando o principe de Monforte em Villeneuve, obrigou a povoação a render obediencia ao rei catholico, derribou a arvore da liberdade, prendeu alguns vereadores e voltou conduzindo como tropheus todos os carros e armamentos, rezes e provisões, que na villa se encontraram. Varios outros logares, entre os quaes o de Ille a pouco espaço de Perpignan, foram occupados pelos hespanhoes, sem que estas pequenas vantagens influissem notavelmente na anterior situação dos contendores.

Conservavam os francezes e defendiam vigilantes a linha do rio Tet, e cobriam cautelosos a sua praça principal. Os hespanhoes continuavam a occupar Masdeu e Thuir, onde havia dois campos estabelecidos, e entre elles occupada por alguma força das tres armas uma eminencia do terreno, d'onde se avista Perpignan. Intentou Ricardos apoderar-se de Collioure, ponto fortificado quasi á beira do Mediterraneo, entre Port-Vendres e Argellès. Proximo a Collioure eleva-se a montanha de Orriols, que já quasi inexpugnavel pelo sitio, os francezes haviam reforçado com algumas baterias. Era forçoso que os hespanhoes se senhoreassem d'aquella posição, antes que intentassem a rendição de Collioure. Ao general Oquendo commetteu o commandante em chefe o encargo de atacar aquella montanha, e ao general Crespo a diligencia de operar uma demonstração para chamar a outro ponto as attenções do inimigo. A 30 de junho principiava Oquendo em marcha nocturna a executar a operação. Não respondeu, porém, a empreza ás esperanças de Ricardos. Ou fosse que as tropas de Oquendo não cumprissem pontualmente as ordens recebidas, conservando o silencio na marcha, quando se iam approximando ao inimigo, ou fosse que os francezes cautelosos e apercebidos houvessem reforçado com tropas frescas a posição, saiu mallograda a facção aos hespanhoes, forçados a retirar sob o fogo vivissimo dos seus terriveis adversarios.

O general Ricardos, se não tinha as faculdades eminentes do estrategico, nem podia pela curteza do seu estro de general encaminhar as operações de tal maneira, que houvessem de conduzir a uma batalha decisiva, era comtudo incansavel e engenhoso em saltear, quanto podia, as forças inimigas e em avançar pausadamente contra o objectivo principal. Os campos de Thuir e de Masdeu continuavam a ser occupados e defendidos pelas tropas hespanholas. Procurava o general em chefe interceptar as communicações de Perpignan com o Mont-Louis e com o interior do Roussillon. A 13 de julho acommettiam os hespanhoes, sem lograrem seu intento, o campo francez de l'Union. A 15 saíam-lhes frustradas egualmente as tentativas para occupar as posições de Via, de Eguet, e Odello, adiante de Mont-Louis. Mais felizes, porém, haviam sido nas investidas contra os postos de Niles e de Canohes, defronte do campo de l'Union. A 16 de julho conseguiam desalojar de Mas-de-Serre os inimigos e occupar e guarnecer esta importante posição.

A 17 de julho ao romper da madrugada appareceram os hespanhoes na força de vinte mil homens em frente do campo francez, cujos postos avançados improvisamente acommetteram. Logo desde o primeiro ataque manifestaram a intenção de empenhar-se com o inimigo em recontro geral e mais renhido que os pequenos combates anteriores. Á investida vigorosa dos hespanhoes são os soldados republicanos forçados a retrahir-se, acolhendo-se ao grosso do seu exercito.

Os hespanhoes, porém, desde as fortes baterias assestadas nas alturas de Thuir e Mas-de-Serre, a pequena distancia do campo francez, disparam um chuveiro de projecteis. O general De Flers, não medindo pela força a sua audacia, e confiando no enthusiasmo que exaltava os seus guerreiros, determina-se em tomar a offensiva por um retorno temerario. Ordena que a vanguarda ás ordens de Perignon, commandante da legião dos Pyreneus, e mais tarde marechal do imperio, avance contra a linha dos hespanhoes. O general em chefe marcha logo em seguida com o resto das suas tropas e chega á vista do inimigo, já quando Perignon com as suas bôcas de

fogo respondia ás baterias hespanholas. Reparte as forças republicanas em duas columnas, as quaes marcham, uma pela direita e a outra pela esquerda, resguardadas contra os grossos projecteis inimigos pelas asperezas do terreno montanhoso. Dá-lhes ordem para que na opportuna occasião avancem a apoiar os movimentos da vanguarda. Ordena ao ajudante general Poinsot que á testa de quatrocentos homens e duas peças se adiante contra o campo dos hespanhoes e tome posição em uma altura, no ponto appellidado o *Mas dos Jesuitas*. Com as peças, que levava e com outras de mais grosso calibre, que a tempo lhe chegaram, protege e auxilia a vanguarda ás ordens de Perignon, que a poder de grandissimos esforços conseguira penetrar nos entrincheiramentos da forte posição de Mas-de-Serre. Mas quando os francezes estavam a pique de a occupar, desalojando o inimigo, novas columnas hespanholas marchavam da collina de Canohes e chegavam a ponto de pôr em balança novamente o exito do combate. Começavam a afracar os soldados republicanos, quando o commandante em chefe envia o general Barbantanne com mil homens e alguma artilheria em soccorro dos francezes. Combatem com extremo valor os hespanhoes, alcançam por algum tempo rechaçar os seus contrarios, e produzir a confusão e o terror nas suas fileiras. Mas a artilheria, que vareja sem cessar os castelhanos, e o vigor das tropas frescas, mandadas em reforço, obrigam os soldados de Ricardos a ceder o campo ao inimigo, deixando mil homens fóra de combate. Um só regimento de cavallaria, os *hussares da princeza*, perdeu n'este combate quatrocentas praças. Os francezes não compraram tão pouco por baixo preço as palmas colhidas no recontro.

As pequenas vantagens alcançadas por um e outro exercito quasi agora se equiponderavam entre si, de maneira que em alguns mezes de campanha e após uma serie de pequenas operações a respectiva situação dos dois obstinados contendores não dava esperanças de que uma victoria decisiva pozesse termo ás hostilidades. A posição dos hespanhoes era todavia mais propicia que a dos seus antagonistas. As tropas

de Ricardos continuavam sempre a occupar o territorio da republica sem que desde o principio da campanha tivessem desistido de estreitar o inimigo a retrahir-se á sua base de operações, á praça de Perpignan. O general republicano conservava-se agora na defensiva, e em volta d'aquelle importante ponto fortificado dispozera as tropas debaixo do seu commando.

Não tendo forças bastantes para tentar a reconquista da sua linha primitiva sobre o Tech, limitava-se então a defender a que lhe ministrava o territorio situado entre o rio Tet e o Cantarang, que vae desaguar na lagoa de Saint Nazaire a pequena distancia em frente de Perpignan. Em tres campos estabeleceu De Flers as suas forças. O primeiro, o da direita, era em Orlès, junto do Tet, o segundo, o da esquerda em Cabestany, um pouco adiante do Cantarang, o terceiro, o do centro, na estrada de Perpignan até á raia. Todos elles eram diminutos nas tropas, que os defendiam. A Convenção, assoberbada em todas as fronteiras da republica pelos alliados invasores, e tendo de attender com maior sollicitude aos pontos, onde a resistencia aos inimigos se tornára mais custosa e mais assignalada por desastres, mal podia acrescentar notavelmente o exercito francez dos Pyreneus orientaes. Eram continuas as instancias de De Flers por que lhe acudissem com reforços, que de París lhe promettiam. Felizmente para os francezes não eram menos apoucadas as tropas de Ricardos, que sem obter deferimento deprecára ao governo de Madrid que lhe enviasse alguns mil homens.

O general hespanhol tinha, porém, a seu favor a iniciativa, que tomára, e a certeza de que o seu adversario, pelos poucos recursos offensivos, não deixaria facilmente a defensiva. Em fins de julho o valido omnipotente, que dirigia todos os negocios politicos, civis e militares da Hespanha, lembrou-se de mandar ao exercito do Roussillon algumas tropas de refresco. Resolve-se então o caudilho hespanhol a atar o fio das suas começadas operações, e d'esta vez o seu primeiro intento é manobrar na vizinhança do inimigo e obrigal-o a desamparar as suas posições em redor de Perpignan.

O general D. João Crespo, com uma parte das tropas acampadas na povoação de Ille, é destinado a executar a tentativa de tomar o ponto fortificado de Villefranche, que os francezes defendiam com uma pequena guarnição. Chegando a 3 de agosto a meia legua d'aquelle ponto, ordena que seis batalhões occupem uma altura, d'onde póde bater com efficacia a fortaleza. Os granadeiros dos regimentos de Saboya e de Navarra, vencendo a grande custo a aspereza dos caminhos, conseguem conduzir ao alto da montanha quatro canhões de calibre 24 e outros tantos de calibre 12. Desde as tres horas da manhã ás seis da tarde a artilheria hespanhola, vantajosamente collocada, não cessa de lançar em Villefranche os seus projecteis. Constava a guarnição de soldados novos, de mui pouco tempo encorporados nas fileiras. Eram em força por extremo resumida para affrontar os hespanhoes, e ainda não acostumados ao estrepito e devastação da artilheria. Não foi difficil ao general hespanhol o fazer acceitar dos sitiados a forçosa capitulação. Á meia noite a pequena fortaleza era entregue ao inimigo. Depois de alguma resistencia sustentada pelo castello, que servia de cidadella, os hespanhoes senhoreiam-se da praça e fazem prisioneira a guarnição.

Emquanto o general Crespo executava com pouca difficuldade a sua empreza em Villefranche, o marechal de campo D. Rafael Adorno era com uma divisão encarregado de fazer uma excursão até ás cercanias de Conflant, cujo exito quasi nada contribuiu para que os hespanhoes adiantassem consideravelmente as suas lentas operações.

Apesar de tudo a condição estrategica do exercito hespanhol continuava a ser ainda superior á dos seus antagonistas, porque uma grande parte do Roussillon, e muitas e algumas importantes entre as suas posições eram occupadas pelas tropas de Ricardos, emquanto que os francezes permaneciam estreitados nas immediações de Perpignan. Intentou o general de Carlos IV o dilatar para mais longe a sua conquista e desembaraçar de forças inimigas as povoações e as alturas situadas na margem septentrional do rio Tet. Em poder dos francezes estavam, porém, ainda alguns pontos na margem direita

d'este rio. Tornava-se, portanto, indispensavel como operação preparatoria desalojal-o d'ali a todo o custo.

Duas columnas hespanholas deviam manobrar separadamente, mas com perfeita combinação de movimentos, afim de resolver o problema, que o general em chefe havia delineado. O tenente general Crespo haveria com a sua divisão de occupar a villa de Montalbá e depois acommetter e tomar ao inimigo o seu pequeno campo estabelecido na montanha de Montferrail. Ao mesmo passo outra divisão hespanhola em força de seis mil homens, commandada pelo tenente general marquez de Las Amarillas, haveria de passar o rio Tet n'um ponto intermedio ás povoações de Saint Feliú e de Soler, e atacaria o campo e povoação de Cornellás, onde, em frente da villa de Millas, guarnecida pelo coronel hespanhol D. Francisco Solano, se tinha novamente fortificado o general francez Lemoine com tres a quatro mil francezes e alguma artilheria. Por estas operações simultaneas e combinadas esperava o general em chefe occupar a margem esquerda do rio Tet até ás cercanias de Perpignan, interceptar ao inimigo as linhas de communicação e tornar impossivel ou difficilimo ao exercito francez todo o soccorro. As operações deveriam pôr-se em obra a 28 de julho, mas o tempo desabrido e borrascoso impediu n'este dia a execução, que teve de aprazar-se para o seguinte. E de feito a 29 passava o rio Tet o general marquez de Las Amarillas e caía impetuosamente sobre a posição de Cornellás, que após mui pouco vigorosa resistencia, os francezes desampararam, deixando em poder do inimigo grande numero das suas tendas de campanha, e algumas bôcas de fogo, viaturas, projecteis e munições. No mesmo dia o general Crespo chegava em frente de Montferrail, e acommettendo n'aquella posição os republicanos, alcançava desalojal-os, ainda que para esta empreza não lhe houvesse consentido a aspereza e agrura do terreno levar artilheria.

Apesar da manifesta desvantagem, em que estava agora perante os hespanhoes o exercito republicano, não perdia o seu general De Flers o animo e resolução, antes como que em resposta ás incursões do inimigo no sólo da republica, veiu a

conceber o plano de inquietar novamente os seus contrarios, dirigindo uma operação contra a propria fronteira de Catalunha e elegendo para seu objectivo a povoação de Puigcerdá. Demora esta villa mui proxima da fronteira, assente sobre o rio Segres affluente do Ebro, já no territorio das Hespanhas. Era o logar a povoação principal na região de Cerdenha, e chave da Catalunha pela parte, em que confronta com o extremo occidental dos Pyreneus orientaes. Era então guarnecida pelo marechal de campo D. Diogo de La Peña com tres batalhões de infanteria, trezentos dragões e algumas peças de calibre 4. Foi a empreza confiada por De Flers ao general Dagobert, o qual, com as tropas acampadas em Mont Louis e com as reliquias da guarnição de Villefranche, veiu accommetter a D. Diogo de La Peña. Por inferior em forças ao seu adversario, pequena resistencia pôde oppor ao impeto francez. Desampararam os hespanhoes a Puigcerdá, com perda não diminuta da sua gente, deixando nas mãos das tropas republicanas toda a sua artilheria.

Na operação tentada pelos francezes com o fim de acommetter pela retaguarda o exercito hespanhol, não saíram porém, com seu intento. E de feito, repartidos, em quatro columnas vieram por Oseja e Palau, e occupando as alturas, que demoram junto á povoação de Livia entre Puigcerdá e Mont-Louis, arremetteram contra as forças hespanholas, situadas a pequena distancia da fronteira. Sendo, porém, bravamente recebidas pelos seus adversarios, houveram de eleger por melhor partido desamparar o campo e acolher-se á posição de Mont-Louis, conservando, todavia, em poder das suas tropas as duas posições de Bellver e Puigcerdá.

A guerra entre francezes e hespanhoes era principalmente assignalada pela extrema facilidade, com que a balança da victoria se inclinava como que alternadamente ora a uma ora a outra parcialidade. Repararam os soldados republicanos o desastre, e com usura se desquitaram da affronta recebida recentemente, desbaratando a columna commandada pelo marechal de campo D. Rafael Velasco, a quem o general em chefe castelhano commettêra o libertar de francezes o terri-

torio da Cerdenha. Com cinco batalhões, algumas bôcas de fogo, e uma força de cavallaria marchou Velasco em direitura ao campo, que situado em Olette, no valle do rio Tet, a quasi meio caminho entre Villefranche e Mont-Louis, guarneciam as tropas republicanas. Foram a principio favoraveis aos hespanhoes as primeiras investidas. Vacillaram as fileiras dos francezes, entibiaram-se depois, debandaram finalmente. Reforçados no dia seguinte, 3 de setembro, pelo general Dagobert com tropas de refresco, cobraram novo espirito, e acommettendo com vigor a columna de Velasco, a desbarataram totalmente, forçando-a a procurar n'uma fuga precipitada o salvamento, não sem perda consideravel, e sem que deixasse no poder do inimigo toda a sua artilheria.

A esta grande vantagem conseguida pelos francezes retorquiram os hespanhoes logo em seguida encaminhando as suas forças contra o campo francez de Peyrestortes, de maneira que depois lhes fosse facil manobrar no flanco e na retaguarda de Perpignan, cujo sitio o general Ricardos se propunha emprehender. Principiam a marchar desde as posições de Thuir, de Truillas e de Masdeu as differentes columnas hespanholas destinadas á operação. As tropas commandadas pelo general marquez de Las Amarillas dão principio a esta empreza atacando vigorosamente a 8 de setembro o ponto fortificado de Rivesaltes, na margem do rio Gly e a pouca distancia de Perpignan.

Os francezes, que defendiam n'aquelle ponto um campo entrincheirado, resistiram briosamente ao impeto do inimigo. Porém, ao cabo de sangrenta contenção, foram forçados a deixar aos hespanhoes a posse do terreno, perdendo no combate, alem de alguns centenares de homens entre mortos, feridos e prisioneiros, uma peça de artilheria. Para facilitar ao marquez de Las Amarillas o ataque de Peyrestortes era necessario que outras forças hespanholas desalojassem ou podessem repellir as tropas inimigas da margem direita do rio Tet, para que não embaraçassem a passagem d'aquelle general. Para satisfazer a este fim o brigadeiro hespanhol Bailly

teve por encargo acommetter a vanguarda dos francezes nas posições entrincheiradas em Orlès e ao brigadeiro Iturrigaray foi confiada a custosa missão de atacar a esquerda do inimigo nos entrincheiramentos de Cabestany. Um corpo de tropas mais numerosas foi destinado a marchar em direcção ao centro, para attrahir áquelle ponto as attenções do adversario, e fazer apenas, sem tomar a offensiva, uma simples demonstração.

A columna commandada por Bailly, irrompendo aos primeiros clarões da madrugada, contra a direita e vanguarda dos francezes, conseguiu apoderar-se da principal entre as suas baterias, encravou as bôcas de fogo, e aprisionou cerca de duzentos homens com dezesete officiaes, entre elles o general republicano Frecheville, com o seu ajudante de campo. Mas os francezes, recobrando-se do sobresalto da primeira arremettida, e recebendo reforços consideraveis, determinaram os hespanhoes a contentar-se com estes modestos fructos da sua empreza e a retroceder antes de empenhar novo conflicto. A columna do brigadeiro Iturrigaray, se bem alcançou atacar em Cabestany um corpo de oitocentos homens de tropas republicanas, causar-lhes baixas numerosas, fazer um avultado numero de prisioneiros, e tomar uma peça de artilheria, houve egualmente de retirar sem que lograsse, apesar do seu esforço, occupar as posições do inimigo. O mallograr-se em grande parte a operação dirigida contra Orlès e Cabestany obrigou o marquez de Las Amarillas a aprasar para occasião mais opportuna o ataque de Peyrestortes. Não decorreram muitos dias sem que os hespanhoes commandados por aquelle general, marchassem com o intento de tomar a povoação. Algumas tropas castelhanas, entre as quaes se numerava um batalhão do regimento de Navarra e algumas companhias de granadeiros provinciaes, após uma vigorosa resistencia dos francezes lograram apoderar-se do acampamento republicano. Quasi ao mesmo tempo se dirigiam os esforços de Ricardos a tomar o campo de Vernet. Demora esta posição áquem do rio Tet, não mui distante de Villefranche, de que os hespanhoes, como já se relatou, se

haviam apossado. Coube ao tenente general D. João Courtén conduzir os soldados hespanhoes ao ataque d'este posto fortificado. A 17 de setembro, muito antes da alvorada, marchava o general, repartidas as tropas em tres columnas para que podessem effectuar ao mesmo passo o ataque frontal e o de flanco á linha dos francezes em Vernet.

Estava apercebido e cauteloso o inimigo, e apenas os hespanhoes se approximaram lhes deu as boas vindas com um fogo violento e sustentado, a que elles responderam a principio com a sua artilheria. Após uma pequena interrupção avançaram as vanguardas das columnas, e combatendo com vehemencia, conseguiram desalojar do acampamento os seus contrarios. E retirando-se os francezes em direitura a Perpignan, lhes foram os hespanhoes picando por algum tempo a rectaguarda. Mas, a certa distancia, fazem frente de novo os republicanos e engrossados com mais tropas de infanteria e de cavallo avançam em varias columnas a recobrar as perdidas posições. Acode o general Courtén a dar as providencias, que pedia a necessidade. Eis senão quando trepida e desordena-se a cavallaria hespanhola e grande parte da infanteria principia a debandar. Esforça-se Courtén por ordenar de novo e reformar as columnas mais do que abaladas, já dispersas. E vendo frustradas as suas diligencias, mais vehemente e destruidor o fogo do inimigo, já então mui superior em numero de tropas e em calibres da artilheria, resignou-se a dar-se por vencido e a buscar na retirada a salvação, deixando ao inimigo seis bôcas de fogo e numerosas bagagens por trophéu.

Ficaram os francezes novamente na posse de Vernet, aonde acudiram mais tropas da sua nação. Retirado o general Courtén ao seu primitivo acampamento, não sómente houve por temerario o segundar a tentativa, senão que, vendo crescer nas suas tropas o desanimo, a audacia nas inimigas, a favor do maior numero, mal se resolvia a affrontar-se mesmo na defensiva contra as forças adversas. Os francezes, porém, atacando o acampamento dos hespanhoes, obrigaram-n'os á peleja, que pretendiam evitar. Eram tres horas da tarde,

quando os republicanos, distribuidos em tres columnas de infanteria e cavallaria, avançaram contra a ala direita das tropas hespanholas, tendo como reserva outras duas columnas acompanhadas de artilheria. Em vão tentou o general Courtén um retorno offensivo contra o inimigo, ordenando á cavallaria que pelos dois flancos o carregasse ao mesmo tempo. As forças republicanas, formando-se em quadrados com os angulos reforçados de boa artilheria, de tal sorte apavoraram os castelhanos, que lhes saiu frustrada a resistencia. Continuaram os francezas a avançar, fazendo laborar com energia os seus canhões. Ordenou o general Courtén que a sua infanteria se pozesse em retirada, depois de ter sido ella a que desajudada sustivera todo o peso do inimigo, emquanto a cavallaria com pouca opinião do seu valor e disciplina, desamparava, dispersando-se ou fugindo, o campo de batalha. Ao pôr do sol novas columnas republicanas, que do acampamento de Salces haviam marchado, acudiam a reforçar os seus camaradas até aquelle tempo empenhados no conflicto.

Sabendo no seu quartel general a grave e perigosa situação das tropas hespanholas, expediu Ricardos a Courtén a ordem peremptoria de effectuar a retirada, passando por S. Feliú, e deixando n'este ponto dois mil homens, quatrocentos cavallos e vinte peças de artilheria. A cavallaria hespanhola chegára a tão extrema desorganisação, que recebendo o general, seu commandante, expressa determinação de cobrir com ella a retirada ás forças de Courtén, apenas a muito custo se poderam colligir sessenta cavallos dos muitos centenares, que tinham marchado á empreza de Vernet. Os francezes, continuando impavidamente e em grande numero a avançar contra os hespanhoes, conseguiram penetrar no seu acampamento. Perdida toda a esperança de receber algum reforço e de resistir aos seus contrarios com a força diminuta que restava, tomou Courtén a resolução de proseguir na retirada, e ordenou ao general Crespo que egualmente retirasse, dirigindo-se a Peyrestortes, ou em ultimo caso, a S. Feliù. Ás onze horas da noite o general Courtén continuava a sua marcha retrograda sob um fogo vivissimo de artilheria e mos_

quetaria e ás tres horas da manhã do dia 18 fazia alto em S. Feliú. Não foram mui exiguas as perdas padecidas pelos hespanhoes. Entre os mortos contava-se o marechal de campo D. Rafael Adorno. Approximadamente duzentos feridos e sessenta e dois extraviados tinha havido no primeiro combate em frente de Vernet. No recontro da tarde e no da noite os hespanhoes haviam tido mais de oitenta mortos, entre elles sete officiaes, cerca de trezentos e cincoenta feridos ou contusos, mais de quatrocentos e sessenta extraviados.

Havia o general Ricardos, apenas soube dos revezes experimentados pelas armas hespanholas, ordenado ao general conde de La Unión que a toda a diligencia marchasse em soccorro de Courtén, e se o encontrasse já dando as costas ao inimigo, lhe protegesse com segurança a retirada. Não pôde La Unión reunir-se ao general Courtén, senão já em S. Feliú. Ali, congregando os que durante a marcha precipitada se haviam disperso e derramado, provendo ao transporte dos feridos e enfermos, e queimando a ponte sobre o Tet, operou a sua retirada para Truillas, aonde chegou no dia seguinte.

Não foi menos desastrosa para as armas hespanholas a acção de Peyrestortes. Não lograram por muitos dias a posse d'esta valiosa posição. Os francezes, ao perdel-a, se haviam retrahido para o campo entrincheirado, que tinham estabelecido em Perpignan. O general Daoust, que mandava as forças reunidas n'este ponto, emprehendeu retomar a Peyrestortes, e concertou-se para esta empreza com o general Goguet, que estava occupando áquelle tempo outro campo entrincheirado na posição de Salces, ao norte e a distancia não mui larga de Perpignan. Goguet, repartindo a sua tropa em tres columnas, passa o rio Gly, que não longe de Salces corre ao mar Mediterraneo. Dispõe na sua esquerda a cavallaria e marcha a encontrar-se com Daoust em Rivesaltes. Emquanto o general Lemoine se occupa em desalojar de Vernet os hespanhoes, Goguet avança em grande silencio contra Peyrestortes á frente de uma columna, a que os hespanhoes fazem hostil recebimento com um bem nutrido fogo de artilheria. Outra columna se dirige ao mesmo tempo á esquerda do inimigo.

No momento opportuno, em que o estrondo dos canhões lhe dá a conhecer que o general Daoust se empenha no combate em outro ponto, o general Goguet acommette impetuosamente os entrincheiramentos de Peyrestortes, e á bayoneta consegue apoderar-se da esquerda da posição e estabelecer-se n'ella firmemente.

Na direita era mais tenaz a resistencia dos hespanhoes ás tropas da republica. Mas os soldados republicanos, commandados por Daoust, tendo á sua frente os commissarios da Convenção Cassane e Favre e animados pelo seu exemplo e exhortação, alcançam desalojar tambem da direita as forças inimigas, e apoiados pelas tropas de Goguet, acorridas da esquerda, expulsam totalmente do campo entrincheirado os seus antagonistas. Executam os hespanhoes a grande custo a retirada, largando nas mãos dos seus contrarios quarenta e seis bôcas de fogo, seis estandartes, uma bandeira. Tiveram n'este combate quinhentos mortos, entre elles o coronel Solano, cerca de mil feridos, e quinhentos prisioneiros, com muitos officiaes. Não compraram os francezes a preço moderado a sua victoria. Os generaes republicanos Jouye e Vidal Saint-Urbain pagaram com a vida o seu esforço, e os dois commissarios saíram ambos feridos levemente. Era a primeira vez que n'esta campanha os francezes alcançavam um triumpho assignalado, e o bom succedimento das suas armas inspirou a confiança na victoria aos soldados republicanos, a quem fôra até ali adversa quasi sempre a sorte dos combates.

Por aquelle mesmo tempo se apoderaram os francezes da posição de Olette, que sobre o rio Tet os hespanhoes tinham pouco antes occupado.

Parecia que a fortuna inconstante e caprichosa desejava repartir os seus favores entre os dois porfiados belligerantes, inclinando ora a uma, ora a outra parte a balança da victoria, como se folgasse de protelar sem nenhum termo a guerra e a devastação nos Pyreneus. Depois das vantagens obtidas pelos francezes nos ultimos combates veiu breve o maximo desastre, que n'esta campanha os affligiu.

O general Dagobert recebêra alguns reforços, com que poderia agora emprehender novas e mais arrojadas operações. As tropas, acoroçoadas pelos seus recentes feitos de armas, ardiam por medir-se com os seus adversarios n'uma acção, que podesse em breve tempo encaminhal-as ao termo da campanha. Os hespanhoes tinham ainda sobre os contrarios uma grandissima superioridade. Era a de estender a sua frente mui alem do rio Tech e de occupar algumas posições, que pela sua proximidade a Perpignan, ameaçavam gravemente a capital dos Pyreneus orientaes. O empenho mais urgente dos republicanos seria, pois, arremessal-os por uma victoria decisiva para a linha do rio Tech, e proseguir na diligencia até os constranger a internar-se em Catalunha.

O exercito hespanhol, ao mando de Ricardos, defendia no territorio situado entre o Tet e o Tech uma linha de fortes posições, cuja esquerda era em Thuir, em Truillas o centro, e a direita era em Masdeu, formando um arco de circulo em redor de Perpignan.

A 22 de septembro de 1793, ás sete horas da manhã, o general Dagobert marcha com suas tropas a acommetter as posições dos hespanhoes.

O ataque principal é dirigido pelos francezes contra a esquerda inimiga, apoiada na posição de Thuir, guarnecida com uma forte bateria de doze canhões de 24. Ao mesmo passo, porém, uma columna, para divertir a attenção dos hespanhoes, ameaça acommettel-os nas alturas de Réart, onde Ricardos provera á sua defeza, fazendo ali collocar tres mil homens das suas melhores tropas sob as ordens do general D. João Crespo.

Por um vivissimo fogo de artilheria principiam os francezes o combate. As tropas hespanholas, que defendem aquelle posto, dizimadas pelos canhões republicanos, ficam abaladas fortemente e começa a lavrar nas suas fileiras o desanimo e a confusão. Mas o general Ricardos, em quem a energia e actividade tactica suppriam em certa maneira os talentos eminentes, que lhe faltavam de estrategico, logo se dirige ao ponto atacado e ordena que a reserva commandada pelo general

Courtén, e acampada em Masdeu, acuda prestesmente a soccorrer as tropas desanimadas. Renasce nos hespanhoes o esforço e a confiança e conseguem enfrear por algum tempo o impeto das forças republicanas até que os francezes, cobrando novos brios, cáem á baioneta sobre as tropas do general Crespo e alcançam romper-lhes a firmeza e cohesão. Mas o conde de La Unión com quatro batalhões de boa infanteria e dois regimentos de dragões marcha a reforçar de tropas frescas a posição de Thuir e então principia a fortuna a mostrar-se parcial aos hespanhoes. A grande bateria assestada nas alturas de Thuir não cessava de arrojar os seus projecteis contra as columnas republicanas, que desprezando os fogos do inimigo, não desordenavam as suas fileiras, nem esfriavam no empenho de tomar a posição.

Uma columna de francezes, cuja testa era formada pelo antigo regimento de Champagne, avança com estoica intrepidez contra a formidavel bateria. Estavam os soldados republicanos a pequena distancia das peças inimigas, e haviam por seguro o tel-as brevemente por tropheus. Mas o general duque de Osuna, a quem a defeza estava commettida na esquerda dos hespanhoes, apenas vê que se approximam, já quasi triumphantes, os francezes, manda cessar o fogo em toda a bateria.

O silencio dos canhões inspira nova audacia aos republicanos. Crêem que o inimigo desiste finalmente do combate. Correm exaltados, pressurosos á bateria. Eis senão quando, faltando-lhes já não longo espaço a percorrer, uma salva temerosa de todos os canhões simultaneamente disparados rareia terrivelmente as fileiras dos francezes. O intrepido regimento de Champagne é quasi inteiramente aniquilado. Os novos batalhões, que marcham bravamente contra a furiosa bateria são egualmente sacrificados. Apesar dos heroicos esforços empenhados na lucta desegual, os francezes são forçados a retroceder, renunciando á empreza desgraçada.

Emquanto na frente da posição francezes e hespanhoes enfurecidos luctavam cruamente na mais sangrenta carnificeria, uma columna de tropas republicanas marchava a tornear

pela esquerda os inimigos. De um reducto, que ali se levantava, conseguiram os guerreiros da republica fazer que se retirem os defensores temerosos de que iam em breve ser cortados. Refugiam-se n'uma proxima eminencia do terreno e d'ali incommodam rijamente com seus fogos os impavidos antagonistas. Estava o reducto a pique de ser entrado pelos impetuosos republicanos, quando o conde de La Unión, com as tropas de soccorro, manobra de maneira que os ataca pelo flanco. Fazem os francezes uma rapida conversão para defender-se contra o novo adversario. Ao mesmo passo, porém, o duque de Osuna, já desapressado do inimigo na sua frente, dirige grande parte da sua formidavel artilheria contra a columna flanqueante. Pelos bem concertados movimentos de Osuna e de Unión, improvisamente se acharam os francezes batidos de frente por Unión, de flanco por Osuna, e de revez pelas tropas hespanholas saidas do reducto e estabelecidas na altura.

É então que o lance desesperado inspira aos bravos republicanos nova audacia e vigor extraordinario. Combatem com valor encarniçado, fazendo rosto aos inimigos, que os apertam n'um cinto de metralha e fusilaria. Confiam em que ainda podem porventura abrir á ponta das bayonetas o caminho atravez dos cerrados batalhões dos hespanhoes. N'este momento do combate, porém, o general Ricardos em pessoa, á testa dos reaes carabineiros e dos hussares de Pavía, ordena uma carga impetuosa e acaba de fechar o circulo de ferro, em que se debatem com esforço heroico, mas frustraneo, as reliquias da columna republicana.

Torna-se então desordenada, frouxa a resistencia, trepidam, desconjuntam-se, rompem-se as fileiras. O completo desbarato dos francezes corôa no combate a superioridade numerica dos hespanhoes e as manobras discretas e opportunas dos seus intelligentes generaes. De quatro mil francezes, que se haviam empenhado na requesta, a duras penas alcançam pôr-se em salvo alguns poucos centenares. O campo em frente da bateria e do reducto ficára alastrado de cadaveres em accumulada multidão e os cavallos hespanhoes mal

podiam seguir o alcance aos poucos francezes, que, tendo escapado ao tremendo morticinio, procuravam na fugida acobertar-se contra os sabres inimigos.

Emquanto as armas republicanas padeciam um completo desbarato no seu ataque da esquerda, vejâmos como lhe succedia não menos desastroso o que intentaram contra o centro. O general Dagobert dera desde o principio escassa importancia á direita dos seus contrarios. Apenas fizera para ali avançar alguns poucos batalhões para que em ordem dispersa incommodassem o inimigo e divertissem para aquelle ponto a attenção dos hespanhoes.

Ao ataque do centro, mais numerosas tropas tinham sido encaminhadas em duas columnas. Marcharam os francezes em boa ordem contra a posição de Truillas, depois de terem rechaçado os postos avançados sem grande resistencia. O general Courtén não fôra, porém, menos previdente em adoptar as melhores disposições para frustrar os intentos do inimigo. O violento fogo dos hespanhoes obriga as duas columnas a avançar mais lentamente e em mais cerrada formação da que tinham levado no principio. O general Ricardos penetrando com prompta sagacidade que o ataque dos francezes pela esquerda é para elles secundario, desguarnece sem perigo a posição de Thuir.

Quatro mil homens de infanteria e cavallaria, commandados pelo barão de Kesel, d'aquelle ponto acodem a Truillas velozmente e dois regimentos de cavallaria marcham egualmente a empenhar-se no combate do centro, de que pende agora inteiramente o exito da batalha. Então os hespanhoes manobram habilmente para envolver as tropas inimigas. Emquanto o barão de Kesel ataca os francezes pelo flanco direito, e Godoy com a sua cavallaria e um regimento de carabineiros enviados pelo conde de La Unión os carrega audazmente pela esquerda, o general Courtén os fere pela frente com a sua infanteria poderosamente auxiliada por um fogo terrivel de canhões:

Perseveram os francezes a principio em avançar contra as forças de Courtén. Bem depressa, porém, envolvida a colum-

na franceza da esquerda pelas tropas flanqueantes, é chegada á mais funesta situação. Reluctam os briosos republicanos em render-se á peremptoria intimação do inimigo já quasi vencedor. O general, que manda n'este ponto, pede vinte minutos de suspensão para consultar o general em chefe Dagobert, que se acha então á retaguarda do exercito francez. É-lhe apenas concedido um quarto de hora. Mas Dagobert, ao saber o risco imminente da columna já cercada, voa com as reservas ao campo do combate, acommette impetuoso as tropas de Godoy, ferindo sem discrime, no meio de uma grande confusão, a amigos e contrarios. Reanimam-se os francezes, já prestes a render-se, combatem com desesperada valentia, como quem só vê n'um esforço extremo um ultimo clarão de salvamento. Mas os soldados republicanos não podem resistir por largo tempo ao inimigo não sómente superior em força numerica, senão tambem mais favorecido pelo terreno e pela disposição das suas columnas. O desenlace é funestissimo aos francezes, que os seus implacaveis inimigos, acirrados pela inutil e porfiada resistencia, immolam cruelmente ao seu furor. O campo diante de Truillas offerece um espectaculo cruento.

Dagobert, vendo perdida sem remedio a columna da esquerda, trata unicamente de salvar as reliquias do exercito, buscando na retirada o seu refugio. Uma parte das tropas procura abrigo nas montanhas, que circumdam os logares de Sainte Colombe e de Terrats.

D'estas posições os vieram desalojar no proprio dia da batalha, ao caír da tarde, as forças hespanholas de Unión e de Courtén. A retirada converteu-se então para os francezes n'uma fuga desordenada, que trataram de aligeirar quanto possivel, inutilisando as munições, e arremessando nas quebradas e precipicios das montanhas os canhões, que era impossivel transportar. As tropas da republica nos combates desastrosos d'este dia perderam mais de seis mil homens entre mortos, feridos e prisioneiros. N'esta acção, a mais bem travada em toda a campanha até áquelle dia, e a que unicamente se póde apellidar uma batalha, o exercito francez

dos Pyreneus orientaes deixou no campo ou em poder do inimigo as suas tropas mais valentes e disciplinadas, entre as quaes se numeravam os antigos regimentos de Champagne, de Médoc, de Vermandois e Bourbonnais.

Os representantes do povo Bonnet, Cassane, Fabre e Gaston, commissarios da Convenção nacional junto do general em chefe Dagobert, escrevendo á assembléa, não podem eximir-se a communicar-lhe a terrivel nova, e apesar do euphemismo exaggerado, com que dão o nome de *petit échec* ao desbarato das tropas republicanas, e da pouca exactidão, com que rebaixam a quasi quinhentos homens as suas perdas na batalha, manifestam claramente a graveza do desastre. Uma cousa principalmente punge no intimo do seu altivo sentimento republicano os severos delegados da Convenção. É que uma parte do regimento de Vermandois, ao render-se aos hespanhoes, houvesse clamado *Viva o rei*. Consolavam-se os inquebrantaveis commissarios com a certissima esperança de proximas victorias, e n'esta linguagem patriotica e exaltada, em que n'aquelle tempo se exprimia o amor da liberdade e o odio do extrangeiro, annunciavam á tremenda assembléa que antes do inverno os satellites do tyranno hespanhol não continuariam a macular o solo da liberdade [1].

As palavras dirigidas á Convenção pelos seus commissarios junto ao exercito francez dos Pyreneus orientaes, tinham o que quer que fosse de propheticas, porque pelo mais singular e extranho paradoxo estrategico, ao desastre de Truillas, padecido pelas tropas da republica, seguiu-se em breve tempo a resolução, com que o general hespanhol desamparou as suas posições no territorio francez e veiu a retrahir-se para junto da fronteira. Aquelle desbarato foi para os francezes como que se fôra um ponto tropico, d'onde a fortuna deu volta e principiou a desluzir as armas hespanholas.

A Convenção começava a resfolegar do immenso poderio com que os alliados tinham opprimido as fronteiras e com os

[1] Sessão da Convenção nacional, na *Gazette nationale ou Le Moniteur universel*, n.º 278, 5 de outubro de 1793.

revezes das tropas republicanas haviam ameaçado graves perigos á existencia da republica. Se a batalha de Neerwinden, perdida por Dumouriez contra os austriacos, fôra para a França o principio de grandissimos desastres, e abrira bem patente aos invasores a fronteira da Belgica para acommetterem o territorio da republica; se os revezes do general Custine deixaram mallogrados todos os triumphos obtidos em 1792 pelos francezes na Allemanha; se a reddição das praças de Condé, de Moguncia, e Valenciennes, a entrega de Toulon aos inglezes pelos reaccionarios ou imprudentes inimigos da Convenção, a guerra selvagem e fratricida, que lacerava na Vendée as proprias entranhas da patria commum, sacrificada ao odio implacavel de republicanos e realistas, haviam durante os primeiros mezes de 1793 affligido a França, e assombrado, sem lhe minguar a energia, a terrivel Convenção; a batalha de Hondeschoote, ganha pelo general Houchard contra uma parte dos alliados commandada pelo duque de York, e o levantamento do sitio de Dunkerque, reanimaram poderosamente os exercitos republicanos, restituiram-lhes a confiança inabalavel na victoria e acresceram de vigor e de fé inquebrantavel a indomita e perseverante Convenção.

Assim como em Jemmappes os francezes haviam posto diques á primeira invasão dos alliados, em Neerwinden patenteou-se ás armas da republica novo e amplissimo horizonte de victorias. Desapressada a Convenção do maior peso de inimigos poderosos nas fronteiras do norte e do oriente, podia mais facilmente converter as attenções e os cuidados á guerra dos Pyreneus. Os reforços de tropas e munições começaram a acudir com maior celeridade e profusão ao exercito de Dagobert.

Não se desalentaram os francezes com o desbarato de Truillas, antes mais ficaram incendidos no desejo de vingar briosamente a affronta recebida. Logo no dia 23, seguinte ao da batalha, volveram a acommetter as posições dos hespanhoes, e a 26 de septembro conseguiram desalojal-os e estabelecer-se na excellente posição de Thuir. A victoria alcançada pelos hespanhoes em Truillas foi para o seu exer-

cito em vez de uma vantagem um lastimoso contratempo. Temeroso o general Ricardos de que o seu adversario, fortalecido com os reforços recebidos, o podesse tornear e interromper ou difficultar as suas linhas de communicação, julgou-se mal seguro nas antigas posições e determinou-se em retirar para o campo fortificado de Boulou. Quanto ás conveniencias estrategicas parecia-lhe que ali, pela situação d'aquelle ponto, não sómente seria assegurada em caso de revez a sua linha de retirada para o territorio peninsular, senão tambem que d'este modo ficaria mais a lanço de cobrir e proteger as suas tropas occupadas em bloquear os pontos fortificados de Port-Vendres, Saint-Elme e Collioure, importantes para o inimigo pela sua proximidade ao Mediterraneo. Egualmente confiava no valor tactico da sua nova posição, cujo relevo offerecia defezas naturaes, acrescentadas pela mais discreta distribuição de uma forte e copiosa artilheria. Em Boulou sobre o rio Tech estabeleceu Ricardos o centro da sua linha. Apoiava o flanco esquerdo n'umas eminencias do terreno, que podiam accommodar-se a uma resistencia vigorosa, e serviam egualmente para cobrir a estrada, que por ali se dirige para a fronteira. O flanco direito, apoiado á margem meridional do Tech, tinha um trecho d'este rio por seu fôsso natural, e era ainda acobertado por uma pequena cadeia de collinas, que na opposta margem se estendiam até á povoação de Montesquiou. Estas vantagens eram, porém, contrapesadas, porque a linha do exercito hespanhol, pela sua extensão desmesurada, mal podia ser efficazmente defendida pelas resumidas forças de Ricardos, e ministrava ao inimigo a occasião de sobresaltar a cada passo os hespanhoes com repetidos combates e diversões.

O general Dagobert, achando-se com poder superior ao dos contrarios, intentou desalojal-os da sua nova linha de defeza. Porém antes de atacar o campo de Boulou, julgou tornar mais difficil a situação dos hespanhoes, fazendo uma rapida incursão no seu proprio territorio, com o que iria ameaçar a retaguarda das suas posições. Uma divisão franceza de cerca de quatro mil homens, partindo de Mont-Louis, passa

a 3 de outubro a fronteira e apresenta-se em frente da villa catalan de Campredon, que estava apenas defendida por antigas muralhas e sem guarnição proporcionada a uma demorada resistencia. Depois de trocarem alguns tiros os francezes e os hespanhoes, a povoação no dia 4 é intimada por Dagobert a render-se no praso de duas horas. Terminada esta delonga formam os francezes as suas columnas e assaltam Campredon, sem que os hespanhoes lhes oppozessem grande tenacidade. Entram na villa as columnas republicanas, com o general Dagobert á sua frente, e ainda perseguem na retirada o inimigo até Ripoll.

Não poderam os republicanos assegurar a posse da sua conquista, com receio de que forças numerosas os viessem accommetter. E de feito algumas tropas hespanholas e os habitantes, que haviam abandonado Campredon, convocados numerosos camponezes das proximas aldeias, volvem sobre seus passos, e entrando na povoação sem grande custo, obrigam os francezes, occupados em saquear as habitações, a desamparar de novo aos bravos catalães a posse dos seus lares.

Dagobert, a quem não tinham chegado a tempo, como ordenára, os reforços de suas tropas acampadas em Mont-Louis, houve por melhor partido retroceder sobre este ponto e aguardou ali a propicia conjunctura para emprehender novas e mais valiosas operações.

No emtanto Dagobert fôra substituido pelo general Turreau no commando do exercito francez dos Pyreneus orientaes. O novo chefe apparecia á frente das suas tropas inflammado no desejo de proseguir resoluta e activamente a guerra e a engenhar-se ao plano e ao systema iniciado pelo seu antecessor. O campo dos hespanhoes recebêra por aquelle tempo um reforço de alguns mil homens. Era, pois, urgente acommettel-o, emquanto novas tropas não vinham engrossar as suas fileiras. Turreau, porventura, com maior ambição do que prudencia, ardia no desejo de assignalar por uma victoria decisiva o principio do seu commando, e de terminar n'uma só batalha o que os seus predecessores não haviam

logrado conseguir em tantos mezes, que iam já decorridos de campanha. Resolveu-se, pois, em commetter o campo de Boulou, confiando em que o enthusiasmo e o valor dos seus soldados levariam d'esta feita de vencida o ardiloso e prudente general dos hespanhoes.

A 14 de outubro, pelas dez e meia da noite, as tropas francezas marcham em boa ordem contra as posições do inimigo. Formadas em seis columnas atacam as posições hespanholas em varios pontos, levando ao principio alguma vantagem sobre os seus adversarios. Na direita, onde commandava o general Courtén, o impeto dos soldados republicanos obriga-o a ceder e a retirar-se a fim de restabelecer a formação regular nas suas tropas abaladas pelo primeiro choque dos contrarios.

O ataque dos francezes pela direita não era, porém, o principal, senão unicamente consagrado a fazer convergir sobre este ponto a attenção e o esforço dos hespanhoes. As columnas francezas em vez de completar por um novo ataque a vantagem obtida contra o general Courtén, animosamente se dirigem contra a posição de Montesquiou na extrema esquerda, onde o general Navarro fazia rosto á investida impetuosa dos francezes.

Ricardos, percebendo que as tropas republicanas se esforçam por occupar Montesquiou, envia promptamente reforços a Navarro, que d'esta maneira consegue frustrar o intrepido valor do inimigo. Emquanto a balança do combate se mantinha quasi egual em Montesquiou, o general Courtén volve novamente a empenhar-se na lucta com os francezes, e o conflicto pende por largo tempo sem que as tropas da republica logrem a victoria.

Ao mesmo passo outras columnas republicanas acommettem a esquerda hespanhola, destinada á operação mais importante, segundo o plano do general francez. Ricardos, penetrando com uma certa perspicacia as intenções do seu contrario quanto ao ponto do ataque principal, reforçára a sua esquerda com quatro batalhões e alguns esquadrões, e fortalecêra egualmente o centro da sua linha. Era então o

momento critico do combate. Turreau põe-se á frente das suas tropas e faz convergir o grosso das suas forças contra os hespanhoes estabelecidos n'uma chapada, que tem o nome de Pla del Rey. Ali tinham elles erigido baterias que por alguns batalhões de granadeiros, em numero de cerca de dois mil homens, eram tenazmente defendidas sob as ordens do tenente coronel Taranco. Tinham os defensores a seu favor o aspero e escabroso da posição que sustentavam, aos francezes pelo contrario era em extremo difficil a subida pelo que era de empinada e protegida por obstaculos naturaes. Avançam todavia com vigor as columnas republicanas, e procuram senhorear-se da bateria principal. Não dormiam, porém, os hespanhoes. Fazem ás tropas de Turreau uma acolhida bem capaz de esfriar o esforço e o ardor em soldados menos impetuosos que os francezes. Trava-se o combate com furor encarniçado, recebendo os granadeiros de Taranco os seus contrarios com valor exemplar, e disputando os republicanos com egual vigor e não menos galhardia a posse do terreno.

Sete vezes os fogos dos hespanhoes obrigam os atacantes a retirar, e sete vezes as bandeiras tricolores no centro dos batalhões fluctuam desfraldadas marchando novamente ao monte alcantilado. Ali ao cabo de cruentissima peleja logram a final estabelecer-se os soldados republicanos. O heroico valor do tenente coronel Taranco já não póde equilibrar o impeto da bayoneta, d'esta arma predilecta do soldado francez nas guerras da Revolução.

Desampara Taranco a posição, e retira-se, deixando no campo do combate muitos centenares dos seus bravos granadeiros, de que a duras penas pôde ainda numerar seiscentos nas fileiras. Acolhe-se a uma baixa, que os francezes desde a altura de Pla del Rey podem agora livremente varejar com a sua incessante artilheria. Não occorre, porém, aos vencedores o tornar fructuosa totalmente a sua victoria.

A noite era escurissima, não deixava perceber que as tropas de Taranco, reduzidas a menos de metade pelo fogo e pelo ferro dos valentes republicanos, eram já pelo seu exiguo nu-

mero incapazes de contrapor ao inimigo uma resistencia prolongada. O general Turreau a julgar pela brava e diuturna defeza de Pla del Rey, imagina que o seu adversario ainda commanda forças mui superiores aos seiscentos granadeiros, que saíram immunes da refrega, e crê que uma reserva consideravel lhe restava para o reforçar em combates subsequentes. Duvida, pois, o general republicano em perseguir o bravissimo Taranco.

A hesitação dos francezes é habilmente aproveitada pelo general em chefe dos hespanhoes, que trata promptamente de enviar em soccorro de Taranco algumas centenas de homens das guardas walonas. Reanimam-se os granadeiros com a presença das tropas escolhidas, que os vem auxiliar efficazmente. Reaccendem-se em desejos de vingança e vislumbres de victoria. As columnas hespanholas marcham com fogoso enthusiasmo a retomar a perdida posição de Pla del Rey, e assombram pela sua investida inopinada os soldados republicanos. Os francezes, porém, respondem com os seus fogos bem certeiros á audacia do inimigo, e rareiam cruamente as suas fileiras. Mas os hespanhoes, com impeto e valor extraordinario, não deixam abalar a sua firmeza, e cerrando-se para encher os vazios deixados pelo fogo, conseguem arrojar-se destemidos contra a disputada bateria. É ali que o combate corpo a corpo em meio da escuridade se encruelece e se torna selvatico, sangrento, implacavel. É horrivel então a carniceria. O valor enthusiasta dos francezes tem fatalmente de ceder á heroica bravura dos hespanhoes. O general Turreau ordena a retirada. As tropas de Ricardos ficam novamente estabelecidas nas suas antigas posições, lustradas por sangue em tanta copia derramado que a funesta posição de Pla del Rey alcançou o cognome ao mesmo tempo sinistro e glorioso de *Bateria de la Sangre.* Os dias, que seguiram ao d'esta acção, infeliz para as tropas da republica, foram por ellas empregados em bater com fogos de artilheria as posições dos hespanhoes, sem que do grosso despendio de munições e de victimas humanas resultasse compensado pela minima vantagem o mallogro da operação antecedente.

Vejâmos agora qual era a situação das tropas hespanholas, quando aportou em Rosas a divisão auxiliar. Não podia ser mais viciosa e mais precaria a disposição, que o general Ricardos adoptára para conter o impeto dos seus adversarios. Eram poucas e não austeramente disciplinadas as tropas do seu exercito. Computavam-se apenas em vinte mil homens, entrando n'esta conta innumeros doentes nos hospitaes. Com força tão diminuta occupavam os hespanhoes uma linha de muitas leguas, onde em postos numerosos e fraquissimos appareciam disseminadas as forças, que fôra mais prudente concentrar. Ficavam as posições alem do rio Tech, com a direita em Montesquiou, o centro e o quartel general no campo de Boulou, a esquerda nas vizinhanças de Céret.

Os postos fortificados eram estabelecidos em Céret, no forte Des Bains, em Arlès, no forte de La Garde, em Morellás, em Montesquiou, em Bellegarde, na montanha de Requesens, no Col de Portel, e em Portus. A posição principal de Boulou estava defendida por um campo entrincheirado [1].

O terreno comprehendido entre a direita do exercito hespanhol e a fortaleza de Collioure era occupado pelos francezes, a quem seria facil tornear e tomar de revez as posições de Ricardos, ou por uma improvisa e rapida manobra, tão familiar pouco depois aos exercitos republicanos, invadir pela portella de Banyols a Catalunha na região chamada o Ampurdán. O pequeno campo de Espollá parecêra ao general Ricardos sufficiente prevenção por esta parte contra as emprezas do inimigo.

A situação dos hespanhoes, já de si desfavoravel e perigosa pela desmesurada extensão da sua linha, ainda mais se engravecia, porque lhe ficava á retaguarda o rio Tech. A communicação dos hespanhoes com a sua base de operações limitava-se á que lhe ministravam duas pontes, a de Céret e a de Boulou, que por insegura, e de madeira, fôra incapaz de resistir ás enchentes da invernia. E assim viera a acontecer, porque a ponte por mui fragil foi levada a 21 de novembro

[1] Carta do sargento mór Teixeira Rebello a Luiz Pinto, 10 de novembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

pelo impeto das aguas, e as tropas de Ricardos ficaram desde então na mais perigosa situação[1].

Ao tempo, em que chegou á Catalunha a divisão portugueza, já as tropas republicanas se tinham avizinhado á esquerda do inimigo. Haviam-se apossado das alturas, d'onde batiam e enfiavam a ponte de Céret, a cabeça de ponte, o reducto avançado, que a defendia e o caminho pelo qual se communicava a esquerda dos hespanhoes com o seu centro no campo de Boulou. Tinham os republicanos o quartel general em Bagnollers, a direita em Saint Fériol, em frente de Céret, e a esquerda em Villelongue, de maneira que francezes e hespanhoes estavam situados a distancia da artilheria[2].

Era por extremo lastimosa a condição das tropas auxiliares ao chegarem á Catalunha. A viagem por dilatada em demasia, pela carencia absoluta dos commodos mais indispensaveis á saude, pela falta de agua, e pela qualidade ruim dos mantimentos, produzíra na divisão portugueza os seus effeitos inevitaveis. Era grande o numero dos enfermos no momento do desembarque[3].

O desleixo e desamor das auctoridades hespanholas havia sido tão completo, que em Rosas não havia um só logar, onde se abrigassem os doentes, que espantosamente recresciam. Foi necessario que o marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha cedesse o seu quartel para que ali se estabelecesse um estreitissimo hospital, onde se houvessem de amparar os miseros doentes, que pela graveza de suas enfermidades não podiam ser transportados ao hospital hespanhol de Toroella, distante de Rosas sete leguas[4]. Os proprios mili-

[1] Carta particular do general Forbes a Luiz Pinto, 13 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra. *Historia da guerra... do Roussillon e Catalunha*, por Antonio de Lemos Pereira de Lacerda (depois general e visconde de Juromenha). Manuscripto na bibliotheca da Academia real das sciencias.

[2] Carta do coronel Gomes Freire a Luiz Pinto. Boulou, 10 de novembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[3] Os doentes eram em numero de cento e cincoenta e sete. Officio de Forbes a Luiz Pinto, 16 de novembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[4] Carta particular do general Forbes a Luiz Pinto, 13 de dezembro de 1793

tares, que nos mappas figuravam como promptos, mostravam quasi todos no seu aspecto os signaes manifestos de que não fôra para elles inoffensiva a inclemencia da viagem e a mingua de saudaveis provisões[1]. Recrescia o inverno com vehemencia ainda exacerbada pela agrura dos Pyrinéus. As chuvas caíam torrentosas e o terreno com ellas se encharcava, tornando cada vez mais difficil e insalubre o serviço nos acampamentos e bivaques para tropas tão fundamente debilitadas[2]. Todos os testemunhos officiaes e particulares são contestes em descrever com as mais emphaticas expressões o estado angustioso, em que a divisão auxiliar desfallecia nos primeiros dias após o desembarque. O general Forbes escrevia por aquelle tempo a Luiz Pinto, que as tropas, quando esperavam ver o termo aos seus penosos infortunios, muito ao revez, ao pisarem a terra da Catalunha, os tinham visto recrescer até caírem na extrema desolação[3].

Como se estivessem apostadas a engravecer, em vez de confortar, a lastimavel situação das forças portuguezas, as auctoridades hespanholas haviam de todo o ponto deslembrado não sómente os deveres impostos pelas convenções diplomaticas,, senão tambem as mais simples obrigações da hospitalidade. Os viveres eram caros e custosos de alcançar[4].

Não era então o mais azado para custosas operações, no principio do inverno, e em tão asperas e desabridas regiões o estado physico das tropas auxiliares. Fôra a viagem tão di-

[1] Escrevendo a Luiz Pinto, dizia o sargento mór de artilheria Teixeira Rebello, «que os soldados do regimento de Olivença haviam chegado a Rosas *na maior necessidade e pareciam desenterrados*». Carta de 10 de novembro de 1793.

[2] Carta particular de Forbes a Luiz Pinto, 13 de dezembro de 1793. Carta de João Esteves, thesoureiro do exercito, a Luiz Pinto. Rosas, 9 de novembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[3] «E quando esperavam achar em terra o termo de seus padecimentos, foram estes sempre em augmento *até ao auge mais elevado de inexplicavel soffrimento.*» Carta particular do general Forbes a Luiz Pinto, 13 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[4] Officio do general Forbes ao general Ricardos, 16 de novembro de 1793. «Acho que se experimenta aqui grande escassez de pão e viveres e que n'esta bahia (Rosas) só dois fornos cozem para as tropas».

latada, tão mesquinhos os recursos, tão deleteria a accommodação a bordo de pessimos transportes, que em menos de seis mil homens, que perfaziam a expedição, se numeravam pouco após o desembarque muito mais de setecentos enfermos. Só no regimento de Freire os doentes eram duzentos e cincoenta. No transporte, que o havia conduzido, iam de viagem mil e trezentas pessoas, e a bordo se tinha declarado uma febre de mau caracter [1]. Não era mais lisonjeiro que a saude, o vestuario dos soldados portuguezes. E tal fôra antes do embarque o desleixo da administração, que já entrado o rigor do inverno promettia o governo de Lisboa enviar em principios do anno seguinte os artigos indispensaveis para que as tropas não fizessem a campanha desabrigadas e descalças [2].

Não havia para os doentes nem hospitaes, nem os recursos mais escassos para que podessem convalescer. O serviço dos transportes era insufficiente, difficil, ministrado por viaturas e animaes improporcionados ao estado lastimoso das estradas e caminhos. A mais invencivel negligencia presidia á administração militar e civil na Catalunha [3]. Os proprios soldados hespanhoes padeciam os effeitos da geral desorganisação administrativa e retratavam tristemente em sua miseria e esqualidez o governo paternal de D. Manuel Godoy [4].

[1] Officio de Forbes ao duque de Lafões, 1.º de dezembro de 1793, e officio de Forbes ao ministro plenipotenciario portuguez em Madrid, Diogo de Carvalho e Sampaio, 30 de novembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Officio de Luiz Pinto a Forbes, 24 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[3] «A horrorosa idéa, que causaria a v. ex.ª se visse a deploravel situação dos soldados hespanhoes, não cabe em expressões o pintal-a». Carta particular do general Forbes a Luiz Pinto, 13 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[4] Carta particular do general Forbes a Luiz Pinto, 13 de dezembro de 1793.

CAPITULO IV

A PRIMEIRA CAMPANHA DOS PORTUGUEZES

A divisão portugueza nos primeiros dias após o desembarque estabeleceu-se n'um acampamento sob a protecção da artilheria na praça de Rosas, cujos escassos meios defensivos, a instancias do sargento mór Teixeira Rebello e pelo trabalho dos artilheiros portuguezes, se haviam em certa maneira melhorado [1]. Antes, porém, que chegasse a Rosas o general Forbes com o grosso da divisão, já o coronel Mestral com o primeiro regimento de Olivença acampava em Castellon, nas cercanias d'aquella praça.

Pouco tempo estanciaram as tropas de Portugal em Rosas ou nas suas vizinhanças. Designára-se que em tres columnas marchassem a unir-se com o exercito hespanhol no campo entrincheirado de Boulou nos dias 18, 19 e 20 de novembro. O primeiro regimento de Olivença e o segundo do Porto, que haveriam de formar a primeira columna, receberam do general Ricardos a ordem de marchar em direitura a Garriguellá. Deviam encorporar-se nas tropas hespanholas, com que o seu general em chefe intentava acommetter na posição de Banyuls

[1] Carta particular de Teixeira Rebello a Luiz Pinto, 10 de novembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

um corpo francez, que a defendia. E de feito a 19 de novembro pela manhã partia de Rosas o marechal de campo D. João Correia de Mello, commandando a pequena brigada constituida pelos regimentos segundo do Porto e primeiro de Olivença. As tropas deixaram toda a bagagem e tomaram por maior brevidade o seu caminho pela aspereza das montanhas, em tempo inhospito, e por terrenos alagados.

A columna formada pelos outros quatro regimentos da divisão, levando por seu chefe o marechal de campo José Correia de Mello, poz-se em marcha a 20, logo ao primeiro alvorecer, para que ao meio dia chegassem aos seus destinos os regimentos; a Rebós os de Freire e de Cascaes, a Llansá o primeiro do Porto, e a Meniscle o de Peniche. Esta força haveria de avançar depois até o campo de Espollá, onde Correia de Mello deveria apresentar-se aos generaes hespanhoes Arias e Cajigal, sob cujas ordens serviria para tomar parte na planeada incursão contra os francezes. A intentada empreza não teve, porém, execução, porque os republicanos se haviam já apercebido para esperar com vantagem as tropas inimigas.

Pouco depois resolveu o general Ricardos enviar a outro destino a infanteria dos portuguezes. Ordenou a principio que o primeiro de Olivença fosse occupar a posição de Llansá e que os outros cinco regimentos se pozessem logo em marcha para o campo de Boulou. O primeiro de Olivença haveria de engrossar as tropas hespanholas, destinadas a cooperar n'um ataque maritimo contra o ponto fortificado de Collioure. Não se effeituou, porém, esta operação, porque um rijo temporal desconcertou os navios de guerra, que pela parte da costa deviam cooperar.

Emquanto as forças portuguezas marchavam para o theatro da guerra, commettia o general Forbes ao marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha o dirigir em Rosas o transporte das bagagens e prover ao serviço de saude militar, que de dia em dia se tornava mais difficil e urgente, pela grande copia dos enfermos no exercito.

Na villa de Junquera, situada a meio caminho entre Figue-

ras e Boulou, foi estacionar o marechal de campo D. Antonio de Noronha para que superintendesse quanto cumpria á ordem e provimento das forças portuguezas na sua marcha para o quartel general dos hespanhoes.

Continuava sempre o inverno desabrido, as chuvas copiosissimas, os terrenos tornados em paúes. A marcha dos regimentos foi, pois, cortada de tantas difficuldades e asperezas, que o rigor da estação influia ao mesmo passo nos espiritos o desanimo, nos corpos a enfermidade. Os soldados atravessavam as ribeiras e torrentes engrossadas pelas chuvas, mettendo-se na agua até o peito, ou atascando-se em lodaçaes. O proprio general Forbes corrêra perigo imminente ao despenhar-se por uma ribanceira alagadiça, e estivera quasi a ponto de afogar-se n'um ribeiro. Vencidos, porém, os contratempos do caminho, foi encontrar em Junquera os regimentos de Freire e de Cascaes e á sua frente proseguiu a marcha trabalhosa até Morellas, áquem do rio Tech a cerca de uma legua de Céret. De quarenta praças do regimento de Freire, que iam comboiando as bagagens d'este corpo, quasi todas em Figueras entraram no hospital. Empenhava-se entretanto o general por infundir esforço e animo aos soldados, que sob auspicios tão adversos encetavam a campanha. A 22 de novembro chegavam a Céret os dois regimentos.

A 25 terminava egualmente n'este ponto a sua marcha desde Junquera a segunda brigada, que se compunha dos regimentos primeiro de Olivença e segundo do Porto, não sem ter padecido no caminho as maiores adversidades. O regimento de Peniche marchára de Meniscle a Morellas, onde haveria de fazer alto. Pouco depois recebia por encargo o guarnecer S. João de Pagès.

Os quatro regimentos destinados a Céret chegaram a este ponto na conjunctura mais difficil para as armas hespanholas. As tropas francezas estabelecidas n'aquellas cercanias occupavam eminencias, que lhes permittiam offender com grandissima vantagem a posição dos alliados.

O general Turreau, que tinha a esta sazão o commando das operações, julgou prudente e opportuno precipitar a aggres-

são aos postos hespanhoes. Determinou-se, pois, em acommetter improvisamente os alliados, dispondo para a antemanhã de 26 de novembro o seu ataque impetuoso o decisivo.

Os francezes nas ultimas refregas tinham visto a fortuna das armas inclinar-se em favor dos hespanhoes, e espiavam anciosos a melhor occasião, em que podessem desquitar-se com vantagem dos seus proximos desastres. Parecia, pois, propicia ao general em chefe a occasião para saltear com forças consideraveis a posição de Céret, a qual se por elle fosse tomada, acabaria de interceptar completamente a communicação, que restava aos alliados com a sua base de operações. Não andava o general hespanhol menos ancioso de saír da precaria situação, em que se achava, confiando a um lance audaz e aventuroso a fortuna das suas armas para alcançar com ellas o desafogo da estreiteza, em que vivia. Era extrema a penuria, que reinava nos seus acampamentos. Faltavam inteiramente as forragens á cavallaria e andavam escassissimos os viveres para as tropas obrigadas a acampar sem tendas, nem abrigos, debaixo de furiosas tempestades. Eram criticas as circumstancias dos alliados, não consentiam demora ou hesitação [1].

Empenhavam-se os francezes em estreitar cada vez mais a situação dos seus contrarios. Ainda a 24 de novembro haviam intentado uma incursão em numero de quatrocentos a quinhentos, contra os quaes o brigadeiro D. Fernando Valdés e o coronel D. Manuel Lopez Hidalgo marchavam com pouca infanteria e alguns cavallos, e conseguiam rechaçar os inimigos e tomar-lhes prisioneiros e despojos.

Deliberou o general em chefe hespanhol antecipar-se aos

[1] «El exército sin forrage alguno, ni cebada mas que para un dia... Hice coger las hojas de los olivos y encinas para mantener los caballos; envié partidas por los pueblos y caserios para no dexar ni grano, ni ganado a ningun vecino. La tropa á la inclemencia, porque las tiendas las llevaba el viento, y las barracas se calaban é inundaban sin poder enjugarse, ni guisar; y enfin quanta clase de carencia é intemperie podia juntarse.» Officio do general Ricardos ao governo hespanhol, 27 de novembro de 1793 na *Gaceta de Madrid* de 10 de dezembro do mesmo anno.

inimigos e atacal-os resolutamente, aproveitando, como elle mesmo se expressava, a propria tempestade, que em seu parecer, pela continuação das chuvas torrenciaes, teria desapercebidos e mal precatados os francezes contra um ataque julgado inexequivel em tempo tão infesto e borrascoso. Era o intento de Ricardos apoderar-se das alturas e baterias, cujos fogos interceptavam os caminhos, por onde a Céret podiam vir os reforços de gente e os soccorros de munições e mantimentos.

A operação intentada por D. Antonio Ricardos deveria executar-se a 25 de novembro ao primeiro alvorecer da madrugada, e teria por objecto desalojar das alturas, onde tinham assentado as suas baterias, as tropas republicanas.

Era cinco o numero das columnas, em que se repartiam as forças destinadas á operação, reputada essencial e decisiva. A primeira tinha por seu chefe a D. Philippe Viana, capitão de granadeiros de *Guardias españolas.* A segunda ia commandada pelo brigadeiro D. Gregorio de la Cuesta. O tenente coronel marquez de Coupigny tinha o mando da terceira. A quarta obedecia ao tenente coronel D. José Galeano e a quinta finalmente ao marechal de campo D. Ildefonso Arias de Saavedra. Tres d'estas columnas eram formadas das tropas, que estavam guarnecendo a Céret, e d'alli deviam marchar directamente aos postos inimigos.

Inconvenientes inesperados fizeram dilatar para o dia 26 de madrugada o ataque planeado. As chuvas copiosas e pertinazes, que tornavam impervias as estradas, determinaram o general em chefe a enviar a Céret a expressa ordem para que as tropas não marchssem d'aquelle ponto. As tres columnas de Céret, porque não chegou em devido tempo a contra-ordem, sairam effectivamente dos seus acampamentos, mas deteve-as na marcha e as forçou a retroceder a invernia cada vez mais tormentosa, que fizera de todo inexequivel a operação.

A pequena cidade, ou villa de Céret, cabeça de uma das tres sub-prefeituras, em que se divide o departamento dos Pyrenéus orientaes, está edificada junto ao rio Tech, e tinha

n'aquelle tempo pouco mais de dois mil habitantes. Occupavam-n'a uma parte das tropas hespanholas ao mando do general conde de La Unión. Uma ponte de cantaria sobre o Tech dava communicação para a campanha. Era defendida por uma cabeça de ponte, que apenas constava de uma cortina terminada por dois flancos apoiados contra o rio e coberta por um redente. A alguma distancia, n'uma altura e ao nordeste, haviam os hespanhoes erigido um reducto quadrado. Esta obra, segundo testemunhos contemporaneos, offerecia pelo seu traçado e construcção mui escassas vantagens á defeza [1]. Uma senda praticavel ligava a tésta de ponte á obra destacada.

Occupavam os francezes as alturas em frente das posições dos alliados. O terreno, que se estendia entre uns e outros subia em repetidas ondulações desde a ponte de Céret e a margem do rio Tech até ás alturas de Mayol, onde os francezes haviam assentado um seu acampamento, e á collina de Saint Ferréol, cuja ermida guarneciam os soldados republicanos. A meia distancia proximamente das posições francezas e hespanholas elevavam-se sobre eminencias do terreno quatro obras abertas de campanha, cujas bem artilhadas e servidas baterias incommodavam tenazmente os seus contrarios. Dispunham-se aquelles redentes e lunetas n'um arco de curva com a sua convexidade para o campo dos alliados. Tres das obras existiam na direita dos hespanhoes, a larga distancia umas das outras, a outra afastada para a esquerda das primeiras, e quasi no prolongamento da capital do redente, que cobria a cabeça da ponte. Das tres mais proximas a primeira á esquerda enfiava com sua artilheria uma das faces d'esta pequena obra de campanha. Da ponte partiam dois caminhos. Um d'elles conduzia ás alturas de Mayol, passando muito proximo do reducto ou forte dos hespanhoes. O outro serpeava por entre duas baterias dos francezes e levava á ermida de Saint Ferréol. Á esquerda e junto á ponte de

[1] *Historia da guerra do Roussillon e Catalunha,* por A. de Lemos Pereira de Lacerda. Ms. da Academia das sciencias.

Céret, perdia-se no Tech uma torrente ou ribeira, que as chuvas engrossavam e que servia de fosso aos alliados. Quasi parallelamente ao curso do rio Tech corria a estrada, que mantinha a communicação entre Céret e o quartel general em Boulou.

Haviam os francezes tido conhecimento de que eram chegadas a Céret as tropas de Portugal. Avultavam os espias a força auxiliar, chegando a exaggeràl-a a dez mil homens. Suppozeram os chefes republicanos que os soldados portuguezes, enfraquecidos pelas marchas tormentosas, mal poderiam ser de algum valor, se fosse inopinadamente acommettido o exercito alliado. Resolveram, pois, com plausivel fundamento atacar a posição de Céret antes que os regimentos portuguezes se houvessem fortalecido e restaurado. Julgavam não difficil a empreza, computando que as obras defensivàs n'aquelle ponto não poderiam, por imperfeitas, deter na sua marcha vencedora as columnas republicanas.

O general hespanhol com pouca previdencia e consideração destinára para a defeza de Céret as tropas auxiliares, logo desde a sua chegada. Dos soldados portuguezes, se bem não podiam alcunhar-se de bisonhos, a maxima parte pela primeira vez se aventurava aos lances de uma campanha. O regimento de Freire, especialmente, havia duramente padecido as inclemencias de uma viagem dilatada em um navio, onde por cerca de dois mezes viveram accumuladas muitas centenas de pessoas, desamparadas inteiramente das mais simples e modestas condições, em que a saude se mantem e avigora. O numero dos seus doentes, que deram baixa aos hospitaes, era lastimoso por improporcionado á força effectiva do regimento. As praças, que permaneciam nas fileiras, eram convalescentes ou enfermiças.

Na mesma hora, em que os regimentos primeiro de Olivença, o segundo do Porto, o de Freire e o de Cascaes entravam em Céret, eram desde logo empregados em guarnecer as obras d'aquella importante posição, emquanto as forças hespanholas se faziam prestes para se antecipar ao inimigo, atacando-o na manhã de 26 de novembro com forças consi-

deraveis. Assim fôra confiada aos regimentos portuguezes a defeza da villa e da ponte de Céret, e do grande reducto, que na frente se construíra como obra destacada.

A 26 de novembro cerca das sete horas da manhã marchavam impetuosas contra as posições dos alliados as columnas de ataque do inimigo. Arrojaram-se os francezes com o impulso habitual das tropas da Convenção contra a ponte de Céret e o reducto destacado. Estava commettida a defeza d'estes postos ao regimento de Freire. Mas ou fosse que os defensores se persuadissem falsamente de que o inimigo em tempo tão chuvoso não ousaria pôr-se em marcha, e por isso estivessem mal apercebidos, ou fosse que, segundo a versão das relações officiaes portuguezas, se houvessem molhado as armas e as munições, é certo que os francezes conseguiram á primeira arremettida penetrar no reducto pela face direita e occupal-o por breve tempo, não sem que um sargento portuguez matasse os dois soldados inimigos, que primeiro saltaram no recinto [1].

Recobrados do sobresalto os defensores, ganhando novos brios com o auxilio dos reforços, alcançaram pouco depois repulsar o inimigo, e ficar senhores novamente da obra disputada. Não são conformes as narrações officiaes portuguezas e hespanholas em recontar esta primeira phase do combate. Conforme a versão dos generaes e chefes hespanhoes, os portuguezes de Gomes Freire foram effectivamente desalojados do reducto e obrigados a retirar desordenadamente. Os francezes, alentados com a facilidade e presteza d'esta primeira victoria, voltaram promptamente contra Céret a artilheria do reducto e dispozeram-se a atacar a ponte e a pequena obra, que a defendia. A vantagem obtida pelas tropas da Republica lançou não pequena confusão nas tropas alliadas. O conde de la Unión, que tinha em Céret o commando superior, ficóu por alguns momentos perplexo e enleiado, porque as tropas, que poderiam acudir mais promptamente a expul-

[1] Officio do coronel Gomes Freire ao general Forbes, 29 de novembro de 1793.

sar do reducto os soldados republicanos, eram as que defendiam a cabeça da ponte, e não podiam sem grave perigo desamparar aquelle posto, a cujo ataque o inimigo se aprestava [1]. Na estreiteza da occasião não havia que fazer mais do que lançar mão das primeiras e poucas tropas disponiveis. Ordenou, pois, o conde de la Unión que o segundo batalhão de *Guardias españolas*, a companhia de granadeiros do primeiro e a escolta do general, levando por commandante o capitão D. Philippe Viana, corressem a desalojar os francezes do reducto [2].

Era a subida agra e varriam-n'a os tiros dos canhões e dos obuzes. Foram, porém, tão esforçados os hespanhoes que retomaram a obra, e perdida segunda vez, a conquistaram novamente e obrigaram os francezes a retirar para as suas posições [3].

A versão portugueza, segundo apparece conglobada nos officios do general Forbes Skellater e nas relações a elle dirigidas por chefes e officiaes presentes no combate, representa de modo mais honroso para o brio e altiveza nacional o que passou na perda e restauração da obra destacada. Conforme a estes documentos o reducto estava apenas guarnecido por um escasso destacamento do regimento de Freire. Os francezes conseguiram no assalto impetuoso lançar na pequena obra um golpe de gente sua, sem que a principio os defensores podessem impedir a aggressão, porque as armas quasi todas falhavam no seu fogo. Animados, porém, os soldados portuguezes pela voz e pelo exemplo do commandante, o

[1] «En la estrechez de estos amargos momentos se ganáron instantes en aprontar lo más indispensable.» Officio do conde de la Unión ao general Ricardos, na *Gaceta de Madrid* de 3 de janeiro de 1794.

[2] «Baxaban retirandose los portugueses, quando el conde de la Union supo la pérdida del reducto, objeto de la mayor importancia, y D. Felipe Viana, recogiendo alguna tropa, aunque poca y la mayor parte de Guardias, que volvian calados de agua y del frio, que habian sufrido toda la noche, trepó al reducto y arrojó de él á los enemigos.» Officio do general Ricardos ao duque de Alcudia, 27 de novembro de 1793, na *Gaceta de Madrid* de 10 de dezembro de 1793, pag. 1299.

[3] Officio citado do general conde de la Unión, *Gaceta de Madrid* de 3 de janeiro de 1794.

capitão graduado Antonio de Sousa Falcão, que ameaçava acutilar os que virassem costas aos francezes, e pela brava resistencia do tenente Francisco de Andrade Corvo, poderam travar mais prospero combate, ajudados pelas tropas, que, ao rebate do perigo, vieram de reforço á guarnição, conduzidas pelo proprio Gomes Freire. Se havemos de acreditar a narração d'este illustre official, nem o reducto, apesar das condições de inferioridade na defeza, foi nunca desamparado, nem tão pouco foram as *Guardias españolas*, que na obra entraram de roldão com as restantes companhias do regimento de Freire, as que pelo seu intrepido valor conseguiram expulsar os inimigos [1]. As terminantes affirmações de Gomes Freire apparecem, porém, em parcial contradicção com as palavras do general Forbes, quando em communicação official assevera terem sido as *Guardias españolas* e a escolta do general Ricardos as que se anteciparam no soccorro, seguindo-se-lhes sem demora as companhias do regimento de Freire guiadas pelo seu coronel [2].

Repulsados os francezes e forçados a retirar sobre as alturas, vacillou por alguns momentos o conde de la Unión sobre o que mais conveniente lhe seria, se perseguil-os com vigor, se limitar-se ao effeito já surtido. A urgencia de restabelecer as communicações com o quartel general de Boulou exigia que as tropas alliadas se apoderassem dos redentes e baterias, d'onde o inimigo varejava a estrada de Céret áquelle ponto.

Era o tenente general conde de la Unión tão bravo em affrontar os lances mais perigosos no mais acceso e rijo da refrega, como prudente e mesurado em tentar uma operação antes que houvesse ponderado todas as circumstancias do

[1] «O regimento (de Freire) foi accusado falsamente de ter no combate de Céret perdido o reducto, *que tão pouco se perdeu como se tornou a recuperar* pelas guardas hespanholas, que não entraram n'elle, que *em chusma* com a gente, que levei para este posto.» Carta particular do coronel Gomes Freire para o ministro dos negocios extrangeiros e da guerra, Luiz Pinto de Sousa, datada de Figueras, 16 de maio de 1794.

[2] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 8 de dezembro de 1793, rectificando em alguns pontos a relação, que primeiro fizera do combate de Céret.

momento. Não quiz aventurar-se a perseguir desde logo o inimigo, apenas o expulsára do reducto, antes que pelos reconhecimentos necessarios lhe houvesse descoberto as intenções. Por elles veiu, porém, a certificar-se de que poderia com vantagem proseguir o combate começado, visto que as tropas de Turreau desistiam de volver sobre seus passos e novamente marchar contra Céret. Era, pois, opportuno passar da passiva defeza a um retorno offensivo, que executado com vigor e promptidão completaria porventura a primeira victoria dos alliados. Resolveu acommetter o inimigo, apoderar-se dos seus reductos e baterias, e forçal-o a que, perdidas as ultimas posições de Mayol e Saint Ferréol, buscasse na retirada o salvamento.

As tropas hespanholas, que tinha disponiveis, eram os batalhões de *Guardias españolas*, um de granadeiros provinciaes de *Castilla*, o segundo batalhão do regimento de *España*, a escolta ou companhia de gastadores do general em chefe, a de granadeiros do regimento de Navarra, a de caçadores do regimento de Soria, alguma porção do regimento de Catalunha. As tropas de Portugal eram o primeiro de Olivença, o segundo do Porto e algumas companhias de Freire e de Cascaes. Um reforço constituido por um batalhão de *Guardias españolas* e cem cavallos, enviado pelo general Ricardos, sob o commando do marechal de campo D. Ildefonso Arias de Saavedra, não tomou parte n'esta acção, porque apesar de todo o seu empenho e diligencia não conseguiu chegar a tempo ao campo de batalha.

Repartiu o general em tres columnas as forças alliadas. Compunha-se a primeira de tropas ligeiras hespanholas e do regimento de *España*, tinha por commandante o general Forbés, e por encargo atacar pela sua direita as posições do inimigo. Formavam a outra columna, commandada pelo marechal de campo D. João Correia de Sá, o regimento primeiro de Olivença, parte dos regimentos de Freire e de Cascaes, varios corpos de infanteria hespanhola e alguma cavallaria. Era destinada esta columna a operar contra as obras de fortificação na esquerda dos francezes, concertando a sua

acção com o ataque dirigido pelo general em chefe portuguez. A terceira columna devia apoderar-se da bateria, que no centro quasi da linha franceza enfiava a ponte de Céret. Formava-se de *Guardias españolas*, e dá infanteria de Freire, que tinha guarnecido o reducto hespanhol no primeiro momento do combate.

O general Forbes com a habitual intrepidez de bom soldado, curtido no seu aspero mister, marchou contra as alturas na direita do inimigo, emquanto o marechal de campo Correia de Sá avançava com egual desenvoltura a acommetter as duas baterias francezas, que situadas aos lados do caminho de Céret a Saint Ferréol, difficultavam a communicação com o campo de Boulou.

Quando o general Forbes chegava com a sua gente ás alturas occupadas pelos francezes e marchava em direcção á bateria defronte de Céret, succedeu que o inimigo augmentou com tropas frescas a sua força n'aquelle ponto. As tropas ligeiras hespanholas e o segundo batalhão do regimento de *España*, não podendo supportar por diminutas o impeto dos seus contrarios, vinham já retrocedendo em duas columnas. Mandou então o general que o seu ajudante de campo o tenente coronel de Clavière fosse buscar á ponte de Céret o segundo regimento do Porto, com que podesse reforçar-se e avançar contra os francezes com prospecto mais seguro de bom exito. Acudiu o regimento sem delonga, levando á sua frente o marechal de campo José Correia de Mello, e o coronel graduado José Narciso de Magalhães e Menezes, que interinamente commandava então aquelle corpo. Encontrou-se com a demais tropa n'um ponto não mui distante do reducto hespanhol. Cobra a columna novos brios. Carrega o segundo do Porto bravamente contra os francezes, e com as tropas hespanholas consegue rechaçal-os até a bateria, que demorava em frente de Céret. Acolhe-se o inimigo áquella obra, mas é pouco depois desalojado. Retrograda em confusão até uma eminencia. Redobra o impeto dos atacantes, que o expulsam d'alli sem grande custo e n'aquella posição se estabelecem. As tropas inimigas retiram sobre o acampamento de Mayol, que

na mesma noite da acção deixaram desamparado. A occupação da bateria e da posição franceza na direita da sua linha cortava as communicações do inimigo com as alturas da sua esquerda, que ficavam batidas de flanco e de revez.

Ao passo que Forbes expulsava das suas posições o inimigo, o marechal de campo D. João Correia de Sá saía pela ponte de Céret e marchava com a sua columna contra as baterias na esquerda dos francezes. Na ausencia do seu chefe, o coronel João Jacob de Mestral, commandava o primeiro de Olivença o coronel graduado Ernesto Frederico de Verna, ambos officiaes extrangeiros e de grande merito ao serviço de Portugal. Das companhias do regimento de Cascaes, que marchavam n'esta columna, era commandante o tenente coronel Antonio José de Miranda Henriques.

O marechal de campo Correia de Sá, obedecendo ás instrucções do general conde de la Unión, tinha por empreza dirigir-se contra a esquerda dos francezes, para que, divertida a sua attenção para aquelle flanco, as tropas hespanholas podessem com maior facilidade atacar o centro inimigo. Marchou Correia de Sá com as suas tropas ao longo do caminho, que de Céret conduz a Saint Ferréol, tomando por seu objectivo tactico as baterias da esquerda dos francezes. O tenente coronel marquez de Coupigni acompanhava a columna como official de estado maior, e incumbia-lhe dirigir o ataque, segundo as instrucções, que recebêra do conde de la Unión [1]. Chegada a columna a conveniente distancia dos francezes rompeu o fogo promptamente, a que responderam com bem sustentada fuzilaria as tropas republicanas. Depois de empenhado por mais de duas horas o combate, parte d'elle na ordem dispersa, ordenou o marechal Correia de Sá, que a sua infanteria subindo em carga velocissima a encosta da eminencia, onde se levantava uma das baterias, desalojasse

[1] «O marquez de Coupigni dirigia o ataque, indicando-me os postos, por onde eu devia applicar os differentes corpos, que se destacavam e mesmo o momento, em que devia a toda a pressa subir-se a montanha e ganhar a altura d'onde o inimigo se retirava.» Officio do marechal de campo D. João Correia de Sá ao general Forbes, 6 de dezembro de 1793.

d'ella o inimigo. Apesar do fogo violento, com que os francezes defendiam tenazmente a posição, o primeiro regimento de Olivença, com as demais tropas, que o seguiam, em pouco tempo conseguiu apoderar-se do posto fortificado com toda a sua artilheria.

O primeiro de Olivença e o seu bravo coronel graduado, honraram brilhantemente o nome portuguez, formando a testa da columna de ataque e expondo-se com estoica fortaleza aos fogos do inimigo, que lhe rareavam as fileiras. Perdidas todas as posições e obras de campanha, os francezes retiraram sobre Lauriol, aonde se fortificaram, temerosos de serem perseguidos. O conde de la Unión julgou, porém, prudente o contentar-se com tão grande vantagem alcançada, qual era a de restabelecer a communicação com o campo de Boulou e desistiu de levar mais longe a offensiva.

Depois de cinco horas de combate, em que as differentes columnas desalojaram das alturas o inimigo, haviam os alliados obtido uma victoria, cujos tropheus em grande parte cabiam ao valor e disciplina das tropas de Portugal.

Dos regimentos portuguezes entraram unicamente n'esta acção de Céret o primeiro de Olivença, o segundo do Porto, o de Freire e o de Cascaes, e da brigada de artilheria apenas vinte e cinco praças, que sob o commando do tenente Pinto, mereceram pelo seu bom serviço honrosa commemoração do general. Não pôde participar nos loiros do combate o primeiro regimento do Porto, porque estava áquella sazão em Llansá para defender contra os francezes os naufragos de um navio portuguez de transporte, o *Providencia,* e de uma fragata hespanhola, que haviam dado á costa em Collioure. Com grande sentimento se viu tambem frustrado no desejo de assignalar n'aquelle dia o seu denodo o regimento de Peniche, que na marcha de Rosas a Céret fizera alto na povoação de Morellás [1].

[1] «O regimento de Peniche chegava a Morellás, quando se fazia o ataque. A briosa inveja, ao estrupido de cada tiro de canhão, se lia nos rostos dos cansados soldados, que desejavam assim mesmo voar em auxilio dos seus compatriotas e davam a conhecer a sua impaciencia nas roga-

As forças portuguezas, que tomaram parte no conflicto de Céret, foram em numero de dois mil quinhentos e quarenta e cinco homens, dos quaes nove constituiam o estado maior da divisão, tres pertenciam á engenheria, vinte e cinco eram artilheiros, quatro voluntarios. A infanteria numerava duas mil quinhentas e quatro praças de todas as graduações, das quaes se contavam seiscentas e oitenta e nove no primeiro regimento de Olivença, seiscentas e vinte e uma no segundo do Porto, setecentas e dezesete no de Cascaes e quatrocentas e setenta e sete no de Freire [1].

A artilheria, as viaturas, as munições, os armamentos, que as tropas alliadas tomaram ao inimigo, attestaram que não fôra esteril a victoria. Perderam os francezes duas bandeiras, sete peças, um obuz de seis pollegadas, granadas e cartuchame de infanteria e artilheria, cerca de duzentas espingardas, quatorze viaturas, muitas barracas, varios petrechos e ferramentas, cavallos e cabeças de gado, copiosa provisão de mantimentos, de vinho, de aguardente. As baixas padecidas pelas tropas da Republica computaram-se em numero avultado. Caíram em poder dos portuguezes e hespanhoes sessenta e um prisioneiros, com tres officiaes, entre elles um tenente coronel, havido pelos seus em grande conta [2].

Não compraram os alliados a preço muito baixó o seu triumpho. Tiveram as tropas de Portugal nove mórtos, dos quaes dois soldados pertenciam ao primeiro de Olivença, dois ao segundo do Porto, um furriel e quatro sóldados ao regimento de Freire de Andrade. Os feridos foram oitenta e cinco. Eram trinta e sete do segundo do Porto, que foi durante a acção o mais exposto e entre elles se contava o tenente da

tivas que faziam, para que os alliviassem do peso das mochilas e os levassem ao combate.» *Historia da guerra no Roussillon e na Catalunha,* por Antonio de Lemos Pereira de Lacerda. Ms. da Academia real das sciencias.

[1] Mappa official da força, que entrou no combate de Céret. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Officio do general Forbes a Luiz Pinto. Céret, 8 de dezembro de 1793.

setima companhia José Maria de Serpa Pinto, joven e brioso official, que não pôde sobreviver por muitas horas aos ferimentos graves recebidos; os cadetes da terceira, Joaquim José Soares e Ricardo Mascarenhas, um sargento, um cabo de esquadra e trinta e dois anspeçadas e soldados. No primeiro de Olivença os feridos foram vinte e quatro, entre elles o capitão Polycarpo José de Almeida Valejo, os cadetes Pedro Jorge e José Tôrres, e vinte e um soldados. O regimento de Freire teve quinze feridos, um sargento, um furriel, um cabo de esquadra e doze soldados. O regimento de Cascaes apesar de ser o de mais força, foi o mais afortunado no conflicto, porque sómente ficaram feridas nove praças, entre ellas o alferes da primeira companhia José Joaquim Brandão, tres cadetes e cinco soldados. Os hespanhoes, cujas tropas eram muito mais numerosas que as portuguezas, tiveram em mortos uma perda não muito consideravel, porque foi apenas de vinte e duas praças. Os feridos foram cento e noventa e cinco, entre elles seis officiaes.

Dos officiaes portuguezes, assignalaram-se especialmente pelo seu extremado valor e bom serviço os marechaes de campo D. João Correa de Sá e José Correa de Mello, o coronel Gomes Freire de Andrade, cuja experiencia militar se havia aprimorado nas campanhas, em que entrou servindo nos exercitos da Russia, o coronel graduado José Narciso de Magalhães e Menezes, do segundo regimento do Porto, o ajudante general conde de Assumar, o monteiro mór, coronel do regimento de Cascaes, os ajudantes de ordens do general, tenente coronel Clavière e capitão Harth, o coronel graduado commandante do regimento de Olivença, Ernesto Frederico de Verna, o tenente coronel do regimento de Freire, Nicolau Joaquim de Caria, o sargento mór D. Thomás de Noronha, e o ajudante João José Henriques de Oliveira, todos pertencentes áquelle corpo, e o tenente coronel Negrier, aggregado, a quem logo no começo da acção uma bala de artilheria matou o cavallo ao atravessar a ponte de Céret. Os voluntarios aventureiros marquez de Niza, conde de Léautaud, e principe de Luxembourg mereceram tambem do general Forbes men-

ção especial. O general inglez duque de Northumberland assistiu á acção desde o principio [1].

Distinguiram-se principalmente na defeza do reducto o capitão Sousa Falcão, que recebeu duas fortes contusões e participaram no recontro com grande resolução e valentia o capitão Feliciano Maria Correia da Silva, os tenentes Leocadio Maria Anderson e Francisco de Andrade Corvo, o alferes Pedro Paulo Granate e os cadetes Antonio Elyseo de Almeida, Lucas Germano Garcez Palha, Antonio Caetano Freire de Andrade, José Manuel de Sousa Bonicho e José Lourenço Moniz. O sargento Manuel Rodrigues da primeira companhia de Freire tornou-se notavel pelo seu valor, matando a dois francezes dos primeiros, que entraram no reducto [2].

Com a presença dos portuguezes no theatro da guerra, onde até então as tropas de Carlos IV não haviam alcançado esplendidos triumphos, parecia surrir mais generosa fortuna ás armas castelhanas. O combate de Céret indemnisára modestamente os hespanhoes dos seus recentes infortunios. Os soldados haviam cobrado confiança e os generaes maior energia da que mostraram nas suas cansadas e morosas operações. A victoria alcançada em Céret contra os francezes induzira o prudente general Ricardos a tomar com maior resolução a offensiva, elegendo por seu primeiro objectivo as posições de Villelongue, em frente do campo hespanhol de Trompette. O general Ricardos traçou então o plano de campanha, dirigido a estender a sua linha para o litoral e apoiar a sua direita em Saint Elme e Collioure, ás orlas do Mediterraneo. Cumpria antes de tudo apoderar-se de Villelongue e proseguir depois na conquista das outras duas seguintes posições. E como as operações mais importantes haviam de effeituar-se na esquerda da linha inimiga, houve a bom conselho converter para a sua direita, por meio de algumas demonstrações, a attenção dos seus adversarios e divertil-os de con-

[1] Officio do general Forbes a Luiz Pinto na *Gazeta de Lisboa*, 2.º supplemento ao n.º 51, de 1793.

[2] Conta dada pelo coronel Gomes Freire ao general Forbes, datada de Céret, 29 de novembro de 1793.

centrar as suas forças nos pontos, aonde o general hespanhol intentava conduzir o ataque principal.

Com este proposito ordenou Ricardos que uma columna dos alliados se dirigisse a atacar o posto fortificado, que os francezes na sua direita haviam estabelecido na ermida de Saint Luc. O commando d'este, que poderia chamar-se propriamente um reconhecimento offensivo, recaíu no marechal de campo barão de Kessel. Cerca de seis mil homens formavam a divisão, a qual se compunha de tropas, que para o ponto de reunião tinham marchado de Céret, do campo de Boulou e de S. João de Pagès. Faziam parte da columna o regimento primeiro do Porto, o de Peniche, e as duas companhias de granadeiros do regimento de Freire. A 14 de dezembro de 1793 punha-se em marcha a divisão, dirigindo-se á direita da linha franceza, e pela aspereza do terreno e pelo invernoso da estação, só tendo já algumas horas a manhã, poderam achar-se as tropas alliadas na rectaguarda do flanco direito inimigo, dispondo-se a atacar de revez a bateria de Saint Luc. Apesar da negligencia, com que n'aquella campanha se descurava tudo o que era concernente ao serviço de segurança, as tropas alliadas não poderam, sem que fossem presentidas, surgir improvisamente na rectaguarda das posições. Formou o general hespanhol as suas columnas de ataque. Na frente collocou os regimentos portuguezes, ou por honra e distincção, ou, segundo se murmurava, para que fossem o primeiro alvo aos tiros do inimigo[1]. Apesar de ser dirigida com vigor, a aggressão não foi encontrar tão desapercebidos os soldados republicanos, que não se dispozessem desde logo a repellir os seus contrarios. O aspecto d'aquellas tropas, segundo escreve uma testemunha presencial e insuspeita, era garboso e marcial,

[1] «Ou fosse por uma finura de politica e urbanidade militar, ou por outro qualquer accidente, os portuguezes formavam a frente da columna, logar improprio na verdade de tropas auxiliares, mas que a gloria nos obrigava a estimar... não levando elles (os hespanhoes) talvez aqui a mira em nos sacrificarem com preferencia, *como muitos affirmavam,* o que eu ainda não acredito, e o que seria fraco de sua natureza e abominavel aos olhos da Europa.» Visconde de Jorumenha, *Historia da guerra do Roussillon.* Ms. da bibliotheca da Academia das sciencias.

como de soldados, que parecia não temerem o combate. Eram porém em escasso numero os que se apresentavam em batalha no flanco esquerdo dos alliados. Contra elles destacou o barão de Kessel tres batalhões da sua columna com alguma cavallaria. E foi tal o effeito produzido pela marcha veloz dos atacantes, que os francezes, sem ousarem de os esperar, se pozeram em retirada com tão grande precipitação, que largavam muitos d'elles as armas e as mochilas para que, melhor desapressados, se podessem pôr em salvo. Então os foi perseguindo algum espaço a cavallaria hespanhola, causando-lhes no alcance algumas baixas.

Parece que o exito pouco decisivo d'esta empreza se deveu principalmente a que as tropas alliadas, em vez de apparecerem logo de madrugada diante das posições inimigas, chegaram ás nove horas da manhã, e sómente ás dez formaram as columnas de ataque. N'estas circumstancias o que se planeára como entrepreza, saiu combate em dia claro e já com inimigo precatado. Os francezes, que tinham em Saint Luc grossa artilheria, dirigiram o seu fogo contra as columnas alliadas, as quaes desde o ponto, onde se formaram, haviam de percorrer espaço de mais de dois kilometros para chegar ás baterias. Com a delonga da operação tiveram os francezes tempo de prevenir que de outros pontos lhes viesse algum reforço [1].

Acudiram os francezes ao desbarato na sua direita, e fizeram do centro convergir para aquelle ponto novas tropas com alguma artilheria. O combate promettia agora ser menos facil e incruento do que fôra o primeiro ataque. Houve o general hespanhol por conforme á prudencia, ao objecto principal da sua operação, e ás instrucções, que recebêra, o ordenar a retirada, que se effeituou regradamente. Se nenhuma vantagem resultou d'este combate nas suas estrategicas relações com o plano da campanha, sempre os alliados conse-

[1] Carta do conde de Léautaud, voluntario ao serviço portuguez, ao duque de Luxembourg, datada de Céret a 8 de dezembro de 1793, e junta ao officio de Forbes a Luiz Pinto, na mesma data. Archivo do ministerio da guerra.

guiram tomar ao inimigo algumas bôcas de fogo, espingardas, grande copia de munições, uma porção de viveres e trinta pipas de aguardente[1].

Intentaram de novo os alliados, no dia 5 de dezembro, um ataque falso á direita dos francezes. Pozeram-se as tropas em marcha mui de noite. Estava-se já no maior rigor do inverno e fazia-se a campanha em theatro de guerra montanhoso e asperrimo; o tempo chuvoso e desabrido, os caminhos agros e difficeis mesmo em estação benigna, eram agora encharcados, intransitaveis. Operou-se a marcha tão morosa e cortada de obstaculos, que as tropas não poderam, como levavam preceituado, amanhecer na presença do inimigo. Ficou assim frustrada a operação, que se intentára.

Seguiu-se logo depois o ataque ás posições de Villelongue.

Alli se haviam entrincheirado as tropas republicanas, e d'ali podiam incommodar a direita do exercito contrario. Demora Villelongue assente n'uma eminencia entre dois braços de um pequeno rio, affluente do Tech. Á esquerda, sobre uma altura pertencente á cadeia pyrenaica, está situada a aldeia de La Roque, d'onde se descobre e domina Villelongue. Occupavam os francezes uma e outra posição, tendo em cada uma seu acampamento, e entre os dois o seu parque e cinco baterias. As tropas republicanas, se houvermos de pôr inteira fé nas relações portuguezas, naturalmente inclinadas a exaggerar as forças inimigas, para mais realçar a grandeza da victoria, seriam dez mil homens[2]. Não deviam, porém, ser pouco numerosos os defensores de Villelongue, segundo a propria narração dos historiadores francezes[3].

Deu Ricardos o commando das tropas destinadas ao ataque

[1] *Historia da guerra,* já citada. Officio de Forbes a Luiz Pinto, 8 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[2] N'um attestado passado pelo coronel José Narciso em favor do sargento mór do seu regimento Pedro da Cunha Vaz Ferreira, escreveu que os francezes em Villelongue eram dez mil.

[3] «Celui-ci (Courtén) *jugeant avec raison,* que, vu *les forces* et la position des français, elle (attaque) ne pouvait réussir que par un coup de main, divisa les troupes, etc.» *Victoires, conquêtes, désastres,* etc., *des français depuis* 1792. Tom. I, pag. 359 e 360.

de Villelongue ao general Courtén. A 5 de dezembro partia de Céret o marechal de campo D. Antonio de Noronha, levando ás suas ordens o primeiro regimento de Olivença, commandado pelo coronel graduado Ernesto Frederico de Verna, e segundo do Porto, tendo por chefe o coronel graduado José Narciso de Magalhães e Menezes. Era esta brigada portugueza destinada a operar, sob o commando superior do tenente general D. João Courtén, com as tropas hespanholas do campo de Trompette. Repartia-se a força em quatro columnas, que no dia 7 de dezembro muito antes de esclarecer a alvorada, deveriam pegar em armas e estar promptas a marchar ao seu destino.

A columna da direita era commandada pelo brigadeiro hespanhol D. Eugenio Navarro, e compunha-se de um batalhão de *Guardias españolas,* de uma companhia de granadeiros de cada um dos regimentos *de España,* de Cordova e primeiro de Murcia, e de mais cem praças d'este mesmo corpo. A columna, que formava a direita do centro, tinha por commandante o brigadeiro D. Gregorio de la Cuesta, que mais tarde commandou em chefe exercitos hespanhoes durante a guerra peninsular, e constava de um batalhão de granadeiros provinciaes de *Castilla,* da companhia de caçadores e da segunda de granadeiros do regimento de Murcia, e de duzentos portuguezes do primeiro regimento de Olivença. A esquerda do centro obedecia ao coronel graduado José Narciso de Magalhães e Menezes, e compunha-se de um batalhão do regimento *del Principe,* de cem homens do regimento *de España,* e do segundo regimento do Porto, do qual se haviam destacado para differentes destinos, ligados com a empreza principal, cem praças com um capitão e dois subalternos. A columna da esquerda tinha por seu chefe o brigadeiro D. Antonio Cornel, e entravam na sua composição dois batalhões de *Guardias Walonas,* uma companhia de granadeiros do regimento de Burgos, e uma parte do primeiro de Olivença. Encarregára o general Courtén esta columna a um chefe hespanhol, porque, segundo as suas proprias expressões, *era a de mais consequencia,* visto que tinha de atacar

a principal bateria dos inimigos, como querendo significar que a officiaes e a tropas portuguezas só poderiam confiar-se emprezas de somenos importancia[1]. A posição de Montesquiou era occupada pelo brigadeiro D. Ramon de Carvajal, tendo sob o seu commando uma columna composta do primeiro batalhão do regimento de *Saboya*, e dos regimentos de *España, Estremadura* e *Malaga*. A cavallaria hespanhola, ao mando do marechal de campo D. José de Iturrigaray, foi postada na planicie, e devia destacar uns cem cavallos para que na rectaguarda do inimigo o perseguissem, e embargassem o passo ás forças republicanas, que intentassem levar soccorro aos seus compatriotas. Uma bateria de campanha, commandada pelo capitão D. Ignacio Somoza, tomava posição avançada na esquerda da linha de batalha, e era destinada a defender o vau do rio Tech e a dominar com seus fogos a planura. Outra bateria, ás ordens do capitão graduado em tenente coronel D. Nicolau Antuñano, avançava contra a frente da linha inimiga, e alem de a bater e inquietar, deveria proteger a retirada no caso de que se frustrasse a operação. Na rectaguarda tomava posição a reserva, que ás ordens de D. Landelino Colins, se compunha do segundo batalhão do regimento de *Saboya* e do regimento portuguez de Freire.

As tropas de Portugal íam disseminadas pelas differentes columnas sem vinculos de unidade. O marechal de campo D. Antonio de Noronha exercia, sob as ordens de Courtén, as funcções de segundo commandante da expedição. Nada se póde imaginar de mais irregular e absurdo que o systema, ou melhor a ausencia d'elle, com que os generaes hespanhoes organisavam as columnas destinadas a cada uma das suas operações. Os regimentos eram divididos e retalhados, sem que nenhuma rasão tactica justificasse uma tal disposição. As tropas de Portugal não escapavam a esta distribuição irracio-

[1] «Y las dos columnas de mi izquierda (encargué) la una á D. Joseph Narciso, coronel del regimiento portugués de Oporto, *y la otra (que era de mas consecuencia, pues tenia que atacar la principal bateria de los enemigos)* á D. Antonio Cornel.» Officio de Courtén a Ricardos, *Gaceta de Madrid*, 27 de dezembro de 1793.

nal, que era tambem seguida como regra nas tropas hespanholas. Os regimentos portuguezes, ao deixarem a sua patria, haviam sido organisados em brigadas, e levavam a esperança enganadora de que a divisão auxiliar não haveria de perder a cohesão, nem o commando a unidade. Da viciosa desmembração se lastimava sentidamente o general Forbes, escrevendo ao governo de Lisboa[1].

Os tres regimentos portuguezes, que não tomavam parte n'esta empreza, e eram o primeiro do Porto, o de Peniche e o de Cascaes, occupavam as posições de Saint Ferréol e S. João de Pagès, para conservarem coberta e defendida a ponte de Céret, em que o exercito alliado cifrava a segurança das suas communicações.

As posições occupadas pelos francezes não eram incapazes de grande resistencia. Sómente a rapidez e a boa ordem durante a marcha, a cooperação das quatro columnas e a impetuosidade na aggressão poderiam alcançar successo prospero contra um inimigo numeroso e bem apercebido. O general Courtén, julgando justamente que na victoria teria grande parte o assombro e desaccordo causado no inimigo pelo inesperado e vigoroso do ataque, prescrevêra como regra invariavel que as tropas nem um tiro disparassem, e imitando a braveza irresistivel dos soldados republicanos, pozessem nas baionetas os fiadores do seu triumpho. Ás quatro da madrugada de 7 de dezembro rompiam a marcha as columnas, para que chegassem antes do sol nado aos pontos, que no campo de batalha haveriam de occupar. E tal era a escassa confiança do general na disciplina dos soldados hespanhoes,

[1] «No exercito hespanhol não se attende nem a escalas, nem a formatura de brigadas para a execução do serviço de linha, salpicando-se a nomeação dos batalhões para as acções, segundo parece, e querem que isto seja tendente a certas preferencias, que seriam contrarias a uma escala exacta, mas eu não o affirmo.» Officio de Forbes a L. Pinto, 25 de dezembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

«Elle (Forbes) observava com desgosto o exercito auxiliar dividido em retalhos, quando os seus acertados desejos eram de conservar os corpos unidos, para assim trabalharem em massa debaixo das suas vistas.» Juromenha, *Historia da guerra do Roussillon*. Ms. da Academia.

que mui particularmente recommendava aos chefes houvessem de impedir a desordem e a pilhagem[1].

Já a manhã havia clareado, quando um tiro de canhão disparado nas baterias de Montesquiou, deu o signal previamente combinado para que se desse principio á operação. Era o ataque uma surpresa, e os francezes desaccordados, como quem não esperava ser accommettido, acharam-se improvisamente a braços com os offensores, que pela frente e pelos flancos arremettiam com indomito denodo. A columna da direita, ao mando do brigadeiro Navarro, atacou de flanco a bateria, que protegia a esquerda da posição inimiga, e estava guarnecida por doze peças de grosso calibre. Era esta a mais importante e a mais defensavel posição das tropas republicanas. Obedecendo ás prescripções do general Courtén, o brigadeiro Navarro confiou á celeridade no ataque e ao uso exclusivo da arma branca o bom exito da operação. Os francezes, para quem sempre a victoria se affigurava enfeudada pela fortuna á bandeira tricolor, eram pouco recatados e cuidadosos no serviço de segurança das suas posições. Não havia em Villelongue nem póstos avançados, nem patru. lhas de reconhecimento, de maneira que as forças portuguezas e hespanholas, amanhecendo de improviso no campo dos seus adversarios e dando sobre elles rijamente, não lhes deixaram occasião a aperceber-se para uma defeza bem disposta e efficaz. Os francezes não desmentiram todavia a sua reputação de bons soldados, e apenas recobrado melhor accordo receberam com um fogo violento os offensores. Porém já áquelle tempo os atacantes se apoderavam da bateria. Quando a columna da esquerda principiava o seu ataque, occupava o coronel graduado José Narciso com a sua gente as alturas em frente das posições inimigas. Dividiu as suas tropas em duas columnas. A primeira, para acommetter o flanco esquerdo da bateria de que devia apoderar-se, era formada por cem homens do regimento *de España* e um batalhão de infan-

[1] Officio de Courtén a Ricardos, na *Gaceta de Madrid*, 27 de dezembro de 1793.

teria *del Principe,* e tinha por commandante o d'este regimento. A segunda columna de ataque, destinada ao flanco direito, compunha-se do segundo regimento do Porto, e d'esta se reservára José Narciso o commando immediato. O bravo militar prohibiu á sua gente o fazer fogo, e incitou facilmente os seus soldados á decisiva carga de baioneta. Atravessou o segundo do Porto em columna o estreito valle, que o separava da bateria, de baixo dos fogos cruzados e vivissimos dos francezes, e galgou por uma e outra parte ao alto da posição, já então desamparada pelo inimigo, que em desordem retirára para a planicie á rectaguarda. Mandou então o coronel portuguez metter o seu regimento em linha, e a exacção e o primor, com que se executou a evolução, foi tão egual ao que seria n'um campo de exercicio ou de parada, que ficou entre portuguezes e hespanhoes consagrada a reputação do segundo do Porto, como exemplar na intrepidez, na disciplina e na instrucção [1].

Logo depois o segundo do Porto formou em columna para marchar em perseguição do inimigo. Foi-lhe porém impedido o movimento, porque o general hespanhol ordenou que o regimento se não expozesse inutilmente. Voltando ás baterias, passou de novo á formação em linha, ou em batalha, como n'aquelle tempo geralmente se dizia, com a frente á povoação de Villelongue. Ainda a esta sazão resistiam contra as armas alliadas as duas ultimas posições do inimigo nas alturas da direita. Recebe ordem o coronel José Narciso para marchar em columna com a principal força do regimento em reforço das tropas hespanholas empenhadas n'aquelles pontos, e para guarnecer com meio batalhão uma casa arruinada á direita do logar, occupado então pelo regimento. Marchou até á eminencia, que dominava a posição de Villelongue, e alli formou em batalha com a mesma perfeição tactica, de que o segundo do Porto dera próva nas antecedentes evoluções. E como a esse tempo já os francezes haviam desam-

[1] «A formatura em batalha (em linha) do regimento commandado por José Narciso, entrando nas batalhas, lhe tem grangeado grandes creditos e fallam d'elle e d'aquelle regimento com admiração». Officio de Forbes a L. Pinto Céret, 11 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

parado todas as posições, não chegou o benemerito regimento a affrontar-se de novo com o inimigo.

É bem que fiquem registados os nomes dos officiaes, que do segundo regimento do Porto foram presentes á acção. Alem do coronel graduado José Narciso, assistiram ao combate o sargento mór Florencio José Correia de Mello, o sargento mór graduado Pedro da Cunha Vaz Ferreira, os capitães Manuel da Costa e João Correia de Freitas, o tenente João Antonio Bilstein, e os alferes Manuel José Malheiro, Thomé de Albuquerque, José Pedro Saldanha, Manuel Pamplona e o capellão Manuel Alves Villela. Na força de cem homens, destacados do regimento para uma operação secundaria, servia o capitão Francisco José Pereira Leite, com os alferes José Anastacio e Bernardo José Leite [1].

Todas as baterias caíram successivamente e em breve tempo no poder dos alliados. O inopinado e vigoroso do ataque tinha posto em confusa retirada, ou antes em atropellada fuga, os defensores, os quaes buscavam a salvação baixando velozmente ao valle, que demorava á rectaguarda das baterias. Alli principiavam a formar-se ordenadamente, quando a cavallaria hespanhola, commandada pelo brigadeiro D. José Iturrigaray, saíndo de uma cilada, cáe como procella equestre sobre os francezes e converte em completo desbarato a retirada. A cavallaria, não sendo exemplar, era a melhor arma do exercito hespanhol, que operava no Roussillon, e muito superior em numero e efficacia á cavallaria franceza, ainda escassa e mal adextrada nos exercitos improvisados da Republica, onde a infanteria com a baioneta era a principal segurança da victoria. Os francezes a muito custo conseguem pôr-se a bom recado entre as suas posições de Elne e de Argelès, a meia distancia entre Perpignan e a fronteira. Os alliados estabeleceram o seu acampamento á rectaguarda das aldeias de La Roque e Saint Genis. No dia seguinte ao do re-

[1] Officio de 2 de dezembro de 1793 do coronel graduado José Narciso de Magalhães e Menezes, ao tenente general Courtén, enviado por copia ao general Forbes, e mandado por este a Luiz Pinto. Archivo do ministerio da guerra.

contro apossaram-se d'esta povoação, onde havia um hospital com duzentos doentes do inimigo.

Emquanto o primeiro de Olivença e o segundo do Porto se empenhavam no porfiado combate de Villelongue, não ficavam ociosos os regimentos portuguezes, que não participavam n'aquella honrosa expedição. O regimento de Peniche e o primeiro do Porto, acantonados em S. João de Pagès, eram, juntamente com tres batalhões hespanhoes, destinados a uma demonstração contra o campo francez de Plat de El-Rey, emquanto se effeituava o verdadeiro ataque em Villelongue.

Padeceram os francezes perdas consideraveis, e deixaram nas mãos dos alliados mais de trezentos prisioneiros, inclusos vinte e seis officiaes, e entre elles o commandante superior da artilheria. Foi enorme o despojo do combate. Vinte e cinco peças, tres morteiros, um obuz, cinco pedreiros, cerca de sete mil espingardas, mais de quatrocentas barracas de campanha, duas bandeiras e grande copia de material, de viveres e de munições, foram o premio do valor e energia das tropas alliadas. Os generaes hespanhoes, que desde o principio da campanha não viam geralmente com bons olhos os seus auxiliares, desentranharam-se em louvores ás tropas de Portugal, e com especialidade aos dois regimentos, que tão grande parte haviam tido no bom exito da empreza.

Narrando a acção de Villelongue, o tenente coronel Negrier, emigrado francez, que servia como aggregado ao regimento primeiro de Olivença, n'uma allegação dos seus serviços escrevia que no combate se conduzira aquelle corpo de modo tão distincto e com valor tão singular, que poderia fazer honra aos proprios granadeiros hungaros, que n'aquelle tempo se reputavam a melhor e mais brava infanteria [1].

Mereceram particulares encomios o general D. Antonio de Noronha, os coroneis graduados José Narciso e Verna, e os voluntarios, que serviam na divisão portugueza, e eram o mar-

[1] Allegação dos serviços do tenente coronel Négrier ao principe regente, ms. entre os papeis relativos ao Roussillon no archivo do ministerio da guerra.

quez de Niza, e os emigrados francezes principe de Luxembourg e conde de Léautaud.

Entre as particularidades, que mais assignalaram a disciplina dos soldados portuguezes, superiores n'este conceito aos seus camaradas hespanhoes, é digno de mencionar-se que depois de postas em fugida as tropas da Republica, nenhum soldado portuguez saíu da fórma para despojar os cadaveres, que jaziam numerosos pelo campo, emquanto que os hespanhoes desamparavam as fileiras para se encarniçarem no esbulho do inimigo [1].

Depois da acção as tropas acamparam em boa ordem, servindo-se dos abrigos e barracas dos francezes. A columna de reserva ao mando de Colins teve ordem de guarnecer as seis baterias, emquanto o general Courtén com as demais tropas marchava em perseguição do inimigo e fazia caír em poder dos alliados a povoação de Villelongue [2].

As perdas dos alliados não foram numerosas. Computaram-se na sua totalidade em quatorze mortos e quarenta e seis feridos. Dos portuguezes houve apenas alguns feridos, cinco do regimento do Porto e tres do primeiro de Olivença [3].

O exito feliz do combate em Villelongue levantára os espiritos do general em chefe castelhano, e incitara-o a saír do seu recato e prudencia habitual, para se aventurar a novas e mais ousadas operações.

Intentava o general hespanhol estender a sua linha até o litoral, para impedir ás tropas republicanas o penetrarem por

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 11 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

«São inexplicaveis os elogios, que se fazem aos dois regimentos mencionados de Sua Magestade Fidelissima e com particularidade ao marechal de campo D. Antonio de Noronha, que conduziu a columna do centro dando as ordens, como segundo general da acção a todas, e aos coroneis José Narcizo, que commandou o segundo do Porto na columna do centro, e Ernesto Frederico de Verna o primeiro de Olivença, na direita, e tal foi a disciplina da tropa portugueza, que entrando os hespanhoes á pilhagem dos mortos, nem um unico soldado portuguez se tirou da fórma.»

[2] Officio de Courtén a Ricardos. *Gaceta de Madrid* de 27 de dezembro de 1793.

[3] Relação assignada pelo general Forbes, junto ao seu officio a Luiz Pinto. Céret, 11 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

alli no Ampurdán e tomarem de revez as forças alliadas. Era, pois, não só conveniente, mas necessario para o progresso da invasão no Roussillon, e não menos para segurar o territorio hespanhol, o conquistar os pontos de Banyuls, de Port-Vendres e Collioure, situados sobre o Mediterraneo, e occupados então pelos francezes contra a direita do exercito combinado.

Determinou, pois, o general em chefe tomar á viva força antes de tudo as baterias, com que os francezes defendiam o passo ou *col* de Banyuls, e assenhorear-se da povoação do mesmo nome. Commetteu Ricardos a operação ao tenente general D. João Antonio Courtén, que depois de ter levado a tão bom termo a expedição de Villelongue, haveria de acrescentar a esta victoria novos louros e proveitos mais crescidos para o exercito hespanhol.

CAPITULO V

A PRIMEIRA CAMPANHA DOS PORTUGUEZES

(Continuação)

Tinham sido, em verdade, muito importantes as vantagens obtidas pelas tropas alliadas nos combates de Céret e Villelongue. Não eram todavia decisivas, nem ainda sufficientes para augurar um exito seguro ás futuras operações. Os francezes continuavam a occupar vantajosas e bem defendidas posições d'onde poderiam brevemente, acrescidas de reforço as suas tropas, vir de novo incommodar e pôr em grave perigo a fraca e extensa linha dos alliados. Tinham na sua direita os campos de Plat d'El-Rey, da ermida de Saint-Luc, de Banyuls-des-Aspres, em frente de Boulou, e na sua esquerda para o lado do Mediterraneo as posições de Banyuls de la Marande, e os importantes pontos fortificados de Saint-Elme e Collioure. A linha dos hespanhoes era por extremo dilatada, e pouco em proporção com as forças, a quem era incumbida a sua defeza. Estendia-se entre a ponte de Céret e Villelongue.

Ao espirito de Forbes, que era sem contestação um bom soldado, ainda que um menos que mediocre estrategico, não podiam encobrir-se os evidentes perigos resultantes da disseminação de poucas tropas por tão extenso perimetro. Estava-

lhe commettida a defeza de Céret e para esta missão de lances tão precarios tinha apenas debaixo das suas ordens, á esquerda um regimento portuguez em Saint-Ferréol, dois em S. João de Pagès na direita, e em Céret uma parte da artilheria portugueza e um regimento hespanhol de cavallaria. Era Forbes propenso a circumdar sempre de nevoas e terrores o futuro das operações. O seu valor como soldado tinha sempre por demasiado contrapeso uma timida prudencia como general. Não se enganava, porém, nas suas apprehensões e em seus receios, quando se via subordinado a extranhos chefes, os quaes pela sua imperícia militar poderiam expor os alliados a um desastre, que vindo a succeder pouco depois, os reduziu á mais deploravel situação [1].

Principiaram de novo as operações a 12 de dezembro, de madrugada. Do campo de Villelongue, onde se havia estabelecido após a retirada do inimigo, marchou o general Courtén com a maior parte das tropas, que ali obedeciam ao seu mando, deixando sómente em Villelongue e em Trompette, as tropas ligeiras e alguns poucos esquadrões. Dirigiu-se a Espollá. Executava-se a empreza por caminhos escabrosos de asperrimas serranias, no coração de inverno tormentoso. Foi dilatada e lenta a marcha, difficil o manter em ordem as columnas. Eram muitos os soldados, que ficavam á rectaguarda. Assim que sómente sendo já passadas as dez horas da noite chegava Courtén ao seu destino. Foi o seguinte dia consagrado ao descanso das tropas, por extremo fatigadas com a aspereza da estação e a agrura dos caminhos. Aproveitou o general a occasião para se informar tão minuciosamente, quanto possivel, do sitio e das circumstancias do Col de Banyuls, das baterias e dos postos fortificados, com que o defendiam os francezes. O proprio general, depois que o marechal de campo D. Miguel de Vives, conhecedor d'aquella região, lhe havia ministrado esclarecimentos valiosos, foi em pessoa fazer um reconhecimento ás posições do inimigo. Or-

[1] Carta particular de Forbes a Luiz Pinto, 13 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

denou o general Courtén logo em seguida que o brigadeiro D. José Fleming, com quinhentos homens de infanteria, marchasse para Llansá, e aggregando á sua força mais novecentos que estavam n'aquelle ponto, e alem das tropas regulares comprehendiam paizanos armados ou *somatenes* dos povos circumvizinhos, fosse amanhecer no dia 14 nas alturas da torre de Carroch, e podesse cooperar no ataque de Banyuls.

Repartiu Courtén a sua gente em seis columnas. A primeira destinada a atacar a esquerda das posições francezas, compunha-se do segundo batalhão de *Guardias españolas,* da primeira companhia de granadeiros do regimento de Soria, de cem praças do regimento *del Principe,* e de algumas tropas ligeiras commandadas pelo tenente coronel graduado D. Francisco Blanco, da companhia de Rosas e de quarenta e nove voluntarios do segundo batalhão de Barcelona. Mandava esta columna o marechal de campo D. Eugenio Navarro, e tinha por encargo o atacar pela esquerda as alturas do Puig-de-la-Calme.

Formava a segunda columna o primeiro batalhão de *Guardias walonas* com as companhias de granadeiros dos regimentos de Saboya e Extremadura e cem praças de tropas ligeiras commandadas pelo capitão D. Felix Praz. Obedecia ao brigadeiro marquez de Castrillo e era destinada ao ataque pela direita contra aquella mesma posição.

A terceira columna era constituida pelo sexto batalhão de *Guardias walonas,* dois batalhões do regimento de Granada e cem homens de tropas ligeiras, de que era commandante o tenente coronel D. José Carbonell. Mandava toda esta força o coronel D. João Baptista de Castro, que devia com ella atacar a esquerda e o centro da posição franceza no Col de Banyuls.

Tinha o coronel do regimento *de España* D. Ramon de Carvajal o commando da quarta columna, a qual era composta de mil oitocentos e cincoenta homens dos regimentos hespanhoes de Saboya, *España,* Murcia e Valencia, de cento e noventa praças de tropas ligeiras do Valspir, do primeiro batalhão de Barcelona, e do regimento portuguez primeiro

de Olivença, commandado pelo coronel graduado Ernesto Frederico de Verna.

D'esta columna haveriam de estabelecer-se quinhentos homens no Col de Balleri e a parte principal deveria encaminhar-se á ermida de Nossa Senhora das Abelhas para atacar os batalhões inimigos, que, segundo as informações dos desertores, occupavam aquella posição.

Cerca de seiscentas praças formadas de contingentes dos regimentos de Burgos e de Soria, tendo por tropas ligeiras duzentos paizanos armados ou *somatenes*, eram toda a força da quinta columna commandada pelo coronel D. Matheus Enriquez, e consagrada ao ataque das posições fortificadas no Col de Suro.

A sexta columna, finalmente, com a força de quinhentos e vinte e dois homens, compunha-se de contingentes do batalhão de Guadalajara, das companhias de granadeiros de Valencia e de Cordova, e de um pequeno destacamento do regimento de Malaga. Reconhecia por seu chefe ao barão de Bette, capitão de *Guardias walonas*, e tinha por encargo atacar a esquerda e centro das posições inimigas. Continuava na formação das columnas a mesma anarchia tactica e a mesma irracional disposição, que sempre fôra predilecta dos generaes hespanhoes no dividir para o combate as suas tropas. Em vez de constituir com unidades completas as suas columnas, de as organisar quanto possivel de brigadas ou regimentos, preferiam os chefes hespanhoes retalhar as tropas ao seu mando, e justificar censuras e queixumes, que n'este ponto levantavam os officiaes e os soldados portuguezes empenhados na campanha.

Tomára o general Courtén as convenientes disposições para que as differentes columnas, partindo de pontos afastados, se pozessem em marcha a horas taes que chegassem todas simultaneas ao campo de batalha. Dispozera que ao signal de tres foguetes lançados nas alturas de Puig de Balaguer todas as columnas avançassem improvisamente e sem deter-se em responder ao fogo do inimigo, caissem com a maior celeridade sobre as suas posições e todas ao mesmo tempo se empenhassem em as tomar. Logo ao primeiro clarear da madru-

gada ordenou o general que o tenente coronel graduado de artilheria D. Santos Antia, tendo ás suas ordens o capitão D. Mariano Zóni e o subalterno D. Lope Salazar, officiaes da mesma arma, occupassem com dois obuzes de seis pollegadas e duas peças de campanha as posições mais convenientes para bater as dos francezes. Servia de apoio á artilheria uma força commandada pelo brigadeiro D. Firmino de Eguia, e composta de cem praças do regimento provincial de Jaen, de outras cem do primeiro de Olivença e mais trezentos cavallos. Passando o general Courtén ás alturas de Balaguer, d'ali se fez immediatamente o signal, que estava prevenido. E como nenhuma das columnas se movesse, outros foguetes se dispararam. E quando eram já as sete da manhã, começaram as tropas a abalar, e foi a columna do marechal de campo Navarro a primeira a empenhar-se no conflicto contra a esquerda da mais eminente das alturas á direita de Puig de la Calme, emquanto o marquez de Castrillo com a tropa do seu commando marchava contra a direita da posição.

Ao mesmo passo a columna do coronel Enriquez e a do barão de Bette dirigiam-se a atacar a esquerda e o centro das posições inimigas. Os francezes, que as defendiam, observando o ataque effeituado pelos hespanhoes contra Puig-de-la Calme, romperam contra as forças atacantes o fogo de toda a sua artilheria. Não ficaram silenciosas as peças hespanholas, antes responderam com grande vivacidade ás contrarias baterias. O fogo da artilheria franceza era, porém, tão violento que as duas columnas, que atacavam o Puig-de-la Calme, principiavam a hesitar e desordenar-se. Então o general Courtén, pondo-se a pé, porque a aspereza do terreno lhe não permittia facilmente cavalgar, adiantou-se até ás duas columnas e incitou-as energicamente a avançar com o maximo vigor ao ataque da posição, que lhes estava destinada. Pozeram-se á frente d'aquellas tropas o quartel mestre general D. Ramon de Navas, coronel de engenheria, e o tenente coronel D. João Courtén, ajudante de campo do general.

Cobram animo os soldados hespanhoes, acommettem de-

nodados, apesar da artilheria, que de frente os acoçava e dos fogos, com que pelo flanco direito os maltratava a bateria do Puig-de-Bercet. Contra esta posição foi destacada, por ordem do quartel mestre general, a companhia de granadeiros de Cordova. Por esta opportuna manobra consegue a columna do barão de Bette apoderar-se da altura de Pla de las Heras, emquanto os granadeiros tomam a bateria de Puig-de-Bercet.

Ao tempo, em que as armas alliadas venciam por este lado, a quinta columna, ás ordens do coronel Enriquez, atacava a bateria de Col de Suro, a artilheria avançava para novas posições mui perto do inimigo e a terceira columna, a do coronel Castro, tomava de flanco e de revez as baterias do centro e da esquerda. A quarta columna ao mando de Carvajal dirigia no emtanto um ataque vigoroso contra ás alturas de Carpilo e contra o Col de Balleri, e conseguia promptamente desalojar o inimigo. Da victoria alcançada n'este ponto coube parte mui honrosa ao regimento portuguez primeiro de Olivença. Achava-se este corpo no campo de Villelongue, quando recebeu ordem para dirigir-se a Espollá. Foi a marcha tão penosa pelo rigor da estação e a agrura do terreno, que largas horas o regimento despendeu para chegar ao seu destino. Ficou pelos caminhos tão grande copia de soldados, que ao chegar a Espollá o tenente coronel Verna contava sómente debaixo das bandeiras quatrocentos e tres soldados. Encorporado o primeiro de Olivença na quarta columna dos alliados, não deslustrou em presença das castelhanas as armas portuguezas, se bem a escassa consideração, que ellas mereciam aos chefes hespanhoes, o destinasse a uma columna, que não era das principaes. O regimento portuguez não teve a lastimar nenhuma perda no combate, mas em compensação as marchas e as doenças haviam reduzido este corpo a trezentos cincoenta e tres soldados e á força total de quatrocentas vinte e tres praças, depois que na chegada a Espollá ainda contára presentes sob as armas quatrocentos e tres soldados.

Era dura para os soldados portuguezes a campanha pelo

borrascoso da estação, pelo fragoso das serranias e veredas, por onde, á mingoa de estradas, era forçoso transitar. Acampavam as tropas sem barracas, nem abrigos, rotos ou descompostos os uniformes, e mal acommodados a recatar contra os frios glaciaes das montanhas no maior rigor do inverno. O desamparo ou a miseria, a que estavam muitas vezes reduzidas as tropas hespanholas e as portuguezas, suas companheiras nos trabalhos e privações, as induziam a procurar por sua propria actividade o que uma administração militar negligente e desregrada se esquecia de ministrar-lhes para seu alimento e agasalho. Não eram, pois, sempre as tropas castelhanas modelo de rigorosa disciplina. E como a necessidade já de si impelle ás infracções da boa ordem, e mais, se tem perto de si damnoso exemplo, o regimento de Olivença parece que algum tanto se desmandava, porque o seu commandante, official disciplinador e austero no commando, confessava empenhar grandes esforços para que os seus soldados não contrahissem os habitos viciosos dos seus camaradas hespanhoes[1].

Grande numero de prisioneiros e mais de vinte bôcas de

[1] «Nous avons encore attaqué tous les postes des français de 14 courant, les chassant partout jusqu'à Banyols, où nous nous trouvons actuellement. Le régiment n'a eu ni mort ni blessé, mais en revange un nombre prodigieux d'estropiés par la fatigue, qui en effet a été excessive pour la columne dans la quelle le régiment s'est trouvé, qui était la quatrième, commandée par le colonel du regiment España D. Ramon de Carvajal. Déjà la marche, que nous fîmes la veille du camp de Villelongue à Espolla, dans la quelle nous avons employé heures, grimpant continuellement des sentiers dans les montagnes, m'a fait rester une quantité de traineurs en arrière.»

Depois de escrever que chegou a Espollá com quatrocentos e tres soldados, e de dizer que não tem presentes sob as armas senão o major, quatro capitães, tres tenentes, cinco alferes, vinte sargentos, continua: «duquel nombre il ne peut manquer d'en tomber malade beaucoup tous les jours à cause de la rigueur de la saison, sans tentes, ni convertures... j'ai un travail excessif à embarrasser que le régiment, qui se trouve seul portugais entre tant de regiments espagnols, ne prenne les mauvaises habitudes de ceux-ci».

Officio do tenente coronel, commandante do primeiro regimento de Olivença ao general Forbes, incluido n'um officio d'este general, a Luiz Pinto, 25 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

fogo cairam em poder dos alliados. Não compraram, todavia, a preço minimo os hespanhoes as vantagens d'este dia. O marechal de campo D. Eugenio Navarro illustrou com o sangue o seu valor, saindo do combate com ferimento de alguma gravidade. Dos officiaes perdeu a vida o barão de Königsegg. O numero total das baixas não foi mui diminuto nas forças hespanholas.

Depois que os alliados se haviam apoderado de todas as seis baterias e posições francezas, ordenou o general Courtén que as tropas descansassem durante duas horas. E deixada n'aquelles pontos a gente necessaria para a defeza, determinou completar a sua victoria, avançando contra a pequena povoação de Banyuls de Marande, que mais alem das primeiras posições ainda era occupada pelo inimigo.

Está assentada a povoação á beira do Mediterraneo. Era n'aquelle tempo habitada principalmente por contrabandistas, a quem menos preoccupava a lei, se franceza ou hespanhola, que os havia de reger, do que o empenho de aproveitar no proprio interesse do seu illicito commercio a torvação do tempo, em que viviam. Existiam n'aquelle ponto alguns centenares d'estes ousados aventureiros, que por sua conta faziam entradas e incursões no territorio hespanhol do Ampurdán. Engrossava-se a guarnição com algumas tropas francezas regulares, mas pouco numerosas, destacadas de Argelès, e com uma escassa força de *somatenes*. Alguns canhões defendiam o accesso pela banda da terra, e guarneciam a povoação do lado do Mediterraneo.

Marchou, pois, o general com todas as columnas, excepto a sexta, a do barão de Bette, a qual ficou presidiando o Col de Banyuls. Dispozeram-se em tres corpos, direita, centro e esquerda. Da primeira teve o commando o brigadeiro D. Francisco Solano, na ausencia de Navarro, ferido no combate antecedente. O general, seguido por toda a cavallaria, adiantou-se em direcção a Banyuls. Chegado que foi ao principio da povoação enviou como parlamentario o brigadeiro D. Fernando Cajigal, acompanhado de um trombeta, para que intimasse aos defensores se rendessem á discrição, commi-

nando-lhes, segundo o estylo, que não se entregando promptamente seriam todos, sem excepção, passados á espada.

Negaram-se os inimigos á intimação. Foi mister acudir de novo ás armas. Avançaram as columnas com brava resolução. Era desegual o partido para os que defendiam Banyuls. Houveram por melhor desamparar a villa ás quatro horas da tarde e buscar na fuga precipitada o salvamento. Os habitantes de Banyuls deixaram egualmente a povoação, sem que um só quizesse aventurar-se ao rigor, com que fôra ameaçada a obstinação. Acoçou-os rijamente a cavallaria, que os perseguiu por grande espaço, causando n'elles grande estrago, e fazendo-lhes bastantes prisioneiros, entre os quaes se contava o commandante da cavallaria e outro official. Caíram dois canhões em poder dos hespanhoes.

Se a tomada da villa de Banyuls não acrescentou notavelmente os louros dos alliados, attenta a pequena resistencia do inimigo, não deixou de ser proveitosa pelos muitos viveres e munições, de que estava então provida. D. João Courtén no seu relatorio ao general em chefe não se absteve de exaltar em termos de grande encomio o valor das tropas e dos seus chefes, e de encarecer quanto eram bem defendidas pela natureza e pelo esforço dos francezes as suas fortes posições. E recommendando alguns commandantes de columnas, e outros officiaes hespanhoes, deixou em discreto silencio os portuguezes, como se nenhum d'elles houvesse acabado feito digno de menção e de louvor[1].

As armas alliadas haviam até áquelle tempo luctado sempre avantajadas ás tropas republicanas, se bem nenhuma das suas victorias fôra decisiva ou promettedora de que podesse avançar mais velozmente a invasão no territorio da Republica. As compensações inevitaveis n'uma prolongada guerra

[1] «Solo viendo las vantajosas posiciones de los enemigos, defendidas por quatro mil hombres y lo quebrado del terreno, puede graduarse na gloria, que en este dia han conseguido las armas del rey: no hallo voces con que poder expresar, el valor y firmeza de las tropas, que bien dirigidas por sus xefes y oficialidad han superado todos los obstaculos.»

Officio de Courtén a Ricardos. Banyuls, 18 de dezembro de 1793. *Gaceta de Madrid* de 31 de dezembro de 1793.

de postos em montanhas, sem nenhuma d'estas grandes batalhas, que desequilibram promptamente a situação de dois exercitos, trouxeram a 19 de dezembro um desastre lastimoso ás forças alliadas. Ficára commandando nas conquistadas posições de Villelongue o marechal de campo D. José Iturrigaray, depois que a maior parte das forças ali estacionadas se haviam posto em marcha para continuar a serie de operações sobre Saint-Elme, Port-Vendres e Collioure.

Era ali mui diminuta a força dos alliados. O general Doppet, que no commando em chefe do exercito francez dos Pyreneus orientaes havia substituido o general Turreau, teve exacto conhecimento do que em Villelongue se passava. Confiando em que as posições na esquerda da sua linha junto ao litoral poderiam oppor uma longa e vigorosa resistencia ás emprezas dos hespanhoes, determinou-se em operar entre o centro e a direita uma diversão, que rompendo a linha dos alliados a ameaçasse de flanco e de revez.

As tropas de Portugal existentes em Villelongue eram o segundo regimento do Porto, reduzido a escasso numero pela multidão enorme dos seus doentes, e um destacamento de artilheria commandado pelo primeiro tenente do regimento do Algarve, Gabriel Antonio Franco de Castro, que depois veiu a ser tenente general e commandante geral da sua arma. Em o numero total dos artilheiros entravam, alem do chefe, um cadete que servia de sargento, dois cabos de esquadra, um tambor e trinta soldados [1].

Completava-se a guarnição com uma pequena força de infanteria hespanhola composta de um batalhão de Guadalajara, outro de Sevilha e apenas dezoito homens do regimento de Segovia [2]. Alguns poucos esquadrões de cavallaria dos regimentos de Alcantara e de Pavia e de reaes carabineiros eram destinados a operar na planicie e a vigiar e impedir ao

[1] Relação official assignada pelo sargento mór José Antonio da Rosa, datada de Céret, 25 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 7 de fevereiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

inimigo a passagem do rio Tech. Não chegavam todas as tropas a perfazer o numero de mil homens. Tinha o commando especial da bateria de Villelongue o coronel de artilheria D. Francisco de la Cuesta e serviam sob as suas ordens um tenente coronel da mesma arma, um capitão e um tenente. Uma força de infanteria de cincoenta praças de pret do segundo regimento do Porto, commandada pelo capitão Francisco José Coelho e uma guarda de sargento guarneciam a bateria. O official artilheiro portuguez dirigia o serviço de sete peças, das quaes eram quatro portuguezas de calibre tres, e hespanholas tres de calibre quatro. D'estas bôcas de fogo havia quatro collocadas no flanco direito em logares, onde não existia parapeito com intervallo de trinta a quarenta passos; as tres restantes guarneciam o flanco esquerdo. Trinta soldados de infanteria se empregavam como serventes auxiliares dos artilheiros. A força total da guarnição na bateria era apenas de cento e sessenta homens.

Alem das peças mencionadas tinham os hespanhoes em bateria outras seis de varios calibres, dois obuzes e um morteiro. De uma companhia de infanteria hespanhola uma parte guarnecia a frente da obra, e a restante commandada pelo capitão defendia a gola, tendo por abrigo um pequeno parapeito. Uma grande guarda do segundo regimento do Porto, com um capitão e um alferes desempenhava o serviço de segurança e exploração. O posto, que a pequena guarnição tinha que defender, era de si pouco seguro, pela ausencia quasi completa das defezas artificiaes. O marechal de campo Iturrigaray com esta temeraria confiança, que dá muitas vezes aos commandantes a arrogancia ignorante ou a desmedida fé no valor das suas tropas e o menospreso das contrarias, e com a habitual e culposa negligencia no serviço dos postos avançados, offerecia ao inimigo a melhor opportunidade para o que vulgarmente se denomina um *golpe de mão*. Souberam os francezes quanto, depois da marcha das tropas alliadas, era debil em Villelongue a força dos contrarios e propicio o seu descuido a uma audaz arremettida.

No dia 19 de dezembro, das cinco para a seis horas da ma-

nhã, ouviram-se alguns tiros contra a frente e esquerda da posição. Eram os francezes, que em quatro columnas e, segundo se disse, em força de oito mil homens, haviam transposto o rio Tech, sem que lhes embargasse o passo a cavallaria hespanhola, encarregada ali de o impedir. O tenente Franco de Castro deu então aos artilheiros, que serviam as peças do seu commando, a ordem de accender os botafogos e pouco depois os artilheiros portuguezes disparavam a primeira descarga. Ordenou-se que retirassem as sentinellas avançadas portuguezas e continuou com tal vivacidade o fogo da artilheria, que algumas peças deram dez tiros em breve espaço. A esse tempo já uma columna inimiga subia a encosta e se dirigia velozmente para tomar á arma branca a bateria, não sem que os tiros dos canhões e da infanteria causassem perda consideravel ao inimigo. Os francezes, desdenhando o fogo dos contrarios, avançaram com o enthusiastico furor, que distinguia n'aquelle tempo as tropas republicanas, e galgando os desmoronados parapeitos, caíram á bayoneta sobre os poucos defensores, mataram dois artilheiros, feriram tres, dos quaes um cabo gravemente. Foi então quasi geral o desbarato. Buscaram os artilheiros na fugida a salvação. Alguns poucos mais animosos e pertinazes se conservaram guarnecendo escassamente uma das peças, que passando a ser directamente commandada pelo proprio tenente Franco, ainda fez cinco tiros de metralha, tres d'elles contra os francezes, que já occupavam parte da bateria, e dois contra o resto da columna, que vinha muito proxima.

Bem depressa o inimigo em grande numero cercava os artilheiros, que restavam. Os serventes espoleta e botafogo foram os primeiros a desamparar a peça. A guarda do segundo regimento do Porto depoz então as armas e ficou prisioneira dos francezes. O tenente Franco pôde escapar, abrindo caminho velozmente a favor da confusão, que então reinava entre os proprios atacantes.

A pouca distancia da bateria, — quatrocentos ou quinhentos passos, — estava postada no centro da linha a força principal do segundo regimento do Porto, tendo á sua frente o mare-

chal de campo D. Antonio de Noronha. Na direita formava o batalhão de Guadalajara, que nas relações portuguezas apparece designado com o nome de *blanquillos*. Estas forças bem poderam ter sido improvisamente salteadas, se não fôra a vigilancia e resolução d'aquelle benemerito portuguez. Tinha elle, como prudente general, apercebidas sempre as suas tropas, como quem sabia que na presença do inimigo e na esphera de acção da sua actividade tactica, se ha de presuppor sempre imminente alguma tentativa de aggressão. Promptamente se formou para combate o segundo regimento do Porto, occupando a posição, que pareceu mais proveitosa para resistir por algum tempo ás forças superiores dos seus contrarios [1].

Ao passo que os francezes arremettiam furiosamente contra a desmantelada bateria, uma columna atacava o regimento do Porto, que briosamente se defendia. Opprimido por forças consideraveis, em combate desegual, houve de ceder o campo ao inimigo e retirar-se a uma nova posição, onde formado em boa ordem, pôde ainda resistir aos atacantes.

Ao mesmo tempo o batalhão do regimento de Sevilha repulsava outra columna. Os francezes recrescendo, porém, em grande numero e com fogosa vivacidade, conseguiram desalojar das suas posições as tropas alliadas. O regimento do Porto viu-se então forçado novamente a retirar e a estabelecer-se n'um proximo reducto. Acudindo-lhe depois em soccorro alguma gente do batalhão de Guadalajara, commandada pelo brigadeiro D. José Genaro de Salazar, alcançou refrear o impeto aos contrarios e manter a posição. A esta sasão acudiam, enviadas pelo general em chefe, algumas tropas de refresco, trazendo por seu chefe o brigadeiro D. Ildefonso Arias de Saavedra. Os francezes, em presença do reforço, houveram por melhor partido o retirar-se, e dar por termi-

[1] No officio de Forbes ao duque de Lafões, do 1.º de janeiro de 1794, escrevia o general portuguez: «O general Iturrigaray, apesar das suas disposições, não pôde evitar que o excessivo numero dos inimigos tomasse a bateria e maltratasse o segundo do Porto, que dizem combatêra e resistíra quanto lhe foi possivel...»

nada a operação. A cavallaria hespanhola não pôde acrescentar n'este combate os louros alcançados n'outras acções. Logo no principio do recontro, á testa de uma partida de carabineiros, o coronel D. João José Urzueta acommetteu uma das columnas francezas, foi porém infeliz no seu proposito e saíu ferido levemente pelo fogo do inimigo. O capitão do regimento de Alcantara D. Ramon de Susa, não foi mais venturoso em outra carga. Os dragões de Pavia, levando á sua frente o commandante D. Pedro Tornes, tiveram de fazer tres meia volta, e na refrega deixaram no campo alguns soldados. Reuniram-se depois todas as tres partidas á reserva da cavallaria, commandada por D. Antonio Alós, coronel do regimento de Numancia. Já a esse tempo os francezes começavam a retirar. E feitos n'um só corpo os esquadrões até ali mal succedidos, ás ordens do marechal de campo D. Diogo Godoy, marcharam em perseguição do inimigo, e com elles cooperaram as columnas de infanteria dispostas para este fim pelo brigadeiro Arias de Saavedra. N'este alcance perderam os francezes alguns dos seus e deixaram nas mãos dos hespanhoes bastantes prisioneiros.

Os generaes castelhanos eram sempre escassos em louvores e menções honrosas para com as tropas de Portugal. No combate de Villelongue foi, porém, de tal maneira distincto o segundo regimento do Porto, que D. José Iturrigaray no seu officio ao general em chefe consagrou encomios desusados a este corpo benemerito e ao coronel graduado José Narciso de Magalhães e Menezes, que durante o combate o commandou[1].

Apenas senhores da bateria logo os francezes voltaram contra os alliados a artilheria, que havia caído em seu poder, batendo principalmente a cavallaria hespanhola, um esquadrão, que assistiu quasi impassivel ao desenlace do conflicto. Referem as relações francezas que os republicanos, pela che-

[1] «Vi con el mayor espiritu delante de su batallon de Oporto al mariscal de campo D. Juan Correa de Sá y al coronel del mismo D. Joseph Magallanes...»

Officio de Iturrigaray a Ricardos. Villelongue, 22 de dezembro de 1793, *Gacela de Madrid*, de janeiro de 1794.

gada dos reforços hespanhoes, haviam sido forçados a desamparar a sua conquista e a retirar para o campo estabelecido nas posições de Banyuls-des-Aspres e de Tresserre, dando-se por satisfeitos com o damno padecido pelos contrarios e com os despojos, que levavam da victoria [1].

Este combate, que foi tão desastroso para as tropas alliadas, valeu aos vencedores o apoderarem-se de seis peças hespanholas de calibre quatro, seis e doze e de quatro peças portuguezas de calibre tres. Encravaram os francezes outras duas, cujos reparos mui damnificados não permittiam o transporte e tomaram bastantes munições pertencentes ás tropas de Portugal.

Perderam n'este combate os portuguezes, dos artilheiros dois soldados mortos, quatro feridos e um cabo e seis soldados extraviados, entre os quaes alguns se suspeitára haverem sido mortos ou feridos [2]. O segundo regimento do Porto, que fôra gravemente maltratado, teve trinta e seis feridos, entre elles um cadete e o capitão Francisco José Pereira Leite, que pelo seu brilhante valor se distinguira no combate desegual contra os francezes. Os mortos foram dezenove, um porta-bandeira, um furriel, um cabo, dois anspeçadas, quatorze soldados. Houve quarenta e nove extraviados ou prisioneiros, e n'este numero se comprehenderam o capitão Francisco José Pereira Coelho, o alferes José Pedro de Saldanha e o cadete Joaquim Antonio Corrêa [3]. E assim com ser a tropa de Portugal tão diminuta em Villelongue, ascendeu a sua perda a cento e quatro praças, numero lastimosamente desproporcionado ao dos combatentes n'este encontro. Segundo as relações hespanholas o numero total dos mortos entre os seus foi vinte e tres, o dos feridos sessenta e quatro, grande o dos extraviados. As perdas foram egualmente numerosas nas fileiras dos francezes.

[1] *Victoires et conquêtes, etc., des français*, tomo I, pag. 381.

[2] Relação official já citada, firmada pelo sargento mór José Antonio da Rosa.

[3] Relação assignada pelo commandante do segundo regimento do Porto, D. João Correia de Sá, em dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

Quizeram alguns attribuir o desastre de Villelongue a um grosseiro estratagema do inimigo e á pasmosa credulidade, com que fôra acreditado o seu embuste. Referem que os francezes, ao acercarem-se dos postos avançados, tinham respondido em idioma castelhano ao brado de *Quem vive?* e tomando os nomes de regimentos hespanhoes, haviam dado pontualmente o santo, a senha e a contra-senha d'aquelle dia [1]. Em todo o caso o revez padecido pelas armas alliadas no segundo combate de Villelongue foi devido á inercia e negligencia da cavallaria hespanhola destinada a impedir ou demorar por algum tempo aos republicanos a passagem do rio Tech. Affirmou-se que os francezes o vieram passar n'um ponto mui diverso d'aquelle, que se esperava. Apesar d'esta circumstancia, a cavallaria hespanhola se não era certamente em numero bastante para conter as columnas adversas durante largas horas, e ainda menos para obstar á sua passagem, bem podéra, dividindo-se em partidas, executar como tropas ligeiras o serviço de exploração e segurança e annunciar opportunamente á guarnição de Villelongue a approximação do inimigo [2]. Não parece haver sido exemplar o comportamento dos soldados hespanhoes, principalmente dos que estavam guarnecendo a bateria. O general Forbes accusa os do batalhão de Segovia, imputando-lhes que sómente se occuparam em desvalisar as barracas dos portuguezes, quando

[1] *Historia da guerra do Roussillon e Catalunha* por Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, depois visconde de Juromenha. Ms. da Academia das sciencias.

Memoria dos successos da guerra dos Pyrenéus orientaes, por F. D. D. F. L. (Francisco Duarte da Fonseca Lobo), official de artilheria. Lisboa 1797, pag. 16.

Relação dos combates feitos pelas tropas hespanholas e portuguezas contra os francezes no Roussillon. Ms. da bibliotheca nacional.

[2] «Dizem-me que a falta de vigilancia da cavallaria hespanhola, que guardava a planicie, dera causa á perda, que ali se experimentára.»

Officio de Forbes a Luiz Pinto, Céret 25 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

«A bateria de Villelongue não tinha fórma de parapeito ou obra de fortificação... A cavallaria hespanhola... nem fez nada para contrariar a passagem do Tech nem para carregar o inimigo no ataque á bateria.»

Officio de Forbes a Luiz Pinto, 1.º de janeiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

empenhados no combate contra o arremesso vigoroso do inimigo [1].

O desastre de Villelongue foi largamente compensado pelo exito feliz das operações emprehendidas para estender a direita dos alliados até o litoral. A posse de Saint-Elme, de Port-Vendres e Collioure satisfaria cabalmente este problema. Resolveu, pois, o general em chefe atacar na esquerda a linha dos francezes e dirigir ao mesmo tempo um ataque em maneira de diversão ao centro das suas posições em Banyuls-des-Aspres e em Tressères. A operação principal sobre a esquerda do inimigo foi commettida ao marechal de campo D. Gregorio de la Cuesta. Da que tinha por objecto o ataque secundario, recebeu a direcção e o commando o general Forbes.

Era Banyuls o logar de reunião para as tropas destinadas a manobrar na esquerda inimiga. A 18 de dezembro de 1793 chegava o general Cuesta a este acampamento e assumindo o seu commando, passava no dia 19 a reconhecer as posições, a que era destinada a operação. A pouco mais de meia hora de marcha deparava-se-lhe o inimigo. Occupava as eminencias de uma serra de accesso mui difficil por escarpada, guarnecida com obras de campanha, que formavam um seguro entrincheiramento, acrescentado pela arte o valor defensivo das posições. Repartia-se a montanha em quatro cerros ou alturas principaes, e os tres valles, que os separavam, eram defendidos por bem construidos parapeitos com seus fossos e banquetas. Dilatava-se a serrania desde as vizinhanças da *Torre do Diabo* até o Mediterraneo, e servia como de grande muralha natural para cobrir as posições de Saint-Elme, Port-Vendres e Collioure, que lhe ficavam á rectaguarda. Em toda a frente das posições tinham os francezes em bateria cinco peças de grosso calibre, que rijamente varejavam os caminhos.

Na direita observou o general que, talvez por menos accessivel, os francezes haviam posto menor esmero e efficacia na defeza. Pareceu, pois, a Cuesta, que por aquelle ponto vulneravel se deveria encaminhar um ataque de flanco. E a

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 7 de fevereiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

ser bem succedido, e rompendo os alliados esta parte da linha franceza, poderiam d'ali bater o inimigo nas suas outras posições, e d'esta maneira facilitar e proteger o ataque frontal, que era o mais arduo e o mais perigoso.

Este foi o plano adoptado pelo general, depois de o haver communicado aos outros chefes principaes, e de o ver por elles approvado. Determinou-se Cuesta em levar á execução a sua empreza no dia 20 de dezembro de madrugada. Era, porém, no mais entranhado da estação, e a invernia continua e pertinaz. As chuvas caíam em grossas cataractas durante a noite de 19 para 20, e parecia não deixarem occasião para começar a marcha nas montanhas. Felizmente pelas quatro horas da manhã principiou o tempo a abonançar e a dar alguma esperança. Não era, porém, ainda resoluta a expedição, quando chegou ao general Cuesta um officio de Ricardos, dando pressa á operação, e ponderando os inconvenientes de aprazal-a para outro dia. Vacillou Cuesta irresoluto sobre se por cumprir as ordens do general em chefe, iria aventurar-se em lance desastroso. O dia ia então já clareando. Os terrenos estavam encharcados, os caminhos pouco menos de intransitaveis, o inimigo bem entrincheirado, e apercebido para a defeza, a marcha seria difficultosa, o ataque a peito descoberto e á plena luz do dia, haveria de comprar-se a victoria a preço exagerado.

Mas o dilatar a operação equivalia a renuncial-a. Eram vehementes as instancias de Ricardos para que a divisão de Cuesta, consummada a expedição, se reunisse quanto antes ao grosso do seu exercito. Deu ordem finalmente a que as tropas se dispozessem para a marcha e repartiu-as em cinco differentes columnas.

A da direita compunha-se de um batalhão de *Guardias españolas*, de outro do regimento de Saboya, das companhias de caçadores de *Guardias* e de uma de tropas ligeiras. Era commandada pelo brigadeiro D. Ignacio Ortiz y Rosas. Dois batalhões de *Guardias walonas*, um do regimento de Murcia, e outro de Tarragona, constituiam a esquerda, que tinha por commandante o brigadeiro marquez del Castrillo.

Na esquerda do centro marchava uma columna composta de dois batalhões de Soria e dos voluntarios de Vallespir, e tinha por seu chefe o brigadeiro D. Francisco Solano. A direita do centro occupava uma columna formada por um batalhão do regimento de Valencia, pelo segundo batalhão de Barcelona, e pelo primeiro regimento de Olivença, a unica força portugueza encorporada n'esta expedição, e de que perseverava commandante, por impedimento do coronel Mestral, o tenente coronel graduado em coronel Ernesto Frederico de Verna. Mandava esta columna o brigadeiro D. José Fleming.

A quinta columna finalmente, que servia de reserva, compunha-se de um batalhão do regimento *de España* e das seis companhias de granadeiros pertencentes aos regimentos *del Principe*, de Saboya, Burgos, Valencia, Cordova e Extremadura. Tinha por seu chefe o coronel D. Carlos de Witt, e haveria de ficar ás ordens immediatas do general Cuesta. Incumbia-lhe acudir aos pontos do campo de batalha, onde se necessitasse de reforço, e cobrir e assegurar a retirada sobre as posições de Banyuls, se porventura saísse frustrada a operação. Ás ordens do brigadeiro D. Firmino de Eguia postou-se a cavallaria nos logares, onde, o terreno offerecia maior facilidade aos seus movimentos offensivos.

Ás oito horas e meia da manhã rompiam a marcha as tropas alliadas, seguindo as tres unicas veredas, por onde era possivel desembocar na frente do inimigo. Não estavam os francezes mal precatados, antes guarneciam as trincheiras, já dispostos a saudar os novos hospedes.

Em posição bem avançada na frente da sua esquerda, estavam postados dois batalhões, e outro egualmente destacado adiante da sua direita. Foram estes os primeiros a romper bem sustentada espingardaria contra as columnas aggressoras. A da direita, ao mando de Castrillo, avançou impetuosa contra um dos batalhões, que tomára por abrigo uma casa isolada na montanha, e conseguiu desalojal-o promptamente.

Ao mesmo passo atacava as posições por outro ponto a columna do brigadeiro Fleming, onde marchava o primeiro regimento de Olivença. Batida de flanco por um posto avan-

çado dos francezes, a columna viu-se gravemente incommodada e experimentou sensiveis perdas pelo fogo do inimigo. Ao coronel D. Antonio de Ezpeleta, que substituira no commando ao coronel D. João Baptista de Castro ferido logo ao principio do combate, ordenou então o general Cuesta, que, para auxiliar e proteger a columna de Fleming, fizesse demonstração de tornear e tomar de revez o posto avançado.

Observado pelos francezes n'este ponto o movimento de Castrillo, começaram a retirar diante das forças superiores e foram reunir-se aos dois batalhões avançados. Principiaram estes um fogo bem nutrido contra a columna de Ezpeleta e a de Ortiz, que marchavam expostas egualmente aos tiros de tres canhões, assestados na sua frente. Apesar, porém, do vigor e energia da defeza, e das perdas padecidas, não se desalentaram as duas columnas atacantes. Avançaram resolutas contra os dois batalhões do inimigo emquanto um meio esquadrão de reaes carabineiros os incommodava e perseguia com vigor, os forçava a retirar e a buscar asylo dentro das trincheiras. A esse tempo já outra columna hespanhola chegava ao alto da posição na direita e obrigava os defensores a retirarem sobre o centro, atacado vigorosamente ao mesmo passo pela columna de Solano.

Era a esquerda da linha franceza a que mais tenazmente resistia contra o esforço das tropas hespanholas. De uma e outra parte se combatia com egual enthusiasmo e indomito furor. Estava posta em balança com duvidoso Marte a fortuna d'esta acção. Era ali a chave da posição e o ponto decisivo do combate. Acorreu promptamente ali com a reserva o general D. Gregorio de la Cuesta. As tropas frescas chegadas ao campo da batalha atacam á baioneta o inimigo, que ainda bravamente se defendia nas trincheiras. As forças superiores dos atacantes esfriam bem depressa o ardor e a bravura, com que os francezes ainda mantinham nobremente a honra das armas republicanas. Succede a tibieza ao enthusiasmo e o desanimo ao valor. Desamparam os soldados da Republica os seus entrincheiramentos e buscam a salvação na fuga desordenada. Torna-se então geral a confusão e o desbarato.

Em vão o resoluto Fabre, o commissario da Convenção, busca, pela palavra e pelo exemplo, restabelecer a ordem nas fileiras e conduzir de novo ao inimigo as tropas, que fugiam. Nada póde conseguir o enthusiasmo republicano e o animo indomavel do valente funccionario. Perdidas as esperanças, profundamente lastimado pela sorte das armas francezas n'aquelle dia, ainda póde congregar em volta de si alguns poucos soldados mais briosos, e tendo-os por socios no valor e no desastre, vai com elles caír gloriosamente exanime no meio do inimigo [1].

A Convenção nacional, que era tão justa em honrar as grandes e patrioticas dedicações, como prompta e severa em castigar a minima suspeita de infidelidade á bandeira da Republica, votou na sessão de 24 nivose do anno II, que o representante Fabre havia bem merecido da patria, e decretou ao seu mortal espolio as honras do Pantheon [2].

O desastre padecido pelas armas republicanas era devido em grande parte, não a que nas tropas houvesse desmaiado o fervor e a valentia, que raras vezes se desmentiu durante as guerras da Republica, mas á imperfeita organisação do exercito dos Pyreneus e do seu estado maior, e ás discordias e invejas, que separavam em facções irreconciliaveis os generaes. Na sessão do 1.º nivose (21 de dezembro) do anno II da Republica, Barrère annunciando á Convenção os recentes successos da campanha, dizia que o general Doppet denunciára aos representantes do povo junto do seu quartel general os generaes Delâtre e Daoust, e attribuia á sua desidia e negligencia os revezes padecidos. Acrescentava que eram graves as malquerenças e os enredos entre os generaes, que por despeitos e vinganças se não queriam entender, nem reciprocamente auxiliar [3].

Deixaram os francezes em poder dos seus contrarios todas as suas bôcas de fogo e numerosas munições. Baixaram ao

[1] *Victoires et conquêtes*, tomo I, pag. 378.
[2] *Gazette nationale ou le Moniteur universel*, n.º 94, 24 de dezembro de 1793.
[3] *Gazette nationale ou le Moniteur universel*, n.º 114, 24 nivose anno II.

valle esperando acolher-se a Port-Vendres e a Saint-Elme, sob a protecção de cuja artilheria intentavam reunir-se e pôr-se em ordem. Padeceram grandes perdas na fugida pelo fogo dos proprios canhões tomados nas alturas e já servidos por artilheiros hespanhoes. Mas a victoria dos alliados tinha sido tão completa, e era tal o fervor, com que as tropas anhelavam por alcançar novos laureis, que não deixaram aos soldados republicanos logar ou ensejo de escapar á perseguição. Ordenou Cuesta que ficasse a columna de Castrillo nas conquistadas posições para que pela esquerda ameaçasse o ponto fortificado de Saint-Elme, ao passo que a reserva baixaria a atacal-o pela frente.

A direita do exercito recebeu ordem de marchar contra Port-Vendres, emquanto a columna de Fleming com o regimento portuguez primeiro de Olivença deveria encaminhar-se contra os fortins e baterias do litoral. Executaram as columnas com grande celeridade os prescriptos movimentos. As tropas dirigidas ao ataque de Port-Vendres tiveram de padecer o fogo de duas peças de calibre doze, com que os francezes se defendiam. Das tropas desbaratadas nas primeiras posições, as que poderam na fugida acolher se á protecção da artilheria de Port-Vendres, haviam conseguido reformar-se para se opporem com vigor proporcionado ao valor dos seus antagonistas. As columnas atacantes ao chegarem em frente da praça recebem um violento fogo de mosquetaria e de canhão. O ataque frontal torna-se difficillimo e sangrento por extremo. Destacára por isso o general hespanhol uma columna, para que torneando a montanha, chamada *Vigia*, atacasse as tropas republicanas pelo molhe de Port-Vendres.

Os francezes, simultaneamente acommettidos pela frente e pelo flanco e torneados pela esquerda, desamparam a fortificação, e retiram-se a Saint-Elme e Collioure depois de haverem encravado duas peças e inutilisado as munições.

Restava agora aos hespanhoes apoderar-se d'aquelles pontos fortificados. A columna dirigida contra Saint-Elme, trepando as asperas e escabrosas penedias, pôde chegar junto do forte, e empenhava-se em arrombar a porta principal, de-

pois de ter quebrado as cadeias, que suspendiam a ponte levadiça.

N'esta conjuncção ordenou o general ao tenente coronel D. João Caballero, que fosse com um trombeta fazer ao governador a peremptoria intimação de se render, com as sabidas comminações da mais inexoravel e cruenta severidade. E logo após ligeiros debates ácerca das condições, capitularam os francezes, ficando prisioneira a guarnição.

Occuparam os hespanhoes a fortaleza, onde acharam oito peças e dois morteiros, que serviram pouco depois a bater a praça de Collioure, que era o termo das operações [1].

Segundo a narração do general Cuesta, as tropas alliadas foram recebidas pelos francezes com bem sustentados fogos de fuzil e de canhão, e deveram á sua perseverança e ao seu valor a posse de Port-Vendres e de Saint-Elme [2]. Outras versões, porventura mais chegadas á verdade, attribuem a facillima reddição d'aquelles pontos fortificados ás intelligencias, que os hespanhoes haviam com antecedencia procurado com os habitantes e com os proprios defensores. A versão franceza refere que ao apresentarem-se em tropel desordenado diante de Saint-Elme os republicanos fugitivos do primeiro desbarato, o governador os fizera metralhar com a sua mesma artilheria e os forçára a buscar melhor asylo na praça de Collioure. Em seguida fez abrir as portas ao inimigo. Chamava-se Dufour este indigno official.

A Convenção, ao saber d'este infame procedimento, apressou-se em declarar fóra da lei o que vendêra pelo oiro castelhano uma praça da Republica. Mas os raios da tremenda assembléa não poderam alcançar o fementido, porque já estava áquellas horas acolhido á protecção dos hespanhoes [3].

[1] Officio de Cuesta a Ricardos, Collioure, 27 de dezembro de 1793. *Gacela de Madrid* n.º 4, de 14 de janeiro de 1794.

[2] «O primeiro comprimento que os defensores nos fizeram, não fo tanto de pantomima, que os nossos deixassem de experimentar um vivo fogo de mosquetaria e artilheria, que nos desarmou bastante gente e nos matou alguns soldados.» *Historia da guerra do Roussillon e Catalunha*, por Antonio de Lemos Pereira de Lacerda. Ms. da Academia das sciencias.

[3] *Victoires et conquêtes*, tomo I, pag. 378.

Não é dado pôr em duvida a existencia da traição. Para confirmar esta versão tambem de portuguezes ha testemunhos de que ao oiro, mais que ao ferro, se deveu o cairem tão promptamente pontos fortificados, que podiam prolongar a sua defeza e não seriam faceis de render por um simples *golpe de mão*. Um distincto official, que no regimento de Peniche fazia n'aquelle tempo a campanha do Roussillon, affirma as suas suspeitas de que as portas de Saint-Elme haviam saído das couceiras ao impulso dos *pesos* hespanhoes. E justifica a asserção considerando a confiança, com que os atacantes, indo escoteiros e desprevenidos do mais ligeiro material de sitio, procuravam senhorear-se de uma fortaleza a puros tiros de fuzil [1].

O general Forbes dando conta d'estes successos ao governo portuguez parece trahir o seu assombro de que Saint-Elme e Collioure caíssem tão depressa no poder dos hespanhoes [2].

Depois de caírem Saint-Elme e Port-Vendres em poder dos alliados faltava apenas apoderarem-se da praça de Collioure, que pelas suas obras de fortificação ainda por alguns dias bem podia resistir aos atacantes. É verdade que depois de occupada a altura de Saint-Elme, desde alli ficava Collioure batido pelos fogos mergulhantes d'aquelle forte. Estes dois pontos

[1] Divididas, portanto, as tropas em differentes columnas, em uma das quaes entrava o regimento de Olivença, principiaram de madrugada a montar a difficil serra, em cujo vertice se achava estabelecida a fortaleza de São Telmo, julgo (se me negarem que ella *não estava vendida por pesos duros)* que com o intento de abrirem de repente uma brecha com tiros de fuzil ou de voarem por cima das muralhas ou finalmente de abaterem as portas com um rombo machado, que ali appareceu. Eu não sei bem a verdade do caso, e como isto estava concertado, mas o que não padece duvida alguma é que os alliados foram atacar por surpreza um escabroso e bem guarnecido recinto, que defendido pelos hespanhoes soffreu poucos tempos depois um assedio regular, sem levarem os vestigios dos menores instrumentos, que em simillhantes occasiões se fazem indispensaveis.» *Historia da guerra do Roussillon e Catalunha*, por Antonio de Lemos Pereira de Lacerda. Ms. da Academia das sciencias.

[2] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 25 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

«Na tarde do dia 21 chegou a nova da tomada das baterias das alturas de Saint-Elme, tomada inesperada d'aquelle forte e evacuação da fortaleza de Collioure, tambem inesperada.»

com o de Port-Vendres determinam, n'um triangulo proximamente rectangulo, um systema defensivo, cuja efficacia é consideravelmente minguada, quando um d'elles tem de ceder ao inimigo. São maritimas as principaes defezas de Collioure, menos valiosas as terrestres. Emquanto se proseguia na tomada de Port-Vendres e de Saint-Elme, as columnas commandadas por Ortiz, Ezpeleta e Fleming, atacavam com vigor o arrabalde de Collioure. Não poderam, porém, continuar a aggressão, porque começando já a anoitecer, o general Cuesta houve por mais prudente e mais seguro aprazar para o dia seguinte o complemento das operações. As columnas retiraram, e foram acolher-se sob os muros de Saint-Elme. D'este ponto as peças de artilheria tomadas aos francezes principiaram a bater com vivacidade a povoação de Collioure. Pouco depois o brigadeiro Solano enviava ali como parlamentario o barão de Almendarit, primeiro tenente de *Guardias walonas*, e D. Nicolau de Llamafuente, tenente de *Guardias españolas*, a intimarem o governador de Collioure a que dentro de uma hora se rendesse, sob pena de que seria dada a povoação á escala franca ás tropas atacantes. Delongando-se em voltar os primeiros parlamentarios, enviou Solano a Collioure o ajudante de *Guardias españolas* D. Antonio Garcez e por elle soube que a villa estava prompta a render-se á discrição, mas que o recinto fortificado não queria capitular sem que o houvessem batido ao menos em apparencia. Redobraram as terriveis ameaças. Ao mesmo passo marchavam de Saint-Elme tres batalhões de *Guardias*, levando fachos accesos, como quem ia resoluto a incendiar a povoação. Com esta demonstração e espectaculo, ou porventura por milagre similhante ao de Saint-Elme, assombrados e cheios de terror os habitantes, obrigaram o governador a acceitar a capitulação [1].

[1] Tão facil, prompta e inesperada pelos meios ordinarios do ataque das praças, ainda mesmo á viva força ou á escala vista, foi a reddição de Collioure, que o proprio general Ricardos a seu respeito se expressava d'este modo: «Varios incidentes retardáron la proseccucion de la victoria de D. Juan Courten hasta el dia 14, en que se apoderó del Coll y villa de Bañuls, y su indisposicion y de la mayor parte de los xefes subalternos,

Logo no dia 21 ao amanhecer entravam na praça os alliados e apossavam-se egualmente do posto fortificado de Puig Oriol. Oitenta e oito bôcas de fogo, grande somma de viveres e munições, foram premio valioso e desproporcionado á facilidade, com que se concluíra uma empreza, que em outras circumstancias haveria de ser comprada com sangue dos sitiantes. Nem por isso deixou o general D. Gregorio de la Cuesta de enramar as frontes dos seus guerreiros mais notaveis com tão hyperbolicos laureis, como se as portas de Saint-Elme e Collioure se não tivessem patenteado obedientes ás primeiras intimações. Os commandantes das columnas, Castrillo, Rosas, Solano, Fleming, o brigadeiro hespanhol Vallejo, commandante da artilheria, tem honrosa commemoração no relatorio official. Os nomes dos portuguezes, sem exceptuar o do brioso Verna, commandante do regimento de Olivença durante a serie das operações, condemna-os a parcialidade egoista do general hespanhol a um silencio, se não ignominioso, ao menos depreciativo das armas portuguezas [1].

Emquanto o general em chefe hespanhol fazia atacar a esquerda dos francezes e tomar as valiosas posições de Port-Vendres, Saint-Elme e Collioure, outra operação era dirigida contra a direita e contra o centro da sua extensa linha. O general marquez de las Amarillas com uma divisão de cinco mil homens de infanteria e quinhentos cavallos, ao mando immediato do brigadeiro D. Diogo de Godoy, devia, saíndo do

que llevava, detuvo el ataque de Port Vendres y San Telmo, con cuyo objecto envié ultimamente al mariscal de campo D. Gregorio de la Cuesta, que ha verificado con tanto acierto y resolucion, *con la inesperada ventaja de la toma de Collioure*».

Officio do general Ricardos ao governo hespanhol, *Gaceta de Madrid* de 10 de janeiro de 1794.

«Al tiempo que iba (Ricardos) á montar á caballo, para presenciar el ataque del centro... llegó mi ayudante D. Juan Caballero con la plausible noticia de la toma de Port-Vendres, y *la que no se hacia creible* de la rendicion de S. Telmo.»

Citado officio de Ricardos.

[1] Officio dirigido ao general em chefe Ricardos pelo general Cuesta, em 27 de de dezembro de 1793, publicado na *Gaceta de Madrid* n.º 4, de 14 de janeiro de 1794.

campo de Boulou, acommetter as baterias do centro inimigo. Este corpo era quanto o general Ricardos podia apromptar para aquella empreza, porque a maior parte das tropas estavam empregadas na principal operação destinada á expugnação de Saint-Elme, Port-Vendres e Collioure[1]. Apesar de ser diminuta a força d'este corpo confiava o general Ricardos seria sufficiente, porque os francezes denunciavam o proposito de retirar-se das suas posições[2]. O ataque da direita com o intento de distrahir as attenções do inimigo para que não reforçasse o centro atacado por Amarillas, era encarregado ao general Forbes, que levava sob as suas ordens, como segundo commandante, o marechal de campo barão de Kessel. A columna confiada ao general das forças portuguezas era composta do regimento de Cascaes, do regimento *de España*, do provincial de Sevilha, e de pouco mais de cem cavallos do regimento *del Principe*, todòs em tão escassa força que apenas perfaziam de novecentas a mil praças. E era um commando já modesto de sobra para um coronel, que Ricardos commettia a um tenente general, para que se desempenhasse de um encargo, que em tão desfavoraveis condições bem podera saír frustrado ou desastroso.

Continuavam os caudilhos castelhanos, não sómente a dividir e retalhar a divisão portugueza, senão tambem a combinar por tal maneira as operações confiadas ás fracções desconnexas d'esta força, que sempre fosse mais provavel que a victoria o desbarato. Dois batalhões das tropas, que sob as ordens do brigadeiro Taranco estavam guarnecendo as baterias *de la Sangre*, e de S. João e entre as quaes se contava o règimento de Peniche, deviam apoiar nos seus movimentos a columna confiada ao general do exercito portuguez.

[1] «Pero destituido de la mayor parte de las tropas empleadas en dichos objectos, solo pude juntar un cuerpo de cinco mil hombres de infanteria y quinientos caballos. . .»

Officio de Ricardos ao governo hespanhol, *Gaceta de Madrid* de 10 de janeiro de 1794.

[2] Officio de Ricardos ao governo hespanhol. *Gaceta de Madrid* de 10 de janeiro de 1794.

Em nome de Ricardos o conde de la Unión, que tinha o mando das tropas em Céret, ordenára a Forbes que marchasse pelas alturas de Llansá e que ao despontar da aurora, a 21 de dezembro, ameaçasse pelo flanco esquerdo e pela espalda o inimigo. A columna deveria reunir-se ás onze horas da noite na posição de Saint-Ferréol. Levaria quarenta cartuchos cada praça, e o resto das munições haveria de seguir a distancia conveniente. Cumpriu o general as ordens recebidas e á hora prescripta achavam-se as suas tropas já formadas na posição, que lhes fôra determinada. Ao primeiro esclarecer da alva atacavam os francezes a columna. As baterias de Saint-Luc incommodavam gravemente com seus fogos as tropas alliadas. A força, que Forbes commandava, pareceu-lhe com rasão desproporcionada ao poder do inimigo. Julgou mais prudente o general manter-se na defensiva, emquanto uns fogachos incendidos na bateria *de la Sangre*, occupada pelos portuguezes e hespanhoes, não dessem, segundo estava combinado, o signal para que tomasse a offensiva e atacasse com vigor. Chegado o momento propicio foram então os francezes resolutamente acommettidos. A cavallaria, que ao principio se conservára em inacção, porque pela estreiteza dos caminhos não podéra desenvolver-se desde logo na planicie, veiu mais tarde a cooperar. Vendo Forbes que o inimigo, inquietado pelos fogos de mosquetaria, começava a hesitar e desordenar-se, mandou que um meio esquadrão de sessenta cavallos carregasse em linha com vigor, emquanto outro meio esquadrão, postado em columna na direita da infanteria, fazendo frente a um corpo de cavallaria franceza, servia de reserva. O meio esquadrão hespanhol, levando á sua frente o ajudante general portuguez conde de Assumar, precipitára-se vigoroso, porém a quatrocentos passos do inimigo recebeu uma descarga, que lançou a desordem nas fileiras, e fazendo tres meia volta retirou em confusão, sem que fosse possivel reunil-o novamente, nem tentar segunda carga com a reserva. A morte de um cadete, que pertencia á mais alta fidalguia de Castella, incutiu um tal desanimo nos soldados hespanhoes, que sem cuidar em mais do

que no proprio salvamento, deram as costas ao inimigo e frustraram lastimosamente o effeito, que n'aquella conjunctura se podéra esperar de uma boa cavallaria. Este incidente do combate contrariou e affligiu sobremaneira o general, que segundo algumas versões exprobrou em termos asperos ao commandante do esquadrão a sua impericia e covardia[1].

Levavam os francezes n'este momento vantagam decidida sobre os seus adversarios. Foi então que o conde de Assumar ordenou ao monteiro mór do reino que o seu regimento de Cascaes em columna cerrada atacasse os francezes á bayoneta. Apoiado pelo regimento *de España* e pelos provinciaes de Sevilha, o regimento portuguez, commandado pelo tenente coronel Antonio José de Miranda Henriques, arrojou-se ao inimigo em massa tão compacta e com tamanho ardor e celeridade, que as tropas republicanas debandaram em fugida e se foram acolher ao recinto da bateria, d'onde fizeram algum fogo sobre as columnas atacantes. No emtanto não jaziam silenciosos os canhões *de la Sangre* e S. João, onde estava o regimento de Peniche. Simultaneamente com as baterias, que ficavam á sua direita, incessantemente varejavam a frente inimiga entre Saint-Luc e Pla del Rey, ao que a artilheria franceza ripostava com bastante vivacidade[2].

A cavallaria, que não fizera a sua obrigação ao carregar durante a sessão o inimigo, foi ao menos proveitosa em perseguil-o e em fazer-lhe alguns prisioneiros. Áquelle tempo os francezes voltavam com tropas de refresco a affrontar-se de novo com os alliados. As que Forbes commandava, se eram sufficientes porventura para uma demonstração desti-

[1] *Historia da guerra do Roussillon e Catalunha.* Ms. da Academia das sciencias.

Officio de Forbes a Ricardos, junto por copia ao officio de Forbes a Luiz Pinto, 25 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra. — *Memoria dos successos da guerra dos Pyreneus orientaes,* pag. 19. «Não se lhes tomou (aos francezes) a terceira bateria por falta de um esquadrão de cavallaria de não acommetter a tempo e se retirar fóra de tempo; de fórma que o general Forbes chamou fraco ao commandante. . .»

Historia da guerra do Roussillon e Catalunha. Ms. da Academia das sciencias.

nada a entreter na sua direita o inimigo, não podiam assegurar a continuação da offensiva. A prudencia aconselhava pois o general a que não expozesse a um revez os seus soldados, que até ali haviam sustentado a honra das armas alliadas. Desistiu de continuar a perseguição. Pouco depois recebia o general Forbes um bilhete de Ricardos, convidando-o a retirar [1].

D'esta acção a importancia e utilidade consistiu unicamente em converter para a sua direita a attenção do inimigo, forçando-o a dividir as suas forças e a facilitar o ataque sobre a esquerda e o centro. N'ella se distinguiu notavelmente o regimento de Cascaes. Tiveram menção honrosa da parte do general Forbes o marechal de campo barão de Kessel, o capitão francez Granier de Caillet, ao serviço de Hespanha, o ajudante general conde de Assumar, Nuno Freire de Andrade, D. Miguel Pereira Forjaz, e o ajudante de ordens Harth. As baixas, que padeceu a columna de Forbes, não foram consideraveis; os mortos sómente dois, um soldado no regimento de Cascaes e um cadete no de cavallaria *del Principe*. Feridos houve doze no regimento portuguez, entre os quaes o capitão da quinta companhia Anastacio José Ramos, e o cadete da segunda José Vieira, e cinco no regimento *de España;* no provincial de Sevilha sómente um, o sargento mór D. Thomás de Carratalá, a quem mataram o cavallo. A cavallaria teve sete feridos. D'elles o numero total nos corpos hespanhoes não excedeu a treze. Foi o regimento de Cascaes o mais maltratado na refrega [2].

Emquanto na direita dos francezes se passava o que vimos de narrar, vejamos como conduzia o marquez de las Amarillas o ataque pelo centro. Tinham as tropas republicanas o seu quartel general em Banyuls-des-Aspres, e occupavam esta posição e a de Tresserre, como pontos principaes no

[1] «El señor general Forbes que no se empeñe más y se retire, antes que carguen sobre los suyos las fuerzas enemigas del centro». Bilhete copiado no officio de Forbes a Ricardos, 22 de dezembro de 1793.

[2] Conta dada por Forbes a Ricardos ácerca do combate de 21 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

centro da sua linha. Foi contra elles que marchou a divisão hespanhola, com o proposito de entreter o inimigo, emquanto na sua esquerda se executavam como principaes as operações contra Port-Vendres, Saint-Elme e Collioure. As tropas de Amarillas marchavam repartidas em tres columnas. A primeira compunha-se dos batalhões primeiro, terceiro e sexto de *Guardias españolas*, tinha por commandante o coronel D. Antonio Villafaña e levava como vanguarda as tres companhias de caçadores (atiradores) d'aquelles batalhões e os voluntarios de Malaga e de Cordova, sob as ordens immediatas do primeiro ajudante de *Guardias* D. Miguel de Sily. Era formada a segunda columna do quinto batalhão de *Guardias* e dois batalhões provisorios de granadeiros e caçadores de Andaluzia e *Castilla* sob o mando do coronel conde de Donadio. A sua guarda avançada compunha-se de companhias de caçadores de *Guardias españolas* e de voluntarios, e era commandada pelo tenente coronel D. José Dávila. A terceira columna constava dos batalhões de Navarra, Sevilha e Guadalajara, e tinha por commandante o coronel D. Narciso de Pedro. A sua vanguarda era constituida por voluntarios de Catalunha, Barcelona, caçadores de Andaluzia e Murcia e levava por seu chefe o tenente coronel D. Jeronymo Verde.

Em força de quinhentos cavallos a cavallaria, commandada pelo marechal de campo D. Diogo Godoy, seguia na rectaguarda da infanteria, e marchava repartida em tres pequenos corpos,— de um a dois esquadrões —, cada um d'elles aggregado a uma columna. Tinham respectivamente por commandantes o brigadeiro D. Fernando Valdés, o capitão da real brigada D. Caetano Serin, e o brigadeiro D. Manuel Breton.

Para tornar mais efficaz a empreza, que se intentava, ordenou o marquez de las Amarillas que o marechal de campo Iturrigaray á frente de quinhentos cavallos houvesse de passar na direita hespanhola o rio Tech a fim de inquietar pela rectaguarda a esquerda e o centro do inimigo. Quando iam principiar a mover-se as columnas de Amarillas, e o general em chefe Ricardos se dispunha a assistir ao combate para

dar no proprio campo de batalha as ordens convenientes, chegou-lhe a nova de haver D. Gregorio de la Cuesta tomado aos francezes Port-Vendres, Saint-Elme e Collioure. A certeza da victoria na direita exaltava naturalmente os brios das columnas destinadas ao ataque de Banyuls-des-Aspres e de Tresserre.

O marquez de las Amarillas, segundo as instrucções do general em chefe, devia conformar as suas operações a qualquer de duas hypotheses. Se os francezes acommettidos com vigor eram vencidos e postos em fuga ou retirada, ou se mesmo não se retrahindo desde logo, se conhecia ser escassa n'aquelles pontos a sua força, deveriam ser perseguidos com grande vivacidade por partidas de cavallaria, em ordem dispersa, tendo por seus apoios e reservas columnas da mesma arma, em cuja rectaguarda haveria de marchar a infanteria. N'este caso o general Forbes com a sua pequena força, e o brigadeiro Taranco com tropas da bateria de *La Sangre*, por signaes convenientes, seriam prevenidos para effeituar da sua parte a perseguição do inimigo, o qual seria completamente destroçado pela cavallaria de D. José Iturrigaray. Se pelo contrario o marquez de las Amarillas visse os francezes em força consideravel e apercebidos para disputar o campo com grande tenacidade, limitar-se-ia a occupar temporariamente as baterias da primeira linha, a tomar ou inutilisar a artilheria, e logo deveria retroceder ás antigas posições. Foi exactamente a segunda hypothese, que veiu a verificar-se.

Marchou a divisão a atacar pelo flanco direito a primeira bateria dos francezes. A columna do coronel Villafaña foi quem deu começo ao ataque. Levava por seu guia um emigrado francez, que não se affrontou de usar um estratagema, que era da sua parte uma indigna traição á sua patria. Chegado a pouca distancia da posição, ao *Quem vive?* de uma sentinella avançada respondeu na sua lingua nacional serem tropas da Convenção as que vinham acercando-se. E logo arremettendo contra o soldado francez, o matou e deu passagem aos caçadores de *Guardias españolas*, que subiram lentamente a encosta debaixo de um muito esperto fogo de

arcabuzeria. Seguiram sem detença os tres batalhões de *Guardias*, e atacando á bayoneta com vigor extraordinario a bateria, constrangeram os defensores a desamparal-a, apoz uma defeza tenacissima. Na columna de ataque iam como voluntarios o tenente general principe de Monfort e seu irmão o marechal de campo D. José de Moncada, com os seus ajudantes de ordens, o capitão D. Diogo Ballesteros, ferido no combate, o capitão D. Miguel Ibarrola, e o tenente D. Diogo Soto. Tomada a primeira bateria, arrojou-se a columna immediatamente contra a segunda, e d'ella desalojou as tropas republicanas.

E logo os esquadrões commandados pelo brigadeiro D. Fernando Valdés, levando á sua frente a D. Diogo Godoy, marcharam em perseguição do inimigo. A segunda columna de infanteria, a de Donadio, recebeu ordem de cobrir e proteger a bateria já tomada. A terceira columna foi mandada pela esquerda a reconhecer toda a campanha e reunir-se depois á primeira, contra quem os francezes dirigiam um fogo mui violento. Aos artilheiros hespanhoes incumbiu a tarefa de inutilizar a artilheria, que não fosse possivel transportar. A primeira columna tomou successivamente a terceira e a quarta bateria, depois de combate bem travado, e não sem que fossem bem dessangrados na porfia os defensores e os atacantes.

Não se deram os francezes por vencidos com o revez, antes reforçados por novos batalhões e em numero de mais de onze mil homens, se acaso não foram magnificadas as computações do general hespanhol, dobraram sobre as tropas castelhanas, pelo que estas se viram constrangidas a desamparar as conquistadas posições e a retirar em boa ordem, levando algumas peças de artilheria, e encravando outras, que não poderam deslocar. A cavallaria de Iturrigaray, por ser mui dilatado o rodeio, que deveria fazer para tomar de flanco e de revez o centro da linha franceza, não pôde cumprir precisamente a commissão, que recebêra. Porém a sua cooperação não foi perdida, porque encontrando na marcha um comboi francez escoltado por dois mil homens, vigorosamente os atacou, apossando-se do que pôde aproveitar e

inutilisando o que não lhe foi dado conduzir. Quinhentos mortos, muitòs feridos e duzentos prisioneiros custou aos fran cezes este combate, se houvermos de pôr inteira fé nas exaggeradas relações officiaes dos chefes hespanhoes. A perda total dos francezes na acção de Banyuls-les-Aspres foi consideravel em mortos e feridos. Foram setenta e sete os prisioneiros, entre elles cinco officiaes. Não levaram os hespanhoes a empreza a mãos lavadas. Contaram quinze mortos, entre elles um segundo tenente, cento setenta e cinco feridos, com oito officiaes e tres extraviados. Os tres batalhões de *Guardias españolas* tiveram as honras da acção. Entre os officiaes distinguiram-se pela sua bravura o capitão Villafaña, o tenente coronel D. Miguel Sily, e o commandante da cavallaria D. Diogo Godoy.

Tomaram aos francezes os hespanhoes tres peças de calibre quatro, dois carros de munições, mais de trezentos cartuchos de artilheria. Deixaram encravados passante de vinte canhões e destruidas muitas viaturas e barracas do acampamento inimigo [1].

Os francezes retiraram com bastante precipitação. Porém protegidos pela noite, que vinha já baixando, ainda poderam levar a salvamento grande parte do seu trem, das suas bagagens e da sua artilheria.

O que principalmente determinou o general Doppet a fazer levantar o campo de Banyuls-les-Aspres ás tropas republicanas, foi o receber a inesperada nova de que as posições fortificadas de Port-Vendres, de Saint-Elme e Collioure, tinham cedido ao poder ou á industria dos hespanhoes [2].

A cavallaria hespanhola não pôde empenhar-se efficazmente na perseguição do inimigo, porque, dizem as relações officiaes, o terreno era cortado e com plausivel fundamento se temiam emboscadas. Ainda assim tendo já clareado a madrugada, trezentos cavallos hespanhoes saíram a recolher os despojos deixados pelos francezes e poderam colligir mil e seis-

[1] Officio do marquez de las Amarillas a Ricardos, 22 de dezembro de 1793. *Gaceta de Madrid* de janeiro de 1794.

[2] *Victoires et conquêtes des français,* tom. I, pag. 381.

centas espingardas, alguns viveres e munições. Na retirada as tropas republicanas dirigiram-se ao campo fortificado de Serrat-den-Vaquet para cobrirem a praça de Perpignan, ponto principal da sua base de operações [1]. Quando veiu a amanhecer, os postos avançados hespanhoes fizeram a descoberta e não se lhes deparando no caminho nenhum vestigio de francezes, continuaram a marchar até proximo das que lhes parecia serem sentinellas inimigas. Acharam, porém, refere um official portuguez em suas memorias, que eram imagens de santos, que os francezes por um pouco devoto e singular estratagema tinham enroupado em uniformes e armado de espingardas para enganar os seus antagonistas, e segurar melhor a retirada [2].

O inimigo ao alongar-se da linha dos alliados, e ao concentrar-se sob os muros de Perpignan, parecia ter a intenção de affrouxar ou mesmo de interromper as operações até que podesse reorganisar as suas forças, para voltar a fazer frente aos seus contrarios com prospecto de mais feliz campanha. Haviam saido frustradas as esperanças, com que os generaes tinham buscado inflammar o espirito das tropas republicanas, promettendo-lhes que nas ferteis regiões da Catalunha achariam os seus quarteis de inverno e a feliz compensação das passadas fadigas e privações.

A pausa, em que entravam os francezes, permittiria ás tropas alliadas abrir um salutar parenthese no esforço fatigante que as trazia em grande parte extenuadas.

A guerra feita no maximo rigor do inverno, em regiões alpestres e inhospitas, deixára as tropas de Portugal e as de Hespanha cortadas de incessantes trabalhos e provações. Tornava-se urgente conceder-lhes algum repouso, e, durante esse resfolego, prover com maior diligencia do que até alli, á deploravel situação, em que existiam, ainda menos pelas condi-

[1] Officio do general Ricardos ao governo hespanhol, publicado por extracto na *Gazeta de Lisboa*, segundo supplemento ao n.º 5 de 1794. — *Historia da guerra do Roussillon e Catalunha*. Manuscripto da Academia das sciencias.

[2] *Historia da guerra do Roussillon e Catalunha*. Manuscripto da Academia das sciencias.

ções da guerra, do paiz e da estação, que pelo desleixo criminoso da administração hespanhola. Não se póde assás encarecer o estado, em que os documentos officiaes d'aquelle tempo descrevem, ao findarem as primeiras operações, a divisão auxiliar nos Pyreneus orientaes: as tropas na sua maxima parte desorganisadas, reduzidas a quadros mui diminutos [1], as subsistencias escassas, irregular a sua distribuição [2].

Estava assim terminado com evidente superioridade para as tropas alliadas, ainda que sem prospecto seguro e lisonjeiro de futuras victorias contra as armas republicanas, a campanha de 1793 dentro do territorio da França meridional. Se os alliados durante as operações de tantos mezes não haviam avançado muito ao longe das fronteiras hespanholas, e se não eram estrategicamente valiosas em extremo as vantagens alcançadas, sempre tinham conseguido desapossar de algumas importantes posições as tropas republicanas, fazer-lhes retrogradar a sua linha de defeza, causar-lhes perdas consideraveis, e conquistar-lhes um grande material. Se havemos de pôr fé nas computações do general Forbes, depois de chegarem ao Roussillon os portuguezes, haviam os alliados tomado ao inimigo mais de cento e cincoenta bôcas de fogo, dez mil espingardas e grande copia de viveres e munições [3].

A Republica franceza, que, no principio d'esta guerra, se víra circumdada de inimigos por todas as suas amplissimas fronteiras, estava agora mais desapressada e mais livremente respirava dos revezes, que haviam ameaçado a sua ruina. A guerra civil, posto que não estava ainda terminada, remittíra da sua lastimosa intensidade pelo completo desbarato das for-

[1] No officio de Forbes a Luiz Pinto, 25 de dezembro de 1793, diz o general que durante o acantonamento *fará o possivel para que as cousas tomem alguma organisação inteiramente perdida ao presente.*

[2] Officio citado de 25 de dezembro de 1793.

[3] No officio de Forbes a Lafões, 1.º de janeiro de 1794, assevera o general que desde que chegára a divisão portugueza se haviam tomado ao inimigo mais de cento e cincoenta bôcas de fogo, dez mil espingardas, e munições de bôca para trinta mil homens durante seis mezes. Estes algarismos, principalmente o dos viveres, parece todavia serem muito exaggerados.

ças realistas da Vendée no sangrento combate de Savenay a 2 de *nivose* (22 de dezembro de 1793).

Toulon havia sido entregue aos inglezes pelos realistas colligados com os constitucionaes e os moderados, após as mais cruentas contenções com os montanhezes e jacobinos. O almirante Hood, que tinha ás suas ordens uma poderosa armada de navios inglezes, napolitanos e hespanhoes, e andava então cruzando nas aguas de Toulon, com o favor dos inimigos internos da Republica, e pela defecção de uma grande parte da esquadra franceza n'aquelle porto, entrára alli a 27 de agosto de 1793, e tomando posse da cidade em nome de Luiz XVII, arvorara o pendão das flores de liz, onde na vespera tremulavam as côres da Revolução. Poucos mezes, porém, gosaram os realistas da traição, e os inglezes dos seus fructos. Após um sitio memoravel, em que o general Dugommier commandava as tropas da Republica e o juvenil e aventuroso Bonaparte lançava como artilheiro os fundamentos da sua gloria como general e da sua fortuna como dominador, Toulon caía em poder dos republicanos, e padecia a vindicta implacavel e cruel da indignada Convenção. Uma parte do exercito sitiante poderia agora ser empregada em reforçar as tropas da Republica n'algum theatro da guerra, onde a balança dos combates lhe tivesse pendido mais adversa. E pela sua maior proximidade e pelos desastres, que padecera, o exercito, que devia aproveitar d'este reforço, seria naturalmente o dos Pyreneus orientaes.

Na sessão de 23 nivôse do anno II, Robespierre, ao mesmo passo que noticiava o sacrificio do representante Fabre, caindo abraçado gloriosamente á bandeira tricolor, annunciava que as tropas disponiveis de Toulon iriam reanimar os espiritos no exercito dos Pyreneus. E as palavras do terrivel convencional parecia já vaticinarem os revezes, que desde então ficaram imminentes ás tropas da Peninsula. O general Dugommier, partia a commandar o exercito no Roussillon com todo o prestigio, que dá a gloria militar de um grande feito. Os soldados, que haviam restituido á França a posse de Toulon, ardiam no febril e republicano enthusiasmo de talhar novos laureis, me-

dindo as armas victoriosas com as de um Bourbon, que os affrontára. Escrevendo de Toulon á Convenção, diziam os representantes do povo junto do exercito francez, que a respeito do destino a dar ás tropas tinham muita difficuldade em cumprir litteralmente o que lhes ordenára a assembléa, porque todos os batalhões á porfia se empenhavam em marchar para os Pyreneus, e os que não tivessem esta sorte ficariam exasperados invejando os seus mais venturosos camaradas. Dez mil e quinhentos homens de tropas excellentes, baptisadas solemnemente por uma brilhantissima victoria, e acompanhadas de boa e numerosa artilheria, estariam em breves dias em Perpignan [1].

Preoccupava-se com estas perspectivas o espirito de Forbes, antevendo quanto na proxima campanha haveria de ser mais arduo contender vantajosamente com inimigo em forças acrescido e exaltado nos seus brios pelos recentes loiros, que alcançára [2].

[1] Carta de Dugommier, e outra dos representantes do povo, junto do exercito de Toulon, Ricord, Paul Barras, Freron e Salicetti, apresentadas em nome do *Comité de salut public* á Convenção nacional, na sessão de 23 nivôse, anno II (12 de janeiro de 1794). *Gazette nationale ou Moniteur universel*, n.º 114, 13 de janeiro de 1793.

[2] «O ultimo successo de Toulon nos tem posto em continuo receio». Officio de Forbes a Luiz Pinto, 7 de fevereiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

CAPITULO VI

A SEGUNDA CAMPANHA

(1794)

A campanha de 1793, se bem fôra geralmente mais propicia ás armas alliadas, que ás tropas republicanas, não deixára em melhor situação os vencedores do que os vencidos. Uns e outros se resentiam igualmente dos innumeraveis damnos padecidos em operações executadas no coração de um inverno rigoroso, em inhospitas montanhas, em circumstancias nada auspiciosas para a saude, o vigor, a consistencia de ambos os exercitos contendores. A força era no mesmo grau escassa em umas e outras fileiras inimigas; similhante a desorganisação. Podia affirmar-se sem hyperbole que os hospitaes contavam nos seus esqualidos recintos mais povoadores do que numeravam de válidos guerreiros os quarteis e os acampamentos. No fim do mez de novembro, logo após a acção de Céret, a somma total dos enfermos do exercito alliado nos quarenta hospitaes estabelecidos, era nada menos que de vinte e dois mil homens, e em janeiro do anno seguinte havia apenas descido o numero a dezoito mil [1]. Era tão crescido o numero de officiaes doentes, que no segundo re-

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, Céret, 8 de janeiro de 1794.

gimento do Porto havia não menos de oito capitães com baixa aos hospitaes. Da pequena divisão auxiliar existiam n'elles em janeiro mais de mil e duzentas praças, e só no de Arles, que era commum aos dois exercitos, estavam dos portuguezes cerca de quatrocentas [1]. Os dois antagonistas sentiam com a mesma urgencia a necessidade imperiosa de recobrar em algum repouso as forças debilitadas, e restaurar a organisação nas tropas abatidas por tantos mezes de campanha.

Ainda as guerras da Revolução, que tantas e tão profundas innovações introduziram na arte de combater, não tinham, estando ainda em seus principios, desterrado inteiramente a velha usança militar dos quarteis de inverno, especie de tacito armisticio, em que os combatentes, durante os rigores hyemaes, sem deixarem inteiramente o theatro da guerra, como que o repartiam entre si, recolhendo-se cada um a seus acantonamentos, e deixando entre os dois contrarios uma zona mais ou menos dilatada.

Era ao findar a primeira campanha dos hespanhoes contra os francezes, lastimosa a condição das tropas alliadas, das castelhanas principalmente. Os uniformes e o calçado eram a tal extremo damnificados, que pouco distavam da miseria e desnudez [2]. Os proprios officiaes, no meio da excessiva e geral carestia, e no rigor de um inverno inclemente e doentio, partilhavam com os soldados as mais duras privações. O general em chefe, lastimando sentidamente a dolorosa situação das suas tropas, escrevia ao ministro da guerra que os officiaes, obrigados a um serviço violento, sempre debaixo de chuvas torrentosas, *não tinham uma camisa para mudar* [3].

Empenhava o zeloso general os seus esforços incessantes para acudir com os remedios, que eram possiveis, á pobreza dos seus subordinados. A sua auctoridade como general em

[1] «A multiplicidade de doentes é o que me mortifica.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, Arles, 16 de janeiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 25 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[3] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 13 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

chefe encontrava nos estreitos limites, que lhe impozera o governo de Lisboa, uma insuperavel contradicção ás extraordinarias providencias, a que seria necessario recorrer para mitigar a triste sorte dos soldados[1].

Era o governo portuguez pouco solicito em expedir a tempo o que era indispensavel com urgencia á divisão auxiliar. O duque de Alcudia e os ministros, que lhe obedeciam timoratos e reverentes, ainda mais remissos e desleixados se mostravam em prover o seu exercito, onde a penuria se mostrava mais intensa que nas tropas de Portugal. Os sãos e os doentes eram tratados com igual desamor e deslembrança pelo governo de Madrid e os hespanhoes, empenhados sem resfolego em continuas operações, em estação tão desabrida, andavam, em grande parte, esfarrapados e descalços em montanhas cobertas de neves, ou nos valles e planuras encharcadas[2].

Se n'estas lamentaveis circumstancias houvesse de proseguir-se na campanha, seria inevitavel que a pequena divisão portugueza chegasse a fundir-se e aniquilar-se, confirmando as melancolicas apprehensões, que desde o começo das operações salteavam o espirito do seu prudente general[3].

Esperavam os republicanos o auxilio consideravel dos soldados vencedores no sitio de Toulon. No estado pouco lisonjeiro, a que chegára n'aquelle tempo o exercito da Republica nos Pyreneus orientaes, pelos quadros escassissimos, pela discordia e ambição dos generaes, seria mais do que imprudencia o aventurarem-se os defensores da Convenção a inopportunas operações, antes que, por uma nova e mais regular organisação e com a presença dos reforços annunciados, se

[1] N'um officio de dezembro de 1793 a Luiz Pinto, lastimava-se esterilmente o humano general de que, vendo rotos e descalços os seus soldados, *não se atrevia a comprar sapatos sem ordem de Lisboa.*

[2] Officio de Forbes ao ministro de Portugal em Madrid, Diogo de Carvalho e Sampaio, 8 de dezembro de 1793. «Os hespanhoes não trazem sapatos, nem meias. É uma lastima vêl-os esfarrapados e descalços.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, 8 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[3] Carta particular de Forbes a Luiz Pinto, 13 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

levantasse o moral das tropas e acrescentasse a força dos batalhões.

Concordaram, pois, tacitamente os alliados e os francezes em suspender por algum tempo os seus combates, e entrar em quarteis de inverno, conservando cada um dos belligerantes as posições, em que ficára ao concluir-se a campanha de 1793.

Os acantonamentos das tropas republicanas estendiam-se obliquamente desde a retaguarda de Perpignan até o Mediterraneo.

As tropas alliadas principiaram a entrar em quarteis de inverno a 26 de dezembro de 1793. Do exercito hespanhol quasi toda a cavallaria teve ordem de internar-se na Catalunha, porque estavam no Roussillon exhauridas as forragens, e as que ainda restavam no Ampurdàn, era prudente reserval-as para a campanha do anno immediato. A infanteria hespanhola, com alguns artilheiros, pela maxima parte portuguezes, e uns seiscentos cavallos, estendia os seus acantonamentos desde Collioure, junto ao Mediterraneo, até á ponte de Reynes ao sudoeste de Céret.

A divisão auxiliar haveria de acantonar na esquerda de toda a linha, no territorio appellidado o Valspir, região agreste e montanhosa. Repartia-se então em duas brigadas. A primeira tinha por commandante o segundo general da linha, o marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha, que estabelecêra o seu quartel em Saint Laurent de Cerdans [1]. Compunham esta brigada o primeiro regimento do Porto, acantonado em Prats de Molle sobre o Tech, na extrema esquerda, o de Cascaes na pequena cidade de Arles junto d'este rio, e com o commandante da brigada o de Peniche. Commandava a segunda o primeiro general da linha, o marechal de campo D. Antonio de Noronha, com o seu quartel general em Fort-les-Bains. Dos regimentos, que a formavam acantonavam em Arles e seus arredores o regimento de Freire

[1] Na orthographia dos nomes de logares no theatro da guerra, seguimos como authentica a da carta chorográphica do *Deposito da guerra de França*, nas folhas 255 a 258.

de Andrade, o primeiro de Olivença em Fort-les-Bains, o segundo do Porto em Palalda. A artilheria ficava repartida pelos diversos acantonamentos, e mandava um destacamento para Céret. Com o primeiro do Porto, em Prats de Mollo, estava o marechal de campo José Correia de Mello, e em Palalda, com o segundo, o seu commandante, o marechal de campo D. João Correia de Sá. Em Arles estabeleceu Forbes o quartel general portuguez e os serviços administrativos do exercito [1].

De Saint Laurent passou depois o marechal D. Francisco Xavier de Noronha para Céret a commandar uma brigada constituida pelo regimento de Peniche e primeiro do Porto [2].

O grande quartel general era em Céret, para onde passára, a 23 de dezembro, o tenente general D. Antonio Ricardos, com grande parte dos generaes hespanhoes seus subordinados. Os acantonamentos das brigadas portuguezas dilatavam-se por uma larga extensão, desproporcionada por extremo à sua força. Mediavam entre os regimentos distancias tão consideraveis, que tornavam inexequivel uma prompta concentração em territorio, onde os caminhos, nas asperas pendentes das montanhas cobertas de neve, eram se não impervios, difficilimos. Das tropas, que haviam entrado em quarteis de inverno, nem todas se abrigavam na commoda situação de acantonamento. Umas existiam acantonadas, e outras, menos felizes, acampadas, como o permittiam os logares, segundo se deparavam as povoações e os casaes, ou se havia de estanciar em sitios ermos e distantes do povoado.

Os quarteis de inverno não eram pois para as tropas de Portugal estações de repouso depois dos trabalhos e fadigas de uma durissima campanha. Os dois exercitos quasi em presença observavam-se a pouca distancia, e as repetidas incursões das tropas irregulares, dos miqueletes, não consentiam que se affrouxasse a rigorosa vigilancia em perigosas posições nas

[1] Relação das terras destinadas no Valspir para acantonamento das tropas portuguezas, datada de Céret, 25 de dezembro de 1793. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Voto do marechal de campo D. Francisco Xavier Noronha, dirigido ao general Forbes, 5 de março de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

serranias[1]. Os regimentos de Portugal, reduzidos a força diminuta, trabalhados pelas continuas enfermidades contrahidas entre as neves dos Pyreneus, eram obrigados a guarnecer varios postos mui distantes entre si, e alguns d'elles situados nos picos mais agrestes da elevada cordilheira, a torre de Battère, Villalte, Corsevi, Mont-Bolo, Saint Laurent de Cerdans, Prats de Mollo.

Logo em principios de 1794 fôra para Madrid o general D. Antonio Ricardos y Carrillo. Ficára exercendo o commando em chefe interinamente, com o seu quartel general transferido para o Boulou, o tenente general marquez de las Amarillas. O conde de la Unión egualmente partira para a capital. O commando em Céret passára a ser exercido pelo tenente general D. Pedro Mendinueta. Em Port-Vendres era chefe superior das armas castelhanas o tenente general principe de Monfort[2]. Os caudilhos militares, que pelos seus predicados e merecimentos de homens de guerra podiam inspirar alguma confiança ás tropas alliadas, haviam cedido o seu logar a chefes sem o prestigio e a auctoridade, que dá aos generaes a crença nos seus talentos, na sua illustração, no estro e na inspiração ingenita, com que os grandes capitães sabem enfeudar ás suas illuminadas previsões o exito dos combates e o destino das campanhas.

A guerra havia sido até aquelle tempo dirigida sem plano, quasi entregue ao acaso das pequenas operações sem vinculo estrategico[3]. O general das forças portuguezas não recebia dos chefes hespanhoes a menor indicação antecipada sobre o que da sua parte lhe cabia executar. Todas as resoluções eram tomadas na propria occasião, em que as tropas deviam mar-

[1] Officio de Forbes ao ministro de Portugal em Madrid, Diogo de Carvalho e Sampaio, 1 de janeiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Officio de Forbes a Luiz Pinto, Céret 8 de janeiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[3] Forbes capitulava as operações dos generaes hespanhoes nos Pyreneus orientaes como «a guerra mais falta de methodo das que tenho visto na minha vida». Officio a Luiz Pinto, Arles, 16 de janeiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

char ao inimigo [1]. Em mais desfavoraveis condições haveria a guerra de proseguir-se, obedecendo ás concepções do marquez de las Amarillas, que na geral opinião era apenas havido na conta de um bom soldado, e menos que mediano general. Com rasão se lastimava o chefe das tropas auxiliares do receio, em que vivia, e do triste desamparo, a que no principio da segunda campanha estava reduzido o exercito nos Pyreneus. Era consideravel a diminuição, que tinha padecido em pouco mais de um mez de campanha a pequena divisão auxiliar. Os louros modestos, que enramavam as frontes dos guerreiros portuguezes, não tinham sido comprados a baixo preço. Ao entrar em quarteis de inverno as tropas de Portugal tinham perdido cento e trinta praças, das quaes em acções de guerra cincoenta e quatro, de doenças setenta e seis nos hospitaes. O segundo regimento do Porto fôra o que mais duramente padecêra nos combates, porque perdêra trinta e uma praças, incluindo um subalterno e um cadete. O regimento de Peniche fôra o mais afortunado, porque só tres soldados lhe faltavam, e esses fallecidos de enfermidades. Alguns dos regimentos da divisão estavam tão reduzidos pela avultadissima copia dos seus doentes, que o primeiro do Porto e o de Peniche, ambos sommados a duras penas contariam setecentas praças nas fileiras. O regimento de Olivença conservava sob as armas tão escasso numero de combatentes effectivos, que, tiradas quatro companhias, que estavam de guarnição no castello de Banyuls, só restavam cem homens disponiveis para o serviço.

Não era mais consolador que o seu estado physico o moral das forças auxiliares. Nem os chefes, nem os soldados podiam facilmente dissimular o seu desgosto pela maneira pouco fraternal, com que os generaes hespanhoes correspondiam á leal e zelosa cooperação dos portuguezes. No bom exito alcançado pelas armas alliadas no decurso da campanha concluida,

[1] «No exercito hespanhol não ha, nem ainda houve o minimo projecto ou intenção methodica, sendo momentaneo quanto se praticou, de maneira que até ao ponto de se ir atacar, tão instruido estava o general como o cabo de esquadra, e por isso mal me podiam communicar aquillo, que não tinham entre si estabelecido.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, 28 de março de 1794, Archivo do ministerio da guerra.

era incontestavel a honrosa e dedicada participação das tropas auxiliares. Até chegar ao theatro da guerra a divisão de Forbes, não houvera a fortuna sido sempre mui benigna ás armas hespanholas. A victoria de Céret, devida em grande parte aos brios portuguezes, tinha furtado a uma estreita e arriscada situação as tropas de Carlos IV. Por isso o general podia sem vangloria attribuir o seu quinhão nos successos felizes da campanha á valiosa intervenção dos seus soldados [1].

Ainda que eram manifestos e clarissimos, como a brilhante luz do dia, os feitos que illustraram as tropas de Portugal em todas as acções, a que assistiram, o general em chefe hespanhol e o seu vaidoso e intractavel quartel mestre general D. Thomás de Morla, ciosos ou depreciadores dos serviços portuguezes, haviam sempre encoberto no silencio, ou deixado apenas entreluzir na penumbra de laconicas menções e de taxados elogios, o muito que deviam aos seus valentes auxiliares. Triste sorte é nas guerras a da gente portugueza, que sempre ás nossas armas, combatendo junto de soberbos alliados, lhes amesquinhem o louvor os que com ellas se acobertam e defendem, guardando para si os trophéus mais ostentosos, e cedendo apenas aos seus doceis companheiros na victoria os sobejos dos laureis. D'este desamor e ingratidão se lastimava o general Forbes, sentindo-se vivamente de que nas relações dos combates e recontros, publicadas na *Gaceta de Madrid*, fossem para os hespanhoes as grandes e pomposas amplificações e para os portuguezes a deslembrança e o desdem [2].

Dos generaes hespanhoes se differençava, pelo seu affecto e deferencia para com os portuguezes, o tenente general

[1] «Depois da nossa chegada ao exercito, principiando pela gloriosa acção do dia 26 de novembro (combate de Céret) não houve uma unica em que não ficassem as tropas alliadas victoriosas, e no que tiveram sempre parte as primeiras (as portuguezas) seja o motivo qual for.» Officio de Forbes ao duque de Lafões, 1 de janeiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] «Ainda que conquistassemos todo o reino de França a favor dos hespanhoes, ainda assim procurariam então offuscar a conducta louvavel da tropa portugueza.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, Céret, 8 de janeiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

conde de la Unión, que vivia em cordial intimidade com o chefe das tropas auxiliares. Para elle solicitava o general Forbes do gabinete de Lisboa uma distincção, que pozesse de manifesto a differença, que se fazia entre o seu lhano e cavalheiroso proceder com os portuguezes e a baixa emulação, com que Ricardos e Morla os offendiam nos seus brios militares. Não descontinuava de pedir ao seu governo providencias conducentes a reprimir a affronta e iniquidade, com que Ricardos desdenhava e desluzia, quanto era em seu poder, a disciplina e o valor das armas portuguezas [1].

A arrogancia, de que davam mostras inequivocas os chefes hespanhoes para com os seus auxiliares, era a continuação das sobrancerias, que o poderoso D. Manuel Godoy havia sempre manifestado ao submisso gabinete portuguez no decurso das negociações para que Portugal entrasse ao menos indirectamente na coallisão contra a nascente republica franceza. E não era porventura pequena parte para que os officiaes e os soldados da divisão portugueza remittissem a dedicação e o fervor, com que a preço de invejas e ingrătidões estavam servindo o rei de Hespanha, ou antes, offerecendo as vidas em holocausto ás paixões e aos caprichos de um valído omnipotente [2].

[1] «Não me resolvi ha mais tempo a fallar com a clareza, que expresso no officio incluso, dirigido pelo marquez de Niza, portador d'este... pelo receio e suspeita de que se me abram as cartas no correio, devendo expressar a v. ex.ª que na dissipação das pequenas manchas está o evitar-se maiores insultos da parte de quem chega a esquecer-se d'aquella consideração, com que se deve tratar a nação portugueza, e da justiça com que se deve praticar, procedendo v. ex.ª no conceito de que o general Ricardos precisa de freio e não haveria para elle nenhum mais opportuno do que fazendo-se-lhe sentir a distincção, que se faz do outro general. Devo tambem fazer presente a v. ex.ª que o mesmo general Ricardos se deixa inteiramente governar pelo marechal de campo D. Thomás de Morla, quartel mestre general do seu exercito, *o qual, alem de ter o mais grosseiro moral, que haja, tem tomado uma inexplicavel aversão a quanto pertence ao exercito portuguez.*» Carta particular de Forbes a Luiz Pinto, 29 de dezembro de 1793.

[2] Ácerca da emulação e malevolencia dos chefes hespanhoes para com as tropas de Portugal, merece referir-se o que dizia um distincto official do regimento de Peniche, Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, depois visconde de Jorumenha, ao descrever a acção de Villelongue:

Á medida que as tropas irregulares inimigas íam amiudando as suas incursões, recrescia com sobejo fundamento no general Forbes o receio de que lhe não fosse possivel defender com a diminuta força, de que dispunha, na desmesurada extensão da sua linha, os numerosos postos, que nas montanhas eram guarnecidos por tropas de Portugal.

A maneira por que o governo de Madrid e os seus generaes no theatro da guerra empregavam as tropas de Portugal, desagradava profundamente ao gabinete de Lisboa, que não cessava de reclamar em despachos repetidos ao seu representante que o duque de Alcudia fosse mais attencioso para com os seus complacentes alliados. O descontentamento, que lavrava nas fileiras da pequena divisão era já manifesto, e ameaçava influir poderosamente nos successos da proxima campanha. Não podia tolerar-se sem queixumes que as tropas auxiliares continuassem a servir completamente desmembradas e dispersas, sem constituirem unidades tacticas superiores sob o mando immediato dos seus proprios generaes [1].

«Esta acção deve encher de satisfação as nossas tropas, que principiaram o ataque em concorrencia com duas companhias de guardas walonas, e que deram motivo a que os francezes dissessem que a chegada dos demonios dos portuguezes os impedia de invernarem na Catalunha. Talvez fosse esta a principal circumstancia que concorreu para se fomentar uma certa emulação e rancor entre os alliados, e para que os hespanhoes não apreciassem quanto era justo o desinteresse do nosso serviço *em beneficio de uma causa alheia e de monarcha estranho.*» *Historia da guerra no Roussillon, etc.* Ms. da Academia das sciencias.

[1] Recommendando Luiz Pinto ao enviado portuguez em Madrid, que solicitasse de Godoy algumas urgentes providencias, com que melhorasse a lastimosa condição dos soldados portuguezes, insistia sobre quanto era justo e necessario que o primeiro ministro de Carlos IV communicasse ao governo portuguez o seu plano de campanha para a seguinte primavera e acrescentava: «Não parecendo praticavel que as tropas portuguezas na campanha proxima obrem *na dispersão em que têem andado n'ella, sem corpo, sem brigadas, e sem generaes nacionaes, que as commandem*, disposição muito pouco vantajosa ao serviço da causa commũa e que não póde deixar de *influir muito no descontentamento das tropas, como infelizmente* principia a transpirar com grande dissabor da nossa côrte». Officio de Luiz Pinto ao enviado portuguez Diogo de Carvalho e Sampaio, 8 de janeiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

O governo portuguez, que fôra incautamente e por lisonjear os gabinetes de Saint-James e de Madrid, envolver-se n'uma guerra desastrada contra a França republicana, sem haver d'ella recebido o minimo desar, principiava agora a desconfiar do exito da guerra, e de bom grado saudaria a conjunctura, que lhe houvesse de facilitar o saír-se honrosamente da armada coallisão. A tomada de Toulon pelas tropas republicanas, desconcertando inteiramente os planos triumphaes das monarchias alliadas contra a França, preoccupava os fracos estadistas portuguezes e fazia-lhes temer como provavel a victoria dos francezes no Roussillon depois de acrescidas as suas forças com as tropas de Dugommier [1].

O imprudente governo de Portugal, por condescender levianamente com as intimações dos alliados, entrára n'uma guerra injusta e impolitica, julgando que bastaria a riqueza e a força da Gran-Bretanha, a colera pueril de Carlos IV ou a sanha ambiciosa de Godoy, para debellar os exercitos francezes, compostos de conscriptos ainda mal affeitos ao officio de soldados. Agora, porém, começava a entender o lance temerario e perigosissimo, a que se tinha aventurado. Os revezes dos alliados contra a França, e a quéda de Toulon, vinham annuvear lugubremente o horizonte, onde primeiro parecêra clarear a luz e a certeza da victoria.

A Convenção, emquanto assoberbada pela onda das armas inimigas, que lhe embatia violenta nas fronteiras, deixára quasi desguarnecida a raia dos Pyreneus, confiando á fortuna da Revolução e á fraqueza dos recursos militares nos hespanhoes, a defeza da Republica. E, de feito, as tropas de Carlos IV, em alguns mezes de campanha, apenas haviam conseguido senhorear, sem duravel consistencia, uma pequena zona de territorio francez. Perpignan, a praça forte, capital do departamento, nunca fôra de mui perto ameaçada pelas armas inimigas. Os hespanhoes continuavam todavia occupando al-

[1] No officio de 8 de janeiro de 1794 ao enviado portuguez em Madrid, Carvalho e Sampaio significa Luiz Pinto o seu terror pela quéda de Toulon e o seu grandissimo receio de que sejam destruidas as tropas de Portugal nos Pyreneus.

guma parte no solo da Republica e aos ardentes patriotas da Convenção e aos francezes egualmente fervorosos republicanos e cidadãos zelosos em honrar a sua bandeira, não podia menos de afigurar-se um desaire e uma affronta que as hostes de um Bourbon continuassem profanando a gleba patria. Apenas a victoria lhes sorriu nas fronteiras do norte e do oriente, apenas o bretão foi expulso de Toulon, logo a energica e tremenda assembléa pensou em acudir com reforços consideraveis aos exercitos dos Pyreneus, apostada resolutamente a rechaçar o inimigo e a internar com elle as suas tropas no coração da Catalunha.

Não sómente augmentou a Convenção as suas forças militares nos Pyreneus orientaes, mas acrescentou notavelmente as suas tropas na extremidade opposta da cadeia. Desde os fins de 1793 o *Comité de salut public* havia estabelecido um campo entrincheirado junto ás muralhas de Saint-Jean-de-Luz. Chamava-se na consagrada e expressiva linguagem revolucionaria d'aquelle tempo *O campo dos Sans-Culottes*. Alli se concentravam successivos contingentes de conscriptos, que como n'uma escola pratica de guerra, se iam adestrando no mister, aprendendo em pequenos recontros e escaramuças como que o custoso abecedario das batalhas. Demorava aquella posição a pequena distancia do Bidassoa, por onde a fronteira ia traçada. Valiosas defezas artificiaes, construidas sob a direcção do commandante da artilheria Lespinasse, asseguravam o acampamento contra um ataque inopinado á viva força. Tres grandes reductos, ligados entre si por meio de linhas, tendo a espaços convenientes, praças de armas, constituiam o recinto principal. Uma serie de redentes e espaldões, situados em escalão na frente dos reductos, completavam as obras d'aquelle campo.

O general D. Ventura Caro, que commandava os hespanhoes nos Baixos Pyreneus, junto do Oceano, querendo por varias vezes apossar-se do acampamento por ataques parciaes, vira sempre frustrados os seus tentames pela vigilancia e pelo esforço dos francezes. Resolveu-se em acommetter a posição com tropas numerosas. A 5 de fevereiro de 1794, ao romper

da alva, põe em marcha desde Irun e seus contornos as forças hespanholas em numero de cerca de quinze mil homens, repartidos em cinco ou seis columnas. Ao primeiro assomo, conseguem os castelhanos occupar uma posição, a *Croix des Bouquets,* e pelo fogo violento da sua artilheria lançar a confusão nas fileiras dos defensores. Mas a irresolução do general hespanhol, e a sua impericia em não aproveitar as primeiras vantagens obtidas, concedem ao inimigo tempo de recobrar-se e de prover á sua mais energica defeza. Quando as tropas de Carlos IV avançam para tomar as obras avançadas, os francezes, que as estavam guarnecendo, executam a ordem recebida, e retiram methodicamente sem deixarem de oppor aos hespanhoes uma resistencia vigorosa.

Occupados já os primeiros postos, as tropas de D. Ventura Caro, precipitam-se impetuosas contra a obra principal da segunda linha, o *reducto da Liberdade,* esmeradamente fortificado e guarnecido por boa e numerosa artilheria, e defendido por batalhões, cuja força apparecia multiplicada pelo democratico fervor, que inspirava heroicamente os francezes d'aquelle tempo. Os hespanhoes pagam agora cruelmente diante do fatidico reducto os louros alcançados facilmente nas obras avançadas. É tenaz, furioso o ataque, tenacissima, inexpugnavel a defeza. As melhores tropas hespanholas, chegadas de Toulon, vêem rareados, quasi destruidos os seus ainda pouco antes galhardos e lustrosos batalhões. Os hespanhoes, esmagados pela artilheria franceza, principiam a ceder o campo aos seus contrarios. As tropas da Republica sáem dos seus entrincheiramentos e carregam bravamente o inimigo.

O general D. Ventura Caro, postado n'um outeiro, assistia á lucta desesperada, sem que podesse acudir com uma reserva, porque todas as suas forças estavam empenhadas na refrega. Trasbordam os francezes como em torrente para fóra das suas fortificações e obrigam a ceder os seus adversarios. Após oito horas de combate, as tropas da Republica occupam novamente as posições perdidas no principio. Os hespanhoes retiram em boa ordem, com perdas por extremo consideraveis, e egualando no valor os seus mais venturosos

antagonistas. O combate, em que os rasgos de bravura individual da parte dos francezes, attestaram a exaltação do seu espirito na defeza da Republica, levantou a um gràu nunca de antes realisado a confiança e o ardor no exercito dos Baixos Pyreneus. N'este conflicto se distinguiu Moncey, que então era general de brigada e que mais tarde figurou entre os marechaes do primeiro imperio. Mas a nova d'este desastre para as armas hespanholas, contribuiu a aggravar ás tropas luso-hispanicas nos Pyreneus orientaes o desanimo e desesperança nas futuras operações.

Por esse tempo inspirava temores justificados a situação do exercito alliado. Ás tropas de Portugal incumbia guarnecer uma linha tão extensa, que nem o dobro da sua força bastaria a defende-la. De cada guarda, que voltava dos postos nas montanhas, saíam para os hospitaes diariamente enfermos numerosos. Contando apenas 4:700 homens a pequena divisão auxiliar, era em janeiro de 1794 de 1:107 o numero das praças impedidas por doença. Cada regimento contava em media nas suas fileiras 400 soldados promptos. Era n'esta occasião que o general Mendinueta pedia a Forbes dois regimentos portuguezes para com elles reforçar a diminuta guarnição no importantissimo ponto de Céret, e substituir dois corpos hespanhoes, que marchavam para o Boulou. Destacaram pois effectivamente dos seus acantonamentos o regimento de Peniche e o primeiro do Porto, formando uma pequena brigada sob as ordens do marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha. Chegaram a Céret a 22 de janeiro e trocaram desde logo a illusoria quietação dos suppostos quarteis de inverno, pelo serviço de vigilancia, agora tanto mais assiduo e violento, quanto eram mais frequentes os rebates pelas continuas incursões dos miqueletes.

Não via o general Forbes com bons olhos que, impondo-lhe o encargo de guarnecer uma linha tão absurdamente dilatada, lhe desfalcassem a minguada força do seu commando. Nos quatro regimentos, que lhe restavam, apenas se numeravam como promptas pouco mais de mil e quinhentas praças, e com ellas devia fornecer diariamente seiscentas e trinta para

os postos e guardas em Montbolo, Arles, Banyuls, e Prats de Mollo [1].

Como debil compensação da força distrabida, mandava Mendinueta servir sob as ordens do general Forbes uma tropa irregular não muito numerosa de contrabandistas indultados, gente menos affeita á disciplina que á pilhagem, e por isso de fraco subsidio para quem tanto carecia de tropas disciplinadas e curtidas no verdadeiro officio militar. Pouco mais valioso e prestadio foi para engrossar as tropas do general Forbes um batalhão, que de francezes emigrados ou prisioneiros, se havia recentemente organisado com o nome de *Royal Roussillon*, sob o commando de um official realista, o conde de Caldaquez.

O general marquez de las Amarillas, para dar alguma satisfação ás instancias do general Forbes, enviava-lhe em fevereiro o novo batalhão. E na deficiencia de tropas regulares, destacou o general uma das companhias para Prats de Mollo, outra foi guarnecer o Fort-les-bains, e as tres restantes ficaram de guarnição em Arles, junto do general. Era gente collecticia, mui pouco exemplar na disciplina, e propensa a desertar, espiando para isso o ensejo mais asado. Não podia pois ser empregada no serviço dos postos avançados, onde seria mais facil e tentadora a occasião. Não admira pois que Forbes, apesar da penuria de soldados, não tardasse muitos dias sem pedir a Amarillas, que o livrasse de tão perigosos auxiliares. Descobrira-se no *Royal Roussillon* uma conjuração ou conluio de muitas praças, que andavam entre si concertando a fuga proxima, e a volta para as fileiras da sua patria. A noticia das ultimas victorias dos seus antigos camaradas nos exercitos francezes, havia-lhes incendido a imaginação e despertado no ani-

[1] Os postos diariamente guarnecidos pelas tropas de Portugal, eram:

Montbolo	300	praças
Arles	100	»
Paralda	40	»
Banyuls e seu castello	130	»
Prats de Mollo	60	»
Total	630	»

mo a nostalgia da gloria militar, debaixo das bandeiras da Republica[1].

Continuavam mais encarecidas e frequentes as representações do general Forbes contra a desmembração das suas tropas, que, segundo as determinações do governo portuguez, deveriam operar constantemente sob as ordens dos seus proprios generaes. Não eram menos instantes os pedidos para que o serviço dos postos nas montanhas coubesse ás tropas ligeiras hespanholas, a quem naturalmente competia. Ficariam desoneradas d'este encargo as forças portuguezas chegadas, segundo as reiteradas affirmações do proprio chefe, a grande reducção nos effectivos e a um estado quasi vizinho da completa desorganisação[2].

Saiam, porém, infructiferas as diligencias de Forbes, porque os generaes hespanhoes contrapunham ás suas instancias um tenacissimo silencio. Desafogava o general as suas lastimas na correspondencia com o governo portuguez e ennegrecia cada vez mais o quadro, que no presente era lastimoso, e augurava desastres infalliveis n'um proximo futuro. Preoccupava-o a situação do exercito alliado, reduzido na sua totalidade a quinze mil homens para defender uma linha de muitas leguas desde Collioure ao extremo Valspir, sem que a mingua de soldados fosse contrapesada pelo talento e harmonia dos generaes[3].

As tristes apprehensões, que ensombravam o espirito de Forbes, avultavam cada vez mais e faziam-lhe temer proxima, infallivel a retirada. Do seu quartel general de Arles já nos ul-

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 24 de fevereiro de 1794, e officios de Forbes a Amarillas em 7 de março do mesmo anno. Archivo do ministerio da guerra.

[2] No seu officio de 20 de janeiro de 1794, representa Forbes a Mendinueta em termos categoricos a extrema diminuição das suas tropas, annuncia-lhe que se verá forçado a abandonar os postos de Prats de Mollo, e Saint Laurent de Cerdans, por falta de gente, e pede-lhe que os mande guarnecer com emigrados e voluntarios.

[3] «Devem esperar-se os maiores insultos se chegasse o emprehendedor Dugommier... Se formos atacados, contemple v. ex.ª as resultas.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, 27 de janeiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

timos dias de janeiro emanavam ordens, que o faziam acreditar. Prescrevia o general que o thesoureiro da divisão auxiliar fizesse recolher á praça de Bellegarde, na fronteira, a caixa militar e pagasse á divisão um mez de soldo extraordinario [1].

Ordenava ao governador de Fort-les-Bains, guarnecido por quatro companhias do primeiro regimento de Olivença, que defendesse aquelle ponto fortificado até á ultima extremidade, e se o exercito alliado houvesse brevemente de retrogradar para a fronteira, se reunisse com toda a guarnição em Arles, havendo inutilisado previamente a artilheria e as munições. Ao official, que exercia o commando superior em Prats de Mollo expedia similhantes instrucções, e reforçava ao mesmo passo a sua defeza com algumas praças do batalhão de Valspir [2].

Tão receioso andava o general de um proximo revez, que principiava a tomar providencias para que os hospitaes das suas tropas se estabelecessem em Junquera, no territorio catalão á retaguarda de Bellegarde [3].

Recresciam n'esta quadra os receios de que o inimigo viesse em grande força atacar a linha dos alliados, e o espirito do previdente general, attentando na mingua das suas tropas, tinha já quasi por infallivel a victoria dos francezes e a desastrosa retirada para áquem da fronteira pyrenaica [4].

A divisão portugueza continuava a ver diminuido o seu vigor. O desanimo grassava nas fileiras. Grande numero de officiaes, pertencentes quasi todos á nobreza hereditaria, voltavam para Lisboa, ou enfermos em verdade, ou cansados de uma campanha, onde as privações e os trabalhos não eram confortados pela esperança do triumpho, ou pela ridente perspectiva da gloria militar. Entre esses officiaes contava-se o ma-

[1] Ordem de 30 de janeiro de 1794, ao thesoureiro do exercito. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Ordens expedidas por Forbes ao governador de Fort-les-Bains, e ao de Prats de Mollo, 30 de janeiro e 1 de fevereiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[3] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 14 de março de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[4] Officios de Forbes a Luiz Pinto, 31 de janeiro e 1 de fevereiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

rechal de campo Correia de Mello, o ajudante general conde de Assumar, o conde da Cunha, o visconde de Fonte Arcada, D. Joaquim e D. Thomás de Noronha, o voluntario João Gomes da Silva, alem de varios outros de inferior notoriedade.

Agora sentia Forbes mais do que nunca a extrema escassez das suas tropas e o quanto se tornava inexequivel o defender a extensa porção da linha, que no Valspir lhe estava confiada. Instava, urgia os generaes Mendinueta e Amarillas para que lhe dessem algumas centenas de homens, com que reforçasse os pontos mais expostos e mais debilmente presidiados. Affirmava categoricamente que sómente com as forças, de que dispunha, não podia tornar-se responsavel pela defeza e conservação do Valspir [1]. Mas as tropas hespanholas, enfermando do mesmo achaque de poucas e mal organisadas, não consentiam grandes prodigalidades.

A posição de Montbolo era das que mais requeriam reforçada a sua diminuta guarnição. O ataque nocturno executado contra aquelle ponto a 12 de fevereiro por uma partida irregular de miqueletes, não tivera mais desastrosos resultados que o perecerem no combate tres soldados do regimento de Cascaes e um cabo pertencente ao segundo do Porto, e ficarem prisioneiras algumas praças, que alem das primeiras defendiam um dos postos avançados. As tropas regulares do inimigo ainda não appareciam em combate, mas os audazes miqueletes, avesados á guerra das montanhas e affeitos ao rigor do clima alpestre e á aspereza da estação, eram incansaveis em incommodar as inimigas posições com rebates incessantes, que sem nenhum prospecto de vantagem obrigavam as tropas alliadas, e principalmente as portuguezas, a um serviço de rigorosa vigilancia e de pequenas e inglorias escaramuças.

Os francezes, apesar de que os seus quarteis de inverno se estendiam nas vizinhanças de Perpignan, não deixavam de aproveitar as occasiões que se offereciam, para molestar os seus antagonistas. Alguns destacamentos de tropas regulares

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 13 de fevereiro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

avançavam até Brouilla, a Elne, a Ortaffa, em face da direita dos alliados[1]. D'elles saiam quotidianamente as pequenas partidas dos seus hussares, que, passando o Tech, vinham pôr em sobresalto os postos hespanhoes. Contra as posições da esquerda, guarnecidas pela tropa auxiliar, saiam quasi diariamente os miqueletes, estabelecidos nas alturas de La Bastide, Saint Marçal, Taulis, e Oms, que os generaes hespanhoes não tinham occupado, apesar da sua importancia como valiosos pontos militares[2]. Estas posições situadas em cristas ou cabeços dos Pyreneus, e dispostas em uma curva com a sua concavidade voltada para o inimigo, ainda que alongavam n'esta parte a linha de defeza, tinham como importante compensação o impedirem que os francezes as occupassem para sairem d'ali a cada passo saltear os postos dos alliados. No principio de março as tropas irregulares francezas atacaram em duas columnas a Torre de Battère, a posição mais saliente na linha hispano-lusa, defendida pelo seu governador o emigrado francez conde de Florian. A primeira columna de trezentos homens empenhára-se em occupar a eminencia, defronte da posição para o lado de Montbolo, e depois de alguma fuzilaria, era forçada a retroceder sem grave perda.

Os suppostos quarteis de inverno haviam-se agora convertido para as tropas auxiliares em trabalho quotidiano mais duro e incessante do que as operações de uma campanha aberta, declarada. O estado cada vez mais lastimoso da divisão auxiliar exigia que se lhe desse alguma fólga, com que podesse reorganisar-se, fortalecer-se, preparar-se para a proxima campanha. Eram continuas e vehementes as reclamações de Forbes sobre este ponto ao governo portuguez, e as instancias e negociações que a este respeito mediavam entre os gabinetes de Lisboa e de Madrid. Ponderava o ministro dos negocios estrangeiros e da guerra ao enviado portuguez Diogo de Carvalho, quanto era excessivo e improporcionado á força

[1] *Mémoire raisonnée sur la retraite de l'armée combinée espagnole et portugaise du Roussillon*, par G... F... (Gomes Freire), officier au service de Portugal. 1795. Sem logar de impressão. Pag. 9-10.
[2] *Mémoire raisonnée sur la retraite, etc.* Pag. 10.

e ao cansaço das tropas de Portugal o serviço que lhe impunham sem repouso os generaes hespanhoes, e quanto era illusoria e puramente nominal a situação de quarteis de inverno. Instava-o a que obtivesse do omnipotente duque de Alcudia uma providencia que mitigasse tão penosa situação [1].

O governo portuguez pedia submissamente ao arbitro dos destinos peninsulares, que se dignasse de conceder um mez sequer de effectivo descanso ás abatidas tropas auxiliares, permittindo que se recolhessem a algum ponto do interior para se refazerem e melhorarem de saude e organisação [2].

Não menos instantes eram as supplicas para que as forças portuguezas, em vez de perseverarem na disseminação, em que habitualmente combatiam e marchavam, servissem por brigadas, sob o commando dos seus proprios generaes. O governo portuguez via-se obrigado a solicitar como favor o que, em outras circumstancias, podéra ter ordenado. De feito, pela sua fraqueza e ductilidade havia, nas convenções internacionaes, consignado expressa à clausula de que as tropas de Portugal ficariam inteiramente á disposição de el-rei catholico, para as empregar segundo entendesse mais proficuo aos interesses da causa peninsular.

Accedendo ás reiteradas instancias do governo portuguez, ordenou o gabinete de Madrid que se deixasse á eleição do general Forbes a parte da linha de defeza que melhor conviesse ás suas tropas, com a excepção de Collioure, que, por ser na extrema direita, pertencia, por especial preeminencia, ás *Guardias españolas*. Depois de conferir sobre a mudança o chefe da força auxiliar com o marquez de las Amarillas, pediu aos generaes portuguezes o seu voto por escripto ácerca d'este assumpto, propondo-lhes como questão: «se as tropas de Portugal defendiam então o logar que na linha lhes competia e se podiam encontrar em melhor districto os seus acantonamentos». E a conclusão a que chegaram foi que, ape-

[1] Officio de Luiz Pinto a Diogo de Carvalho, enviado portuguez em Madrid, 12 de fevereiro de 1794. Archivo dos negocios estrangeiros.

[2] Officio de Luiz Pinto a Diogo de Carvalho, 5 de abril de 1794. Archivo dos negocios estrangeiros.

sar de mui trabalhosas as posições guarnecidas pelas tropas de Portugal, conviria conserval-as. E tomavam por fundamento que, apenas se deslocassem para o centro ou para a direita, cairiam sob a triste jurisdicção dos hospitaes hespanhoes, onde a miseria e o desamparo se iam aggravando á medida que avultava o numero de enfermos. Soldados e officiaes haviam em maior horror aquellas suppostas casas de saude e caridade militar, do que os sabres e os canhões do inimigo. A descripção, que d'aquelles antros de abandono e deshumanidade nos deixou uma testemunha presencial e insuspeita, é bastante para avaliar como a benefica administração do rei catholico velava pela sanidade e conservação dos soldados hespanhoes e d'aquelles desgraçados, que de terra extranha haviam accorrido a auxilial-o na sua insana empreza de aggressão e de vindicta [1]. E por isso o general Forbes podia, para manter-se nos seus acantonamentos, invocar uma rasão, que não se filiava em considerações tacticas ou estrategicas, e dizer ao seu governo, referindo-se aos hospitaes hespanhoes no Roussillon e na Catalunha que eram a quinta essencia do que no mundo havia de horroroso e abominavel [2].»

[1] «N'esse tempo os hespanhoes conservavam nos hospitaes perto de doze mil homens. N'estas funebres habitações entravam todos os dias centenas de doentes e todos os dias morriam centenas de soldados. Estas gentes respeitaveis, que honradamente consagram suas vidas á publica defensa e á segurança do throno e da patria, chegavam mesmo a acabar sem alimento e medicinas nos depositos de enfermos, ou mais depressa de esqueletos, onde muitas vezes esperavam cinco e seis dias que vagasse uma palhoça em um dos hospitaes para serem admittidos. Outros eram transportados a pé ou em carros, na distancia de 8 a 10 leguas, para os hospitaes do interior e expiravam pelas estradas, victimas infelizes de um negligente governo. Outros, emfim, iam ser um espectaculo de horror pela falta de assistencia, pela carencia de remedios, pela ignorancia dos physicos, pouco cuidado dos enfermeiros e ladroeiras dos muitos que enriqueciam a custa de um objecto tão precioso como a conservação do soldado». *Historia das campanhas no Roussillon e Catalunha*, por Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, manuscripto da academia das sciencias.

[2] No officio de 7 de março de 1794 relatava o general Forbes a Luiz Pinto haver pedido voto aos generaes, seus subordinados, sobre a conveniencia de trocar os chamados quarteis de inverno, e dizia que a opinião prevalecente fôra de que as tropas se conservassem nos actuaes acantonamentos *para se livrarem dos hospitaes hespanhoes*. E acrescen-

E era comtudo n'aquellas hediondas habitações que se accumulavam, por aquelle tempo, cerca de doze mil enfermos desamparados. Eram tanto mais de temer os hospitaes hespanhoes, quanto, sendo já entrada a primavera, grassavam nas tropas alliadas varias febres, que não sendo por então contagiosas, poderiam facilmente, pela continuação de um excessivo e aspero trabalho e pelo influxo da estação, degenerar em doenças de pessimo caracter [1].

O serviço continuava cada vez mais difficil e trabalhoso. Raramente um dia se passava sem que os miqueletes viessem provocar os postos guarnecidos pelas tropas auxiliares, principalmente as da Torre de Battère. A divisão portugueza rapidamente se ia reduzindo a extremo de ser quasi inexequivel defender as posições, que guarnecia. No mez de março quando eram mais continuos os receios e os alarmes de novas e frequentes aggressões, a divisão estava reduzida a tres mil setecentos sessenta e seis homens promptos, dos quaes sómente eram soldados menos de tres mil. As outras praças jaziam nos hospitaes em numero de mais de setecentas. Os proprios militares, que ainda restavam nas fileiras, extremamente rareadas, denunciavam no aspecto macilento e doentio sendo já quasi imminente a proxima campanha, quanto a sua physica debilidade e frouxidão podiam prometter de galhardias e triumphos, a affrontar-se com inimigo inebriado pelas recentes victorias das armas republicanas contra os luzidos exercitos do norte.

Havia o general por impossivel o aventurar-se com tropas tão cortadas de enfermidades e fadigas, a uma campanha mais difficil que a primeira, sem que por algum tempo se refizessem longe do theatro das operações [2]. Reiterando ao mar-

tava da sua parte: «*Porque não creio que no mundo possa haver cousa tão má*».

[1] Informação ou relatorio do physico mór da divisão portugueza, Oliveira, ao general Forbes, sobre a situação dos hospitaes. Arles, 1.º de maio de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] No officio de 24 de março de 1794 descreve o general Forbes a Luiz Pinto a triste situação das suas tropas, em que os rostos macilentos dos officiaes e dos soldados estavam denunciando a sua incapacidade para os

quez de las Amarillas as suas instancias para que lhe enviasse algumas tropas de reforço, principalmente a pequena brigada que, ao mando de D. Francisco de Noronha, estava em Céret de guarnição, o general Forbes ameaçava, firmando-se nas ordens peremptorias do seu governo, desamparar os postos, cuja defeza estava confiada á divisão auxiliar, e que era impraticavel sustentar com a força diminuta de que dispunha [1].

Do que fica exposto é facil deprehender que a saudavel confiança nos recursos militares, a consonancia de pareceres e a harmonia cordial entre os generaes e as tropas dos alliados, não eram as qualidades predominantes no exercito, que defendia a linha do Roussillon. E n'estas circumstancias não é para assombrar que o desanimo na divisão auxiliar e o prospecto de um proximo desastre trouxessem preoccupados os espiritos da gente portugueza.

O governo hespanhol, cegamente encadeado ás vaidosas e temerarias arrogancias do valido, ignorára ou fingira desconhecer por algum tempo a verdadeira situação dos negocios militares nos Pyrenéus. Agora que Ricardos estava presente na côrte de Madrid, vieram a descobrir-se e ponderar-se devidamente as circumstancias de uma guerra emprehendida com imprudencia e executada sem audacia, nem talento. Debateu-se na presença de Carlos IV o que haveria de resolver-se. Opinavam alguns dos conselheiros, mais cautos e avisados, que as operações se limitassem a uma prudente defensiva. Propugnavam outros, de mais calido temperamento, que se proseguisse a guerra com o maximo vigor. Alguns mais previdentes e menos jactanciosos das forças invenciveis da sua patria, recommendavam a paz, que não seria difficil de negociar em decorosas condições. Triumphou a opinião mais de-

serviços violentos que faziam, e para os mais arduos, que se esperavam e levariam a pequena divisão a final aniquilamento.

[1] Officio de Forbes a Amarillas. 30 de março de 1794. Archivo do ministerio da guerra. «A minha côrte determina, no caso de não ter a tropa competente para o serviço racionavel dos acantonamentos, *sem que se funda a tropa totalmente,* que abandone os postos que não cabe no possivel sustentar sem tropa.»

sastrosa. O odio á Revolução e a sonhada vingança contra os francezes regicidas prevaleceu no animo de um rei fraco e dementado pela ignominiosa tutela do privado.

A Convenção guilhotinava por aquelle tempo os generaes que não venciam. O governo de Carlos IV condemnava moralmente o general Ricardos e abreviava-lhe a existencia pelos desgostos, que lhe causava [1]. Adoeceu gravemente o general e em breves dias se lhe truncou a existencia attribulada. Apesar de pouco diligente organisador e de mediocre estrategico, não era facil encontrar-lhe um successor. Era grande a penuria de generaes auctorisados pela pratica da guerra e pelos talentos militares n'um paiz, onde abundavam os dourados e faustosos uniformes das mais eminentes graduações, sem que entre elles se deparasse quem podesse commandar um exercito em frente de um inimigo emprehendedor, com um chefe recentemente assignalado pela brilhante reconquista de Toulon. Recaiu a eleição no velho general O'Reilly, a quem não recommendavam predicados singulares de grande capitão, nem illustravam outros feitos militares senão os da ingloria expedição contra os argelinos. Não pôde O'Reilly tomar posse do commando, porque, pondo-se a caminho para o exercito, o salteou em Valencia a enfermidade, e d'ella veiu alli brevemente a fallecer.

Foi provido em seu logar o conde de la Unión, mais conhecido pela sua intrepidez e galhardia que pelas outras qualidades militares, que são sempre indispensaveis n'um general em chefe e ainda muito mais, quando a guerra tem chegado a circumstancias difficillimas.

Era o conde de la Unión, D. Luiz Fermin de Carvajal y Vargas, filho do duque de S. Carlos, um dos grandes de Hespanha mais entrados no favor e boas graças do rei catholico. As

[1] «Ricardos... havia até ali occultado ao rei o miseravel estado a que se achava reduzido o exercito (do qual metade occupava os hospitaes) por não querer manchar o credito das suas victorias com a má opinião da sua negligencia, foi obrigado a patentear a verdade, n'essa occasião tão mal recebida, que lhe attrahiu o desagrado do monarcha...» *Historia da guerra no Roussillon e na Catalunha*, por Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, manuscripto da academia real das sciencias.

valias, que na côrte desfructava, transluziam nas altas dignidades a que ascendêra, sendo ainda de poucos annos. Era cavalleiro gran-cruz da real e distincta ordem de Carlos III, commendador em duas commendas mui rendosas da ordem de Santiago, e de uma na de Alcantara, gentil-homem da camara com exercicio, e tenente general dos reaes exercitos. Era agora nomeado governador e capitão general do principado de Catalunha, presidente da sua real audiencia, e general em chefe do exercito do Roussillon.

Depois de meiado abril chegava á capital do principado o conde de la Unión e d'ali, após breve demora, se dirigia ao theatro da guerra. O novo general trazia para o exercito a sua bravura pessoal e a opinião das gentilezas, que em armas já n'elle praticára como valentissimo soldado. Pela sua mingua de genio militar, e pela sua inexperiencia como chefe, mediocremente assegurava aos seus subordinados a victoria. Era menos antigo no seu posto do que muitos dos generaes, que militavam no Roussillon. Julgavam-se offendidos nos seus brios e desairados na sua preeminencia com que viesse um homem de pouca edade, e seu inferior na hierarchia exercitar sobre elles o commando, sem que o recommendassem os eminentes predicados que offuscam no fulgir de um nome glorioso a quebra da rigorosa antiguidade. Exteriormente o reconheciam por seu chefe, mas a sua resignação não consentia que a inveja, o despeito, a má vontade e a intriga deixassem de inocular no quartel general hespanhol o fermento desorganisador, infallivel prenuncio de proximas calamidades[1].

No emtanto haviam-se passado alguns successos que vinham complicar a situação do exercito alliado. As tropas irregulares do inimigo haviam redobrado sem intermissão as suas incursões aos postos avançados e obrigado os generaes Forbes e Mendinueta a reforçal-os e a permanecer em conti-

[1] «Ia (o conde de la Unión) luctar contra os inimigos de fóra e aquelle mais temivel, que de casa lhe oppunha a sórdida inveja e negra emulação dos generaes, que se consideravam por elle preteridos, e por isso estimulados.» *Historia da guerra no Roussillon e na Catalunha*, por Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, manuscripto da academia real das sciencias.

nuo sobresalto e vigilancia. Era, porém, chegada a occasião em que os francezes não haveriam de confiar os seus ataques a indisciplinados miqueletes, mas poriam em campo as suas tropas regulares, buscando n'um combate de maior tomo como que afiar os sabres e as baionetas, para a grande operação, que em breve se haveria de executar.

Era Palau uma das posições, cuja defeza pertencia ás tropas de Mendinueta, no districto central de toda a linha. Guarneciam a posição algumas forças hespanholas. Conheciam os francezes não sómente quanto eram débeis n'aquelle ponto, senão tambem qual era a negligencia, com que os chefes castelhanos se deslembravam de prover aos serviços de reconhecimento e segurança. Já desde fins de março uma parte do exercito francez havia deixado os quarteis de inverno e viera estabelecer-se nas posições de Fourques, de Ponteillas, e de Tressère, d'onde espiava a occasião de accommetter os hespanhoes. A 19 de abril algumas columnas republicanas, insinuando-se cautamente em uma portella ou garganta, por onde os incautos hespanhoes não suspeitavam a sua vinda, atacaram o posto de Palau. Ainda que poucas e colhidas de improviso, as tropas hespanholas mantiveram por algum tempo a honra das suas armas, defendendo-se com vigor. Eram, porém, mais numerosas as forças inimigas, e ao cabo de duas horas de fogo bem nutrido, foram os castelhanos constrangidos a retirar para Argelès, que a pequena distancia de Palau demora sobre a esquerda. No entretanto o marechal de campo Moncada enviava apressadamente, em soccorro da posição, uma columna de quinhentos homens, commandada pelo conde de Donadio. Foi, porém, de nenhum auxilio este reforço, porque, atalhado no caminho por uma columna de mil e trezentos francezes, e não podendo resistir-lhes com vantagem, ordenou Donadio, que saíra contuso do combate, a retirada, a qual, segundo as relações officiaes, se realisou em boa ordem [1], posto que outras narrações talvez mais imparciaes e fidedignas asseverem que os hespanhoes se foram em tro-

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 21 de abril de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

pel e confusão acolher a Argelès, Montesquiou e La Trompette[1].

Occupada pelas tropas republicanas a aldeia de Palau, as forças hespanholas, que estavam acantonadas nas posiições de Saint Genis des Fontaines, La Rocque e Villelongue, julgando-se arriscadas n'aquelles pontos, os desampararam promptamente, retirando sobre La Trompette com a sua artilheria. Era intempestivo e imprudente o abandono d'aquelles pontos, que nem sequer tinham sido ameaçados pelo inimigo. Não quiz elle, porém, aproveitar-se da nimia facilidade, com que os hespanhoes lhe cediam aquellas valiosas posições. Contentando-se com a retirada completa dos contrarios, e tendo por cumprida a sua missão, qual era a de inquietar e enfraquecer moralmente os seus contrarios, deixou desoccupadas as alturas. Quizeram os hespanhoes colorear o terem desamparado sem combate as posições, com o pretexto de que era forçoso tolher o passo ao inimigo, para que não subisse ás montanhas e não cortasse a communicação dos alliados com Bellegarde e Maureillas[2].

O evacuarem os hespanhoes as posições tornava difficilima, senão de todo inexequivel, a conservação de La Trompette, porque esta posição, abrigada pelas alturas de Palau e Montesquiou, na sua frente, ficava então exposta a ser tomada de revez. Os francezes interceptariam sem remedio a communicação entre os dois flancos da extensa linha de defeza, e occupando Maureillas, dominariam a estrada para a importante fortaleza de Bellegarde. Assim impediriam não sómente o transporte de subsistencias e munições para o exercito, senão tambem e muito principalmente viriam a tornar muito precaria, e porventura desastrosa, a retirada para a Catalunha[3].

[1] «Nos troupes lui abandonnent volontairement ceux (postes) de Saint Genis, de Saint André, et de Villelongue pour se jeter en confusion sur Argelès, Montesquiou et La Trompette.» *Mémoire raisonnée sur la retraite,* etc., par G. F. (Gomes Freire), officier au service de Portugal, pag. 12.

[2] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 21 de abril de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[3] *Historia da guerra no Roussillon e Catalunha*, por Antonio de Lemos Pereira de Lacerda. Ms. da academia das sciencias.

CAPITULO VII

A RETIRADA DO ROUSSILLON

O abandono voluntario de Saint Genis des Fontaines, de Saint André, e Villelongue deixava effectivamente aberto e sem defeza um dilatado trecho de cerca de 20 kilometros no centro da linha de defeza, entre Montesquiou e Argelès. Ficava, é verdade, reduzido o numero das posições, e menos desproporcionada ás exigencias da defeza a escassa força effectiva dos alliados, que, segundo era então avaliada, mesmo depois de chegarem alguns reforços diminutos, apenas se compunha de dois mil cavallos e doze mil homens de infanteria. Em vez, porém, de repartir a linha em dois segmentos isolados, deixando entre elles, sem resguardo, valiosas posições desamparadas, houvera sido mais conforme á boa rasão e aos principios fundamentaes e immutaveis da sciencia e da arte militar contrahir, quando era ainda opportuno e vantajoso, a linha de defeza a menor ambito, deixando porém ligados entre si e mutuamente flanqueados todos os pontos importantes occupados nas montanhas. Pelo extenso intersticio conservado entre os dois flancos, um general inimigo, ainda mesmo pouco emprehendedor, poderia dirigir operações de exito pe-

rigoso para as tropas alliadas. Ficava-lhe patente e livre a passagem do rio Tech e a occupação de povoações para áquem da sua margem meridional. Ser-lhe-ía facil estabelecer-se entre La Trompette e Argelès e ameaçar de flanco e de revez a linha do inimigo.

Os francezes, apostados a fatigar continuamente, com pequenas incursões, as posições dos alliados, atacaram, a 17 de abril, com uma columna de duzentos homens, o posto do Vilar, guarnecido por uma força diminuta do regimento de Peniche e do 1.° do Porto, com alguma pouca infanteria hespanhola, da que as relações d'aquelle tempo designam pelo nome de *Blanquillos* [1]. Defenderam-se os portuguezes com denodado valor, resistindo ao impeto do inimigo muito superior em numero, e forçando-o a retirar. Se havemos de pôr inteira fé nas relações portuguezas d'este combate, os hespanhoes desmentiram no conflicto a antiga e justa reputação da infanteria hespanhola e os provados brios militares da sua nação. Segundo estas versões, os soldados castelhanos, logo ao primeiro assalto, cederam aos francezes o seu campo, sem que valessem as clamorosas exhortações do commandante, que dolorosamente lastimava o ver-se pelos seus desamparado [2].

[1] Segundo versões auctorisadas, eram apenas vinte os homens do regimento de Peniche e em egual numero os do 1.° do Porto. *Historia da guerra*, já citada.

[2] «Uma columna de 200 homens tornou a 17 (de abril) a atacar a altura do Vilar, guarnecida por 20 soldados de Peniche, 20 do 1.° regimento do Porto, e 40 Blanquillos que logo fugiram, não obstante as inuteis persuasões do seu commandante, que chorava de agastado, vendo que os seus o abandonavam.» *Historia da guerra no Roussillon*, etc. Ms. da academia das sciencias.

«Um capitão do regimento de Estremadura (hespanhola) que se achava n'aquelle destacamento (do Vilar), vendo que os hespanhoes se retiravam em desordem, se poz a chorar, dizendo que ficava perdido, porque os portuguezes ficavam firmes, e os hespanhoes se retiravam com tanta desordem.» Participação do ajudante de ordens do marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha, ao general Forbes, adjunta ao officio de Forbes a Luiz Pinto, 21 de abril de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

No combate do Vilar distinguiu-se pelo seu valor o cabo de esquadra José Pereira Villaça, que foi promovido a sargento por distincção.

Não tardou muito que os francezes, aproveitando as vantagens, que lhes permittiam os generaes hespanhoes com deixarem desoccupadas importantes posições, não tentassem contra o flanco esquerdo da linha de defeza operações mais nocivas aos alliados. Corria vagamente no exercito o rumor de que os francezes trabalhavam, com grande persistencia, em construir, desde as alturas de Oms, uma estrada militar, por onde conduzir, atravez das montanhas, a sua artilheria até á posição do Vilar, junto á margem esquerda do rio Tech. Nos principios de abril os espias e os desertores, convertiam em certeza o que até ali fôra apenas suspeição ou conjectura. O general hespanhol D. Pedro Mendinueta, que todas as relações contemporaneas são unisonas em descrever como de escassos talentos militares e de inexcedivel inacção e negligencia, não tivera a facil inspiração de colher, por algum reconhecimento, exactas informações sobre este ponto. O intento do inimigo era sem duvida, a fim de interromper a communicação da esquerda dos alliados com a villa de Céret, estabelecer uma forte bateria nas alturas do Vilar, porque ficavam como padrasto dominando a estrada de Arles a esta posição e a ponte de Reynes sobre o Tech. Mendinueta, com a fleugma habitual, que presidia ás suas pausadas e tardias operações, perseverava irresoluto, esperando que as obras do caminho militar chegassem junto do Vilar, para que as tropas saidas de Céret ao encontro do inimigo tivessem então menos trajecto a percorrer. Os francezes entroncavam na principal estrada um ramal que se dirigia por Llauro, para facilitar o ataque á posição de Saint Ferréol, em frente de Céret. As tropas irregulares, os miqueletes, continuavam a occupar as alturas de Saint Marçal, de Taillet e de Oms, alem do Tech e em frente das posições defendidas pelas tropas de Portugal, e a posição de Llauro entre Fourques e Céret. Com a sua incessante fuzilaria protegiam os trabalhadores no adiantar a construcção até ás cercanias do Vilar, e divertiam a attenção dos alliados. O general Mendinueta, saindo finalmente da sua costumada somnolencia militar, determinou-se a executar um reconnecimento, marchando com dois batalhões até ás al-

turas do Vilar. Illudido, porém, sobre a força do inimigo, retirou para Céret, sem ter podido colligir nenhuma segura informação [1].

Emquanto as partidas irregulares de miqueletes punham em continuo sobresalto os postos defendidos pelos portuguezes e hespanhoes, o general Dagobert interrompia a quietação dos seus quarteis de inverno para operar uma incursão na Catalunha, pela parte confinante com a região dos Pyrenéos, que tinha antigamente o nome de Cerdanha. A 7 de abril marchava de Puygcerda uma columna franceza, não muito numerosa, com destino ao ataque de Belver, guarnecido pelos hespanhoes. Outra columna, que partíra durante a noite, devia apoderar-se da ponte de Bart. Não logrou porém chegar ao seu destino, porque as chuvas copiosas a transviaram no caminho. As tropas republicanas passaram a alcance da artilheria de Plat d'El-Rey, que sobre ellas disparou alguns canhões, sem conseguír deter ou impedir a marcha do inimigo. E era tal a negligencia, com que por parte dos generaes se conduziam as operações, que, perdidos em conjecturas sobre qual seria o intento de Dagobert, a ninguem occorreu no campo dos hespanhoes o empregar alguns dos meios, com que na guerra é possivel descobrir ou rastrear as intenções do antagonista. Só passados alguns dias o ribombar da artilheria para a parte de Mont-Louis fez suspeitar que o chefe republicano fizera a sua juncção com as tropas francezas da Cerdanha hespanhola, para entrar por ali na Catalunha [2]. A primeira columna, levando á sua frente o general em chefe Dagobert, acommetteu vigorosamente os hespanhoes na forte posição de Belver, apesar das defezas artificiaes e da formidavel artilheria, que parecia fazel-a inexpugnavel. Os hespanhoes resistiram por algum tempo, mas redobrando os francezes o impeto do ataque, o brigadeiro D. Matheus Enriquez, commandante d'aquelle posto militar, houve por mais prudente

[1] *Mémoire raisonnée sur la retraite de l'armée combinée*, etc., pag. 13 a 16.

[2] *Historia da guerra no Roussillon e na Catalunha*. Ms. da academia das sciencias.

o retirar-se para Bart. Atacados n'este ponto pelas tropas francezas do general Charlet, tiveram os hespanhoes de retrahir-se até Urgel, onde buscaram concentrar a sua defeza. Na mesma povoação se foi acolher o tenente coronel D. Philippe Cortada, que defendeu em Llés por algum tempo os postos avançados, de que era commandante. Apercebia-se para a defeza o marechal de campo conde de La Haye Saint Hilaire, que tinha em Urgel o commando das forças hespanholas, quando o activo Dagobert, apesar dos seus annos mui provectos e da enfermidade que o minava, apparece a 9 de abril com as suas tropas ante os muros da cidade. Já a esse tempo o general hespanhol se acoitára com a sua gente á fortaleza, que á cidade servia de cidadella. Á sabida intimação de se render, contestou o chefe hespanhol com a fórmula do estylo de que as armas de el-rei catholico desprezavam e não temiam as ameaças dos contrarios.

Não trazia Dagobert nenhuma outra artilheria afóra os canhões de pequeno calibre de campanha, com os quaes era impraticavel abrir a brecha em solidas muralhas. E pois que Urgel estava quasi desamparada de tropas inimigas, limitou-se o general republicano a penetrar de noite na cidade, sem que os hespanhoes se dessem grande afan em empecel-o. Levantou uma contribuição de guerra, que foi logo realisada, e que, segundo as narrações dos hespanhoes, mais se deveu parecer a um saque do que a uma regular imposição [1]. Nem fica muito longe de plausivel o suspeitar, que, entrando de volta com as tropas regulares, não muito escrupulosas em pontos de propriedade, os miqueletes, gente de consciencia larga em leis de guerra, e sendo vulgar por aquelles tempos, em uns e outros belligerantes, o usarem de tremendas represalias, não distaria muito longe de violenta espoliação o mal padecido pela cidade [2]. As relações officiaes hespanholas, seguindo sempre o processo de exalçar como successos lisonjeiros os desastres e como victorias os revezes, confessam

[1] *Victoires, conquêtes, etc., des français depuis* 1792, tomo I, pag. 424–425.

[2] Officio do conde de la Unión, publicado, por extracto da *Gaceta de Madrid*, na *Gazeta de Lisboa*, n.º 20, segundo supplemento de 1794.

que os damnos padecidos pela incursão de Dagobert na Seo de Urgel se limitaram ao pequeno saque da povoação pelos miqueletes, ao incendio de Calvinac, nas cercanias da cidade, e de mais duas casas na aldeia de Torres, e á destruição da ponte de Bart. Não foi, porém, tão minimo o desastre que, segundo os mesmos testemunhos officiaes, não perdessem na refrega os hespanhoes cerca de oitenta e dois homens entre mortos, feridos e extraviados [1]. Se havemos de ter por verdadeiras as narrativas dos francezes, a breve expedição do general republicano custou ainda aos hespanhoes a perda de sete peças de artilheria e varias munições [2].

A empreza contra a Seo de Urgel foi, por assim dizer, o testamento precincto ou militar do activo e brioso Dagobert. Chegado a Puygcerda, o guerreiro da Republica, debilitado pela doença, aggravada pelas marchas e combates, pouco sobreviveu aos seus louros derradeiros, e veiu a fallecer a 21 de abril, contando setenta e cinco annos, em grande parte consumidos no serviço da sua patria, sem que de tão largo exercicio das armas lhe restasse outro proveito mais que um nome esclarecido e uma pobreza honrada, a joia que melhor esmalta e condecora a gloria de um soldado. A Convenção nacional decretou que o nome de Dagobert fosse inscripto solemnemente no Panthéon [3].

Era grave a situação do exercito alliado e ameaçador o aspecto do inimigo, quando, a 24 de abril, chegou a Céret o conde de la Unión, a quem Forbes logo foi cumprimentar. Visitou o novo general em chefe os postos da sua linha, e adoptou as prevenções, que reclamava a urgencia das circumstancias, acudindo á reforçar em alguns pontos as guarnições, especialmente em Saint Ferréol, para onde era provavel que os francezes dirigissem um ataque em breve tempo.

[1] A *Gaceta de Madrid*, de 29 de abril de 1794, noticiava que a 9 de abril entraram algumas tropas francezas, com o seu general Dagobert, e permaneceram ali e nos arredores umas trinta horas. «Durante este tempo, diz a *Gaceta*, o saque foi geral». A contribuição de guerra, segundo a narração official, foi de 100:000 pesetas.

[2] *Victoires et conquêtes*, etc., tomo I, pag. 425.

[3] *Victoires et conquêtes*, etc., tomo I, pag. 425.

A primeira operação, que o general em chefe determinou realisar, foi um reconhecimento offensivo, cujo objecto era verificar se os francezes effectivamente adiantavam com rapidez, segundo se dizia, a continuação da estrada militar para o transporte da artilheria. Do que Mendinueta não soubera descobrir na sua mallograda tentativa, resolveu o conde de la Unión alcançar pessoalmente segura informação. A 28 de abril, como abertura da sua campanha da primavera, levando por escolta o regimento *del Principe,* cuja força effectiva apenas se reduzia a quinhentos homens, marchou de Céret contra a montanha do Vilar. Occupavam os francezes as proximas alturas. Em uma d'ellas haviam levantado uma exigua bateria de dois canhões, que atiravam a barbete. Avançaram contra a pequena columna de Unión os miqueletes inimigos e lograram estabelecer-se na debil trincheira ou espaldão, que haviam construido, como defeza, os soldados portuguezes e hespanhoes do pequeno posto do Vilar. Foi empreza facil ao inimigo expulsar d'ali os pouco numerosos defensores. Á vista, porém, das tropas hespanholas, que avançavam, deixaram os miqueletes a posição e pozeram-se em retirada. O conde de la Unión occupou então de novo o que elle, nas suas relações officiaes, appellida pomposamente os entrincheiramentos do Vilar, e que uma tão auctorisada testemunha, como o coronel Gomes Freire de Andrade, refere não serem mais que um simples abrigo ou parapeito de fortificação improvisada [1].

Animado por esta facil conquista, avançava o general em chefe hespanhol, com o seu costumado valor e galhardia, á testa do regimento *del Principe,* intentando proseguir o seu reconhecimento até ás eminencias de Oms, quando se encontrou com tropas inimigas, que em numero consideravel mar-

[1] «Des soldats du premier régiment du Porto, que se trouvaient dans ce poste (du Vilar) construisirent un petit mur sec pour leur servir de parapet: ce mur est le retranchement que le comte de l'Union, dans sa dépêche publiée dans la Gazette de Madrid, dit avoir été pris, disputé et repris avec une bravoure sans égale, par lui, le 28 avril.» *Mémoire raisonnée sur la retraite de l'armée combinée,* etc., par G. F. (Gomes Freire), pag. 16.

chavam a tolher o passo ao que já se fingia vencedor. Os francezes atacaram vigorosamente os hespanhoes de frente e de flanco, e os pozeram em tamanha estreiteza, que houveram por melhor partido a retirada. No emtanto chegavam a Céret as novas de que o general em chefe estava com a sua columna em perigo imminente de ser cortado. Acudiu promptamente d'aquelle ponto o general D. Pedro de Mendinueta com as poucas tropas, que ali tinha ao seu dispor. Reanimaram-se os hespanhoes. Pozeram-se de novo em boa ordem. Atacaram os francezes. N'esta phase do combate o conde de la Unión ficava superior em força ao inimigo. Retiraram os francezes, occupando successivamente novas posições, e fazendo rosto aos seus contrarios, até que, sempre combatendo e conduzindo, sem perder um só canhão, a sua artilheria, se abrigaram alem das alturas do Vilar. Retomaram os hespanhoes esta disputada posição, que em seguida abandonaram, e pouco depois, pondo-se em marcha, retrocederam para Céret. O combate durou, com grande encarniçamento, desde as sete horas da manhã até ás seis da tarde, com perdas consideraveis para ambos os contendores. Foram nullas todavia as vantagens obtidas pelas tropas hespanholas.

Foi lastima que as tropas do conde de la Unión despendessem tanto valor em um combate, que em nada melhorou a perigosa situação do exercito alliado. Houve n'este conflicto, prolongado por dez horas, feitos de brilhante heroicidade por parte dos hespanhoes. O general em chefe, como se fôra um bravo e impetuoso paladino dos tempos cavalleirosos, acudia pessoalmente aonde era mais cerrada a fuzilaria, sem que os seus brios de soldado lhe consentissem o lembrar-se de que era general e de que da sua vida estava pendente em grande parte a extrema salvação do seu exercito. Colheu as palmas mais viçosas na refrega um dos batalhões do regimento *del Principe*, cujos officiaes ou caíram mortalmente no campo da batalha, ou com mais ou menos graves ferimentos attestaram com o sangue o seu valor. Em grau não inferior se avantajaram algumas companhias de *Guardias walonas*.

Durante o combate se conservaram a postos as restantes forças alliadas, prevenidas para affrontar algum successo, que podesse pôr em perigo estreito as suas ameaçadas posições. O conde de la Unión, nas suas communicações officiaes, não se esqueceu de celebrar como um triumpho assignalado e encarecer em hyperboles desmedidas uma acção, cujo destino se frustrára. O inimigo fôra effectivamente repulsado para alem das montanhas do Vilar, mas os hespanhoes não tinham, como intentavam, conseguido conquistar as alturas de Oms, e sem occuparem nenhuma nova posição na frente das que já tinham, apenas a preço de muitas vidas haviam comprado a esteril gloria de um mortifero torneio sem a minima vantagem estrategica.

Restituiram-se os francezes durante a noite ás posições, que na vespera occupavam. A 29 de abril, ainda mal vinha raiando a madrugada, já os postos avançados luso-hispanos descobriam as columnas de tropas republicanas, que marchavam a guarnecer as desoccupadas alturas do Vilar e os cerros circumvizinhos, e intentando estabelecer ali as suas baterias, ameaçavam interceptar as communicações dos alliados com Céret. Ao rebate de que se adiantava o inimigo, se foi tocando a generala em toda a linha. Acudiu a contrapor-se á marcha dos francezes o conde de la Unión com as poucas tropas, que pôde colligir de Arles e de Céret, as quaes todas se resumiam em quatro regimentos de Portugal com força diminuta, e outros tantos batalhões hespanhoes não mais avantajados em numero de praças. A fim de reforçar a sua esquerda, teve que retirar do campo de Boulou e La Trompette uma parte das suas guarnições, e enfraquecer por este modo o centro da sua linha, onde era cabalmente o maior perigo, já então imminente, porém não ainda previsto pela errada concepção do illuso general.

Os francezes, cujo fim era o divertir para a sua esquerda a attenção e as forças dos alliados, obrigando-os a deixar insufficientemente guarnecidas as posições do centro, acommetteram simultaneamente as alturas em frente de Céret e Saint Ferréol, e a posição do Vilar, e conseguiram occupar o seu tenue

entrincheiramento, para interromper a communicação entre Arles e Céret. Acudiu a embargar o passo ao inimigo o conde de la Unión, com as tropas hespanholas e quatro dos regimentos portuguezes, sob as ordens immediatas do general Forbes. O 2.º regimento do Porto foi destinado a occupar as eminencias na esquerda das tropas alliadas, o primeiro de Olivença marchou a atacar de flanco o inimigo, emquanto o de Freire de Andrade se postou como reserva, e o de Cascaes foi reforçar a ponte de Céret, já defendida pelo primeiro do Porto. A ponte de Reynes era ao mesmo passo guarnecida pelo regimento de Peniche com algumas peças de artilheria portugueza.

Foram as tropas republicanas repellidas ao principio com vigor e forçadas a subir com celeridade as asperas encostas das montanhas sob o fogo bem nutrido da infanteria e dos canhões. Mas bem depressa, cobrando nova audacia, volveram os francezes á rectaguarda, e ainda alcançaram pôr em balança as ephemeras vantagens obtidas pelas tropas alliadas. Acossados, porém, bem rijamente pelas forças luso-hispanas e repellidos de posição em posição, pozeram-se finalmente em retirada para as alturas de Oms, dando fim ao combate, que durára, tenazmente disputado, desde as sete horas da manhã até ás seis da tarde. Entre os officiaes, que mais se distinguiram n'esta acção, figurou o sargento mór Antonio Teixeira Rebello, segundo commandante da brigada portugueza de artilheria, e o sargento mór d'esta arma Diogo Cony, os quaes, a custo de grande trabalho e perseverança, alcançaram conduzir e assestar algumas peças em sitios reputados inaccessiveis aos canhões mais ligeiros de campanha [1]. Não devia, porém, ser muito grave o damno causado ao inimigo, porque eram apenas de 3 as peças portugue-

[1] «...O sargento mór Antonio Teixeira Rebello brilhou remarcavelmente, levando duas peças aonde nunca se tinha pensado que iria a artilheria e fazendo com ellas progressos inexplicaveis.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, 29 de abril de 1794. Archivo do ministerio da guerra.—*Historia da guerra no Roussillon*, etc. Ms. da academia das sciencias.

zas, a que os francezes respondiam com outras de calibre superior[1].

O bravo, mas imprudente general em chefe do exercito alliado, depois de se empenhar com forças diminutas n'um combate, a que não era provocado por nenhuma ineluctavel circumstancia, esforçou-se em o representar como um feito glorioso e de grande consequencia para as armas hespanholas, como se uma acção que termina por uma retirada, volvendo o inimigo ás suas primitivas posições, podesse merecer militarmente uma tal qualificação. Esforçou-se o conde de la Unión em fazer a apologia da sua mallograda operação, allegando as causas, que em seu conceito o desculpavam da sua má ventura. A aspereza das montanhas, que serviam de campo de batalha, a escasseza das tropas castelhanas, e o crescido numero das inimigas, o estado physico dos soldados hespanhoes convalescentes e enfermiços, o cansaço produzido em gente de saude enfraquecida por dois continuos dias de combate, o damno padecido pelo armamento, era tudo invocado pelo chefe temerario para honestar perante a côrte o exito infeliz da sua empreza. Comprazia-se com facil jactancia o general de que em presença de tantas e tão graves contradicções os resultados obtidos o encheram de prazer e o mesmo effeito haveria de surtir nos animos dos monarchas alliados a gloria alcançada por seus exercitos. Desvanecia-se o conde de la Unión em acreditar que em nenhuma outra occasião se teriam tão honradamente superado maiores difficuldades[2].

[1] O coronel Gomes Freire, na *Mémoire raisonnée*, pag. 36 affirma com toda a plausibilidade que os francezes não fizeram caso algum dos tiros da nossa fraca artilheria.

[2] «La aspereza de estas montañas, la cortedad de nuestro numero, el grande de los enemigos, el estado de convalecencia en nuestras gentes, y el indispensable cansancio en dos dias de continua defensa y ataque, con cuyo incesante fuego se entorpeció el armamento y se inutilizaron repetidas piedras de chispa, forman un todo de contradicciones, que al verlas superar me llenaron de gozo y de consideracion, cuyo egual efecto no dudo producirán en SS. MM. estos importantes servicios de sus tropas y de las de S. M. Fidelisima, cuyo general me acompañó; asegurando a V. Ex.ª que las armas han adquirido mucha gloria y que no creo se hayan vencido mayores dificultades en otras ocasiones.» Officio

«No combate de Oms mostrou-se digno do maximo louvor o 1.º regimento de Olivença, a quem d'entre a infanteria portugueza coube a parte mais difficil e perigosa. O regimento de Freire de Andrade, que servia de reserva, ainda que menos activamente empenhado na refrega, attestou mais uma vez os seus antigos creditos de ser um dos mais disciplinados e instruidos, e o seu coronel novamente provou o valor e os talentos militares, que o distinguiam como um dos mais insignes e benemeritos entre os mais distinctos officiaes da divisão auxiliar [1]. Mereceram menção especial os ajudantes de ordens Nuno Freire de Andrade, Carlos André Harth, e D. Miguel Pereira Forjaz [2].

O conde de la Unión occupou um cerro a pouca distancia de Oms, e ali estabeleceu uma bateria de quatro peças de 3. As tropas abivacaram nas alturas circumvizinhas. O general em chefe retirou-se para Céret deixando ao general Mendinueta o commando das forças em presença do inimigo [3].

Se bem as tropas republicanas não conseguissem tornar directamente fructuoso o seu ataque, sempre levaram a fim o seu proposito de obrigar o general dos alliados a concentrar no flanco esquerdo a sua attenção e as suas forças principaes. Conservaram-se por isso os francezes em presença das tropas luso-hispanas.

Convem n'este momento rememorar qual era no valle de Tech a posição do exercito alliado e ponderar os erros, que o haviam conduzido á precaria situação em que se achava. Dilatava-se a linha de defesa desde Prats de Mollo, sobre o Tech, ao occidente a cerca de cinco kilometros da fronteira, até Port-Vendres e Collioure no Mediterraneo, com uma extensão de mais de cincoenta kilometros. Á posição de Prats de Mollo seguiam-se pela sua ordem Arles sobre o Tech, quartel general

do conde de la Unión ao duque de Alcudia, 29 de abril de 1794, na *Gaceta de Madrid*, de 9 de maio de 1794.

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, Figueras 7 de maio de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Ibid.

[3] *Mémoire raisonnée*, etc. — *Historia da guerra do Roussillon*. Ms. da academia das sciencias.

portuguez, Fort-les-Bains e alem d'este rio os postos de Mont-Boló e Palalda e logo a ponte de Reynes, e depois Céret e á distancia de pouco mais de um kilometro a ponte do mesmo nome sobre o Tech, e alem d'elle em posição avançada a ermida de Saint Ferréol e junto do rio o logar de S. João de Pagès, de que não ficava mui distante o acampamento do Boulou, primitivo quartel general de todo o exercito alliado.

Á direita e pouco distante do Boulou, erguia-se áquem do Tech e d'elle muito proxima a excellente posição de La Trompette e á direita e á rectaguarda d'este ponto demorava Montesquiou, e n'uma e n'outra posição tinham os hespanhoes bem fortificadas e defensaveis obras de campanha. D'ahi até Argelès, já ás ribas do Mediterraneo, decorria em linha recta um espaço de proximamente quinze kilometros, inteiramente aberto ao inimigo desde que pelas infelizes operações do marquez de las Amarillas se haviam perdido ou abandonado as alturas de Villelongue, Saint Genis e Saint André com a posição importante de Palau, que formára no flanco direito o mais avançado saliente de toda a linha. Collioure, Port-Vendres e Saint Elme, constituiam por esta lastimosa interrupção um systema agora independente e separado do centro e flanco esquerdo, e entregue unicamente aos seus proprios recursos defensivos.

Esta linha pela sua extensão desproporcionada ao diminuto exercito alliado, pelas distancias, que entre duas consecutivas posições tornavam difficil o mutuo auxilio, e pelo enorme segmento deixado sem defeza entre Montesquiou e Argelès, estava naturalmente convidando o inimigo a rompel-a de maneira que podesse interceptar aos alliados a sua communicação com Bellegarde e tornar-lhes impossivel ou desastrosa a retirada. Dugommier determinou-se pois em atacar o centro da linha de defeza, no campo do Boulou, e senhorear as posições de Montesquiou e La Trompette. E para preparar esta operação, em que se resumia o ataque principal, enganou o seu adversario obrigando-o a condensar principalmente as suas forças no flanco esquerdo e a desguarnecer o centro, facilmente abandonado ás emprezas do inimigo. A este plano obedeciam as continuas incursões dos miqueletes para o lado de

Céret e do Vilar, e a acção preparatoria travada a 29 de abril, a qual foi principalmente uma demonstração destinada a attrahir para a esquerda as tropas alliadas, e a facilitar o ataque do Boulou e a tomada de Montesquiou e La Trompette.

A 30 logo ao primeiro alvorecer o general em chefe Dugommier ordenou um vigoroso ataque a toda a linha. As tropas da sua ala direita renovaram as aggressões dos dias antecedentes. Os regimentos portuguezes e hespanhoes, que abivacavam nas alturas junto a Oms, em vista dos movimentos offensivos dos francezes, approximaram-se da eminencia, onde se estabelecêra a bateria, e segundo affirma uma testemunha presencial e fidedigna, receberam ordem expressa de alargar as filas para que a sua frente mais extensa enganasse os francezes sobre a força effectiva dos alliados [1].

Ás dez horas da manhã desmascarou o inimigo uma bateria de calibre 4, que de noite nas alturas de Oms havia estabelecido e começou contra as forças luso-hispanas um vigoroso e bem nutridò canhoneio, a que mal podia responder a sua fraca e pouco numerosa artilheria de calibre 3. Mendinueta, vendo-se improvisamente em situação, que não esperava, ficou perplexo sobre que partido haveria de tomar e enviou pelos seus ajudantes de campo repetidas e urgentes participações ao general em chefe, cuja attenção estava n'aquelle momento completamente absorvida pelas novas, que lhe chegavam de Montesquiou e La Trompette. Os francezes limitaram-se a entreter no seu flanco direito os alliados para facilitar o ataque principal dirigido contra aquellas duas posições e contra o campo do Boulou.

Era chegado o momento da mais critica situação para o exercito alliado. Emquanto o conde de la Unión pensava em avançar até Oms a esquerda da sua linha e julgava ser ahi que o general Dugommier intentava dirigir o ataque principal, as tropas republicanas manobravam no centro com o intento de tomar os reductos e baterias de Montesquiou e La Trompette.

Antevendo que o inimigo tentaria atacar estas duas im-

[1] *Mémoire raisonnée*, etc., pag. 37.

portantes posições, o conde de la Unión ordenava a 30 de abril ao tenente general principe de Monfort que marchasse sem delonga a reforçar aquelles pontos, de cuja conservação estava dependente a segurança do exercito. Ao chegar a La Trompette pôde o general descobrir que os francezes occupavam em grande força a planicie e as alturas dominantes [1].

Ao passo que uma parte das tropas republicanas inquietava a esquerda inimiga e punha em continuo sobresalto o irresoluto e inhabil Mendinueta, uma divisão franceza de seis mil homens de infanteria e mil cavallos, levando á sua frente o general Perignon, que depois foi marechal do imperio, passava sem a minima opposição o rio Tech proximo a Saint Jean de Pagés e Banyuls des Aspres. A brigada do general Martin teve por encargo adiantar-se por marcha forçada ao centro do exercito francez e apoderar-se da excellente posição no cimo dos Albères.

Uma parte da divisão Perignon dirigiu-se a atacar as obras de fortificação em Montesquiou. Era commandante n'este ponto o coronel D. Francisco Xavier Venegas. Contradizem-se as narrativas quanto á maneira por que este official se comportou na defeza da posição, que lhe estava commettida. As relações francezas, de certo por encarecer e exalçar a gloria das armas republicanas, asseveram que Venegas resistiu com extranho valor e tenacidade ao impeto das tropas inimigas e n'este ponto são conformes as narrações dos hespanhoes [2]. Outras versões de officiaes, que serviam com distincção nas campanhas do Roussillon, são contestes em affirmar que foi debil a resistencia contraposta em Montesquiou ao ataque

[1] Officio do tenente general principe de Monfort ao conde de la Unión, na *Gaceta de Madrid*, de 13 de maio de 1794.

[2] *Victoires, conquêtes* etc. *des français*, pag. 440.—Officio do principe de Monfort ao conde de la Unión:

«Envié luego un batallon de refuerzo al coronel D. Francisco Xavier Venegas, que mandaba en Montesquiou, donde este oficial (conocido ya en el exercito por sus superiores talentos y bizarria) estaba haciendo la más vigorosa defensa y la continuó hasta que despues de recibir dos heridas la superioridad de fuerzas y arrojo del enemigo le obligaron a abandonarle».

do inimigo e que as tropas hespanholas se houveram com esmorecido esforço, quasi raiando em covardia [1].

O que é certo é que os hespanhoes não prolongaram a defeza até á derradeira extremidade para que dessem tempo a serem soccorridos com reforços importantes. O tenente general principe de Monfort enviou a D. Francisco Venegas um dos resumidos batalhões das tropas a seu mando, emquanto andava mais acceso o combate em Montesquiou. Mas as forças republicanas eram mais numerosas e ardentes que as dos seus desanimados contendores. O reducto de Montesquiou foi no fim conquistado á arma branca n'um ataque final e impetuoso pelos granadeiros da Republica. O commandante hespanhol D. Francisco Venegas attestou com dois ferimentos recebidos no combate que se não fôra habil ou venturoso na defeza como chefe, não havia deslustrado inteiramente os brios de soldado.

Tomada pelos francezes a altura e fortificação de Montesquiou, era quasi inevitavel o caírem egualmente em seu poder as baterias de La Trompette, que apenas em pouco mais de um kilometro se distanciavam da primeira. A posição de La Trompette ficava situada no recosto da serra de Saint Christophle e era flanqueada pelas obras defensivas de Montesquiou. Repartia-se a posição em duas estancias. Em uma superior, a *Trompette haute*, havia uma boa fortificação de campanha. Na outra, a *Trompette basse*, que demora quasi na margem do rio Tech, a mui curta distancia do Boulou, tinham os hespanhoes um entrincheiramento, que servia de obra avançada ao reducto ou bateria principal. Achava-se artilhada a posição com trinta canhões de todos os calibres e a ser defendida com vigor e perseverança bem podéra resistir por muitas horas

[1] «E com estas forças ás quatro horas da tarde avançou rapidamente o inimigo a Montesquiou e levou á espada esta interessante bateria, que os hespanhoes largaram com cobardia e precipitada fuga, sem que lhes valham para desculpa as extraordinarias forças dos contrarios, quando da conservação d'aquelle posto, que se devia defender até á ultima extremidade, dependia a geral conservação do exercito». *Historia das campanhas no Roussillon e Catalunha*, ms. da academia das sciencias.—*Mémoire raisonnée sur la retraite*, par G. F., pag. 65-66.

ao impulso dos francezes. O general principe de Monfort, havendo por seguro que Perignon o atacaria na sua forte, senão inexpugnavel posição, ordenou que o brigadeiro conde del Puerto com um batalhão do regimento de Mallorca, de que era commandante, e com voluntarios de Catalunha sob o mando do tenente coronel D. Manuel Viana, capitão do regimento de Soria, occupasse uma altura, situada entre a chamada bateria *de las Señales*, e as obras de Montesquiou. Para servir de apoio ao conde del Puerto, guarneceu o brigadeiro D. Pedro de Buck com o seu regimento de dragões de Almansa na sua proximidade um sitio pouco adaptado á cavallaria [1]. O principe de Monfort passou a estabelecer-se com duas bôcas de fogo em um pequeno reducto avançado, que na vespera se havia construido n'uma eminencia á esquerda das primeiras posições. Procurava d'este modo assegurar e proteger a retirada das suas tropas no caso, que tinha já por infallivel, de que os francezes o viessem desalojar do seu posto em La Trompette.

O brigadeiro conde del Puerto, apoiado na sua esquerda por uma força do regimento provincial de Andaluzia, que sob o mando do coronel D. José Lacarrera havia feito parte da guarnição de Montesquiou, sustentou por algum tempo a posição, que lhe fôra confiada. E sendo já sobre a tarde e antevendo o principe de Monfort que n'aquella mesma noite ou no dia seguinte os francezes o viriam commetter, ordenou ao conde del Puerto que fosse com o batalhão do seu regimento de Mallorca e os de Soria e de Valencia estabelecer-se na unica posição, que o inimigo ainda não occupára a pequena distancia de La Trompette. As tropas republicanas guarneciam já a esta sasão todas as alturas circumvizinhas. E quando vinha já raiando a alvorada no 1.º de maio, atacavam os francezes a bateria *de las Señales*, de que promptamente se apoderaram, com mui frouxa resistencia da guarnição, apesar de que na vespera havia sido reforçada com cem homens de infanteria.

[1] A participação official do principe de Monfort diz que era uma quebrada ou barranco.

As tropas inimigas, que coroavam as alturas, desceram a atacar o conde del Puerto, que segundo as relações officiaes dos hespanhoes bravamente se defendeu contra forças superiores durante mais de duas horas, mas ao fim teve de retirar-se pelo caminho de Bellegarde, por onde haveria de effeituar-se a retirada de todo o exercito alliado, segundo o plano traçado pelo conde de la Unión.

Áquelle tempo o brigadeiro D. Pedro de Buck, obrigado pelo inimigo, havia com o seu regimento de Almanza seguido na retirada ao conde del Puerto. Então o principe de Monfort, vendo-se, conforme a sua propria narração, tomado de flanco pelos francezes, que em grande força occupavam as alturas proximas a La Trompette, julgou chegado o ensejo de pôr fim ao combate, desamparando esta posição e marchando na direcção de Bellegarde. Cobria a retirada o batalhão de caçadores *de Castilla* commandado interinamente por D. João Lopez Cantero, e uma força consideravel de cavallaria ás ordens do brigadeiro D. Fernando de Cagigal. Á frente d'esta guarda da rectaguarda marchava o principe de Monfort com o coronel do regimento de Saboya D. Pedro Adorno. O flanco esquerdo, exposto aos fogos do inimigo, era coberto por um grosso piquete do regimento *de España*. D'esta sorte perderam os hespanhoes a posição de La Trompette e abriram ás tropas da Convenção o amplo accesso para impedir que as forças alliadas podessem, ao deixar o Roussillon, retirar-se pelo caminho de Bellegarde. E de feito occupadas pelos francezes La Trompette e Montesquiou, era-lhes facil tornar impossivel ao exercito luso-hispano a retirada sobre aquelle importante ponto fortificado.

Os generaes principe de Monfort e D. Ildefonso de Arias, que dirigiram a defeza de La Trompette, foram criminados com rasão de haverem resistido frouxamente. Se tivessem sustentado a posição por mais algumas horas, teriam permittido que as tropas alliadas se retirassem methodica e ordenadamente sobre a fronteira da Catalunha. Desde que a salvação de todo o exercito dependia de estorvar quanto possivel a occupação de La Trompette pelas forças do inimigo, a obrigação

dos que a estavam defendendo era sacrificar-se heroicamente para salvar a parte principal do exercito combinado [1].

Vejamos agora o que passava no quartel general de Céret á medida que as tropas de Dugommier sobresaltavam novamente na esquerda os alliados e na direita manobravam com mostras de intentar uma operação fatal ao inimigo.

O conde de la Unión via agora bem palpavel o erro commettido em disseminar as suas escassas tropas n'uma cadeia de posições tão extensa como a sua. Ameaçado ao mesmo passo gravemente em um e outro flanco, a nenhum podia guarnecer com forças sufficientes, que evitassem ser um d'elles forçado e rôto por um inimigo audaz, experiente e inflammado pelo prestigio da sua recente victoria de Toulon. Se intentava reforçar um dos pontos ameaçados, era preciso enfraquecer o outro, por onde os republicanos poderiam egualmente dirigir o seu ataque.

Os movimentos do inimigo denunciavam ao conde de la Unión que as forças republicanas iam principalmente concentrar-se sobre Montesquiou e La Trompètte. Reforçou pois as tropas n'estas duas posições com alguns contingentes do Boulou. E como este campo era um dos pontos principaes na linha dos alliados, tirou da ponte de Reynes e de Céret os regimentos portuguezes de Cascaes e de Peniche, para que fossem no Boulou engrossar a sua desfalcada guarnição.

O regimento de Peniche, apenas ali chegado, recebeu ordem de retroceder ao seu antigo posto de Céret e sob o intenso calor do meio dia e havendo perdido já tres noites nas

[1] «O qual (ataque dos francezes á Trompette) lhe não foi vigorosamente disputado, como devera, pelos generaes que o commandavão (ao posto de La Trompette) o principe de Monforte e D. Ildefonso Arias, que antes de tempo e com pouquissima resistencia abandonaram esta bateria com toda a sua artilheria. Escrevo com clareza a pura verdade, que por certo não combina com o que diz o conde da União ao duque de Alcudia... em que a sua grandeza de alma e incomparavel bondade desculpa estes generaes seus inimigos, occultando por ainda politicamente os seus erros ou crimes». *Historia das campanhas no Roussillon e Catalunha.* Ms. da academia das sciencias.

trincheiras, executou a sua marcha de quatro leguas com exemplar disciplina e galhardia [1].

Achava-se no dia 30 o conde de la Unión no seu quartel general de Céret, onde o acompanhava o commandante em chefe das forças portuguezas. Logo de manhã a cada instante lhe chegavam novas de que o inimigo se adiantava em seus ataques ao flanco direito, depois de haver tomado Montesquiou. Em vista das poucas tropas de que dispunha, e das que exageradamente attribuia a Dugommier, julgou tornar-se urgente o convocar a conselho os generaes para que se tomasse conclusão sobre o que em tão apertado trance conviria executar. Repetiam-se as conferencias durante o dia 30 de abril. Se o general em chefe havia já agora por impossivel o conservar as posições de La Trompette, depois de ter caído Montesquiou no poder dos seus contrarios, nem sequer ainda suspeitava que os generaes Monfort e Arias, as defendessem com tão frouxa tenacidade. Debateu-se no conselho, como principal questão, se era urgente evacuar o terreno occupado no Roussillon pelas armas portuguezas e hespanholas. O general Forbes, que desde muito sem que lhe fosssem necessarias largas vistas de estrategico, e sem grande acume de entendimento, prophetizára muitas vezes o que estava acontecendo e o desastre que ía em breve succeder, propoz que para fazer n'um arranque desesperado uma proveitosa diversão ao inimigo, se atacassem os francezes com a maior impetuosidade na posição de Banyuls des Aspres. Por cinco vezes a breves intervallos reiterou Forbes o seu alvitre. O terror assoberbava nos generaes a fria ponderação das circumstancias. Prevaleceu a commum opinião de que nada mais restava senão a retirada, buscando quanto possivel mascaral-a ás vistas dos contrarios.

De todos os chefes hespanhoes, sem exceptuar o conde de la Unión, apenas o quartel mestre general D. Thomás de Morla se encostou ao parecer do general Forbes. Decidiu-se no ultimo

[1] *Historia das campanhas no Roussillon e Catalunha.* Ms. da academia das sciencias.

conselho que se esperassem os resultados dos combates n'aquelle dia e que sendo, como já se podia antecipar, desfavoraveis, se dispozesse a retirada para o 1.° de maio pela noite [1].

Estavam então as tropas de Portugal mui reduzidas, recolhidas nos hospitaes muitas centenas de soldados. Era em abril apenas de 3:842 o numero das praças promptas para o serviço, nas quaes escassamente se approximava de 3:000 o numero de soldados. Cada um dos seis regimentos contava em media 572 praças effectivas de todas as graduações. A artilheria numerava 381 homens, e d'elles sómente 278 eram soldados [2].

Prevendo o que seria uma retirada de tropas tão dispersas por extensa e fraca linha de defeza, com o inimigo já quasi vencedor no centro e flanco direito, o general Forbes expediu immediatamente as ordens mais terminantes ao physico mór do exercito, o doutor João Francisco de Oliveira, para que promptamente se transportassem os doentes para fóra dos hospitaes do Roussillon. Áquelle tempo já o marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha, que mandava os regimentos portuguezes em Céret, tendo por inevitavel um desastre, fizera com acertada e zelosa previdencia conduzir para Junquera e Figueras, na Catalunha, grande parte do material e munições da divisão auxiliar [3].

Os successos occorridos nas posições de La Trompette determinaram o conde de la Unión a antecipar a retirada, effei-

[1] Officio do general Forbes a Luiz Pinto, 25 de maio de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Segundo o mappa official assignado pelo general Forbes, existia em fins de abril a seguinte força na divisão auxiliar:

Promptos, 3:842 dos quaes 2:962 soldados; doentes, 622, dos quaes 517 soldados. Total dos effectivos, 4:477 dos quaes 3:942 soldados.

Esta força distribuia-se pelos differentes corpos do modo seguinte:

Primeiro do Porto, 500 (soldados 376); segundo do Porto, 540 (soldados 424); primeiro de Olivença, 615 (soldados 475); Peniche 614 (soldados 480); Freire, 572 (soldados 451); Cascaes, 591 (soldados 478); artilheria 381 (soldados 278). Archivo do ministerio da guerra.

[3] *Historia das campanhas no Roussillon.* Ms. da academia das sciencias.

tuando-a pela manhã ás oito horas em vez de executal-a em marcha nocturna, mais segura e dissimulada ao inimigo. Os francezes pelas importantes vantagens obtidas haveriam de tornal-a agora impraticavel, se os alliados se não dessem em a realisar a maior pressa. E de feito o inimigo não se limitára a acommetter as posições de Montesquiou e La Trompette, senão que dirigira egualmente uma aggressão impetuosa e decisiva ao campo do Boulou.

A linha dos alliados estava pois irremediavelmente rota no centro e na ala direita, e era facil aos republicanos, como logo depois em parte conseguiram, cortar a linha de retirada sobre a posição de Bellegarde. Tomou o bravo, mas imprevidente general em chefe as disposições, que permittia a estreiteza da occasião, tendo já na rectaguarda o inimigo prestes a atalhar o passo aos seus contrarios.

No 1.º de maio, ao toque da *Diana* ou alvorada, acudira o conde de la Unión ás obras, que defendiam a ponte de Céret, guarnecidas pelo marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha com o regimento de Peniche e o 1.º do Porto, boa parte dos quaes estavam occupando postos avançados. Conhecendo pelo silencio da artilheria nas posições de La Trompette, e pelos repetidos signaes feitos no Boulou, que o inimigo se apossára d'aquelles pontos, expediu sem detença as ordens mais urgentes para que em toda a linha se effeituasse a retirada. E assevera uma testemunha presencial e pouco affeita a elogiar os commandantes hespanhoes, que o general em chefe, na situação lastimosa, em que se achava, não perdeu no minimo ponto a lucidez do seu espirito e a fortaleza do seu animo [1].

Na apertura, porém, das circumstancias não era facil que a firmeza do general se reflectisse nas tropas grandemente desmoralisadas pela violencia do inimigo. Emquanto uma parte dos soldados se aprestavam para a marcha precipitada, como se já vissem vibradas contra si as baionetas inimigas,

[1] *Historia da guerra do Roussillon*, etc. Ms. da academia das sciencias.

outros inutilisavam pressurosos as copiosas munições, lançando-as de sobre a ponte na corrente do rio Tech.

Devia a retirada, segundo o plano traçado pelo general em chefe, effeituar-se methodicamente. As tropas, depois de incendiarem os depositos de viveres e de forragens, passariam o Tech, ou pela ponte de Céret, ou a vau, segundo o permittisse a occasião. Estender-se-iam desde a ponte a Maureillas, formando um cordão por detraz do qual e ao seu abrigo podesse desfilar a artilheria com as pesadas equipagens do exercito. A columna haveria de marchar em direitura ao Col de Porteil, pelo estreito caminho de Maureillas, o só que ainda se julgava livre de francezes. N'aquelle ponto, para assegurar melhor a retirada, havia o conde de la Unión feito construir uma pequena obra de campanha.

As forças alliadas repartiu o general em tres corpos. A ala direita, ou vanguarda, comprehendendo as tropas de Céret e do Boulou era commandada pelo tenente general marquez de Las Amarillas, tendo sob as suas ordens o barão de Kessel e D. Domingos Izquierdo. O centro constituido por tropas de Portugal, obedecia aos marechaes de campo D. Antonio e D. Francisco Xavier de Noronha. A ala esquerda, ou rectaguarda tinha por commandante o tenente general D. Pedro de Mendinueta, com os marechaes de campo D. José de Moncada e conde de Moñino. Junto do general em chefe marchavam o quartel mestre general D. Thomás de Morla, o commandante da artilheria de todo o exercito D. José Autran, e o director de engenheria D. Antonio Sopena.

As tropas, que defendiam o Alto Valespir, sob as ordens do general Forbes, deviam retirar pélos desfiladeiros de Saint Laurent de Cerdans e Massanet para se concentrarem em San Lorenzo de la Muga, onde já dentro de Hespanha existia uma importante fundição de projecteis de artilheria, que era necessario assegurar contra as incursões do inimigo [1].

Vejamos agora como se executou o plano traçado pelo gene-

[1] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, 1 de maio de 1794; *Gaceta de Madrid*, de 13 de maio de 1794.

ral em chefe e como para a maioria das forças alliadas se converteu a marcha retrograda em fuga desordenada.

Conforme a disposição traçada por Unión, a primeira phase ou *momento* da retirada, consistiria n'uma unica manobra, mais facil de conceber que executar n'aquella embaraçosa conjunctura. Desde a posição do Plat del Rey, a pequena distancia de Montesquiou, as tropas teriam de fazer um quarto de conversão sobre Céret. As forças alliadas haveriam de occupar e guarnecer as posições, que no caminho podessem proteger a retirada, e deveriam empenhar-se em acommetter e desalojar os francezes, se porventura as tivessem de antemão senhoreado. Toda a cavallaria, em numero de cerca de seiscentos cavallos, teria de constituir uma forte vanguarda principalmente destinada a conter a dos republicanos, emquanto a columna dos alliados tivesse de atravessar o plaino extenso nas cercanias de Maureillas. O marechal de campo D. Eugenio Navarro, commandava a direita da linha, que comprehendia a villa de Argelès, novamente occupada pelos hespanhoes, e as posições de Collioure, Port-Vendres e Bayniuls-sur-Mer ou de la Marenga junto ao Mediterraneo. Recebeu do general em chefe ordem terminante para que abandonando o posto de Argelès contrahisse aos tres restantes a defeza e expedisse urgentemente pelo Col de Bayniuls a S. Fernando de Figueras os quinhentos cavallos, que ainda se conservavam ao seu mando, antes que os francezes lhes tolhessem o passo no caminho.

Principiou a retirada pela direita, que sob o commando de Amarillas comprehendia a guarnição de Céret e seus postos avançados. Prescrevêra o conde de la Unión que as forças hespanholas do Boulou, commandadas pelos marechaes de campo D. João Miguel Vives e D. Antonio Cornel, marchassem d'ali directamente a Maureillas, abreviando por este modo a sua marcha para a fronteira. Na confusão, porém, que assignalou a retirada ou fuga dos hespanhoes, uma grande porção das suas tropas foi cortada pelas forças inimigas e por ellas aprisionada. Compunha-se de um batalhão de *Guardias españolas,* um do regimento de Burgos, e algumas companhias

do regimento de Valencia, que por guarnecerem as avançadas e distantes posições do Plat del Rey e da ermida de Saint Luc, não tiveram tempo de executar opportunamente a retirada. Computaram-se os prisioneiros em setecentos e setenta e seis, entre os quaes se contava um general, dois tenentes coroneis, cinco capitães, quarenta e nove subalternos, dez cadetes e setecentos e nove officiaes inferiores e soldados [1]. As demais tropas sob o mando de Vives e Cornel, não querendo aventurar-se ao caminho de Maureillas, acceleradamente se dirigiram a Céret e se encorporaram na direita commandada por Amarillas.

Saiu este malaventurado general da sua antiga posição com as tropas, que podéra colligir e seguiu na direcção de Maureillas, levando por exploradores alguns pelotões de cavallaria ligeira destinados a esclarecer o campo na sua frente e no flanco esquerdo. Não muito adiantado em sua marcha, veiu-lhe nova de que o official hespanhol, que commandava em Maureillas a obra de campanha, a tinha desamparado com precipitação reprehensivel, deixando ali toda a sua artilheria, sem que um só tiro houvesse disparado contra a infanteria franceza, que protegida por hussares e dragões baixára da montanha de Saint Christophle a apoderar-se d'aquella bateria. Soube ao mesmo tempo que uma partida grossa de miqueletes inimigos tinha já occupado a villa de Maureillas [2].

Segundo as instrucções, que lhe havia dado o conde de la Unión, incumbia estrictamente a Amarillas o atacar os francezes em Maureillas e desalojal-os da posição, para abrir o passo á columna em retirada. Em vez de arrojarem-se ao inimigo, com quem n'aquella posição o combate não seria desegual, as tropas hespanholas, já desfallecida em grande parte a força moral, e tomadas subitamente de terror, rotos

[1] No officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, já citado, esmavam-se os prisioneiros em cerca de seiscentos. A relação official enviada mais tarde ao seu governo pelo general em chefe dá o numero que vae designado no texto. *Gazeta de Lisboa,* segundo supplemento ao n.° 25, 28 de julho de 1794.

[2] *Historia da guerra no Roussillon e na Catalunha,* etc. Ms. da academia das sciencias.

quasi inteiramente os vinculos militares e perdida a ordenança, se entranharam em fugida pelo mais impervio das montanhas, talhando por ellas em confusão o seu caminho para o Col ou garganta de Porteil. Deixado n'este ponto um destacamento diminuto, marchou Amarillas pela villa de Junquera até Figueras, onde as tropas luso-hispanicas se haveriam de concentrar. Segundo a versão official do conde de la Unión, em que o general em chefe busca justificar o seu triste desbarato e os erros funestos de Amarillas, a desordem, com que se effectuou tão lastimosamente a retirada, foi devida á covardia e insubordinação dos carreteiros, que conduziam a artilheria e as bagagens. Diz-se que assombrados pela presença do inimigo, que ameaçava a cada passo o flanco da columna, cortaram os tirantes, e fugiram com as muares, deixando caídos e atravessados na estreita senda seguida pelas tropas, os reparos e as outras numerosas viaturas [1].

A columna do centro, que constava do regimento de Peniche, e do 1.º do Porto, effeituou ao principio a sua marcha com ordem e segurança, sob o mando immediato do marechal de campo D. Francisco Xavier, que substituia n'este encargo difficilimo o seu collega mais antigo D. Antonio de Noronha, o qual por ordem superior ficára junto ao conde de la Unión.

Segundo as instrucções, que do general em chefe recebêra, deveria D. Francisco, depois de reunir as tropas, que estavam guarnecendo varios postos, esperar que houvessem desfilado a artilheria hespanhola e as equipagens, e com todas as forças do seu commando seguir pela estrada que ía direita a Maureillas. Recommendára-lhe egualmente o conde de la Unión que protegesse as equipagens, e, se fosse durante a marcha acommettido pelos francezes, se defendesse e os repellisse com vigor e buscasse estabelecer a communicação da sua columna com a que na frente marchava commandada pelo marquez de las Amarillas. Cumpriu o general por-

[1] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, na *Gaceta de Madrid*, de 13 de maio de 1794.

tuguez os preceitos do seu chefe. Cerca das nove horas da manhã do 1.º de maio passou o Tech sobre a ponte de Céret, e n'esta povoação fez alto por breve tempo, a fim de que os regimentos recebessem as bandeiras, e se lhes reunissem as guardas da guarnição. Não foi, porém, desde o começo tão livre de inquietação a retirada, que os dois regimentos, o de Peniche, e o 1.º do Porto, não houvessem de abandonar em Céret as suas bagagens.

Pouco estava distante de Céret a columna portugueza, quando, prevendo já o que mais tarde haveria de succeder, o coronel Antonio Franco de Abreu, do regimento de Peniche, representou ao general Noronha a urgencia de que as tropas se entranhassem desde logo nas alturas á direita para se furtarem com menos inconveniencia á perseguição dos inimigos, contra a qual o coronel não confiava na escassissima força portugueza. Conformara-se o general com o conselho do coronel Franco de Abreu, soldado velho e experiente, se não lhe obstára o dever militar de obedecer ás ordens superiores. Continuou pois a columna a sua marcha pela estrada. Duas vezes o coronel Franco de Abreu apertou novamente com instancias e rasões o general, para que se pozesse a tropa em salvo, emquanto o inimigo, ainda não mui proximo, o houvesse de consentir.

O marechal de campo Noronha, apesar de reconhecer quanto eram ponderosas as reflexões do seu subordinado, e quão difficil a conjunctura, quiz antes desattender o que elle proprio corroborava com a sua approvação, do que faltar no minimo ponto ás ordens recebidas. Continuou pois a marcha, havendo por mais honroso e digno para um soldado o aventurar-se a um perigo certo do que infringir os preceitos do seu chefe, em occasião em que o não podia consultar.

Segundo a narração de um escriptor, que servia com distincção como official no regimento de Peniche, o coronel Abreu vendo pela terceira vez desattendidas as suas representações, tomou a seu arbitrio a decisão de internar-se pelas montanhas, levando comsigo tres companhias, e deixando com as restan-

tes as bandeiras [1]. O silencio, porém, das relações officiaes sobre esta grave insubordinação, torna obscuro, senão duvidoso, este successo, o qual, attento o desaccordo que já então lavrava profundamente nas fileiras, e o perigo, que recrecia temeroso, não parece improvavel inteiramente.

Proseguia a marcha da columna, quando pouco adiante do logarejo de Saint Georges, onde existia um hospital, a cerca de dois terços da distancia entre Céret e Maureillas, um ajudante de campo do general em chefe trouxe ao marechal Noronha a ordem peremptoria de deixar ali o 1.º do Porto formado em columna com a frente para a parte do Boulou, donde se temia com rasão que as tropas inimigas, no seu empenho de estreitar como n'um circulo de ferro os alliados, os viriam atacar de flanco durante a marcha. Executada a prescripção, continuou o marechal Noronha regularmente a retirada com o regimento de Peniche, já tão reduzido na sua força que lhe não caberia sem hyperbole o modesto nome de pequeno batalhão. Distava alguns dois a tres kilometros de Maureillas a columna portugueza, quando o conde de la Unión reconheceu que o inimigo, como era facil antever, se antecipára em occupar aquella posição e que d'ali se dirigiam pela estrada contra as forças alliadas, partidas fortes de cavallaria franceza, seguidas por infanteria e alguns canhões. Revogando o que primeiro prescrevêra ordenou que Noronha e a sua gente subissem com presteza as montanhas sobre a direita talhando n'ellas o caminho até Figueras. O 1.º regimento do Porto continuava ainda formado na sua primeira posição, em que seria infallivelmente aniquilado ou caíria prisioneiro do inimigo. Julgou o general portuguez ser da sua obrigação salvar esta porção da sua tropa, e a seu arbitrio, e violando por esta vez com a justificação da necessidade, as instrucções superiores, mandou-lhe por um ajudante a ordem de retirar.

Era tal a incoherencia, que inspirava n'aquella infausta

[1] *Historia da guerra do Roussillon,* etc. Ms. da academia das sciencias.

conjunctura as resoluções do grande quartel general, que indo já as forças portuguezas a trepar os ingremes recostos da montanha, acorreu um ajudante de campo de um general hespanhol a ordenar que se não afastassem da estrada os dois regimentos. Dispunha-se Noronha a executar a ordem intimada, sem comtudo deixar de ponderar que, se começava a embrenhar-se pelas sendas fragosas da serrania, era por que assim lh'o determinára o conde de la Unión. E indo já a dar a voz de meia volta, appareceu n'aquella grande confusão o general hespanhol, que dera a ordem, e ali mesmo a confirmou. O inimigo não cessava de ameaçar o flanco esquerdo aos portuguezes, marchando parallelamente acobertado por uma ruga do terreno, espiando a occasião de lhes cortar o passo e os destuir ou aprisionar. A vista do inimigo occasionou que os dois regimentos, já pouco firmes nas fileiras e ainda menos obedientes á voz dos superiores, se desmandassem a atirar sem ordem dos seus officiaes, que baldadamente se esforçavam em fazer cessar o fogo, em restaurar a formação regular das suas tropas, e em restituir ao commando o seu vigor. Na confusão inextricavel, em que as tropas cerravam os ouvidos a mandamentos ou exhortações, o general Noronha, caíndo do cavallo, ficou deitado em uma moita, d'onde o ergueram alguns officiaes, que o foram amparando na sua marcha, porque as forças lhe faltavam para caminhar a pé desajudado [1]. A retirada haveria certamente desde logo passado a fuga tumultuosa, se não fôra a protecção, que lhe ministrou com o seu regimento o coronel Freire.

O inimigo deixou de inquietar vigorosamente as tropas de

[1] «Eu marchei da trincheira... sempre acompanhei a cavallo, a pé, ultimamente ajudado por dois officiaes, por não ter cavallo, nem pernas...» Carta de D. Francisco Xavier de Noronha a Luiz Pinto, Figueras 13 de julho de 1794. Archivo do ministerio da guerra. *Historia da guerra no Roussillon e Catalunha*, etc. Ms. da academia das sciencias.

«As quaes (descargas dos miqueletes francezes)... espantaram o cavallo do general, que o lançou por terra ficando por motivo do mau trato da queda, deitado em uma moita debaixo do fogo inimigo, com o maior socego de espirito, até que alguns officiaes e soldados, que lhe ficavam mais proximos, o salvaram tomando-o nos seus hombros.»

Noronha, que lá foram proseguindo em sua marcha, buscando no mais agro e impervio das montanhas esconder-se ao forte e audacioso vencedor. E havendo marchado desde manhã mui cedo, chegaram a Junquera ás oito e meia da noite. E porque se deu por certo, que os francezes viriam atacar d'ahi a pouco as forças portuguezas n'aquelle ponto, resolveu o general, ouvido o parecer de Gomes Freire, pôr-se em marcha para Figueras, onde a coberto da sua artilheria poderiam as tropas alcançar algum repouso e prover á sua reformação.

Na desastrosa retirada foi digna do maximo louvor a firmesa e galhardia, com que o regimento de Freire e o seu coronel contrastaram singularmente com a indescriptivel confusão diffundida nas fileiras de Amarillas, e sómente vieram a desordenar-se pelo contagio das foragidas tropas hespanholas.

O coronel Gomes Freire depois de se haver portado dignamente no combate do dia 29, recebeu ordem para voltar á ponte de Reynes e no 1.º de maio ali estava postado ao romper da madrugada. Apoz breve descanso marchou ás cinco horas da manhã para Céret, onde se reuniu ás tropas hespanholas, que ainda ali estavam, e eram um batalhão de *Guardias Walonas*, e um do regimento de Estremadura. D'estas forças tomou o commando superior e mettendo-as em columna de marcha, avançou pelo caminho de Maureillas, por onde egualmente proseguiam as equipagens e a columna principal sob as ordens de Amarillas. O marechal de campo barão de Kessel substituiu depois no commando a Gomes Freire. Chegava apenas toda a força ás alturas que dominam a planicie de Maureillas, quando veiu nova de que hussares francezes haviam já occupado algumas casas d'aquella povoação. O barão de Kessel dispoz as tropas em ordem de batalha, collocando em escalão os batalhões, e dando ao regimento de Freire o logar do centro. Ao rebate de que o inimigo atacava, já vimos que as tropas hespanholas de Amarillas, que marchavam na frente da columna de Gomes Freire, tomadas de improviso terror, debandaram em fuga precipitada, entranhando-se pelo mais aspero das serras sem ao menos terem ouvido ou disparado um unico tiro. As equipagens em tropel

vieram mesclar-se com as fileiras já rotas da infanteria. Ao passo que o panico fazia perder os vestigios derradeiros da coragem e disciplina aos soldados hespanhoes, para a banda do Boulou se divisava uma columna de francezes, cujo numero não excedia a 3:000 com dois esquadrões de cavallaria. Então o barão de Kessel ordenou a Gomes Freire que fosse occupar uma altura proxima á estrada do Boulou, ali se estabelecesse e depois cobrisse a rectaguarda, e protegesse a marcha das grossas equipagens. Tinha o coronel Freire então no seu regimento apenas 281 praças, com que de Arles marchára n'aquelle dia. Era manifesto que o general hespanhol destinava ao bravo portuguez e á sua tropa o posto de honra e lhe ordenava o extremo sacrificio para salvação das forças castelhanas[1]. Occupado o ponto, que o barão de Kessel lhe prescrevêra, ordenou Freire que o regimento formasse logo em linha ou em batalha, alargando as filas muito alem do intervallo regulamentar para que fosse a frente mais extensa. Logo em seguida retiraram o batalhão de *Guardias Walonas* e o do regimento de Extremadura. Apesar de que os soldados de Freire tinham conservado até aquelle instante inalteravel confiança no valor e na pericia militar do seu coronel, o contagio funesto do desanimo depressa contaminou as suas fileiras e os soldados já temerosos e vacillantes, julgando-se irremediavelmente sacrificados como hostias innocentes á imprudencia dos generaes hespanhoes, soltavam inquietos as suas murmurações, como quem se julgava desamparado ao ferro do inimigo pelos seus foragidos alliados. Tirando o coronel Freire da necessidade e conjunctura novo estimulo, correu para junto das bandeiras, e mostrando-as aos soldados como symbolos sacrosantos da honra militar e emblemas venerandos da sua patria, lhes dirigiu em termos familiares e soldadescos, mas energicos e suasorios, ainda que desornados de artificio, uma breve e sympathica allocu-

[1] «Tratava-se de sacrificar alguma tropa para salvar o resto e *se destinavam para este fim os portuguezes por serem fazenda mais barata.*» Officio do coronel Gomes Freire a Forbes, maio de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

ção. «Camaradas, lhes dizia, se os hespanhoes abandonaram o seu campo, é nosso dever mostrar-lhes que um portuguez vale por doze dos seus pouco animosos alliados. Se era grande o perigo, maior haveria de ser a sua gloria. Se queriam, porém, dar egual exemplo de fraqueza e covardia, que se fossem embora deshonrados, e ficaria Gomes Freire só com as bandeiras, e elles passariam pela vergonha de as terem desamparado, deixando que o seu coronel, abraçado a estes sacros penhores da honra patria, fosse á propria vista dos seus feito em pedaços, expiando com o seu sangue a infamia dos seus soldados»[1].

Aos soldados portuguezes, apesar da crescente desesperança que invadia os alliados no Roussillon, ainda os brios lhes sobravam para que não acrescentassem o infortunio com a deshonra. As palavras do coronel avivaram nos seus subordinados a flamma, que nunca se extingue inteiramente nos seus peitos, quando a sabe estimular o valor e o prestigio de chefes estimados. Um soldado, Bento de Sousa, cujo nome é bem que fique memorado, e que recebeu depois o premio d'este feito, achava-se então junto ás bandeiras. Foi elle o primeiro, que em um nobre rebate de esforço respondeu á exhortação, bradando a vozes que não deixaria em desamparo o seu coronel. A mesma declaração foi repercutindo calorosa nas fileiras. Tomou o regimento novamente a mais irreprehensivel formação e como se estivera quietamente n'um campo de exercicio ou de parada, ficou formado em linha ou em batalha com firmeza exemplar, a despeito de que o inimigo acabava de assestar

[1] As palavras proferidas pelo coronel Freire aos seus soldados foram textualmente as seguintes: «Camaradas, se os hespanhoes fugiram, devemos mostrar-lhes que um portuguez vale uma duzia d'elles. Se o perigo é grande tanto maior será a nossa gloria. Porém se vocês querem ser tão fracos e cobardes, como elles, vão-se já a todos os diabos, que eu cá ficarei só com as bandeiras, e vocês passarão pela infamia de as terem desamparado e de deixarem ficar á sua vista em pedaços o seu coronel.» Officio do coronel Gomes Freire a Forbes, maio 1794. Archivo do ministerio da guerra.

«É inexplicavel o valor, com que os soldados (do regimento de Freire) se portaram e o valor, com que Gomes Freire os animava». *Memorias do Roussillon,* carta 5.ª, ms. da academia real das sciencias.

contra os portuguezes duas peças em alturas proximas da estrada. Áquella sasão passava galopando o conde de la Unión com outros generaes e o seu estado maior, e parando por um instante dirigiu palavras de louvor ao coronel Freire, a que elle redarguiu perguntando ao general em chefe o que ordenava. E logo á espora fita, como quem ía buscando salvamento em grande perigo, o conde de la Unión com os outros generaes se foi entranhando nas serranias. Poucos momentos após chegou á frente do regimento portuguez o general Mendinueta, e depois de perguntar a Freire se era hespanhola a cavallaria, que se divisava não longe na planicie, e de ter como resposta que essa tropa era inimiga, seguiu a unhas de cavallo o caminho do commandante em chefe. Ficava o coronel portuguez totalmente desamparado n'um posto perigosissimo com as escassas forças, que haveria de immolar para cobrir a retirada, ou a fuga do exercito hespanhol.

Os francezes, já então a pequena distancia, destacaram da sua cavallaria alguns flanqueadores, os quaes endireitaram a galope para a collina, que ficava á direita do regimento, a fim de reconhecer mais de perto a sua força. Contra elles ordenou o coronel Gomes Freire que saísse um pelotão commandado pelo capitão graduado Leocadio Maria Anderson, com os alferes Francisco Claudio Blanc e Jacinto Antonio de Moura. Acommettidos com vigor os cavalleiros inimigos, retiraram promptamente. N'esta refrega pereceu de puro cansaço, ou de uma queda, segundo outra versão, o alferes Moura, expungindo nobremente a nota de menos animoso, com que em outra não tão grave occasião tinha sido pelos seus superiores assignalado.

Áquelle tempo os francezes, estimulados pela triste retirada dos contrarios, redobravam na perseguição. A sua artilheria avançára para tornar mais seguros e mortiferos os tiros. As pontarias, incertas a principio, corrigiam-se e os fogos multiplicavam-se, fazendo ricochetar as balas na frente do regimento. Tornava-se a cada instante mais perigosa, quasi desesperada a conjunctura. No caminho de Maureillas era extrema a confusão, jaziam desamparadas as viaturas, fa-

zendo impraticavel todo o transito. A honra militar não padecia, se Freire na presença de tropas superiores em numero e em força moral, retirasse para uma altura á rectaguarda. Retirou effectivamente. Executou a evolução com a maior celeridade e boa ordem. Começavam então de apparecer o 1.º regimento do Porto e o de Peniche, que de Céret haviam marchado e se encaminhavam para as montanhas, com o intento de furtar-se ao alcance do inimigo. Alguns esquadrões francezes marchavam a esse tempo dispostos a atacar a infanteria portugueza. Julgou então o coronel Freire ser n'aquelle dia o destino seu e da sua gente o immolar-se com gloria immarcessivel á salvação dos outros dois regimentos. Da nova posição, onde formára, avançou sem dar um tiro. A cavallaria franceza arreceiando-se de ser tomada de flanco pela tropa de Gomes Freire, fez alto na planicie. O 1.º regimento do Porto e o de Peniche ganharam as alturas e entranharam-se nas serras, protegidos e acobertados pela audaz resolução do regimento de Freire, que firme e em batalha se conservou emquanto os seus camaradas portuguezes avançavam. Marchou logo em seguida o coronel Freire vagarosamente com a sua tropa até á altura proxima na rectaguarda da sua antecedente posição. E tornando a metter em linha, fez tocar á assembléa para que recolhesse a força commandada pelo capitão graduado Anderson, e assim retrogradando successivamente de eminencia em eminencia com perfeita ordem tactica e animo imperturbavel, ganhou a altura derradeira e n'ella novamente formou em batalha o seu regimento, até assegurar-se de que seguinde o caminho de Col de Porteil estava posta a salvamento a columna formada pelo 1.º do Porto e o de Peniche [1]. E por que estava concluido o

[1] Da maneira firme e perigosissima, com que o regimento de Freire protegeu quanto era em seu poder a retirada ao regimento de Peniche e ao do Porto, dá honroso testemunho o marechal Noronha, escrevendo a Luiz Pinto: «O coronel Gomes Freire fez *bonne contenance*». Carta de Noronha a Luiz Pinto, 13 de julho de 1794. O auctor da *Historia da guerra no Roussillon*. Ms. da academia, escreve em elogio de Gomes Freire as seguintes palavras: «As tropas portuguezas (de Noronha) principiaram pois a desfilar para o flanco direito e subiram até uma altura, onde se

encargo honroso e perigosissimo de proteger a retirada áquellas tropas, na sua rectaguarda seguiu pela mesma estrada de Maureillas o regimento de Gomes Freire. A cavallaria franceza ficou immovel no seu primeiro posto. A artilheria, porém, ainda fustigava com os seus fogos o regimento, sem causar perda sensivel nas fileiras. Proseguia a columna ordenadamente a sua marcha, quando nas alturas da esquerda appareceram pouco numerosos atiradores, que fóra do alcance de fuzil malbaratavam os seus fogos. Os tiros disparados, ainda que sem effeito, vieram dar funestissimo rebate em tropas já dispostas ao sobresalto e ao terror. Os soldados hespanhoes que iam dispersos e fugitivos pelas quebradas, principiaram a atirar sem ordem nem destino, e precipitando-se em grandes e confusas multidões sobre o valle, por onde ia avançando a columna portugueza, foram o fermento, que n'ella introduziu a indisciplina e o pavor.

Os hespanhoes, como uma *avalanche* temerosa descida das montanhas, rompiam a columna em muitos pontos, mesclavam-se, desconcertando-as, as filas pouco firmes, e faziam degenerar n'uma confusa congerie de homens, quasi todos já sem armas, o que até ali houvera sido ordenada formação de tropas regulares e disciplinadas. Em vão os officiaes dos regimentos portuguezes com a palavra, com a acção, e com o exemplo se esforçavam por manter em ordem regular os seus pelotões. Os soldados, perdida inteiramente com o terror a subordinação, disparavam os seus tiros ao acaso, por mais que o proprio general D. Francisco de Noronha, e os commandantes dos regimentos clamassem incessantes, e buscassem restaurar alguns restos de firmeza e sangue frio. N'este ponto o que havia sido marcha retrograda descaíu inteiramente em fuga desordenada. Os regimentos romperam-se e dispersaram-se, buscando cada qual dos individuos escapar, como podesse, á perseguição do inimigo. Já não houve mais do que empenhar-se cada qual em fugir ao ferro vencedor. Os

achava galhardamente postado em batalha o regimento de Freire, que até ali havia marchado sobre si e fazia frente a peito descoberto ao fogo da artilheria, que os francezes haviam avançado da Trombeta...»

soldados arremessavam o armamento e as mochilas e trepavam com incerta fortuna os alcantis e penedias, caindo aqui, erguendo-se acolá, para se pôr em cobro açodadamente no coração das serranias. Aquelles que a doença ou a debilidade fazia pôr em falso um inseguro pé, sem remedio se despenhavam pelos barrancos e precipicios das montanhas; muitos subiam arrastando-se como reptis, onde a agrura da cordilheira não consentia passo humano [1].

Desesperando o coronel Freire de que em meio da gêral desordem e confusão podesse formar e pôr em ordem o seu regimento, ordenou ao capitão graduado Anderson, que ainda junto conservava o seu pelotão, e com elle fazia a guarda das bandeiras, que se pozesse em marcha accelerada, emquanto Gomes Freire com esforços sobrehumanos procurava reunir alguma gente.

Eram quatro horas da tarde, quando uma parte do regimento sem ordem tactica, e em desordenada multidão fazia alto junto á ermida de Notre Dame de Sailles. Ali, fazendo tocar á assembléa, conseguiu o coronel reunir sessenta homens e passando com elles a fronteira chegou ás nove horas da noite á villa de Junquera. Já ali encontrou o marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha, com a parte, que do regimento de Peni-

[1] «E como o inimigo vinha apressadamente sobre nós, seguimos o mesmo destino que os hespanhoes fizeram, que foi, debandando, trepar pelas montanhas, a fim de escaparmos do inimigo.

«Finalmente n'este lance só lembráva correr e trepar e ver não escapasse algum pé, porque escapando, infallivelmente arrebentava qualquer que subia; e para melhor se trepar ás altas e asperas montanhas, deixavamse armas e mochilas, importando a cada um unicamente livrar o individuo e eu como a minha arma é sómente espada, não me embaraçou a mochila, e com effeito fiz muito bem de cobra pelos montes, e seja Deus louvado, vim finalmente a salvamento, o que não aconteceu a todos, porque alguns arrebentaram, outros que vinham mal convalecidos, não podiam trepar e lá ficaram, ou mortos ou prisioneiros, assim como aconteceu a todos os carros, em que vinham os doentes.» Carta do cadete Luiz Antonio de Salazar a um seu parente, 21 de maio de 1794, em um volume com o titulo de *Memorias do Roixillon* (sic) *extrahidas de muitas cartas originaes, que do mesmo sitio se escreveram a differentes pessoas da capital e de outros papeis authenticos*. Ms. da academia real das sciencias.

che e 1.º do Porto podéra colligir, entranhando-se, á rectaguarda de Bellegarde, pelas sendas e desvios mais reconditos nas empinadas alturas dos Pyreneus.

Reunidos em Junquera os tres corpos e ordenados, segundo era possivel com tropas extenuadas de fadiga e de animo desfallecido, ás dez horas da noite partiam aquellas reliquias da divisão auxiliar para a praça de Figueras, que se havia destinado para a sua concentração e aonde chegaram no proprio dia da retirada.

Narremos agora brevemente o que succedeu ás forças, que sob o mando immediato do general Forbes guarneciam o Alto-Valspir.

Apenas resolvida a retirada, logo o general em chefe das forças portuguezas, expediu ordens urgentes aos officiaes que commandavam os postos de Fort-les-Bains, Montbolo, Torre de Battère, Arles e Prats de Mollo, para que tendo inutilisado as munições e encravado a artilheria, que não fosse possivel transportar, se recolhessem ao quartel general com as suas tropas. Reunidos pois em Arles os regimentos portuguezes, 1.º de Olivença e 2.º do Porto com a força de 969 praças, os batalhões hespanhoes de Malaga e Valspir, a companhia de gastadores do general em chefe, e a força irregular de contrabandistas indultados, operou Forbes a retirada até Saint Laurent de Cerdans, que era o ponto destinado á reunião. Ali chegou com as forças do seu commando a 2 de maio ás cinco horas da tarde, e no dia seguinte proseguiu a sua marcha a S. Lorenzo de la Muga para cobrir e defender a importante fundição ali estabelecida.

Executou-se a retirada pela maior agrura das serranias, levando as tropas a sua artilheria ligeira, as suas bagagens e transportando a maior parte dos enfermos. Não foi porém possivel conduzir sessenta praças, que em Arles existiam no hospital, e pela graveza de seus achaques não podiam sem imminente risco deslocar-se. A esses deixou commettidos a um ajudante de cirurgia, e n'uma carta os recommendou em termos expressivos á humanidade generosa dos generaes e chefes inimigos, os quaes bizarramente satisfizeram os desejos do

general portuguez [1]. E apesar da grande precipitação, da ausencia quasi total de expeditos meios de transporte, nem um só doente ficou pelo caminho.

De todas forças as alliadas, que desampararam o Roussillon para se acolherem á Catalunha, foram as do general Forbes as que realisaram sem romper a disciplina e a boa ordem a sua difficil marcha pelas montanhas. O animo sereno com que Forbes commandou as suas tropas em tão angustiosa conjunctura, bem mereceu os encomios, que lhe votou o general conde de la Unión [2].

Chegado a S. Lorenzo de la Muga ali se demorou o general Forbes para cobrir e defender a fundição. No dia 4 de maio depois de receber ordem expressa do conde de la Unión teve de retirar para a praça de Figueras, quinze kilometros distante da antecedente posição, levando comsigo as forças portuguezas e a companhia de gastadores do general em chefe. Ficaram em S. Lorenzo de la Muga algumas tropas hespanholas, tendo por encargo defender aquella importante manufactura.

As perdas padecidas em material de guerra foram tão consideraveis, como era de antever em tão desastrosa retirada. Deixou o exercíto alliado nas mãos do inimigo 120 peças de calibres variados, numerosos morteiros e obuzes, quasi todas as viaturas com grande copia de munições, as bagagens dos regimentos, e os viveres, de que estavam as tropas bem providas n'aquella desgraçada occasião. Os regimentos portuguezes, que marcharam na columna de Amarillas,

[1] Noticiando Forbes a Luiz Pinto, o ter fugido de Perpignan o cirurgião ajudante do regimento de Freire, encarregado dos sessenta enfermos, e referindo-se ás informações que lhe dera este facultativo, escrevia: «Diz o mesmo ajudante que os francezes trataram muito bem os doentes».

Officio de Forbes a Luiz Pinto, 18 de junho de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Providencié al mismo tiempo que las tropas, que guarnecian el alto Vallespir se retirasen por S. Lorenzo de Cerda y Masanet y que se reunisen en la fabrica de S. Lorenzo de la Muga, cuyos encargos desempeñó completamente el general en jefe portugués el teniente general D. Juan Forbes». Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, *Gaceta de Madrid* de 13 de maio de 1794.

perderam inteiramente as suas bagagens e grande parte da sua artilheria, que ficou pelo caminho. Salvaram-se, porém, seis peças de campanha e um obuz, que o tenente Francisco Duarte da Fonseca Lobo, do regimento do Alemtejo, pôde fazer transportar com improbo trabalho pelo mais aspero e impervio das serranias [1]. O armamento, munições e mais effeitos militares perdidos pelos regimentos portuguezes na retirada, foram em numero consideravel. Muitos dos soldados, por se aligeirarem para a fuga, não sómente deitavam fóra as espingardas, senão tambem as baionetas, os chifarotes usados então pelos granadeiros, e os artigos de equipamento. As sendas, por onde se ia escapando furtivamente aquella desordenada multidão, ficavam marcadas nas montanhas por aquelles tristissimos despojos, testemunhas de que a indisciplina e o terror haviam mudado tropas regulares em tropel de fugitivos desesperados. De todos os regimentos de Portugal o que mais se distinguiu em abandonar as armas, as patronas, o correame, os capotes, as mochilas, e os tambores, foi o regimento 1.º de Olivença. O regimento 2.º do Porto foi o que menos se despojou. O de Freire algum tanto mais pelo caminho deixou do seu armamento e munições [2]. Da artilheria portugueza de campanha perderam-se na retirada cinco peças de calibre 3 e um obuz de 6 pollegadas, e a custo de esforços inauditos e gravissimas difficuldades alguns officiaes artilheiros do regimento de Valença conseguiram salvar os canhões, que na retirada commandavam. Eram aquelles briosos militares, Francisco Pedrosa Barreto, Manuel Ribeiro de Araujo, José Manuel de Queiroz e Domingos José de Sousa [3].

O numero de baixas padecidas pelas tropas de Hespanha foi

[1] *Memoria dos successos da guerra*, etc. por F. D. F. L. V, pag. 35.

[2] Segundo a relação official do general Forbes, as armas portateis e os effeitos que se perderam na retirada, foram : 816 espingardas, 820 varetas, 844 baionetas, 29 caixas de guerra, 841 patronas, 256 chifarotes, 952 boldriés, 365 bainhas, 1:378 mochilas, 631 marmitas, 1:055 casacões (capotes), 71 machados.

[3] *Memoria dos successos da guerra dos Pyreneus orientaes* por F. D. F. L. V. 1797, pag. 35.— *Memorias do Roixillon,* (sic), carta 1.ª, ms. da academia real das sciencias.

certamente consideravel, ainda que nunca pôde exactamente computar-se. A politica militar seguida em similhantes occasiões empenhou-se em rebaixar os algarismos. Póde porém affirmar-se com segurança haverem sido numerosas as praças, que ou pereceram ao fugir em desordem pelas montanhas, ou ficaram extraviadas ou caíram em poder do inimigo animoso e estimulado pelo brio e insolencia da victoria [1].

Se pomos fé nas relações officiaes, a perda experimentada pelas tropas de Portugal na columna commandada pelo marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha, foi diminuta. Apenas morreram de bala dois soldados do regimento de Peniche, e ficou ferido um do regimento de Gomes Freire [2]. Se havemos de acreditar as narrativas dos vencedores, os alliados, principalmente os hespanhoes, deixaram no campo de batalha, e nas serras durante a retirada, grande numero de mortos e de feridos, e tiveram approximadamente dois mil prisioneiros [3].

Raras vezes a historia militar consignou tão lastimosa retirada. As legiões de Varo e as de Crasso, desfeitas ás mãos dos germanos e dos parthos, deixaram nos fastos da cidade conquistadora uma tão indelevel mancha, que ficou proverbial, e que as aguias imperiaes conseguiram mais tarde se não expungir, ao menos gloriosamente vindicar. A retirada do 1.º de maio, que só teve egual ou similhante no enorme desbarato de Rosbach, prenunciou as victorias successivas dos exercitos francezes no territorio das Hespanhas, até que o rei catholico se acurvasse finalmente pela paz de Basiléa á vontade irresistivel da omnipotente Convenção.

Mais do que um decennio decorreu antes que os soldados francezes do primeiro Napoleão expiassem nos desastres da

[1] *Historia da guerra no Roussillon e na Catalunha*, por Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, ms. da academia real das sciencias.

[2] Officio do marechal de campo D. Antonio de Noronha ao general Forbes. Figueras, 2 de maio de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[3] «La perte des Espagnols fut très-considérable; ils laissèrent sur le champ de bataille et dans les montagnes un grand nombre de morts, et près de 2:000 hommes dans les mains de leurs ennemis». *Victoires, conquêtes*, etc., *des français depuis* 1792, tom. I, pag. 441.

Peninsula as ephemeras victorias dos seus antecessores e os guerreiros peninsulares de 1814 offuscassem na luz da sua gloria a macula das bandeiras portuguezas e hespanholas.

Ao opprobrio de que um exercito, pouco numeroso na verdade, deixasse em um só dia a parte do Roussillon a preço de tanto sangue adquirida, á lastima de uma fuga tumultuosa e quasi geral, vieram acrescentar-se os lamentaveis successos consequentes a uma tão anarchica e extemporanea retirada. As tropas francezas irregulares, os miqueletes, gente indisciplinada, e mais propensa ás cruezas do que ás regradas operações da guerra, para quem a commiseração e a piedade eram importunas conselheiras, deram largas aos durissimos instinctos, que animavam a plebe armada e inculta das montanhas. Muitos dos enfermos hespanhoes desamparados pela fuga dos seus na serrania, caíram victimas do cego furor e da estupida vingança. Muitos dos mesmos portuguezes e hespanhoes, que foram prisioneiros, não lograram a vida sem que dos miqueletes primeiro padecessem duros tratos[1].

A devastação e o incendio vingaram nas proprias povoações do Roussillon, desamparadas já dos alliados, o delicto de haverem visto fluctuando nos seus muros o pavilhão do rei catholico. Dos francezes moradores os que directa ou indirectamente se haviam declarado favoraveis ás armas hespanholas e manifestado sentimentos realistas, foram mais ou menos severamente maltratados pelos indisciplinados miqueletes. Em Céret, onde fôra mais longa a permanencia das tropas alliadas, algumas sevicias executaram os francezes nos habitantes, e com similhantes severidades celebraram a victoria da Republica em outras povoações do seu mesmo territorio. O que porventura mais contribuiu para exacerbar os inevitaveis males de uma guerra duradoura com as novas calamidades, que feriram os pacificos moradores, foram as violencias inaudi-

[1] O intendente dos transportes na divisão auxiliar, José Placido Fortier, caíndo em poder dos miqueletes, não escapou sem grande risco á bruteza de tão feros inimigos. *Historia da guerra no Roussillon e na Catalunha*, ms. da academia. *Memorias do Rotxillon* (sic.), carta 1.ª, ms. da academia real das sciencias.

tas perpetradas pelas tropas hespanholas durante a sua marcha. A disciplina militar não fôra desde algum tempo a qualidade preeminente dos soldados no Roussillon. E ainda mais diminuiu, e totalmente se perdeu, quando no 1.º de maio os batalhões, desamparados da menor sombra de commando, na sua fuga foram passando como um turbilhão devastador pelas povoas e casaes.

Assim, muitos soldados entre os proprios, que não sabendo combater haviam deshonrado as glorias patrias e as heroicas tradições do seu exercito, foram deixando na retirada um rasto de sangue e assolação, e coroaram com o roubo, o incendio, e o homicidio dos mal afortunados camponezes a infamia do seu procedimento na fuga precipitada. As tropas de Portugal, que ou sem quebra mantiveram os vinculos militares e a obediencia aos superiores ou sómente mais tarde que os hespanhoes se contagiaram da sua desordem e terror, com elles contrastaram singularmente na temperança e moderação, apesar de haverem perdido inteiramente na retirada os seus haveres [1].

Depois da mais deploravel retirada, em que a inepcia dos generaes havia emparelhado com a indisciplina e o pavor do exercito, consolava-se o general em chefe conde de la Unión, com dizer ao seu governo que os generaes e tropas hespanholas se haviam mostrado benemeritos, porque sendo tão exiguas em sua força, e tão dilatada a linha, que por dez leguas occupavam, restando para a marcha um só caminho, tendo

[1] «Direi para gloria do desinteresse portuguez que os nossos soldados se comportaram com tanta bizarria que na occasião em que acabavam de tudo perder, encontrando pelas estradas os cofres abertos, e sem dono, nem um só se aproveitou do menor effeito.» *Historia da guerra no Roussillon e na Catalunha*, por Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, ms. da academia.

«. . . como escape o corpo, o mais (a bagagem) não se me dá, o que não succedeu aos soldados hespanhoes, que por serem os maiores ladrões que ha, até n'estas occasiões de combate se aproveitam de tudo, como são cavallos, . . . fato, porcos, bois, carneiros, etc. Entram pelas casas dos povos quando chega o inimigo, como agora fizeram, roubando-lhes tudo quanto podem, e vem carregados como uns ouriços. . .»

Memorias do Roussilon, carta 7.ª, ms. da academia real das sciencias.

por veredas os empinados alcantis dos Pyreneus, sendo além d'isso a hora a mais perigosa, as oito da manhã, e havendo de arrostar o orgulho do inimigo, a alcance de fuzil, se havia realisado quanto humanamente se podéra effeituar [1]. Faltou apenas ao conde de la Unión, pedir para si as honras solemnes do triumpho e para os seus subordinados a gratidão da patria.

Seria faltar ao dever da imparcialidade historica o carregar exclusivamente á imperícia do general em chefe toda a culpa do grandissimo desastre. Faltavam ao supremo chefe do exercito alliado os predicados de estrategico insigne e consummado, se bem lhe sobejava a galhardia e bravura pessoal. Uma parte, certamente a mais crescida, na responsabilidade pelo triste successo do Roussillon, é rasão attribuil-a aos deploraveis elementos, de que eram constituidas as forças hespanholas do seu commando. A contínua desharmonia entre os generaes, mal soffridos de extranha supremacia, a frouxidão e negligencia dos chefes inferiores, e a indisciplina e a relaxação dos vinculos militares, tornada norma habitual para os soldados, a crescente desorganisação das tropas castelhanas, reflectindo nas fileiras a anarchia do commando, cooperaram activamente no lastimoso desenlace da campanha.

O conde de la Unión, chegando ao exercito, apenas cinco dias antes do terrivel desbarato, mal poderia, ainda que lhe valesse a genial inspiração de um Frederico II, nas suas mais difficeis conjuncturas perante os alliados, operar regradamente com um exercito desmoralisado a sua marcha retrograda para a Catalunha [2].

[1] «En debido elogio de los generales, oficialidad y tropa, aseguro al Rey, que dudo se pueda hacer más de lo que se executó con su corto número repartido en 10 leguas, sin más camino que uno, ni otros senderos que las elevadas asperezas del Pirineo, contra el orgullo enemigo, lo inoportuno de la hora (8 de la mañana), su proximidad al tiro de fusil en el acto mismo de la retirada, y la proporcion de lograr con pequeña travesia cortar nuestros indispensables rodeos». Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, na *Gaceta de Madrid,* de 13 de maio de 1794

[2] «. . . Mais que tudo originaram a desordem a imperícia e desunião de certos generaes, a frouxidão e poltroneria dos officiaes particulares, — não allando nos extrangeiros a soldo da nação, — o que nada podia remediar um general em chefe, que havia cinco dias tomára as redeas do governo

Era bem tenue desconto ao grandissimo desastre padecido pelas armas de Carlos IV, que ainda em alguns pontos do Roussillon se hasteassem as bandeiras hespanholas. E de feito as praças de Bellegarde e Collioure e os pontos fortificados de Banyuls e de Port-Vendres, continuavam defendidos pelas suas guarnições. Mas aprestava-se o vencedor a libertal-as em breve tempo do poder do rei catholico.

E de feito não seria necessario que á frente das tropas republicanas estivesse um general tão ousado e emprehendedor como Dugommier, para que promptamente aproveitasse as vantagens obtidas contra as forças inimigas. A primeira operação das armas francezas foi pois dirigida a occupar um ponto importante na Catalunha. A povoação de S. Lorenzo de la Muga ficára guarnecida por uma diminuta força de hespanhoes. Seria empreza facil a sua immediata occupação. Ordenou Dugommier ao general Augereau, que depois foi marechal do imperio, que subindo o valle do Tech nas cercanias de Prats-de-Mollo, marchasse pelas montanhas de Saint Laurent de Cerdans, e atacasse os hespanhoes.

A 6 de maio o general Augereau com quatro mil francezes apparecia diante de San Lorenzo de la Muga. Era a povoação mal resguardada por antigas muralhas. Era tão desproporcionada a força dos atacantes á dos que defendiam a posição, que depois de breve resistencia os francezes se apoderaram da villa e da fundição, onde existia n'aquelle tempo grande copia de projecteis de artilheria [1].

e o commando de um desorganisado corpo, falto de proporções, de regularidade, de ordem, de disciplina, e em que a insubordinação e desintelligencia, fomentadas pela inveja e discordia, só poderiam produzir monstruosos effeitos.» *Historia da guerra no Roussillon*, etc., por Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, ms. da academia das sciencias.

[1] *Victoires, conquêtes*, etc., *des français depuis* 1792, tom. I, pag. 441–42.

CAPITULO VIII

OS SUCCESSOS POLITICOS

Emquanto o general Dugommier se dispõe a proseguir audazmente a invasão no territorio da Hespanha, e o conde de la Unión, no meio das angustias produzidas pelo seu lastimoso desbarato, se concentra sobre Figueras com as tropas desorganisadas, vejamos qual era a feição, que íam tomando em Portugal os negocios politicos e as relações internacionaes.

É superfluo o historiar a tristissima impressão, que nos animos haviam causado as ultimas noticias do completo desastre no Roussillon. Apesar de que na *Gazeta de Lisboa* appareciam apenas as narrações officiaes da retirada, e n'ellas se escurecia quanto possivel a gravidade e a extensão d'aquelle infaustissimo successo, a opinião publica harmonisava-se naturalmente com as lastimas sentidissimas e com as profundas desesperanças, que inspiravam as noticias particulares, desde o theatro da guerra enviadas a seus parentes e amigos pelos militares do Roussillon.

A côrte e o governo viam com olhos cada vez mais temerosos as victorias crescentes da Republica e o prospecto de que as armas terriveis da Convenção, antecipando-se ás do primeiro Bonaparte, chegassem d'aquella vez até Lisboa.

Os espiritos liberaes e interessados vivamente na fortuna da Revolução, perdoavam porventura a humilbação das armas portuguezas para sómente applaudirem os triumphos, que suppunham alcançados pela França no seu empenho de tornar universal a democracia. O governo de Lisboa, agora mais que no principio da Revolução, se mostrava receioso de que as scentelhas, que emanavam de París, viessem estimular nos animos descontentes uma perigosa conflagração. Escrevendo o ministro dos negocios extrangeiros e da guerra ao plenipotenciario portuguez na côrte de Madrid e ponderando ser inexequivel conceder o augmento, que na divisão auxiliar solicitava com instancia o gabinete de Madrid, adduzia, alem de outras rasões, que era forçoso manter na capital uma numerosa guarnição para assegurar a ordem publica e reprimir as expansões de liberdade, com que *espiritos fogosos e turbulentos* (era a litteral expressão de Luiz Pinto), a quem a novidade sempre costumava seduzir, poderiam perturbar a domestica paz e a obediencia á monarchia. Não podia a soberana, acrescentava o ministro dos negocios extrangeiros, desviar do reino mais um soldado, sem que viesse a causar em seus estados uma grave perturbação, e sem expor a monarchia a uma convulsão violentissima, que em tempos tão calamitosos e tão criticos a prudencia do governo devia a todo o custo precaver e obviar. Cumpria ao mesmo passo, escrevia o estadista portuguez, expedir tropas ás ilhas adjacentes, com particularidade á da Madeira, onde urgia suffocar os germens de insurreição, que ali ameaçavam a soberana auctoridade [1].

[1] «Que tinha de mandar tropas ás ilhas, especialmente á da Madeira, onde era necessario suffocar alguma semente de discordia, que ali se tem divisado... tem de conservar uma guarnição numerosa na capital para conservar n'ella a devida tranquillidade e *para conter ao mesmo tempo a liberdade de alguns espiritos fogosos e turbulentos,* a quem toda a novidade costumou sempre agradar... não póde condescender com os desejos do governo hespanhol sem que venha a pôr os seus estados não só em desarranjo, mas em *uma convulsão violenta, que toda a prudencia deve afastar em tempos tão criticos, como calamitosos.*»

Officio de Luiz Pinto ao ministro portuguez em Madrid, Diogo de Carvalho e Sampaio, 31 de maio de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

E de feito, pouco tempo depois o governo concentrava tropas nas cercanias de Lisboa, mandando vir das provincias, os regimentos de cavallaria de Santarem, de Elvas e de Campomaior, que respectivamente se aquartelaram em Oeiras, Belem e Aldea gallega [1]. Mais tarde chegava o regimento de infanteria de Almeida, e ia alojar-se na Ajuda junto ao quartel do regimento de cavallaria de Mecklemburg [2], e depois d'elle o de infanteria de Campomaior vinha render o 2.º de Olivença, que regressava á sua guarnição habitual [3].

Não confiando inteiramente no poder das armas temporaes para conter os inimigos externos e interiores e para conjurar a tremenda tempestade que se ia acastellando, recorria a corte de Lisboa aos subsidios espirituaes. O patriarcha, n'uma sua pastoral ordenava que em todas as igrejas da sua jurisdicção se fizessem préces publicas nos primeiros domingos de cada mez, para invocar o celeste patrocinio na dolorosa conjunctura [4].

Se o gabinete de Lisboa se temia dos progressos, que poderia fazer em Portugal a idéa revolucionaria e democratica, ainda mais se arreceava das tremendas represalias, que, exhaurida a paciencia e desapressada de mais poderosos inimigos, haveria a Convenção de infligir a Portugal. Por então as relações internacionaes permaneciam n'esse estado medio, obscuro e indeciso, que nem offerece seguranças de paz, nem se manifesta abertamente pelo estrepito da guerra. Podia affirmar-se com verdade que Portugal a fazia nos Pyreneus contra a França, mas a Republica ainda se não resolvêra a declaral-a formalmente a Portugal.

As communicações diplomaticas entre os dois paizes continuavam interrompidas sem esperança de melhor intelligencia. O secretario da legação portugueza, José Antonio dos Santos Branco, ainda que sem nenhum caracter official, permanecêra em Paris, e desde ali continuára a dirigir ao ministro portu-

[1] *Gazeta de Lisboa,* n.º 36, de 1794.
[2] *Gazeta de Lisboa,* primeiro supplemento ao n.º 39, de 1794.
[3] *Gazeta de Lisboa,* primeiro supplemento ao n.º 44, de 1794.
[4] *Gazeta de Lisboa,* n.º 36, de 1794.

guez dos negocios extrangeiros as suas cartas, que não chegavam ao seu destino, por serem interceptadas nas estações postaes da Republica franceza.

Lastimando o longo silencio do seu agente, em vão se empenhava Luiz Pinto em que por intervenção do governo hespanhol podesse fazer expedir até París a correspondencia de Lisboa [1]. Sómente sendo já decorrido largo tempo, o ministerio portuguez, recebendo de París os officios interceptados, pôde conhecer o que ali se havia passado com os dois secretarios do seu ultimo embaixador.

A Convenção nacional a 6 de setembro de 1793 determinára por um seu decreto que todos os naturaes de paizes declarados inimigos da Republica franceza fossem expulsos do territorio ou encarcerados, se dentro do praso assignalado não tivessem obedecido á intimação. Exceptuavam-se unicamente os que embora subditos de potencias belligerantes contra a França, houvessem dado provas inequivocas de civismo e devoção pelos principios democraticos da Republica. A esses extrangeiros considerava-os a Convenção como se foram cosmopolitas e cidadãos da republica universal, que a França procurava estender a todos os estados e regiões. E muitos d'elles com fé enthusiasta nas crenças republicanas participavam nos movimentos populares d'aquelle tempo, eram membros dos clubs e secções, e alguns d'elles, como Thomás Payne e Anacharsis Clootz, chegavam a ter assento como representantes do povo nos bancos da Convenção.

Henrique Roberto Tommasini fôra secretario particular do antigo embaixador portuguez D. Vicente de Sousa Coutinho, e ficára em París encarregado de liquidar o seu espolio. Era Tommasini adverso no intimo das suas opiniões monarchicas ás doutrinas e aos actos da Revolução, e parece que uma ou outra vez não recatára, como convinha, no sacrario da sua consciencia, os seus juizos ácerca da Convenção, a qual não

[1] No officio de Luiz Pinto ao enviado em Madrid, Diogo de Carvalho e Sampaio, no 1.º de setembro de 1793, recommendava-lhe o ministro visse se era possivel que o governo hespanhol tivesse meio de fazer chegar a Tommasini os seus despachos officiaes. Archivo dos negocios extrangeiros.

soffria pacificamente as mais veniaes contradicções. Persuadira-se a suspicaz assembléa de que muitos forasteiros residentes em París com inoffensivas apparencias, e com o rebuço de amigos devotados á causa republicana, eram adrede subsidiados e mantidos por governos extrangeiros, ou belligerantes ou neutraes, para que buscassem perturbar, quanto podessem, a acção do governo revolucionario e fomentar a sizania e a desordem no seio da Republica. E esta suspeição estava longe de ser infundada a respeito de agentes numerosos, que por encargo de potencias inimigas se enredavam nas tramas subterraneas contra o governo republicano. Tommasini pela sua indiscrição e imprudencia teria concitado contra si o infortunio, que o feriu [1].

Talvez que por não haver solicitado os passaportes no tempo determinado incorresse na correcção policial. É certo que em outubro de 1793 era conduzido á prisão de la Force, por ordem expressa do *Comité de sûreté générale* da Convenção, e d'ali transportado para os carceres de Saint Germain — en-Laye, d'onde, após infructuosas diligencias e baldadas tentativas de peitar a certos funccionarios, e apesar de haver por elle intercedido, segundo podia, o secretario Santos Branco, sómente pôde saír salvo com toda a sua familia, quando em julho do seguinte anno terminou o poder e a existencia do mal-afortunado Robespierre [2].

Apesar de interrompidas as relações diplomaticas entre a

[1] «Receio que a sua conducta equivoca e indiscrição (de Tommasini) o mettessem no caso de experimentar, se não as accusações dos seus emulos, as dos instigadores da sua desmanchada carreira civil.»

Carta de José Antonio dos Santos Branco a Luiz Pinto. París, 15 de dezembro de 1793. Archivo dos negocios extrangeiros.

[2] Carta de Tommasini a Luiz Pinto, Saint Germain-en-Laye, 25 de setembro de 1794. — Cartas de José Antonio dos Santos Branco a Luiz Pinto, datadas de París, a 11, 14, 19 e 27 de outubro, e 15 de dezembro de 1793. Em uma carta de Luiz Pinto a Santos Branco, a 5 de fevereiro de 1794, dizia o ministro culpando pelas suas imprudencias o empregado na antiga embaixada portugueza: «que sentia a desgraça de Tommasini, mas que elle fôra o culpado, porque a primeira obrigação de um extrangeiro é de se conformar exactamente ás leis do paiz em que reside». Archivo dos negocios extrangeiros.

França e Portugal, a Convenção continuára a ter com elle attenções e benevolencias, que nem eram mui conformes com os altivos costumes politicos da imperiosa assembléa, nem eram porventura bem merecidas de um governo, que nos Pyreneus e no Oceano juntára as suas armas ás dos inimigos da Republica, e repulsára com perigosa indiscrição e altivez, as proposições de paz, quando a Convenção enviara a Lisboa um seu agente diplomatico. Os navios portuguezes haviam durante muitos mezes continuado a mostrar o seu pavilhão e a cursar livremente pelos mares sem que as forças navaes ou os corsarios francezes lhes pozessem o menor impedimento. A tolerancia da Convenção chegára porém ao seu limite nos primeiros mezes de 1794, em que os navios de corso começaram a apresar as embarcações de Portugal. Um corsario francez tomára como boa presa um hiate de Setubal, e um vaso de guerra com a bandeira tricolor levára para um porto de França outro barco portuguez [1].

Principiava a complicar-se gravemente a situação de Portugal no que dizia respeito á navegação, ao commercio e á segurança das vastissimas colonias, para cuja defensão em tempos tão revoltos não seriam demasiadas as mais possantes forças terrestres e navaes, se a Republica franceza viesse formalmente a incluir o governo portuguez em o numero dos seus declarados inimigos e belligerantes actuaes. Não era porém sómente da Convenção que Portugal podia esperar maritimas hostilidades. Tambem a Gran-Bretanha em assumpto de presas

[1] Officio do ministro de Portugal em Londres, D. João de Almeida, a Luiz Pinto, 27 de maio de 1794. N'este officio escreve o enviado portuguez: «A segurança, de que até agora havia gosado o nosso pavilhão e o extraordinario comportamento, que os francezes observavam a este respeito, abstendo-se de apresar os nossos navios que encontravam e deixando-os proseguir livremente as suas derrotas, parece ter infelizmente chegado ao seu termo, visto que pelas listas dos navios apresados pelos corsarios francezes, se faz menção de um hiate de Setubal... porém, o que mais demonstrativamente parece indicar que se tenham tomado differentes medidas a nosso respeito e que sejamos contemplados no numero dos inimigos declarados da França, é a captura que um bergantim de guerra francez fez ultimamente de uma embarcação portugueza denominada *Senhor dos Passos*».

não parecia poupar vexames e prejuizos ao que dizia seu alliado fiel, tradicional. Varios navios portuguezes, que tinham ido a Hamburgo prover-se de cereaes, tinham sido apresados injustamente por cruzadores britannicos e sobre a sua restituição á liberdade supplicava o ministerio de Lisboa perante o gabinete de Saint James [1].

Era na verdade tanto mais para extranhar o procedimento da Inglaterra quanto Portugal com invariavel e culposa submissão continuava a ministrar-lhe o auxilio das suas forças militares, que se bem eram pequenas, representavam pelo menos a boa vontade e o empenho de lhe agradar com enorme sacrificio.. Depois de invernar em Lisboa a esquadra portugueza aprestára-se de novo, para ir ajuntar-se com a esquadra ingleza do Canal. O governo portuguez recebêra para este effeito a expressa requisição da Inglaterra. Temia, porém, que os seus navios de guerra se fizessem ao mar, antes de saber se a numerosa esquadra franceza, que saíra de Brest e cruzava o Oceano, se encontrára com as forças de Inglaterra, ou havia retrocedido ao porto de armamento.

O principal destino da esquadra portugueza, segundo o que propunha a côrte de Lisboa, deveria ser o manobrar com as forças navaes da Gran-Bretanha, tanto no Canal como no Oceano, vigiar o litoral e bloquear os portos francezes para que d'elles não saísse nenhuma divisão naval contra o Brazil ou outra possessão ultramarina. Desde o seu gabinete bosquejava o ministro dos negocios extrangeiros o plano de campanha, traçando que a força maritima luso-britannica, se alguns vasos inimigos rompessem o bloqueio, deveria atacal-os ou perseguil-os, qualquer que fosse a região, a que endireitassem o seu rumo [2]. O *Foreign office* e o almirantado inglez prestavam n'aquelle tempo mediocre attenção aos conselhos ou propo-

[1] Officio de Luiz Pinto para D. João de Almeida, enviado portuguez em Londres, ponderando-lhe a reclamação dos navios apresados, 29 de maio de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

[2] Officio de Luiz Pinto, para D. João de Almeida, ministro de Portugal em Londres, 31 de maio de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

sições de Portugal, ainda quando se moldavam na fórma de humildes petições.

A extrema complacencia, com que o governo de Lisboa se prestára a ligar-se em triplice alliança com a Hespanha e a Inglaterra, produzia os seus fructos necessarios, mas damnosos. Extorquida uma concessão á fraqueza do ministerio portuguez, era fundamento para novas exigencias. Não eram faceis de contentar as duas potencias nas suas repetidas imposições.

Tinha o rei da Gran-Bretanha ao seu serviço uma esquadra portugueza, que havia de incorporar-se novamente na armada ingleza do Canal. Sem preoccupar-se em demasia com a defeza do continente portuguez e dos seus dominios coloniaes, sem attentar na estreiteza dos seus recursos em riqueza e povoação, arrastára o alliado obediente a uma guerra, em cuja bandeira ostensiva e cavalheirosa estava escripto em letras generosas na apparencia o vingar as cinzas de um rei suppliciado e tolher o passo á invasora democracia, e cujo verdadeiro e mal dissimulado pensamento era a partilha ou desmembração da França condemnada e a conquista das suas melhores possessões ultramarinas. A este proposito merecem commemorar-se as palavras com que o embaixador portuguez em Madrid, D. Diogo de Noronha, qualificava as intenções, que moviam principalmente a Gran-Bretanha contra a Republica franceza. A Inglaterra, na opinião d'este diplomatico, promovia com toda a força a guerra das potencias alliadas contra a França, mas empenhava principalmente os seus esforços para conquistar as colonias francezas, e não empregava a mesma actividade com as suas esquadras no Oceano, nem tratava de soccorrer os realistas da Vendée, como havia promettido [1].

A Inglaterra, como nação essencialmente ambiciosa, mercantil, conquistadora, mal poderia empenhar-se n'uma lucta, que haveria de prolongar-se durante cerca de um quarto de seculo, unicamente para vindicar os interesses da civilisação e os direitos da humanidade que suppunha offendidos e violados pela grande revolução. O seu proposito apparente era

[1] Officio de D. Diogo de Noronha a Luiz Pinto, Escorial, 12 de dezembro de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

o alistar a nova cruzada contra a perigosa democracia, mas o norte verdadeiro, que dirigia as suas armadas e os seus exercitos, e guiava a sua ardilosa diplomacia, era a insaciavel cubiça de estender a sua vasta dominação e firmar solidamente a sua disputada hegemonia [1]. Para que os sacrificios do povo portuguez ás conveniencias egoistas da Gran-Bretanha tocassem as raias do impossivel e absurdo exigia o seu governo que Portugal apparelhasse uma nova esquadra ou forte divisão, que haveria de aggregar-se ás forças inglezas no Mediterraneo. D'esta vez o gabinete de Lisboa não conveiu no que lhe pedia o alliado, e justamente ponderou que o seu interesse principal nas operações das suas forças navaes era a defeza e segurança do Brazil, e que por isso a sua acção, quando combinada com a das esquadras inglezas, devia exercer-se exclusivamente no Oceano. E com este plano se conformára já anteriormente o gabinete britannico. O plenipotenciario de Inglaterra, Roberto Walpole, com quem mediavam n'este ponto as negociações, concordou plenamente d'esta vez com as rasões adduzidas pelo ministerio de Lisboa [2].

O Brazil, porque era cabalmente a mais valiosa possessão de Portugal, trazia com rasão preoccupados e temerosos os seus meticulosos estadistas. Não sómente se temiam as aggressões de uma força naval da Convenção contra os portos da America, mas egualmente era agora mais do que nunca perigosa a vizinhança dos francezes na sua colonia de Cayenna. Desejava o governo portuguez que as armas britannicas, havendo já conseguido vantagens importantes nas ilhas americanas, intentassem a conquista de Cayenna, mal fortificada

[1] A tendencia manifestada pela Gran-Bretanha em todas as contendas internacionaes, em que por seculos andou envolvida nos negocios politicos do continente, é graphicamente debuxada na phrase eloquente de um grande orador e historiographo, o general Foy: «A Inglaterra, escreve elle, c'est Bonaparte en action, mais Bonaparte toujours jeune, et toujours vigoureux, Bonaparte persévérant dans sa passion, Bonaparte immortel. Dominer et grandir, voilà le but invariable de l'oligarchie britannique, n'importent les moyens.» Foy, *Histoire de la guerre de la Péninsule,* tom. I, pag. 208.

[2] Officio de Luiz Pinto para D. João de Almeida, ministro em Londres, 10 de maio de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

e guarnecida, e por este modo se extirpasse de raiz a influencia e dominação franceza no continente americano [1]. Se os inglezes conseguissem apoderar-se d'aquella possessão ultramarina, e se os hollandezes, que a traziam cubiçada, podessem recebel-a por seu quinhão na partilha, a que suppunham a França condemnada, as miras ambiciosas de Luiz Pinto alongavam-se até pedir para a sua patria, como justa compensação, a ilha de Bourbon, no Oceano indico, para cobrir e defender a Moçambique [2]. E porque ainda se phantasiava como prospero o successo final da guerra emprehendida contra a França pelas potencias europêas, o gabinete de Lisboa, nas instrucções ao seu embaixador junto de Carlos IV, não se esquecia de lembrar a rasão e a justiça, com que Portugal pretendia ser na futura paz contemplado, como as demais potencias belligerantes. Desejava conseguir, como premio dos seus serviços á actual coallisão, algum territorio, se acaso, como previa, as outras nações houvessem de prear nos dominios da Republica [3]. E é notavel que d'esta maneira nos tratos diplomaticos com as potencias alliadas, o governo portuguez por um lado se incluisse claramente na categoria de belligerante e armado inimigo da Republica, e por outra parte se entrincheirasse perante a França na sua pretensa neutralidade para capitular de gratuitas e violentas as represalias exercidas pelos francezes sobre o commercio maritimo e os dominios ultramarinos de Portugal.

Com a Inglaterra, poderosissima nos mares, mantinham pacifico trato os argelinos. A Hespanha conseguira tambem ver-se liberta das que foram outr'ora frequentes e repetidas

[1] Officio de Luiz Pinto a D. João de Almeida, ministro plenipotenciario em Londres, 10 de maio de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

[2] Officio de Luiz Pinto a D. João de Almeida, enviado portuguez em Londres, 29 de janeiro de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

[3] Instrucções dadas ao embaixador D. Diogo de Noronha, 20 de junho de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros. «Portugal não pretende ter a menor ingerencia em qualquer alliança de Hespanha com as côrtes do norte e só quer ser contemplado *como as mais potencias belligerantes* na futura paz, obtendo compensações no caso que as hajam de pretender sobre os dominios da França.»

violencias dos corsarios barbarescos. Mas a paz era para os argelinos, como fôra na edade media para os *condottieri* italianos, a ruina da sua industria principal, o latrocinio. Portugal, por menos poderoso, continuava a ministrar a materia prima ao trafico nefasto d'estes ousados ladrões do mar. Convinha-lhe em extremo firmar com elles paz duravel, ou ao menos negociar uma tregua por alguns annos.

Em principios de 1794 o governo portuguez tinha alcançado que Charles Logie, consul britannico em Argel, ajustasse uma tregua em favor de Portugal. A convenção, porém, não chegou a ser ratificada porque, havendo o governo portuguez apresentado novas clausulas, o Dey não accedêra a celebrar um novo pacto, em que fossem attendidos os interesses de Portugal. Não podendo a tregua realisar-se, instava o ministerio com o agente consular da Gran-Bretanha, para que por sua activa intercessão se podesse convir n'um tratado de paz, sob a mediação da Inglaterra [1].

Activas diligencias empenhou o ministro portuguez dos negocios extrangeiros para que encetasse novamente com o Dey as negociações o consul Charles Mail, que em Argel succedêra a Logie nas funcções. Saiu infructuosa a tentativa. Diversas causas parece haverem conspirado para a mallograr. A primeira foi que Logie excedêra os seus poderes ao tratar com os ministros argelinos. Acrescia a este facto o haver-se-lhes de Lisboa expedido a copia arabiga de novas proposições, sem que a authenticasse a firma de ninguem. O Dey, arrogante e imperioso, lançou o caso a zombaria, com que era escarnecido pelo mesmo governo, que lhe estava supplicando instantemente a concessão da tregua ou do tratado. Para amaciar a colera do mal-assombrado barbaresco não foram demasiadas as mais cortezes, quasi humildes satisfações. Escreveu o ministro portuguez dos negocios extrangeiros ao consul Charles Mail pedindo-lhe que interpozesse efficazmente a sua valia para com o Dey e o deixasse convencido de que em vez

[1] Officio de Luiz Pinto a Carlos Logie, consul inglez em Argel, 20 de janeiro de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

de quebra ou desattenção para com tão eminente personagem, o governo de Lisboa se esmerava em tributar-lhe em todo tempo o apreço particular, que merecia a sua pessoa e o respeito, que era devido á sua alta dignidade. Adduzia o ministro para dissipar a irritação do regulo africano que a primeira tregua firmada pelo consul Charles Logie não podéra ser ratificada, porque este funccionario a negociára sem ter poderes que obrigassem Portugal a acceitar como válidas e proprias as transacções diplomaticas do inglez. Mas estas allegações não eram verdadeiras, porque o ministerio portuguez, applaudindo e agradecendo ao antigo consul a tregua pactuada, confessava explicitamente que lhe dera para esta negociação o caracter de seu plenipotenciario [1]. O gabinete de Lisboa promettia mandar por seu enviado para concluir os concertos da paz definitiva com o Dey de Argel o marechal de campo Landerset, o qual haveria de partir apenas constasse que seria pacificamente recebido [2]. Apesar de todas as blandicias esperdiçadas com o potentado mauritano, nem a paz, nem a tregua passageira se pôde realisar. O Dey não estava resoluto a baratear os seus favores ás potencias maritimas da christandade, e ainda menos a Portugal. Levou o seu desdem pelo governo de Lisboa até o extremo de nem ao

[1] No officio de Luiz Pinto, de 20 de janeiro de 1794, dirigido a Charles Logie, agradece-lhe expressamente o ter feito a Portugal o serviço de negociar a tregua, que por motivos supervenientes não pôde ser ratificada.

[2] Para que mais claramente se comprehenda como o nivel da hombridade e altiveza diplomatica tinha baixado desde os tempos de Pombal, é bem transcrever litteralmente os termos, em que o ministro de um herdeiro e successor de D. João I e D. Manuel, escrevia a um barbaro governador ou vice-rei de um antro de piratas: «Muito efficazmente rogo a vossa mercê (ao consul Charles Mail) que queira persuadir a sua ex.ª (o Dey) disto mesmo (de que o papel escripto em lingua arabiga era apenas uma copia e traducção) e segurar-lhe que tão longe estava esta côrte de poder ter o menor pensamento de o tratar de mofa ou menos apreço, que não é nem poderá ser jámais a sua intenção outra, senão de manifestar a sua ex.ª em todo o tempo o particular apreço, que merece a sua pessoa e o respeito devido á sua alta dignidade».

Officio de Luiz Pinto para Charles Mail, consul inglez em Argel, 3 de março de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

menos querer ouvir as condições, que por parte de Portugal lhe eram propostas. E porque o negocio da tregua corrêra por intermedio do consul inglez, escreveu com sobrada presumpção do seu poder ao rei de Inglaterra, exigindo satisfação e quasi impondo-lhe a obrigação de fechar aos navios portuguezes as aguas de Gibraltar [1].

Sobre o gabinete de Carlos IV recaíam por parte de Portugal as suspeitas de que o duque de Alcudia embaraçava as negociações, porventura pondo o fito em tornar cada vez mais angustioso e dependente do seu arbitrio o frouxo e timido governo de Lisboa. Em todo o caso uma rasão poderosa e irrefragavel para que a tregua não viesse a conclusão, era que o Dey só vendia a sua grandiosa benevolencia e a tolerancia e cortezia dos seus corsarios pela nada modesta somma de cinco milhões de cruzados [2].

A occasião era cabalmente a menos propicia para que nos cofres exhaustos do regio erario se deparasse uma quantia, ainda que fôra menos grossa, para domesticar pela satisfação de sua cubiça immoderada a malevolencia do regente mauritano. Ao mesmo tempo que passavam em Argel as negociações, ordenava Luiz Pinto ao enviado portuguez em Londres, que procurasse levantar um emprestimo de quatrocentas mil libras, amortisaveis em vinte annos, offerecendo como penhor uma porção de diamantes, cujo valor sobreexcedia grandemente o do capital, que fosse mutuado [3]. A situação da fazenda real não consentia largos dispendios extraordinarios alem dos que já impendiam ao thesouro e entre elles não era minimo o que tinha por objecto manter na Hespanha as tropas de Portugal.

[1] Officio de Luiz Pinto ao enviado em Londres D. João de Almeida, 7 de abril de 1794.

Officio de Luiz Pinto para o mesmo enviado, 17 de agosto de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

[2] Officio de Luiz Pinto ao enviado em Madrid Diogo de Carvalho e Sampaio, 12 de março de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

[3] Officio de Luiz Pinto ao enviado em Londres D. João de Almeida, 19 de abril de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

Custoso, como era já o sacrificio para nação pequena e pobre, ainda mais incomportavel se fizera, se o governo portuguez subscrevesse ao que de novo solicitava o duque de Alcudia. Pedia com instancia o primeiro ministro de Carlos IV que não sómente se enchessem as vacaturas no quadro primitivo da divisão auxiliar, senão tambem que se elevassem a maior numero os combatentes, quando era nada promettedor o successo e a gloria da guerra contra os francezes. D'esta vez porém naufragaram na resistencia do governo portuguez as novas requisições da côrte de Madrid.

Entre as rasões adduzidas por Luiz Pinto para desculpar a sua recusa, figurava a de que por não ter a Hespanha favorecido a conclusão da paz com os argelinos, se via Portugal necessitado a manter no Mediterraneo uma grossa divisão naval para enfrear as incursões e violencias dos corsarios. Não esquecia ao ministro portuguez o ponderar o estado calamitoso, a que estavam reduzidas as tropas de Portugal no Roussillon, o que era devido principalmente á campanha, que a obstinação dos hespanhoes as obrigára a fazer na estação mais rigorosa, tornando-lhes illusorios os quarteis de inverno. Transluzia nas palavras de Luiz Pinto a expressão da frouxa cordialidade, que, a despeito da letra dos tratados, trazia um com outro se não mal-avindos, suspeitosos os dois governos peninsulares [1]. A opinião, que vogava em Portugal nas regiões officiaes a respeito do governo hespanhol e do caminho desastroso, que ía levando a guerra de Carlos IV contra a republica franceza, não podia ser nem mais severa, nem menos consoladora. A perda quasi total do Roussillon em um só dia, era imputada, como um crime inexpiavel, á indolencia do governo de Madrid,

[1] Officio de Luiz Pinto ao enviado em Madrid, Diogo de Carvalho e Sampaio, 31 de maio de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros. N'elle dizia o ministro de D. Maria I, que Portugal era obrigado a manter uma esquadra consideravel no Mediterraneo por causa dos argelinos, visto que não tinha obtido a coopéração da Hespanha para fazer a paz com elles. E acrescentava: «O exercito do Roussillon pela rigorosa campanha de inverno se achava reduzido á maior extremidade e quasi em estado de não poder entrar em campanha *com summo desprazer de sua magestade*».

á sua administração deploravel, e á extrema degradação, a que chegára a disciplina das suas tropas[1].

Apesar de todos estes motivos de queixume e desprazer, a côrte de Lisboa, continuando na sua humilde sujeição ao governo hespanhol, mandava em principios de junho regressar ao seu posto o embaixador de Portugal em Madrid, D. Diogo de Noronha, a quem ao mesmo passo, para dar-lhe maior lustre e auctoridade, o principe D. João condecorava com a dourada chave de gentilhomem da sua real camara. Julgava-se que as relações entre os dois gabinetes peninsulares tinham chegado a um transe tão difficil que não seriam demasiados, não os frouxos talentos do embaixador, mas o esplendor e luzimento de uma embaixada para mitigar as asperezas de caracter no duque de Alcudia, e as suspeitas, que mal dissimuladas nutria contra a boa fé na alliança de Portugal e na sua submissão ao arbitrio omnipotente. É verdade que D. Manuel Godoy não se cansava de repetir em cortezes e estudadas expressões o affecto, que dedicava aos portuguezes e em phrases cuja hyperbole desdo logo denunciava ser pouco sincero o panegyrico, não descontinuava de manifestar o apreço, que lhe mereciam as tropas auxiliares e as qualidades eminentes do soldado portuguez[2]. Infelizmente os factos mais de uma vez haviam desmentido, com grandissimo desgosto e amargor do

[1] «Os hespanhoes tem perdido tudo n'aquelle paiz (no Roussillon) á excepção de Bellegarde, sacrificando á indolencia os seus maiores interesses e com a indisciplina das suas tropas e faltas de providencias a todos os respeitos ás tropas dos seus alliados, *que já toleram difficilmente uma similhante prostituição e abandono*». Officio de Luiz Pinto a D. João de Almeida, enviado em Londres, 14 de junho de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

[2] Devo dizer a v. ex.ª que na primeira conferencia que tive com elle (Godoy) no domingo, me fez grandes elogios das nossas tropas e me disse que amava muito aos portuguezes, como muitas vezes lhe tenho ouvido». Officio de D. Diogo de Noronha, embaixador de Portugal em Madrid a Luiz Pinto, Madrid, 8 de julho de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

«O mesmo general Ricardos lhe tinha dito a elle duque de Alcudia que nunca tinha visto officiaes de mais brio, nem soldados de mais valor que os portuguezes e que eram capazes de tudo». Officio do enviado em Madrid, Diogo de Carvalho e Sampaio, a Luiz Pinto, Aranjuez, 28 de fevereiro de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

governo e das tropas auxiliares, o carinhoso affecto, que expressavam as melliflaas palavras de Godoy. Mais de uma vez tambem o representante de Portugal em Aranjuez se tinha visto obrigado a suscitar-lhe na memoria o que valiam soldados portuguezes e com que extremos de attenção deveriam ser tratados os que iam malbaratar as suas vidas no serviço de uma causa extranha aos interesses da sua patria [1].

Apesar de tudo a côrte de Lisboa sem confiar demasiado no governo de Madrid, não desejava alienar de todo o ponto a sua benevolencia. Nas instrucções, pelas quaes devia regular-se o embaixador D. Diogo de Noronha, ao regressar ao seu posto diplomatico, se lhe recommendava que buscasse com empenho manter as relações na apparencia as mais affectuosas com a Hespanha. O mobil principal d'esta cordialidade era no sentir de Luiz Pinto, o receio de provocar o resentimento e de aggravar as pendencias, que entre as duas corôas duravam sempre mal dirimidas, palliadas na America meridional [2].

A questão mais espinhosa de quantas haveriam de tratar-se na embaixada era a que tinha por assumpto as mutuas reclamações das duas côrtes ácerca das tropas auxiliares. Modificando as suas primeiras exigencias, propunha agora o gabinete de Madrid que Portugal reforçasse a divisão, solvendo a Hespanha o dispendio necessario. O ministerio portuguez recusava de modo terminante a que se lhe afigurava degradante proposição, porque, dizia elle, o principe D. João não vendia os seus vassallos, nem elles se prestariam facilmente a serem mercenarios ao serviço de extrangeiros. Emquanto

[1] «Lhe disse (o enviado Diogo de Carvalho) que estas qualidades (o brio e o valor) eram naturaes á nossa tropa, que todo o exercito auxiliar do Roussillon se compunha de voluntarios, que só desejavam assignalar-se e adquirir gloria e que por isso se fazia indispensavel tratal-os com muita delicadeza, porque o minimo soldado tinha os mesmos sentimentos e a mesma ambição de um general». Officio de Diogo de Carvalho e Sampaio, enviado portuguez em Madrid, a Luiz Pinto, Aranjuez, 28 de fevereiro de 1794. Archivo do ministerio dos extrangeiros.

[2] Instrucções para o embaixador D. Diogo de Noronha, 20 de junho de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

Godoy, não pondo inteira confiança na força e na consistencia moral e numerica dos seus soldados, se empenhava em que fosse mais crescido o numero das tropas auxiliares, o governo de Lisboa, apertado pela escassez do seu erario e desenganado quanto ao exito da guerra, desejava reduzir a menor quadro a divisão auxiliar do que a principio se obrigára. Em vez dos seis regimentos, que desfalcados por severas perdas ainda mantinha na campanha, pretendia que a Hespanha se contentasse apenas com quatro de oitocentos homens cada um, e uma brigada de artilheria sómente com duzentos artilheiros. Este alvitre era, porém, acompanhado com a peremptoria affirmação de que a rainha de Portugal não podia sacrificar nas futuras operações as suas tropas á intemperie da estação mais rigorosa, como havia acontecido no Roussillon. A conservação de forças portuguezas ao serviço de Carlos IV ficava dependente de uma condição fundamental, qual era a de que teriam quarteis de inverno, onde quietamente resfolegassem das inclemencias hyemaes e dos trabalhos da campanha. A guerra trazia já cansados e impacientes os animos em Portugal, e não menos desanimadas as tropas auxiliares. Após os ultimos revezes haveria porventura meio honesto de concluir a paz com a França e poupar a humanidade á continuação de tantas lastimas e á effusão de tanto sangue. Tal era a summa das instrucções, pelas quaes ao embaixador de Portugal cumpria ajustar o seu procedimento no escabroso desempenho da sua missão [1].

[1] Citadas instrucções a D. Diogo de Noronha.

CAPITULO IX

NA CATALUNHA

A guerra na verdade poucas esperanças podia já agora permittir aos alliados. Não sómente o desastre do 1.º de maio tinha desorganisado inteiramente as tropas commandadas pelo conde de la Unión, e havia como que fatalmente consagrado a quasi inteira dissolução dos vinculos militares, senão tambem tinha feito perder a força moral e a confiança de que as rotas reliquias de um exercito batido e acossado podessem ainda tentar outras novas operações, que não fossem uma serie de infortunios.

Em tão desfavoraveis condições, e diante de um inimigo canonisado por victorias recentes e estrondosas, nem mesmo um chefe de talento e energia organisadora mui superior á capacidade modesta do conde de la Unión, houvera logrado facilmente domesticar a adversa fortuna dos combates. É certo, porém, que até onde o consentiu a possibilidade, o malafortunado general procurou colligir e reorganisar as suas tropas e acrescentar e fortalecer os seus recursos militares.

Antes de tudo, havendo consultado com os generaes, julgou por imprudente o occupar em grande força o *Col* ou gar-

ganta de Porteil, e menos conveniente o fazer alto demorado na villa de Junquera, que pela grande proximidade á fronteira não offerecia bastante segurança a tropas, que haviam de todo o ponto perdido a solidez moral e a consistencia tactica. A praça de S. Fernando de Figueras foi pois escolhida como o ponto mais seguro e vantajoso para que n'elle se effeituasse a concentração das tropas desordenadas e a reunião dos extraviados, que ficavam vagueando nas montanhas. Deixando pois no Col de Porteil um grosso destacamento, marchara o general em chefe com as suas forças para a nova posição.

Está a villa de Figueras situada no centro do Ampurdán, a vinte e quatro kilometros proximamente da fronteira, e a pouca distancia n'uma eminencia está erecta a praça de S. Fernando, que serve de cidadella á povoação. A praça desenhada pelo systema abaluartado consistia em um hexagono regular fortificado, onde a arte se esmerára em reunir os meios defensivos então usados. Sob a protecção da fortaleza acamparam as tropas alliadas a 4 de maio, no sitio que se chamava do *Aqueducto*. Quatro dos regimentos portuguezes estabeleceram nas explanadas o seu acampamento. Os regimentos de Cascaes e de Peniche formaram com tropas hespanholas a guarnição da cidadella.

Não confiando inteiramente na segurança do Baixo Ampurdán o conde de la Unión tratou de transferir de Rosas e de outros pontos situados n'aquella região do principado, para Figueras e outros sitios mais seguros os hospitaes e os depositos. Porque as forças do seu commando estavam por extremo reduzidas, fez marchar para o novo theatro da guerra as tropas, que em varios logares da Catalunha estavam de guarnição, e as que de outras provincias hespanholas se destinavam a participar nas operações. Dos armazens de Barcelona adquiriu as bôcas de fogo necessarias para artilhar as posições da sua nova linha, e pôr em estado de defesa as praças de Rosas e S. Fernando. Estabeleceu, segundo o exigiam as condições da guerra e do paiz, os seus depositos de viveres, de material de guerra e munições. A tudo satisfizeram amplamente, por um lado, os arsenaes ainda copiosamente abas-

tecidos em Hespanha, e por outra parte, a fertilidade e opulencia do territorio catalão [1].

Cuidou o general em chefe de augmentar a força defensiva da sua nova posição, aperfeiçoando as antigas fortificações e fazendo construir de novo algumas obras accessorias. N'aquelles trabalhos empregaram-se com activa diligencia e grande cansaço os soldados portuguezes e hespanhoes. A praça de Gerona, sobre a qual, á rectaguarda de Figueras, haveria brevemente de retrogradar o exercito alliado, recebia egualmente melhoria nas suas fortificações e armamento [2].

Para que ajudasse a resistir á proxima invasão das tropas republicanas na Catalunha, convocou o general em chefe o *somatén* do principado, ou a força irregular constituida pelos homens válidos nas diversas povoações. Appellidava-os o conde de la Unión, lembrando-lhes o dever, que a todos os catalães era impendente de contribuir cada um pela sua parte á defeza da religião e á da patria. A leva d'esta gente armada e collecticia comprehendia todos os homens desde os quinze aos quarenta annos, exceptos unicamente os que nas suas correições e municipios exercessem jurisdicção, e os que as leis dispensavam d'este serviço extraordinario. A mais apertada obrigação era imposta aos povos, que existiam mais proximos da fronteira, e assim os que distavam d'ahi até dez leguas deviam contribuir com metade do numero de varões habeis para o serviço militar. As povoações, que estivessem situadas a mais de dez e a menos de vinte leguas, dariam só para contingente a terça parte dos homens recenseados para as armas. E finalmente os logares a distancia maior que vinte leguas, mas dentro dos limites da Catalunha, contribuiriam unicamente com uma quarta parte do *somatén*. Uma semelhante graduação estabelecia o general para os homens, que ultrapassassem na edade os quarenta annos, e não excedessem os sessenta, de maneira que sómente enviariam ao theatro da guerra a

[1] *Historia da guerra do Roussillon*, etc. Ms. da academia das sciencias.

[2] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 7 e 14 de maio de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

quarta, a sexta, e a oitava parte, segundo as povoações distassem dez, vinte, ou mais leguas da raia da Catalunha. Os homens com mais de quarenta annos poderiam offerecer substitutos, ou redimir-se do serviço por uma quantia proporcionada aos seus haveres, conforme a estimação da auctoridade. Das pessoas exceptuadas do encargo pessoal do *somatén*, se haveria de cobrar uma finta, segundo os bens possuidos por cada uma. Os dinheiros colligidos seriam exclusivamente applicados á paga e sustentação d'esta milicia irregular e a soccorrer as familias dos que, saíndo de seus lares no desempenho do serviço, por sua pobreza ou escassez as deixassem ao desamparo [1]. As forças irregulares pouco podiam robustecer nos espiritos as esperanças de victoria.

Os francezes estavam senhores da povoação hespanhola de S. Lorenzo de la Muga, a menos de quinze kilometros da fronteira, e, pelo *Col* ou garganta de Porteil era aberta e franca a entrada no territorio catalão dos Pyrenéus. Estabelecidos na primeira d'aquellas posições, ali formaram dois acampamentos, um em S. Lorenzo, o outro a menos de dois kilometros do primeiro, em Terradas, abrigando-se e defendendo-se com obras de fortificação. Entre esses campos demorava a montanha da Magdalena, com maior proximidade a S. Lorenzo. Occuparam-n'a as tropas republicanas, e d'ali conseguiam descobrir e dominar grande parte do Ampurdán.

Para estabelecer a communição entre S. Lorenzo de la Muga e la Junquera, guarneceram os francezes a povoação de Darnius, que fica intermedia e quasi equidistante ás duas posições. Occuparam ao oriente e a quatro ou cinco kilometros de Darnius a montanha de Montroig, a qual ficava dominando a estrada que conduz de Figueras a la Junquera.

Desamparada pelas tropas alliadas, como vimos, esta villa a pouco espaço os francezes, desembocando pelo *Col* de Porteil, d'ella se apoderaram e alli e nas suas cercanias estabeleceram um novo acampamento defendido por numerosa arti-

[1] Ordem e instrucções para o levantamento do *somatén*, pelo conde de la Unión, Figueras 6 de maio de 1794.

lheria. Ficava por este modo interrompida a communicação dos hespanhoes com Bellegarde e patente aos inimigos o caminho de Figueras.

Apoiavam os francezes a sua esquerda em Cantallops, que dista de la Junquera pouco mais de quatro, e da fronteira pyrenaica cerca de tres kilometros. D'esta maneira ficava ainda mais seguramente cerrada aos hespanhoes a communicação com Bellegarde. E para senhorearem completamente os desfiladeiros, que desde os Pyrenéus dão ingresso ao Ampurdán, haviam os francezes guarnecido fortemente a garganta ou *Col* de Banyuls, junto á povoação franceza de egual nome, e conservaram em seu poder o logar e a portella, apesar de que o general em chefe dos alliados pretendeu baldadamente contrariar ao inimigo a passagem n'este ponto [1].

No emtanto o exercito francez dos Baixos Pyreneus continuava as suas rapidas victorias sobre as tropas hespanholas. Tomavam os francezes Fuenterabia, cuja guarnição muito superior em força ao inimigo deshonrosamente capitulava. Occupavam como se fôra em marcha triumphal o valle de Bastan. Apoderavam-se das linhas e reductos de S. Marcial e de Diran, em que cerca de quinze mil homens cediam perante seis mil contrarios, os quaes com a bayoneta, a arma predilecta dos exercitos da Revolução, levavam diante de si as temerosas turbas do inimigo. Faziam-se senhores de grandes e bem providos armazens de material de guerra, de muitos milhares de armas portateis, de duzentas bôcas de fogo, enfeixavam nos seus tropheus seis bandeiras tomadas aos hespanhoes, e faziam nos differentes combates, que se haviam succedido velozmente, dois mil prisioneiros, em que se numeravam dois regimentos, sem escapar um unico soldado. Executavam os francezes n'aquelle tampo o investimento de Pamplona, e apressavam-se a abrir por aquelle ponto o caminho para Madrid.

As condições moraes e physicas do exercito hespanhol na

[1] *Historia da guerra de Roussillon,* etc. Ms. da academia das sciencias.

Catalunha, não eram accommodadas a inspirar a fé e a esperança na victoria. Comtudo o conde de la Unión com animo intemerato recalcava no peito as tristes apprehensões e empregava os maximos esforços para fortalecer uma causa desesperada. O seu exercito era pequeno, insufficiente. Numeravam-se sómente nas fileiras obra de quatorze mil praças de infanteria. A cavallaria de linha e os dragões ascendiam a quatro ou cinco mil cavallos [1]. As providencias decretadas ácerca dos *somaténes* ou paizanos armados haviam surtido por effeito que uns quatorze mil homens d'esta classe estivessem já promptos para a campanha. As povoações incitadas pelo amor do sólo natal e pela violencia da invasão, que já dentro no sólo peninsular se tornára imminente perigo, accorriam a auxiliar as tropas regulares e a desèmpenhar estes serviços desordenados, mas audazes, com que sempre as guerrilhas incommodam, segundo o costume peninsular, os flancos, a rectaguarda, os combois, e as communicações de um exercito inimigo em regiões nimiamente accidentadas. Os *somaténes*, que se haviam mobilisado na fortaleza de Figueras, poderiam em breve tempo ascender a vinte mil homens.

Ás proclamações, que os francezes esparziam na Catalunha, para evangelisar os principios democraticos, e os dogmas da liberdade, egualdade e fraternidade professadas pela França revolucionaria, respondia o clero catalão, descrevendo como destruidores da sociedade, como jurados inimigos da religião, da familia, e da ordem social os invasores, e incendendo nos espiritos o odio e a vingança implacavel e feroz contra a Republica e os seus armados propugnadores.

Muitos clerigos e frades tomavam armas e appareciam a commandar partidas de paizanos, decididos a vindicar e defender contra os seus adversarios o throno e o altar. Os aldeãos e camponezes enxameavam armados pelas agrestes serranias e faziam quanto, na ausencia de toda a methodica organisação, disciplina e sciencia militar, póde emprehender

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 14 de maio de 1794. Archivo do ministerio da guerra. — *Historia da guerra no Roussillon*. Ms. da academia das sciencias.

e executar o valor irreflectido, o cego fanatismo da população inflammada no desejo de vingar as affrontas á patria e á fé tradicional. Os membros das corporações monasticas saiam á campanha a commandar os troços resolutos de guerrilhas e *somaténes*. Entre esses denodados combatentes ecclesiasticos tinham logar preeminente o padre Bosch, da ordem de S. Francisco, e um clerigo, conhecido e afamado sob o nome de *El Canónigo de Gerona*.

Esses frades e sacerdotes, como se fossem os Savonarolas da contra-revolução, estimulavam as suas ovelhas bellicosas, pelo exemplo do seu indomito valor e pela ardente parenese, com que em verbo rude e popular, e a compasso meneando a cruz e brandindo o ferro vingador, lhes prégavam a guerra santa, em defeza da religião, da monarchia, da patria, da familia, da independencia e da honra nacional. Os prelados diocesanos do alto de seus pulpitos incitavam ao combate os seus fieis, publicavam pastoraes, em que lhes ennegreciam os crimes e sacrilegios da Republica, e exhortavam com vehemencia as povoações a armarem-se contra as hostes devastadoras. O arcebispo de Valencia era como um novo Pedro Eremita, a convocar os christãos á cruzada redemptora. Elle proprio se offerecia a saír a campo hasteando por sacratissimo guião a effigie do crucificado. Seguil-o-íam os membros do cabido, levando por bandeiras as imagens da Virgem e dos santos mais venerados. As palavras guerreiras do prelado como que da terra evocaram armada e equipada uma hoste que, tomando o nome de *Voluntarios de Valencia*, em numero de uns mil e duzentos homens, marchou em poucos dias para o theatro das operações [1].

A nova linha de defeza, estabelecida pelo conde de la Unión tinha a sua direita em Espolla e a esquerda no Porto de Principe nas vertentes meridionaes dos Pyrenéus. De Espolla estendia-se a linha pelas posições de Estella, Vilarnadal, Molins, S. Climent, Masarach, e Llers. D'este ultimo ponto á aldeia de Leudó desdobrava-se uma cadeia de póstos, nos sitios onde

[1] *Historia da guerra no Roussillon*, etc. Ms. da academia das sciencias.

os asperos accidentes do terreno tornavam a defeza mais segura e efficaz. A posição de Leudó foi esmeradamente fortificada e guarnecida com boa e numerosa artilheria, para cobrir a Olot e Besalu, e obviar a que os francezes, passando o rio Fluvia, viessem interromper as communicações dos alliados com o interior da Catalunha. Em todas aquellas posições era de tropas regulares a guarnição. As guerrilhas e *somaténes* ficaram defendendo na aspereza das montanhas os pontos, onde era mais facil a pequena guerra com forças destituidas de regular organisação e disciplina. Um campo fortificado no extremo limite á esquerda de toda a linha, era confiado a dois batalhões de tropas hespanholas, e a cerca de quatrocentos emigrados francezes, que de Saint-Laurent de Cerdans se haviam acolhido á Catalunha. Para vigiar os movimentos dos francezes da banda do seu acampamento de Terradas, collocou o general em chefe no castello de Palau, fronteiro a Llers, um corpo de *somaténes* em numero de mil proximamente. Uma reserva, destinada a acudir a qualquer ponto, que da linha carecesse de reforço, acampou no logar denominado a *Confluencia dos Caminhos,* e era composta de regimentos portuguezes e de alguns poucos batalhões de tropas hespanholas.

A occupação de S. Lorenzo de la Muga pelas tropas republicanas trazia temeroso e inquieto o conde de la Unión. D'ali saíam os francezes não sómente a incommodar os logares visinhos e comarcãos, senão tambem a alongar as incursões no territorio catalão. Era forçoso a todo o custo desalojar d'ali o inimigo e senhorear-se novamente das perdidas posições. Se os alliados conseguiam novamente apoderar-se dos pontos importantes de S. Lorenzo de la Muga e da sua fabrica em ruinas, da montanha da Magdalena, e do campo de Terradas, alcançariam a vantagem de abreviar a sua linha de defeza, avançando-a sobre a esquerda para junto da fronteira. O problema não era de mui facil solução, attendidas as forças diminutas dos alliados, e a situação moral, em que os deixára a desastrosa retirada. O inimigo, mais energico e previdente que os hespanhoes, acudíra a acrescentar com os auxilios da

arte as difficuldades defensivas, que o terreno já offerecia a atacantes avesados a temer ou vaticinar em cada acção de guerra um desbarato. A segurança e a prudencia aconselhavam um menos cavalleiroso general do que la Unión, a manter-se cautelosamente na defensiva, emquanto proseguiam com ardor as obras de fortificação na sua linha, e emquanto não achegava os reforços indispensaveis para com menos flagrante desequilibrio de força moral e physica affrontar-se com inimigo enthusiasta, impetuoso e vencedor. O general em chefe hespanhol espiava, porém, anciosamente a occasião, que parecesse mais asada ao bom exito da offensiva. Dugommier, para acudir aos sitios de Port-Vendres e Collioure, fôra obrigado a retirar das posições, que circumdavam a Figueras, a maior parte das suas tropas no Ampurdán. O ensejo afigurava-se propicio para atacar em S. Lorenzo de la Muga a direita do exercito republicano. O conde de la Unión, que era mais resoluto que meditado e bem succedido em suas operações, que tinha mais de aventureiro destemido que de illuminado general, determinou acommetter os seus contrarios.

A 18 de maio, pela noite, dispoz para marcha tres columnas, duas de tropas regulares e uma de *somaténes*, que pelas montanhas da esquerda haveriam de cercar a povoação de S. Lorenzo. Os regimentos portuguezes 1.º de Olivença e 2.º do Porto, sob o commando de Correia de Sá, foram mandados occupar o terreno, que á esquerda do acampamento de Figueras, estava guarnecido pelas *Guardias Walonas*. As quatro companhias de granadeiros pertencentes aos dois regimentos foram destacadas para formar um batalhão, que devia fazer parte da vanguarda. O regimento de Peniche, saíndo da fortaleza de Figueras, onde primeiro se alojára, foi com o de Freire e o 1.º do Porto, e alguma artilheria, postar-se no sitio do Aqueducto para constituir uma columna, cujo mando o general em chefe encarregou ao marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha. O regimento de Cascaes permaneceu de guarnição dentro de Figueras. Nas alturas de Cantera postou-se em ordem de combate a restante força da brigada portugueza de artilheria. As forças deve-

riam todas estar em armas ás tres horas da madrugada em 19 de maio e pontualmente executaram as determinações do general.

As tropas hespanholas regulares especialmente destinadas á operação constituiam duas columnas. Uma d'ellas ia commandada pelo marechal de campo D. João Miguel de Vives. A outra obedecia ao marechal de campo D. Francisco Solano. Sob as ordens de um e outro chefe serviam os marechaes de campo D. Pedro Saint Maurin e conde de Malona, e os brigadeiros D. Francisco Vallejo e D. João José de S. Juan. Cada uma das columnas principaes haveria de repartir-se em duas menores. Tres das quatro teriam por encargo o atacar a posição dos francezes por outros tantos lados. A quarta columna teria por missão o interpor-se ao ponto do ataque e ao acampamento, que os francezes haviam estabelecido em la Junquera e obstar a que d'ali podessem vir soccorros ao inimigo, quando estivesse empenhado vivamente no combate. Uma terceira columna de infanteria, a que estava unida toda a cavallaria hespanhola, sob o commando do tenente general D. Pedro de Mendinueta, occupava a ponte de Molins sobre o rio Fluvia, no caminho de Bellegarde e, servindo de reserva ás outras columnas, era tambem encarregada de atacar de flanco as tropas francezas, se porventura o demandasse a occasião.

Mandára o conde de la Unión com a precisa antecedencia a seu sobrinho, o brigadeiro conde del Puerto, coronel do regimento de Mallorca, para que, marchando com as mais escrupulosas precauções por serras de Catalunha, entrasse pela parte de Campredon no territorio francez, atacasse a posição de Saint-Laurent de Cerdans, levando ás suas ordens uma columna de alguns milhares de *somaténes*, gente indisciplinada, mas bravissima. O conde del Puerto deveria por este modo interceptar a linha de retirada ás tropas republicanas, se fosse bem lograda, como de leve o esperava o general, a operação dirigida a S. Lorenzo de la Muga e adjacentes posições [1]. Le-

[1] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, 19 de maio de 1794, na *Gaceta de Madrid* de 3 de junho de 1794. — Officio de Forbes a Luiz Pinto, 21 de maio de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

vava o conde del Puerto por segundo commandante o coronel duque del Infantado, que á frente do primeiro batalhão do seu regimento de *Voluntarios de Castilla* viera encorporar-se no exercito alliado.

Para completar o plano, que tinha por infallivel, de cercar por todos os lados os francezes, destinou o conde de la Unión que o marechal de campo D. Ildefonso Arias, que então commandava um grosso destacamento em Espollá, inquietasse por aquella banda ao inimigo com uma opportuna diversão. O marechal de campo D. Joaquim de Oquendo, que tinha o commando em Campredon, haveria de fazer pela sua parte uma similhante demonstração. O general D. João Courten foi investido no commando de toda a linha, ou corpo de batalha, tendo sob as suas ordens immediatas aos marechaes de campo hespanhoes D. Valentim de Belvis, D. Domingos Izquierdo, D. Antonio Cornel, e ao general portuguez da mesma graduação D. João Correia de Sá. O tenente general marquez de las Amarillas, cujas tradições eram nas ultimas campanhas de pouco feliz augurio para victorias, commandava toda a reserva, tendo por seu immediato o marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha. Toda a cavallaria hespanhola obedecia, como a seus chefes superiores, aos tenentes generaes D. Rafael Valdés e D. Antonio Heredia, sob cujo mando iam servindo os marechaes de campo barão de Kessel, D. José Moncada, e D. José Iturrigaray. O plano de ataque firmava-se no mesmo principio fundamental de tactica viciosa, segundo o qual toda a arte do commando em batalha se resumia em disseminar as tropas já de si mui diminutas e em as parcellar em tão crescido numero de columnas sem consistente ligação, nem unidade no commando, que em nenhum ponto e em momento decisivo fosse dado ao general em chefe acudir com grandes massas para esmagar o inimigo na chave da posição. O processo tactico então seguido houvera sido aconselhado, se tivesse por objectivo um exercito contrario extremamente reduzido, e cortado de recentes desbaratos. Com francezes ainda pouco antes vencedores e em marcha progressiva, guiados por um general glorioso e experimentado, estimulados pelo

heroico fanatismo de uma causa impessoal, e já educados n'uma escola revolucionaria e novissima de guerra, não parecia provavel o prospero successo.

Todos os movimentos preparatorios da operação foram pontualmente executados. As tropas alliadas marcharam com denodo e promptidão contra as alturas inimigas. Os batalhões de *Guardias Walonas*, como quem era desde largos tempos a flor da infanteria hespanhola, compunham a vanguarda e acreditavam pelo seu valor e galhardia a fama, que andara sempre vinculada ás suas bandeiras. O seu exemplo incendia os brios dos outros corpos.

Os francezes não podendo affrontar o primeiro impeto, desguarneciam as alturas, desamparavam as baterias, e a custo se defendiam nas quebradas e barrancos. Já alguns prisioneiros tinham caído em poder dos hespanhoes. Tudo se afigurava presagiando uma victoria. Eis que inesperadamente as tropas, que avançavam bem ordenadas e garbosas, principiam a vacillar, os pelotões a tornar-se extranhamente flexuosos, as columnas de ataque a ennovellar-se, a redemoinhar, a retroceder. Aos toques dissonantes dos tambores, e ás vozes confusas do commando principia a associar-se como sinistro e discorde acompanhamento a grita dos que rompem as fileiras, buscando na fuga a salvação. Era a columna do marechal Solano, que já prestes a recolher os fructos do combate, se deixára tomar improvisamente de subito desanimo e pavor. Ao mesmo passo que uma balla derribava a um dragão e feria outro, uma voz proferira clamorosa o tremendo: *Estamos cortados, quem poder escapar, escape-se.* E este grito de terror, echoando velozmente, desordenára de todo ponto as já trépidas fileiras. Desde aquelle trance os soldados de Solano debandaram em torrentes impetuosas, largando as armas e levando ante si atropelladas, rotas, egualmente fugitivas as tropas que iam topando na carreira. O que mais contribuiu para tão lastimosa confusão, foi um regimento de dragões hespanhoes, que perdendo completamente a formação e arrancando a toda abrida no afogo do terror, veiu rompendo e espésinhando quanto se lhe deparou no seu trajecto.

O 1.º regimento de Olivença, commandado pelo coronel Mestral, estava áquella sasão postado n'um sitio mui estreito. Padeceu terrivelmente com o choque impetuoso dos dragões e de tal sorte ficou desbaratado que a duras penas conseguiram os officiaes restituil-o a alguma fórma tactica. A desordem mais lastimosa invadiu principalmente os soldados hespanhoes, que tomados de um panico insuperavel, ficavam surdos e insensiveis ás exhortações e aos clamores dos seus officiaes. Em vão para os conter na fuga os chegavam a acutilar. Nem o exemplo, nem o ferro, lhes podiam infundir o esforço necessario para fazer frente á rectaguarda e suster a marcha e perseguição do inimigo.

Acresceu para maior lastima que, segundo a narração do general em chefe hespanhol, seriam apenas cem francezes, os que vendo vacillar a columna de Solano, marcharam velozmente a carregar os fugitivos e os pozeram no ultimo destroço e confusão. O 1.º regimento de Olivença, se bem com gravissima difficuldade, conseguiu executar uma retirada, que, segundo authenticas relações e o testemunho de officiaes presentes ao combate, não alcançou reverdecer notavelmente os louros já colhidos n'outras occasiões d'esta campanha. Sómente as duas companhias de granadeiros do regimento de Freire, tendo á sua frente o seu valentissimo coronel, resgataram n'este dia em certo modo a honra das armas portuguezas, procurando, ainda que sem exito, reprimir a fuga dos camaradas, e cobrir do modo que era possivel a confusa retirada [1].

[1] Escrevendo a Luiz Pinto, em officio de 21 de maio de 1794, dizia Forbes que o regimento 1.º de Olivença, depois de ser terrivelmente desbaratado na fuga tulmutuaria dos dragões hespanhoes só difficilmente se pôde reunir.

O official de artilheria portugueza, Francisco Duarte da Fonseca Lobo, na sua *Memoria dos successos da guerra dos Pyrenéus orientaes*, pag. 39 e 40 escreve: «No dia 19 de maio o conde da União, o nosso general, e os mais... quizerão desalojar das ditas alturas aos francezes, para o que forão acommetter e atacar: tendo nós ao principio um ar de felicidade. Porém não sei porque modo se ouvirão vozes: «Nós somos cortados por inimigo muito superior». O que foi bastante para as tropas se pôrem

Á columna commandada por D. Miguel de Vives, perdido o apoio das tropas de Solano, foi-lhe forçosa a retirada, que executou sem desastre consideravel. As honras do combate couberam ás *Guardias Walonas*, que pela sua tenacidade na peleja e pelo seu indomito valor, sustentaram inteiramente desajudadas o impeto do inimigo. Foi porém com sangrento sacrificio que poderam sem quebra conservar a gloria das suas bandeiras, porque no campo deixaram como testemunhas da sua firmeza e do seu brio numerosos e bravissimos soldados e não poucos officiaes. O general em chefe dos alliados, segundo tinha por costume, occultou as perdas padecidas pelas suas tropas. Porém as relações de officiaes portuguezes, que serviam na divisão auxiliar, affirmam que nas *Guardias Walonas* ficaram fóra de combate, mortos ou prisioneiros, dezeseis officiaes e mais de trezentos soldados [1]. Entre os officiaes extraviados contou-se o marechal de campo D. Pedro Saint Maurin, e o coronel do regimento de infanteria *de España*, D. Ramon de Carvajal [2]. O marechal Solano, que se envolvêra no mais rijo da refrega e buscára impedir a fuga das suas tropas, chegando a ferir alguns dos fugitivos, saiu levemente ferido em um braço. As perdas experimentadas pelos francezes foram, como é facil adivinhar, inferiores ás dos hespanhoes.

Depois de terminada a acção, pozeram-se de novo em armas as tropas alliadas, porque se observou que do lado de la Junquera baixavam á planicie, em frente das baterias hespanholas da ponte de Molins, de Masarach e Vilarnadal columnas de infanteria com algumas bôcas de fogo, e partidas

em fugida sem que os commandantes as podessem suster... Até mesmo os nossos soldados portuguezes não mostrarão nada o seu valor, á excepção de duas companhias de granadeiros, mandadas pelo coronel Freire...»

[1] *Memoria dos successos da guerra dos Pyrenéus orientaes*, por F. D. F. L. V., Pag. 40. — *Historia da guerra do Roussillon e Catalunha*. Ms. da academia das sciencias.

[2] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, 19 de maio de 1794, na *Gaceta de Madrid*, de 3 de junho de 1794.

consideraveis de cavallos inimigos, parecendo ameaçar a direita dos hespanhoes em Espollá. Commandava as tropas francezas o general Pérignon, que n'aquella occasião fazia o bloqueio de Bellegarde. De emboscada em uns olivaes, que existiam no flanco esquerdo dos alliados, collocou aquelle general uma grossa columna de infanteria e na frente, para attrahir os hespanhoes, mandou postar alguns esquadrões de cavallaria ligeira. D'este modo ameaçava no centro a linha dos alliados.

O general D. Pedro de Mendinueta, que tinha ali o mando superior, occupou com cinco batalhões as alturas nas cercanias da ponte de Molins, e na planicie formou em duas linhas toda a cavallaria, que tinha ás suas ordens, na força de cerca de tres mil cavallos, commandados pelo major general Lencastre, tendo por seu immediato o barão de Kessel. Da infanteria portugueza guarnecia o regimento de Peniche com as suas duas peças de campanha uma altura, que situada á esquerda da ponte de Molins, em um angulo reintrante formado pelo rio Muga, flanqueava efficazmente a bateria junto á ponte. O tenente coronel do regimento de Peniche, Bernardim Freire de Andrada, ordenou do melhor modo as obras de fortificação improvisada, que eram indispensaveis para melhor assegurar a defeza da posição e fez executar quanto era necessario para que a artilheria se podesse ali estabelecer com segurança e retirar-se promptamente em caso de revez. Uma companhia de granadeiros do mesmo regimento, commandada pelo capitão Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, teve por encargo defender a aldeia de Molins. Esta pequena força portugueza permaneceu galhardamente no seu posto, apesar de que a artilheria franceza, servida efficazmente, não poupava as suas granadas e fez retirar dois destacamentos hespanhoes, que tinham ido de supporte ao brioso portuguez e aos seus animosos granadeiros. Mas felizmente todo o conflicto se resolveu na troca de alguns projecteis, sem novo damno para as tropas alliadas. Ao fim da tarde os francezes retiraram sobre as suas primeiras posições. As forças portuguezas e hespanholas egualmente retrocederam, e com ellas o regimento de Peni-

che, que durante um dia quasi inteiro estivera constantemente sob as armas [1].

A fortuna desamparára esquivamente os alliados e sorria agora complacente ás tropas da Republica franceza. Após a retirada do Roussillon os desastres succediam-se frequentes. Os hespanhoes tinham ali deixado ainda hasteado o pavilhão de Carlos IV, nas praças de Collioure, e Bellegarde e nas fortalezas de Port-Vendres e de Saint Elme. Era consequente com as vantagens obtidas por Dugommier sobre os contrarios que o activo general da Convenção dirigisse os seus esforços a expurgar dos ultimos vestigios de invasão e de conquista o departamento dos Pyrenéus orientaes.

Ordenou Dugommier ao general Chabert que defendesse o *Col* ou portella de Banyuls, e tomando por este modo o passo aos hespanhoes, os impedisse de que, penetrando por ali no Roussillon, podessem levar soccorro aos pontos que ainda occupavam no territorio da Republica. O general D. Eugenio Navarro commandava as tropas castelhanas, que restavam nos Pyrenéus orientaes e com sete mil homens de tropas ainda capazes de grande resistencia, guarnecia Collioure. O castello de Saint Elme e a praça de Port-Vendres eram defendidas por guarnições accommodadas ao ambito restricto d'aquellas fortificações. Intentavam os francezes principalmente a tomada de Collioure, e para o conseguir deveriam primeiro desalojar de Saint Elme os hespanhoes, visto que o seu castello, erguido n'um padrasto, domina com grandissima vantagem Collioure e lhe serve de cidadella exterior. Só podia esta forte posição ser batida efficazmente, estabelecendo baterias n'uma altura a cavalleiro, d'onde se lhe dirigissem fogos efficazes. Para levar a artilheria até áquelle ponto foi necessario a Dugommier construir uma estrada de cerca de dez kilometros e por ella, empenhando grandes esforços e vencendo graves difficuldades, conduziram os francezes os canhões de grosso calibre e os morteiros ne-

[1] *Historia da guerra no Rousillon e na Catalunha,* por Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, capitão do regimento de Peniche. Ms. da academia das sciencias.

cessarios para bater as obras do castello. E quando os hespanhoes imaginavam que seria inexequivel guarnecer de pesada artilheria aquella quasi inaccessivel posição, appareceu coroada por numerosas bôcas de fogo e com ellas começaram os francezes de abrir a brecha nas muralhas de Saint Elme. Ao mesmo passo, todos os póstos exteriores que os hespanhoes ainda guarneciam, eram obrigados a retirar, e os francezes ficavam occupando as eminencias, que se estendem desde a Vigia do Cabo Biarri até á posição de Argelès, que as tropas de Navarro no 1.º de maio haviam desamparado.

Emquanto as fortalezas defendidas pelos hespanhoes eram batidas pela parte da terra, varias lanchas canhoneiras e uma esquadrilha franceza de bastantes vélas, commandada pelo capitão de mar e guerra Castagnier, ancoravam proximo a Collioure e lançavam-lhe dentro muitas bombas e um chuveiro de balas de artilheria. Por alguns dias se continuaram os recontros por terra entre os sitiantes e sitiados. Não cessaram de atirar as baterias de brecha contra o forte de Saint Elme com maior ou menor intensidade.

O general D. Eugenio Navarro, tentando um esforço desesperado contra os francezes, determinou acommettel-os nas suas posições e baterias. Em a noite de 16 para 17 de maio se effeituou uma sortida, em que participaram tropas de todas as fortalezas sitiadas. Tres columnas commandadas pelo marquez del Castrillo intentaram apoderar-se das baterias, que dirigiam os seus fogos a Saint Elme, e o haviam feito chegar á derradeira extremidade. O general Dugommier em pessoa commandava os trabalhos do sitio. As tropas hespanholas atacaram com tal impeto e foi tão bem dirigida a operação, que a fortuna a principio favoreceu os atacantes, os quaes conseguiram penetrar dentro das trincheiras. O general Dugommier esteve a pique de caír prisioneiro e recebeu na refrega um ferimento. Aos granadeiros de um dos batalhões do regimento francez vigesimo oitavo deveu Dugommier o não ser aprisionado, porque, devotando-se heroicamente, pozeram bravamente a perigo as suas vidas para defender e salvar o seu valente general.

As tropas de Castrillo alcançaram na primeira phase do combate vantagens, que parecia deverem conduzir a um exito propicio. Mas os soldados republicanos bem depressa estimulados pelo ardor, que os incitava em prol da patria e da honra militar, volveram da primeira confusão e carregando com vigor os hespanhoes, os obrigaram a buscar asylo mais seguro nas fortalezas, d'onde tinham irrompido. A sortida, que não teve por effeito destruir ou empecer as obras do inimigo, custou aos hespanhoes algumas perdas, que não foram diminutas. Pereceram n'esta acção, segundo as narrações do quartel general, dezoito homens, entre elles o conde de Argelejos, alferes de *Guardias españolas*, e um cadete d'este corpo, e alem d'estes um coronel. Foram os feridos cento e dez, inclusos onze officiaes; quinze os contusos, dos quaes um official, e cerca de cem os extraviados, com quatro officiaes.

As baterias de sitio continuavam a jogar contra Saint Elme, desmoronando as suas muralhas, arruinando as casamatas, e tornando sem esperança a pertinacia na defeza.

O general em chefe das tropas republicanas começava a impacientar-se com a resistencia tenacissima, que os defensores de Saint Elme, Port-Vendres e Collioure contrapunham aos trabalhos do inimigo. Urgia desimpedir as forças sitiantes para que podesse principiar o cerco regular de Bellegarde, que já então era bloqueada pelos francezes ás ordens de Pérignon.

A 23 de maio, achava-se a brecha quasi praticavel no castello de Saint Elme, que apesar de convertido n'um acervo de ruinas fumegantes, persistia em defender-se. Enviou Dugommier mais de uma vez por seus parlamentarios ao general Navarro a intimação de se render, offerecendo-lhe as condições de uma capitulação. O commandante hespanhol pediu ao seu adversario lhe concedesse o tempo indispensavel para consultar sobre tão grave resolução o seu general em chefe [1].

[1] Esta é a versão official. Segundo outras narrações Dugommier propunha ao seu antagonista que saísse das fortalezas com todas as guarnições do seu commando, sendo-lhes prestadas as honras da guerra, e com todos os bens e propriedades, pertencentes ás suas tropas ou á fazenda

Entre as clausulas expressas na proposição de Dugommier havia uma tão dura e deshumana, que profundamente offendia e escandalizava a honra cavalleirosa dos hespanhoes. Era a de que Navarro entregaria como prisioneiro á discrição do inimigo um corpo militar de francezes emigrados, que servia em Collioure com o nome de *Legião da rainha*. Era facil antever que a vingadora Convenção não seria clemente em summo grau com os que havia por infamados de traidores ao serviço dos inimigos da Republica.

Vendo serem infructuosas as intimações resolveu-se Dugommier em trocar as delongas de um sitio methodico por um ataque á escala vista ou de viva força. Numerosas forças republicanas avançaram na noite de 21 para 22 de maio contra a praça de Collioure, estendendo-se a investida até Port-Vendres, e dirigindo-se especialmente a escalada ao castello de Saint Elme. Repulsaram as tropas de Navarro as forças republicanas, quando estavam já nos fossos, e ainda que os francezes repetiram animosos e pertinazes a empreza, viram frustrados os seus esforços contra a vigorosa resistencia dos sitiados, que á bayoneta os perseguiram até longe da esplanada. Foram estes porém os ultimos alentos da guarnição na defeza de Collioure. O castello de Saint Elme pelo fogo recrescente das baterias inimigas chegára a tal extremo, que era impraticavel defendel-o por mais tempo. Julgaram os hespanhoes ser chegada a occasião de o abandonar, juntamente com a posição de Port-Vendres, que perdido o flanqueamento pelos fogos de Saint Elme não podia sustentar-se. As duas guarnições em a noite de 25 para 26 buscaram como refugio derradeiro o acolher-se a Collioure.

Occupado o castello pelas tropas do general Dugommier, desde logo foi empregada a sua artilheria em bater vigorosa-

do rei catholico. Impunha-lhe como condição essencial a entrega da *legião da rainha,* formada de francezes emigrados. Affirma-se que o general Navarro, dera como resposta que: «Se Dugommier pretendia senhorear-se de Collioure e das outras praças as viesse conquistar com todos os diabos, e se lhe mandasse algum outro parlamentario o mandaria logo estrangular». *Historia da guerra no Roussillon e na Catalunha,* Ms. da academia das sciencias.

mente Collioure. A esquadrilha commandada pelo capitão de mar e guerra Castagnier tolhia o passo á guarnição d'aquella praça, tornando-lhe mui difficil a retirada pelo mar. A esquadra hespanhola do tenente general da armada D. Frederico de Gravina, apesar do seu intento de salvar as tropas de Collioure, nada soube ou conseguiu realisar. D'estas lastimosas circumstancias se valeu o general francez para intimar ao seu adversario a reddição. Eram as condições, que lhe propoz, que toda a guarnição, ascendendo a perto de sete mil homens, ficaria prisioneira, com a permissão de se transportar a Hespanha, promettendo sob palavra de honra não servir em guerra contra a França. Em cambio d'esta vantagem o governo de Carlos IV seria obrigado a restituir sete mil homens d'entre os mais antigos prisioneiros, que os hespanhoes haviam feito no decurso das campanhas. A demais a suas expensas reconstruiria o castello de Saint Elme, repondo-o no mesmo estado, em que existia ao ser tomado por traição pelas tropas castelhanas.

Recebidas por Navarro as duras condições, que lhe impunha o seu antagonista, submetteu-as a um conselho militar, que de prompto convocou, e aonde concorreram os officiaes mais graduados, principalmente os que mandavam os differentes batalhões. Era o general Navarro, brioso e denodado entre os seus menos valentes camaradas. Ponderou-lhes quão opprobrioso lhes seria o ceder, sem mais contradicção e resistencia, a tão vergonhosa capitulação. Poz-lhes diante a facilidade com que ainda por tres dias poderia a defeza prolongar-se, com o que dariam azo a que a forte esquadra de Gravina, que, esperando vento favoravel, andava pairando não longe de Collioure, viesse receber a seu bordo a guarnição d'aquella praça. Protestando por sua parte não render-se ás feras comminações de Dugommier, propoz aos seus desanimados companheiros de armas, que na ultima extremidade preferissem o sair de Collioure, rompendo á ponta da bayoneta o seu caminho por entre os sitiantes e buscando n'uma heroica empreza a salvação ou a ruina gloriosa, a haverem de entregar-se inermes e deshonrados nas mãos dos seus contrarios, para que

elles por piedade lhes concedessem a vida e a liberdade, que ainda era possivel alcançar, aventurando-se a um lance duvidoso, mas honrado. Estavam, porém, tão enfraquecidos os sentimentos de pundonor nas tropas de Collioure, e a tal abatimento chegára a disciplina nos proprios officiaes de maior graduação, que as palavras briosas do general provocaram um confuso rumor de formal reprovação. Os soldados, com o exemplo e incitamento dos seus officiaes, clamavam que, se el-rei se obstinava em proseguir a guerra, nas mãos d'elles estava o pôr-lhe termo, recusando-se a combater. Ao passo que os vestigios derradeiros da subordinação e do valor se apagavam na abatida guarnição, veiu a caír uma bomba n'um paiol e a explosão, de que foram victimas algumas dezenas de pessoas, demudando em terror o desalento, apressou a capitulação [1].

Vendo-se desamparado pelos seus, entregou Navarro a praça de Collioure aos inimigos, exarando n'um protesto a sua ultima opposição a um acto, que feria profundamente a sua honra militar. A capitulação foi negociada entre o general Despinois, da parte dos francezes, e o marquez del Castrillo, governador de Collioure, como plenipotenciario do general Navarro [2]. Os francezes entraram na praça a 27 de maio. A guarnição hespanhola saíu com todas as honras da guerra, e desfilou até Banyuls, na qual villa depoz as armas e prestou juramento de não servir mais contra os francezes emquanto a guerra actual se prolongasse. D'ali fizeram aquellas tropas a sua entrada na Catalunha, sem grandes mostras de pejo ou de pezar pelo opprobrio padecido, se acaso foi verdade o que refere um escriptor militar contemporaneo e fidedigno [3].

[1] *Historia da guerra do Roussillon*, etc. Ms. da academia das sciencias.

[2] «Collioure rendeu-se contra a vontade do general, sem haver brecha.»

Officio de Forbes a Luiz Pinto, 22 de junho de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[3] *Historia da guerra no Roussillon e na Catalunha*. Ms. da academia das sciencias.

«Ali (em Banyuls) poserão nas mãos do inimigo (os hespanhoes) as

Entre as clausulas da primeira capitulação intimada por Dugommier, a de que lhe seriam entregues os francezes realistas, que compunham a *Legião da rainha*, não teria Navarro já poder com que a podesse denegar. Os commissarios da Convenção, no seu furor de punir severamente os traidores á patria, com instancia reclamavam o cumprimento d'esta indigna e deshumana condição. Não lograriam os pobres emigrados subtrahir-se á vingança da Convenção, se o tenente coronel Amoros, por ordem de Navarro, não tivesse a 24 de maio feito apparelhar no porto de Collioure algumas ligeiras embarcações, que a logar seguro transportaram as ultimas reliquias da legião [1].

A villa de Banyuls fôra designada para ser o logar, onde as tropas de Carlos IV deveriam depor as suas armas, como para commemorar honrosamente a brava resistencia, que os seus habitantes haviam feito aos soldados hespanhoes, quando por elles fôra acommettida e occupada aquella povoação. A Convenção, sempre zelosa em reconhecer por honrosos galardões os actos de heroicidade em defeza da Republica, decretou que na praça de Banyuls fosse erecto um obelisco de granito com inscripção, em que se lia: *Aqui sete mil hespanhoes vieram depor as armas perante os republicanos, e restituiram ao valor o que tinham recebido da traição* [2].

A reddição de Collioure produziu na côrte de Madrid uma impressão tão dolorosa como no exercito infeliz da Catalunha. Navarro caíu no desagrado, e o conde de la Unión, punindo antes o infortunio que o demerito, nunca mais empregou em nenhum serviço o mal aventurado general. As tropas, que tão fracamente haviam defendido Collioure, foram mandadas guarnecer os presidios africanos, para que as forças militares d'esses pontos viessem contrapesar a falta dos seus tristes cama-

bandeiras de quatorze batalhões, armas e caixas de guerra, e as tropas entraram immediatamente em Catalunha por Col de Banyuls, sem que a vermelhidão lhes subisse aos rostos, *antes sim festejando ao som de boleros o haver para elles expirado a campanha.*»

[1] *Victoires et conquêtes*, etc., tomo I, pag. 462.

[2] *Victoires et conquêtes*, etc., tomo I, pag. 461.

radas no theatro da guerra, em Catalunha. Os officiaes, que tinham votado a entrega de Collioure e firmado a capitulação, foram desterrados para Ceuta como simples soldados.

Como uma das principaes condições da capitulação havia Navarro admittido que o governo hespanhol, a troco da liberdade concedida por Dugommier aos sete mil hespanhoes de Collioure, se obrigava a restituir egual numero de francezes prisioneiros. Esta clausula saía naturalmente da esphera das faculdades attribuidas ao commandante de tropas sitiadas, quando não seja general em chefe de um exercito. É evidente que Navarro não podia prometter, sem o consenso de Unión e o beneplacito da côrte, a entrega de prisioneiros, que não estavam em seu poder. O conde de la Unión recusou-se a confirmar o capitulado, e sobre esta negação, que exacerbára a Dugommier, veiu a mediar entre os dois chefes uma longa e acrimoniosa correspondencia, em que o francez se mostrou fecundo em phrases duras e em tremendas comminações, e o hespanhol não desmentiu a soberba altivez da sua estirpe [1].

A entrega de Collioure deixava o caminho facil a Dugommier para avançar junto do Mediterraneo pelo territorio catalão e tomar Espolla, porque, segundo se affirmou, as suas tropas não viam com bons olhos que, após tantas fadigas, se lhes não consentisse algum breve intervallo de repouso [2].

Emquanto as tropas da Convenção reduziam á obediencia da Republica as praças littoraes do Roussillon, alguns recontros se passaram com fortuna varia entre francezes e hespanhoes sem alterarem notavelmente a reciproca situação dos dois exercitos.

A 17 de maio algumas tropas republicanas acommetteram por surpreza em Col de Ton e em Pendix os *somaténes* que defendiam, sob o commando de Brichfens y Pons, aquellas posições, e as forçaram a desamparar o acampamento e a reti-

[1] D'esta correspondencia nos deixou copia o visconde de Juromenha na sua *Historia da guerra no Roussillon*, que tantas vezes havemos já citado.

[2] Officio do general Forbes a Luiz Pinto, 14 de junho de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

rar para o posto de Bujulla. D'ali, voltando os hespanhoes sobre seus passos, conseguiram, após um combate de muitas horas, desalojar os republicanos. A acção custou aos *somaténes* perdas consideraveis.

No mesmo dia os paisanos que, ás ordens de D. Carlos de Villardaga, defendiam os dois postos de Prat-Agre e de Bimboca, foram egualmente salteados por forças inímigas numerosas, que as relações officiaes exaggeram computando-as em cinco mil homens de tropas regulares e mil miqueletes, formados em quatro columnas.

Os hespanhoes, que guarneciam o posto de Prat-Agre, apesar de ser crescida a turba de *somaténes,* não poderam resistir vantajosamente ao impeto dos francezes, e em poucos minutos foram desbaratados e dispersos, deixando no campo muitos homens fóra de combate. Os paizanos, que defendiam o outeiro de Bimboca, depois de ser tomada a outra posição, que, flanqueando-o, lhe ficava a cavalleiro, viram-se obrigados a retirar e a estabelecer-se na proxima altura de Boyxasa, e ali entrincheirados em numero de tre zentos montanhezes esforçados, sustiveram o passo ao inimigo, em um combate proseguido com vigor até ser entrada a noite. Na manhã immediata uma nova columna republicana, que ascendia a mil homens, procurou collocar entre dois fogos os valentes defensores da posição. Acudindo, porém, um grande troço de *somaténes* dos povos de Guisclarein e de Cervera, poderam todos juntos fazer frente ao inimigo e forçal-o á retirada.

Uma nova refrega succedeu entre as forças irregulares dos hespanhoes e as tropas da Republica a 28 de maio, quando uma columna de seiscentos francezes atacou os postos situados em Morria e Dozas, e após tres horas de viva fusilaria, os denodados catalães os repulsaram até o caminho de Palau, na região que chamavam a Cerdanha [1].

A fortuna pareceu volver-se mais propicia ás armas allia-

[1] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, extractado na *Gaceta de Madrid,* de 17 de junho de 1794.

das, quando a 7 de junho os francezes, em força consideravel, acommetteram a linha dos seus já cançados inimigos. As tropas da Republica avançaram em varias columnas para atacar simultaneamente a direita, o centro e a esquerda. Os ataques eram principalmente dirigidos contra as forças estabelecidas na povoação de Llers e as que defendiam a ponte de Molins, sobre o rio Muga. Ao mesmo passo outras columnas ameaçavam o centro, commandado pelo marechal de campo D. Valentim de Belvis, e um grosso destacamento hespanhol que, sob as ordens de D. Antonio Cornel, occupava as posições de Vilarnadal e Masarach.

A columna, que devia marchar contra a posição de Llers, onde commandava o tenente general D. João Courten, conseguiu approximar-se dos intrincheiramentos hespanhoes a tão pequena distancia como o alcance das imperfeitas espingardas, que n'aquelle tempo usava a infanteria. Os francezes avançaram com o ardor impetuoso que os distinguia nas guerras da Revolução, e pozeram a principio em estreiteza os hespanhoes, que não estavam ali em grande numero. Mas com o reforço, que o general em chefe lhes enviou, com os batalhões do regimento de *Castilla* e de *Ordens*, pôde Courten affrontar-se galhardamente com o inimigo, constrangel-o á retirada e marchar em sua perseguição por tempo dilatado.

No ataque ao flanco esquerdo alcançaram os francezes apoderar-se da ermida de Nossa Senhora de Roure, estabelecida n'uma altura, em frente da ponte de Molins, á qual servia de importante posto avançado e que o general conde de la Unión tinha reforçado com um batalhão de *Estremadura* e com o regimento de Peniche. A maior parte da cavallaria hespanhola, na força proximamente de tres mil cavallos, cobria o flanco d'aquella importante posição, postando-se na planicie que se alarga entre a ponte de Molins e Vilarnadal. A tropa, que defendia o posto de Roure, oppoz alguma resistencia aos republicanos, que avançavam com forças avantajadas. Conseguiram os francezes occupar a posição. Bem depressa, porém, foram batidos vigorosamente de flanco pela artilheria de Llers e de frente pelas baterias da ponte de Molins, commandadas

pelo tenente coronel D. Cassiano Arzun. Com esta valiosa cooperação poderam os hespanhoes desalojar da ermida as tropas inimigas, contra as quaes se ordenou que marchasse promptamente o regimento de *Malaga*, levando por seu chefe o tenente coronel D. Mariano Tobias. Para dirigir a operação enviou o conde de la Unión ao tenente general D. Pedro Mendinueta e ao marechal de campo D. João Miguel de Vives. An tes, porém, que o regimento de Malaga tivesse atacado a posição de Roure pelo flanco direito, já o major Hogan O' Dally fizera avançar pela esquerda os seus alentados irlandezes do regimento de *Hibernia*. Foi o ataque dirigido com tamanha violencia e impetuosidade e tão certeiro o fogo da artilheria, que os francezes se viram constrangidos a retirar, depois de haver opposto alguma resistencia não muito prolongada. Desde antes de madrugada havia-se estabelecido em emboscada, n'um terreno de espessos cannaviaes, uma columna de tropas republicanas. Na frente da emboscada estavam postados alguns pelotões de um regimento de hussares, e outros de dragões em numero não avultado. Tinham por encargo o attrahir por ligeiros movimentos em flanqueadores a contraria cavallaria. Contra elles manobrou, emquanto não chegava a força principal de cavallos hespanhoes, uma grande guarda, que a brigada de *Reales carabineros* tinha então mais chegada ao inimigo, commandada por D. José Ribas, e uma vanguarda do regimento de Numancia, sob o mando de D. Francisco Toro. Ascendiam apenas as duas forças a pouco mais de cem cavallos. Não tardou longo espaço que toda a brigada de carabineiros, commandada por D. Antonio Heredia, se apercebesse a tomar parte no recontro e em cooperação com ella o regimento de Numancia, commandado pelo seu coronel D. Romão Alós. No momento mais propicio avançaram briosamente contra a cavallaria franceza e a pouco espaço se lhes seguiram numerosos esquadrões, formando uma boa parte da cavallaria hespanhola. Mas a emboscada dos francezes surtiu o seu proposito, porque apenas chegavam a pequena distancia as forças atacantes, duas descargas cerradas, derribando logo uns sessenta cavalleiros hes-

panhoes, lançaram tal confusão nas fileiras castelhanas que, deixando empenhados na força da refrega os carabineiros, toda a mais cavallaria, tomada improvisamente de terror, se dispersou pelo campo em debandada, sem poder dar-se a conselho.

Contribuíra em grande parte para a desordem nos esquadrões não sómente o obstaculo, que lhes oppunham os densos cannaviaes, como apresentar-se-lhes pela frente, no impeto da carga, um terreno pantanoso, que ainda mais fazia crescer a difficuldade. Se é verdadeiro o que assevera uma testemunha presencial e insuspeita, um soldado resoluto e valoroso, com uma d'estas apostrophes energicas na sua mesma simpleza e brevidade, mas que muitas vezes sobrelevam ás mais artificiosas e facundas orações, bastou a demudar em novo ataque, mas agora victorioso, o que ía já degenerando em vergonhoso desbarato. Um cavalleiro do regimento de Bourbon, brandindo o sabre e voltando o seu cavallo, avançou a galope contra os francezes, bradando: *A elles!* com a voz persuasiva e retumbante de quem contava com a victoria. Quatro ou seis cavalleiros das filas mais proximas, inflammados no mesmo brio, seguiram o seu destemido camarada. Os esquadrões, como se fossem influidos por um magico poder, fizeram successivamente tres meia volta e avançaram como um turbilhão devastador e invencivel contra os seus antagonistas. A cavallaria dos republicanos, assombrada pela inopinada evolução dos seus adversarios, que ainda suppunha disseminados em cahotica multidão pela planicie, e colhida de sobresalto pelos sabres hespanhoes, após uma breve resistencia retrocedeu tumultuaria. E então foi acutilada sem piedade por quem, depois de tantos desastres successivos, estava sequioso de vingar no sangue de francezes o muito que perdêra nos proximos revezes padecidos. Do terrivel morticinio apenas escaparam os que, buscando os logares onde era menos cerrada a perseguição, encommendaram á ligeireza dos cavallos o derradeiro salvamento. Com tão grande furor e tão brava carniceria foi cortando nos francezes o ferro castelhano, que o estreito campo do combate narrou lugubre-

mente nos mortos, que n'elle jaziam em acervos, a perda lastimavel dos soldados republicanos. Poucos foram os que a rara clemencia do vencedor se contentou de tomar por prisioneiros [1].

O tenente-general D. Rafael Valdés, tendo por seu immediato ao marechal de campo D. José Moncada, commandava no campo de batalha o grosso da cavallaria e estava postado com a da reserva não longe do lugar, onde se passava o combate felizmente iniciado pelos valentes carabineiros. Observando o movimento e por immediata communicação do commandante

[1] A narração do terrivel combate de cavallaria, que no texto se exarou, vae fundada nas relações de officiaes portuguezes, que assistiram á acção de 7 de junho, entre elles o capitão do regimento de Peniche, auctor da *Historia* manuscripta das campanhas no Roussillon e na Catalunha, e o tenente de artilheria Fonseca Lobo, que em estylo rude, mas com todas as apparencias de quem só referia o que observára com grande imparcialidade, escreveu a *Historia dos successos da guerra*, já mais de uma vez citada. A versão official é algo differente, mas a propria obscuridade que n'ella se depara auctorisa plausivelmente a affirmação d'aquelles dois officiaes, de que ao principio grande parte da cavallaria hespanhola deixou desamparados ás mãos com o inimigo os carabineiros e a grande guarda do regimento de Numancia. Com effeito, referindo a galhardia com que se haviam comportado contra forças superiores aquelles destemidos cavalleiros, diz na sua participação official: «*Algun retardo en la caballeria,*—no por defecto suyo, sino por equivocacion,—proporcionó á los comandantes de las grandes guardias de la brigada de carabineros y el regimiento de dragones de Numancia D. Joseph Ribas y D. Francisco Toro, ocasion de distinguirse entreteniendo el enemigo, con los 110 caballos de su lotacion, ya con manobras acertadas y prudentes, ya con amagos, siendo digno del mayor elogio haber mantenido el punto sin perdida, con muerte de dos enemigos para fuerzas tan superiores». Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, na *Gaceta de Madrid* de 20 de julho de 1794. O *retardo,* de que falla o general, seria sem duvida a confusão occasionada nas fileiras, e o retrocesso dos esquadrões, que depois, reformando-se e voltando á carga, desembaraçaram da sua critica situação os carabineiros, e com elles completaram a victoria. A participação official do general Forbes ao governo de Lisboa deixa adivinhar no seu exagerado laconismo que alguma cousa extraordinaria succedeu ao grosso da cavallaria hespanhola antes que ella conseguisse dispersar e perseguir as tropas inimigas. «Na continuação do ataque, diz o general Forbes, recebeu a nossa cavallaria o fogo de dois batalhões emboscados. A cavallaria hespanhola *tornou a reunir-se* e foi acossando o inimigo de maneira que o forçou á retirada». Officio do general Forbes a Luiz Pinto, Figueras, 8 de junho de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

Heredia sabendo como fôra afortunadamente succedido, viu chegada a opportuna occasião de empregar a sua grossa cavallaria contra a infanteria franceza, que a esta sasão saíra da emboscada. Por uma habil e rapida manobra, similhante, segundo affirmam algumas relações contemporaneas, ás da cavallaria arabe, e ás que depois usaram os mamelukos nas batalhas contra Bonaparte, no Egypto, conseguiu D. Rafael Valdés, cujos cavallos eram mais numerosos e possantes que os dos seus adversarios, envolver a infanteria, acommettel-a por todos os lados, dispersando-se os esquadrões em flanqueadores [1]. Os francezes, ainda mal estabelecidos e formados ao saírem da emboscada, não tendo, segundo toda a probabilidade, o tempo indispensavel para formar os seus quadrados, tiveram apenas folego para fazer uma descarga, depois da qual os cavalleiros hespanhoes, como n'um enxame tempestuoso, caíndo a fundo sobre os já desconjunctos batalhões, alastraram de mortos e de feridos o campo de batalha, deixando unicamente occasião ao menor numero para que, apesar da perseguição, fosse acolher-se e reformar-se ás alturas na rectaguarda, sob a protecção da sua artilheria.

A acção principiára ás sete e meia horas da manhã, e terminava pouco antes do meio dia. Os francezes, nos diversos conflictos parciaes, de que se compozera este combate, segundo as declarações officiaes, quasi sempre exageradas na conta das perdas do inimigo, haviam deixado no campo quinhentos mortos, e tido não escasso numero de feridos. Dos francezes caíram nas mãos dos hespanhoes apenas quatorze prisioneiros com um official. Em o numero dos mortos incluiu-se o general Labarre, que mandava a cavallaria franceza, e entre os seus companheiros de armas gosava de grande reputação.

[1] Na já citada *Memoria dos successos da guerra dos Pyrenéus orientaes* por F. D. F. L V., pag. 42 e 43, narra-se da seguinte maneira o segundo ataque da cavallaria hespanhola: «Saíu da emboscada um corpo de infanteria franceza, e logo quando a dita se poz em fórma de combate com a bayoneta na bôca da arma, o general da cavallaria hespanhola mandou fazer um semi-circulo. E marchando muito devagar para a frente do inimigo que juntamente vinha marchando em columnas, a certa distancia mandou desfazer o semi-circulo e acommetter sem ordem...»

Entre os feridos numeravam-se dois outros generaes e um representante do povo, commissario da Convenção junto ao exercito dos Pyrenéus orientaes. As relações hespanholas encurtaram decerto notavelmente as perdas padecidas pelas tropas nacionaes, porque sómente mencionam haverem perecido tres officiaes e trinta e seis soldados e inferiores. O unico regimento portuguez, o de Peniche, que foi presente á acção no ponto onde se travou menos renhida, não teve a registar uma só baixa.

As tropas hespanholas, que participaram activamente no combate, eram numerosas. Contavam, na cavallaria, a brigada de *Reales carabineros*, commandada por D. Antonio de Heredia, o regimento *de la Reyna*, com o seu coronel D. Manuel de Aguirre; o *del Principe*, ao mando de D. Miguel Claïrac, o de *Bourbon*, de que era coronel D. José Subiria, o de *Alcantara*, tendo por chefe o coronel D. Fernando Valdés, o de *Santiago*, sob as ordens do seu coronel D. José Parlasca, o de *Voluntarios de Castilla*, obedecendo ao coronel D. Clemente Perea, o de *Almanza* e o de *Numancia*, que tinham respectivamente por commandantes o coronel D. Pedro Buch e D. Romão Alós. Constituiam a infanteria alliada, que combateu a 7 de junho, os seguintes corpos: batalhões de *Reales guardias Walonas*, tendo por seu chefe o sargento-mór D. João Courten; batalhão de *Hibernia*, sob o commando do seu major D. João Hogan; o regimento de *Malaga*, de que era commandante o tenente coronel D. Mariano Tobias; o de *Mallorca*, obedecendo ao brigadeiro conde del Puerto; o batalhão de *Vallspir*, com o seu major D. Antonio Porta; o de *Voluntarios de Castilla* (infanteria), com o seu major D. Joaquim Blake; o de *Ordens*, que tinha por commandante o tenente coronel D. José Fernando Abascal; o *del Principe*, commandado pelo capitão D. José Maria Carvajal; o de *Estremadura*, com o seu coronel conde de la Torre del Fresno; quatro companhias do corpo de granadeiros de Andaluzia, tendo por chefe o capitão D. Francisco Lechuga; o regimento *provincial de Sevilla*, com o seu coronel D. Fernando Perez de Guzman el Bueno; o de *milicias*, de Jaen, commandado pelo tenente co-

ronel D. José Escobedo y Alarcon. Das tropas de Portugal sómente foi participe na acção o regimento de Peniche, sob as ordens do coronel Antonio Franco de Abreu. Dos outros regimentos portuguezes o de Cascaes ficára de guarnição na fortaleza de Figueras, e os restantes quatro occupavam posições, que não foram atacadas. O general em chefe da divisão auxiliar assistiu ao combate no estado maior do general em chefe, sem haver tido para commandar a minima fracção de tropa.

Emquanto se passavam os combates entre as forças regulares dos dois exercitos, não andavam ociosas as partidas irregulares de paizanos armados ou *somaténes* que, ou entregues aos seus recursos ou auxiliados por pequenos destacamentos de primeira linha, acudiam á defeza de alguns pontos secundarios nas montanhas ou tentavam arrojadas incursões contra o inimigo. A 15 de junho os francezes, ás tres horas da madrugada, atacavam em tres columnas, na força de mil praças, o acampamento hespanhol situado na posição do Principe, e as alturas que lhe demoravam no flanco direito. Era o acampamento defendido por um official francez Costa, com um pequeno batalhão de trezentos emigrados realistas da sua nação. Um corpo de *somaténes* guarnecia sobre a direita as eminencias, que deixou sem grande resistencia nas mãos dos atacantes. O commandante Costa, ao ver já sem apoio a sua direita, e tendo por imminente o ser-lhe cortada a retirada pelo Col de Basagoda, por onde, segundo as suas instrucções, haveria de retroceder, sómente pôde salvar-se baixando com a sua gente ao longo de barrancos e precipicios, que na esquerda eram talhados, e por onde lhe foi possivel, porém não facil, forrar-se a que o inimigo lhe tolhesse o passo inteiramente. Os francezes já tinham a esse tempo occupado o Col de Basagoda. O tenente coronel D. Roque Abarca, do regimento de Cordova, que tinha o commando no posto de Llorona, ao ter noticia do ataque, mandára de reforço a Costa uns cincoenta homens. Sabendo, porém, depois que este official havia desamparado o acampamento, e que os *somaténes* tinham abandonado a posição do Mas de Serra, ordenou ao tenente D. Ventura Garcia que, com algumas companhias de

tropa regular e com trezentos *somaténes,* entre elles a partida commandada pelo clerigo aventureiro D. João Salgueda, fosse a todo custo expulsar do Col de Basàgoda o inimigo. Guarneceu o tenente coronel Abarca de granadeiros provinciaes e de parte do regimento de Sevilha as alturas de Casa Carich e o caminho de Basalú, e por outra força d'este corpo fez occupar de novo o Mas de Serra. Atacando pouco depois os francezes nas mais proximas alturas, conseguiu desalojal-os sem porfiada opposição. Effectuada a juncção da pequena columna de Abarca ás de D. João Lucq e D. Ventura Garcia, e apparecendo áquella sasão o official emigrado Costa, com os seus trezentos *somaténes,* depois de superar pertinazmente os obstaculos quasi invenciveis, que o terreno lhe offerecia, poderam os hespanhoes bater o inimigo, recuperar o Col de Basagoda, e o acampamento do Principe, e perseguir até o rio Muga os inimigos. Não foi diminuta a perda dos hespanhoes, porque se calculou em cincoenta o numero das baixas no campo do combate [1].

Outras operações de pouca importancia se realisaram durante o mez de junho em varios pontos, no territorio catalão dos Pyrenéus. A 11 avançaram os francezes em differentes columnas, umas desde S. Pau, outras pela montanha Caballera, com o designio de tomarem o caminho para o logar de S. Juan de las Abadesas. Uma partida de quarenta paisanos de Vich, tendo por chefe a D. José Cortada, oppugnou bravamente por algum tempo a incursão do inimigo. Não lhe seguindo, porém, o exemplo um troço de mil *somaténes,* que deviam cooperar, antes largando facilmente o campo aos aggressores, apesar dos esforços empregados pelo marechal de campo D. Joaquim Oquendo, poderam os francezes entrar sem resistencia em S. Juan de las Abadesas, e na villa de Ripoll. Os *somaténes*, como todas as multidões armadas, sem noções de disciplina e sem pericia na arte de combater, mal podiam affrontar por largo tempo as tropas regulares do inimigo e

[1] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, na *Gacela de Madrid,* de 27 de junho de 1794.

facilmente lhe entregavam a victoria, se não eram apoiados efficazmente por tropas regularmente organisadas.

Estendiam os francezes as suas excursões de pequena guerra pelo territorio catalão, que se avizinha aos Pyreneus, com o fim de talar os campos e devastar as povoações, provendo ás necessidades mais urgentes do seu exercito e cortando aos hespanhoes seus bastimentos n'aquella região. Eram vexadas principalmente as povoações de Campredon, S. Juan de las Abadesas, Ripoll, Ribas, Nuc, nas alturas da fronteira. Intentou o general conde de la Unión limpar de tão importunos hospedes o territorio. Para cumprir esta resolução ordenou que cinco batalhões de infanteria de linha, e outros cinco de *somatenes*, com alguns esquadrões na força de trezentos cavallos, recebessem este encargo, e ao valor e experiencia do marechal de campo D. João Miguel de Vives commetteu o commando da expedição. Repartida toda a força em columnas proporcionadas á empreza, atacaram os hespanhoes por uma parte as tropas inimigas em Olot, Baget e Ripoll, e dirigiram outro ataque pela banda de Baga, para cortar a retirada ao inimigo, se pela povoação de Ribas a intentasse. Para favorecer a operação, as forças hespanholas na Seo de Urgel, commandadas pelo marechal de campo D. Gregorio de la Cuesta, deveriam entrar pela Cerdanha franceza para dividir por uma opportuna diversão as attenções do inimigo [1].

Atacou o marechal Vives, a 17 de junho, os francezes estabelecidos nas alturas chamadas de Santo Antonio, junto a Campredon, para a banda de Puygcerda, e conseguiu levar a melhor parte no recontro. Logrou fazer um pouco mais de trinta prisioneiros, e tomar ao inimigo uma peça de pequeno calibre e uma bandeira. Não foi porém tão importante o exito do combate, que as tropas da Republica não volvessem no seguinte dia a medir novamente as suas armas com as do hespanhol, que se havia por vencedor. Da segunda refrega saíu ferido o marechal Vives n'uma coxa, e posto que o não fosse

[1] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, na *Gaceta de Madrid*, de 4 de julho de 1794.

gravemente, este successo influiu por tal maneira no destino da acção, que os hespanhoes houveram de retirar para Olot. Os francezes, marchando de Ripoll a Campredron, incendiaram a povoação e condemnaram á mesma dura sorte varias outras aldeias circumvizinhas. E como lhes tinha cortado o passo por Belver o marechal de campo D. Gregorio de la Cuesta, não poderam demorar-se no terreno já occupado, e contentes com a devastação effeituada, retiraram para as suas antigas posições [1].

O general Dugommier continuava a seguir o mesmo plano, que lhe havia surtido tão bom effeito, quando intentára expulsar do Roussillon os alliados, qual era o de os fatigar sem nenhum repouso por pequenos ataques mui frequentes em pontos diversos da sua linha, antes que a fortuna lhe deparasse a propicia occasião de os bater n'um combate decisivo que os obrigasse a retroceder para o interior da Catalunha. Por isso raro passava um dia sem que se desse algum recontro, mais ou menos importante, das forças republicanas com as tropas alliadas, ou alguma partida de francezes realisasse nova correria n'uma ou outra povoação vizinha aos Pyreneus [2]. Assim, a 20 de junho, uma columna, partindo do acampamento de Cantallops, na força de mil e quinhentos homens de infanteria e cem cavallos, atacou as alturas de Villaortali, mas achou invencivel resistencia nas tropas hespanholas, com que as mandára guarnecer o marechal de campo D. Francisco Solano, que tinha o commando em Espolla, no flanco direito da linha dos alliados. Na manhã de 21 renovaram os francezes a sua tentativa sobre Villaortali, e depois de varias alternativas de-

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 22 de junho de 1794. Archivo do ministerio da guerra. A versão do conde de la Unión differe da que seguiu o general Forbes, e nós adoptamos como verosimil. No officio de Unión está ambiguo ou contradictorio o successo do combate, porque se affirma que Vives se retirou por haver sido ferido, e depois se declara que elle conseguíra limpar inteiramente de invasores a facha de territorio junto da fronteira.

[2] A 22 de junho de 1794 escrevia Forbes a Luiz Pinto: «Parece que o plano dos francezes seja o de obrigar-nos a deixar esta posição, ameaçando-nos por varios lados e querendo inquietar o paiz com incursões».

sistiram do intento perante a pertinaz defeza effeituada pelos *somatenes*, auxiliados por alguma infanteria e cavallaria que de Masarach fizera marchar em seu soccorro o marechal de campo D. Antonio Cornel, commandante das tropas n'aquella posição. Não se deram os francezes por vencidos, e na antemanhã de 22 recresceram em maior força desde Cantallops a Villaortali. Mas, deparando se-lhes pela frente as tropas hespanholas de Espolla e Masarach, tiveram de renunciar, com alguma perda, á continuação da sua empreza, apesar de terem sido reforçados por duas columnas de infanteria e alguns cavallos[1].

Logo em principios de julho dirigiram os francezes as suas operações contra a direita dos alliados. A 2, pela manhã, atacaram as alturas no centro da posição de Masarach, em varias columnas, cuja força total chegaria talvez a tres mil homens e alguns cavallos, cujo numero não era facil computar, porque em parte se encobriam n'uma prega do terreno. O marechal de campo D. Antonio Cornel, commandante de Masarach, fez laborar energicamente as suas baterias, com o que alcançou desordenar o inimigo, ao passo que infanteria de linha e *somatenes* avançavam para o atacar de frente, e as quatro companhias de granadeiros dos regimentos de *Soria* e de *Valencia*, com alguns esquadrões dos regimentos *del Algarbe* e de *Pavia*, os acommettiam pelo flanco. Os francezes não padeceram consideravel detrimento no combate, e retirando sem grande perturbação, foram pôr-se em ordem novamente na planicie de Cantallops. As baixas nas fileiras hespanholas foram apenas de tres feridos e um morto[2].

Os ataques de pequena força, com que os francezes fatigavam os seus antagonistas, quasi diariamente se repetiam sem alterar consideravelmente a posição e as relações dos contendores e sem que n'elles resaltasse uma d'estas combinações tacticas engenhosas ou audazes, que illustram uma campa-

[1] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, na *Gaceta de Madrid*.

[2] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, 3 de julho de 1794. *Gaceta de Madrid* de 22 de julho de 1794.

nha, ou algum d'estes feitos singulares, que se inscrevem gloriosamente nos fastos dos exercitos. Assim, no dia 3 de julho, ás seis horas da manhã, dos postos avançados que cobriam a posição de Llers, commandada pelo tenente general D. João Courten, descobriu-se uma columna de uns seiscentos francezes, que tentavam dirigir-se a Villarich. Por elles acommettidos houveram de retirar-se dois postos avançados hespanhoes. Os francezes, recebendo na marcha alguns reforços, encaminharam-se a Palau, d'onde foram ao principio repulsados por uns trezentos e sessenta infantes e sessenta cavallos, que obedeciam n'aquelle ponto ao coronel D. Antonio Porta. Voltando, porém, ás duas da tarde em maior força, constrangeram á retirada os defensores. Sobrevindo em auxilio dos hespanhoes uns duzentos homens, enviados na precisa occasião pelo general Courten, mudou a fortuna o rosto, e as tropas republicanas deram por terminado o conflicto, indo já caíndo a noite. Foi de alguma importancia este combate, se havemos de avaliar pelo numero de feridos, vinte e seis, que se contaram nas fileiras hespanholas.

Dois dias após este recontro, a 5 de julho, vieram os francezes inquietar em diverso ponto a linha dos alliados, escolhendo por seu objectivo tactico as posições de Masarach e de Mollet. O ataque foi executado por uma columna de infanteria, com proporcionado numero de cavallos, uma peça de calibre 4 e um obuz de 6 pollegadas. De tão resumida e fraca artilheria, estabelecendo-a em posições a cavalleiro do inimigo, tiraram os francezes o melhor partido. As tropas enviadas ao conflicto pelos marechaes de campo D. Antonio Cornel, commandante em Masarach, e D. Francisco Solano, sustentaram com as tropas da Republica uma viva e bem sustentada fuzilaria, e lhes frustraram a empreza, que traziam planeada. Em pontos proximos a Masarach, taes como S. Climent, Villaortali e alguns outros, se travaram pequenas escaramuças, em que os aggressores foram rechaçados. Estes recontros, se não fundiram vantagem consideravel para nenhum dos combatentes, custaram todavia aos hespanhoes perdas sensiveis, porque as baixas referidas nas participações officiaes, sendo, como sem-

pre succedia, amesquinhadas, se computaram em treze mortos e quinze feridos.

Emquanto nas cercanias de Figueras se passavam os pequenos combates que temos referido, não estavam ociosas as armas hespanholas em sitio mais remoto. O marechal de campo D. Gregorio de la Cuesta, commandante das forças na Seo de Urgel, resolvêra attrair a attenção do inimigo para longe da linha defensiva dos alliados, intentando uma incursão na Cerdanha e buscando effeituar a sua occupação. A 25 de junho pela manhã, marchava da Seo de Urgel a divisão hespanhola, repartida em tres columnas ou brigadas. A primeira numerava cerca de mil e quinhentos homens e era commandada pelo brigadeiro D. Pedro Rodriguez de la Buria, e tinha por encargo subir pela margem esquerda do rio Segre, passando longe de Belver, e devia apparecer improvisamente sobre a povoação de Puygcerda, occupada pelos francezes, e cortar-lhes a retirada sobre Mont-Louis. A segunda brigada compunha-se de pouco mais de mil praças, tinha por chefe o brigadeiro D. Christovão de Rutiman, e incumbia-lhe marchar pela margem direita do Segre e atacar a posição de Belver. A terceira columna, finalmente, com a força de quasi mil e quinhentos homens, obedecia ao brigadeiro D. Benito de Figueroa, e a sua missão cifrava-se em marchar como a segunda brigada, ao longo da margem direita, e ir collocar-se entre Belver e Puygcerda, occupando a ponte de Soler, a fim de interceptar ao inimigo a communicação entre aquellas duas posições e tornar impossivel que de uma d'ellas podessem os francezes acudir em soccorro da outra, quando os hespanhoes simultaneamente as fossem acommetter. Um troço de seiscentos *somatenes* da Cerdanha, de Berga e de Manresa, baixando das alturas de Pendix, cobria a retaguarda á columna do brigadeiro Figueroa. Os regimentos de linha, que entravam na composição das tres columnas, eram os de *la Reyna*, de *la Princesa*, de *Gerona*, de *Rutiman* e de *Sagunto*. Os *somatenes* participavam por metade na composição das tres columnas. Ao alvorecer do dia 27 appareciam os brigadeiros Rutiman e Figueroa com as suas columnas em frente de Bel-

ver, nos logares de Olia e Pi, e deparavam-se-lhes, já formados em batalha, uns trezentos francezes, que haviam guarnecido vantajosas posições. Coube á segunda columna a introducção do combate, no qual os francezes, pouco numerosos, oppozeram alguma resistencia, e depois vencidos pelo numero, se foram acolher precipitadamente em Belver. O marechal Cuesta havia resolvido o seu ataque, presuppondo diminuta a força do inimigo n'aquellas posições. As tropas republicanas eram, em realidade, quasi o dobro das que o general hespanhol havia computado, guiando-se por erroneas informações de espias e desertores. Quando, porém, os hespanhoes avançaram, reconheceram na sua frente dois mil homens proximamente, postados em dois cerros, onde as naturaes vantagens do terreno, discretamente aproveitadas, se haviam acrescido com obras de campanha, guarnecidas por algumas bócas de fogo. A altura da direita era defendida por mil e quinhentos homens, a da esquerda por quinhentos.

Achava-se, pois, o marechal Cuesta na presença de tropas em numero e talvez em qualidade superiores áquellas de que dispunha. Não era seguro o exito do combate. Mas, se porventura o esquivasse, falharia desde logo uma das condições essenciaes da operação, qual era a de acommetter em Belver o inimigo, emquanto a primeira columna atacasse Puygcerda. A posse das posições occupadas ali pelos francezes abria aos hespanhoes o caminho e a conquista da Cerdanha. Era pois da maxima importancia para o progresso feliz das operações. Tinham sido venturosos os principios da acção com a retirada, quasi fuga da columna avançada dos francezes. Soldados, que vêem logo á primeira arremettida despejar o campo o inimigo sem ordem nas fileiras, cobram animo capaz de grandes ousadias. E tal era, na segunda phase do combate, a situação dos hespanhoes. Determinou se, pois, D. Gregorio de la Cuesta em tentar o ataque e elegeu para este fim o cerro, que ficava sobre a direita e se chamava o Monterox. Avançára com briosa resolução contra este ponto a infanteria da primeira e segunda columna, supportada pelos dragões,

que de ambas faziam parte, ainda que em escasso numero. Arremessaram-se ao principio os hespanhoes com o seu valor acostumado aos entrincheiramentos de Monterox, mas depressa os bem nutridos fogos da artilheria franceza, sempre n'estas campanhas superior á hespanhola, multiplicando as baixas nas columnas atacantes, obrigaram Cuesta a retirar para longe do alcance dos canhões, por não expor esterilmente a cruentos sacrificios os soldados, cujo vigor vinha estrellar-se contra a firmeza inabalavel das tropas republicanas. Os hespanhoes foram perseguidos pelos francezes, que, saindo dos seus entrincheiramentos, carregaram sobre elles á baioneta. Mas Cuesta, fazendo frente á retaguarda, onde o terreno era mais propicio á resistencia, conteve o inimigo, que desistiu de continuar a perseguição. O general hespanhol pôde então effectuar o seu movimento retrogrado sobre a povoação de Montella, a meia hora de marcha. Ali, dando algum descanso á sua tropa, e fazendo-a tomar uma escassa refeição, se reformaram e dispozeram as columnas com o intento de voltarem contra Belver, para que, se não podessem á segunda vez repulsar o inimigo, obstassem pelo menos a que fosse caír sobre a primeira columna, quando empenhada em Puygcerda. Esta empreza veiu a fallir, porque em breves horas chegou a D. Gregorio de la Cuesta a nova desagradavel de que se mallográra inteiramente a empreza contra aquella posição. E de feito, a columna do brigadeiro Rodriguez de la Buria acommetteu o passo ou desfiladeiro de Taltendre, pondo em fugida uns duzentos francezes, que o occupavam, e matando-lhes doze homens com o seu commandante. Deixando n'aquelle ponto, para lh'o segurarem, cento e oitenta *somatenes,* gente em que era imprudencia ou temeridade pôr sobrada confiança, baixou, sem grande precaução, o brigadeiro á planicie de Puygcerda. Chegando proximo ao Segre, descobriram-se na opposta margem trinta cavallos inimigos. O tenente coronel D. Francisco Pastor, com uma partida não muito numerosa dos seus dragões, passou a vau o rio, e caiu a fundo sobre os cavalleiros francezes, e depois de lhes matar quatro e de pôr os restantes em desordem, volveu so-

bre seus passos a encorporar-se na columna. A esse tempo soube, porém, o brigadeiro que os *somatenes*, como era facil de prever, haviam desamparado aos francezes o passo de Taltendre, cuja guarda deveria ter sido entregue a tropas melhor disciplinadas e curtidas no officio militar. Chegou-lhe igualmente a nova de que uma columna republicana saíra de Puygcerda com o proposito de cortar a retirada aos hespanhoes. Não lhe restou então outro partido senão o de entranhar-se pelo mais impervio e aspero da serrania de la Llosa, de que lhe resultaram os infalliveis desaguisados em uma precipitosa retirada por quebradas e alcantis, ficarem perdidas pelo caminho bagagens e armamentos, e extraviados pelos recessos das montanhas alguns soldados menos expeditos em marchas trabalhosas. N'esta expedição, de que não proveiu aos hespanhoes a minima utilidade, se immolaram inutilmente as vidas de sessenta e seis homens, alem de mais de quarenta feridos, entre os quaes um brigadeiro e tres officiaes. De prisioneiros, entre elles um official, e de extraviados manifestou o quartel general mais de duzentos. Das pequenas acções travadas no mez de junho foi esta seguramente a mais funesta aos hespanhoes [1].

Durante o mez de julho se foram succedendo os pequenos recontros e as ligeiras escaramuças. Escasseavam os viveres e as forragens ás tropas da Republica e por isso eram frequentes nos postos avançados hespanhoes os rebates, que obrigavam a estar sempre sobre as armas, sem um instante de repouso. A 7 de julho dispoz o conde de la Unión uma emboscada no sitio de Palau, e confiou a sua execução ao brigadeiro conde del Puerto. O intento veiu porém a mallograr-se, sem que todavia os hespanhoes e os francezes deixassem de padecer bastante perda, em relação ás forças diminutas empenhadas na acção. A 17 assaltaram as tropas republicanas a posição de Masarach. As forças hespanholas, a quem excediam pelo numero as do inimigo, tiveram que retirar, mas

[1] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, de 3 de julho de 1794. *Gaceta de Madrid* de 22 de julho de 1794.

com o fogo da artilheria, assestada n'uma eminencia, chegaram os francezes a descontinuar o seu ataque [1].

Se eram frequentes os assaltos dos francezes no territorio occupado pelas tropas hespanholas, tambem algumas vezes se realisavam pequenas incursões contra os postos republicanos. Tal foi a empreza commettida pelo marechal de campo Oquendo, commandante de Campredon, ao tenente coronel de infanteria D. Francisco Gomes de Teran, levando por seu auxiliar o dr. D. Martin Cuffi, o famigerado guerrilheiro, conego de Gerona, cada um com sua columna de trezentos homens, pela maxima parte *somatenes*. Tinha por fim a excursão o evitar que os francezes acommettessem, segundo se dizia, as povoações de Rocabruna e de S. Cristobal de Baget, que demoram á distancia de menos de cinco kilometros, não mui afastadas da fronteira. A 14 de julho Teran atacou o inimigo em Prat de Mollo e S. Cristobal de Baget, e os levou diante de si por algum tempo. As perdas não foram consideraveis de um e outro lado.

A 21 de junho, ao alvorecer, appareceram os francezes em numero de dois mil e quinhentos infantes e alguns pelotões de cavallaria, com um canhão e tres obuzes, em frente da posição de Masarach, com o proposito de divertir a attenção dos hespanhoes e encobrir uma emboscada, que haviam disposto nas quebradas em frente de Masarach e S. Climent. Romperam o fogo da sua artilheria contra os postos hespanhoes, mas foram compellidos a retirar. Não foram grandes as perdas de uns e outros contendores [2].

Não estiveram os francezes ociosos para a banda da Seo de Urgel, porque a 13 de julho os hespanhoes, que defendiam a povoação de Bar, não mui distante de Urgel, sobre o rio Segre, vendo que em dias successivos adiantavam os francezes em pequenos destacamentos de vinte a trinta praças, a sua exploração até o povo de Montella, dispozeram-se em embos-

[1] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, de 18 de julho de 1794, *Gaceta de Madrid*.

[2] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, de 18 de julho de 1794. *Gaceta de Madrid* de 5 de agosto de 1794.

cada antes de amanhecer, para mais seguramente saltear o inimigo. Chegaram os francezes e entraram resolutos no logar. Mas os *somatenes*, que estavam occultos nos trigaes, saíram promptamente da cilada, e caíndo sobre os contrarios lhes causaram algumas baixas e colheram os despojos dos que foram fugindo pelos barrancos. E chegando a nova do desastre á mais proxima posição dos republicanos, acudiram uns trezentos, resolvidos a desalojar das alturas de Estanna os *somatenes* que as estavam guarnecendo, com o que lhe ficava mais seguro e expedito o ataque á posição de Bar. Deparou-se-lhes, porém, uma tão pertinaz impugnação, que, após um vivo tiroteio, pozeram-se em retirada.

Voltaram no dia 14 os inimigos na força de quinhentos homens, repartidos em duas columnas, as quaes, avançando por differentes caminhos e sem manterem entre si communicação, se encontraram, sendo ainda noite cerrada, nas cercanias de Montella, se tomaram uma á outra por inimigos e se espingardearam mutuamente por algum tempo antes que podessem deslindar o seu engano [1].

Continuavam sempre os combates de postos nas montanhas, como preludio de operações mais importantes, que brevemente se iam succeder. A 10 de julho, ás tres da tarde, atacavam os francezes, em força de dois mil homens, os postos na frente das posições de Llorona, de Albania e Pincaro. Ali tinha o commando o tenente coronel D. Roque Abarca. Eram defendidos por alguma infanteria do regimento de Sevilha e por um troço de *somatenes*, commandados por D. Julião Cuffi, os quaes, depois de rechaçado o inimigo, lhe forám por algum tempo picando a rectaguarda. Repetiram os francezes a incursão no dia seguinte, mas não colheram mais propicio resultado [2].

Para a parte de Campredon não deixaram os francezes de inquietar com rebates e correrias os postos hespanhoes. A

[1] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, de 22 de julho de 1794, na *Gaceta de Madrid* de 5 de agosto de 1794.

[2] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, de 20 de julho de 1794, na *Gaceta de Madrid*, de 22 de agosto de 1794.

12 de agosto os destacamentos de Alos e Bonaigua, que cobriam a povoação de Esterri, viram-se acommettidos por duas columnas inimigas, que, segundo as relações d'aquelle tempo, foram esmadas em seiscentos homens cada uma, com algumas peças de montanha. Os *somatenes*, de que os postos avançados principalmente se compunham, apesar de haverem opposto alguma resistencia, foram desalojados.

Depois de retirarem os defensores, as povoações de Alos, Isil, Boren e Isavarre, mais chegadas á fronteira pyrenaica, ficaram descobertas e expostas, e os francezes as entraram e pozeram logo a saque. Acudindo, porém, de novo os *somatenes* e empenhando-se um combate mui renhido, retrocederam os inimigos. Nenhum dos contendores pôde gabar-se de que as perdas padecidas não fossem demasiado superiores á importancia e ao exito da acção.

Todas as pequenas operações que ficam referidas, não mudavam, no minimo ponto, as condições relativas dos dois exercitos, nem tendiam a accelerar por algum combate decisivo o termo de uma guerra, a qual trazia já impacientes e cansados aos que, desde um anno, andavam n'ella empenhados contra as forças republicanas. Era chegado o momento de passar dos minusculos recontros, das refregas de postos avançados e das correrias de *somatenes* a operações de maior tomo e mais accommodadas a romper de novo o equilibrio entre os dois belligerantes.

O exercito hespanhol havia de varios pontos de Hespanha recebido alguns reforços de tropas regulares, porque não era com as partidas menos disciplinadas que valentes de armados camponezes, que se havia de affrontar o já crescido exercito da Convenção nos Pyreneus orientaes. O general conde de la Unión comprehendia sobradamente que não poderia por tempo indefinido prolongar-se a inacção, apenas interrompida pelas refregas secundarias de postos avançados. Convinha-lhe tentar um esforço, que obrigasse os francezes a retrair para os Pyreneus a sua linha e facilitasse ao mesmo tempo aos alliados o soccorrerem a praça de Bellegarde. Um corpo de quinze a vinte mil francezes, commandados pelo general Pé-

rignon passára do bloqueio a um sitio regular. Determinou, pois, o general em chefe atacar vigorosamente o exercito de Dugommier pela sua direita nas posições de S. Lourenço de la Muga, de Terradas e da Ponte de Grau. Para attraír a outros pontos a attenção do inimigo e forçal-o a disseminar as suas tropas, fazendo-as convergir em grande parte sobre a esquerda da sua linha, traçou que alem do ataque principal se realisassem outros falsos, cujos objectivos se haviam de estender desde Campredon pelos campos fortificados de Manera, Villaroca, Cantallops, Col de Banyuls, e as alturas nas cercanias de Culea. Com as forças terrestres deveriam cooperar as maritimas, que em avultado numero de grandes navios tinham por commandantes os tenentes generaes do mar Gravina e Lángara, até esse tempo ou inactivos quasi sempre, ou de frouxo auxilio ás operações. O ataque maritimo deveria concertar-se contra as praças de Port-Vendres e Collioure.

Traçando por este modo o seu plano, intentava o general em chefe enganar o seu antagonista, fazendo-lhe suppor que a empreza de maior perigo se encaminhava á sua esquerda e do lado de Espolla. As forças destinadas á operação ascendiam a vinte mil homens, dos quaes quatorze mil eram tropas regulares e os seis mil apenas *somatenes*.

A 13 de agosto de 1794, antes de amanhecer, se principiou a executar a operação. As forças dos alliados foram distribuidas em varias divisões, segundo agora poderiamos chamar, se bem este nome ainda se não introduzíra no exercito hespanhol. A primeira, repartida em quatro columnas, com as suas reservas correspondentes, e commandada pelo tenente general Courten, tinha por destino o formar o ataque principal contra a montanha de Terradas, e depois de subir á cumeada haveria de baixar pela pendente opposta e caír improvisamente sobre a fabrica de projecteis em S. Lorenzo de la Muga. D'esta divisão faziam parte o regimento portuguez 1.º do Porto, com o seu coronel Ernesto Frederico de Werna, e o de Freire de Andrade, commandado, na ausencia do seu chefe, pelo tenente coronel Nicolau Joaquim de

Caria. Ambos os corpos constituiam uma brigada provisoria, que tinha por commandante o coronel Werna.

As quatro companhias de granadeiros d'aquelles dois regimentos ficavam destacadas dos seus corpos, e reunidas sob o commando do major Florencio José Correia de Mello, do 1.º do Porto, tinham na ordem de batalha uma posição especial. O capitão ao serviço portuguez conde de Léautaud acompanhava esta força para transmittir ao general Forbes as necessarias participações.

O marechal de campo D. Domingos Izquierdo, tendo a seu mando um corpo dividido em duas columnas, devia atacar pela direita e retaguarda os francezes nas baterias que defendiam a ponte de Grau. Para este fim marchara Izquierdo, com alguns dias de antecipação, talhando o seu caminho pelas alturas menos expostas á vigilancia do inimigo, para que no momento dado podesse caír inesperadamente sobre as tropas republicanas, quando desprecatadas estivessem contra uma aggressão por esse lado.

Um terceiro corpo, repartido em quatro columnas, era commandado pelo brigadeiro D. José Perlasca, e era a sua missão dirigir o ataque principal contra as posições francezas proximas á ponte de Grau, e avançar contra as baterias d'este ponto, pela frente e pela esquerda, na precisa occasião, em que o marechal Izquierdo as acommettesse pelo modo que lhe era determinado.

Ao marechal de campo Godoy se encarregava o offender pela retaguarda as tropas da Convenção, quando se tivesse realisado com exito feliz o ataque á fabrica de S. Lorenzo de la Muga, que era para os alliados o objectivo principal, e como a chave de todo o campo de batalha. Emquanto não chegasse o momento de operar, as tropas de Godoy deveriam, formadas em columnas, conservar-se acobertadas e protegidas pelas rugas e accidentes do terreno.

Alem dos corpos ou pequenas divisões, commandadas por D. João Courten, Perlasca, Izquierdo e Godoy, devia operar na opportuna occasião, como reserva, uma columna constituida pelos regimentos 1.º de Olivença, 2.º do Porto, Peniche

ascaes, commandados respectivamente pelos coroneis João
ob de Mestral, José Narciso de Magalhães e Menezes, An-
io Franco de Abreu, e monteiro mór do reino. As oito
npanhias de granadeiros dos regimentos 1.º de Olivença,
do Porto, Peniche e Cascaes, tendo por commandante o
ente-coronel Bernardim Freire de Andrade, constituiam
corpo independente e no principio da acção faziam parte
reserva, a qual tinha por chefe superior o marechal de
npo D. Francisco Xavier de Noronha, sob as ordens im-
diatas do ajudante general do exercito hespanhol, D. Pe-
de Mendinueta. O regimento de cavallaria de *Bourbon*
incluido na reserva.

Jma bateria ou *brigada* de artilheria, como então se deno-
iava, composta de seis peças, commandada pelo sargento
r José Antonio da Rosa, tendo por seu immediato o sar-
ito mór Antonio Teixeira Rebello, era adjuncta a esta que
e se haveria de chamar uma divisão de infanteria, sup-
ta a diminuta proporção em que a artilheria ainda n'aquelle
ipo entrava na composição dos exercitos.

A operação parecia effectivamente bem traçada e houvera
duzido talvez opimos fructos, se o exercito alliado, pela
consistencia tactica, pela sua força moral e pela coopera-
harmonica das suas differentes columnas e fracções, ti-
se podido converter em manobras efficazes as concepções
aes do seu general em chefe.

Courten, com a sua divisão, executou pontualmente o que
fôra preceituado. Tendo marchado durante a noite com o
or segredo e celeridade, apparecia ás tres horas da ma-
gada, sem que fosse presentido pelos postos avançados
nigos, junto á montanha de Terradas, que, segundo já
emos, fica na frente de S. Lorenzo de la Muga, á distancia
ximamente de 2 kilometros. As tropas alliadas galgaram
a animosa resolução e rapidez o escabroso declivio da
ntanha, e logo sem deixar aos francezes um respiro, cai-
, sobre elles com grande impeto. O general Lemoine, com
rigada do seu commando e mais dois batalhões de caça-
es, que a tinham reforçado, cobria a margem direita do

rio Muga, ao norte de Terradas. Tão inopinado e violento foi o ataque executado pelas tropas de Courten, que os francezes no principio ficaram assombrados e indecisos, se bem pouco depois não deixassem de contrapor aos atacantes uma defeza vigorosa. Apesar da vehemencia e rapidez, foram os alliados repellidos pelos francezes. Volvem segunda vez mais empenhados em desalojar o inimigo e occupar as suas posições e baterias, mas pela vez segunda o vigor do inimigo torna frustraneos os heroicos impulsos do aggressor. Não se desalenta, porém, nem desfallece o animo bellicoso de Courten, e exhortando novamente com a palavra e com o exemplo os seus soldados, alcança n'uma terceira e furiosa arremettida coroar com as suas tropas as inimigas posições. Era então o ensejo de avançar sobre a fabrica de S. Lorenzo, contando com a planeada cooperação das outras columnas ou divisões.

Emquanto as tropas de Courten andavam empenhadas com os francezes em rijissima contenda, o brigadeiro Perlasca conseguíra, pela parte da ponte de Grau, desalojar das casas e reductos, onde bravamente se defendiam, as forças republicanas.

Ao ouvir o estrondo frequente da artilheria para o lado de S. Lorenzo e de Terradas, o general Augereau, pondo em ordem de combate a sua divisão, acudiu a sustentar as tropas francezas nos pontos, onde a acção se tornára vantajosa aos alliados.

Encontrou o general republicano pela frente as tropas do brigadeiro Perlasca, de cuja divisão uma das columnas ou brigadas tinha por chefe o brigadeiro Cagigal. Travou-se um renhidissimo combate. Affrontavam-se os hespanhoes com as forças superiores do inimigo sem deslustrar a honra das suas bandeiras. Atacaram porém os soldados republicanos com tal impeto os seus adversarios, que uma das columnas hespanholas foi por elles desalojada e perseguida. Ao mesmo tempo succedia que a brigada ou columna de Izquierdo, que, segundo o plano delineado, haveria de cooperar com as tropas de Perlasca, não pôde, segundo affirmou o general em chefe,

chegar a ponto fixo ao logar que lhe fôra destinado, porque imprevistas circumstancias e o difficil e escabroso do caminho alongaram a duração da sua marcha e obstaram á pontual execução das ordens recebidas.

Terminado com exito propicio o combate de Augereau contra Perlasca, tornou-se urgente ao general republicano acudir com a sua divisão em auxilio do general Sauret, o qual, tendo corrido com uma das suas brigadas a reforçar em S. Lorenzo de la Muga o general Lemoine contra o ataque victorioso de Courten, chegára a transe por extremo angustioso. Os francezes, d'este modo reforçados, empenharam-se em rijissima peleja com as tropas alliadas. O combate foi então de tal maneira encarniçado, que os animosos combatentes de um e outro lado, cifrando na posse definitiva de S. Lorenzo e de Terradas a victoria em toda a acção, envidaram prodigios de valor, e cerrando se de perto com espantosa animosidade, se tomavam braço a braço e faziam da baioneta a sua arma decisiva, principal. Por muitas horas se dilatou o terrivel recontro dos dois antagonistas, sem que a fortuna se inclinasse complacente para qualquer dos contendores.

Quando pendia travado mais tenazmente o duello entre alliados e francezes, do corpo de granadeiros, commandado na reserva pelo tenente coronel Bernardim Freire de Andrade, se destacaram as duas companhias do regimento 1.º de Olivença e as do 2.º do Porto, a fim de reforçarem as tropas de Courten. Marchando ao seu destino, sob o commando do sargento mór graduado Parrot, do regimento de Olivença, chegadas ao logar do conflicto se encorporaram nas quatro que ali já estavam sob as ordens do tenente coronel graduado Florencio José Correia de Mello.

A columna do marechal de campo Izquierdo, apesar das delongas na sua marcha, despontára no campo de batalha, quando as tropas de Courten energicamente se mediam com os francezes e conseguira apoderar-se de uma das baterias. Conservára por algum tempo equilibrada a sorte do combate, mas após um grande esforço principiou a vacillar.

Augereau, n'este momento com a vista perspicaz do gene-

ral, que sabe n'um relance discernir o ponto fraco do inimigo, determinou ao general de brigada Mirabel, que as relações officiaes dos alliados appellidam Miravet, que marchasse com a maxima presteza na direcção da fabrica de la Muga e, emquanto durava o ataque frontal, acommettesse pelo flanco a columna de Izquierdo, procurando cortar-lhe a retirada. Mirabel, reforçando as suas tropas com tres batalhões destacados da brigada Lemoine, atravessa com grande celeridade o valle, que se estende entre S. Lorenzo de la Muga e a montanha de Terradas, e executa com a maior exactidão o encargo, de que pende o exito da jornada. O general Lemoine, apesar de atormentado pela febre, acompanha o seu collega, á frente dos seus proprios batalhões.

Os francezes, inflammados pelo enthusiasmo republicano e pela necessidade urgente da victoria, cáem com vigor, vociferando brados temerosos, sobre os seus adversarios, em quem o assombro não consegue desmaiar inteiramente o brio e o valor. Cediam, comtudo, já os hespanhoes o campo ao inimigo, quando Mirabel, um dos mais habeis e valentes generaes no exercito dos Pyreneus, é ferido mortalmente na cabeça por uma bala de espingarda. Era o general querido com singular extremo por todos os seus soldados, como acontece serem sempre os que estimulam com a propria gentileza dos seus feitos militares a fortaleza, e com o seu trato e benevolencia a affeição e a estima dos soldados.

Ao verem prostrado o seu valoroso chefe, as tropas, com a lastima de perda tão dolorosa, exacerbam com o desejo insaciavel de vingança a desesperação e o furor. Lemoine põe-se então á frente dos soldados e com a voz e com o exemplo reduplica-lhes o fogoso enthusiasmo. Uma bala de artilheria, demasiado generosa, razando-lhe a cabeça ligeiramente, arrebata-lhe o chapéu. Os francezes cerram de perto, com indomita bravura, os seus contrarios. As tropas de Perlasca são obrigadas a deixar o campo em confusa retirada, perseguidas até aos seus entrincheiramentos pelas baionetas republicanas. As forças de Izquierdo egualmente volvem as espaldas, porém com sorte mais lisonjeira, porque podem

chegar ás suas antigas posições executando a marcha em ordem regular, sem que sintam sobre os lombos o ferro do inimigo.

Emquanto se passavam estes successos, a lucta porfiada entre as forças de Augereau e as de Courten pendia favoravel aos francezes. Courten era um bravissimo soldado, porém pouco afortunado general. Seria capaz de combater, emquanto lhe restasse um alento e uma espada. Rota, porém, a sua linha, desbaratadas as tropas de Izquierdo e de Perlasca, inactivas as de Godoy, que, por uma inexplicavel circumstancia, durante a acção inteira se conservaram inertes e emboscadas, não restava a Courten melhor partido, — se não queria immolar n'uma proeza heroica, mas esteril, a gente do seu commando, — mais do que tentar do modo menos desastroso a retirada. Communicou ao conde de la Unión a angustia em que se encontrava, protestando, como bravo, que morreria estoicamente no seu posto, se lhe fosse prescripto o sacrificio. Então o general em chefe resolveu a retirada, que pelas tres horas da tarde se principiou a effeituar. E tal foi a precipitação, com que os hespanhoes desampararam as baterias, que todas ou quasi todas as bôcas de fogo de campanha ali tomadas as lançaram pelos barrancos, vindo a fazer-lhes grande falta para proteger a retirada [1].

Para sustentar na sua marcha retrograda as tropas meio desbaratadas, ordenou o conde de la Unión que os tenentes generaes Forbes e Mendinueta cobrissem com a reserva a rectaguarda, para que se podessem acolher com a ordem exequivel em tão apertada occasião, ás suas primitivas posições.

Porque mais particularmente nos interessa, convem referir qual a parte, que tiveram, no combate de S. Lorenzo de la

[1] «Á hora e meia chegou um official de artilheria hespanhola, que encravou o obuz e as duas peças, que estavam na bateria e as deitou da ribanceira abaixo, mesmo defronte do inimigo.» Officio do coronel Werna ao general Forbes. Llers, 16 de agosto de 1794.

Officio do tenente coronel Nicolau Joaquim de Caria, commandante do regimento de Freire ao general Forbes. Serra Blanca, 16 de agosto de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

Muga, os regimentos portuguezes. O 1.º do Porto e o de Freire de Andrade, a 12 de agosto, ás oito horas da noite, marcharam para a posição de Llers, a fim de se aggregarem á columna ou divisão do general Courten, e ali permaneceram até cerca da uma hora da madrugada.

Do quartel general veiu então ordem para que destacassem a reunir-se a uma das columnas hespanholas, a de D. Rafael Vasco, as duas companhias de granadeiros do 1.º regimento do Porto, e se encorporassem n'outra columna as de granadeiros do regimento de Freire de Andrade. Cincoenta homens d'estes dois corpos constituiram, com duzentas praças de infanteria hespanhola, uma columna de reserva commandada pelo marechal de campo D. Joaquim Palafox. O coronel Werna, com a sua brigada provisoria, devia marchar em seguida áquella pequena columna de hespanhoes. A delonga, porém, na distribuição de viveres ás tropas de Portugal determinou que ellas só podessem pôr-se em marcha com atrazo consideravel e ficassem ignorando qual fôra a direcção tomada pela reserva. Tal era a importancia que no quartel general hespanhol se ligava n'esta campanha á pontual combinação dos movimentos e ás relações essenciaes de espaço e tempo. O brigadeiro graduado barão de Mair, segundo commandante da columna hespanhola, conjecturando que ella estaria áquellas horas em Palau, para ali indireitou a marcha, a qual porém se mallogrou, porque não encontrou n'aquelle ponto o brigadeiro as tropas que buscava. Indeciso sobre o que haveria de fazer, e pedindo a Werna o seu conselho, vieram a accordar em que marchassem para Terradas, d'onde o som da fusilaria annunciava ser já principiado o conflicto com os francezes. Chegado Werna ali ao alvorecer com os seus regimentos, encontrou já tomada a bateria e n'ella estabelecido, com outras forças mais, o pequeno corpo de reserva, sem que fosse presente o marechal de campo D. Joaquim de Palafox, cuja funcções recaíram desde logo no barão de Mair como seu immediato.

Passava-se este successo na propria occasião em que os francezes de Lemoine haviam sido levados de vencida pelos

bravos hespanhoes do general Courten, e em que forcejavam por occupar novamente o valle, que se estendia entre a posição de Terradas e a montanha da Magdalena. Os regimentos portuguezes, sob o commando intelligente e resoluto de tão excellente official, qual era o commandante do 1.° do Porto, contribuiram honrosamente para atalhar ali o passo ás forças republicanas. No posto, que havia occupado, se manteve o corpo de reserva até ás onze horas da manhã. N'este momento era já violentissimo o ataque dos francezes, grandemente reforçados. Retirou da posição um batalhão de *Guardias españolas*, e recolheram aos seus corpos os piquetes que se haviam destacado. Reuniram á columna de reserva as quatro companhias de granadeiros do 1.° do Porto e Freire de Andrade, e vieram formar em columna entre os regimentos portuguezes e um forte piquete do regimento de *Hibernia*. Já então se fazia inevitavel a retirada, e assim o notificou ao coronel Werna o brigadeiro barão de Mair, o qual, pondo-se em marcha com o pretexto de que se adiantava para ir ao encontro das suas bagagens, deixou de facto ao coronel do 1.° regimento do Porto o commando de toda a força, e nunca mais se restituiu á frente da sua columna. Principiava com grande precipitação a retirada e as alturas na direita e na esquerda íam sendo rapidamente desoccupadas. Conservou-se Werna em a bateria, esperando para retirar o aviso, que não chegava. Perto das duas horas da tarde os artilheiros hespanhoes encravaram e fizeram rolar pelas ribanceiras um obuz e dois canhões. Os francezes judiciosamente aproveitaram o momento em que os alliados offereciam, pela sua retirada, a minima solidez e resistencia, para atacar pelo flanco direito as tropas escassas de Werna, baixando pela montanha da Magdalena, e estabelecendo-se e abrigando-se n'umas vinhas, que demoravam quasi fronteiras á direita dos contrarios. Defenderam-se os portuguezes, ainda que desamparados de todo o apoio, e pelo fogo aturado e bem dirigido contra os francezes os obrigaram a deixar o campo, e subindo a serra, a collocar-se fóra do alcance da nossa espingardaria.

A linha guarnecida pela gente de Werna ficára frouxamente

defendida por uma força diminuta, porque a maior parte das tropas se havia concentrado sobre a direita. Não desaproveitaram os francezes esta favoravel circumstancia e resolveram-se a atacar o flanco desguarnecido. Descendo ao valle, principiavam a subir para as alturas com o proposito de acommetter. A frente defendida por Werna era extensa em demasia em comparação da força disponivel. Tornava-se inexequivel o dilatar por mais tempo a resistencia. Emquanto o inimigo se aprestava ao ataque do flanco esquerdo, tomou o coronel do 1.º do Porto a deliberação de operar methodicamente a retirada. Destinou a terça parte da sua força a entreter com a sua fusilaria os aggressores, emquanto o grosso da brigada se ía retirando com assás celeridade até uma altura áquem de Terradas. Perante o fogo, que na esquerda lhe faziam os portuguezes, deteve-se a columna republicana e deu tempo a que Werna retirasse em boa ordem, cobrindo-lhe a rectaguarda a força, que sustára os progressos do inimigo.

Foram os francezes inquietando pela esquerda a tropa de Werna, que, segundo a tactica predilecta d'aquelle tempo, marchava em linha ou em batalha e a espaços fazia frente ao inimigo. O coronel Werna, como quem se víra a sós com a força do seu commando para se affrontar com tropas numerosas, porque os hespanhoes n'aquelle perigoso transe o tinham já desamparado, procedeu com grande valor e habilidade, porque, estando entre dois fogos e a lanço de ser cortado, conseguiu frustrar as intenções do inimigo, que durante o combate e na retirada maltratou consideravelmente os portuguezes [1].

Proximo á povoação de Palau encontrou Werna alguma cavallaria hespanhola, e por ella reforçado se restituiu sem mais trabalho ás antigas posições em volta de Figueras [2].

[1] «Desamparando tudo (os hespanhoes) se tornaram os francezes a fazer senhores das baterias, ficando tão sómente os portuguezes a sustel-os, até que, já mettidos entre dois fogos, o coronel Ernesto Frederico de Werna, não vendo já nenhum commandante general, mandou fazer retirada, em que os nossos soldados portuguezes foram muito maltratados.» *Memoria dos successos da guerra dos Pyreneus orientaes*, etc., pag. 52.

[2] Officio do coronel Ernesto Frederico de Werna ao general Forbes, de

O corpo de granadeiros, tendo por chefe o tenente
Bernardim Freire de Andrade, e composto das com
graduadas pertencentes aos regimentos 1.º de Oliver
do Porto, Peniche e Cascaes, formou-se n'um posto
cido por *somatenes* á rectaguarda de Palau, tendo c
as seis peças commandadas pelo sargento mór José
da Rosa, e ali constituiu uma reserva.

Quando os francezes começavam a ter vantagem r
cida sobre as tropas alliadas, e os *somatenes*, acoçad
forças republicanas, desciam, retirando, as alturas d
Calvo, ordenou a Bernardim Freire o general Forbes q
quatro das suas companhias de granadeiros se oppo
marcha do inimigo e supportasse a cavallaria hes
postada na planicie. Escolhendo Bernardim Freire pa
fim as companhias de granadeiros do seu mesmo regi
as de Cascaes, porque menos vezes que as outras qu
tinham empenhado no combate, postou-se na planicie
frente e á direita de Palau e mandou estender em ati
uma parte da sua força. Os francezes, reconhecend
quanto lhes haveria de ser difficultoso cortar pela di
Palau a retirada aos seus contrarios, e sendo escarm
pelos tiros de um obuz, desistiram de perseguir por e
as tropas alliadas.

As companhias de granadeiros, durante a march
grada para as posições em volta de Figueras, prestar
serviços e tornaram-se benemeritas pela sua boa or
ctica, pelo seu valor e pela sua firmeza e disciplina [1].

Os ataques falsos ou demonstrações para divertir
esquerda e para o centro da sua linha as attenções e
ças dos francezes não surtiram melhor effeito que os m
tos sobre a direita. Um corpo, dividido em oito colu

Llera, 16 de agosto de 1794, junto ao officio d'este general a L
de 17 de agosto de 1794.

Officio do tenente coronel commandante do regimento de
Andrade, Nicolau Joaquim de Caria, ao general Forbes. Serra B
de agosto de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[1] Officio do tenente coronel Bernardim Freire de Andrade a
Forbes. Llera, 14 de agosto de 1794. Archivo do ministerio da g

commandado pelo marechal de campo D. Valentim de Belvis, levando por seu immediato o brigadeiro D. Francisco Taranco, acommetteu com denodo e galhardia o acampamento de Cantallops.

Era esta de todas as diversões a principal, e as forças hespanholas, que para aquella empreza se destinaram, ascendiam, segundo as narrações francezas, a seis mil homens. O ataque mais vigoroso foi pela frente, sob a direcção de Belvis. Ao mesmo passo o brigadeiro Taranco e o emigrado francez visconde de Gand atacavam com duas columnas a direita do acampamento. Mas as tropas republicanas oppozeram tão inesperada resistencia, que os hespanhoes, vendo o inimigo reforçado com tropas de la Junquera, houveram por mais prudente romper a acção no momento mais propicio a uma não tumultuosa retirada.

Emquanto a posição de Cantallops era atacada, o almirante hespanhol D. Frederico Gravina, sarpando do porto de Rosas com duas naus, uma fragata e tres lanchas canhoneiras, intentava, no dia 13 de madrugada, acommetter Port-Vendres e auxiliar d'esta maneira as operações emprehendidas contra a esquerda do inimigo. Limitou-se, porém, o almirante a incommodar com o fogo das suas lanchas os francezes, durante o ataque de Cantallops. Segundo as relações officiaes dos hespanhoes uma rija nortada, que sobreveiu, necessitou aquelle general de mar a deixar sem effeito a sua empreza.

Foram grandes, no combate de S. Lorenzo de la Muga, as perdas que os francezes padeceram, se bem se não chegaram a conhecer com exactidão[1].

O valente general de brigada Mirabel illustrou com o seu sangue e a sua vida o campo de batalha. O general de divisão Augereau foi ferido por duas balas de fusil. Entre os officiaes de distincção, que receberam mais ou menos graves ferimentos, contaram-se o general de divisão Sauret, o ajudante

[1] Segundo o calculo do general Forbes perderam os francezes dois mil homens entre mortos, feridos e prisioneiros, o que todavia parece exagerado. Officio de Forbes a Luiz Pinto, 17 de agosto de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

d, o capitão de engenheiros Samson, que mais
›r na Restauração tenente general e director
guerra.

portancia attribuida pela Convenção nacional
13 de agosto, que, apenas recebeu o relato-
o exercito dos Pyreneus orientaes continuava
' da patria e decretou que o nome do general
scripto solemnemente na columna do Pantheon.
egualmente com o seu sangue os alliados o
lia, com que mantiveram a honra tradicional
s. Perderam a vida no combate, segundo as
anholas e francezas, entre duzentos e trinta e
oenta homens, dos quaes nove eram officiaes[1].
otal comprehenderam-se tres soldados perten-
nento de Freire de Andrade. Os feridos foram
oenta e quatro, contando-se entre elles tres
ores, oito capitães, vinte e oito subalternos, e
inze officiaes inferiores, cabos e soldados, dos
t do 2.º regimento do Porto, seis do 1.º de Oli-
te do 1.º do Porto. Cerca de oitenta homens
nas contusões. Foi assás crescido o numero de

s francezes, deixaram os alliados no campo de batalha
nta mortos, emquanto a relação official do conde de la
numero a duzentos e vinte e tres. *Victoires et conquê-*
ag. 111.
e de la Unión ao duque de Alcudia, de 14 de agosto de
s *Madrid*.
s versões as baixas dos hespanhoes foram grandemente
numero total em mortos, feridos e extraviados calcu-
amente em dois mil e duzentos homens. *Memoria dos*
a dos Pyreneus orientaes, por F D. Fonseca Lobo, offi-
pag 54. O general Forbes, no officio de 31 de agosto
to, affirma que os mortos e feridos no exercito hespa-
do menos de mil, e alguns regimentos padeceram per-
adas á sua força, n'um combate ordinario Assim, os
ffectivo de oitocentas praças, tinham perdido duzentos
officiaes, o regimento de Hibernia, duzentos homens
as *Guardias Walonas* cento e onze com sete officiaes.
ue as tropas hespanholas, ainda que mal succedidas a
ues e forçadas a retirar, não pouparam o seu sangue,
o seu valor.

extraviados, muitos dos quaes tinham sido prisioneiros. Computou-os o quartel general hespanhol em quatrocentos e sessenta, e póde bem ser que fossem muitos mais, se attendemos á desordem, em que varias columnas effeituaram a sua retirada sob a viva perseguição do inimigo. Entre os prisioneiros foi ó mais notavel e graduado o marechal de campo barão de Kessel, que, depois de ferido no combate, caíu em poder dos seus contrarios. Ficaram egualmente fóra de combate dois brigadeiros hespanhoes. As tropas a cavallo, como quem figurára de instrumento muito accessorio n'esta acção, perderam apenas tres soldados mortos, dezesete feridos, e contusos sómente cinco, todos elles officiaes.

As perdas padecidas pelos dois exercitos, ainda mesmo descontado o que possa haver de exaggeração nos algarismos, demonstram claramente que de todos os combates nos Pyreneus orientaes e na Catalunha, até agosto de 1794, foi um dos mais renhidos e sangrentos o de S. Lorenzo de la Muga.

Das forças portuguezas houveram-se com distincção especial e foram singularmente elogiados pelo general Forbes diversos officiaes e officiaes inferiores [1].

[1] Estes militares eram o capitão francez ao serviço de Portugal, conde de Léautaud, addido ao estado maior; do regimento de Freire de Andrade o seu commandante interino, o tenente coronel Nicolau Joaquim de Caria, e o sargento mór graduado Antonio de Sousa Falcão, o capitão ajudante João José Henriques de Oliveira, o capitão Francisco Carneiro, os capitães graduados D. Francisco de Lencastre e Ricardo José Pragana, e o tenente Francisco Maciel de Andrade; os cadetes Antonio Filippe Mascarenhas, Bernardo Antonio Moniz de Sousa, Theodoro Felix Ribeiro, Leonardo José de Sousa Cabral, D. José Fernando de Menezes e Alarcão e Pedro José Ildefonso da Costa, e o sargento Manuel Simões. Do 1.º regimento do Porto o sargento mór João Lourenço de Meirelles, o ajudante Joaquim de Mello Leite Cogominho, o capitão de granadeiros Antonio da Silva Pinto, e os de fusileiros Manuel de Loureiro, Carlos Moreira, José Luiz França e Jeronymo Affonso, os tenentes Manuel Joaquim Freire, José Alão de Moraes, e os alferes João Baptista, José de Almada e Mendoça, Miguel Bilstein, Antonio Huet Bacellar, Marcos Antonio de Carvalho; o cirurgião mór Manuel Pinto de Lima, e os cirurgiões ajudantes José Machado e Manuel Antonio Henriques. Do 2.º regimento do Porto o tenente coronel Florencio José Correia de Mello e das companhias de granadeiros, o capitão José Caetano de Queiroz, o alferes Manuel Pamplona, e o sargento Jacintho Antonio Vieira do Couto. Do 1.º regimento de Olivença

Interrompamos agora por breve espaço o progresso das operações para contrahir a attenção a outros assumptos não menos importantes para o completo conhecimento da historia.

As condições militares de Portugal não eram por aquelle tempo as que melhor poderiam corresponder á posição assumida pelo seu governo como potencia belligerante. Se não era lisonjeira a situação do exercito emquanto ao pessoal, não eram mais opulentos os seus recursos materiaes. O fabrico de armas portateis era o mais deficiente de todos os que entretinham a actividade no arsenal. Em maio de 1794 pedia com instancia o governo portuguez ao da Gran-Bretanha que lhe cedesse, para armar os quatro regimentos portuguezes de artilheria, tres mil espingardas eguaes ás que usavam n'aquelle paiz as tropas da mesma arma [1]. A Inglaterra, porém, a cuja intimação, palliada nas enganosas apparencias de um tratado, se envolvêra Portugal em uma guerra, cujo assumpto lhe era extranho, respondia com uma negação formal ao pedido portuguez, allegando que em face das circumstancias extraordinarias ficára defesa a exportação de armamento e material.

Ao passo que em Portugal era difficil a acquisição de armas para o exercito de primeira linha, e para os corpos de milicias, o governo hespanhol solicitava do gabinete de Lisboa nada menos que vinte mil espingardas, cujo fornecimento havia como urgente para armar a população, que se propunha levantar em massa contra a irrupção crescente dos francezes. Para ser, porém, complacente com a Hespanha, o governo portuguez, que já tinha principiado a tratar com varios negociantes de Lisboa a compra de armas, desistiu do seu proposito para que os agentes hespanhoes tivessem livre este mercado [2].

o sargento mór graduado Christovão Parrot. A artilheria mereceu o elogio do general, e os seus commandantes, os majores Rosa e Teixeira, foram particularmente recommendados.

[1] Officios de Luiz Pinto ao enviado em Londres, D. João de Almeida, 31 de maio e 3 de agosto de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

[2] Officio de Luiz Pinto para o embaixador em Madrid D. Diogo de Noronha, 20 de agosto de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

A estreiteza de recursos pecuniarios continuava a exacerbar-se pelas despezas extraordinarias com a divisão auxiliar e com a esquadra portugueza ao serviço da Inglaterra. O gabinete de St. James em nada favorecia n'este ponto as diligencias de Portugal para levantar em Londres um emprestimo. As negociações entaboladas com o banqueiro Richard Buller tinham saido frustradas. Fôra preciso renoval-as com o banqueiro Robert Werrey sem prompto resultado.

A politica do gabinete de Lisboa, logo desde o principio da sua aventurosa participação na triplice alliança contra a Republica franceza, fôra sempre dominada por um espirito de incoherencia e irresolução.

Através da animadversão manifestada contra a assombrosa Revolução, transparecia visivelmente a pouco enthusiastica vontade, com que o governo portuguez associava as suas forças terrestres e navaes á nova cruzada dos monarchas europeus. Agora que os fructos da guerra em todos os seus theatros eram amargos para a coallisão, e desfalleciam as esperanças de reconstruir o throno dos Capetos, o governo portuguez mostrava-se fatigado e impaciente de uma lucta, que só lhe fundia gravissimo dispendio sem prospecto de resarcimento no futuro.

A divisão auxiliar, á força de trabalhos incessantes, não sómente continuava a numerar por centenas as baixas aos hospitaes, senão tambem contava nas fileiras muitos homens, que figuravam como promptos e por sua invalidez eram inuteis no serviço. As informações officiaes, nem sempre verdadeiras, davam como inteiramente inhabilitados mais de quatrocentos militares. Solicitou do conde de la Unión o governo portuguez que se restituissem a Portugal, por evitar o custo de sustentar a expensas largas tantos homens, que de nada serviriam em campanha. Oppoz-se o general em chefe do exercito hespanhol, allegando que muitos dos enfermos iam convalescendo, e averbando de exaggerado o numero, a que se faziam ascender os incapazes nas listas officiaes. Em sua opinião o governo de Lisboa procurava este pretexto para cercear a força já diminuta á divisão auxiliar. Não era de todo

o ponto longe da verdade o attribuir-se ao gabinete portuguez o desejo de reduzir a divisão. O embaixador D. Diogo de Noronha, ao solicitar a permissão a fim de que embarcassem para Lisboa os invalidos, propunha, de feito, em julho ao duque de Alcudia que se baixasse a pouco mais de tres mil homens o effectivo das tropas auxiliares, porque era este, nas proprias expressões do agente portuguez, o maior esforço, que poderia então fazer-se, vistas as circumstancias do paiz e o estado incerto e duvidoso em que se achava toda a Europa [1]. Affirmava o conde de la Unión exceder a sua jurisdicção o permittir que tantos homens deixassem o exercito sem que fossem substituidos por um numero egual de soldados portuguezes. Esta questão, que parecia de puro expediente, contribuiu para tornar menos sinceras e cordiaes do que já eram as relações entre o governo de Lisboa e o de Madrid. O embaixador D. Diogo de Noronha recebeu ordem expressa de fazer sobre este ponto as suas representações ao duque de Alcudia. Recommendava-lhe ao mesmo passo o gabinete portuguez que empenhasse a maxima prudencia para que novos motivos de desgosto não viessem perturbar a harmonia entre as duas côrtes. O governo portuguez, em presença dos tratados, não tinha direito, — acrescentava Luiz Pinto, — a retirar do exercito um unico soldado, mas isto deveria entender-se apenas dos que podiam prestar algum serviço e não dos que manifestamente se tivessem impossibilitado. Apesar de toda a opposição do ministerio hespanhol e do general em chefe do exercito da Catalunha, o governo portuguez expedíra novas ordens ao commandante da divisão auxiliar para que sem detença fizesse embarcar para Portugal os enfermos e os invalidos [2]. Nas attribuições do general Forbes cabia a faculdade privativa de restituir á patria os militares, que nas suas tropas estavam incapazes de servir, e só por deferencia para com o general em chefe se lhe pedíra auctorisação.

[1] Officio do embaixador portuguez D. Diogo de Noronha para Luiz Pinto. Madrid, 11 de junho de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

[2] Officio de Luiz Pinto para o embaixador D. Diogo de Noronha, 2 de julho de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

O que houve de mais singular n'esta pendencia é que o numero de militares portuguezes, que figuravam nas listas como inuteis por achaques ou invalidez, tinha sido extremamente exaggerado. O general Forbes havia posto fé implicita nas informações dadas pelos chefes dos regimentos. Tratando, porém, de inquirir a verdade por si mesmo, achára que em vez de quatrocentos eram apenas cento e cincoenta proximamente os militares inteiramente inutilisados para continuarem na campanha. A quebra de boa fé commettida pelos commandantes portuguezes não deixou de influir no animo do governo hespanhol e no do conde de la Unión a suspeita, senão a crença firme de que por parte de Portugal se procuravam pretextos para attenuar a tal ponto as tropas auxiliares, que o auxilio viesse a tornar-se praticamente nullo [1]. O duque de Alcudia concordára afinal em que os invalidos, reduzido o seu numero ao que a verdade permittia, voltassem a Portugal. Como compensação tinha por justo e necessario que se preenchessem as vacaturas com um numero egual de novas praças. Emquanto porém o ministro dos negocios extrangeiros mandava desde Lisboa assegurar pelo seu embaixador ao duque de Alcudia não ser sua intenção diminuir a divisão auxiliar, porque em vez d'isso cuidava em novo recrutamento para resarcir as faltas no effectivo, tomava como um aggravo á auctoridade e soberania do governo portuguez que a Hespanha lhe exigisse como obrigação o que não poderia ser senão benevolencia. E de feito, o marquez de Oyra, embaixador de Hespanha em Lisboa, insistira em principios de julho na pretensão de que se augmentasse a divisão auxiliar com um numero de praças exactamente egual ao de quantas faltavam para perfazer o estado completo. O governo portuguez, n'esta occasião, já cansado e impaciente pela prolongação da guerra e pela tensão em que vivia com D. Manuel Godoy, não acrescentou um unico soldado ás suas parcas for-

[1] Luiz Pinto dizia a D. Diogo de Noronha, que a Hespanha suppunha que Portugal recorria a subterfugios para retirar a divisão auxiliar. Officio de Luiz Pinto a D. Diogo de Noronha, 23 de julho de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

ças na Catalunha e limitou-se a extranhar as intimações do hespanhol como attentatorias á independencia das suas tropas e á soberania de Portugal [1].

Ao cabo de todas as contestações, que chegaram a azedar-se entre os dois gabinetes peninsulares, veiu o duque de Alcudia a tolerar que os invalidos portuguezes fossem restituidos á sua patria. A 8 de agosto finalmente a charrua *Neptuno*, levando a seu bordo cento quarenta e um soldados e nove officiaes havidos por inhabeis para o serviço, saía de Rosas e fazia-se no rumo de Lisboa. Ia a charrua comboiada pela nau *Nossa Senhora do Bom Successo*, que viera áquelle porto commandada pelo capitão de mar e guerra José Caetano de Lima, e trouxera desde Cartagena em sua conserva a fragata *Tritão* e o bergantim *Sem nome*.

Acalmada, porém, a dissidencia, que nas suas relações com as auctoridades hespanholas trouxera perturbado o espirito do general em chefe ao serviço de Portugal, e contribuira para exacerbar a já menos cordial e amigavel convivencia entre os militares das duas nações, um incidente porventura mais grave, por ser domestico e revelar um estado lastimoso de subordinação e disciplina, veiu ainda amargurar o desventurado general Forbes, cujo destino parecia reservar-lhe com os seus proprios subordinados uma angustia maior que a desesperança, que lhe causavam as audazes operações do inimigo.

Para dar infeliz remate á condição moral, em que se achava a divisão portugueza na Catalunha, accresciam dissenções entre os proprios, a quem pela superior graduação e commando, que exerciam, incumbia dar o exemplo de rigorosa disciplina, agora mais do que nunca necessaria na presença de um inimigo vencedor.

Entre os officiaes de grande merito, que pelo seu tumultuario procedimento mais turbavam e affligiam o animo irresoluto do general Forbes, contava-se em primeiro logar o co-

[1] Officio de Luiz Pinto a D. Diogo de Noronha, 9 de julho de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

ronel Gomes Freire de Andrade, que mandava o regimento do seu nome. Entre elle e o general eram visiveis as mostras de frouxa cordialidade, prestes a descaír a cada passo em aberto rompimento. Gomes Freire era fidalgo acceito á côrte, e seguro da protecção, que lhe facilitavam, ainda mais do que o seu merito, o berço illustre e os vinculos de parentesco ou amisade com as mais auctorisadas personagens, e entre ellas com o proprio ministro dos negocios extrangeiros e da guerra. Era certamente um dos mais esclarecidos e briosos officiaes, que serviam nas forças expedicionarias. Mas a sua indole altiva tornava-lhe insoffrivel a superioridade nos seus chefes e a minima contradicção nos seus eguaes. Desde o principio das operações mostrára sempre grande aversão a alguns dos seus camaradas, especialmente ao tenente coronel francez de Clavière, que servia como ajudante de ordens de Forbes e conseguíra em certa maneira dominar o fraco espirito do seu malaventurado general[1]. E não era sómente Gomes Freire o que pelo seu temperamento inquieto e irascivel tornava difficil e tormentoso ao general o seu commando. A sizania e a cabala, que invadia os acampamentos, não se reportava facilmente na presença do inimigo. Repetidas vezes se queixava o general Forbes de quanto o seu espirito se amargurava com a dominante desharmonia, logo desde o principio das campanhas. Já tivera de luctar com a subterranea opposição, que lhe fizera o ajudante general conde de Assumar, que pela grande valia do seu nome e das suas relações no paço e no governo podéra affrontar impunemente

[1] Em uma carta escripta em francez ao general Forbes, o coronel Freire referia-se mais tarde em termos injuriosissimos ao ajudante predilecto do general, tratando-o pelo nome de *vil e intrigante Clavière*. Carta de Gomes Freire a Forbes a 19 de janeiro de 1895. Archivo do ministerio da guerra. «L'honneur, qui doit être sacrée a tout officier, m'oblige à réclamer votre justice contre la colomnie! *Le vil et intrigant Clavière* a abusé de votre confiance... La mauvaise foi du *scribe Clavière* a inverti les loyales intentions de Votre Excellence... il doit être sensible à un officier d'honneur de se voir calomnier par un être aussi abject que Clavière, qui tremble à la vue d'une épée.» Nesta carta Gomes Freire chama a Clavière *cet insolent calomniateur, scribe ignare et méchant*, e dirige-lhe ainda outras expressões insultuosas.

o chefe timorato. Depois que do exercito se retirára para Lisboa o Assumar, havia recrescido a desharmonia, principalmente fomentada pelos officiaes de estirpe mais illustre, os quaes não perdiam occasião de malsinar em cartas particulares aos seus parentes e valedores o indeciso e paciente general[1]. Não podia Forbes resignar-se de bom grado a que officiaes com altas protecções e influencias recebessem de Lisboa exacta informação de quanto elle officialmente escrevia para o governo sobre os assumptos do seu cargo[2]. Era na verdade lastimoso que um general em chefe, como Forbes era pomposamente designado, se visse a cada instante collocado na dolorosa alternativa de permittir ou dissimular as mais perigosas violações da disciplina, ou de incorrer no desagrado ou malquerença de pessoas poderosas, que em Lisboa favoreciam e patrocinavam os fidalgos ao serviço das forças portuguezas na Catalunha.

O general Forbes era obrigado frequentemente a justificar os seus actos no commando contra as violentas increpações, que nas suas cartas para a côrte lhe faziam os que, tendo postos superiores nas tropas de Portugal, viviam em aberta insubordinação ou em permanente malevolencia contra o seu tolerante general. Escrevendo confidencialmente ao ministro dos negocios extrangeiros e da guerra, a quem tratava por seu primo, narrava o general Forbes quanto o conde de Assumar havia contribuido incessantemente não só para semear a desordem e a intriga nos espiritos, senão tambem para abater e desacreditar, na pessoa do general em chefe, a auctoridade e o prestigio do commando. Accusava-o de promover

[1] Referindo-se Forbes ás desintelligencias, que entre elle e Unión tinham mediado, por causa dos invalidos e enfermos da divisão auxiliar, protestava a Luiz Pinto o seu desejo de viver em inalteravel harmonia com o general em chefe do exercito na Catalunha, «que, dizia Forbes, apesar *da mais apurada intriga,* tenho sempre procurado e procuro ainda conservar, *por mais que espiritos mesquinhos e turbulentos* pintem com desconformidade em cartas particulares os objectos.» Officio confidencial de Forbes a Luiz Pinto, 20 de julho de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Citado officio de 20 de julho de 1794.

e atiçar a desintelligencia e animosidade entre os militares portuguezes e hespanhoes. Increpava-o de que na acção de Céret havia desobedecido ás prescripções do general, pondo o exercito alliado em risco imminente de depôr as armas diante do inimigo. Lançava-lhe em rosto o haver, com offensa da verdade, ousado persuadir que fôra o Assumar o primeiro a penetrar n'um reducto occupado pelos francezes, quando era manifesto que ao entrar n'elle estava aquella obra de fortificação desamparada já de tropas inimigas. Declarava quão graves perturbações induziam ao seu espirito, quando mais carecia de tranquillidade, os procedimentos do ajudante general. Affirmava, fundado na experiencia, que se o conde do Assumar novamente voltasse da côrte para o exercito, o seu animo inquieto e pendencioso haveria forçosamente de produzir os mais damnosos resultados [1].

Se o conde do Assumar fôra causador de lastimosas dissenções e vivêra, desde a chegada ao Roussillon, em continua hostilidade com o seu chefe superior, não tinha sido com elle mais benevolo e conciliador o comportamento de Gomes Freire. A inimisade entre elle e o ajudante de ordens Clavière, amigo particular e confidente do general, dera causa, segundo parece, a que os feitos militares de Gomes Freire e do seu regimento não fossem imparcialmente referidos e avaliados nas participações officiaes, redigidas por Clavière. Do ajudante a animadversão de Gomes Freire transmittiu-se ao general, contra o qual já de Lisboa trouxera porventura germinada alguma particular indisposição. Ás rasões puramente pessoaes talvez andasse consociada a pouco affectuosa ligação, que sempre mais ou menos subsistíra entre os officiaes portuguezes e os seus camaradas extrangeiros. E Forbes, Mestral e Clavière eram por nascimento extranhos a Portugal. Pouco depois do

[1] Carta particular do general Forbes a Luiz Pinto, Figueras, 15 de julho de 1794. Archivo do ministerio da guerra. Esta carta desenha com traços decisivos o estado a que estava reduzida a auctoridade e força moral do general Forbes e os obstaculos, que desde o principio das campanhas oppozera á unidade e firmeza do commando a indole altiva e revoltosa dos fidalgos principaes, que serviam na divisão auxiliar em postos elevados.

combate de Céret, a proposito de que o regimento de Gomes Freire, segundo o affirmava o conde de la Unión, cedêra ao primeiro impulso dos francezes, deixando em seu poder o reducto, que defendia, procurou Gomes Freire no proprio quartel do general em chefe hespanhol, diante dos officiaes do seu estado maior, confutar a increpação que lhe faziam. Induzido pelo seu fogoso temperamento e pelo brio militar, que não era a menor das suas virtudes, excedeu-se nos termos da sua apologia, o que obrigou o general Forbes a advertil-o para que se justificasse com maior moderação [1].

De todos os incidentes, que na divisão auxiliar testificaram quanto era minguada e tenue a fraternidade militar e quão frouxo era o commando, nenhum foi certamente mais escandaloso do que a pendencia entre Gomes Freire e o coronel Mestral do 1.º regimento de Olivença. Era antiga, ao que parece, a desavença entre os dois officiaes. Qualquer pretexto serviria a Gomes Freire para lhe accender a irritação contra o seu menos iracundo camarada e converter em rixa violenta o que até ali fôra apenas má vontade. Chegou o caso a extremo, que Freire veiu a affrontar com palavras injuriosas a Mestral. O coronel do 1.º de Olivença, que era de genio manso, mas brioso, provocou a duello o seu antagonista. Já marchavam os dois para o sitio do combate, proximo ao acampamento, quando Forbes sobreveiu e fez prender nas suas barracas os dois inconciliaveis inimigos. A um e outro escreveu, reprehendendo-os severamente pelo escandalo. E porque Mestral fôra o offendido, intimou o general ao coronel Freire, que a bem do real serviço e do socego e ordem publica, se retra-

[1] «Succedeu apparecer na sua sala (do conde de la Unión) o senhor Gomes Freire, e fallando na presença do mesmo conde e officialidade hespanhola sobre a parte, que o seu regimento tinha tido na gloria d'aquelle dia em suster o ataque do mesmo reducto, lhe disse o seguinte: Eu deixaria cortar um bocado d'este meu dedo, se isto se podesse assim provar. O que fiz expressamente para lhe dar logar de destruir a mencionada asserção. Porém entrou a levantar a voz á vista de todos de maneira que me vi obrigado a dizer-lhe que fallasse mais moderadamente. Moderou-se então com effeito...» Carta particular de Forbes a Luiz Pinto, Figueras, 15 de junho de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

tasse das injurias, com que tinha maculado a honra do seu collega e lhe desse cabal e publica satisfação. E ordenou mais que sob sua palavra de honra promettessem um e outro restaurar a boa camaradagem e harmonia, sob pena de que, infringindo o pactuado, seriam submettidos a conselho de guerra e punidos com rigor.

Poucos dias eram passados após esta apparente e forçada reconciliação, quando o coronel Freire ou teve realmente ou suspeitou novos motivos para volver á antiga hostilidade contra o seu collega do 1.º de Olivença. Queixava-se Gomes Freire de que os seus officiaes inferiores eram alliciados por Mestral para irem servir no seu regimento, e que por sua permissão transitavam livremente os seus soldados de um para outro acampamento contra as ordens expressas do general. Ainda se aggravava o coronel Freire de que os subditos de Mestral increpavam de frouxa a disciplina dos que serviam no outro regimento. Queixava-se tambem de que um soldado de Mestral havia dito publicamente que n'um dia de combate não era difficil tirar a vida a um coronel como Gomes Freire.

A sanha implacavel d'este valente official contra o seu collega no commando havia-se exacerbado a tal extremo, que nada era bastante a cohibil-o nas suas hostis manifestações, as quaes, passando-se na presença das tropas auxiliares, não eram o meio mais seguro para levantar a sua já pouco exemplar disciplina. Em nova occasião, dizia Forbes ao ministro dos negocios extrangeiros e da guerra, indo elle com o coronel Mestral assistir ao exercicio de alguns corpos, e estando ambos na frente do 2.º regimento do Porto, chegára Gomes Freire, e sem nenhuma consideração pelo seu chefe superior, se dirigíra a Mestral, increpando-lhe a lastimosa indisciplina, em que deixára caír o seu regimento, e intimando-lhe não deixasse passar para o seu campo os soldados do 1.º de Olivença, para que não fossem contaminar com o mau exemplo os do regimento de Freire.

Havia-se travado entre os dois inconciliaveis militares um dialogo breve, que de ironia em ironia veiu a terminar em proferir contra Mestral o coronel Freire, em lingua fran-

ceza, uma phrase injuriosa em summo grau, e logo sem pedir venia ao general arrebatadamente se abalou para o seu acampamento. Então Forbes, rompendo por todos os respeitos, que habitualmente lhe tolhiam ser severo contra os grandes fidalgos das suas tropas, ordenou ao coronel José Narciso que fosse prender a Gomes Freire e lhe intimasse a detenção na sua barraca. E porque Forbes receiou que exaltado como estava o coronel Freire infringisse a pena disciplinar e se fosse bater com o seu collega, tomando parecer com os outros generaes da divisão auxiliar, fizera encerrar o delinquente no castello de S. Fernando de Figueras, até que o principe regente ordenasse n'este assumpto o que aprouvesse á sua brandura ou severidade.

Era, porém, com o maior constrangimento e fazendo um herculeo esforço sobre si mesmo que o general Forbes ousára proceder com severas apparencias contra o seu inquieto subordinado. Gomes Freire era ligado por vinculos de sangue ás pessoas principaes, que na côrte exerciam o poder ou gosavam de influencia e de valia. Era patrocinado pelo principe real. A lucta com um official tão graduado e com patronos tão poderosos era desegual e aventurosa para um extrangeiro, embora tivesse as honras, mais do que a energia do commando. O general Forbes, escrevendo ao ministro dos negocios extrangeiros e da guerra, e ao embaixador portuguez em Madrid, D. Diogo de Noronha, como que submissamente se desculpava de ter prescripto a reclusão de Gomes Freire e manifestava-se profundamente pezaroso de haver sido forçado ao rigor disciplinar [1].

A viva hostilidade, em que viviam os dois coroneis, communicava-se dos chefes aos soldados. Os do regimento de Freire mais de uma vez estiveram a ponto de romper com os de Olivença em briga desenfreada. Um dia, quando ferviam mais accesas as discordias entre Mestral e Gomes Freire, andavam os de Olivença em tal estado de miseria e desaceio quanto

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 3 de agosto de 1794, e officios do mesmo general ao embaixador portuguez D. Diogo de Noronha, de 3 e 20 de agosto do mesmo anno. Archivo do ministerio da guerra.

á roupa de seus corpos, que o seu commandante lhes permittiu o irem arejar os seus andrajos n'um olival proximo ao seu acampamento. Estavam aquelles desgraçados militares, como se fossem da mais desamparada especie de mendigos, buscando algum resfolego passageiro á sordicie, que os atormentava, quando apparece de improviso um piquete do regimento de Freire, e prende aquelles soldados de Olivença, a dois dos quaes, porque se pozeram em fugida, mandou o commandante do piquete fazer fogo. Apenas constou no acampamento o que era succedido, os camaradas dos que haviam sido presos acudiram ás suas armas e dispunham-se a libertal-os e a atacar os de Gomes Freire, quando o sargento-mór graduado Christovão Parrot chegou a ponto de sofrear o que já ia degenerando em aberta sedição e levantamento. Apaziguaram-se os soldados, mas ficou manifesta a semente da indisciplina, que estava nos dois regimentos desde muito germinando. Por esta occasião prendeu o general Forbes a dois officiaes do 1.° de Olivença, os capitães Francisco Leite Pereira Rebello e Diogo Figueiroa Guião, por haverem publicamente censurado que os seus proprios soldados, na presença do seu coronel e do regimento, fossem presos por superiores de um corpo extranho. Pouco depois o general Forbes, cujo animo propendia a favorecer o regimento de Olivença e mostrar a má vontade, justa em parte, contra o coronel Gomes Freire, mandou soltar os dois capitães e todas as praças, que tinham sido presas no olival, á excepção de duas porventura mais culpadas no tumulto [1].

O fogoso e indomavel temperamento do coronel Gomes Freire era dos que nos proprios assumptos do serviço levantam ás alturas de ponto de honra o que, embora regular e legalissimo, pessoalmente lhes desapraz e na superstição de um exaltado pundonor se lhes afigura offensivo de seus brios.

Achava-se em Gerona o sargento-mór Teixeira Rebello, benemerito e distincto official, e segundo commandante da bri-

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 3 de agosto de 1794.—Officio do coronel Mestral ao general Forbes, adjuncto ao officio antecedente. Archivo do ministerio da guerra.

gada de artilheria. Fôra enviado pelo general Forbes para superintender no hospital, que ali se estabelecêra para os enfermos da divisão auxiliar. Chegaram a Gerona em maio de 1794 trinta e quatro praças do regimento de Freire, as quaes vindo sem guia de marcha, nem sombra ao menos de um papel official, parecendo, segundo affirmava o major Teixeira, um bando de fugitivos, se foram logo direitos ao hospital. Recebêra este official os que depois de inspeccionados se reconheceu padecerem realmente doenças graves, e negou a admissão aos que só denunciavam molestias simuladas ou ligeiras enfermidades. A proposito d'este acontecimento um capitão, que do regimento de Freire estava em Gerona, aconselhou amigavelmente ao major Teixeira que se poupasse a desavenças com tão privilegiado official, que alem de ser nada soffredor do que havia por minimo desaire, tinha na singular affeição do principe D. João, e em ser conjuncto a Luiz Pinto seguro fundamento para saír de melhor partido nas pendencias com outros officiaes. Ponderava-lhe o quanto a sua benevolencia ou irritação podia ser util ou funesta a quem fosse provocar o seu affecto ou a sua inimisade. O sargento-mór Teixeira, como digno official, que professava por sua religião militar a disciplina e como seu primeiro dever de soldado a subordinação, respondeu com hombridade que não sendo adverso ao coronel Freire, senão a elle vinculado por affecto, não havia comtudo em nenhuma conta os respeitos pessoaes, quando lhe cumpria executar pontualmente o que pelo seu general lhe era prescripto. E porquanto Gomes Freire, ao saber que parte dos seus enfermos tinham sido recambiados do hospital, dissera com grande animadversão que a sua espada chegava de Figueras a Gerona, o sargento mór Teixeira, relatando ao general Forbes este successo, escrevia com altiva dignidade, que nunca haveria de soffrer a mais leve palavra que o offendesse, e saberia responder briosamente a qualquer desfeita da parte do fogoso coronel [1].

[1] Carta particular do sargento-mór Teixeira Rebello ao general Forbes Gerona 28 de maio de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

Os que na divisão auxiliar conspiravam em perder o general no conceito do principe D. João e do seu governo, aproveitavam as occasiões, em que o seu valimento e credito na côrte podessem auctorisar as accusações dirigidas contra Forbes. Chegára do exercito a noticia de uma carta dirigida ao principe, chamando a sua attenção para a grande mortandade, que até áquelle tempo tinha havido nas tropas de Portugal, lançando-a em grande parte á culpa do general. Sobre estas accusações mandou o ministro da guerra que Forbes respondesse. Justificou-se o chefe da divisão auxiliar, demonstrando que as perdas pelos combates ou por doenças subiriam a seiscentos homens, durante as ultimas campanhas, predominando n'este numero os casos succedidos nos hospitaes. Não era certamente proporcionado á força da divisão um tal estrago, era, porém, a consequencia necessaria de que muitos dos officiaes e dos soldados ou haviam já excedido a edade propria para serviço de campanha no maximo rigor da estação, n'um clima quasi alpino, ou tinham padecido o desamparo e a miseria, principalmente quando enfermos. Acceitou o governo as explicações, mas não desistiram das suas machinações, como veremos adiante, os inimigos do amargurado escossez ao serviço de Portugal [1].

O governo portuguez, apesar da muita predilecção, em que tinha a Gomes Freire, não pôde esquivar-se a approvar o procedimento do general Forbes, e ordenou que Freire se conservasse preso durante dois mezes no castello de Figueras. E mandou ao mesmo tempo declarar illibada a honra do coronel Mestral, recommendando-lhe comtudo se abstivesse de continuar em pendencias e polemicas offensivas da boa disciplina [2].

[1] A carta, em que se faziam as increpações, é datada de 22 de julho de 1794, foi enviada por copia pelo ministro da guerra ao general Forbes e acha-se transcripta no livro, em que se registava no quartel general da divisão auxiliar a correspondencia do governo para o commandante em chefe. O officio da secretaria d'estado ácerca d'este assumpto é datado de 27 de agosto de 1794, e está registado no mesmo livro. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Officios de Luiz Pinto a Forbes, de 3 de agosto e 3 de septembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

Sómente depois de cumprida a pena disciplinar imposta pelo governo voltou o coronel Gomes Freire a commandar o seu regimento.

Taes eram as domesticas discordias, que atormentavam o espirito de Forbes, emquanto se lhe íam afigurando cada vez mais temerosos os prospectos de um proximo desastre. Os francezes engrossavam as suas forças nos Pyrenéus orientaes e na Catalunha, emquanto que os reforços enviados ao exercito hespanhol eram mesquinhos. Chegava ao theatro da guerra um ou outro batalhão, accresciam algumas levas de recrutas [1]. Consolava-o, porém, em certa maneira a persuasão de que eram mais satisfactorias do que d'antes as relações de boa convivencia e harmonia das tropas de Portugal com as de Hespanha [2].

Sob estes e similhantes pouco prosperos auspicios, continuavam as operações na Catalunha. Com o proposito de abreviar a sua linha, extensa em demasia, evacuaram a 22 de agosto os francezes a posição de S. Lorenzo de la Muga e a montanha de Terradas, e concentraram-se na fabrica e na ermida da Magdalena com apparencias de as occupar durante pouco tempo. A 26 de agosto deixavam os francezes todas estas posições e as de la Salud e Boadilla, e consummando a destruição da fabrica de la Muga, íam apoiar a sua direita na povoação de Darnius [3].

Interpretou o conde de la Unión este movimento do inimigo como se resultára do combate de 13 de agosto e elle intentasse realmente retraír-se. Pareceu-lhe azado o ensejo para soccorrer a praça de Bellegarde, que então era já estreitamente apertada pelos francezes n'um sitio regular. Convocou a parlamento ou a conselho todos os generaes. Estendeu-

[1] Nos principios de agosto chegavam a Barcelona dois batalhões do regimento de Hibernia, e recrutas alcançados pelo vexatorio processo das chamadas *quintas*. Officio de Forbes a Luiz Pinto, 6 de agosto de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Officio de Forbes a D. Diogo de Noronha, de agosto de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[3] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, 24 de agosto de 1794, na *Gaceta de Madrid,* de 9 de septembro de 1794.

se por largas horas o debate e concluiu-se que ascendendo as forças inimigas a cerca de trinta mil homens, não podendo os alliados dispor de mais de quinze mil para aquella operação tão arriscada, e sendo imprudente e perigosissimo o desguarnecer na linha os pontos principaes, era força renunciar á tentativa e deixar a praça de Bellegarde entregue aos recursos da sua guarnição [1].

Havia-se o general em chefe hespanhol temerariamente aventurado ao combate infeliz de 13 de agosto, para conquistar as posições, que o inimigo agora lhe abandonava, como se o convidára a enfraquecer ainda mais a sua linha, alongando-a e defendendo-a com forças diminutas. Determinou logo Unión guarnecer, agora desoccupados de francezes, os pontos, que, apesar das grandes perdas experimentadas, não podéra á força arrebatar ao inimigo. E a rasão principal d'esta resolução era a vantagem que, segundo o erroneo parecer do general, colheriam as tropas alliadas, cobrindo uma zona mais extensa do paiz [2].

Os regimentos 1.º e 2.º do Porto, o de Olivença e o de Peniche, sob as ordens immediatas do marechal de campo D. João Correia de Sá, foram desde logo guarnecer as posições de S. Lorenzo de la Muga, e o commando d'esta parte da linha, que passára a ser a esquerda do exercito alliado, coube ao tenente general Courten. A vanguarda era constituida, como posto de mais honra, pelas *guardias Walonas,* com o batalhão de Valspir e o regimento *de España.* A rectaguarda era coberta pelo regimento de cavallaria de Santiago. Os regimentos de Cascaes e Freire de Andrade ficavam na posição de Llers em segunda linha. O intransitavel dos caminhos obstou a que a artilheria podesse deslocar-se das suas antigas posições [3]. Tratou-se, porém, de os melhorar para que as peças de campanha

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, Figueras, 27 de agosto de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Citado officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, 24 de agosto de 1794, *Gaceta de Madrid,* de 9 de septembro de 1794.

[3] Officio de Forbes a Luiz Pinto, Figueras 31 de agosto de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

pertencentes aos corpos de infanteria se lhes fossem brevemente reunir em suas novas situações.

Os *somaténes* e as guerrilhas, muitas d'ellas commandadas por ecclesiasticos, affrontavam-se n'um ou n'outro ponto da fronteira com as pequenas partidas de francezes, e com varia fortuna ora se contrapunham ás incursões dos inimigos, ora se aventuravam a talar os seus campos e as suas povoações, sem que no progresso da guerra tivessem taes recontros a minima influencia. Desde a acção de 13 de agosto, o exercito francez parecêra retraír-se contra os Pyreneus e abrir como que um parenthese nos seus movimentos de invasão. E com estas enganosas apparencias era o conde de la Unión estimulado a avançar contra a fronteira á medida que o inimigo lhe deixava o terreno desoccupado. Depois que o exercito alliado, batido e destroçado no 1.º de maio, conseguira em S. Fernando de Figueras concentrar-se e cobrar alguns alentos, fôra d'aquella praça adiantando até se estabelecer nas alturas da serra Orlanea, de Llers, de Palau, e recentemente se estendia para o flanco esquerdo até ás posições de San Lorenzo de la Muga e de Terradas. Julgava agora o general em chefe hespanhol ser-lhe mui facil levar ainda mais ávante a sua linha, e estreitar cada vez mais o inimigo nas suas posições, segundo lh'o representava de facil execução e resultado a sua phantasia mais de andante cavalleiro que de previdente general.

Entre a villa de la Junquera e o logar de Capmany, junto da estrada real que passava pelas duas povoações, erguiam-se umas alturas, que se fossem occupadas pelos francezes, poderiam ser de grave perigo para as tropas hespanholas. Resolveu Unión antecipar-se na que parecia vantajosa occupação. Dispoz-se que a operação se effeituasse em a noite de 17 para 18 de septembro. Executou-se a marcha com presteza. Chegadas as tropas alliadas ao seu destino, procederam com grande celeridade á construcção de doze baterias, sem que os francezes oppozessem a menor contradicção, provavelmente porque pouco vigilantes e em demasia confiados no seu valor e na sua estrella, traziam, como era frequente

n'aquelle tempo, desmandadas as prevenções de segurança e mal executados os serviços de exploração. Talvez que, segundo affirmam as relações officiaes, surtissem bom effeito as diligencias do general hespanhol para illudir o inimigo, fazendo-lhe acreditar que o movimento se dirigia contra a direita das suas posições. Se bem aquelles documentos, summarios em extremo, não indiquem nem a força empenhada na operação nem o modo por que era constituida, parece haver sido consideravel, a avaliar pelo crescido numero de generaes. E em verdade são numerosos os que o general conde de la Unión especifica na relação da sua empreza. Eram entre elles os mais notaveis dos hespanhoes Izquierdo, Belvis, Iturriguray, Vives, Godoy e Mendinueta, condes del Puerto e Donadio e Taranco; dos portuguezes o tenente general Forbes e o marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha. O commando superior incumbia ao marquez de las Amarillas. Entre os officiaes, que tinham o mando immediato das columnas, em que segundo a tactica habitual n'estas campanhas se repartia sempre o exercito alliado, figurava o coronel portuguez José Narciso de Magalhães e Menezes, do 2.º regimento do Porto. O general em chefe, para maior segurança da operação, havia disposto que os tenentes generaes Courten e conde de Santa Clara, que protegiam os flancos de toda a linha, cada um com uma columna de dois mil homens, avançassem até um ponto medio entre as suas posições e a que se tratava de occupar, e estivessem prestes a caír de flanco sobre o inimigo, se porventura se deparasse a occasião.

Pequenos recontros sem importancia nem influencia no successo das principaes operações se repetiram por aquelle tempo.

A estas refregas parciaes seguiu-se uma acção mais importante e de consequencias desastrosas para as armas hespanholas. A montanha de Monroch está situada ao oriente da estrada, que conduz de Figueras á fronteira e quasi a meio caminho entre aquelle ponto e a villa de la Junquera. Fica pouco distante da posição occupada pelos hespanhoes a 18 de septembro. Considerou o conde de la Unión a conveniencia

de avançar até Monroch o centro da sua linha, como ponto de apoio necessario á sua marcha progressiva para a fronteira. Esta nova posição, pelas suas qualidades topographicas, poderia para os alliados vir a ser inexpugnavel, quando a arte acrescentasse á natural aspereza da montanha as defezas artificiaes. A sua occupação não sómente seria de grandissima vantagem para apoiar o centro da linha hespanhola, e servir de mais segura ligação entre o centro e a esquerda, mas poderia porventura facilitar em futuras operações o soccorro á praça de Bellegarde, cada vez mais apertada pelos francezes, que traziam occupada n'este assedio a maior parte das suas tropas. N'estas circumstancias mal poderiam acudir com forças consideraveis á defeza de Monroch. Seria pois facil aos alliados apoderar-se da posição sem grande sacrificio.

A 21 de septembro, logo ao primeiro alvorecer da madrugada, marchavam quatro mil homens de tropas escolhidas, pertencentes á divisão do centro commandada pelo marquez de las Amarillas, levando por chefe superior o brigadeiro D. Francisco Taranco. Sob as suas ordens, iam mandando as diversas fracções d'esta columna o brigadeiro D. João Baptista de Castro, os coroneis duque del Infantado e D. João Hogan, e o coronel graduado D. Felix Maeso. Dispozera o conde de la Unión nos pontos convenientes as forças, que deveriam assegurar os flancos á columna para impedir que fosse cortada, e provera a quanto a prudencia recommendava para que, no caso de revez, se effeituasse a bom recado a retirada. Succedeu n'esta operação o que era habitual nas tropas hespanholas. Avançou a columna com valente resolução e galhardia contra a posição mal guarnecida por escassos defensores, e com pequena resistencia conseguiu estabelecer-se sobre a altura, onde tomou aos francezes, colhidos de sobresalto, uma bateria. Alli aguardava em boa ordem que os gastadores abrissem um caminho praticavel á artilheria, quando uma guarda avançada, que apenas contaria cincoenta homens, se adiantou contra o que lhe fôra determinado, para occupar um castello em ruinas, que se erguia na opposta pendente da montanha. De uma quebrada proxima ao castello,

um batalhão francez, ali posto de emboscada, saudou os imprudentes hespanhoes com uma descarga tão a tempo, que inopinadamente e sem accordo, atroando com seus gritos lastimosos a montanha, se pozeram de tropel em vergonhosa retirada. O grosso da columna contaminado, como era então frequente no exercito hespanhol, pelo terror panico, deu em fugir em confusa debandada, lançando fóra as armas para maior celeridade e ligeireza. Em vão o brigadeiro Taranco, os commandantes dos regimentos e os outros officiaes empenhavam esforços inauditos para conter a aterrada soldadesca. Apenas desde o posto, onde na retaguarda tinha ficado, com o general Forbes, o conde de la Unión soube o que era passado, não lhe restou mais expediente que tornar menos desastrosa a retirada. E para tal effeito ordenou ao marechal de campo D. Diogo Godoy, que com um batalhão do regimento suisso de Schwaller, apoiado por outro do regimento de *Castilla,* e mais algumas tropas, que a apertura d'aquelle transe permittiu aproveitar, fosse proteger na sua fuga as columnas desordenadas, e oppor-se aos francezes, os quaes, aproveitando a propicia occasião, se dispunham a tomar de flanco as tropas hespanholas. Logrou o general Godoy refrear o inimigo. Ao mesmo passo ordenava o conde de la Unión a alguns officiaes que fossem reunir e formar os soldados, que vagavam dispersos pela montanha. D'esta maneira os que n'um momento de terror e desaccordo haviam esquecido o seu dever e maculado a honra das armas hespanholas, volvendo sobre si de tão extranha e opprobriosa fraqueza e indisciplina, se apodavam uns aos outros de covardes.

Emquanto se passavam em Monroch estes successos, ameaçavam tropas francezas irromper pelos barrancos de Viura e pelo castello das Escaulas. Contra ellas destacou o tenente general Courten uma columna commandada pelo coronel Mestral do 1.º regimento de Olivença, a quem antecipadamente se havia commettido o ameaçar por ali o inimigo, para distrahir-lhe as attenções e favorecer por este modo o ataque de Monroch. Ao brigadeiro conde del Puerto, com os dois batalhões do seu regimento de Mallorca, incumbiu a commissão de

apoiar e proteger uma bateria destinada na ponte de Llobregat a bater de flanco as tropas republicanas.

Emquanto durou a acção e a retirada estiveram na rectaguarda junto ao conde de la Unión o general Forbes, o marquez de las Amarillas, D. Pedro Mindinueta, D. Agostinho de Lancaster e o commandante de artilheria D. José Antran. Os corpos hespanhoes, que n'esta jornada infeliz tomaram parte, foram as *Guardias españolas* e *Walonas,* os granadeiros e caçadores de Andaluzia, segundos batalhões dos regimentos *del Principe,* de Soria, de Guadalajara, o terceiro batalhão do regimento de Sevilha, o regimento de Granada, o de Valencia, o de *España,* e batalhões dos regimentos de Navarra, Estremadura, Malaga, Guadix, o fixo de Ceuta, suissos de Schwâller, e voluntarios de *Castilla.* Parece que nenhum regimento portuguez, á excepção do 1.º de Olivença, participou nos combates d'este dia, porque referencia alguma a este ponto se depara na breve relação official do general Forbes, e na do conde de la Unión.

O comportamento das forças hespanholas ao fugírem de Monroch fôra de tal modo ignominioso, que o proprio general em chefe, apesar da parcialidade com que era propenso a desculpar ou escurecer os actos deshonrosos dos seus subordinados, não se esquiva n'esta occasião a escrever ao duque de Alcudia: que el-rei Carlos IV não deixaria de extranhar nas suas tropas tão degradante procedimento[1].

Não foram minimas n'este dia as perdas do exercito hespanhol. Vinte e tres praças perderam a vida no campo de batalha, entre ellas um official, elevou-se a cerca de cento e trinta o numero dos feridos, inclusos oito officiaes, o dos contusos a vinte e sete, dos quaes tres officiaes, o dos extraviados e prisioneiros a quarenta e tres. Das forças portuguezas não accusam os mappas nenhuma casualidade.

[1] «Sirvase v. excelencia elevarlo á la consideración del Rey, que no dudo extrañará en sus tropas una conducta tan opuesta á la gloriosa, que celebró su majestad en la accion del 13 de agosto ultimo» Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, 23 de septembro de 1794, na *Gacela de Madrid,* de 3 de outubro de 1794.

Tal foi a indignação, que no general em chefe produziu a fuga vergonhosa de uma parte das suas tropas, que resolveu punir severamente tão escandalosa covardia. Para descobrir quaes foram precisamente os mais culpados deu commissão ao tenente general marquez de las Amarillas, de cujas tropas havia saído a columna de ataque, para que fizesse dizimar os cincoenta militares, que primeiro tinham roto a ordem tactica e pelo seu terror haviam dado origem ao desastre das tropas hespanholas. Os que não fossem passados pelas armas ordenou que depois de levados em ignominiosa ostentação, com rocas em vez de armas, servissem nos presidios o tempo que lhes faltasse para sairem das fileiras.

O general Forbes, porém, a cujo animo compassivo repugnavam as crueis severidades, intercedeu com grande instancia perante o conde de la Unión, e pelo muito que o prezava o commandante em chefe, conseguiu que dos cinco infelizes, que haviam de ser espingardeados, dois sómente expiassem com suas vidas o commum delicto e infamia [1].

Por este tempo chegára á ultima phase da sua duração o cerco de Bellegarde, contra a qual o general Pérignon estivera accumulando forças consideraveis e um grande material e trem de sitio. O general Dugommier, apenas conseguíra apoderar-se de Saint-Elme, Port-Vendres e Collioure, empenhara-se em restituir á Republica uma tão notavel praça de guerra e expungir d'esta maneira o ultimo vestigio de extrangeiros invasores na França meridional. É Bellegarde mui importante, porque serve como de sentinella á fronteira franceza pela parte oriental dos Pyreneus. Os hespanhoes tinham reparado as suas fortificações e melhorado consideravelmente as suas defezas. Porque a praça era franceza e convinha recobral-a sem que padecesse a ruina consequente a um sitio demorado e proseguido com vigor, entendeu Dugommier que a poderia porventura constranger a capitular por um bloqueio apertado e rigoroso. Segundo as narrações francezas, um exercito de vinte e cinco

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 24 de septembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.— Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, na *Gaceta de Madrid,* de 3 de outubro de 1794.

mil homens, comprehendendo as divisões Augereau, Sauret e Pérignon, teve por encargo esta operação, ao passo que o general Charlet, á frente de outros dez mil como corpo de observação, devia conter em respeito as forças hespanholas de soccorro.

Dugommier assentára o seu quartel general na povoação de Agullana, a pequena distancia de La Junquera, com o intento de divertir a attenção e as tropas inimigas. A praça não tinha aprovisionamentos, com que podesse manter-se por tempo mui dilatado. O conde de la Unión, segundo já se referiu, para forçar os francezes a levantarem o bloqueio, havia delineado, com melhor intento que execução, o combate de La Muga, em que o exercito hespanhol víra frustradas as suas esperanças mais risonhas. Ao bloqueio succedêra o sitio regular, e a guarnição de Bellegarde mais briosa e esforçada que as das outras fortalezas no Roussillon, podera, desamparada de todo o auxilio externo, manter a honra das suas armas, a preço das maiores privações e sacrificios. Era tão penosa a escassez de mantimentos, que já desde meado de julho a ração diaria se reduzíra a um quarto da sua porção habitual. As doenças grassavam implacaveis, o scorbuto principalmente, que a poucos defensores privilegiava. Em fins de agosto já no quartel general do conde de la Unión se havia por impossivel o prolongar-se por muitos dias a resistencia, se acaso, o que não parecia muito exequivel, Bellegarde não fosse promptamente soccorrida [1]. Governava a praça o marquez de Valsantoro. A 17 de septembro, julgando empreza sobrehumana o defender-se por mais tempo, arvorou bandeira branca e propoz capitulação. Já n'aquelle tempo grande parte dos defensores ou tinham caído sob o fogo dos francezes, ou jaziam nos hospitaes. Os fossos e casas-matas regor-

[1] Officio do general Forbes a Luiz Pinto, Figueras, 31 de agosto de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

No officio de 17 de septembro de 1894 escreve o general Forbes a Luiz Pinto que «soccorrer Bellegarde era difficillimo pela distancia a que ficava a praça e pela immensidade de baterias que os francezes tinham em amphitheatro» e que para tentar o soccorro seria necessario sacrificar sete ou oito mil homnes.

gitavam de cadaveres. Dugommier, conhecendo o extremo trance, em que era posta a fortaleza, recusou admittir a reddição por meio de quaesquer estipulações. Intimou a Valsantoro que se rendesse á discrição e confiasse com as suas tropas na generosa clemencia do vencedor. Apertado pelas circumstancias lastimosas, não teve o governador outro recurso mais que submetter-se á intimação do general Dugommier. A 18 de septembro entravam os francezes em Bellegarde, e tomavam posse do ponto derradeiro, que em terras da Republica ainda estava em poder da coallisão. A Convenção nacional, ao receber a nova de que até o ultimo os seus numerosos inimigos exteriores haviam sido expulsos do territorio francez, proclamou benemerito da patria o exercito dos Pyreneus orientaes. E seguindo os processos de nomenclatura patriotica então frequentes, decretou que a Bellegarde se chamasse d'ahi em diante a praça de *Sud-Libre* (Sul-livre), a exemplo do que antes já fizera, dando o nome de *Nord-Libre* (Norte-livre) á cidade de Condé, que em 29 de agosto de 1794 se rendêra ao general francez Scherer, e deixára desoccupadas inteiramente de invasores as fronteiras septentrionaes. Na mesma occasião, sob proposta de um dos seus mais illustres membros, o celebre chimico Fourcroy, determinou a Convenção, que por uma grande e patriotica festividade civica e nacional se festejasse a completa restituição de todo o territorio francez ao gremio da Republica [1].

No emtanto affrouxavam os francezes as suas operações na

[1] *Victoires, conquêtes*, etc., *des français depuis* 1792, tom. I, pag. 140-141.

Fourcroy foi, como é sabido, com Berthollet e Guyton de Morveau, um dos mais assiduos companheiros do illustre e desventurado Lavoisier em varias investigações scientificas, e particularmente na fundação da nova nomenclatura chimica. Fourcroy era um ardente republicano, o que não obstou a que, sob os auspicios de Napoleão I, fosse feito conde e senador do imperio. A historia offusca-lhe em certo modo a gloria de sabio eminente, com a macula de haver permanecido na Convenção indifferente ou pelo menos inactivo, quando outros amigos de Lavoisier e das grandes conquistas da sciencia infructuosamente se empenharam na terrivel assembléa em o salvar da guilhotina, a que fôra condemnado pelo tribunal revolucionario.

Catalunha, de maneira que muitos dias se passavam sem que se empenhassem em recontros de importancia, ou mesmo em leves escaramuças. Sómente em a noite de 22 de outubro, das oito para as nove horas, accommetteram o posto hespanhol das Sete-Casas entre Espolla e S. Climent, sem que lograssem, pela vigilancia dos defensores, ver coroado o seu intento [1].

A guerra tornava-se nas regiões proximas aos Pyreneus cada vez mais trabalhosa com a inclemencia de um outono desabrido. As tempestades açoitavam duramente os acampamentos e as tropas, quasi desabrigadas em tendas rotas ou mal compostas, davam signaes de impaciencia perante as contrariedades, que lhes oppunham a natureza e a fortuna [2]. As tropas de Portugal, cansadas de fadigas, e o seu general, sempre desalentado, suspiravam por ver-se em quarteis de inverno, mais commodos e mais tranquillos dos que haviam gozado no Roussillon, salteados a cada momento pelos rebates do inimigo. E apesar de que os francezes não pareciam resolvidos a interromper durante largo tempo a serie das suas victorias, o general Forbes não cessava de pedir ao governo de Lisboa que a sua divisão desse por concluida a primeira campanha na Catalunha. O ministerio portuguez assim o fazia instantemente representar pelo seu embaixador ao duque de Alcudia [3]. A situação porém da guerra tornava pouco plausivel, mesmo deshonrosa a insistencia n'este ponto. Não seria de

[1] Officio do general Forbes a Luiz Pinto, Figueras 27 de outubro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] «A nossa situação e a do inimigo não nos fazem prever quarteis de inverno, posto que já se sintam os ventos insupportaveis ali chamados *tramontanas* e pouco possam durar as nossas barracas, apesar dos constantes concertos, que se lhes fazem. A nossa tropa já se lamenta da cruel estação do inverno futuro, comparativamente com o que nas montanhas do Roussillon padeceu no passado.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, 5 de outubro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[3] «Fica (Forbes) prevenido por Luiz Pinto de que a 22 de outubro foi recommendado ao nosso embaixador em Madrid que sollicitasse do governo hespanhol ordens para que as nossas tropas *entrem com tempo em quarteis de inverno commodos e seguros*, onde se possam organisar e restabelecer das fadigas da campanha passada.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, 5 de novembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

grande lustre para a honra dos soldados portuguezes, que no torvo cariz, que então ia mostrando a guerra, e em vesperas de novas e mais decisivas operações, a divisão auxiliar se retirasse para o interior da Catalunha, deixando os seus camaradas hespanhoes a braços com os francezes. Andava pois decorosamente o conde de la Unión, quando nos seus colloquios com o general Forbes lhe ponderava ser impossivel n'aquella conjunctura afastar do theatro da guerra as tropas de Portugal, embora sentisse desejos vehementes de acceder á pretensão de Forbes, que este mesmo general bem depressa julgou em certo modo intempestiva e deslocada [1], se as negociações a seu respeito directamente mediassem entre elle e Unión. Os documentos provam porém que tanto Forbes, como o gabinete de Lisboa desejavam com fervor que do theatro da guerra se ausentasse promptamente a divisão auxiliar.

A questão dos quarteis de inverno, diplomaticamente proseguida entre as duas côrtes peninsulares, deu origem a que tomassem um mais intenso tom a suspeição e desconfiança, que

[1] Tratando Forbes com o conde de la Unión a questão dos quarteis de inverno, respondeu-lhe o general hespanhol: «Que achando-se os dois exercitos acampados em frente um do outro, cobrindo e defendendo os territorios do paiz respectivo, lhe não era possivel a elle desmembrar parte alguma da linha do exercito, e que até na presente situação faria nota a todo aquelle que largasse o posto, em que está com o inimigo á vista, e que isto me expressava com candura e amisade, devendo persuadir-me da contemplação que em tudo elle tem mostrado a nosso favor, em quanto dependia d'elle, e que finalmente sem o inimigo se retirar era impraticavel que parte alguma d'este exercito combinado o fizesse». Officio de Forbes a Luiz Pinto, 16 de novembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

Tratando dos quarteis de inverno, que Luiz Pinto concordava serem indispensaveis para alliviar quanto possivel as tropas de Portugal do trabalho incessante, a que estavam expostas, escrevia Forbes «haver tocado n'este assumpto ao conde de la Unión, mas quando era opportuno fazel-o e que haveria de continuar, mas que á vista de estarem atirando umas contra outras as boccas de fogo de um e outro lado e fazendo fogo as avançadas nos reconhecimentos de madrugada, *haveria desaire,* se elle o representasse deliberadamente. Tratado o assumpto pelo embaixador portuguez em Madrid não se lhe póde extranhar o que se extranharia a Forbes, se o fizesse na presença do inimigo». Officio de Forbes a Luiz Pinto, 12 de novembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

desde o principio da guerra transpareciam sob as enganosas apparencias de alliança intima dynastica. A uma nota dirigida a 9 de novembro de 1794 pelo embaixador portuguez ao duque de Alcudia, respondia o valido de Carlos IV, mal dissimulando o seu despeito, que el-rei catholico nem de longe suspeitava, que a rainha de Portugal duvidasse um só momento da consideração, com que eram tratadas as suas tropas na Catalunha. Ponderava, porém, que se ellas se retirassem do theatro da guerra, este acontecimento acrescentaria no inimigo as suas esperanças, porque haveria de interpretal-o como desintelligencia entre os dois soberanos da Peninsula. O rei de Hespanha, dizia Godoy, estava prompto, apesar de tudo, a prescindir do auxilio portuguez, e renunciaria de boa mente a reclamal-o, segundo o que se estipulára no tratado, mas n'este caso lhe ficava livre o desonerar-se da obrigação, que tomára sobre si, de auxiliar a Portugal na sua defeza contra o commum adversario. O duque de Alcudia affirmava, porém, cavillosamente ter expedido ao conde de la Unión a ordem para que mandasse recolher a quarteis de inverno as forças portuguezas, no caso de que bastassem as hespanholas para cobrir as posições em frente do inimigo [1].

O tom altivo e desdenhoso, com que D. Manuel Godoy, arrogando-se uma especie de insolente suzerania sobre Portugal, como seu feudo, respondia ás instancias embora inconvenientes do embaixador portuguez, provocava em Luiz Pinto queixas amargas e expressões de justa represalia. Increpava na resposta do ministro hespanhol a D. Diogo de Noronha o inserir na sua nota phrases que destoavam do bom concerto e harmonia entre Portugal e a Hespanha. Em seu parecer o documento da chancellaria castelhana terminava por uma condescendencia, que se poderia interpretar como um insulto. Cansado já de uma perenne campanha diplomatica, esteril e enojosa, com o duque de Alcudia, o ministro portuguez dos

[1] Nota do duque de Alcudia ao embaixador portuguez D. Diogo de Noronha, de 10 de novembro de 1794, junto ao officio d'este diplomatico para Luiz Pinto, de 11 de novembro d'aquelle anno. Archivo dos negocios extrangeiros.

negocios extrangeiros ordenava ao embaixador que pozesse ponto na pendencia [1].

Um dos motivos mais urgentes que empenhavam o governo portuguez e o chefe da divisão auxiliar a sollicitar instantemente os quarteis de inverno, era que a triste situação das forças portuguezas, a sua pouco severa disciplina, e a desconsolação de servir n'uma campanha sem outra perspectiva mais que a de fadigas e desastres, incitavam os soldados portuguezes a frequente deserção. E o que mais a tornava dolorosa para quem prezasse a religião da patria e a honra das suas armas, era que d'estes desertores alguns se passavam a acolher á sombra das bandeiras inimigas. Cincoenta dos que tinham desertado para o interior de Hespanha haviam sido presos na fugida e encerrados no castello de S. Fernando de Figueras [2].

A despeito da ostensiva resignação, com que o ministerio portuguez se accommodava á orgulhosa autocracia de Godoy e apesar da sua completa sujeição aos destinos hespanhoes, levedava entre os dois governos um fermento de má vontade, que poucos annos depois se haveria de converter em hostilidade manifesta. A côrte de Lisboa, se em secreto lhe pesava a dependencia, em que vivia do seu vizinho peninsular, não perdia comtudo occasião, em que mostrasse por alguma bem

[1] «... misturando-se ao mesmo tempo n'ella (na resposta de Alcudia ao embaixador) reflexões pouco proprias e extranhas, e terminando-se com uma condescendencia, que se poderia interpretar como um insulto.» Officio de Luiz Pinto a D. Diogo de Noronha, 26 de novembro de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

N'este officio Luiz Pinto ordena ao embaixador que não prosiga na questão e *deixe correr as coisas.*

[2] «Tem chegado a noticia de que nas tropas portuguezas do Roussillon principia a manifestar-se uma consideravel deserção para os inimigos, o que geralmente attribuem os officiaes ao excesso de fadiga, com que não podem aquellas tropas depois de duas campanhas tão penosas.»

Officio de Luiz Pinto para o embaixador portuguez em Madrid, 1 de novembro de 1794.— Officio de D. Diogo de Noronha para Luiz Pinto, 11 de novembro do mesmo anno. Archivo dos negocios extrangeiros.— Officio do general Forbes a Luiz Pinto, 12 de novembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

clara humilhação quanto se arreceiava de incorrer no desfavor do duque de Alcudia.

Continuava o governo de Lisboa em guerra aberta com o Dey de Argel, cujos corsarios salteavam duramente os navios de Portugal. Mantinha-se no Mediterraneo uma esquadra portugueza, com o fim de os refrear em suas insolentes correrias. D'esta força naval o bergantim portuguez *Serpente do mar*, de que era commandante o capitão tenente escossez Donald Campbell e uma lancha commandada pelo official Manuel Pinto Franco, haviam dado caça a uma galeota argelina, a qual para se pôr em cobro se abrigára no porto de Tarifa, onde aquellas embarcações a tinham bloqueada. O conde de Las Lomas, que tinha o mando superior no campo hespanhol de Gibraltar, representou ao commandante da esquadra portugueza, Manuel Ferreira Nobre, contra esta que julgava manifesta violação do direito internacional, visto que a Hespanha vivia pelos tratados em paz e amisade com Argel. Reclamou que saísse a galeota livremente da enseada. Accedeu Nobre á reclamação. Viu o governo de Madrid com maus olhos que se houvessem atrevido navios de Portugal a tamanho desacato contra os seus amigos barbarescos. Apressou-se a côrte de Lisboa a expressar ao duque de Alcudia que a rainha víra com o maximo desgosto o temerario procedimento dos seus officiaes, e ordenou ao seu embaixador que fosse inexhaurivel em dar satisfações. Ao mesmo passo fazia-se constar ao governo hespanhol que os dois officiaes Campbell e Franco ficavam presos á ordem do commandante da esquadra. O embaixador deveria communicar a D. Manuel Godoy que se não fossem bastantes as suas escusas, a rainha directamente escreveria ao rei catholico para offerecer-lhe o mais completo desaggravo [1].

Continuavam por aquelle tempo as hostilidades entre os dois exercitos contrarios, apenas manifestadas em pequenas incursões ou leves recontros principalmente de tropas irregu-

[1] Officio de Luiz Pinto a D. Diogo de Noronha, 15 de septembro de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

lares, sem nenhuma consequencia para os progressos da campanha. Tal foi o conflicto, em que D. Francisco Carreu, commandante da companhia de Urgel, com duzentos *somaténes*, procurou a 5 de septembro attrahir a uma emboscada sem effeito uma partida de francezes, paizanos armados, que na povoação de Montella commettêra desacatos contra as pessoas e fazendas, e forçára os moradores a fugirem promptamente. Assim tambem o tenente coronel D. Thomás Segura, que mandava a companhia franca de Lérida, se affrontou sem exito notavel com uma pequena força irregular do inimigo[1].

Frustrada foi tambem a resistencia opposta pelo tenente D. Nicolau Lederger, do regimento suisso de Saint-Gall Rutiman, commandante do posto de Tosas, aos francezes, que em numero de quinhentos atacaram aquella povoação.

Occupára Lederger em vantajosa posição a eminencia de Cret de Mayans. Mas os paizanos armados, de que principalmente se compunha a força hespanhola, logo desde o principio, segundo o seu costume, debandaram, apesar dos esforços empenhados para os conter na sua tumultuosa retirada. O capitão D. João Daspeet, que tinha o mando no posto de Dorri, havendo previamente occupado com os seus guerrilheiros e as companhias francas de Vich as alturas de Pla de Salinas, acommetteu e perseguiu até o logarejo de Alp a partida de francezes, sem que estes na retirada padecessem outro damno mais que o de alguns feridos[2].

Mais importancia que os recontros antecedentes se attribuiu ao que no 1.º de novembro succedeu entre as forças commandadas pelo tenente do batalhão de Ceuta, D. Pedro Echevarria, o qual á frente de uma partida de cento e quarenta homens tinha por encargo o serviço de exploração e reconhecimento. Sendo atacado por forças muito superiores do inimigo junto á montanha de Monroch, e estando a pique

[1] Officio do conde de la Unión ao duque de Alcudia, na *Gacela de Madrid* de 30 de septembro de 1794.—*Gazeta de Lisboa*, 2.º supplemento ao n.º 44, 8 de novembro de 1794.

[2] *Gazeta de Lisboa*, 2.º supplemento ao n.º 41, 18 de outubro de 1794.

de não ter já possivel salvamento, conseguiu retirar em boa ordem, protegido pelas baterias hespanholas, sem que fossem consideraveis as perdas experimentadas. O que n'esta pequena acção houve de mais notavel foi que das escassas forças hespanholas n'ella empenhadas faziam parte os soldados, que pelo seu indigno procedimento no combate de Monroch, a 21 de septembro, tinham sido pelo general em chefe condemnados á extrema degradação. A suas instancias fervorosas e por sinceras demonstrações de arrependimento, o conde de la Unión lhes permittira usarem novamente o laço nacional e servirem sem uniforme na tropa do tenente Echevarria[1]. A 17 de outubro uma pequena força commandada pelo capitão D. Miguel Cervera, empenhou-se n'um combate com uma columna de francezes, que do Col de la Bassa vinha avançando contra os postos hespanhoes. Soccorrido Cervera pelo tenente suisso Dempfle, que se postára nas eminencias de Cogulla com alguns soldados de linha e paizanos armados, poderam ambos arrostar por algum tempo com o inimigo superior em numero, até que saíndo o capitão Daspeet com tres companhias de Vich e as guerrilhas de Dorri, alcançaram sem grande perda as forças combinadas repellir os francezes, perseguil-os até o bosque de Auseya e Valsebollera, e obrigal-os a buscar sua guarida em uma serra, que não mui distante lhes ficava[2].

Uma tentativa dos francezes a 22 de outubro contra a povoação de Rocabruna para a metter a saque e incendiar, saíu frustrada pela resistencia, que lhes oppoz uma força de voluntarios destacados n'aquelle ponto, com o auxilio de guerrilhas, e de um soccorro de tropas regulares, enviadas pelo coronel Miramon, commandante hespanhol em Campredon[3].

Não se descuidavam os francezes em repetir os rebates e

[1] *Gazeta de Lisboa,* 2.º supplemento ao n.º 47, de 29 de novembro de 1794.

[2] *Gazeta de Lisboa,* 2.º supplemento ao n.º 47, de 29 de novembro de 1794.

[3] *Gazeta de Lisboa,* 2.º supplemento ao n.º 47, de 29 de novembro de 1794.

incursões nos povos que lhes ficavam mais á mão para suas correrias. Assim a 22 de outubro atacavam em numero crescido as alturas da Col de Jou e de Bagá, a povoação de Tosas, Pla de Annella, Castel-Nuch, Pla de Salinas e Hospitalet, e apesar de que os hespanhoes resistiram quanto poderam com algumas tropas regulares, e paizanos armados, não deixou o inimigo de lograr em parte o seu intento, lançando fogo a muitas habitações [1].

Todas estas quasi obscuras operações de pequena guerra, effeituadas principalmente por gente mais audaz, que endurecida na arte e disciplina militar, eram apenas os preludios da acção decisiva, que o general Dugommier trazia em mente a fim de recalcar os hespanhoes para o interior da Catalunha. O mez de novembro de 1794 ía ser fecundissimo em revezes para as armas de Portugal e de Castella. A fortuna, que no principio da guerra se mostrára propicia ás armas peninsulares, ía agora accumular novos desastres aos que já se contavam numerosos.

Depois que os francezes tinham senhoreado Bellegarde, ficavam em favoravel situação para proseguir as suas operações com probabilidade mais segura de bom exito. A frente dos alliados tinha a sua esquerda em S. Lorenzo de La Muga, e a direita apoiava-se no Mediterraneo junto á parte mais oriental dos Pyreneus, tendo a pequena distancia na sua rectaguarda a praça de Rosas. Achava-se esta linha guarnecida com importantes e bem construidas obras defensivas, que parecia frustrarem de antemão os impetos do inimigo. Cerca de noventa reductos e lunetas coroavam as posições mais favoraveis á defeza, constituindo n'uma extensão de algumas leguas um systema de linhas não contínuas, dispostas em series concentricas. Um campo entrincheirado em Llers e a fortaleza de S. Fernando de Figueras serviam de apoio ao flanco esquerdo dos hespanhoes, o mais exposto e de maior importancia estrategica. Por isso era aquelle, onde um revez teria forçosamente para os alliados as consequencias mais funestas. Por

[1] *Gazeta de Lisboa*, 2.º supplemento ao n.º 48, de 6 de dezembro de 1794.

alli passavam as estradas, que conduziam para aquem do rio Fluvia, e offereciam a menos perigosa linha de retirada para que o exercito, no caso de ser vencido, se podesse concentrar sobre Gerona.

O general Dugommier, inflammado no desejo de levar as armas da Republica até o coração da Catalunha, e de tornar fructuosas as vantagens, que até alli o valor e a fortuna lhe tinham deparado, resolveu-se a acommetter n'um ataque impetuoso e decisivo as linhas fortificadas dos hespanhoes. Certificado de que a ala esquerda inimiga era a menos cabalmente defendida, fez para ahi principalmente convergir o ataque mais vigoroso, emquanto a direita e o centro fossem atacados com forças menos copiosas, mas não menos resolutas e valentes.

O ataque da esquerda foi commettido ao general Augereau, que com a sua divisão occupava a direita dos francezes. O general Pérignon, que commandava o centro da linha republicana, dirigiria o seu ataque ás posições centraes dos hespanhoes. O general Sauret, com a sua divisão, que formava a esquerda franceza, tinha o encargo de distrahir com demonstrações a attenção e as forças dos alliados na sua direita, e devia ser apoiado pelo general Victor com a sua brigada, para a parte de Espolla. A cavallaria, commandada pelos generaes Dugua e Quesnel, e a artilheria ligeira, sob o mando do general Guillaume, ficariam postadas como reserva em frente de La Junquera, na estrada que d'esta povoação conduzia ao interior da Hespanha.

Segundo as relações francezas, as tropas que Dugommier poderia applicar n'esta occasião não pareciam proporcionadas á empreza. O general em chefe republicano apenas contaria vinte e cinco mil homens promptos para o ataque. Era mais numeroso o exercito hespanhol, ainda que pela desmoralisação que profundamente lavrava em suas fileiras, perdia em força moral o que em superioridade physica lhe sobrava. Computavam os francezes em cincoenta mil homens as forças alliadas, o que não se afigura exaggerado, porque documentos officiaes dos hespanhoes dão como presentes ou proximos a com-

parecer no theatro da guerra na Catalunha, sem contar as tropas de Portugal, setenta e cinco batalhões de infanteria, numerando cincoenta e seis mil homens, e quarenta e sete esquadrões, com a força total de nove mil cavallos.

Os francezes, porém, confiados no prestigio da Republica, que pelas ultimas victorias em todas as suas fronteiras, parecia haver tomado a soldo a fortuna dos combates, davam entre si como seguro que não estavam para elles exhauridos os laureis e os triumphos. Exhausta, porém, estava a região dominada pelas tropas francezas na Catalunha. A administração militar dos republicanos não primava sobre a hespanhola em regularidade e previdencia. Os armazens e os depositos não podiam assegurar as subsistencias. O systema das requisições, tão largamente usado pelos exercitos francezes nos territorios inimigos, não podia já prover do necessario as tropas, que occupavam um paiz fundamente devastado por nacionaes e por extranhos. Era pois urgente adiantar a marcha até menos talados ou mais pingues territorios.

A 16 de novembro, ao caír da noite, da povoação de Darnius, onde acampava, punha-se em marcha o general Augereau, passava o rio Muga a oeste da fabrica de projecteis, continuava a marchar durante a noite, e antes de luzir com os primeiros clarões a madrugada, fazia alto proximo á vertente meridional da montanha da Magdalena, tomando assim de revez a esquerda dos hespanhoes. Durante a marcha viera juntar-se á divisão Augereau a brigada Davin. O general Dugommier, acompanhado pelo representante do povo Delbret, commissario da Convenção junto ao exercito francez, depois de haver passado a noite em uma gruta, que adiante de Darnius servia de quartel ao general Guillaume, veiu ás quatro horas da manhã occupar, no cume da que os francezes chamavam a *Montanha-negra,* um logar d'onde podesse observar o decurso da acção.

A 17 de novembro principiaram os francezes o ataque pelas seis horas da manhã. Augereau com a bravura impetuosa, de cujas brilhantes manifestações estão cheios os fastos militares da Republica e do Imperio, atacou de revez a montanha

da Magdalena. Os hespanhoes, que negligentes ou illudidos, nem haviam pensado porventura que o inimigo viesse estabelecer-se na sua rectaguarda, guarneciam a montanha pela parte septentrional. O general Courten, que tinha o commando na esquerda hespanhola, com as poucas tropas, que n'aquelle transe podia applicar á defeza da posição, manteve no principio a honra das armas peninsulares. Foi vigorosa, tenacissima a resistencia ao inimigo. Os francezes, porém, que haviam feito convergir para a esquerda dos alliados forças muito superiores ás dos seus antagonistas, e haviam tomado de revez as posições dos hespanhoes, redobraram de esforços e de valor, e poderam finalmente estabelecer-se na altura da Magdalena. Tinha o general Courten logo no principio da acção reconhecido o quanto era perigoso o lance, e pedira com instancias repetidas ao conde de la Unión que lhe acudisse com refórços. As suas reclamações não foram escutadas. Os republicanos, inspirados pelas primeiras vantagens obtidas, foram tomando successivamente em breve tempo as posições hespanholas de Nossa Senhora de Pau, de S. Pons e de S. Jorge. Nos começos do combate não tinham participado as tropas de Portugal. Tentando, porém, Courten oppor a extrema resistencia ao inimigo, que da Magdalena batia de revez com fogo violentissimo os alliados, tentou defender a todo o transe a posição de La Fita, que proxima ao rio Muga, apenas estava guarnecida por um unico batalhão do regimento *de España*. Ordenou pois que o 1.º do Porto marchasse com a maior celeridade a reforçar aquelle posto. Assim o executou o coronel Werna á frente do seu corpo, reduzido n'aquella aventurosa conjunctura a muito menos que metade do effectivo já então pouco avultado. Pela direita da montanha determinou Courten que subisse o 2.º regimento do Porto, commandado pelo coronel José Narciso de Magalhães e Menezes, com alguns batalhões de *Guardias Walonas*. N'este movimento offensivo devia cooperar, trepando pela esquerda, o regimento de Peniche, de que tinha o commando interino o bravo tenente coronel Bernardim Freire de Andrade. Occupavam primitivamente os dois regimentos portuguezes o campo de Nossa

Senhora de la Salud. As tropas de Portugal na esquerda eram commandadas pelo marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha, e repartiam-se em duas brigadas, das quaes uma tinha por chefe o marechal de campo D. João Correia de Sá e a outra o coronel Gomes Freire de Andrade. A primeira era formada pelos regimentos 1.° de Olivença, Peniche, e 1.° e 2.° do Porto, a segunda constituida pelos de Freire e de Cascaes.

O 1.° regimento do Porto, apesar dos esforços, que empenhou na defeza da posição, não conseguiu frustrar a violenta aggressão do inimigo. O coronel Werna recebêra do marechal de campo D. Rafael Vasco, segundo commandante na esquerda dos alliados, a ordem de occupar com a pequena força disponivel do seu regimento a altura, que ficava á rectaguarda da bateria da La Fita, e alli estacionára, ficando sob as ordens immediatas do brigadeiro hespanhol duque de Mahon. Permanecêra em tiroteio com os postos avançados inimigos, até que os francezes senhorearam inteiramente a montanha da Magdalena. N'este lance, antevendo o coronel Werna o perigo imminente de ser acommettido com forças mui superiores, mandou communicar ao duque de Mahon a sua critica situação. Apenas mediára pouco tempo depois que o duque lhe ordenára se mantivesse a todo o transe na posição, quando os francezes, tomando successivamente a bateria dos *somaténes* e as mais que demoravam na frente dos alliados, atacaram com impeto irresistivel a posição defendida pelo 1.° do Porto. O coronel Werna, com a pequena força do seu regimento, ainda contrapoz, por meio dos seus fogos, honrosa resistencia ao inimigo, emquanto se não consumiram de todo as munições. A posição era, porém, insustentavel. Ordenou a Werna o duque de Mahon que retirasse para a bateria que ficava á rectaguarda. Mas ao tentar o movimento foi cercado o 1.° do Porto por tres grossas columnas de francezes, e obrigado a depor as armas, ficou prisioneiro do inimigo. A mesma sorte coube ao batalhão do regimento *de España* [1]. As bandeiras do regimento

[1] Officio do coronel Werna ao general Forbes, Perpignan 24 de novembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

portuguez não caíram em poder dos republicanos, porque ainda houve accordo e occasião para lhes rasgar a seda e quebrar as lanças promptamente [1].

Vejamos agora com que fortuna combateu o regimento de Peniche n'aquella desastrada occasião. A 16 de novembro occupava este corpo o acampamento de La Salud. Pelas seis horas da tarde o som da aturada fuzilaria e o estrondo dos ca-

Segundo uma narração contemporanea, o coronel Werna, vendo o lance apertado, a que estava reduzido, fallou aos seus officiaes, exhortando-os com palavras efficazes a affrontar-se resolutamente com os francezes, e rompendo por entre elles, abrir o seu caminho á ponta da bayoneta, mas achando-se cercado improvisamente pelas tropas republicanas, em quatro columnas, formou quadrado, ou, como se dizia então, *praça vasia*, e com o seu fogo resistiu emquanto não queimou o ultimo cartucho. E então, cerrados todos os caminhos á salvação, houve de render-se prisioneiro com a gente do seu commando.

Memoria dos successos da guerra dos Pyreneus orientaes, por F. D. F. L. V., official de artilheria. Lisboa, 1797, pag, 64.

No officio do coronel Werna, que devia saber precisamente o que fizera na sua lastimosa situação, não se encontra a menor allusão aos actos de heroica resistencia, que lhe são attribuidos, e a critica historica manda n'este caso seguir antes a versão official do proprio interessado em avolumar os seus feitos gloriosos e os do seu regimento do que as narrações dos que não assistiram ao combate. Officio de Werna ao general Forbes, datado de Perpignan, 24 de novembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

O general Forbes na relação official para o governo ácerca do combate de 17 de novembro refere o successo do 1.º regimento do Porto n'estas laconicas expressões: «Achando-se o posto de La Fita guardado por um batalhão do regimento de Hespanha, commandado pelo duque de Mahon, determinou que marchasse a sustel-o n'aquelle importante passo o 1.º regimento do Porto, o qual *em breve espaço, junto com o referido batalhão de Hespanha, foram cercados por tres columnas consideraveis do inimigo, vindo o primeiro mencionado regimento do Porto a ficar prisioneiro com as bandeiras* e tambem o foi o sobredito batalhão de Hespanha. Officio do general Forbes á Luiz Pinto, Figueras, 19 de novembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

No officio de Forbes a Luiz Pinto, de 23 de fevereiro de 1795, diz o general que o duque de Mahon, que obtivera da Convenção licença para vir a Hespanha sob palavra, louvára encarecidamente o valor com que se distinguíra, a 17 de novembro, o 1.º regimento do Porto, que resistiu em quanto lhe duraram as munições, e só teve de ceder á força de oito mil homens.

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 13 de agosto de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

nhões para a esquerda dos alliados, annunciaram que os francezes dirigiam para alli o seu ataque. Pouco depois vieram novas de que as tropas republicanas se haviam apoderado das baterias de Nossa Senhora de Pau, de S. Jorge e de S. Pons, e que occupando S. Lorenzo de La Muga, tomavam de revez a linha hespanhola. Sómente pela uma hora da madrugada no dia 17 occorreu ao general Courten, já sabedor do acontecido, o ordenar aos regimentos portuguezes que estivessem de prevenção, e que, dentro das suas tendas, armados e equipados, e com seus capotes já vestidos, ficassem promptos a marchar á primeira determinação.

Eram já as tres da madrugada, quando o regimento de Peniche recebeu ordem de marcha para guarnecer a altura, d'antes occupada pelo segundo batalhão do regimento *de España,* e defender o barranco e a estrada, que d'aquella posição se dilatava até á bateria de La Fita, para a qual ao mesmo tempo marchava como reforço o 1.º regimento do Porto. Logo os francezes romperam o fogo das suas baterias contra a eminencia guarnecida pelo regimento de Peniche, ao passo que, atacando o posto da Magdalena, batiam pela rectaguarda a linha dos alliados. Postado na esquerda da Magdalena, o 2.º batalhão do regimento *de España* fazia esforços para deter a marcha dos francezes. Entendeu Bernardim Freire por necessario o mandar-lhe como soccorro uma das suas companhias de granadeiros, e apesar de que esta força não era sufficiente, não ousou avançar com todo o regimento, visto que sem ordem superior lhe não era permittido desamparar as posições, cuja defeza lhe fôra commettida. Passava pouco depois o marechal de campo D. Rafael Vasco, que deixára a bateria de La Fita, recommendando ao batalhão *de España* e ao 1.º regimento do Porto que a defendessem até á derradeira extremidade. Ordenou então aquelle general a Bernardim Freire que se dirigisse á ermida da Magdalena, que os francezes n'aquelle instante acommettiam impetuosos. Executou o valente official a ordem recebida, e subindo a montanha deparou-se-lhe a distancia o 2.º regimento do Porto e um batalhão de *Guardias Walonas,* que acceleradamente acudiam a reforçar a defeza da

ermida, ao passo que pela esquerda da Magdalena retirava destroçado diante das forças inimigas o 2.º batalhão *de España*. A esta sasão já os francezes haviam senhoreado a posição junto da ermida e com os seus fogos bem nutridos varejavam as tropas alliadas. N'esta angustiosa conjunctura era impossivel que o regimento de Peniche fosse restabelecer o equilibrio do combate. Julgou Bernardim Freire que nada mais lhe restava senão retirar pela encosta ao lado esquerdo da Magdalena, procurando acolher-se ao reducto hespanhol chamado do *Pastor*. O terreno asperrimo de fragas e penedias, e o fogo vivissimo com que os francezes não cessavam de bater de revez os seus contrarios, tornavam difficilima a retirada mantendo nas fileiras a ordem tactica. N'estas circumstancias sobreveiu em marcha veloz e desordenada um regimento hespanhol que, cortando na confusão da sua fuga precipitada o de Peniche, perturbou inteiramente a sua formação e converteu o movimento retrogrado em completa debandada. Bernardim Freire tentou novamente reunir o disperso corpo do seu commando. Muito poucos soldados se conservavam junto das bandeiras e as diligencias do seu chefe apenas alcançaram reunir em torno d'ellas umas sessenta praças, segundo elle affirmou [1], e segundo não menos auctorisados testemunhos, apenas a metade d'esta força [2]. Com tão escasso numero de combatentes julgou o general Courten que ainda Bernardim Freire poderia deter na sua marcha as columnas francezas, que descendo a encosta da Magdalena avançavam para a planicie. Ordenou pois Courten ao tenente coronel do regimento de Peniche que marchasse ao encontro do inimigo, e esta ordem segundou o general Forbes, que estava junto do hespanhol. Atravessou Bernardim Freire, sob o fogo dos francezes, a planicie, ao som dos tambores e com as bandeiras

[1] Officio do tenente coronel Bernardim Freire ao general Forbes, Barcelona 19 de dezembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Officio do coronel Gomes Freire ao marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha, Sierra Blanca, 19 de novembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra. «A chegada... das bandeiras do regimento de Peniche *com pouco mais ou menos trinta homens*.»

despregadas, e arremetteu aos seus contrarios, conseguindo nos primeiros momentos a extranha temeridade, o que a uma força tão diminuta foi pouco depois impossivel completar. Se parece nada plausivel que as debeis reliquias do regimento de Peniche, apesar de reforçadas com mais alguns soldados, que ás bandeiras acudiram no caminho, podessem ter mão em numerosos inimigos, já quasi inteiramente senhores da victoria, segundo na sua relação affirma o commandante[1], se é quasi impossivel que os francezes, como n'aquelle documento se assevera, cedessem o passo aos poucos portuguezes de Bernardim Freire, e se retrahissem a um ponto superior na montanha da Magdalena, entrincheirando-se nos abrigos naturaes, que o fraguedo lhes ministrava[2], não se póde todavia contestar que o regimento de Peniche, conservou em quanto pôde a sua firmeza e a sua bravura durante um combate desegual, que aos esforços mais heroicos não era dado protraír. Considerando, pois, Bernardim Freire que um conflicto com forças tão desproporcionadas não podia ser um ataque de exito propicio, e que a sua aggressão contra os francezes, como pura diversão, havia realisado o seu destino, e não vendo chegar a soccorrel-o nenhum dos mais regimentos portuguezes, houve por necessario não expor a sua tropa a um esteril sacrificio, quando já attenuadas as fileiras pelos tiros do inimigo, era cada vez mais duvidosa a retirada. Resolveu, pois, effeitual-a em escalão pelo flanco direito, sob a protecção do esquerdo e logrou d'esta maneira pôr em salvo o resto da sua gente. Não

[1] Officio de Bernardim Freire ao general Forbes, 19 de dezembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] A esta nada crivel affirmação de Bernardim Freire se refere decerto em grande parte o que o general Forbes escreveu a Luiz Pinto, remettendo-lhe os officios, que ácerca do combate de 17 de novembro lhe tinham enviado o marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha, o coronel José Narciso e o tenente coronel Bernardim Freire. «Como testemunha ocular dos mencionados successos, não devo occultar que nos taes papeis *achei muitas coisas apocryphas*, e que posto que a minha natural inclinação é de abonar sempre os meus camaradas, tambem assentei que não era conveniente fazel-o contra a pura verdade.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, Arens del Mar, 9 de janeiro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

foi, porém, tão quieta e regular, como podia imaginar-se, esta manobra. O tenente coronel Bernardim Freire fôra ferido na refrega por uma bala, que lhe passára o braço esquerdo; o que de todo o ponto lhe não tolhêra a resolução e a coragem. O regimento perdêra nas fileiras a união e a firmeza. O cuidado principal do commandante era agora salvar as bandeiras, que não podia acompanhar e para o conseguir deu-lhes por guarda todos os homens, que por feridas ou contusões não estavam inhibidos de marchar com maior celeridade. Assim poderam os venerandos symbolos da patria e da honra militar acolher-se a logar seguro, attestando nos signaes ali impressos pelos projecteis inimigos, que não fôra a baixo preço comprada a salvação. D'aquelles desordenados restos do seu regimento entregou Bernardim Freire o commando ao capitão José Porphyrio Rodrigues de Sequeira, o immediato ao mais antigo, o capitão José Leandro de Carvalho, que exercendo as funcções de major, ou sendo *capitão mandante*, como n'aquelle tempo se dizia, fôra ferido gravemente na acção [1].

Convem agora destrinçar d'entre a confusão dos testemunhos contemporaneos a parte que tomou o 2.º regimento do Porto no combate. O coronel José Narciso, quando já andava acceso o conflicto na esquerda, marchou a reforçar as alturas menos elevadas na montanha da Magdalena. Apenas chegado a um ponto não distante do que era occupado pelo 1.º do Porto, vinham já descendo em retirada varias praças, algumas feridas e não poucas extraviadas. Um official do regimento *de España* noticiou-lhe que os francezes atacavam n'aquelle momento em grande força a ermida no cimo da montanha, e ponderou-lhe a urgencia de acudir com presteza áquella posição, onde as tropas hespanholas eram já levadas de vencida. Então o coronel José Narciso por uma contramarcha sobre a esquerda, talhando o seu caminho por entre fragas e alcantis, se dirigiu com o seu regimento á ermida da Magdalena. A poucos passos encontrou, baixando em tropel, acossados vivamente

[1] Officio do tenente coronel Bernardim Freire ao general Forbes, Barcelona 19 de novembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

pelo inimigo, um batalhão de *Guardias Walonas* e outro do regimento *de España*, em fuga desordenada. Em vão, segundo affirma, se empenhou José Narciso em exhortar os que vinham em carreira desesperada para que fizessem frente á rectaguarda e voltassem com o 2.º do Porto a oppugnar as tropas da Republica. Frustradas as exhortações a soldados, que tinham perdido inteiramente a força moral, tratou o commandante portuguez de furtar ao contagio a sua gente, e procurando manter a formação, para que os fugitivos lh'a não rompessem, mandou logo fazer alto. E após mui breve espaço se poz em marcha, buscando por entre as penedias acolher-se ás alturas, que ficavam á outra parte da estrada, não sem que os obstaculos do terreno tornassem difficil conservar a boa ordem nas fileiras. Postado em nova posição, conseguiu por meio da sua mosquetaria defender-se contra os francezes, que se dispunham a atalhar-lhe o passo pelo caminho de Terradas.

Segundo a narração do coronel José Narciso, o inimigo perante a resistencia, que lhe oppunha o 2.º do Porto, viu-se forçado a subir pela montanha. Contra esta versão militam, porém, as mesmas contradicções, que tornam improvavel o feito referido por Bernardim Freire a proposito do regimento de Peniche. Ao tempo em que José Narciso fizera alto na sua nova posição, vinha descendo pelas alturas de Terradas, fronteiras á Magdalena, uma columna de francezes, constituida por tres batalhões, a qual marchava a tomar de revez a força dos alliados. Despontava já a vanguarda no ponto, onde antes existira acima de Terradas uma bateria franceza. O proposito do inimigo era adiantar-se para interceptar ao 2.º do Porto e ás tropas hespanholas, que o seguiam, o caminho para as linhas de Llers. Intentou José Narciso atacar a columna republicana e assenhorear-se da altura, em que apparecia a sua vanguarda. Começou, pois, o regimento a descer pela montanha em direcção ao valle pouco profundo, que o separava da eminencia que buscava. Bem depressa, porém, se convenceu de que a aspereza do terreno, cortado de penedos, barrocaes e precipicios, lhe não consentia accelerar o movimento a fim de

s inimigos. Julgou prudente restituir-se à posição
e n'ella, segundo a tactica predilecta d'aquelle
o 2.º do Porto em linha, ou em batalha, frente
nde ia deslisando a columna inimiga. E pondo-
novamente foi costeando, a distancia, a tropa
ando demoral-a por alguns fogos, que o peque-
espingardas fazia pouco damnosos ao inimigo.
as forças hespanholas vinham batendo em re-
una das armas se havia declarado a favor dos
Seguindo então o coronel José Narciso as vere-
s contrariavam a marcha em boa ordem, se di-
de Llers. Não foi comtudo tão regular a reti-
imento não perdesse a união, porque já tinham
hegado ao seu destino algumas companhias,
nel com as restantes se póde acolher áquellas

esbonrosa a participação do 2.º do Porto na
novembro, não consente a verdade historica
ue este corpo, já notavel por mostras de valor
crescentou notavelmente na Catalunha os loi-
ssillon tinham engrinaldado as suas bandeiras.
o de Freire e ao de Cascaes mui pequena parte
de 17 de novembro, e o seu especial serviço
oteger a retirada ás tropas que se haviam em-
querda. A brigada constituida por estes dois
b o mando de Gomes Freire, guarnecia uma
roxima ao centro da linha. Das onze horas para
eu Freire as ordens convenientes para que a
tamente se armasse e equipasse. Ás cinco da
quando era já mui vivo o fogo dos francezes na
conheceu que o inimigo principiava um ata-
cisivo, a brigada pegou em armas. Reforça-
o a ordem recebida, as baterias á esquerda e
ampamento. No emtanto os francezes, já esta-

coronel José Narciso de Magalhães e Menezes ao gene-
da Sierra Blanca, 19 de novembro de 1794. Archivo do
rra.

belecidos no alto da Magdalena, tornavam impendente o perigo de tomarem pela rectaguarda a força portugueza. Marchou então o coronel Freire com a brigada para uma altura á direita do acampamento, apoiando o flanco direito em uma obra de fortificação, que estava proxima, e o esquerdo na serra da Coelheira. O cimo da montanha foi occupado por um piquete de cem homens, entre os quaes se contavam quarenta portuguezes e os mais eram soldados hespanhoes de varios corpos. Esta força assim constituida por elementos desconnexos era commandada pelo capitão D. Luiz Machado, do regimento de Freire, e tinha por subalterno o tenente graduado Francisco Claudio Blanc. Os esforços de corpo tão diminuto pouco poderam demorar a marcha dos francezes e impedil-os de passar uma quebrada, aonde se dirigiam com o intento de tomar a serra da Coelheira. N'esta occasião vinha da esquerda retirando o marechal de campo D. Rafael Vasco, immediato no commando ao general Courten. Por elle foi o coronel Freire certificado de que todas as tropas alliadas eram batidas e forçadas a retirar. Logo depois chegaram as bandeiras do regimento de Peniche, apenas, segundo a narração official de Gomes Freire, defendidas por cerca de trinta homens, e succedia-se um magote de *Guardias Walonas* acompanhando uma bandeira. O destroço das tropas alliadas na esquerda de toda a linha estava pois plenamente confirmado. N'esta conjunctura nada mais restava a Gomes Freire do que retirar do melhor modo, que permittisse o transe urgente, em que o apertava o inimigo.

Achava-se então presente o marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha, que commandava a linha n'aquelle ponto. Propoz-lhe Gomes Freire, com maior determinação que a do cansado e enfermo general, que a brigada se fosse estabelecer á esquerda em uma altura guarnecida por um corpo de *somaténes*, em cujo apoio, conhecida a impericia e indisciplina proverbial d'esta gente collecticia, nenhuma tropa regular poderia confiar. Mandaram-se retirar as guarnições das baterias e a guarda do acampamento, e poz-se fogo nas barracas e a quanto n'ellas existia. O capitão D. Luiz Machado re-

tirava então com a sua força, procurando sem effeito colligir a gente dispersa e fugidia. Não podia haver melhor partido que deixar do modo menos desastroso o campo de batalha. Áquelle tempo o tenente general Courten, observando a confusão e a desordem, em que as suas tropas debandavam na presença do inimigo, dispoz, conforme pôde, a retirada sobre Llers e Sierra Blanca, e ordenou ao general Forbes que egualmente retirasse para estas posições com os regimentos portuguezes e algumas tropas hespanholas, cobrindo com ellas a rectaguarda. O general Courten, depois de haver perdido as suas posições mais avançadas, conseguiu assim a grande custo reunir n'alguma ordem as suas tropas e com ellas occupou a segunda linha, protegido pelos canhões de S. Fernando de Figueras.

Emquanto se passavam estes successos, e os francezes desbaratavam na esquerda as forças alliadas, a fortuna das batalhas sorria menos carinhosa ás armas republicanas no ataque emprehendido contra a direita dos hespanhoes. O general Sauret com a sua divisão, ainda que sustentada pela brigada Victor, viu frustrados os seus esforços para tomar as posições fortificadas, que os soldados hespanhoes defendiam com extremo valor e tenacidade. O general D. Vicente Belvis rechassava galhardamente o impeto dos francezes, o general Taranco, por um retorno offensivo, desalojava dos reductos de Espolla as baionetas republicanas, e o official emigrado, visconde de Gand, levava diante de si o inimigo vigorosamente perseguido até o seu proprio campo de Canteloup.

No ataque dos francezes contra a esquerda perdeu a vida o general Dugommier. Assistia este illustre militar desde uma altura á segunda phase do combate, e via as columnas republicanas, avançando bravamente contra as inimigas posições, quando junto d'elle veiu rebentar uma granada, que ferindo-o mortalmente na cabeça, quasi exanime o prostrou. Acudiram angustiados e pressurosos os officiaes do seu estado maior, entre elles dois dos proprios filhos. Tentam erguer o bravissimo guerreiro, que os projecteis inimigos

tantas vezes tinham respeitado. Era em vão, porque apenas lhe restavam de vida alguns momentos. Mas ainda lhe sobrava o animo varonil para encommendar aos que o cercavam que buscassem occultar a sua perda aos soldados, já a ponto de completarem a victoria, cujo prospecto era n'aquelle transe a consolação e a esperança do valente general republicano. E proferido n'estas brevissimas palavras o seu testamento militar, exhalou Dugommier no campo de batalha o alento derradeiro. Ali mesmo Delbret, commissario da Convenção junto ao exercito dos Pyreneus orientaes, deferiu o commando em chefe ao general Pérignon.

A perda do general Dugommier podéra ter sido fatal ao exercito francez, se o enthusiasmo das tropas republicanas e o seu prestigio assegurado por triumphos successivos em todas as fronteiras da Republica, não fossem bastantes a contrapesar a falta de um chefe estremecido, cuja presença na frente das columnas era penhor seguro da victoria. Não foi possivel occultar ao exercito o desastre, que o ferira na pessoa do general. A impressão, que esta nova produzira, era tão dolorosa e tão profunda, que seria imprevidencia em Pérignon o segundar logo em seguida o ataque ás posições dos alliados, sem algum respiro, principalmente destinado a dar nova disposição ao seu exercito e delinear o plano da operação, visto que o do seu antecessor lhe era apenas em traços imperfeitos conhecido.

Na acção do dia 17 de novembro as tropas de Portugal, se não desmentiram inteiramente os brios da sua nação, estiveram, por circumstancias talvez independentes da sua vontade, bem longe de corresponder ao que d'ellas se podia ter esperado, se o commando nas fileiras hespanholas e nas portuguezas fôra desempenhado com maior pericia, exacção e regularidade. O general Forbes queixava-se de que as suas expressas determinações não tinham sido escrupulosamente observadas pelos chefes seus subordinados. Assim, intentando Forbes engrossar o ataque dirigido contra os francezes pelo regimento de Peniche, communicára por um dos seus ajudantes ao regimento de Cascaes e ao de Freire a ordem terminante

de apoiar o movimento. Nenhum d'estes dois corpos infelizmente foi encontrado na posição, que lhe fôra assignalada, porque o marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha os fizera a seu arbitrio retirar d'aquelle ponto para outro á rectaguarda fóra da esphera de acção do inimigo. Censurava o general Forbes o procedimento de Noronha, que olvidando as ordens recebidas, nem ao menos buscára conhecer o que estava occorrendo n'aquelle instante com as forças empenhadas no combate[1]. Reprehendia o general merecidamente que certos officiaes, deixando os seus regimentos, ou desamparando as suas boccas de fogo, se tivessem reunido ao regimento de Peniche ao emprehender o seu ataque, porque a audacia e o valor, quando são infracções da disciplina, sempre foram condemnados por todos os mais celebrados capitães. Assim o primeiro tenente de artilheria Fernando José de Sousa, e o cadete artilheiro João Freire, tinham abandonado as suas peças, que defendidas e empregadas com vigor e tenacidade não houveram caído porventura nas mãos do vencedor[2].

Os dois dias seguintes ao do combate foram consagrados, no campo francez, a dar algum repouso ás tropas fatigadas e a apercebel-as para o ataque decisivo ás posições dos alliados. O desastre padecido pelos hespanhoes a 17 dava a Pérignon a segurança de que occupados exclusivamente em colligir e reanimar as suas tropas, não haveriam de tomar a offensiva. O novo general republicano confiava plenamente no enthusiasmo dos seus subordinados, impacientes de propiciar com a victoria os manes do seu antigo chefe Dugommier. Quando mal ía clareando a alvorada, a 20 de novembro, avançavam em grande força as columnas republicanas contra o centro inimigo, sobre o qual agora se dirigia o ataque principal. Uma columna era destinada a tornear os hespanhoes pela parte de Cistella. Outra columna, rodeando a montanha Negra, tomaria de flanco alguns reductos. Uma terceira columna atacaria de frente os hespanhoes na estrada real, que por Figueras con-

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, Arens del Mar, 9 de janeiro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Citado officio de 9 de janeiro de 1795.

duzia ao interior de Hespanha. Do centro dos francezes a restante força ficava com a artilheria ligeira, na mesma estrada, para servir de reserva. A esquerda da linha franceza era destinada a conter em respeito a direita dos hespanhoes por ataques falsos ou secundarias demonstrações.

Atacaram os francezes com grande impeto o reducto de Nossa Senhora de Roure, em uma altura sobranceira á ponte de Moulins e apesar da resistencia dos hespanhoes conseguiram senhorear aquella obra de fortificação. O general em chefe conde de la Unión, apenas o avisaram do que n'aquelle ponto se passava, dirigiu-se ali rapidamente, para ver se poderia restabelecer o combate e repellir as tropas republicanas. Quando avançava, porém, intrepidamente para animar os hespanhoes e leval-os novamente contra os francezes, foi mortalmente ferido no peito por uma, outros dizem, duas balas de espingarda. A esse tempo os seus soldados desamparavam o terreno, retirando em tumultuaria confusão, e deixavam em podèr do inimigo o cadaver do seu bravo e desditoso general.

Este successo lastimoso acrescentou nos francezes a resolução e a esperança da victoria, nos hespanhoes a irresolução e o desalento. As tropas da Convenção tiveram desde logo facil o caminho para atacar todos os mais reductos e baterias inimigas até se apoderarem finalmente da ponte de Moulins e dos intrincheiramentos de Llers.

Os francezes avançaram velozmente e atacaram as baterias de la Cantera e de la Pedrera, que demoravam já proximas de Figueras. Eram defendidas por infanteria e por artilheiros portuguezes e hespanhoes, e commandadas por officiaes d'esta nação. Na de la Pedrera dirigia um obuz o primeiro tenente do regimento de artilheria de Valença, José Manuel de Queiroz, que na defeza da posição prestou serviços recommendaveis, pela serenidade estoica do seu animo e pela justeza das suas pontarias. Depois que este obuz tinha arremessado cerca de quarenta granadas contra os francezes, foi a bateria tão violentamente acommettida que a sua guarnição a desamparou, e estabelecido n'ella o inimigo, assestou d'ali as boccas de fogo contra a bateria da Cruz, já proxima á esplanada na fortaleza

de Figueras. No combate do dia 20 a bateria de la Pedrera, entre as que os francezes tomaram em numero superior a cincoenta, foi a que mais tempo soube resistir, e só caiu no poder dos inimigos quando era já por elle senhoreada na rectaguarda a bateria de la Cantera [1]. Achava-se entre os officiaes artilheiros, que a defendiam, o tenente Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, com seu irmão o tenente Belchior Cabreira, os quaes ainda tentaram com seus fogos deter a marcha do inimigo, mas havendo-se desmontado uma das peças, e tendo-se incendiado as munições, tiveram de recolher-se á praça, por ser inexequivel prolongar a resistencia [2].

A contar d'este momento perdeu-se nas fileiras hespanholas a união e a firmeza e ninguem mais pensou do que em retirar, como podesse, para alguma posição mais a coberto do impeto francez. A artilheria dos reductos hespanhoes, servida agora pelos artilheiros da Republica, volvera-se em continente contra as desordenadas tropas alliadas.

Ao mesmo tempo que no centro e na esquerda hespanhola succediam estes desastres, a divisão do general Sauret e a brigada Victor, instigadas pelos triumphos alcançados no centro e na direita do exercito francez, acommettiam com vigor extraordinario a direita dos hespanhoes, e dos intrincheiramentos de Espolla e S. Climent desalojavam os seus contrarios, apesar da resistencia tenacissima, com que estes pretendiam reparar a perda experimentada em sua esquerda.

A nova trazida ao marquez de Las Amarillas pelo ajudante de campo conde de la Torre del Fresno, de que o seu general em chefe caíra prostrado pelas balas inimigas, acrescentou

[1] Officio do major commandante da brigada de artilheria, José Antonio da Rosa, ao ministro da guerra Luiz Pinto de Sousa, com data do logar de Santa Eugenia, proximo a Gerona, 24 de novembro de 1794 (por erro está no autographo da propria letra do major Rosa, 4 em vez de 24). Archivo do ministerio da guerra.

[2] Attestado passado pelo capitão Manuel Ribeiro de Araujo, do regimento de artilheria de Valença, a favor de Sebastião Cabreira, Tolosa 20 de junho de 1795, e attestado do capitão da brigada de artilheria, Pedro da Cunha e Almeida, Tolosa 11 de agosto de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

em tanta maneira o desanimo nas tropas e o desfallecimento no commando, que só n'uma prompta retirada se lhes antolhou a salvação. Ao general D. Domingos Izquierdo, que tinha o mando superior na direita, e ainda conservava nas fileiras quatro mil homens de infanteria e tres mil cavallos, expede o marquez de Las Amarillas ordem terminante para que execute a retirada sobre a povoação de Puig-Oriol, e ordena a Courten que proteja a operação. Ao tempo, em que o general Izquierdo principiava o seu movimento retrógrado, as tropas republicanas, que haviam forçado pouco antes a ponte de Moulins, irrompem inopinadamente com a artilheria da reserva postada na estrada real de Hespanha, e lançam a confusão e o terror nas columnas inimigas, cujas fileiras são attenuadas cruelmente pelas peças de campanha e pelos canhões das baterias. Encaminham-se as forças hespanholas a Figueras, procurando os chefes por um dilatado rodeio, mas sempre sob o fogo do inimigo, manter na ordem ainda possivel em tão angustioso lance os soldados, cujo animo se perdêra quasi inteiramente.

Chegadas as tropas alliadas a Figueras, onde ficára commandando o principe de Monfort, celebrou-se conselho de generaes em que foi parte o general Forbes, e ali se resolveu que se effeituasse a retirada com a maxima presteza, e antes de noite, sobre a posição de Bascara, intermedia a Figueras e Gerona.

Pertencia pela sua maior antiguidade ao tenente general principe de Monfort o commando em chefe interinamente. Mas ou fosse porque o marquez de Las Amarillas, por mais ambicioso, empregasse meios desusados em exercitos com disciplina e subordinação, ou porque o Monfort, por desidia e egoismo, ou por ter presente ainda na memoria a sua má fortuna ou incapacidade na funesta retirada do 1.º de maio, se quizesse furtar a uma tremenda e nova responsabilidade, e declinasse o mando supremo n'aquella triste conjunctura, é certo que recaiu em Amarillas o encargo difficillimo de commandar os destroçados restos das forças alliadas. A retirada sobre a posição de Bascara, que a principio se julgára

exequivel, demonstrou-se irrealisavel. Resolveu-se no conselho de generaes que o exercito retrogradasse directamente para Gerona, onde poderia acolher-se com menos precaria segurança. Ordenou o marquez de Las Amarillas ao general Izquierdo, que marchando na vanguarda occupasse com tres mil homens de infanteria, quatrocentos cavallos e alguma artilheria, a posição de Bascara ou a de Puig-Oriol, para que d'estes pontos melhor assegurasse ás demais tropas a menos confusa retirada. Ao general Courten, tão intrepido, como infeliz nas suas emprezas, coube o encargo de cobrir a rectaguarda com as tropas do seu commando e a brigada de *Reales carabineros*. Com as forças hespanholas de Courten participaram as portuguezas na missão difficultosa de marchar na cauda da columna. Apenas resolvida a retirada, dirigiu-se o general Forbes á serra de Missana, onde haviam acampado as forças da divisão auxiliar. A esse tempo era já tomada pelos francezes a bateria de la Cantera, cujos fogos varejavam o terreno, por onde era mais directa a retirada. Seguiu por isso Forbes outro caminho com as tropas do seu commando, que já desalentadas pelos infaustos acontecimentos d'aquelle dia, davam mostras de grande inquietação pela perseguição do inimigo. Conseguiu-se que no monte de Avignonette, podessem os portuguezes reunir-se e retomar a ordem tactica, juntamente com *guardias Walonas*, dois batalhões do regimento de *España*, e algumas praças, que de outros corpos hespanhoes, fugitivas e dispersas ali vieram abrigar-se. Reunido Forbes depois ao general Courten, effeituaram ambos a retirada, seguindo a estrada para Gerona, com a ordem, que é facil imaginar em tão apertadas conjuncções[1]. Chegando a

[1] «E se viu obrigado (o exercito) a retirar-se parte ao castello de Figueras e o resto á praça de Gerona, com a ordem, que apenas permittem similhantes acontecimentos. A nossa tropa portugueza, que se achava nas alturas da Serra Branca e nas de Liers, juntamente com a nossa artilharia, e os commandantes d'ella, tambem tiveram, que retirar-se já pelas alturas para a mesma praça e cidade, e já com bastante perigo, porque sempre era a ultima, que tinha ordem para o fazer.»

Memoria dos successos da guerra, etc., por F. D. F. N. L., official da artilheria, pag. 69.

Bascara sem terem durante a marcha padecido perda consideravel, abivacaram as tropas n'aquella posição. E no dia seguinte, 21 de novembro, proseguiram a retirada até Puig Oriol, e feito um breve alto n'este ponto, se dirigiram a Gerona, onde o general em chefe marquez de Las Amarillas havia já chegado com o grosso das tropas hespanholas. Nas povoações em volta de Gerona acantonou a divisão auxiliar e ali encontrou na abundancia das provisões e no abrigo contra as intemperies da estação o repouso, que ao fim de tantas fadigas e trabalhos lhe era tão justamente appetecivel.

Pelo mesmo tempo entrava em Gerona o marechal de campo D. João Miguel de Vives com as tropas do seu commando, depois de haver reforçado com parte d'ellas a guarnição de Rosas, que ia ser em breve sitiada. Em Figueras e em Rosas ficaram de guarnição as forças necessarias, ou as que era possivel n'aquellas circumstancias immobilisar e distrahir do serviço de campanha.

O exercito hespanhol estabeleceu-se na campina proxima ás explanadas de Gerona. Uma divisão de quatro mil homens tinha ficado como corpo de observação nas alturas de Bascara, áquem do rio Fluvia, a tres leguas do acantonamento portuguez.

O general Forbes deixou na fortaleza de S. Fernando de Figueras um destacamento de cincoenta artilheiros sob o commando do major graduado Diogo Cony, com o encargo de guardar o numeroso trem de artilheria, que n'aquella fortaleza tinha então a divisão auxiliar. Sob as ordens de Cony ficaram ali servindo os capitães de artilheria Pedro da Cunha, do regimento de Extremoz, e Manuel Ribeiro de Araujo, do regimento de Valença, e os tenentes Lucio Duarte e Belchior Cabreira.

Convem agora memorar a parte que tomou a artilheria portugueza nas acções de 17 e 20 de novembro, e o destino que lhe coube na commum infelicidade.

A artilheria da divisão auxiliar já antes dos combates de 17 e 20 de novembro estava bastante diminuta em boccas de fogo. Antes da acção de 13 de agosto, ainda se contavam oito

de calibre 3, dois de 6, e um obuz. Depois d'este
, pouco propicio ás armas alliadas, a artilheria por-
numerava apenas as boccas de fogo estrictamente
ias á força da divisão auxiliar, segundo as minimas
es, em que a artilheria entrava então nos exercitos
A sua participação nos combates, que prepararam a
a retirada, foi infeliz, porém não inteiramente inglo-
shonrosa. Se as peças se não salvaram, não foi porque
) brio aos officiaes e o esforço aos inferiores e aos sol-
á n'outras occasiões os artilheiros portuguezes no
n e na Catalunha tinham dado eloquentes testemu-
seu empenho em honrar com mostras de abnegação
r a arma, em que serviam [1].
fins de agosto as peças de calibre 3 haviam sido no-
aggregadas aos regimentos de infanteria, levando as

mos n'este logar um exemplo testificado por tão insigne e
:ial, como era o major Rosa, commandante da brigada de ar-
o dia 13 de agosto recebia este benemerito artilheiro ordem
romptas a marchar seis peças de calibre 3, que deviam parti-
cção d'aquelle dia encorporadas nos regimentos de Peniche e
. Nas linhas de Liers, d'onde estes canhões eram tirados, ha-
ficar as restantes boccas de fogo. O major Rosa era auctori-
general Forbes a sair de Liers, para commandar a bateria de
ou artilheria *volante*, como então se denominava, ou a en-
commando ao major Cony. Rosa elegeu, como os seus brios
am, tomar parte directa no combate, e destinou ao major Cony
menos perigosa de continuar nas linhas de Liers, que n'aquelle
ram atacadas. Para nomear as guarnições, que deviam servir
cas de fogo, formou os seus artilheiros, e sabendo que muitos
de vespera saídos do hospital estavam ainda mal convalescen-
m por outras causas menos proprios para o serviço de cam-
enou que dessem um passo á frente os que estavam inhibidos
r. Nem um só d'estes briosos militares deixou de conservar-se
lleiras. Foi então forçoso nomear os que haviam de ficar nas
s de Liers. E todos os que foram d'esta maneira excluidos de
ntra o inimigo, se houveram quasi por affrontados, accusando
ventura, que d'esta sorte lhes tolhia o caminho da honra mi-
tão bella acção, escrevia o major Rosa, de uma corporação in-
ncheu da maior satisfação e tem merecido os elogios de to-
d'ella foram scientes.» Officio do major José Antonio da Rosa
o, campo de Liers 17 de agosto de 1794. Archivo do ministe-
rra.

necessarias guarnições de officiaes e serventes artilheiros. O pessoal restante da brigada de artilheria, sob o commando immediato do major José Antonio da Rosa, ficou ainda guarnenecendo as outras boccas de fogo na linha defensiva, e especialmente nas duas baterias de la Cantera e de la Pedrera. No dia 10 de septembro reuniu-se por ordem superior a artilheria portugueza á hespanhola, nas cercanias do castello de Figueras. A 28 de outubro uma e outra se recolheram a esta fortaleza.

D'este ponto destacou o major Rosa uma peça, que foi postar-se n'uma posição da linha mais avançada, e um obuz que se destinou á bateria de La Fita, junto ao rio Muga. Era o obuz commandado pelo primeiro tenente Francisco Pedrosa Barreto, do regimento de artilheria de Valença, e tinha por guarnição dois officiaes inferiores e doze soldados artilheiros. No dia 17 de novembro, depois de haver opposto ao ataque do inimigo a resistencia, que cabia em seu poder, foi o tenente Pedrosa, com os seus subordinados, prisioneiro dos francezes, e o seu obuz e os canhões hespanhoes ficaram em poder das forças republicanas. Das peças, que em numero de cinco estavam addidas aos regimentos portuguezes de infanteria, tres foram perdidas no combate, e apenas uma pôde seguir na confusa retirada o corpo a que pertencia. Era commandada pelo tenente de artilheria José Antonio Castanheira, e estava adjuncta ao regimento de Cascaes. Outra, se bem não foi tomada pelos francezes, e ainda acompanhou por algum tempo o regimento de Freire, foi a final abandonada e durante algumas horas se reputou como perdida. Era chefe desta peça o tenente Bernardo Moreira, do regimento de artilheria da côrte, o qual por tornar mais veloz a retirada, se viu necessitado a desamparal-a nas asperezas do caminho.

Mas a resolução e a coragem de tão brioso militar, como era o sargento-mór José Antonio da Rosa, ainda souberam a tempo evitar que o inimigo se apoderasse de mais esta bocca de fogo. Estando o benemerito commandante da brigada de artilheria já nas linhas de Llers, para onde retiravam as tropas de Portugal, soube pelo official, que commandava a

peça abandonada, o destino que tivera. Não lhe soffreu o animo o deixar nas mãos do inimigo um dos canhões da sua brigada, agora tanto mais precioso, quanto as boccas de fogo portuguezas, pelos desastres das campanhas, estavam reduzidas a escasso numero. Corre á presença do general, dá-lhe conta do occorrido e pede que lhe conceda sessenta homens de infanteria. Com elles se dirige promptamente ao logar, onde o canhão portuguez tinha ficado e consegue felizmente conduzil-o a uma das baterias de Llers. Exemplo digno de ser presente na memoria de todo o artilheiro como estimulo e memorial de que o seu primeiro dever e a honra da sua arma nobilissima lhe prescrevem antes de tudo o salvar das mãos do inimigo, a risco imminente da propria vida, as peças que lhe foram confiadas.

A 19 de novembro, vespera da acção decisiva e desastrosa para as armas alliadas, ordenou o general Forbes que ás duas peças que na linha de Llers estavam juntas á infanteria portugueza, se aggregassem tres de egual calibre, que existiam na cidadella de Figueras. A todas foi commandar o major Rosa e a cada uma destinou um official, dois officiaes inferiores e quatorze soldados, exaggerando a guarnição muito acima da que bastava ao serviço habitual de pequenas boccas de fogo, porque era necessario prover a que podessem em caso extremo ser a braços conduzidas por sendas quasi impervias das montanhas. Os restantes artilheiros da brigada ficaram com as duas peças portuguezas de calibre 6 na fortaleza de Figueras. No dia 20 de manhã, quando os francezes já tinham senhoreado as baterias hespanholas, pediu o major Rosa ao general Forbes a ordem, que lhe foi concedida, para retirar do castello os artilheiros, deixando apenas um official inferior e oito soldados. Assim foi desde logo ordenado ao major graduado Cony, que não cumprindo a ordem superior se conservou na fortaleza com cerca de cem artilheiros, que mais tarde foram aprisionados. No dia 20 ás onze horas da manhã as baterias de la Cantera e de la Pedrera eram bravamente acommettidas pelos francezes, que d'ali batiam de revez os alliados, ao passo que pela frente uma forte columna republicana

se dirigia com a certeza da victoria contra a bateria de Sierra Blanca. Entendeu o major Rosa, que n'estas deploraveis circumstancias de nenhum serviço podia já ser a artilheria, proxima a ser presa do inimigo. Propoz então ao general Courten que se tentasse por uma prompta retirada salvar as boccas de fogo. Mas Courten, convindo nas rasões ponderadas pelo commandante portuguez, não condescendeu em retirar por não ter ordem superior. Não era, porém, decorrida meia hora, quando a bateria de la Cantera caía em poder do inimigo. Ficava por este modo cortado inteiramente o caminho unico por onde á artilheria era possivel retirar para Figueras. N'esta conjunctura apertadissima ordenou o general Courten que os regimentos portuguezes com as suas peças de campanha, fizessem a retirada para a Sierra Blanca. Quando as tropas com as suas boccas de fogo assomavam ao cimo da montanha e procuravam dirigir-se pelo caminho, que levava á altura de Avignonette, unico, por onde, ainda que difficil e perigoso, poderia transportar-se a artilheria, já os francezes occupavam as posições entre Avignonette e Sierra Blanca. Então o general Courten, como extremo recurso, ordenou que as tropas hespanholas e portuguezas tentassem retirar-se por asperrimo terreno de quebradas e precipicios, inteiramente impervio para uma retirada. N'aquella marcha confusa, desunida, era impracticavel o volver a qualquer formação defensiva ou de combate, e se o inimigo já mui proximo acommettesse de flanco as forças alliadas, todas ellas seriam infallivelmente destruidas ou prisioneiras.

Não havia, pois, nenhum remedio em transe tão estreito, senão precipitar a marcha, aligeirando-a o mais possivel. Para isso impoz a necessidade o sacrificio da artilheria, que depois de encravada se arrojou nos despenhadeiros e barrancos. D'esta maneira perderam fatalmente os portuguezes n'aquella infaustissima jornada as ultimas peças regimentaes, que ainda lhes restavam. Se a fortuna conspirou com os erros no commando superior contra a gloria das armas portuguezas, é justo confessar que não procedeu dos artilheiros o desastre. Alguns dos que eram portuguezes, e commandavam baterias

ou peças isoladas, deram mostras de valor e tenacidade, emquanto lhes restou algum apoio da infanteria, sem o qual a artilheria, como arma quasi exclusivamente offensiva e inerte para a defeza nos campos de batalha, não póde encontrar nos seus recursos o penhor da propria salvação em caso extremo.

O que resulta do confronto de todos os documentos officiaes, muitos d'elles discordantes em varias circumstancias, é que no combate de 17 e no de 20 de novembro, se o valor das tropas hespanholas e portuguezas não se desmentiu completamente, a acção do commando se exercitou com tão grave indecisão e dissonancia, que as differentes unidades tacticas de uma e outra nação quasi operaram isoladas e dirigiram os seus desconnexos movimentos pelo influxo exclusivo dos seus proprios commandantes especiaes, sem que entre ellas existisse a unidade e a harmonia, que só provém do commando methodico e regular, hierarchicamente distribuido e ordenado. Na acção de 17, por exemplo, vê-se por um lado que o general Forbes se attribue a gloria de haver montado a cavallo ao primeiro alvorecer para acudir promptamente a pôr em ordem as tropas de Portugal, que deviam empenhar-se na refrega [1]. E por outra parte vemos documentos contemporaneos contestando a presteza do general e increpando-o de haver apparecido á testa da sua divisão das nove para as dez horas da manhã, quando sob o commando do marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha se encontrava já formada em vantajosas posições, escolhidas unicamente por Gomes Freire, em quem parece delegára o frouxo marechal de campo as suas proprias attribuições [2].

Emquanto Forbes nas suas communicações officiaes assevera que na desgraçada acção de 20 de novembro veiu sempre cobrindo a retirada e protegendo os habitantes, que dei-

[1] Officio de Forbes a Luiz Pinto, Gerona, 24 de novembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Carta de Gomes Freire, escripta em francez, ao general Forbes, datada do acampamento de Salt, 19 de janeiro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

xavam espavoridos as povoações invadidas pelos francezes [1], affirmam os impugnadores do general, que, ao chegarem as tropas á posição de Bascara, os officiaes encarregados de lh'o participar, o acharam dormindo a somno solto, o que, se por um lado comprovava a intrepidez estoica de seu animo de soldado velho e endurecido, depunha pouco favoravelmente da sua energia de general. Accrescentam que os povos, perseguidos pelos francezes, se pozeram em fugida pela manhã do dia 20, ao passo que as tropas sómente já sendo entrada a noite deram principio á retirada. Emquanto Forbes assevera que para se retirarem tinha reunido as tropas de Portugal nas alturas de Avignonette, e reanimado o seu espirito, quando os soldados muito se inquietavam com o fogo dos francezes, refutam os seus contradictores esta asserção, affirmando como testemunhas presenciaes, que as forças portuguezas foram as ultimas, que na melhor ordem, e com a mesma serenidade e intrepidez de que haviam dado mostras durante a acção, effeituaram a sua retirada, levando á frente o marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha e o coronel Freire, commandante de brigada. Que, porém, as tropas, que formavam a rectaguarda na columna de retirada, tiveram por algum tempo confusas e perturbadas as fileiras, claramente se deprehende do que os dois impugnadores da relação official não poderam encobrir de todo o ponto, quando escrevem que as tropas, pelo escabroso e quasi inaccessivel da montanha, por onde iam marchando, perdido o folego, se desuniram, e sómente recobraram a ordem habitual, quando terminada a ascensão novamente se formaram em batalha [2].

[1] Citado officio de Forbes, de 24 de novembro de 1794.

[2] Annotações a varios pontos do já citado officio do general Forbes, datado de Gerona a 24 de novembro de 1794, e de que o annotador teve conhecimento por haver-se publicado na *Gazeta de Lisboa*, supplemento extraordinario ao n.º 51, de 23 de dezembro de 1794. N'estas annotações lê-se a respeito da retirada: «Esta tropa (a de Portugal) se retirou a ultima de todas, na melhor ordem, no maior socego e com uma intrepidez e serenidade digna do maior louvor, com a qual tinha estado durante toda a acção e mal podia ella inquietar-se com o fogo, que nunca soffreu na retirada, que fez pelo modo referido, trazendo á sua testa o marechal

O que parece averiguado em presença do que fica exposto é que as acções de 17 e 20 de novembro, obrigando os alliados a uma retirada tumultuosa, foram desastres que não é possivel occultar. O general Forbes, sobre quem pesava por uma parte a responsabilidade nos revezes, e que por isso era o mais interessado em os encobrir ou dissimular, expunha ao governo de Lisboa na linguagem sincera de soldado, quão deploraveis tinham sido os movimentos d'aquelles dias. Informando uma proposta do tenente coronel Bernardim Freire, que recommendava com instancia como benemeritos diversos officiaes do regimento de Peniche, e para elles sollicitava honrosos galardões, escrevia o general Forbes, pedindo ao ministro dos negocios da guerra, que em seu claro juizo ponderasse se havia realmente logar para premios e louvores. Rogava-lhe que decidisse se haviam de ter-se por benemeritas as tropas que haviam desamparado o campo ao inimigo, perdido em grande parte a artilheria, as viaturas, os animaes, os artigos de acampamento, as ferramentas, e quasi todas as bagagens, depois de haverem incendiado as tendas de um regimento, que ainda não fôra acommettido, depois de haverem a seu talante retirado sem ordem do general Courten, nem do chefe da divisão auxiliar. Concluia Forbes lembrando a Luiz Pinto que o mais conveniente e acertado seria sepultar no esquecimento o que sem offensa da verdade não era licito glorificar [1].

de campo D. Francisco Xavier de Noronha e o brigadeiro (quer dizer commandante de brigada) Gomes Freire de Andrade; e como pela inaccessivel subida da montanha a tropa, *por perder o folego, desuniu alguma cousa,* o que é bem natural, logo que acabou de subir, a formou em batalha o mesmo brigadeiro, tornando a ficar na serenidade, em que todo o dia tinha estado.»

Estas annotações, escriptas em um papel junto ao officio de Forbes a Luiz Pinto de 24 de novembro de 1794, e existentes no archivo do ministerio da guerra, parece terem sido escriptas pelo tenente coronel Manuel Ignacio Martins Pamplona, que então servia de ajudante general, na ausencia do conde de Assumar.

[1] «Queira v. ex.ª, pois, com o seu claro e solido juizo contemplar se depois de se abandonar o terreno, de se perder a artilheria, as barracas os carros e as bestas (quando certamente estas ultimas se podiam pelo

O governo de Lisboa, por não accrescentar na divisão auxiliar o desanimo e aggravar com o silencio reprehensor o infortunio das tropas, censurando n'ellas o desleixo e a imperícia dos chefes superiores portuguezes e hespanhoes, houve por melhor significar-lhes quanto fôra agradavel ao principe D. João o procedimento dos seus soldados, apesar de haverem sido infelizmente compellidos a retirar [1].

Algumas narrações não fundamentadas com documentos officiaes ou testemunhos insuspeitos, dão como continuado no dia 18 o combate de 17 de novembro. Segundo uma relação franceza, o conflicto de 17 haver-se-ia prolongado até que a noite veiu permittir algum resfolego a hespanhoes e a francezes, cansados de combater desde as seis horas da manhã. Apenas, porém, vinha rompendo a alvorada, as tropas republicanas haveriam segundado o seu ataque a todos os pontos da linha inimiga. O general Augereau, reunindo e esforçando os seus guerreiros, teria avançado novamente contra a esquerda hespanhola, que o general Courten havia conseguido pôr em ordem. É n'este momento que a narrativa, a que nos estamos referindo, assevera ter caído, mortalmente ferido na cabeça por um estilhaço de granada, o general em chefe Dugommier. Emquanto estes successos se passavam na esquerda hespanhola, a divisão Sauret, segundo esta versão, andava ás mãos com as tropas hespanholas, e sendo posta em lance perigosissimo reclamava soc-

menos ter salvado), as ferramentas, e quasi todas as bagagens; depois de se mandar queimar as barracas de um dos regimentos, que não era ainda acommettido, como v. ex.ª verá na conta junta de D. Francisco Xavier de Noronha e dos que se retiraram sem ordem do tenente general Courten, nem minha, se convem apoiar taes exposições (as de Noronha, dos dois Freires, e de José Narciso), parecendo-me antes que o *mais acertado seria entregarem-se estes factos ao esquecimento, pondo-se-lhes uma pedra em cima.*» Officio de Forbes a Luiz Pinto, Arens del Mar, 9 de janeiro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

Este officio, como sendo de caracter confidencial, não foi publicado na *Gazeta de Lisboa.*

[1] Officio do marechal de campo D. Antonio de Noronha, commandante interino da divisão auxiliar, a Luiz Pinto, Gerona, 15 de dezembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

corros sem delonga. Pérignon, multiplicando a sua presença, accorre com tropas frescas em reforço de Sauret, alcança restabelecer o equilibrio do combate, e marcha novamente contra a esquerda dos hespanhoes, vigorosamente acommettida pelas forças republicanas. Uma bateria da segunda linha, que, proxima a Figueras, os hespanhoes haviam por inexpugnavel é tomada á baioneta pelos granadeiros de Augereau. Os reductos em redor d'aquella praça uns após outros são desamparados rapidamente pelos alliados, perseguidos vivamente pelos seus adversarios. O general Courten, perdidas as esperanças de retomar as antigas posições, ordena a retirada e vae acolher-se á protecção da artilheria sob a fortaleza de Figueras. Os francezes eram vencedores na esquerda inimiga, porém não tinham conseguido romper o centro, nem a direita dos hespanhoes, e a noite sobrevindo obrigou os dois fatigados contendores a guardar para outro dia a conclusão do seu combate. O dia 19 de novembro foi, pois, por um tacito consenso, consagrado a restaurar pelo repouso as extenuadas forças dos dois exercitos [1].

A esta versão contrapõe se não só o silencio dos documentos officiaes portuguezes e hespanhoes, e os testemunhos de militares presentes no theatro da guerra, senão tambem a terminante affirmação de que depois de 17 de novembro sómente a 20 as armas hespanholas se travaram em lucta com as tropas republicanas. O marquez de las Amarillas, dando conta das operações ao seu governo, refere claramente que a acção decisiva se pelejou a 20 de novembro, depois de interrompido pela noite o combate de 17 [2]. O ge-

[1] *Victoires et conquêtes, désastres, revers et guerres civiles des français depuis* 1792, tomo II, pag. 192-193.

[2] Officio do general marquez de las Amarillas ao duque de Alcudia, 21 de novembro de 1794 na *Gazeta de Lisboa,* n.º 49 de 1794, segundo supplemento, transcripto da *Gaceta de Madrid.*

Depois de referir com extremo laconismo que os francezes se haviam apoderado a 17 de novembro de todos os postos na esquerda dos hespanhoes, sendo pelo contrario mal succedidos os seus esforços na direita e no centro, accrescenta textualmente: «Apoderados os inimigos de todos os postos, que tinham ganhado, repetiram os seus ataques pela parte de-

neral Forbes é conteste n'este ponto com o seu collega castelhano [1].

Vê-se pois que a narração franceza, não tendo presentes as relações officiaes da acção, confundiu os acontecimentos e as datas, attribuindo ao dia 18 uma parte do que se passára a 17, e suppondo continuado n'aquelle dia o ataque á esquerda dos hespanhoes e os esforços do general Sauret para tomar na direita as posições defendidas com vigor [2].

bil *ao amanhecer do dia* 20, sendo falso o seu ataque na direita e centro, e summamente vigoroso por aquella parte, onde se fizeram senhores de uma das baterias, que se havia por mais inexpugnavel, e consecutivamente foram tomando as da rectaguarda, a tempo que chegava ali o general em chefe, que procurando infructuosamente animar a sua tropa, se viu na necessidade de seguil-a na sua retirada, na qual recebeu uma bala de mosqueteria que lhe atravessou o peito e ficou morto no campo de batalha.» N'este mesmo officio o marquez de las Amarillas assevera que o general Dugommier fôra morto no combate de 17, e não na supposta acção do dia 18, em que a perda do general é referida pelas relações francezas.

[1] «Apenas tinha eu na noite de 19 d'este mez dado conta a v. ex.ª pelo correio dos acontecimentos de 17, quando na madrugada do dia 20, logo que se entraram a ouvir signaes de annuncio de vir o inimigo, montei a cavallo e vim no conhecimento de que o capitão general União, tendo tido aviso de que o inimigo forçava o centro pela ermida de Nossa Senhora de Roure no alto da Ponte de Molins, elle, contra o seu costume, partira arrebatadamente só com uma ordenança, sem levar um unico creado, a dirigir-se áquelle ponto.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, Gerona, 24 de novembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

Como se vê, n'este officio a narração do combate de 20 novembro, segue-se logo á referencia feita ao de 17.

Confirma-se que os dias 18 e 19 se passaram sem conflicto, porque no citado officio louva o general Forbes o comportamento dos officiaes do estado maior e tropas, especificando unicamente as acções de 17 e 20 de novembro.

Na *Memoria dos successos da guerra dos Pyrenéus orientaes*, pag. 67, escreve o tenente Francisco Duarte da Fonseca Lobo, da brigada portugueza de artilheria: «No dia 18 se observou que em Col de Banules (Banyuls) havia hum novo Exercito Francez, que certamente era reforço, que tinha chegado áquelle sitio. No dia 20 de madrugada se viram os effeitos d'este reforço, porque os francezes se resolveram com grandes forças a atacar a Espolla direita do Exercito Hespanhol, cuja linha romperão... continuando ao mesmo tempo o ataque da esquerda, aproximando-se á Ponte de Molines (Moulins) de cuja bateria na verdade forte se fizerão senhores antes das oito horas, etc.»

[2] No officio do major José Antonio da Rosa ao ministro da guerra Luiz

As baixas padecidas pelo exercito alliado nos combates de 17 e 20 de novembro, foram extremamente consideraveis para as tropas das duas nações. Sómente as do dia 17 se poderam apurar quanto ás forças portuguezas e nas relações officiaes se computaram em seis mortos, entre os quaes o capitão José Henriques Pereira da Silva, do regimento de Peniche, em vinte e seis feridos, entre elles o tenente coronel Bernardim Freire, o capitão José Leandro, deste corpo, e o capitão D. Luiz Machado, do regimento de Freire; em nove contusos, entre os quaes o tenente Joaquim Valente do 1.º de Olivença, o tenente Francisco de Paula e o alferes Francisco Tinoco de Sande e Vasconcellos do regimento de Peniche; em duzentos noventa e quatro prisioneiros, dos quaes pertenciam duzentos setenta e oito ao 1.º regimento do Porto, quinze á brigada de artilheria, entre os quaes o 1.º tenente Francisco Pedrosa Barreto e um era soldado do 1.º de Olivença; e em nove extraviados [1].

Pinto de Sousa, datado do acantonamento de Santa Eugenia a 4 (deve ser 24) de novembro de 1794, depois de referir os successos da artilheria portugueza no combate de 17, accrescenta: «*No dia* 20 de madrugada a linha foi *segunda vez* atacada...»

[1] Mappa appenso ao officio do general Forbes a Luiz Pinto, Gerona 24 de novembro de 1794. A distribuição das praças fóra de combate, pelos corpos, a que pertenciam, foi a seguinte:

1.º regimento do Porto: duzentos sessenta e um prisioneiros, e entre elles o coronel Werna, o sargento-mór João Lourenço de Meirelles Freire; cinco capitães, que foram Carlos José Moreira, Antonio da Silva Pinto, Jeronymo Affonso da Silva, José Luiz França Pinheiro e Manuel Loureiro de Miranda; sete tenentes, Antonio Thomás de Sousa Canavarro, Manuel Joaquim Freire de Andrade, Philippe de Vasconcellos Cardoso, João de Brito de Araujo e Castro, José Diogo Barreto, José Alão de Moraes Pimentel, Francisco Brandão Pereira Perestrello; oito alferes, cujos nomes eram João de Almada e Mendoça, Antonio Huet Bacellar, Domingos Leite de Oliveira, Antonio de Sequeira, Marcos Antonio, Miguel Bilstein, João Baptista da Silva, Joaquim de Brito de Araujo e Castro.

Tiveram egual sorte tres sargentos, oito furrieis, seis porta-bandeiras, vinte e tres cabos de esquadra, sete tambores e cento oitenta e oito soldados. D'estes é necessario descontar os que n'uma relação enviada a Forbes pelo coronel Werna, se dão como extraviados e foram seis tambores, pifanos ou soldados. As praças que do 1.º do Porto não entraram na acção de 17, por estarem n'esse dia de serviço nas linhas de defeza, ou por existirem nos hospitaes, ou serem convalescentes, foram o tenente coro-

A perda das tropas hespanholas devia ter sido por extremo consideravel nas acções de 17 e 20 de novembro. As relações dos francezes esmaram com exaggeração em dezoito mil homens o numero de mortos, feridos e prisioneiros. Alem do general em chefe conde de la Unión perderam a vida nos combates dois officiaes generaes, um dos quaes, dizem narrações francezas, foi morto pelo ajudante general francez Duphot [1].

Nos documentos hespanhoes nada se depara por onde seja possivel obter algarismos approximados. O marquez de las Amarillas desculpa-se da omissão com dizer que o seu antecessor no commando em chefe não deixára a narração official do combate de 17, e que a retirada para Gerona lhe não consentira algum vagar para inquirir sobre as perdas occorridas nas tropas hespanholas [2].

nel, o ajudante, o quartel mestre, o capellão, o cirurgião mór, quatro ajudantes de cirurgia (cirurgiões ajudantes), o tambor-mór, o espingardeiro, tres capitães, dois tenentes, dois alferes, treze officiaes inferiores, vinte e um cabos de esquadra, nove tambores, cento setenta e sete anspeçadas e soldados, ao todo duzentas trinta e oito praças. Relação official junta ao officio do general Forbes a Luiz Pinto, de 19 de novembro de 1794.

O capitão da 3.ª companhia João Francisco foi morto na acção.

2.º regimento do Porto: feridos quatro anspeçadas e soldados, contusos um cadete e um soldado, extraviado um soldado, morto um soldado.

1.º regimento de Olivença: contuso o tenente Joaquim Valente, prisioneiro um soldado, extraviados tres soldados, e morto um soldado.

Regimento de Peniche: feridos o tenente coronel commandante interino Bernardim Freire de Andrade, o capitão José Leandro de Carvalho, dois officiaes inferiores, tres cadetes, tres cabos de esquadra e dez anspeçadas e soldados; contusos, o tenente Francisco de Paula, o alferes Francisco Tinoco de Sande e Vasconcellos, um official inferior, um cabo de esquadra e dois anspeçadas ou soldados; extraviados cinco anspeçadas e soldados; mortos o capitão José Henriques Pereira da Silva, e tres anspeçadas e soldados.

Regimento de Freire de Andrade: ferido o capitão D. Luiz Machado de Mendoça, e um cabo de esquadra.

O regimento de Cascaes tomou pequena parte no fogo e não registou nenhuma casualidade.

Brigada de artilheria: prisioneiros o 1.º tenente Francisco Pedrosa Barreto, um official inferior, dois cabos de esquadra, onze soldados.

[1] *Victoires et conquêtes*, etc., tomo II, pag. 194 e 195.

[2] Officio do marquez de Las Amarillas ao seu governo, 21 de novem-

Foram numerosas as perdas experimentadas pela divisão auxiliar em armamento, equipamento e munições nos combates de 17 e 20 e na retirada para Gerona e resultaram da precipitação com que as tropas de Portugal e as de Hespanha, estreitadas pela pressão do inimigo, buscaram aligeirar os movimentos pelas sendas escarpadas e pelos despenhadeiros das montanhas [1].

Ao triste desbarato das tropas alliadas veiu acrescentar se, quando já acolhidas a Gerona, a entrega da fortaleza de Figueras aos francezes sem a sombra de um assedio, ou de um combate de viva força.

bro de 1794, publicado por extracto na *Gazeta de Lisboa*, supplemento ao n.º 49, de 24 de dezembro de 1794.

[1] Os regimentos portuguezes perderam trezentas e dezenove espingardas, cerca de trezentas varetas, trezentas e noventa baionetas, quatrocentos e dezenove boldriés, duzentas sessenta e duas bainhas, trezentas vinte e nove patronas, seiscentas sessenta e uma mochilas, novecentos e quatorze frascos, trezentos e dezoito capotes, oitocentas vinte e duas mantas e deseseis tambores. N'estes numeros compreendem-se os artigos pertencentes ao regimento prisioneiro, o 1.º do Porto. De todos os regimentos foi o de Peniche o que padeceu a maior perda, nem menos de trinta e uma espingardas, trinta e oito baionetas, trezentas trinta e nove mochilas e quatrocentos e dezesete frascos, foram sacrificados á necessidade angustiosa de imprimir grande velocidade ao movimento retrogrado. Os regimentos de Freire e de Cascaes perderam muito pouco dos seus artigos de armamento e equipamento, não só pela melhor ordem, em que poderam deixar o campo de batalha, senão tambem e principalmente por serem os dois corpos, que menos activa participação tiveram nas refregas. D'este lastimoso inventario é facil inferir quanto foram altamente desastrosos os combates e tumultuosa e semelhante á fuga a retirada. Relação junta ao officio de Forbes a Luiz Pinto, de 24 de novembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

A proposito d'estas perdas de armamento cumpre lembrar quanto deveriam ser sensiveis para o governo portuguez e quanto elle haveria de julga-las pouco susceptiveis de completa justificação. É plausivel o suppo-lo, porque, já por occasião de retirarem do Roussillon para Figueras as tropas alliadas, extranhava o ministro da guerra Luiz Pinto ao general Forbes: «que no mappa das perdas figurassem mil trezentas setenta e oito mochilas, que se perderam no corpo de cinco regimentos, não se podendo bem comprehender como os soldados as largassem na sua retirada, nem como os officiaes commandantes dos corpos e das companhias lh'o permittissem *sem a nota de uma extraordinaria confusão, a qual inculca mais depressa uma debandada do que uma retirada, ainda que fosse na presença do inimigo.*» Officio de Luiz Pinto a Forbes, 4 de junho de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

A cidadella ou fortaleza de S. Fernando de Figueras era um pentagono regular fortificado e fôra construida pelo celebrado engenheiro francez, o marechal de Vauban, no reinado de Philippe V, o primeiro monarcha hespanhol da dynastia de Bourbon. Era então reputada uma das praças mais bem fortificadas e perfeitas na sua construcção. Os proprios hespanhoes a consideravam como uma das maravilhas da arte fortificatoria, e hyperbolicamente a encareciam como se fosse quasi inexpugnavel. Pelos francezes era havida geralmente por uma das mais bellas entre as da Europa. As suas casamatas e edificios militares eram todos cuidadosamente abobadados e á prova de bomba. Um systema de contraminas accrescentava a sua força defensiva. Apesar de todos os cuidados na sua exemplar fortificação, a praça era ao norte e ao occidente, dominada por alguns padrastos, que todavia pela sua distancia do recinto, e para a artilheria de sitio usada n'aquelle tempo, não eram acommodadas ao estabelecimento de baterias de brecha. Amplissimas cisternas asseguravam a uma numerosa guarnição o abastecimento de aguas durante um cerco dilatado. A artilheria que se assestava nos seus baluartes e nas suas obras exteriores era mais do que bastante a uma efficaz defeza e contava-se entre a melhor, que então se conhecia nas potencias militares mais progressivas. Segundo um escriptor francez, o general Pérignon julgava necessarios cincoenta mil homens para um sitio regular em circumstancias ordinarias, e o general em chefe do exercito da Republica nos Pyrenéus orientaes dispunha apenas de quinze mil para tomar a fortificação como indispensavel complemento da sua ultima victoria. O general Augereau, logo após a acção de 20 de novembro, fôra encarregado de fazer o investimento a S. Fernando de Figueras. Governava a fortaleza o brigadeiro hespanhol D. André Torres, commandante do regimento de Sagunto. Augereau dirigíra ao governador uma audaz e peremptoria intimação para que se rendesse, sob a usual comminação de que em caso contrario o faria passar a elle e a toda a guarnição ao fio da espada. Segundo a narração franceza, D. André Torres hesitou a principio em obedecer e mais

de um parlamentario veiu á praça conferir com o irresoluto governador. Parece que elle mandara pedir a Pérignon lhe concedesse o tempo necessario para consultar o seu general em chefe marquez de las Amarillas, e receber d'elle a superior determinação[1]. Pérignon terminantemente recusou a delonga sollicitada, ameaçando novamente que, não se rendendo a praça promptamente, as tropas republicanas impacientes e mal soffridas da minima demora ou resistencia, marchariam a um assalto vigoroso e implacavel. O governador, tendo congregado a conselho os officiaes mais graduados, resolveu abrir as portas da fortaleza ao inimigo, assellando para sempre a covardia e a deshonra de uma tão facil e vergonhosa reddição. Quando menos se esperava no exercito auxiliar a noticia de um novo desastre, após tantas provações, recebeu-se no quartel general de Gerona a infausta communicação de que a praça de S. Fernando de Figueras se havia rendido aos francezes a uma simples intimação, sem que houvesse precedido a mais leve hostilidade, sem que da guarnição tivesse havido a menor insubordinação, nem da povoação civil o minimo tumulto. Toda a guarnição ficou prisioneira, e saindo pelas nove horas da manhã com todas as honras da guerra, marchou a internar-se no territorio da Republica[2].

Segundo as testemunhas mais insuspeitas, os prisioneiros foram tratados pelos francezes com muita benevolencia. Os que eram portuguezes tinham sido mandados para Montpellier, Toulouse e Castelnadar, no caminho de Carcassone. A

[1] *Victoires et conquêtes*, etc., tomo II, pag. 197.

[2] Officio do marechal de campo D. Antonio de Noronha a Luiz Pinto, 1 de dezembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

Officios do tenente general marquez de las Amarillas ao seu governo, de 29 de novembro, publicados na *Gaceta de Madrid* e reproduzidos por extracto na *Gazeta de Lisboa*, segundo supplemento ao n.º 50.— *Memoria dos successos da guerra dos Pyreneus orientaes*, por F. D. F. L. V., pag. 72-73:

«Toda a tropa... foi prisioneira juntamente com o tal governador, em que não sómente foi a tropa portugueza já dita, mas com ella os seis officiaes acima ditos da brigada... dez cadetes da mesma... tudo por o commandante não obedecer ás ordens do general.»

Convenção, se era inexoravel para com os seus inimigos domesticos, sabia respeitar nos prisioneiros de guerra os direitos da humanidade [1]. Entre os prisioneiros se contaram cento setenta e cinco portuguezes, os mais d'elles artilheiros dos que ali, commandados pelo major graduado Cony, tinham ficado, apesar das ordens expressas em contrario na occasião da retirada [2].

A entrega tornava-se tanto mais difficil de compreender e explicar honrosamente, quanto o proprio governador era um antigo e bem reputado militar, que ainda recentemente se distinguira no sitio de Toulon, tomando á escala vista o forte Pharon, e quanto a guarnição era mais que sufficiente para deter o inimigo n'um cerco trabalhoso e demorado.

Na grande confusão, em que no dia 29 se realisou a retirada, uma parte das tropas hespanholas, buscando acolheita onde se lhe deparava mais á mão, tinha buscado por abrigo o castello de Figueras. A guarnição ficára d'esta maneira accrescentada a oito ou nove mil homens. Tinha a praça mantimentos e munições, com que poderia sustentar um sitio prolongado. A sua resistencia ao inimigo até á derradeira extremidade tornava-se tanto mais valiosa, quanto aquelle importante ponto fortificado era um dos principaes depositos das tropas hespanholas e portuguezas empenhadas na guerra de Catalunha.

Os francezes entraram na praça a 28 de novembro, e com assombro poderam verificar que recursos innumeraveis

[1] Carta de Gomes Freire a Luiz Pinto, 22 de dezembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] «Pedi ordem ao meu general para mandar retirar a minha gente e artilheria, que se achava no castello, e me ordenou que mandasse retirar a tropa, á excepção de alguns soldados e um official inferior, que conduzissem as peças de 6, no caso que se podessem retirar. Sem perder um instante mandei ordem por escripto ao major Cony, para que só ficassem no castello um official inferior e oito soldados, e os mais se recolhessem ao logar, em que me achava. O que resultou d'esta ordem foi mandar-me alguns officiaes e officiaes inferiores, ficando elle e mais noventa e tres praças no castello, sem que até agora eu saiba o motivo que teve para não observar o que lhe determinei.» Officio já citado do sargento-mór José Antonio da Rosa a Luiz Pinto, 24 de novembro de 1794.

e preciosos ali se tinham accumulado para uma defeza pertinaz, para a qual só faltava um agente essencial, que se não fabrica nos arsenaes, nem se póde supprir com a industria dos engenheiros, nem se depara nos depositos e armazens mais bem providos, — o valor intemerato, o culto do dever, a fidelidade inquebrantavel ao sacramento militar. Encontraram os francezes em S. Fernando de Figueras duzentas boccas de fogo em estado perfeito de serviço, copiosas munições de todo o genero, viveres e provimentos exuberantes, que foram para a penuria das tropas republicanas um presente inestimavel.

A entrega, apesar da notoria indisciplina e do desanimo, que lavrava nas tropas hespanholas, foi antes attribuida geralmente a traição do que a fraqueza. Esta foi a crença dominante no exercito alliado. Taes eram na verdade as circumstancias d'este caso escandaloso, que nenhum excesso de covardia fôra bastante para induzir oito ou nove mil homens, n'uma praça excellentemente fortificada e apercebida, a depor as armas a uma simples intimação do inimigo [1].

O effeito moral d'esta affrontosa reddição, logo em seguida a dois combates desastrosos e a uma calamitosa retirada, era bastante para infundir a mais completa desesperança no bom exito futuro das armas hespanholas, e na segurança da propria monarchia. A este respeito significava o seu terror o embaixador portuguez em Madrid, escrevendo ao ministro dos negocios extrangeiros e da guerra [2].

[1] Dando conta do successo ao ministro da guerra portuguez, o commandante interino da divisão auxiliar, D. Antonio de Noronha, escrevia: «Julgaram todos que *foi uma entrega das mais claras e demonstrativas què se tem visto*». Officio datado de Gerona, 1 de dezembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

«Os francezes entraram na fortaleza de Figueras por infidelidade do commandante D. André Torres.» Officio do embaixador portuguez em Madrid, D. Diogo de Noronha, a Luiz Pinto. Escurial, 5 de dezembro de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

[2] «Esta perda, que é grande por ser de nove mil homens, de muitos armazens de provisões e de muita artilheria, ainda a considero muito maior pela perda da honra de tantos officiaes, que ali se achavam e porque fez perder o animo a todo o exercito, que existe n'aquellas fronteiras e muito é para temer que conquistem toda a Catalunha.» Officio do em-

Os proprios francezes, nas relações d'este opprobrioso delicto militar, ainda que procuraram explical-o pela insubordinação e desalento das tropas hespanholas, não contestam claramente que a traição tivesse a maior parte n'este lance deshonroso [1].

Antes que tivesse caído em poder de Pèrignon a praça de S. Fernando de Figueras, tentára o general Courten uma operação com o fim de retirar d'aquelle ponto fortificado o que ali existia de mais valioso e transportal-o n'um comboi para Gerona. Com este objecto se formou e poz em marcha a 22 de novembro uma grossa columna de seis mil homens, em que alem da infanteria e cavallaria hespanhola, entravam quatrocentos granadeiros e cem fuzileiros portuguezes, commandados pelo coronel Gomes Freire. Chegando este forte destacamento á villa de Bascara, sobre o Fluvia, descobriu os francezes occupando em força consideravel a margem d'este rio fronteira á povoação, e tomando as estradas e caminhos, que levavam a Figueras. Saindo, pois, frustrada a empreza, retrogradou a columna e em Gerona veiu unir-se ás mais tropas alliadas.

Com a facil conquista da fortaleza de Figueras terminou a campanha de 1794, assignalada por triumphos para o exercito francez dos Pyrenéus orientaes e tristemente memoravel para as tropas alliadas no Roussillon e na Catalunha.

baixador portuguez D. Diogo de Noronha a Luiz Pinto. Escurial, 12 de dezembro de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros.

[1] *Victoires et conquêtes,* etc., pag. 267.

É notavel o dialogo, que n'este logar do livro se diz passado entre o representante do povo Delbret, commissario da Convenção no exercito dos Pyrenéus orientaes, e o tenente coronel hespanhol Ortozonar, um dos parlamentarios para a entrega da praça.

CAPITULO X

A CAMPANHA DE 1795

Gerona

Antes de proceder á narração dos feitos militares dos allia dos na sua terceira e ultima campanha, convem antecedel-a de um bosquejo descriptivo do novo theatro da guerra.

As tropas alliadas, logo após o desastroso desbarato no dia 20 de novembro, fizeram, como vimos, a sua retirada por um movimento de concentração sobre a praça de Gerona.

Acha-se esta cidade catalan situada na margem direita do rio Oña, na sua confluencia com o Ter, e disposta em amphitheatro nas abas da montanha, dita *dos Capuchinhos*. Este monte por uma portella pouco elevada tem a sua ligação com o de Nossa Senhora dos Anjos, a uma e outra vertente do qual se estende o grande valle do Oña, e o menos consideravel de Galligan. Divide-se a povoação em duas partes. A cidade alta era apenas cercada, no tempo de que tratâmos, por uma antiga muralha, terraplenada em grande parte, que elevando-se a proximamente doze metros, era flanqueada por algumas torres de primitiva construcção e por dois baluartes, o da Mercê e o de Santa Maria.

A parte baixa de Gerona, conhecida pelo nome de *Merca-*

dal, estende-se entre os dois rios e serve de testa da ponte sobre o Oña. Continha-se n'um recinto abaluartado, com cinco baluartes, alguns d'elles munidos de orelhões. Não tinha, porém, áquelle tempo, nem depois se lhe accrescentaram revelins. A altura das escarpas chegava escassamente a sete metros e deixava-as inteiramente a descoberto ao inimigo, quando situado na planicie de Santa Eugenia. O caminho coberto e a contra-escarpa tinham dimensões tão acanhadas que não podiam satisfazer ao seu objecto na defensa.

No cume da montanha erguiam-se alguns fortes, que eram em primeiro logar o dos *Capuchinhos*, e depois o da *Rainha Anna*, o do *Condestavel* e o do *Calvario*. Dois reductos denominados o do *Cabido* e o da *Cidade*, protegiam a communicação entre o recinto principal e aquellas exteriores fortificações, as quaes, pela sua grande elevação, não podiam ser batidas de nenhum ponto circumvizinho, com excepção do forte dos Capuchinhos, cujas escarpas talhadas em rochedos se descobriam do monte Livio.

Ao norte de Gerona levanta-se a cavalleiro a chapada, que tem nome de Montjouy, e d'ella se divide pelo pequeno valle de Galligan. N'esta erguida cumiada estava construida uma obra permanente, a qual consistia n'um quadrado fortificado, tendo de lado duzentos metros, com excellentes casamatas, armazens e uma cisterna de boa capacidade. Duas frentes d'esta obra avançada, as que podiam prestar-se ao ataque mais facilmente, tinham terraplenos sufficientes, eram reforçadas por seus revelins, e defendidas por fossos e caminho coberto. As duas outras frentes apenas se reduziam a um muro asseteirado, que pelas condições especiaes do terreno por estes lados, poderia assegurar boa defesa. A communicação do forte com o recinto principal era protegida por uma torre abobadada que tinha o nome *de S. João*. Adiante do forte de Montjouy e na crista da montanha estavam erigidos tres reductos ou torres de trinta metros approximadamente de diametro, com seus fossos escavados nos rochedos, e capaz cada uma d'ellas de conter cem homens de guarnição. Estes fortes appellidavam-se um d'elles *de S. Luiz*, o outro *de S. Daniel*, e o

terceiro *de S. Narciso*, a quem os habitantes invocavam como seu patrono e defensor.

A cidade e praça de Gerona, apesar de que sómente no bairro Mercadal era então abaluartada, mas sem obras exteriores, offerecia a um exercito disposto a defender-se bravamente um abrigo, onde reformar-se e fortalecer-se para a sequencia de uma campanha. E de feito, apesar da imperfeição das suas fortificações, a praça de Gerona não se prestava a ser facilmente sitiada. Não era exequivel ao sitiante o atacal-a directamente da planicie de Santa Eugenia, sem que fosse batido efficazmente logo desde a abertura da trincheira pela artilheria dos fortes situados no alto da montanha dos Capuchinhos. Sómente do lado de Montjouy os trabalhos de sitio podiam encontrar menores difficuldades, como succedêra, quando Gerona fôra sitiada em 1711, e mais tarde aconteceu, quando em 1809 a divisão Verdier, do 7.º corpo francez, commandado pelo general Gouvion Saint-Cyr, a veiu sitiar e a tomou depois de um cerco prolongado e trabalhoso [1].

Não era pois bem fundamentado o juizo do coronel Gomes Freire, quando suppunha a praça de Gerona quasi insusceptivel de defesa e augurava que os alliados se veriam constrangidos a deixal-a apenas o exercito francez no Ampurdán fizesse sobre a praça algum movimento [2].

Se o exercito hespanhol não estivesse profundamente desorganisado com os revezes continuados que tinha padecido e com a indisciplina a lavrar-lhe nas fileiras, não seria desesperada a sua actual situação, em presença dos recursos, que o patriotismo poderia aproveitar n'um paiz tão vasto como a Hespanha. As forças inimigas no Ampurdán es-

[1] *Siéges des français dans la Péninsule,* por Belmas, chefe de batalhão de engenheria, tom. I, pag. 499–502

[2] Escrevendo a Luiz Pinto, dizia Gomes Freire, que o general em chefe do exercito alliado, «seria obrigado a retirar-se logo que o inimigo fizesse algum movimento sobre Gerona, e a abandonar esta praça á sorte de um *sitio, se se póde chamar sitio ao ataque de uma cidade quasi aberta e sómente defendida por alguns castellos mal collocados*». Carta do coronel Gomes Freire a Luiz Pinto, datada do Moinho Novo, a 15 de dezembro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

tavam muito longe de bastar, ainda escassamente, a segurar ás tropas da Republica a marcha victoriosa até Madrid. Não eram as tropas francezas no Ampurdán muito numerosas, que n'uma só linha apoiavam a sua direita na aldeia de Alfan e estendiam a sua esquerda pela povoação de Castellon até ás cercanias da praça de Rosas. Distribuiam-se por tres divisões de infanteria. A cavallaria, que apenas contava dois regimentos de linha, o 15 e o 22, e um regimento de hussares, mal podia quanto ao numero pôr-se em parallelo com a boa cavallaria dos hespanhoes.

Em compensação, porém, tinham os francezes uma grande superioridade na sua artilheria de campanha com peças de calibre 4 e 8, e obuzes ligeiros, acommodados ao serviço em terrenos fortemente accidentados. E sobrelevavam principalmente as tropas republicanas ás hespanholas antes de tudo na confiança, que inspirava ainda mesmo aos soldados mais bisonhos, uma rapida successão de victorias e triumphos; em segundo logar no enthusiasmo de uma idéa, que principia a diffundir a sua intensa luz e a converter-se desde logo em força irresistivel; e além de tudo isto na mais severa disciplina, e na tactica novissima, que a Revolução, em tudo innovadora, havia substituido aos velhos processos de combate [1].

O exercito francez, que obedecia a Pérignon, contaria pouco mais ou menos vinte e cinco mil homens. Depois dos combates de 17 e 20 de novembro, dividira-se em dois corpos, um dos quaes, sob o commando de Augereau, estanceava em Figueras e nas suas circumvizinhanças, e o outro, directamente commandado pelo general em chefe Pérignon, entrára pelo Ampurdán com destino de principiar o sitio á praça de Rosas, de que era forçoso assenhorear-se para estabelecer seguras communicações com o Mediterraneo e facilitar d'esta maneira o abastecimento ás suas tropas [2]. Os trabalhos do sitio ha-

[1] Nota em francez ácerca das forças da Republica no Ampurdán, adjunta á carta de Gomes Freire a Luiz Pinto, de 15 de dezembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] *Victoires et conquêtes*, etc., *des français depuis* 1792, II, pag. 225 e 241.

viam começado em fins de novembro e já a 28 a artilheria franceza havia feito sentir os seus effeitos.

O exercito hespanhol era mais copioso que o francez. Os rapidos progressos operados pelas armas republicanas pareciam annunciar que toda a Catalunha cairia brevemente em poder do inimigo e a conquista do Principado gravemente ameaçava a monarchia hespanhola. Não é pois de extranhar que o governo de Madrid fizesse concentrar no theatro da guerra quantas forças podesse reunir para deter a marcha dos invasores. E por isso o exercito alliado, apesar das suas crescidas perdas, não orçaria, segundo o computavam os francezes, em menos de trinta e cinco mil homens. O sitio de Rosas obrigava Pérignon a empregar as tropas de uma inteira divisão. As que restavam para contrapôr aos alliados na sua linha do Fluvia eram em numero inferior ás que se contavam nas fileiras hespanholas [1]. E comtudo uma das causas, que mais influiam o terror no exercito hespanhol era o algarismo exaggerado, a que em sua attribulada phantasia os officiaes e os soldados elevavam as forças do inimigo [2].

O que determinava o extremo desequilibrio entre as forças republicanas e as alliadas, era principalmente que as primeiras se haviam educado para a guerra na escola das victorias, e as outras se tinham amesquinhado nas provações e nos desastres. Pérignon mantinha nas suas tropas a boa ordem, imprimindo a unidade e a energia do commando, emquanto nas fileiras inimigas lavrava desde muito a desharmonia e confusão, que resultam sempre da desconfiança entre os soldados e ainda mais, das emulações e dissidencias dos generaes.

O marquez de las Amarillas não era general, que podesse restituir ao exercito do rei catholico a disciplina, a união, a

[1] *Victoires et conquêtes*, etc., *des français, depuis* 1792, II, pag. 274.

[2] Escrevendo a Luiz Pinto dizia Gomes Freire: «A critica posição, em que estamos é ainda a mesma, sem embargo de não ser o numero das forças inimigas tão crescido como o suppunha o terror influido no exercito hespanhol pelas continuas desgraças que até agora se experimentaram». Carta citada de Gomes Freire a Luiz Pinto, 15 de dezembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

confiança na victoria e apertar de novo os vinculos militares, desde muito desatados pelos revezes successivos e pela impericia e fraqueza do commando.

Apressou-se, pois, a côrte de Madrid a nomear um novo commandante em chefe, confiando-lhe egualmente a capitania general do Principado. Recaiu a eleição no tenente general D. José de Urrutia, que havia pouco tempo servira com distincção contra os francezes nos Pyreneus occidentaes. Era, segundo juizos contemporaneos, superior em talento ao seu antecessor, o conde de la Unión, e reunia á illustração em assumptos do seu officio uma larga experiencia de guerra, adquirida desde os primeiros annos da adolescencia, em longo e aproveitado exercicio militar. Tinha creditos de bom organisador e predicados de mestre em severa disciplina.

Entrava em Gerona a 10 de dezembro e logo tomava posse do commando nas mais lastimosas condições para um supremo chefe, de quem pendia o reparar, se ainda era possivel, todos os passados infortunios.

Não era, porém, facil a missão. Encontrava-se á frente de um exercito desorganisado. Antes que o tivesse reconstituido, restaurando a subordinação e a disciplina, seria temerario emprehender novas operações contra um inimigo ousado, feliz, victorioso. E pela celeridade, com que Pérignon até então concebera e realisara os seus planos offensivos, não parecia verosimil que Urrutia dispozesse de tempo sufficiente para que do chaos de um exercito desconcertado podesse tirar um instrumento efficaz de guerra e de victoria [1].

As difficuldades, com que haveria de luctar o novo commandante em chefe, seriam porventura ainda acrescidas pela circumstancia de que havia no exercito hespanhol da Catalunha outros generaes mais antigos do que Urrutia, e as emulações, as invejas, as dissensões, que tinham amargurado o conde de la Unión, poderiam facilmente renascer talvez ainda aggravadas [2].

[1] Citada carta de Gomes Freire a Luiz Pinto, 15 de dezembro de 1794

[2] «Receiava-se que os generaes mais antigos tivessem repugnancia em

Com a consoladora credulidade, que nas dolorosas situações induz os animos a esperar de alguma nova circumstancia a salvação, na attribulada côrte de Madrid confiava-se em que o general Urrutia mudasse inteiramente a face dos negocios, pela sciencia militar, em que o haviam como professo, e pela moderação e bom juizo com que sabia conciliar as vontades mais agrestes. E comtudo aquelles, a quem menos cegava o odio contra a França republicana, nada esperavam que podesse assegurar a Carlos IV a victoria sobre os francezes[1].

A situação das tropas auxiliares não se avantajava á dos seus camaradas hespanhoes. Pouco depois dos combates de 17 e de 20 de novembro, o general Forbes, profundamente amargurado pelos desastres e não menos pelos desgostos, que lhe moviam muitos dos seus mais graduados officiaes, caíra enfermo. Entregando o commando ao marechal de campo D. Antonio de Noronha, por conselho do physico mór trasladara-se de Gerona para Arens del Mar no principio de dezembro a fim de restabelecer-se. O novo commandante não estava menos achacado que o seu antecessor, e d'esta sua incapacidade physica para o commando em campanha tão activa e em quadra tão inhospita se lastimava o enfermo general[2].

lhe obedecer (a Urrutia), o que já succedêra ao conde da União, attribuindo-se a essa circumstancia o terem-lhe saído mal todos os seus planos.» Officio do embaixador em Madrid, D. Diogo de Noronha, para Luiz Pinto, 28 de novembro de 1794. Archivo do ministerio dos negocios extrangeiros.

[1] «N'este paiz se espera muito do general Urrutia, não só pela sua sciencia militar, mas pelo bom modo que tem para conciliar os animos. Mas eu não posso esperar bom resultado d'esta guerra pela falta, que ha de gente, de provisões e de artilheria.» Officio do embaixador D. Diogo de Noronha a Luiz Pinto, Escorial, 12 de dezembro de 1794. Archivo dos negocios extrangeiros. N'este despacho exprimia o embaixador a sua admiração pela tranquillidade e confiança, em que vivia o ministerio hespanhol, e pela extranheza, ou reprehensão, com que era ouvido quem se atrevia a fallar de paz.

[2] «Rosas ainda resiste e só eu é que o não posso fazer, com bastante sentimento, á molestia que me persegue, para poder continuar na honra do serviço de S. A. R., objecto para mim da maior importancia.» Officio de D. Antonio de Noronha a Luiz Pinto, Gerona, 15 de dezembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

Não podia montar a cavallo, nem quasi saír do leito, onde o tinha preso a sua pertinaz enfermidade, nem lhe era dado fazer-se substituir no commando, porque os outros dois marechaes de campo não gosavam de saude nem de annos mais florentes.

Pouco tempo podéra D. Antonio de Noronha exercitar o novo encargo, porque, tendo-se aggravado os seus padecimentos, houve de o entregar ao seu immediato, o marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha e retirou-se a 17 de novembro a buscar lenitivo em Barcelona [1]. A confusão e a desordem, que reinavam nas tropas hespanholas e não menos nas de Portugal, não seriam pequena parte para que o angustioso general abençoasse porventura a doença, que o libertava do commando em tão desgraçada conjunctura. Escrevendo ao ministro da guerra, debuxava com as mais sombrias côres o estado lastimoso, em que tinha vindo a parar a situação militar dos alliados. Assombravam-lhe o animo abatido as consequencias, que proviriam certamente da condição, em que haviam decaído as forças contrapostas ao exercito francez victorioso. Impossiveis se lhe afiguravam os prospectos de que as circumstancias viessem a melhorar [2].

A nova interinidade no commando viera tornar mais difficil o remedio aos males, que affligiam a divisão auxiliar. O marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha sómente por dever de obediencia e sacrificio á honra de soldado, em que era exemplar, podia tolerar sobre seus hombros desfallecidos o peso do commando em occasião, a que não tivera sido egual o mais robusto, juvenil e activo chefe superior. As suas enfermidades, que o obrigavam a dictar do leito quasi sempre as suas ordens, o inhibiam de todo o serviço de campanha. A

[1] Officio do marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha a Luiz Pinto, 18 de dezembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] «A desordem, em que tudo se acha, faz cada vez mais terriveis as consequencias do que já tem occorrido... sem que a desordem, que observâmos, dê logar a que se vaticinem circumstancias mais favoraveis.» Officio de D. Antonio de Noronha a Luiz Pinto, Gerona, 1.º de dezembro, de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

propria interinidade no commando e o seu espirito perplexo naturalmente obstavam a que tomasse as providencias, que requeria com urgencia a divisão auxiliar, sob pena de fundir-se inteiramente. Se uma nova retirada, perante a marcha progressiva, audaz e resoluta dos francezes, se tornasse necessaria, a divisão, sem que se houvessem adoptado com alguma antecipação as mais indispensaveis prevenções, se acharia sem general, que a conduzisse e teria de perder n'uma fuga desordenada os ultimos vestigios de tropa regular [1].

Na ausencia de commando legal e em face das graves circumstancias, dois officiaes superiores, como se levantassem do chão a auctoridade, que ninguem exercitava realmente, haviam tomado officiosamente á sua conta o prover de remedio ao que sem delonga o reclamava. Eram o coronel Gomes Freire, e o tenente coronel Manuel Ignacio Martins Pamplona, servindo de ajudante general. Era em nome da salvação commum a inversão total da hierarchia e a manifesta infracção da disciplina.

Eram aquelles dois officiaes os que mais larga experiencia tinham adquirido em campanhas ao serviço de potencias extrangeiras. A sua energia muitas vezes tinha em lances aper-

[1] Escrevendo a Luiz Pinto, com a franqueza de amigo particular, sollicitava Gomes Freire que de Lisboa se ordenassem as providencias conducentes a remediar a anarchia do commando e a sua inefficacia pelo conflicto permanente de auctoridades. Ponderava que D. Francisco Xavier de Noronha estava impossibilitado physicamente de pôr-se em marcha á testa da divisão auxiliar. Referia que este general nada resolvia ácerca dos assumptos mais urgentes, resumindo o seu commando apenas em despachar mesmo da cama algumas petições sem importancia e a escrever officios para o governo. Que o ajudante de ordens Clavière para que se aggravasse a indecisão em D. Francisco de Noronha, escrevia desde Arens del Mar frequentes avisos de que Forbes viria brevemente reassumir o commando, como se fosse crivel que o general, padecendo duas gravissimas enfermidades, podesse restabelecer-se em pouco tempo e vir commandar as tropas de Portugal na mais difficil e angustiosa conjunctura, o que reduzia a divisão a ser effectivamente commandada por Clavière em nome de um paralytico general. Carta de Gomes Freire a Luiz Pinto, 22 de dezembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

tados remediado ou supprido a negligencia dos generaes, e eximido á ultima ruina as tropas auxiliares [1].

Com tão completa anarchia no commando não sómente padeciam a disciplina e o valor tactico das tropas, que estavam sob as armas, senão que os numerosos doentes na divisão auxiliar viam accrescentados os seus males com a ausencia das providencias mais palmares de sanidade militar. A maneira, por que os enfermos e os feridos, muitos d'elles gravemente, tinham sido transportados na tumultuosa retirada, era para lacerar os menos compassivos corações [2].

Não poderam os enfermos conservar-se em Gerona, e sem que houvesse o minimo cuidado em que o seu transporte se effeituasse com alguma commodidade, foram conduzidos á villa de Cañet, onze leguas distante de Gerona, sem que para o estabelecimento dos novos hospitaes se mostrasse providente a administração. E emquanto eram estes os fructos da-

[1] «Em todas as criticas circumstancias, em que se tem achado o exercito, ficámos encarregados (Gomes Freire e Pamplona) da sua salvação, sem que fossemos ajudados da parte dos nossos generaes com as ordens competentes para as providencias necessarias, que a experiencia adquirida pela sua longa edade lhe poderia ter subministrado... Ficaremos incumbidos da conducção da tropa... fizemos todos os esforços e representámos quaes eram os meios... para conservar este resto do exercito portuguez, mas estes não se nos tendo proporcionado... nos ficará sómente o recurso de acompanhal-o na sua desgraça.» Carta de Gomes Freire a Luiz Pinto, 22 de dezembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

Na carta a Luiz Pinto, datada a 29 de dezembro do mesmo anno, depois de insistir sobre a desordem e confusão, em que se achava a divisão auxiliar, e do conflicto entre as ordens expedidas por D. Francisco Xavier de Noronha e as que em nome do general Forbes communicava o ajudante de ordens tenente coronel Clavière, protesta Gomes Freire que «demitte de si toda a responsabilidade pelas desgraças, que succederão ao exercito», e accrescenta: «Só prometto que jámais deixarei de me sepultar com elle».

[2] «Não deve ficar em silencio a triste scena, que representaram os nossos doentes na retirada do hospital de Figueras para o de Gerona: em cuja catastrophe o auctor d'esta memoria infelizmente representou por se achar gravemente enfermo. Movia os animos e fazia horror á humanidade ver uns nús, outros estendidos em portas... outros apenas movendo-se: é tudo quanto póde produzir a desgraça e a miseria.» *Memoria dos successos da guerra dos Pyreneus orientaes,* por F. D. L. V., pag. 71.

mnosissimos da anarchia, que lavrava no commando, officiaes, com valioso patrocinio, iam, a titulo de enf gosar em Barcelona as commodidades que offerecia a op capital da Catalunha, empregando no transporte das su gagens as viaturas que faltavam para o serviço dos doe

Os soldados não recebiam regularmente os seus n vencimentos, porque a thesouraria, mudada para Barc se esquecêra de prover a esta imperiosa necessidade. era para assombrar que depois de tantos desastres pad rompessem em murmurações contra o seu immerecid amparo [2].

Os corpos da divisão, com as perdas experimenta

[1] Dirigindo-se ao ministro da guerra Luiz Pinto, escreve Gom re, cujo testemunho parece irrecusavel: «As passagens de comm terino deram logar a que o quartel-mestre general fosse para Ba seguido do almoxarife do hospital, do intendente da policia, c mór, etc., que o hospital se movesse d'aqui sem que se dessem videncias necessarias para o seu estabelecimento em Cañet; que sos doentes, dos quaes a maior parte foram a pé, se acham es sem soccorro pela Catalunha, como os israelitas no deserto; que officiaes, *que estavam com boa saude no hospital, fossem passe Barcelona;* que *os carros e bestas do exercito* de Sua Magestade occupados na mudança do fato destes senhores, e que a tropa pela falta destes; que *todos mandam e cada um faz o que que* de semelhante confusão não poderá resultar *senão uma indiscipli á do exercito hespanhol*». Concluindo a enumeração de todas as taveis circumstancias da divisão auxiliar, acrescentava Gomes Fre em particular juro a v. ex.ª que preferiria subir segunda vez o de Okzakov, a achar-me em semelhante Babylonia, onde todos ninguem se entende». Carta de Gomes Freire a Luiz Pinto, 15 de bro de 1794. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Carta de Gomes Freire ao ministro da guerra Luiz Pinto, 1 zembro de 1794. «A tropa ha quinze dias que se acha sem pret, se segue que o soldado murmura com rasão». Carta de Gomes Luiz Pinto, 29 de dezembro de 1794. Archivo do ministerio da gu

N'aquelle tempo o pret era pago ás tropas de cinco em cinco gundo estava prescripto nos regulamentos de Lippe, e já se co em mais antiga legislação.

Lastimando incessantemente nas suas confidencias ao min guerra a desordem que ameaçava para breve tempo a dissolu tropas auxiliares, o coronel Gomes Freire demittia de si e do se rador e camarada Pamplona toda a responsabilidade, e como ho intrepido soldado acrescentava que sómente lhe restava acomp camaradas na sua ultima ruina. Carta citada de 29 de dezembro

campanha desastrosa, estavam reduzidos a forç
cassa. Os restos do 2.° regimento do Porto, que
diam duzentos homens, haviam sido aggregados
mento de egual denominação.

Apenas chegadas a Gerona as tropas alliadas ti
tabelecido em acantonamentos na proximidade
d'esta praça. A divisão portugueza acantonou
Santa Eugenia e nos casaes circumvisinhos. Pou
veram os alliados que deixar esta commoda estaç
mar acampamentos em tendas de campanha. Be
porém, voltaram a acantonar nas primitivas posi

Dos francezes a divisão, que ficára occupando F
suas cercanias, e tinha por encargo vigiar os allia
rona, estabelecera os seus acantonamentos a tres
pouco mais ou menos, ao sul d'aquella villa, e os
avançados estendiam-se até á povoação de Santa
dez kilometros antes de Bascara e cinco da praça

O general Augereau tinha formado em Cistell
pamento, para cobrir e proteger Figueras pela di

O rio Fluvia separava um do outro os dois ant
exercito alliado, nos primeiros dias da sua nova
Gerona estava tão lastimosamente desorganisad
mais poderia desejar senão que o inimigo lhe dei
respiro para que podesse reorganisar-se e refaze
pressão causada pelos ultimos desastres. Aos fra
as suas forças pouco numerosas e repartidas, com
consideravel empenhada em sitiar a praça de R
nha-lhes não precipitar na campanha as operaçõe
aquella praça não houvesse caído em seu poder.

O tenente general Urrutia e o novo quartel me
D. Gonçalo O'Farril, que succedêra a D. Thomás
veitaram judiciosamente a especie de tacito arn
reparar os estragos profundissimos, que a ultim
produzira nas tropas do seu commando. A inac

[1] Officio do marechal de campo D. Antonio de Noronha
de dezembro de 1794 Archivo do ministerio da guerra
Victoires, conquêtes, etc., *des français depuis* 1792, II, p

se fosse harto prolongada, poderia enervar inteiramente os soldados hespanhoes, já desalentados. Cumpria tentar alguma empreza de pequeno tomo, em que o exito feliz retemperasse de algum modo o animo abatido. Por isso os generaes Urrutia e O'Farril houveram por avisado que as tropas sómente descançassem durante os restantes dias de novembro e quasi todo o mez seguinte. Mas em fins do anno de 1794 principiaram os hespanhoes a provar sua fortuna em recontros de postos avançados. No terreno situado entre o rio Fluvia e as montanhas de Oriol se passavam estes combates. A posição de Bascara, que ficava entre os dois contendores, caía alternadamente em poder de hespanhoes e de francezes. É claro que estas refregas não fundiam nenhum fructo, nem acceleravam notavelmente o progresso ás operações.

As tropas republicanas, como as que tinham em seu favor a balança da guerra pelas victorias alcançadas, esperavam na defensiva a propicia occasião de acommetter os seus contrarios, e por isso, n'estes ligeiros conflictos, raras vezes eram os aggressores. Esta moderação, e a circumstancia de que parte consideravel do exercito francez proseguia o sitio de Rosas, começada a investir a 28 de novembro, alentava o general Urrutia a emprehender novos ataques de maior consequencia. A divisão, que fazia o cerco áquella praça, tinha o parque da sua artilheria de reserva no logar de Pla de Cotó, entre Figueras e Bellegarde, na rectaguarda do exercito francez. Determinou Urrutia de o atacar. Ao capitão D. Francisco Pineda, do 1.º batalhão de voluntarios da Catalunha, commetteu a operação, dando-lhe para a effeituar uma columna de cento e vinte homens d'aquelle batalhão, e mais duzentos *somatènes* commandados pelo presbytero D. João Salgueda.

Do logar de Lladó se poz em marcha aquelle official em a noite de 12 para 13 de janeiro, e durante cinco horas, marchando com grandes precauções e furtando-se á vigilancia dos postos inimigos, passou o rio Muga com agua até á cintura em tempo frigidissimo, e conseguiu surprehender em Plá de Cotó o parque, onde duzentos e cincoenta artilheiros serviam de o guardar. As tropas de Pineda arremettem contra elles á baio-

em lhes darem vagar para a defeza, e deixam fóra de
.te cerca de cem homens, incluido o commandante. Este
de audacia e de valor custou a Pineda o preço da sua
O seu immediato lhe succede no commando e continúa
gual ardor e valentia a operação. Conseguem os hespa-
aprisionar trinta e cinco francezes e encravar quatorze
de fogo.
pertas pelo estridor e tumulto do combate, acorrem ás
as tropas de infanteria. Toca-se a generala em todos os
. Acodem forças sufficientes para disputar ao inimigo a
ctoria. Os hespanhoes, acommettidos por numero supe-
os seus adversarios, são constrangidos a retirar, bus-
pôr-se em cobro por sendas talhadas através de barro-
alcantis. Os francezes recobram os seus prisioneiros.
·ação foi, comtudo, favoravel aos hespanhoes nos seus
s, pela perda causada ao inimigo [1].
·iam os francezes proseguido com vigor o sitio de Rosas
am já tomado o forte de *la Trinidad*. A resistencia da
ao inimigo não poderia dilatar-se por tempo considera-
· general Urrutia, ou por negligencia e frouxidão, ou
e o numero das suas tropas não consentia que d'ellas se
aisse um corpo sufficiente para obrigar os republicanos
ntar o cerco, não tentára o menor esforço para acudir
liados. Quando, porém, o sitio estava proximo ao seu
e era necessario facilitar o embarque da guarnição,
deu Urrutia distrair a attenção dos sitiadores por algu-
versão. Para este fim dispoz que uma divisão de quatro
o mil homens, commandada pelo marechal de campo
efonso Arias Saavedra, marchasse em direcção ao rio
, e manobrando na direita dos francezes, os ameaçasse
uietasse nas suas posições. Ao mesmo passo uma colu-
le dois mil homens, tendo por chefe o marquez de la
ıa, tentaria pela esquerda surprehender o inimigo nos

ficio do general Urrutia ao seu governo, publicado por extracto na
de Lisboa, n.º 5, 2.º supplemento, de 1795.
oires, conquêtes, etc., *des français depuis* 1792, II, pag. 227 e 228.

seus acantonamentos de Aviñonette e Villafan, onde havia quatro batalhões das melhores tropas republicanas.

A operação executada por D. Ildefonso Arias surtiu pequeno effeito. Melhor succedido foi na sua diversão o marquez de la Romana. Compunha-se a sua columna de dois batalhões de tropas ligeiras, um de infanteria de linha, uma companhia de gastadores (pioneiros) e um esquadrão de cem cavallos. Desde Besalu marchou este forte destacamento pelo caminho que, passando por Crispia, se dirige até Figueras. Encaminhou-se La Romana com o grosso da sua tropa para Aviñonette, e destacou para a frente uma força de quatrocentas praças sob o commando do major D. Joaquim Blake. Esta vanguarda da columna repartiu-se em duas fracções, das quaes uma de duzentos homens, sob as ordens immediatas do major, teve por encargo atacar o acantonamento de Aviñonette, e outra de força egual, commandada pelo capitão Duvivier, se destinou a acommetter o posto de Villafan. O marquez de la Romana, com o restante da sua columna, serviria de reserva. A 16 de janeiro chegavam as tropas hespanholas a cerca de uma hora de marcha dos postos avançados inimigos. Determinou o marquez de la Romana saltear improvisamente os piquetes republicanos. Estava a ponto de sair bem lograda a operação, quando um cabo de esquadra teve a imprudencia de responder com um tiro de espingarda á sentinella franceza que bradára o «quem vive?» costumado. N'um momento, sobresaltado o inimigo com a inesperada detonação desamparou, fugindo e largando as armas, o posto que devia defender. Logo se deu rebate nos outros postos e nos acantonamentos dos francezes, que armando-se a toda a pressa, acudiram a affrontar-se com os hespanhoes.

O marquez de la Romana ordena então á vanguarda que retire lentamente sobre o grosso da columna e venha formar em linha á retaguarda da sua cavallaria. Os francezes logo em grande numero avançam perseguindo a vanguarda hespanhola até proximo do corpo principal. Mas no momento proprio, a cavallaria, por uma carga impetuosa, detem a marcha do inimigo, e pouco depois, abrindo aos flancos, dá passagem

á infanteria, que, havendo recobrado a ordem ta
remessa com furor sobre as tropas da Republica,
cavallaria as atropella e acutila bravamente por
flanco. Á frente da carga dirigida ao flanco direito
se pela sua bravura e gentileza militar o marque
mana, a quem matam dois cavallos na refrega. P
já os feitos bellicosos que mais tarde, nas guerras
poleão, o assignalaram como um dos mais illustre
hespanhoes. Os francezes não podem resistir ao i
valor dos seus contrarios. O marquez de la Ron
conseguido em grande parte o seu intento, e susp
os francezes com tropas de Figueras viriam em s
Avinoñette, julgou prudente retirar para Besalu. l
se effeituou na melhor ordem e sem que o inimi
perturbar. Foram pequenas as perdas padecidas. l
se a dezeseis feridos, quasi todos levemente, e a
Os francezes tiveram a lamentar baixas mais num
gundo a versão dos hespanhoes, certamente exager
duzentos mortos, alem de muitos feridos e quatr
ros, dos quaes um official [1].

Por aquelle tempo estava prestes a render-se
Rosas, cujo sitio os francezes proseguiam com o
gor. Rosas era então uma villa pouco populosa, qu
dia á beira mar no fundo do golfo amplissimo do me
entre os campos alagadiços de Castillon, e os mo
termina a cordilheira dos Pyrenéus para a parte d
raneo. A angra tem uma entrada facil e dilatada e p
esquadras numerosas. Abrigam-n'a as montanhas
do norte, de leste e sudoeste. As obras de fortifi
defendiam Rosas, resumiam-se então em um simp
cheiramento de campanha, que a protegia ao ori
apoiava por um lado n'um reducto de imperfeita c

[1] *Gazeta de Lisboa*, 2.º supplemento ao n.º 10, e 2.º sup
n.º 11, de 1795, contendo extractos das participações public
ceta de Madrid.—*Victoires, conquêtes, etc. des français de*
pag. 228 e 329.—Officio do general Forbes a Luiz Pinto, 9
de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

e do outro a uma cidadella abaluartada, principal segurança defensiva da pequena povoação. A cidadella era um pentagono fortificado com escarpa e contra-escarpa revestida e fossos de pouca profundidade. Para supprir a sua insufficiencia e cobrir as cantarias do recinto principal seguia-se immediatamente á contra-escarpa um segundo recinto ou contra-guarda com revelins. A frente, que se estendia ao longo da praia, não tinha fossos, mas a cortina era atenalhada.

No extremo de um promontorio, onde termina a leste o golfo, eleva-se n'uma altitude de sessenta e seis metros e em distancia approximada de mil e duzentos metros da povoação o forte de *La Trinidad*, que as relações francezas appellidam *le Bouton de Roses*. É um forte estrellado de quatro pontas, bem construido em solida cantaria com os seus alojamentos e armazens todos á prova de bomba. Era principalmente destinado a defender a entrada da bahia e a cruzar os seus fogos com os da cidadella para impedir o ancoradouro ás esquadras inimigas.

A praça de Rosas com as suas dependencias era guarnecida por cinco mil homens de escolhidas tropas hespanholas. No seu porto ancorava uma esquadra de treze naus de linha e quarenta e cinco chalupas bombardeiras. Esta força naval tinha por almirante o tenente general do mar D. Frederico Gravina, que n'aquelle tempo era havido por um dos mais peritos e valentes marinheiros hespanhoes. A presença d'esta esquadra fazia aos francezes difficilimo o cerco de Rosas, e ajudava singularmente os defensores, porque lhes assegurava pelo mar copiosa provisão de mantimentos e munições e tornava possivel reforçar a cada passo a guarnição.

A tomada de Rosas pelos republicanos era da primeira importancia para o progresso das operações na Catalunha, pela excellencia do seu porto, por onde seria facil prover de subsistencias copiosas o exercito francez no Principado.

Começou Pérignon o investimento de Rosas por fins de novembro de 1794, e a 28 occupou a aldeia de Garriga, e n'uma altura proxima d'este logarejo estabeleceu duas baterias, uma com duas peças de 24 e um obuz, e outra de quatro canhões

do mesmo calibre, dois morteiros e dois obuzes. Estas boccas de fogo principiaram a atirar no dia 29, e logo conseguiram desmontar um canhão de 24 e incendiar um pequeno paiol. As bombardeiras ancoradas na bahia empregaram baldadamente os seus esforços a fim de reduzirem ao silencio as baterias dos sitiantes.

A 3 de janeiro o marechal de campo D. Domingos Izquierdo entrava na praça para exercer o cargo de governador, e tomava desde logo as providencias necessarias para tornar mais efficazes os seus meios defensivos.

A 5 de dezembro estabeleciam os francezes uma terceira bateria de quatro peças de 24, tres obuzes de oito pollegadas e dois morteiros, destinada especialmente a varejar os navios da esquadra e as chalupas canhoneiras. Os sitiados, comprehendendo quanto urgia inutilisar a nova bateria, effeituaram ao anoitecer uma sortida, que surpreendeu as sentinellas francezas. Acudindo porém a guarda da trincheira com alguma cavallaria de reforço, houveram por melhor os hespanhoes retrair-se e entrar na praça, sem que fosse consideravel o damno causado ao inimigo. Em algumas eminencias de moderada altura, apesar de serem vantajosamente batidas pelos sitiados, construiram os francezes pequenas baterias. A 7 de dezembro estavam concluidas outras seis, umas dirigidas contra a praça e outras contra a esquadra hespanhola. Ao vivissimo fogo do sitiante respondiam com egual intensidade os canhões do defensor. Eram grandes os estragos produzidos pelos fogos dos francezes n'aquella occasião, e que obrigou os hespanhoes a tentarem na ante-manhã de 8 para 9 de dezembro uma sortida. Colheram desapercebida a guarda de uma nova bateria, que ainda estava desguarnecida de canhões. Acorrendo, porém, tropas francezas, forçaram os aggressores a recolher á praça, sem que tivessem logrado destruir as obras do sitiante.

Entre 18 e 20 de dezembro os francezes quasi tinham descontinuado o fogo nas suas baterias.

A defeza de Rosas era conduzida pelos engenheiros e artilheiros d'esta praça com tanta habilidade, vigor e intrepidez,

e a sua artilheria dominava de tal maneira a do cercador, que as baterias por elle estabelecidas se mostravam inefficazes. O sitio dava mostras de ser em demasia prolongado. O general Pérignon, que sem desaire e sem grave prejuizo para o seguimento da campanha, não podia levantar o cerco, determinou-se em variar o processo de o concluir. A primeira necessidade era dirigir antes de tudo um ataque vigoroso contra o forte de *la Trinidad,* porque dominando com a sua artilheria não sómente a praça e a cidadella, senão tambem as obras e posições do inimigo, tornaria por extremo difficultosos, demorados e mortiferos os trabalhos do sitiador. O forte de *la Trinidad,* tendo pela rectaguarda uma serie de eminencias, só podia ser batido de um unico padrasto ou cabeço mui alcantilado, o Puig-Ron, que elevando-se a uma altitude consideravel, fôra até áquelle tempo sempre havido por inaccessivel. No cume d'este cabeço aplainava-se uma pequena chapada, onde podia estabelecer-se uma bateria, cujos fogos reduziriam ao silencio a artilheria do forte e o forçariam a render-se. O general Pérignon empenhava-se com fervor em que se construisse a bateria, e ás objecções, com que os engenheiros difficultavam a construcção, respondia o audaz republicano desfazendo-as com a indomita energia da sua vontade.

Os trabalhos necessarios para levar as boccas de fogo ao alto do Puig-Ron eram de molde para entibiar os mais aventurosos e resolutos sitiantes. O frio era intensissimo, a estação mais talhada para quarteis de inverno que para as durissimas fadigas de expugnação a fortalezas defendidas com valor e tenacidade. Principiaram os trabalhos a 9 de dezembro e foram continuando até 14. Destinaram-se estes seis dias a abrir na pendente das montanhas um caminho mui extenso até á chapada no alto do Puig-Ron. Terminada a obra, recresceram novas e ao parecer insuperaveis difficuldades para ali transportar a artilheria. Nada havia, porém, n'aquelle tempo, que podesse desmaiar a soldados republicanos curtidos em campanhas successivas e inflammados pela religião do patriotismo e pela fascinação da gloria militar. Ao cabo de esforços incessantes, e de nunca desfallecida perseverança, lograram os fran-

assentar tres baterias, uma de seis peças de 24 e seis
s, outra de oito canhões de egual calibre, quatro mor-
e dois obuzes, a terceira de duas peças de 24, quatro
s e de morteiros egual numero.
dia de Natal de 1794 estavam concluidas e artilhadas as
no Puig-Ron. E logo romperam as baterias um fogo
tissimo e incessante contra a esquadra e contra o forte.
n'elle desmontadas quatro peças. A esse tempo uma
tempestade acossava de maneira os navios e as chalu-
ombardeiras, que lhes era impossivel responder ás ba-
dos francezes.
dia 21 tomavam os sitiantes por surpreza com duzentos
entos homens o reducto levantado ao oriente da villa,
s guarnecido de mui poucos hespanhoes. Sobrevindo,
, como reforço uma parte do regimento de Murcia, fo-
s francezes constrangidos a evacuar a povoação de que
tinha senhoreado. Ficaram porém estabelecidos no re-
. Redobrando de esforços os sitiantes para occupar tam-
a povoação, e marchando contra ella em força de dois
mens, recebeu a tropa, que a defendia, ordem termi-
para sustentar a villa até á derradeira extremidade.
ram os sitiantes mais de uma vez com forças importan-
tentar a occupação, mas encontraram nos hespanhoes
resistencia inabalavel. N'estes combates repetidos fóra
aça foram numerosas as perdas experimentadas por fran-
e hespanhoes. Continuava no entretanto com furiosa
cia o fogo do sitiante, pondo fóra de combate a muitos
s, destruindo as esplanadas e incendiando varios depo-
armazens. Frequentes vezes caiam bombas ou grana-
quartel do governador. No reducto por elles conquis-
estabeleceram os francezes contra a praça uma nova
a com duas peças de 24, um morteiro e um obuz.
baterias de Puig-Ron, pela sua collocação, dominavam
heria dos sitiados, tornavam menos perigosos os traba-
o sitiante e produziam damnos consideraveis na villa e
adella. Assim, a 22 de dezembro, continuando os fran-
por muitas horas o seu fogo, pozeram inteiramente fóra

de serviço quatro boccas de fogo aos hespanhoes, arruinaram na praça algumas esplanadas e fizeram afundir com um tiro de granada uma lancha canhoneira, com perda quasi total da guarnição, que se compunha de trinta marinheiros, alem do official. Poderam então os republicanos mais folgadamente completar as obras da primeira parallela. Emquanto proseguia com grande actividade a sua construcção, a artilheria de sitio servida com extrema celeridade e exacção por artilheiros já em grande parte experimentados no memoravel cerco de Toulon, desmontava muitas peças hespanholas e incendiava depositos e armazens. As baterias, que o sitiado tinha opposto aos fogos de Puig-Ron, estavam todas fóra de serviço e os francezes perseveravam em bater o forte de *la Trinidad*, sem que este já podesse ripostar.

Entrava então o novo anno de 1795, dando aos republicanos a esperança de que em breve estariam por esta parte os seus trabalhos concluidos. A 3 de janeiro as muralhas desmoronadas offereciam ao assalto mais de uma brecha praticavel. O governador de *la Trinidad*, o tenente de mar D. Estevão Morera de Planell, após uma defesa, que sem hyperbole se podia capitular de heroica e sobrehumana, tendo de guarnição apenas cento e trinta homens em estado de servir, reconhecia por impossivel o proseguir na resistencia. Communicou ao general Izquierdo a sua desesperada situação. N'esta conjunctura a tormenta, que desde muitos dias açoitava rijamente a bahia de Rosas, enfureceu-se no dia 6 em tanta maneira, que nem a esquadra de Gravina, nem as chalupas bombardeiras podiam ser de nenhum subsidio aos ultimos lances da defeza. Um dos vasos hespanhoes, a fragata *Triunfante*, arrojada pela tormenta contra a costa, veio a naufragar na praia de S. Pedro, e grossas avarias padeceram as fragatas *S. Damaso* e *Santo Antonio*. Quasi todos os navios perderam as suas lanchas, e não houve um vaso unico onde o apparelho não ficasse mais ou menos gravemente damnificado. Os seus canhões forçosamente emmudecidos deixavam que os francezes a seu salvo redobrassem de vigor e actividade nos seus fogos contra as duas fortificações.

Estava comprido, quanto forças humanas o permittiam, o dever e satisfeita a honra militar dos valentes defensores. A occupação do forte de *la Trinidad* pelos francezes, emquanto rugia na sua maior furia a horrorosa tempestade, entregava a um fogo devastador os navios da esquadra, condemnados pela borrasca a não poderem procurar mais seguro ancoradouro. Por isso grandes escrupulos assaltavam o espirito do tenente Planell, governador da pequena fortificação. Entre o heroico lance de sacrificar-se com a sua gente, demorando quanto podesse a evacuação da fortaleza, e o egoismo de evitar o assalto dos francezes, prestes já a effeituar-se, o seu animo de soldado e marinheiro apontava-lhe como imperiosa obrigação da honra e fraternidade militar, o sepultar-se nas ruinas d'aquelle forte, para dar tempo a que o tempo abonançasse e permittisse á esquadra mudar de posição. Ás sete horas da noite de 7 de janeiro, havendo o temporal remittido um pouco de sua braveza, poderam as pequenas embarcações commandadas pelo proprio chefe de estado maior D. Antonio de Yepes abicar ao litoral. Conseguiu a guarnição embarcar-se para se acolher a Rosas, descendo por escadas de corda até á praia, depois de se terem encravado todas as peças, excepto uma, e inutilisado em grande parte as munições. Durante o sitio haviam os francezes atirado contra o forte duas mil duzentos vinte e cinco balas de 24, mais de quarenta bombas, e uma não minima porção de outros projecteis explosivos. Os sitiados tinham sómente lançado contra os francezes novecentas quarenta e duas balas dos calibres 12, 16 e 24, oitenta e cinco bombas e setenta e sete granadas.

Occupado o forte de *la Trinidad*, entenderam os francezes desde logo em dirigir contra a praça de Rosas a unica peça, que os hespanhoes não tinham tido tempo de encravar. Egualmente foram assestadas contra a cidadella as boccas de fogo, que até aquelle dia na bateria do Puig-Ron se tinham empregado em bater as muralhas da fortaleza. A contar do dia 7 o fogo dos francezes foi vivissimo e não menos vehemente o dos hespanhoes, com o que se perderam bastantes vidas de

uma e outra parte e não foram de pequena monta os damnos materiaes.

Antes de meado de janeiro veiu ancorar na bahia de Rosas a esquadra, que sob o commando do tenente general do mar D. João de Langara andava bordejando no Mediterraneo. Poucos dias se demorou e fez-se de novo ao mar acompanhada por grande parte dos navios de Gravina. Por esse tempo começaram a grassar em Rosas as febres, que nunca poupam as tropas numerosas accumuladas em ambitos restrictos. Em pouco mais de um mez, que tanto vae de 6 de dezembro a 11 de janeiro, o numero total dos mortos, dos enfermos e dos feridos montava a pouco menos de mil homens, com o que apparecia por extremo desfalcada a guarnição.

Á esquadra de D. João de Langara, saindo ao Mediterraneo, para compensar em certa maneira os infortunios, que em terra perseguiam as armas hespanholas, deparou-se favoravel conjuncção para apresar a fragata franceza *Iphigénie*, que de conserva com a *Vestale*, andava cruzando junto da costa.

A occupação do forte de *la Trinidad* reduzia, porém não dissipava inteiramente para os francezes as difficuldades numerosas do sitio contra a praça. O inverno chegava então á maxima inclemencia e era para os defensores mais que para os sitiantes como que um alliado natural. Raras vezes um cerco tinha sido assignalado por mais implacaveis contratempos. As chuvas torrenciaes inundavam as trincheiras, obrigavam a suspender os seus trabalhos. O desgelo inutilisava n'um dia o que a preço de esforços e de perigos se havia na vespera chegado a construir. A terra empapada fundamente e convertida n'um vasto lodaçal não consentia affeiçoar os parapeitos. A neve era tão copiosa e tão espessa, que se tornavam quasi inexequiveis os trabalhos ainda mais aos sitiantes que aos cercados. Era-lhes necessario abrir caminhos através da agua congellada para que não se interrompessem as communicações no interior da praça e nas obras dos francezes. Apesar do extremo rigor da estação, nem os atacantes esmoreciam de vigor, nem os hespanhoes remittiam no minimo ponto a energica defesa.

Dirigia os trabalhos do sitio o engenheiro Sanson, que, sendo annos depois general de divisão e conde do Imperio, foi o commandante da engenheria no segundo cerco de Rosas em 1808. Por sua indicação determinou o general Pérignon, que se escolhesse como novo objectivo de ataque a frente, que na praça olhava para o norte. N'uma eminencia, a distancia conveniente n'aquella direcção, se estabeleceu uma bateria, que dentro em breves dias tinha aberto larga brecha.

Nos ultimos oitó dias de janeiro haviam os francezes construido e aperfeiçoado as suas parallelas. Mas a 21 d'aquelle mez tornou-se por tal maneira intenso o frio, que era quasi impossivel continuar os trabalhos de trincheira.

Onze baterias, alem das que existiam no forte de *la Trinidad*, não cessavam de lançar contra a cidadella e a villa de Rosas um chuveiro incessante de balas, de bombas e de granadas. O damno produzido era cada vez mais consideravel. Entre todas as baterias primava, pela efficacia dos seus tiros, uma de dezoito canhões de calibre 24 e 36. Mas os defensores, desprezando com heroica fortaleza os estragos da expugnação, não desfalleciam na resistencia, antes se aprestavam para affrontar os trances derradeiros. Entenderam os engenheiros francezes que os trabalhos de sitio não poderiam terminar-se antes que os sitiantes se apoderassem dos entrincheiramentos hespanhoes em redor da praça. O general Pérignon, em quem as emprezas temerarias não achavam contradicção, quando a urgencia as demandava, determinou effeituar a arriscadissima operação.

A 31 de janeiro, ás cinco horas da manhã, saía da trincheira uma forte columna de granadeiros, levando á sua testa o proprio general em chefe, e marchava resoluta contra as obras, que deviam ser tomadas por um ataque de viva força. Não era facil a empresa. Defenderam-se os sitiados com grandissimo valor e com fogos bem nutridos e certeiros. Mas quando eram oito horas da manhã todos os entrincheiramentos caíam finalmente em poder dos republicanos. Achavam-se agora os audazes sitiantes junto ao recinto da cidadella. A brecha estava não sómente praticavel, mas tão ampla, que o assalto

podia promptamente realisar se por uma columna de grande frente. Os habitantes, aterrados com esta perspectiva, que entregaria a povoação ao saque e á violação de todas as leis da humanidade, exoravam o governador para que antes do ultimo desastre houvessem de saír da fortificação. No entretanto as baterias dos francêzes redobravam de furor contra as muralhas e terraplenos, que a ruina podesse ainda haver poupado. O marechal de campo D. Domingos Izquierdo, conhecendo que o seu antagonista se dispunha a dar o assalto, e havendo por esteril sacrificio expor aos seus rigores a povoação e immolar sem nenhum fructo os bravos defensores, houve por melhor partido evacuar a villa e a cidadella. As tropas da guarnição, que ascendiam a pouco mais de quatro mil e duzentos homens, em a noite de 2 para 3 de fevereiro, acolhiam se á esquadra de Gravina. Procedera se ao embarque sem a minima confusão, quando um falso rebate de que os francezes se dirigiam em columna para o caes a atacar os hespanhoes que ali estavam já prestes a embarcar, os determinou a arrojar-se em tumulto ás embarcações e a fazer-se ao largo rapidamente, sem darem tempo a que uns trezentos homens menos pressurosos fossem nas lanchas recebidos e causando que ficassem na praia desamparados de todo o salvamento. Volveram os trezentos hespanhoes a entrar em Rosas, e na manhã seguinte, içando bandeira branca, se renderam prisioneiros aos francezes. Logo entraram os sitiantes n'aquella praça, cujo sitio fora sem duvida no mesmo grau para francezes e hespanhoes, a mais custosa e mais brilhante das suas operações em toda a campanha da Catalunha. A praça de Rosas caía, sem se render, ao cabo de setenta dias de sitio e quarenta e sete de trincheira aberta. Raras vezes na historia militar se registrou um cerco, onde ambos os antagonistas dessem mostras de maior bravura, estoicismo e dedicação, tendo por commum inimiga a natureza com todos os horrores de um inverno inclementissimo. Aos hespanhoes bastaria o esplendor d'este sitio memoravel para offuscar as manchas e lunares, que na sua gloria antiga militar podessem ter impresso os seus ultimos desastres no Roussillon e na Catalunha.

Para avaliar a intensidade, com que os dois contendores se combateram no sitio de Rosas, basta commemorar que os francezes arremessaram contra a praça quarenta mil projecteis, pela maior parte bombas e balas de grosso calibre. Os estragos produzidos pelos tiros dos sitiantes, pelos fogos verticaes principalmente, tinham sido numerosos e lastimaveis. As bombas, caindo de grande altura, causavam um choque tão violento, que não havia blindagem, que bastasse a guarecer os armazens, os paioes, os hospitaes contra a ruina e o incendio. Mais queriam os defensores affrontar livremente e sem anteparo os projecteis dos francezes, que resguardar-se enganosamente com perfidos abrigos.

O numero dos que pelos tiros dos sitiantes pereceram nas fortificações ou nas sortidas elevou-se a cento e treze e o dos feridos a quatrocentos e setenta [1].

Foi de tal maneira considerado o sitio de Rosas como um dos feitos mais gloriosos e felizes das armas republicanas nos Pyreneus orientaes, que ao ler-se na Convenção o relatorio transmittido pelos representantes do povo Delbret e Goupilllaud, seus commissarios especiaes junto ao quartel general de Pérignon, a altiva assembléa, sob proposta de Cambacerès, que mais tarde exerceu o consulado com o futuro dominador da França republicana, solemnemente decretou que o exercito dos Pyreneus orientaes não cessava de bem merecer da patria agradecida.

Não menos reconhecido se mostrou o governo hespanhol aos briosos militares, que haviam supportado com singular constancia e abnegação os horrores de um sitio heroico. O marechal de campo D. Domingos Izquierdo recebeu por galardão honroso dos seus feitos as insignias de tenente general. Premios proporcionaes aos seus graus na hierarchia foram concedidos a outros militares dos que mais se distinguiram durante o cerco.

[1] Officio do tenente general do mar D. Frederico Gravina ao ministro da marinha D. Antonio Valdés, 4 de fevereiro de 1795, publicado na *Gaceta de Madrid*, e extractado na *Gazeta de Lisboa*, 2.º supplemento ao n.º 9 de 1795.

Algumas operações secundarias succederam por aquelle tempo, que sem alterar consideravelmente a situação dos dois exercitos, serviram apenas para que nos seus acantonamentos se não enervassem totalmente. D'estes combates foi o principal o que os francezes intentaram para se apoderarem de todos os pontos occupados pelas tropas hespanholas nas montanhas, abrir o passo á completa occupação da Catalunha septentrional e assegurar d'esta maneira a marcha do seu exercito para o interior do Principado. Com este objecto delineou o general Pérignon acommetter as posições hespanholas nas cercanias da Seo de Urgel, nas margens do rio Segre, para atacar de flanco os postos, que cobriam a villa de Campredon. A 18 de fevereiro de 1795, ao anoitecer, punham-se em marcha as forças republicanas, repartidas em cinco columnas e iam ter a alvorada a breve distancia dos postos inimigos, estabelecidos nas pequenas povoações de Estania, de Bezach, de Bar e de Aristot. A cada uma d'estas posições se destinou uma columna, servindo a restante de reserva. A que tinha por encargo avançar contra Estania, onde commandava o tenente coronel hespanhol D. Jorge Galbán, apenas chegou a distancia conveniente para reconhecer aquelle ponto, mudou a direcção da sua marcha e obliquou a unir-se á columna destinada contra Bezach. Tinha este posto por seu chefe o tenente coronel D. Vicente Martorell. Os francezes na força de oitocentos homens avançaram com a sua costumada impetuosidade e com a sua arma predilecta, a bayoneta, contra os fracos intrincheiramentos hespanhoes, havendo, segundo era seu costume, por certissima a victoria. Os hespanhoes, a principio um pouco desaccordados pela arremettida audaz e violenta dos seus antagonistas, bem depressa recobraram o animo e o vigor, e pela sua viva e brilhante resistencia mostraram aos francezes que não era facil a sua empreza. Prolongou-se o conflicto durante duas horas, porfiando ambos os combatentes na tenacidade e no valor, sem que nenhum d'elles conseguisse alterar o equilibrio. Mas o tenente coronel D. Jorge Galbán, que commandava em Estania, já seguro de que o inimigo desistira de o atacar, acudiu com parte da sua tropa em

soccorro de Bezach. D'esta maneira fortalecido D. Vic
torell, tomou por sua vez a offensiva, e arrojando-
mente contra os francezes, alcançou romper e deso
suas fileiras, os forçou a retirar com bastante perda
seguiu até á margem do Segre, e ao barranco de Mo

Com diversa fortuna correram as investidas cont
ção de Bar e a de Aristot. A primeira foi acomme
uma columna republicana de cerca de seiscentos ho
hespanhoes ali acantonados foram surpreendidos pe
cezes e ainda que lhes oppozeram alguma resisten
ram de ceder o campo ao inimigo e estabelecer-se
ras á rectaguarda da povoação, sob o commando do
de Valera, capitão do regimento provincial de Cuenca
cezes permaneceram em Bar até ser noite cerrada.
então que fora mal succedido o ataque de Beza
por este lado o seu flanco sem apoio, e receiando c
ser por esta banda salteados, resolveram desampa
voação, que as repetidas incursões tinham quasi inte
devastado. Fizeram pois a sua retirada para Belve
ainda perseguidos pelo tenente D. Jacintho Poler, c
mas dezenas de homens da 7.ª companhia fixa de Ce

A columna franceza de quatrocentos homens, que
gia contra o posto de Aristot, marchou em direcçã
de Bar a fim de passar o Segre. Encontrou, porém, d
do-a, algumas tropas hespanholas, que lhe oppozer
rosa oppugnação. O capitão de granadeiros do regi
Saboya, D. Matheus Gonzalez, que exercia o comm
Aristot, destacára para aquelle ponto uma parte da s
a cuja frente atalhou durante cinco horas o passo ao
De um e outro lado se pelejava com egual valor e e
mento, e com perdas consideraveis, quando os fr
vendo que o ataque frontal só por si, apesar do impe
gente, não surtia o effeito desejado, lançaram alguns
a nado atravez do rio, para tomarem de revez a posi
quanto o resto dos combatentes proseguia sem resfo
atacal-a pela frente. Respondeu, como succede n
vezes, a fortuna á temeridade. Apoderam-se de Arist

migos. Os hespanhoes, collocados entre dois fogos e vendo imminente o perigo de ser cortados, desamparam a ponte de Bar, e retiram, sob o commando de Gonzalez, até o logar de Arseguel, onde occupam uma nova posição. As tropas republicanas não houveram por seguro o manter-se em Aristot e valendo-se do escuro da noite, effeituaram egualmente a retirada, que lhe foi picando por algum tempo o capitão D. José Villela, da primeira companhia fixa de Cervera. Esta operação em que se tinha despendido tanto valor, e algum sangue, foi esteril totalmente para o progresso e desenlace da campanha [1].

O general Pérignon, havendo occupado a praça de Rosas, tinha agora desaffrontado o flanco esquerdo e podia livremente manobrar no Ampurdán. Reforçava alem d'isso o seu exercito com parte da divisão, que no cerco se empregára. Ficava-lhe mais facil o intentar um movimento, com que dilatasse a conquista da Catalunha.

No 1.º de março, ao alvorecer, uma divisão franceza de cinco para seis mil infantes, trezentos cavallos e tres peças de artilheria, tendo por commandante o general de brigada Charlet, passou o Fluvia junto á posição de Besalu na esquerda dos hespanhoes.

Ao mesmo tempo outra columna de quatro mil homens de infanteria e cento e cincoenta cavallos atravessava o rio em Bascara, centro do exercito francez, e collocava para defender o váu tres peças e um obuz. Esta divisão, não encontrando inimigo na margem direita do Fluvia, aventurou-se demasiado na planicie, junto ao rio, sem ter procedido ao seu reconhecimento e foi estabelecer-se nas alturas do Col d'Oriol. O commandante francez não tinha porém contado com que diversos destacamentos hespanhoes, enviados a descobrir o campo, existiam nas proximidades. Deixaram os francezes approximarem-se estas pequenas forças hespanholas, contra

[1] *Gazeta de Lisboa*, 2.º supplemento ao n.º 11 e 2.º supplemento ao n.º 12 de 1795, extractos das communições officiaes do general Urrutia, impressas na *Gaceta de Madrid*.—*Victoires, conquêtes*, etc., II, pag. 275 e 276

quaes irromperam, forçando-as a retirar até um logar cha-
ıdo a Cruz de Fallinas, onde, protegidas por um barranco,
deram soffrear o impeto dos seus adversarios, até serem
:orridas. Saiu então ao encontro do inimigo o regimento
Voluntarios de la Corona com o seu coronel D. João Ordo-
z, e o tenente coronel D. Benito San Juan com uma partida
cavalleiros de linha e dragões, e empenhando-se n'um com-
te de vanguarda com os francezes, lhes atalharam o caminho
os obrigaram a retrahir-se a Col d'Oriol, onde aguarda-
m propicia occasião para segundar o seu ataque. Reconhe-
ndo pouco depois que as tropas hespanholas eram incom-
ravelmente menos copiosas do que as suas, avançaram até
:ruz de Fallinas. Adoptou o coronel Ordoñez as disposições
ie a urgencia reclamava, postando para a defeza do bar-
nco uma companhia de tropas ligeiras, apoiada por alguns
lotões de cavallaria. D'esta maneira conseguiu conter de
vo o arremesso do inimigo. A esse tempo acorria ao logar
conflicto o coronel D. Manuel Aguirre com um esquadrão
regimento, de que era commandante. Aproveitando a in-
cisão do inimigo, enganado nas suas conjecturas sobre a
rça dos hespanhoes, o coronel Aguirre cáe impetuosamente
m os seus dragões sobre o flanco esquerdo dos francezes,
nsegue lançar a confusão nas suas fileiras, e obrigal-os a
troceder de novo a Col d'Oriol. Já a esta sasão se adian-
va com sete batalhões, em força superior a tres mil homens
dois esquadrões de *Reales carabineros*, o marechal de
mpo D. Gregorio de la Cuesta, que marchára aos primei-
s rebates de que o inimigo se aprestava a passar o Fluvia.
columna de Cuesta, apesar de accelerar a sua marcha, não
ıha chegado ainda ao campo de batalha, quando os france-
s iam já precipitadamente retirando. Mas Cuesta, que mar-
ava na vanguarda, ainda teve occasião de ordenar ao coro-
l Ordoñez, que para dar tempo a que chegasse o grosso da
a divisão, perseguisse rijamente o inimigo. Foi, porém, tão
loz e tumultuosa a retirada, que o marechal não pôde apro-
itar com melhor fructo a força do seu commando, porque já
francezes tinham vadeado o Fluvia, quando os nove bata-

lhões hespanhoes appareciam finalmente no terreno da refrega. A perda dos francezes foi consideravel, não sómente pelo fogo dos seus contrarios, senão tambem pelos muitos homens, que se afogaram, pretendendo passar tumultuosamente a nado o rio [1].

A divisão franceza, que sob o mando de Charlet se dirigíra a Besalu, sobre o Fluvia, devia operar concertando os seus movimentos com a columna, que em Bascara passára aquelle rio. Não tendo porém procurado estabelecer com ella as necessarias communicações, defeito mui frequente aos dois exercitos nas campanhas do Roussillon e da Catalunha, suppoz, com perigosa indiscrição e gravissimo erro militar, que tudo haveria succedido á maravilha para os lados de Bascara e avançou resolutamente contra a povoação de Bañoles, quasi a meia distancia entre Gerona e Besalu. O official superior, que tinha o commando n'este ponto, achando-se com forças mui desproporcionadas ás do inimigo, retirou sobre proximas alturas, onde em posições defensivas mais seguras poderia sustentar-se até receber algum soccorro. Em Bañoles commandava o duque del Infantado, cujas tropas eram tambem insufficientes para uma energica defeza. Enviou-lhe o general D. José de Urrutia a marchas acceleradas o seu quartel mestre general, o marechal de campo D. Gonçalo O'Farril, que seguiu sem detenção ao seu destino á testa de cento e cincoenta cavallos. A pouca distancia devia succeder-se o resto da vanguarda. Postando a sua cavallaria na posição conveniente, adiantou-se O'Farril com o duque del Infantado e os oitocentos homens de que se compunha toda a sua columna, a fazer o reconhecimento do inimigo. E apenas marchára meia legua, depararam-se-lhe os francezes junto á aldeia de Serinya, em posição efficazmente defendida por uma grande quebrada e coberta por um bosque muito espesso. Avaliou em

[1] Communicações officiaes do general Urrutia ao governo de Madrid, na *Gaceta de Madrid,* transcriptas na *Gazeta de Lisboa,* 2.º supplemento ao n.º 22, 2.º supplemento ao n.º 23, e 2.º supplemento ao n.º 28, de 1795. —*Victoires, conquêtes,* etc., II, pag. 277-278.—Officio do general Forbes a Luiz Pinto, 5 de março de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

quatro mil homens pelo menos as tropas republi
quanto elle apenas tinha comsigo uma vanguarda
numerosa. Não julgando O'Farril bom conselho
seus contrarios n'aquella posição, ao parecer ine
recorreu a um stratagema, que muitas vezes t
optimo effeito. Na condição reciproca de força e
ambos os contendores, era manifesto que D. Gonç
só podia pensar em entreter o inimigo, attraindo-o
a um terreno, que lhe fosse menos vantajoso, at
pontassem no campo de batalha as tropas hespanh
marcha. Foi retirando pois com certa lentidão. Or
rém, que o major Blake, à testa de uma pequena
tenente coronel D. Roque Abarca, à frente de alg
panhias de gastadores, combatendo em ordem di
pondessem aos atiradores francezes. Durante est
momento do combate veiu reunir-se ás tropas
o 2.º batalhão de Barcelona. Assegurando com est
flanco esquerdo, continuou a retirar para attrair o
o ponto, em que deixára o grosso da sua cavall
tempo a que apparecessem as demais tropas da
Chegado O'Farril ao terreno designado, e havendo
corporado o regimento *de Granada*, formou as s
em batalha, e ali, sem empenhal-as todas no com
tou-se a contrapôr alguns piquetes aos atiradores
E n'esta expectante situação permaneceu até que
uniu, sendo já de noite, o marechal de campo D
Arias de Saavedra com a testa da sua columna, a
depois veiu juntar-se a restante força. Antes d'isso
tenente coronel Bucarelli com os esquadrões do seu
carregar os francezes, mas O'Farril não consentiu
esse tempo o inimigo dava indicios de lançar a sua
contra o flanco direito dos hespanhoes.

O'Farril, que até esse momento havia ido ceden
ao inimigo, procurando afastal-o quanto possivel d
tajosa primitiva posição, resolveu agora de com
Saavedra tomar resolutamente a offensiva, ataca
infanteria pela frente emquanto a cavallaria comm

pessoa por Saavedra se arremessava contra o flanco esquerdo do inimigo. Não poderam os francezes, até ali enganados com a supposta fuga dos seus antagonistas, suster o impeto aos dois ataques. Foi tão rapida a manobra e bem executada, que os francezes viram desordenadas, rotas as suas fileiras, e o general Charlet, reconhecendo inexequivel o medir-se mais tempo com as tropas hespanholas, ordenou a retirada pela floresta de Serinya em direcção a Besalu.

Ao amanhecer as tropas republicanas deixaram Besalu e passaram o Fluvia novamente, não tendo alcançado mais fructo da sua empreza do que as perdas importantes padecidas no combate. Foi tal a precipitação na retirada que deixaram em Besalu numerosas munições, e uma grossa provisão de cereaes, que os seus adversarios ali tinham depositada para seu abastecimento. Não compraram os hespanhoes a preço minimo a sua victoria, porque perderam vinte homens e tiveram cerca de oitenta feridos, entre os quaes se contaram seis officiaes.

Emquanto passavam os combates de Besalu e de Bañoles, todas as tropas alliadas estiveram em armas promptas a acudir, se fosse necessario. Os regimentos portuguezes guarneceram durante dois dias a villa de Sarriá, sob o commando do marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha, em quem podia mais o brio para o estimular, que a doença para o deter no seu quartel [1].

Depois dos combates do 1.º de março apenas se registaram alguns recontros de minima importancia e algumas incursões de forças irregulares. Alem de outras pequenas operações, memoremos de passagem a que foi executada por algumas companhias de voluntarios do regimento de Cervera, e uma de Urgel.

Marchando de Quer, posto situado na fronteira, intentaram surpreender um destacamento de francezes no logar de Nas, a pouca distancia de Belver. Levaram a bom termo a sua empreza, causaram bastantes baixas ao inimigo e aprisionaram

[1] *Memoria dos successos da guerra dos Pyreneus orientaes*, por F. D. F. L. V., official de artilheria, pag. 76-77.

um tenente e nove soldados, sem que da su
sem que lamentar nenhuma desastre.

Repetiu-se passado pouco tempo a entrepr
nhoes contra o posto de Nas, onde os franceze
tabelecido novamente, mas com forças mais (
noite de 26 de março uma columna compost
zentos e vinte homens das companhias de vol
vera, de Urgel e de Lérida, se poz em marcl
até Nas, a cujas immediações chegava á meia
repartida em tres fracções, que avançaram a s
tres diversos pontos a posição do inimigo. U
rém, com menos silencio e precaução do que
cebida pela sentinella, que desfechando a espi
bate a todo o piquete. Acudiram pressurosos os
receberam com uma descarga os atacantes.
frustrada a surpreza, não desfalleceram no se
luntarios, antes denodadamente acommetter
executaram nos outros pontos as partidas, qu
tinadas. Alcançaram os hespanhoes n'esta refr
tante perda ao inimigo, colher á mão um sarg
soldados, e trazer como despojo uma boa qu
mento, e quasi todas as mochilas dos france
vessem outro damno alem de um soldado, qu
outro que foi ferido.

Estas correrias de hespanhoes contra as al
por francezes repetiam-se com frequencia, pri
lado oriental do theatro da guerra, onde com
neral Augereau tinha a sua ala esquerda o ex
néus orientaes. Eram pequenas operações sen
sequencia decisiva, em que bandos irregula
nes e miqueletes commandados por audacioso
quasi sempre ecclesiasticos, punham em con
os postos guarnecidos pelas tropas republican
Augereau a extrema severidade e rigorosa vi

Era a guerra no seu aspecto mais selvatico
que o valor, a confundir-se com a audacia e a
na loucura, não deixam logar a nenhuma d'e

combinações, que nos exercitos regulares e nas operações scientificamente dirigidas, imprimem na guerra a grandeza epica e uma como feição artistica de elevada producção intellectual.

Um dos mais intrepidos e incansaveis cabecilhas era o conego Cuffi, que mandava o terço de miqueletes de Olot e Campredon. Ao primeiro alvorecer de 30 de março fazia o famigerado sacerdote postar algumas partidas nas cercanias do Col de Vernadell, não remoto e a cavalleiro do acampamento francez na aldeia de Coral. Era seu intento acommetter e desbaratar improvisamente os piquetes inimigos ao saírem á descoberta. Encontrando-se, porém, uns e outros adversarios, sem que a surpreza podesse realisar-se, empenhou-se uma forte fuzilaria, em que os hespanhoes, pela sua numerica inferioridade não levaram a melhor. No momento opportuno saíu porém de Rocabruna o conego Cuffi com a pequena reserva, que ali ficára. Engrossada por este modo a força dos hespanhoes, caíram sobre os francezes com tal arrojo e valentia, que os obrigaram a desamparar o acampamento do Coral aos miqueletes e *somatenes*, deixando-lhes nas mãos como despojos algumas armas e artigos de equipamento. Passaram desde ali os vencedores ao logar de Mas da Costa, onde fizeram de gado boa presa. Ao dia seguinte voltaram os francezes avigorados com mais tropa, no intento de tolher a retirada a Cuffi e á sua gente. Já este guerrilheiro havia de Campredon recebido alguns reforços commandados por D. José Aulis e D. Agostinho Germá, com o que e com o auxilio dos miqueletes acaudilhados por outro clerigo, D. José Oliver, cura de Castelfollit, foi possivel defender com vigor e tenacidade a ponte de Mont-Falgas, por onde os hespanhoes se poderam escapar a salvamento até se recolherem a Rocabruna [1].

O general Pérignon, apesar de que na campanha de 1795 se mostrava menos activo e empreendedor que no anno antecedente, não descontinuava em ordenar pequenas operações

[1] *Victoires, conquêtes*, etc., II, pag. 279-280.—Communicações officiaes do general Urrutia, estampadas na *Gaceta de Madrid* e publicadas na *Gazeta de Lisboa*, 2.º supplemento ao n.º 27, de 2 de maio de 1795.

para inquietar os hespanhoes. A 21 de março, do acampamento francez estabelecido em Cistella, fazia marchar uma columna de quatro mil homens contra a aldeia de Llorona, onde os hespanhoes tinham um dos seus postos avançados, proximo do Fluvia, guarnecido por duzentos *somatenes* e miqueletes sob o commando do cura Salgueda. Não foi difficil ás tropas regulares francezas o desbaratar a armada multidão, cujas qualidades militares se reduziam ao valor e á temeridade sem a minima noção de ordenança e disciplina. Avançando impetuosos ao som da *Marselheza,* sem disparar um unico tiro, os granadeiros republicanos dispersaram em pouco tempo os catalães e senhorearam o posto de Llorona. Acudindo mais tarde tropas de linha hespanholas, os francezes prudentemente evacuaram a povoação e passaram novamente o rio Fluvia para se acolherem a Cistella, até cuja proximidade lhes foram picando a retirada alguns destacamentos hespanhoes [1].

Os francezes e os hespanhoes aproveitaram quasi todo o mez de março em multiplicar e aperfeiçoar os meios defensivos nas suas posições. O general Urrutia, menos impaciente do que o seu malaventurado antecessor, preferia uma prudente, segura defensiva a uma offensiva aleatoria, temeraria. Consagrou-se principalmente a concluir os trabalhos de um campo entrincheirado em Oriol, tendo na frente por grande fosso o rio Fluvia, e apoiando-se pela esquerda n'uma serra pouco accessivel, e pela direita n'uma curvatura d'aquelle rio.

Depois dos pequenos combates de Llorona, os dias restantes do mez de março e quasi todo o mez de abril não foram assignalados por novas tentativas de um ou outro contendor. O general Pérignon, ainda que menos audaz que nos principios da campanha e menos acariciado pela fortuna, não perdia inteiramente as occasiões de subtrair as suas tropas á inacção e ao desanimo. Os hespanhoes continuavam a defender

[1] Communicação official do general Urrutia, datada de 23 de maio, publicada na *Gaceta de Madrid,* e transcripta por extracto na *Gazeta de Lisboa,* 2.º supplemento ao n.º 14 de 1795.—*Victoires, conquêtes,* etc., II, pag 278-279.

a importante posição de Oriol, avançada na sua linha. Temeroso o general republicano de que elles deixassem brevemente a defensiva e irrompessem contra os seus adversarios, julgou prudente adiantar-se-lhes na offensiva. Como necessario movimento preparatorio, cumpria-lhe avançar para o Fluvia, e tomar uma posição, que lhe facilitasse observar mais de perto a linha inimiga e atacal-a resolutamente apenas se lhe deparasse bom ensejo.

O general Charlet effeituou a 24 de abril a passagem do Fluvia, proximo de Orfans, entre Bascara e Besalu, com uma columna em numero inferior a mil homens, e apoiado pelas tropas formadas em batalha na margem esquerda, conseguiu estabelecer-se na direita. E quando se apercebia para continuar a sua marcha, encontrou pela frente as tropas commandadas por D. Ildefonso Arias, que partira de Oriol para disputar-lhe o passo. Tornou-se inevitavel o conflicto. De uma e outra parte se combateu valorosamente. Mas os francezes, tendo contra si a desvantagem do numero, e perseguidos rijamente pelos hespanhoes, houveram de passar de novo o rio, não sem que fossem gravemente inquietados e sem padecerem perdas consideraveis.

O general Pérignon começava a ter a fortuna esquiva e desamoravel. Não o desalentavam, porém, os pequenos revezes, com que ella se compensava do muito que o tivera por mimoso.

A 26 de abril uma nova columna franceza com duas peças de artilheria tentou passar o Fluvia junto a Bascara, postando uma reserva na margem esquerda. As tropas hespanholas, que deviam estar vigilantes n'este logar, se deixaram surpreender, e foram forçadas a retirar confusamente, sem que o seu descuido lhes permittisse occasião de se defender. O general hespanhol suppoz que o passarem os francezes em frente de Bascara era apenas uma demonstração para mascarar a passagem verdadeira em outro ponto. Ordenára que um batalhão de voluntarios de *la Corona* ás ordens do segundo commandante D. Joaquim Blake vadeasse o rio á esquerda de Bascara com o intento de atacar pela retaguarda o inimigo. Passou

esta força o rio a vau, e depois marchou appro:
estrada de Figueras, e encobrindo-se o mais possi
sura das florestas para se furtar ás vistas do i
tres horas de marcha, chegando á aldeia de Pon
ceu que os francezes, depois de haverem occup
se haviam estabelecido nas alturas junto á pov
vendo por frustrado o seu intento, pôde realisar a
que o inimigo o presentisse. O outro batalhão c
de *la Corona*, commandado pelo seu coronel I
ñez, collaborou na operação difficultando pelo se
migo a passagem do Fluvia para a margem esq
sando-lhe perdas consideraveis.

Não desanimou o general Pérignon com o exit
ultimo combate, e resolveu-se a atacar vigorosan
panhoes a 27 de abril, empenhando quasi todas
pas. Os francezes passaram o Fluvia em força d
homens junto a Bascara, que era a posição sem
entre os dois antagonistas. O general Urrutia,
porventura os propositos do inimigo, quizera ant
occupando primeiro Bascara. Para este fim det
uma divisão de quatro mil homens passasse o rio
A maior fracção d'esta columna realisou a passa
de Bascara e com trezentos cavallos dirigiu-se
de Calabuig. O resto da divisão atravessava egua
via, á esquerda de Bascara, defronte da aldeia
duas fracções deviam reunir-se a pequena dist
ret e Calabuig. A esse tempo a vanguarda dos
numero de quatro mil homens passava o Fluvia
Bascara, e uma parte d'esta força adiantava-se
voação de Calabuig. Commandava n'este logar o
fael Menacho, tendo apenas ás suas ordens um
tacamento. Em presença de inimigo tão super
retirar para uma floresta proxima, aonde veiu re
official D. José Miranda á testa de um reforço dim
pas hespanholas, que tinham passado á marge
sendo atacadas pelas forças francezas, que ali s
tabelecido para apoiar o movimento das resta

de ceder ao inimigo e perseguidas por elle com grandissimo vigor, com difficuldade poderam voltar á margem direita. Esta operação custou aos hespanhoes muitos homens, uns perdidos no combate, outros afogados na precipitação da retirada.

Não affrouxou o general Urrutia no seu empenho de assenhorear-se de Bascara. Na manhã de 28 de abril, ás oito horas, uma divisão hespanhola veiu emprehender um novo ataque. Defenderam-se os francezes com extremada valentia. Mas os hespanhoes eram superiores em força numerica e era numerosa e excellente a sua cavallaria. Empenhou-se o combate mui renhido. No momento opportuno o segundo commandante D. Benito San Juan carregou impetuosamente com os seus hussares a frente inimiga, emquanto o coronel D. Manuel Aguirre, com os restantes cavallos do mesmo corpo arremettia ousadamente contra o flanco esquerdo. Envolvidos pela valente cavallaria hespanhola, os francezes depois de cinco horas de combate, em que tinham experimentado grandes perdas, se viram constrangidos a evacuar a posição de Bascara, e passar de novo o rio, sem que a retirada se fizesse com muita regularidade.

Os hespanhoes então apoderaram-se de Bascara e algumas partidas dos seus hussares, passando o Fluvia, cursaram em rapidos reconhecimentos a margem esquerda sem encontrar vestigio de francezes.

Para certificar-se das posições occupadas pelo inimigo, fizeram os hespanhoes a 2 de maio um reconhecimento offensivo com uma columna de dois mil homens de infanteria, o regimento de hussares, commandado por Aguirre, e quatro peças de artilheria. Commandavam em pessoa esta força o quartel mestre general D. Gonçalo O'Farril, e o marechal de campo D. Gregorio de la Cuesta. Estendeu-se o reconhecimento até ás povoações de S. Pedro Pescador junto do mar, e a Torruella de Fluvia, Villa de San Juan e Armadas, que demoram entre o Mediterraneo e a estrada de Figueras.

O exercito francez depois do sitio e tomada de Rosas, vira declinar a sua fortuna, que sorria mais benigna ás armas hes-

panholas. A divisão franceza, commandada po
depois dos combates de novembro, ficára occu|
em volta de Figueras, e a duras penas tinha tem|
do que defender-se contra as incursões dos *Son*
enxameavam pelo Ampurdán, e com uma guerra
quietavam gravemente as tropas da Republica. A
ctamente ao mando de Pérignon, se depois do (
ravel se não haviam conservado inteiramente in
tinham tão pouco avançado na conquista da Cat
acrescentado novos louros aos que ceifaram no
general Urrutia assignalára uma nova data e a
felizes á organisação, á disciplina e á valia mora
hespanhol. O governo de Madrid percebêra com
dente intuição do que nos começos da campan
imminente que lhe comminavam as repetidas
francezes, olhára com mais attenta consideração
do Principado e achegára mais tropas ao theatr
Levantara o general Urrutia alguns milhares de
tenes. Tornara-se, pois, a lucta menos facil pa
republicanas.

No intervallo, que decorrêra desde que os alli
sido forçados a buscar em Gerona o seu asylo,
profunda revolução se operára no governo da Re
ceza e na suprema direcção dos seus negocios p
litares. Desde 27 de julho de 1794 (9 Thermidor
da Republica) a Convenção nacional até então d
beranamente pelo famigerado e energico Max
bespierre e pelos seus collegas e parciaes no t
mité de salut public, alcançára sacudir a tutela d
dictador, decretára a sua accusação, mandara-o
perante o lugubre tribunal revolucionario, prol
da guilhotina, e fizera que rolasse no cadafalso a
d'aquelle homem extraordinario, sobre o qual é ai
ou contradictorio o juizo final da posteridade. A
desassombrada do torvo republicano, que fôra du
mezes a sombria personificação do *Terror*, en
phase nova, mais humana, porém menos resolu

aria n'uma quadra, em que tinha diante de si uma intra-
'el coallisão. Perante a Europa quasi toda armada contra
venil Republica, seria não só perigoso, mas funesto, in-
omper a França o curso das suas victorias sobre os seus
ierosos e inflexiveis inimigos, antes que houvessem reco-
cido que nenhum poder humano tinha força para obrigar a
olução a retroceder e a restituir a Europa ás condições poli-
s e sociaes anteriores a 1789.

, verdade que purificada dos elementos, que mais inflam-
ram contra a Republica o odio insanavel dos antigos po-
ados, podia a Convenção iniciar mais facilmente do que
ites uma era de paz, embora ephemera, e de conciliação,
la que apparente, porque nada poderia contentar de todo
nto os soberanos mais poderosos, que tinham amaldiçoado
evolução e a Republica, se não que em toda a França,
taurada á familia dos Bourbons, reputados seus legitimos
suidores, se desfraldasse triumphante e immune de de-
:raticas profanações a auriflamma tradicional.

) que é certo é que a partir do 9 Thermidor, a Convenção
icipiou a inclinar-se mais benevola para com os seus anta-
istas no interior e no exterior, e mais desejosa de que as
ificas relações substituissem na Europa o clangor e o tu-
lto das batalhas. O novo *Comité de salut public* mostrou-se
ão menos féro e cruento que o seu terrivel antecessor,
; tambem em compensação deixou do manifestar-se no seu
mio aquelle vigor e energia quasi sobrehumana, que de
a nação dilacerada pelas facções, e de um solo requeimado
) sopro ardente da maior e mais assombrosa revolução,
bera fazer brotar quatorze exercitos para sacudir com elles,
:antico bellicoso da *Marselheza*, a face da Europa, assom-
da de terror [1].

«Un vieil axiome politique, qui n'a encore rien perdu de sa force, de-
apprendre à ces chefs inhabiles que c'est alors que l'on désire la paix
convient de se préparer à la guerre. Cependant nous verrons le *Co-
de salut public*, renouvelé après le 9 thermidor, négliger ce grand
cipe et laisser dans l'abandon et le dénuement le plus absolu ces
ies soldats, qui venaient de conquérir la paix dont il se glorifiait.»
'ictoires et conquêtes, etc., *des français depuis* 1792, II, pag. 218.

O enthusiasmo, que tinha inflammado os
cezes ao marcharem a principio contra as f
da primeira coallisão, já na segunda metade
zia tão submissas e domesticas a fortuna e a
sejo da paz fizera um pouco esmorecer o f
que só no anno de 1796 e no derradeiro
culo XVIII, sob a direcção do general Bonapa
invencivel novamente. Se o antigo *Comité de*
prompto em demittir de seus commandos e e
res e á guilhotina os proprios generaes, que
laureis enramavam a fronte da Republica, o
pois do 9 Thermidor, não se mostrava men
suspeições e malevolencias contra os seus ma
dilhos militares, nem mais avesso ás sugge
josos e delatores.

Em principios de maio de 1795, quando o g
se apercebia para levar mais adiante as su
Catalunha, foi privado inopinadamente do co
a volver a Paris, onde lhe haviam destinado
missão. Succedeu-lhe como general em chefe
Pyreneus orientaes o general Schérer, que p
tes commandára sob as ordens de Jourdan
exercito do Rheno, e contribuira honrosamen
ria de Alderhoven contra os austriacos a 2
1794.

Despediu-se Pérignon do exercito, a cuja fr
trado as armas da Republica, sem que a p
chefe podesse confortar no animo dos soldad
sentiam pela ausencia do seu antigo general.
rer não egualava em pericia, nem em virtude
antecessor. E porque se podéra ter repreendi
pouca actividade e energia nas ultimas ope
exito feliz emprehendêra, determinou-se o
proseguir a campanha de feição, que podess
processo e terminar por alguma victoria deci
já importuna e tediosa pela sua prolixa dura

Folgou o general Urrutia de se ver desapre

mivel adversario, tirando da sua ausencia bons auspicios para o successo das armas hespanholas. E porque a mudança no commando durante uma campanha quasi sempre traz comsigo uma tal ou qual perturbação nas condições de um exercito e, ainda que passageira, uma quebra e diminuição na sua força moral, houve o general hespanhol por mui conveniente e opportuno atacar os francezes, antes que Schérer tomasse conhecimento do theatro da guerra, para elle novo, e da situação militar das suas e das tropas alliadas. Resolveu, pois, dirigir em grande força um reconhecimento offensivo ás posições do inimigo. Para este fim confiou Urrutia ao marechal de campo D. João Miguel de Vives o commando na esquerda, com o encargo de operar por esta parte contra os francezes, sem comtudo se empenhar demasiadamente. Segundo as instrucções do general em chefe, o marechal Vives deveria antes manobrar do que combater. A sua missão particular consistiria em escarmentar os miqueletes francezes, no seu acampamento de Cistella, a dez kilometros ao occidente de Figueras. As tropas, que marchavam a esta expedição, repartiam-se em tres columnas, das quaes a primeira sairia de Bañoles e tendo por chefe immediato o marechal Vives, era destinada ao ataque de Cistella pela esquerda da posição. Outra columna, partindo de Besalu, ao mando do coronel D. Luiz de Aragón, avançaria contra o centro. A terceira columna tinha por encargo atacar a direita, e marchava desde Llorona ás ordens do coronel D. Francisco Blanco. Á direita da força principal estabelecia-se em distancia conveniente como reserva uma quarta columna, de que fazia parte o 2.º regimento do Porto.

O commando d'esta ultima columna confiára o general em chefe ao marechal de campo marquez de La Romana. Na direita das tropas commettidas á immediata direcção d'este official, estanceavam os outros quatro regimentos da divisão portugueza, tendo á sua frente o general Forbes. Desde 4 de maio que a divisão portugueza acampára junto á povoação de Olivas, e ali estabelecera Forbes o seu quartel general. As tropas de Portugal, segundo o testemunho de um official, que presente na campanha não duvidava em notar-lhes, quando

o mereciam, os erros e os defeitos, haviam-se mostrado ali exemplares na disciplina e no atavio [1].

Os quatro regimentos portuguezes occuparam as alturas junto de Bascara, ficando repartidos por duas brigadas, a primeira das quaes ás ordens immediatas do general Forbes, e a segunda commandada pelo marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha. E porque faziam parte da reserva e o general em chefe dispensou o seu concurso no combate, não tiveram os soldados portuguezes occasião de se distinguir [2].

Effeituou-se a marcha simultanea das tres columnas no dia 5 de maio pela madrugada, e com tão bom concerto e felicidade, que as tropas atacantes conseguiram levar a bom termo o seu proposito. Os francezes acampados em Cistella excediam a dois mil com alguma artilheria. O impeto, o vigor e a presteza, com que os hespanhoes acommetteram os seus adversarios não lhes deixou largas para uma prolongada resistencia. Apesar de vivo e bem sustentado na primeira phase do combate o fogo dos miqueleles republicanos, necessitou os o indomito valor das forças hespanholas a desamparar o campo da batalha e a retirar ou antes a fugir para a povoação de Aviñonette. Incendiaram os atacantes o acampamento, sendo esta operação executada pelo tenente de artilheria D. Hilario Goni. Os miqueletes hespanhoes [3], de que principalmente se compunha a columna commandada por D. Francisco Blanco, perseguiram na fugida os seus contrarios, até que se pozeram em côbro na sua nova posição. Não foram, porém, aquellas tropas irregulares tão bem afortunadas no alcance do inimigo, que não tivessem de operar por sua vez uma retirada pouco segura. Porque sabendo o general Sché-

[1] «No dia 4 de maio marchou outra vez a nossa tropa para o campo de Olivas, onde se conservou com muito asseio e disciplina, que fazia admiração a todos os hespanhoes.

Memoria dos successos da guerra nos Pyrenêus orientaes, etc., por F. D. F. L. V., official de artilheria do exercito portuguez, pag. 79.

[2] *Memoria dos successos da guerra dos Pyreneus orientaes*, etc., por F. D. F. L. V., pag. 80.

[3] Officio do general Forbes a Luiz Pinto, 3 de maio de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

er o que passava na sua esquerda, apressou-se em destacar os acampamentos de Llers e Sierra Blanca um bastante reorço de tropas de linha em numero de mais de tres mil hoiens, commandados pelo general Lomet. Com o qual soccorro obraram novo animo os fugitivos de Cistella, se pozeram noamente em ordem tactica, e volvendo contra os hespanhoes, ue inflammados pela segurança da victoria, se tinham desrdenado e andavam dispersos pelo campo na perseguição os inimigos, lhes retribuiram com juros bem crescidos o deastre de Cistella e forçaram os miqueletes catalães a retirar m confusão. Promptamente lhes enviou o marechal Vives ara os proteger o tenente coronel D. Francisco de la Roque eguido de um batalhão do regimento *de Valencia* e de uma ompanhia de granadeiros.

Estabelecida em Cistella, defendeu-se esta força com estreoada valentia contra os francezes, numericamente muito sueriores, e attestou na avultadissima copia das suas baixas, uanto foi tenaz e animosa a resistencia [1]. Vendo o marehal de campo Vives frustrado o seu intento e malbaratadas antas vidas, determinou se effeituasse na melhor ordem possirel a retirada. As perdas, ainda que, segundo o costume, atteiuadas, elevaram-se, conforme á relação official, da parte dos iespanhoes a trinta e um mortos, dos quaes tres officiaes, a cinoenta e seis feridos, e entre elles um official, e cento e vinte quatro extraviados, que foram em grande parte prisioneios, em cujo numero entrou o tenente coronel D. Francisco Blanco.

Menos funesto para as armas hespanholas foi o ataque dirigido contra o centro das posições republicanas. D'esta operação foi encarregado o brigadeiro D. João José de San Juan á frente de uma brigada mixta de dois batalhões de infanteria, seis companhias de granadeiros, trezentos cavallos e duas peças de pequeno calibre. Ao primeiro alvorecer da madru-

[1] Segundo a versão franceza d'este recontro, quasi todas as praças do regimento *de Valencia* e da companhia de granadeiros, teriam ficado mortas no campo da batalha.

Victoires et conquêtes, etc., *des français depuis*, 1792, II, pag. 325.

gada passou a brigada a vau o rio Fluvia. Apenas chegada á margem esquerda, repartiu o commandante a sua infanteria em duas pequenas columnas, uma das quaes deixando á direita a estrada real avançeu para a ermida de Pontós não mui distante do Fluvia, e a outra, marchou pela esquerda na direcção da pequena povoa de Armadas.

Os esquadrões hespanhoes formaram-se nas immediações da estrada, e a breve distancia da cavallaria se postaram as bôcas de fogo, a que serviam de apoio duas companhias de granadeiros. Não quizeram os francezes, que defendiam as duas posições, aguardar por detrás das suas trincheiras que os hespanhoes os fossem acommetter. Á primeira nova de que se adiantavam tropas hespanholas, saíram os francezes do seu campo, e inspirados pelo desejo de se bater em plena campanha, marcharam intrepidamente em demanda do inimigo. Avistaram-se os dois antagonistas a curta distancia do acampamento. Travou-se então um conflicto, em que de uma e outra banda se pelejou com egual furor e encarniçamento, sem que por algum espaço a balança pendesse favoravel a nenhum dos contendores. Batiam-se furiosos francezes e hespanhoes, quasi em combate corpo a corpo. Emquanto contra a frente da linha franceza procedia o ataque principal, uma força de *Guardias walonas* investia com a sua habitual bravura impetuosa o flanco direito das tropas inimigas e obrigava os francezes á definitiva retirada sobre os seus entrincheiramentos, depois de haverem baldadamente procurado restabelecer o combate, Não foi consideravel n'esta acção a perda dos hespanhoes, emquanto que mais escarmentados saíram os francezes da refrega. Mantiveram-se as tropas vencedoras durante cerca de duas horas no campo de batalha até que sabendo o general Urrutia quão mal succedida fôra a entrepresa de Cistella, ordenou a retirada, sem que, segundo era de presumir, os hespanhoes perseguissem pelo centro as tropas republicanas e as fossem atacar nos seus proprios entrincheiramentos.

Pela direita da linha hespanhola effeituou o reconhecimento, que lhe fôra commettido, o quartel mestre general D. Gonçalo O' Farril. As tropas destinadas a esta operação compunham-se

de uma brigada de hussares, duas companhias de gastadores e um troço de cento e cincoenta miqueletes. Com tão exiguas tropas mal poderia o marechal de campo O' Farril aventurar-se a mais do que reconhecer as posições e a força do inimigo. Chegando, pois, já proximo dos entrincheiramentos francezes, deparou-se-lhe uma grande-guarda, a qual sendo acommettida pelos hespanhoes, se defendeu vigorosamente por algum tempo e depois de solver com alguma resistencia o que era devido á honra militar, se retrahiu sobre o acampamento, até cujas immediações lhe foram picando a rectaguarda os hussares hespanhoes. Vendo, porém, O' Farril que o inimigo dava indicios de saír a campo com forças consideraveis, e tendo satisfeito ao ponto principal da sua missão, teve por acertado retirar sem que na sua marcha os francezes o viessem perturbar.

Ainda que nos combates de 5 de maio as vantagens tacticas tivessem sido maiores para os hespanhoes que para os francezes, nenhum proveito resultára estrategicamente para o general Urrutia, nem para o seu adversario. Os dois exercitos, como succedêra já por muitas vezes no decurso d'esta campanha, haviam-se acolhido ás suas primitivas posições sem que se encaminhasse para um termo não remoto esta guerra pertinaz. Este equilibrio, em que se mantinham os dois antagonistas, afastou do animo do general Schérer o temor de arriscar-se a uma acção mais decisiva. Convinha-lhe acreditar-se perante o *Comité de salut public*, exaltar os seus soldados com o prospecto da victoria e adquirir entre elles a confiança, que por ser novo no commando, ainda não podéra conquistar. Pediam os soldados instantemente que, deixada a defeza passiva, só desculpavel em tropas desalentadas e bisonhas, os levasse o general a acommetter resolutamente o inimigo. Mais expedito se tornava para Schérer o seu proposito de buscar os hespanhoes nas suas mesmas posições, porque se acontecesse algum revez, lançal-o-ía á conta da briosa, mas temeraria impaciencia dos seus subordinados.

A 6 de maio, ao romper da manhã, a parte do exercito francez, que servia immediatamente sob o commando de Sché-

rer, estava em movimento em toda a linha do Fluvia, para avançar simultaneamente contra as posições dos hespanhoes.

O general de divisão Charlet, a quem Schérer encarregára o ataque pelo centro, marchava ao romper da alvorada á frente de cinco mil homens de infanteria, de seiscentos cavallos e uma bateria de dois obuzes e duas peças. Sem que se lhe deparasse resistencia passaram os francezes o rio Fluvia em duas columnas, uma á direita, a outra á esquerda da tão disputada posição de Bascara. Na margem septentrional deixára o general Charlet uma parte das suas tropas com alguma artilheria para apoiar e proteger a passagem d'aquelle rio.

O general Lomet com uma divisão de quatro mil infantes, seiscentos cavallos e algumas bôcas de fogo tinha por empreza atacar pela ala direita as posições do inimigo, marchando contra as aldeias catalans de Vilamacolum e San Pedro Pescador.

Narremos em primeiro logar os successos da divisão Charlet. Ao approximarem-se de Bascara e Calabuig as tropas republicanas, os postos avançados hespanhoes n'estas duas posições tinham ordem de não acceitarem o combate e de retirarem desde logo sobre o corpo principal, a fim de que o inimigo fosse convidado a avançar e internar-se no paiz, onde seria mais seguro fazel-o arrepender da sua temeridade. O posto avançado de Calabuig cumpriu litteralmente a ordem recebida. O de Bascara, porém, menos obediente ou mais fogoso, deixou-se arrebatar do seu desejo de medir-se promptamente com os francezes e empenhando uma indiscreta fuzilaria com a vanguarda inimiga, que ia desembocando na planicie, deu causa a ser torneado pelas tropas republicanas, que lhe cortaram a retirada, e fizeram não poucos prisioneiros. A esse tempo achava-se na forte posição do *Col* d'Oriol o marechal de campo D. Ildefonso Arias de Saavedra com a vanguarda hespanhola. A cavallaria, sob o commando do marechal de campo conde de Saint Hilaire, postava-se em ordem de batalha a pouca distancia na planicie, protegida pela artilheria, que estava guarnecendo as posições. Os hussares hespanhoes, levando á sua frente o seu bravo general, apenas os

francezes avançaram até distancia conveniente, contra elles arremetteram n'uma carga tão brilhante e impetuosa, que os republicanos se viram obrigados a retroceder sobre a posição de Bascara.

Na sua boa cavallaria sobreexcediam aos francezes os hespanhoes, mas os francezes compensavam esta desegualdade com a sua mais numerosa e bem servida artilheria. O general Charlet, vendo retirar as tropas da sua primeira linha, acudiu a reunil-as e ordenal-as novamente, reforçando-as com uma parte da reserva, e fazendo-as avançar segunda vez sobre as forças hespanholas, contra as quaes jogavam com grande presteza e intensidade os obuzes e os canhões. N'este momento do combate ordenou o general Urrutia que o regimento de voluntarios *de la Corona* desde o ponto, onde estava formado em columna, baixasse á planicie para suster a arremettida ás tropas de Charlet. Occupou o regimento a posição que pareceu mais favoravel, sob o commando do seu sargento mór D. Francisco Solér, o qual destacou para a frente e flancos alguns pelotões, que houvessem de combater em atiradores. Arremessou contra elles o general Charlet algumas partidas dos seus hussares, que saíram mal-feridos do recontro. Emquanto a maior parte do regimento *de la Corona* fazia frente com vantagem ao ataque dos francezes, o coronel D. João Ordoñez com cento e cincoenta praças d'aquelle corpo, dirigia-se rapidamente contra a posição de Calabuig, e por uma audacissima e rapida investida, assombrava o inimigo, que, apesar de numerar o melhor de quinhentos homens, foi forçado a evacuar a posição.

Occupado por hespanhoes o ponto de Calabuig, os francezes ficavam sem apoio no flanco esquerdo, pela viciosa disposição, que ás suas tropas dera o general Charlet. Entendeu, pois, que era prudente volver a passar o Fluvia, depois de haver perdido alguma gente n'um ataque mallogrado.

Apenas o general Urrutia conhecêra que os francezes se apercebiam para passar o Fluvia, ordenára que o marechal de campo D. Gregorio de la Cuesta á frente da sua divisão marchasse em direcção ao rio, com o intento de atacar pelo

flanco esquerdo as tropas republicanas, emquanto D. Antonio Cornel com outra columna se encaminhava a acommettel-as no flanco direito, e a vanguarda sob o mando de Arias Saavedra arrostava com o inimigo pela frente. Nem as forças de la Cuesta, nem as de Cornel, chegaram, porém, a empenhar-se no combate, pela grande precipitação, com que os francezes se pozeram em cobro além do Fluvia.

Narremos agora o que se passou na direita da linha hespanhola, á qual se dirigira com a sua divisão o general Lomet. Chegando pouco depois das seis horas da manhã ás cercanias de S. Pedro Pescador, tomou o general republicano as suas disposições para o combate, formando em batalha a sua infanteria, com a direita apoiada no rio Fluvia, e postando na esquerda a cavallaria. Apenas os hespanhoes reconheceram que o inimigo se approximava, provocando os seus adversarios ao conflicto, marchou o commandante D. Benito San Juan com o seu esquadrão para a aldeia de Armentera, que ao sul e a breve distancia de S. Pedro Pescador, demora quasi encostada ao Mediterraneo. Apoiava D. Benito San Juan a sua direita n'esta ultima povoação, voltando a rectaguarda para o mar.

Em Armentera se haviam já estabelecido tres partidas de hussares hespanhoes, apesar de batidas fortemente pela artilheria franceza assestada na margem septentrional do rio Fluvia. Ao rebate de que vinham os inimigos acudíra o coronel D. Manuel Aguirre e occupando com o esquadrão, que a seu mando tinha directamente, a posição de Valveralla, mandára ordem a D. Benito San Juan, para que á testa da sua força e levando egualmente o esquadrão que era commandado por D. Joaquim Romero, fosse passar o Fluvia na altura de Armentera. Executou-se o movimento com presteza e exactidão. Preparava-se Lomet para lançar a sua cavallaria contra os hussares hespanhoes, quando receioso de ser atacado de revez por uma partida de cavallos inimigos, que tinham vadeado o r em Torruella, julgou prudente effeituar uma mudança d frente, fazendo sobre o centro uma conversão. Por effeit d'esta manobra alcançou o general francez o estabelecer-s

n'uma nova posição mais vantajosa entre o Fluvia e a pequena povoação de Vilacolum. Era aquella posição defendida em parte por uma floresta, e cercada de culturas, cujos muros divisorios offereciam á infanteria um abrigo impenetravel contra a cavallaria ligeira hespanhola. Ao mesmo passo a planicie, que na frente se dilatava, permittia ao general Lomet o empregar a sua cavallaria contra os hussares hespanhoes. Duas vezes os esquadrões francezes se arrojaram em carga vertiginosa e brilhantissima contra a cavallaria commandada por D. Manuel Aguirre, que para lhes contrapôr tinha apenas presente um esquadrão, e comtudo conseguiu frustrar o impeto dos seus antagonistas. Quando, porém, os cavallos francezes carregavam em muralha pela segunda vez contra os hussares hespanhoes, já D. Benito San Juan, reconhecendo a critica situação do seu coronel, lhe destacára prestesmente como reforço o esquadrão de D. Joaquim Romero. Atravessou galhardamente este brioso e intrepido official ao galope o espaço, que o distanciava do coronel Aguirre, passando sob um chuveiro de tiros de fuzil e de artilheria, entre o Fluvia e a posição occupada pelos francezes. E chegando ao terreno do combate, ali encontrou já alguns esquadrões de voluntarios, que tinham acorrido velozmente em soccorro do coronel Aguirre. A terceira carga dos francezes, ainda que valente e impetuosa, veiu quebrar-se contra a cavallaria hespanhola, como uma onda, embora embravecida se desata e retrocede em espadanas ao embater furiosamente na dura penedia ás orlas do Oceano.

Quando estes successos se passavam, já vinha em marcha com grande celeridade uma brigada, que na força de mil e duzentos cavallos, commandados pelo marechal de campo D. José Iturrigaray, o general Urrutia enviára a reforçar a direita da sua linha. A cavallaria hespanhola, agora empenhada contra as forças do general Lomet, era extremamente superior em numero á dos francezes e tão valente e animosa como a d'elles. A divisão republicana, depois de cinco horas de combate e de manobras, via-se reduzida a uma trabalhosa defensiva, sem ganhar sequer um palmo de terreno nas posições

do inimigo. Julgou o general republicano ter chegado o momento proprio de interromper o combate, e pondo-se em retirada, em uma só columna com a artilheria no centro e os hussares cobrindo a rectaguarda, passou a seu salvo o rio Fluvia para se restituir na outra margem aos seus acampamentos.

Os hespanhoes, depois de padecidas bastantes perdas, retrocederam egualmente para as suas posições. Deixaram destacadas, porém, algumas partidas de hussares em Torruella e nas immediações do Fluvia para observarem o inimigo no terreno tão viva e tenazmente disputado.

O ataque dirigido pelos francezes contra a ala esquerda dos hespanhoes não lhes surtiu melhor effeito, que os do centro e ala direita. Na manhã de 6 de maio, avançou para o Fluvia uma columna de tres mil homens de infanteria, duzentos e cincoenta cavallos e uma bateria de cinco peças. Tomaram posição nas alturas de Crispia, manifestando a intenção de passar o rio pela ponte de Esponella. Nas eminencias, que avizinham com esta povoação, estabelecêra o marechal de campo D. João Miguel de Vives, que tinha o commando superior na esquerda hespanhola, as suas tropas ligeiras, entre as quaes avultavam em não pequena parte os miqueletes. Estas forças, que formavam a primeira linha, estendiam-se desde Esponella até á aldêa de Belaire, aonde apoiavam a sua direita. A cavallaria, mais numerosa que a inimiga, postava-se á esquerda e á rectaguarda das tropas ligeiras na planicie, que se dilata nas vizinhanças de Esponella. A infanteria pesada em segunda linha constituia a reserva.

Sentindo-se inferiores em numero e em vantagens de terreno, não ousaram os francezes transpor o rio Fluvia. Limitaram-se a bater vigorosamente os seus contrarios no decurso de quatro horas com a sua excellente artilheria de posição estabelecida nos outeiros da margem esquerda, com o que as tropas hespanholas não pequeno damno experimentavam. E como fosse n'estas circumstancias irracional e perigosissimo o manter por mais tempo uma pura defensiva, servindo de alvo passivo ás granadas e ás balas do inimigo, determinou-se o ma-

rechal de campo Vives a operar um movimento com o proposito de atacar de frente os seus adversarios, emquanto as forças hespanholas collocadas em Besalu e commandadas pelo coronel D. Luis de Aragón, ameaçavam pelo flanco direito as tropas inimigas. Avançou Vives com briosa resolução á testa da sua columna, disposto a aproveitar a sua superioridade e a boa disposição, que déra ás suas tropas com o fim de combinar o seu ataque frontal com o de flanco. E de feito, ao passo que as forças de Besalu haveriam de caír sobre a direita inimiga, o marquez de la Romana, partindo de Belaire com uma brigada, acommetteria os francezes pela esquerda. Effeituaram se as manobras, que Vives ordenára, com celeridade e exacção. Quando Vives se apparelhava a passar o Fluvia para atacar os francezes, participou-lhe o coronel marquez de Coupigny, que o inimigo principiava a executar um movimento retrogrado. Effectivamente os francezes temendo ser envolvidos, houveram por judicioso apressar a retirada. N'este momento, porém, o marechal de campo marquez de la Romana, passando acceleradamente o Fluvia pelos váus de Esponella e de Belaire, e caíndo improvisamente sobre o flanco esquerdo dos francezes, desordenou-lhes as fileiras e os compelliu a uma confusa retirada, que segundo a expressão de um historiador francez, se assimilhava por extremo a uma precipitada fuga e a um completo desbarato [1].

As tropas republicanas, principalmente os hussares, que faziam a guarda da rectaguarda, padeceram graves perdas no conflicto. Não menos consideraveis foram as baixas do inimigo nos outros dois ataques simultaneos á direita e ao centro do exercito hespanhol. As tropas do general Urrutia, segundo a relação por elle enviada ao seu governo, apenas tiveram dezeseis mortos, cerca de sessenta feridos, dez contusos e um

[1] «Ils (les français) furent troublés dans ce mouvement (de retraite) par les troupes parties de Visert (Belaire) sous la conduite du marquis de la Romana, qui, s'étant jeté sur leur gauche, y répandit la confusion et *les força de se retirer avec une précipitation, qui ressemblait beaucoup à une déroute.*»

Victoires et conquêtes, etc., *des français, depuis* 1792, II, pag. 328.

official prisioneiro. Não é, porém, provavel que
minutas as suas perdas, em tres combates, no
servida e certeira artilheria franceza desempen
ção proeminente.

CAPITULO XI

A TERMINAÇÃO DA GUERRA

Emquanto os dois exercitos, affrouxando as operações, se dão tacitamente uma pequena tregua, vejamos o que se passava em Portugal e quaes eram por aquelle tempo as suas relações internacionaes.

Com a Republica franceza continuava a subsistir sem prospecto de melhoria, esta indefinida situação, em que duas nações tem interrompida ou cortada a sua amigavel communicação, sem comtudo se haverem declarado em estado de guerra. Os animos hostis mal dissimulados nas enganosas apparencias de uma paz infructuosa, ameaçavam a cada passo um rompimento, que, segundo mais tarde aconteceu, seria mais damnoso a Portugal do que á França, chegada á culminação das suas victorias. Ao passo que Portugal, dizendo-se neutro, mantinha as suas forças ao serviço de Carlos IV, e d'este modo participava activamente nas aventuras da coallisão, os francezes não desaproveitavam as occasiões de molestar a navegação mercante portugueza, mal defendida pelas esquadras britannicas, mais attentas ás suas conveniencias egoistas do que aos interesses do seu alliado quasi immemorial.

Queixava-se o governo portuguez de que eram constantes da parte dos francezes as hostilidades contra Portugal. Aggravava-se de que a Republica sequestrasse em todo o seu territorio os effeitos, que os portuguezes possuiam e confiscasse, julgando boa presa, as proprias mercadorias transportadas em navios de potencias neutras, sem respeitar o principio geralmente consagrado de que a bandeira cobre a carga.

O ministro da marinha e dos dominios ultramarinos Martinho de Mello e Castro, inimigo implacavel da Republica e sectario pertinaz da alliança ingleza, escrevendo officialmente ao seu collega dos negocios extrangeiros, ponderava em termos peremptorios, que a França pelas hostilidades commettidas contra Portugal se havia manifestado inimiga da corôa portugueza e de seus vassallos, e lhes movia uma guerra tanto mais insidiosa quanto lhe não precedêra uma formal declaração. Como consequente represalia, propunha Martinho de Mello que em Portugal se não admittisse um unico francez que professasse os principios revolucionarios [1].

[1] Officio de Martinho de Mello a Luiz Pinto, 30 de outubro de 1794.

«Sendo evidente por estes e outros factos que a nação franceza se tem declarado inimiga da corôa e vassallos de Portugal, fazendo-lhe effectivamente uma insidiosa guerra, sem a declarar, é uma consequencia necessaria d'estes principios não admittirmos n'estes reinos vassallo (sic) algum d'aquella nação, que siga as maximas convencionaes.»

O que déra occasião immediata a esta irritação de Martinho de Mello fôra o seguinte. Saíndo de Boston nos Estados Unidos da America septentrional dois navios americanos com carga para Lisboa, foram abordados por dois escaleres de umas fragatas francezas, que n'aquella paragem bordejavam. E sob o presupposto que Portugal estava em guerra com a Republica franceza, intimaram as embarcações americanas a seguir as fragatas para Brest, deixando tres francezes a bordo de cada um d'aquelles navios. Sobreveiu um grande temporal, com o que os americanos perderam de vista as fragatas, e aproveitando a propicia conjunctura se fizeram ao rumo de Lisboa, onde vieram aportar. Seis francezes em Lisboa era para sobresaltar o suspicaz ministro da marinha. Para que não viessem contaminar a povoação, ordenou Martinho de Mello que fossem recolhidos na cadeia de Belem, até que podessem transportar-se a França em navio, que seguisse para algum porto da Republica, ou ser embarcados novamente em os navios americanos, quando saíssem do Tejo. Luiz Pinto, menos fogoso do que o seu collega da marinha, elegeu este ultimo partido. Era, porém, tão ensombrado de terrores o animo de Martinho de Mello que instantemente representava a urgencia de se intimar

Era na verdade extraordinario e inexplicavel o assombro de Martinho de Mello, em presença das hostilidades, quando era um facto notorio e actual a cooperação da corôa portugueza na guerra contra a França, em terra annexando um corpo de quatro mil homens ao exercito hespanhol nos Pyrenéus orientaes, e por mar enviando uma esquadra para se unir ás forças maritimas inglezas no Canal. Nem ao menos acudia á memoria dos estadistas portuguezes, não serem ainda passados longos tempos depois que a Convenção nacional mandára a Lisboa um seu agente diplomatico, a quem o governo de Portugal nem quizera, ainda mesmo officiosamente, ouvir nem attender. Continuava, pois, a dubia e perigosa situação, em que o ministerio e a côrte de Lisboa se collocaram relativamente á França pela irresolução e ambiguidade, que haviam caracterisado todos os seus processos de governo desde o principio da Revolução.

A côrte de Lisboa reluctára tenazmente a renovar as amigaveis relações com a França. Persistia em ver com olhos mais que displicentes, adversos, a Revolução, que se ia desenrolando na sua declinação. Mantendo-se no systema de timidez e indecisão, quasi doblez nos seus actos internacionaes, se não ousava constituir-se em guerra declarada contra a França revolucionaria, tampouco se aventurava a favorecer abertamente a causa da familia desthronada. Era manifesta a repugnancia e má vontade, com que o ministerio de Portugal recebia os emigrados realistas, a alguns dos quaes comtudo permittia o entrarem como officiaes no serviço portuguez.

A habilidade pusillanime, com que o ministerio de Lisboa pretendia conservar mais que as apparencias, o egoismo da sua neutralidade, em nenhuma circumstancia foi mais claramente demonstrada, que por occasião da regencia assumida pelo conde d'Artois, apoz o supplicio de Luiz XVI, e emquanto ainda vivia encarcerado o filho do monarcha.

Empenhavam-se os realistas francezes em que as potencias

o ministro residente da Republica americana em Lisboa para não permittir que os francezes viessem a terra durante a demora dos navios em aguas de Portugal.

reconhecessem como rei de França e de Navarra
isto é, o filho de Luiz XVI, e que a regencia foss
pelas potencias hostis á Revolução. Era Carlos
chefe dos Bourbons ainda reinantes, o que mais
n'esta empreza. Em fins de 1794 instava com fer
xador hespanhol com o governo portuguez para
dos primeiros a reconhecer a regencia attribuida
Este era o titulo com que, segundo o ritual dy
designado na velha monarchia franceza o irmão se
do rei. Pretendia o embaixador convencer a cor
gal de quanto era impreterivel e urgente o assoc
formal e solemne testemunho de que os Bourbc
vam a reinar legitimamente, embora a insurreiç
aberto um parenthese funesto na effectiva succes
dynastas. Ás instancias do diplomata castelhan
Luiz Pinto que a rainha de Portugal, fiel ao princi
em presença da Revolução, não podia tomar nenl
ração em assumpto de tal magnitude e gravida
fosse de concerto com as demais potencias bellig

Ao mesmo tempo expedia outro despacho ao
nipotenciario em Londres, ordenando-lhe que i
Lord Grenville, principal secretario de estado
extrangeiros, quaes eram n'este negocio as inte
verno britannico. E revelava o pouco ou nenhun
sentia de envolver a Portugal em aventura tão pe
mando ao seu agente diplomatico em Londres, s
ção solicitada, «mais arriscada que previdente»
tancias actuaes [2].

O gabinete britannico havia sido vivamente so
o formal reconhecimento do Delphim, como rei
para a official acceitação da regencia attribuida a

[1] Despacho de Luiz Pinto ao embaixador em Madrid. I
ronha, 4 de outubro de 1794, dando conta da proposta
hespanhol na sua nota de 21 de septembro do mesmo anı
negocios extrangeiros.

[2] Despacho de Luiz Pinto ao ministro portuguez em L
de Almeida Mello e Castro, 4 de outubro de 1794. Archiv
extrangeiros.

tois. Sobre estes pontos haviam mediado conferencias em Madrid entre o duque de Alcudia e o cavalheiro Jackson, ministro de Inglaterra junto de Carlos IV.

A côrte de Saint James com o seu egoismo tradicional antecipára-se felizmente aos desejos do governo portuguez. Lord Grenville, respondendo a D. João de Almeida, significava-lhe o vivo interesse que o rei George sentia pelo joven e malaventurado successor da corôa de S. Luiz, e o jubilo que teria vendo-o restituido ao throno dos seus maiores. As circumstancias d'aquelle tempo não consentiam, porém, infelizmente, que o monarcha da Gran-Bretanha desse plena expansão aos seus desejos. A prudencia aconselhava o aguardar mais opportuna e propicia occasião, em que fossem mais bem assombrados os prospectos para a causa do Delphim. Allegava ainda o principal secretario de estado dos negocios extrangeiros que o ministerio britannico estava, como em monarchia representativa, sujeito á censura do parlamento, e a opinião nas duas camaras haveria de accusar fortemente o gabinete de que não havendo reconhecido o rei Luiz XVII, quando a sua causa era mais promettedora, elegesse para dar este passo aventuroso o proprio tempo, em que as armas dos alliados contavam as emprezas pelos desastres proprios e as batalhas pelas victorias do inimigo.

Das importunações de Carlos IV e de Godoy se viu d'esta maneira desapressado o fraco ministerio de Portugal. Não podendo capitular sinceramente com as idéas representadas na Revolução, tambem lhe não convinha favorecer abertamente a causa dos Bourbons. Era já com manifesta reluctancia, que por forçada lealdade continuava a manter as suas tropas em Hespanha ao serviço da Coallisão, quando rasões de varias ordens militavam em favor da paz com o governo da Convenção. E não era certamente a menor de todas o estado, em que por aquelle tempo se encontrava a cohesão e a disciplina da divisão auxiliar.

As discordias e os enredos haviam-se em Gerona exacerbado a ponto de que o general Forbes vira a sua auctoridade não sómente desconhecida, se não desacatada. Duas facções re-

partiam, ou antes lastimosamente dilaceravam as tropas au xiliares.

Desde os principios do anno de 1795 começaram a recrudescer com maior escandalo e intensão as desavenças entre o general Forbes e o coronel Gomes Freire, sem que nem o primeiro fizesse respeitar o seu posto e auctoridade, nem o segundo remittisse n'um só apice o fogoso temperamento, que por desforçar os melindres da honra militar o fazia transcender em suas queixas os limites da moderação. É manifesto que a tibieza de Forbes, conhecida e commentada nos acampamentos e nas casernas, minguava dia a dia no espirito das tropas o frouxo prestigio do general; e que o animo altivo do coronel, avesso, como era a toda a sujeição, diffundia na divisão auxiliar o fermento da indisciplina, que Forbes capitulava de *insurreição revolucionaria* [1].

Eram acres, violentas as queixas e aggravos, que Forbes exprimia nas suas communicações ao governo de Lisboa contra o coronel Gomes Freire. Encarecia a tolerancia e resignação, com que soffrera pacificamente os desgostos e amarguras, que lhe causára o seu irrequieto subordinado. Referia como, perdendo a paciencia, o debil general se via forçado a dirigir á côrte a sombria e apaixonada narração do que desde o principio da campanha no Roussillon havia praticado Gomes Freire [2].

[1] «A insubordinação de alguns individuos do meu commando vae infestando e grassando de maneira, que se Sua Magestade não atalhar o incendio e cortar de todo pelas raizes esta mania, veremos crescer e tomar corpo, talvez formar *uma especie de insurreição revolucionaria,* capaz de causar terriveis resultados, na dilatada distancia em que está este exercito... Tem sido a infelicidade d'estes exercitos, portuguez e hespanhol, o espirito de intrigas, que n'elles se espalhou e que já não existe n'este ultimo pelas providencias dadas pela côrte de Madrid, mandando desterrar uns poucos de officiaes generaes.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, 16 de fevereiro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

[2] «Até agora trabalhei por dar provas certas, evidentes de moderação e socego do meu espirito, inclinado a obrar sempre seguro pelas regras da prudencia e probidade, disfarçando e tolerando, quanto poude, os accelerados golpes da indole desinquieta do coronel Gomes Freire de Andrade, para que não houvesse estrondosos movimentos em paiz extrangeiro... Porém, vendo que elle tem abusado da minha nimia paciencia

Os odios, que lavravam entre o fogoso e bravissimo coronel e o seu general, tão brioso e valente no campo como soldado, e tão fraco e indeciso no gabinete, como chefe, mais vieram a encender-se depois dos funestos combates de novembro e da retirada para Gerona. Gomes Freire e com elle varios officiaes, que entre os mais distinctos e graduados seguiam a sua parcialidade, tinham reputado como offensiva á sua honra militar a relação d'aquellas infelicissimas acções publicada na *Gazeta de Lisboa*. Os que se diziam aggravados eram principalmente, além de Freire, o seu particular amigo Pamplona, o coronel José Narciso, o monteiro mór, o capitão Antonio de Lemos, todos pessoas de valia na côrte, pelas suas relações de parentesco.

As acções de 17 e 20 de novembro não tinham sido na verdade por extremo gloriosas para alguns dos regimentos portuguezes. O general Forbes na relação official d'estes combates havia narrado os successos como se tinham realisado. Não era de assombrar que varios officiaes d'aquelles corpos, e mui principalmente os que numeravam na côrte valiosas protecções, buscassem representar com menos torvo colorido os tristes episodios d'aquelles dias.

Um dos primeiros, que reclamaram contra a narração official, foi Gomes Freire, cuja honra se lhe afigurou atrozmente maculada em semelhante documento. N'uma extensa carta em francez, dirigida ao general Forbes, taxava Gomes Freire de apocrypha e mentirosa a participação official. Dava-lhe por auctor o ajudante de ordens Clavière, a quem apodava cruamente chamando-lhe *abjecto scriba* e tão covarde militar, que tremia só com a vista de uma espada. No conceito de Gomes Freire haveria o general assignado o papel reputado ignominioso, porque sendo, como extrangeiro, incompleto conhece-

e que o crescimento do seu genio inquieto e turbulento poderia para o futuro produzir funestas consequencias... resolvi-me a fazer a v. ex.ª um fiel apontamento das imprudentes acções d'este official, que quer atacar, affectar de brigar e insultar a todos, sem lhe occorrer que o real poder não só o póde cohibir, mas até punir.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, 30 de janeiro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

dor da lingua portugueza, o firmára sem comprehender o que n'elle se continha de aleivoso. Na epistola endereçada ao general, uma a uma se contradiziam e refutavam as asserções publicadas na *Gazeta*, e se acompanhava a refutação com os ultrajes mais pungentes á honra e ao caracter militar do tenente coronel Clavière. Accusava-se além d'isto a Forbes de ter desamparado o campo de batalha no mais critico momento, por haver sido convocado a um conselho de generaes. Referia-se como Forbes na retirada se adiantára ás tropas durante a marcha, para se dirigir muito antes d'ellas á povoação de Bascara. Reivindicava-se para os officiaes e soldados portuguezes a sua reputação de bravura e sangue frio contra a injuriosa imputação de que o fogo do inimigo lhes fizesse trepidar o animo sereno e inaccessivel ao temor e á fraqueza. Allegava Gomes Freire na sua desaffronta, quanto lhe fôra doloroso que depois de ter feito oito campanhas e de haver sido presente em mais de trinta acções se visse reduzido a demonstrar que nunca tivera medo, nem deixára de manter em boa ordem as tropas do seu commando. Fazendo inteira justiça ao valor exemplar e ás rectas intenções do general, vibrava o offendido militar os seus farpões mais aceirados contra Clavière, accusando-o de falsario desprezivel e de vil calumniador [1].

[1] É tão singular, pelo sentimento que respira, de briosa indignação, a carta de Gomes Freire ao seu fraco general, e tanto comprova o tom em que n'aquelle tempo se afinavam as relações hierarchicas na divisão auxiliar, que parece bem o transcrever textualmente alguns dos seus paragraphos mais significativos e memoraveis:

«L'honneur, qui doit être sacrée à tout officier, m'oblige à réclamer votre justice contre la calomnie! Le *vil et intrigant* Clavière a abusé de votre confiance! Une relation de la retraite du 20 de novembre a parue sous votre nom dans le supplément nº 51 de la *Gazette de Lisbonne*. La vérité y est altérée et la troupe accusée de faiblesse. Les officiers et le dernier soldat même de l'armée, rendent justice à la probité du général Forbes; ils sont pleinement convaincus que la mauvaise foi du *Scri[illegible]* Clavière a inverti les loyales intentions de votre excellence; qu'il a pr[illegible] fité malicieusement du défaut d'une connaissance parfaite de la lang[illegible] portugaise, qu'il a rencontré dans vous, mon général, pour vous fai[illegible] signer un rapport de la journée du 20 de novembre, totalement contra dictoire à la vérité et à la conduite de la troupe. Qu'il me soit donc per-

Para desaggravar-se do que havia por injuria á sua reputação de esforçado e brioso official, pedia Gomes Freire um conselho de guerra e reiterava a instancia n'uma carta dirigida a Luiz Pinto. N'esta missiva e em outras ao ministro seu

mis d'exposer à votre excellence, à ce sujet, mes justes plaintes, de lui montrer combien il doit être sensible à un officier d'honneur de se voir *calomnié par un être aussi abjecte que Clavière*, qui tremble à la vue d'une épée... cet *insolent calomniateur* vous fait dire qu'après le conseil vous vous êtes porté à la Sierra Messana... Toute l'armée connait votre bravoure! Le *Scribe* dit que le feu de l'ennemi vous obligea de rebrousser chemin... Votre honneur est donc outragée de même par cet *insolent* que celui de la troupe. J'appelle à votre franchise, à votre loyauté, pour m'opposer à un mensonge si atroce!... Pour constater ces faits, qui tous déposent contre ce *calomniateur* misérable, de quel témoignage moins suspect pourrai je m'appuyer sinon du votre, mon général? De celui d'un officier d'honneur et de probité, qui depuis trente ans sert dans cette même troupe à laquelle un *vil intrigant* abusant de votre nom et de votre confiance vient aujourd'hui enlever l'estime de ses concitoyens?... Tout de même, mon général, que je réclame l'honneur, qu'on veut ôter à la troupe, qui se trouvait sous mes ordres, je proteste contre celui, que *le Scribe ignare et méchant* à la fois veut lui donner, quand il dit que vous avez avec elle couvert la retraite! Je m'appuye encore de votre témoignage, mon général et de celui de toute l'armée, pour m'opposer à un pareil mensonge... La connaissance parfaite, que j'ai, mon général, de la loyauté de votre caractère, m'engage à vous faire connaître la peine, que j'ai éprouvée à la lecture de *ce tissu de mensonges et de calomnies*... J'ai demandé à sa majesté la reine un conseil de guerre, par devant le quel je puisse prouver que ni moi, ni ma troupe, avons montré de la faiblesse le 20 de novembre et que le bon ordre a eté observé durant toute la marche. Vous pouvez juger, mon général, combien il est sensible pour moi qu'après huit campagnes, durant lesquelles je me suis trouvé dans plus de trente combats, je sois réduit a justifier que je n'ai pas peur! et que je sais conserver l'ordre dans une troupe! Mais le *méprisable Clavière* s'est servi de votre nom pour flétrir mon honneur. Tout le Portugal a lu *votre soi-disant relation* à la cour... Toute l'armée rend justice à votre bravoure et à la droiture de votre façon de penser! Elle a même été indignée en lisant l'expression déshonorante que *le vil et rampant* Clavière met dans votre bouche pour faire connaître à son altesse royale le prince du Brésil le zèle, que vous avez mis le jour de la retraite à remplir les devoirs de votre poste et elle vous croit offensé par lui quand il vous fait réclamer pour constater vos services le témoignage des officiers généraux espagnols, *dont la conduite* le 20 de novembre n'est que trop connue! Enfin, mon général, vous seriez adoré par le soldat, si Clavière, *à côté du quel tout homme d'honneur rougit de paraitre*, ne se mettait entre vous et lui!»

Carta de Gomes Freire ao general Forbes, Salt, 19 de janeiro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

parente e amigo particular era tratado o general Forbes de maneira que nem a disciplina militar, nem a caridade evangelica tinham muito que applaudir. Em uma d'ellas, queixando se amargamente do paciente Forbes denunciava ao ministro da guerra a fraqueza, em que tinham descaído as potencias mentaes do general [1].

A lucta porfiosa entre Gomes Freire e o seu frouxissimo general tocava o extremo de que um e outro, desprezadas todas as noções de hierarchia, e as da mais simples cortezia militar, viessem a romper em desabridas expressões, buscando cada um amesquinhar perante o ministro da guerra o seu adversario. Pela mente de Gomes Freire passára a tentação de provocar a duello o seu desauctorisado general.

Um dos officiaes e dos mais benemeritos de entre os que serviam na divisão auxiliar, era certamente o capitão do regimento de Peniche, Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, mais tarde tenente general e visconde de Jerumenha. Contra elle se haviam desencadeado as iras de Forbes, dominado pelo seu confidente Clarière. Servia Antonio de Lemos como major de brigada, e quando as brigadas foram dissolvidas, ordenou-lhe o general que reassumisse as funcções de capitão no seu regimento. Mas o altivo official, em vez de cumprir o que lhe era determinado, sabendo por experiencia quanto era debil e inconsistente o commando na divisão, deu parte de doente e foi alojar-se no quartel de Gomes Freire, para viver com elle em mais intima camaradagem [2]. O general Forbes quiz manter

[1] Narrando que Forbes incitado pelo seu predilecto ajudante de ordens Clavière, procurava todos os ensejos para magoar a Gomes Freire, e que andando em inspecção aos regimentos da sua divisão, sómente no de Freire se demorára largamente e incitara os soldados a queixarem-se do seu coronel, termina Freire dizendo:

«Uma semelhante conducta basta para certificar a v. ex.ª o estado de fraqueza a que chegou a cabeça do sr. Forbes.» E noutro paragrapho dizia: «... O general, o qual o indigno Clavière leva como um automa... a ser o instrumento da sua baixa e vil vingança.» Carta de Gomes Frei[re] a Luiz Pinto, datada do acampamento de Salt a 28 de janeiro de 179[5] Archivo do ministerio da guerra.

[2] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 4 de fevereiro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

d'esta vez o que ordenára, e mandou que Antonio de Lemos saindo immediatamente do quartel de Gomes Freire ou desse baixa ao hospital ou se apresentasse no seu corpo. Tomou Gomes Freire como offensa pessoal esta ordem peremptoria. E logo n'uma carta a Luiz Pinto, na qual respirava ao mesmo tempo a nobre altivez do soldado e a paixão ardente do implacavel inimigo, desaffogou em termos desabridos a ira, que o seu vivo temperamento lhe não consentia suffocar. Resentia-se de que Forbes, violando a hospitalidade concedida por Gomes Freire ao seu camarada e amigo particular, lhe tivesse dirigido uma affronta, que o seu brioso pundonor lhe não permittiria deixar sem desaggravo, se não conhecesse a demencia manifesta a que chegára o general. Affirmava que nunca o medo de algumas balas, a que podesse condemnal-o um conselho de guerra, o podéra demover de acudir pela sua honra quando no minimo ponto desairada. Jámais consentiria em dissimular qualquer insulto feito a si ou a um seu amigo, emquanto lhe restasse uma pinga de sangue, uma espada e duas pistolas, com que podesse desaggravar-se [1].

Não eram unicamente Gomes Freire e Pamplona os que pela sua opposição amarguravam o espirito do pobre general. O

[1] «Lisonjeio-me de dever a v. ex.ª o conceito que não sou homem, que, julgando que a sua honra é offendida, por amor á vida, sustido do medo de umas poucas de balas, a que um conselho de guerra o poderia sentenciar, *deixe de se vingar, se o seu general, esquecendo-se do seu caracter, o tivesse levado a esquecer-se da sua patente.* Por isso evito semelhantes desordens, que ainda afasto por julgar que *a notoria patetice* do sr. Forbes, encaminhada para o mal pelo indigno Clavière, o levou a dar o passo seguinte (o de ordenar a Lacerda que saisse immediatamente do quartel de Gomes Freire)... Confesso, senhor, que sou pouco soffredor e que faço da honra o meu idolo. O sr. Forbes atacou o meu caracter pela parte mais sensivel, e eu não consentiria que ninguem,—*emquanto eu tiver uma pinga de sangue, duas pistolas e uma espada,*—insulte os meus amigos e camaradas por estes viverem em boa intelligencia comigo. Sei que *a minha carta é talvez a primeira que se escreveu em semelhante estylo a um ministro de estado,* mas v. ex.ª é militar, conhece as leis da honra, e assim saberá ponderar a minha posição e conhecerá que a sua prompta decisão decidirá a sorte de um official de honra, que deseja empregar a sua vida no serviço do seu principe e da sua patria, mas que por contemplação alguma soffrerá insultos.» Carta de Gomes Freire a Luiz Pinto, 8 de fevereiro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

coronel José Narciso de Magalhães e Menezes era ápontado como auctor de criticas violentas e de satyras pungentes á direcção das operações até á retirada para Gerona [1].

O monteiro mór, coronel do regimento de Cascaes, valendo-se da sua eminente posição na côrte e da sua entrada com o principe D. João, escrevia lhe uma carta, em que lhe enviava as malevolas annotações por elle feitas ao officio de Forbes, publicado na *Gazeta* sobre a retirada para Gerona [2].

Não se cançava o general Forbes de pedir instantemente ao seu governo que desde Lisboa acudisse com energicas providencias a atalhar a indisciplina, que se ia cada vez mais alastrando nas fileiras [3]. Como se um general em chefe, mesmo com as ordinarias attribuições, não desse um lastimoso testemunho da sua incapacidade, esperando que o seu governo, a centenares de leguas, solicito vigiasse pela disciplina das suas tropas, que o general por si mesmo não sabia conter em mediana subordinação. A prova, porém, mais evidente de quanto infeliz havia sido o confiar a Forbes o commando de soldados portuguezes em campanha, deu elle pouco depois, ordenando um expediente novo, abstruso, e sem exemplo em nenhum exercito do mundo, o de instituir uma devassa, ou um processo judicial, em que se justificasse o seu procedimento nos combates de 17 e 20 de novembro, e resultassem convictos de calumnia os officiaes seus accusadores. Bastaria este passo degradante para dissipar os restos de auctoridade no commando, e para acrescentar com o escandalo e o ridiculo a frouxidão na disciplina [4].

[1] «José Narciso, segundo corria geralmente, fizera *uma papelada satyrica* sobre toda a campanha até 20 de novembro.» Depoimento do capitão do 2.º do Porto, Antonio Pinto de Saavedra, na devassa de 5 de fevereiro. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Carta de Gomes Freire a Luiz Pinto, Salt, 14 de fevereiro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

[3] Officio de Forbes a Luiz Pinto, 4 de fevereiro de 1795, em que pede ao governo providencias para cohibir a indisciplina, *que vae grassando*.

[4] A devassa, ou *tribunal de inconfidencia,* como lhe chamava Gomes Freire, principiou em 5 de fevereiro de 1795. Servia de juiz o desembargador Francisco Joaquim de Aguiar e Gouvêa, intendente geral da policia do exercito, e de escrivão o desembargador José Antonio Ribeiro

O resultado d'esta escandalosa violação de todas as regras da hierarchia e do commando foi ordenar o governo que Pamplona e Gomes Freire recolhessem a Lisboa sem demora; e reiterar a Forbes os testemunhos da confiança, que n'elle continuava a depositar. Não deixou, todavia, o ministro da guerra de significar em duras expressões a sua reprovação a que Forbes recorresse ao extranho expediente de uma justificação judicial. Increpava-lhe o *haver prostituido* em certa maneira a auctoridade e o prestigio de general em chefe, sujeitando a uma devassa o seu procedimento e deixando de empregar na repressão da indisciplina todos os meios ordinarios que tinha ao seu dispôr [1].

Freire, auditor geral da divisão. Foram trinta as testemunhas inquiridas, e entre ellas figuraram D. Miguel Pereira Forjaz, Nuno Freire de Andrade e Carlos Harth, ajudantes de ordens do general. O major José Antonio da Rosa foi interrogado como perito para dar o seu parecer sobre se era ou não possivel salvar a artilheria na desastrosa marcha sobre Gerona. Remettendo (officio de 16 de fevereiro de 1798) o processo ao ministro da guerra, pede Forbes uma reparação, se a devassa o justifica, e no caso contrario submette-se ao castigo. Nos autos vem a ordem do quartel general para que se procedesse á devassa, e escripta pela propria letra de Forbes a sua contestação aos cargos, que lhe fizera Gomes Freire. Existe o volumoso processo no archivo do ministerio da guerra.

[1] A mesma senhora (a rainha) ficou inteirada pela relação de v. ex.ª das *commoções incitadas n'esse exercito contra a sua auctoridade e do pessimo exemplo que semelhante conducta deve influir na tropa,* da necessidade que ha de sustentar a mesma auctoridade de v. ex.ª, a quem sua magestade tem confiado o mando do seu exercito e de cortar de uma vez pela raiz semelhantes exemplos. Porém não deixa de ser sensivel á mesma senhora, *que tendo v. ex.ª na sua mão todos os meios de castigar... prostituisse* de algum modo a sua auctoridade, *mandando proceder a uma inquirição judicial a respeito do seu proprio procedimento,* o que não é, nem podia ser, compativel com a preeminencia do seu posto... E fazendo a mesma senhora a devida justiça ao seu caracter e á confidencia, que de v. ex.ª faz, lhe ordena que apenas receber esta, mande suspender sem perda de tempo qualquer ulterior procedimento na referida devassa, remettendo tudo no seu proprio original a esta secretaria de estado para que d'ella não exista mais vestigio... V. ex.ª fará passar egualmente ordem que é intenção de sua magestade fazer castigar e cohibir qualquer falta de subordinação e de obediencia, que se divisar nas suas tropas ou qualquer acto, que possa ser offensivo á exacta observação dos artigos de guerra, a fim de se manter, como é justo, a devida disciplina nas suas tropas; e espera a mesma senhora que com estes meios de precaução e suavidade, se possam evitar para o futuro novas dissensões, sem redu-

Segundo as ordens terminantes do governo, o processo deveria ser logo remettido no proprio original á secretaria de estado para que d'elle não ficasse o menor vestigio.

Gomes Freire partiu a final para Lisboa. Para tornar, porém, mais evidente o completo desprestigio, em que viera a decair a auctoridade no commando, marchava para a côrte, sem primeiro se apresentar ao general, testemunhando por todas as maneiras o altivo desprezo, em que o havia [1].

Não quiz Gomes Freire retirar-se da campanha sem despejar o carcaz da sua indignação em violentas recriminações contra o general. Protestou energicamente e com rasão perante o ministro da guerra contra a monstruosa instauração de uma devassa, que não tinha precedentes e que servira apenas para dar escandalo em tropas já propensas a uma frouxa disciplina. Accusava o general Forbes de ter de militar unicamente o uniforme e de ignorar os rudimentos do seu officio. Insistia em consideral-o como puro mentecapto, e increpava-o de que nas ultimas campanhas sacrificára a honra e os interesses de Portugal [2].

zir a mesma senhora ás circumstancias de um castigo mais severo, que não póde deixar de ser penoso ao seu coração.»

Officio de Luiz Pinto a Forbes, 7 de fevereiro de 1795 Archivo do ministerio da guerra.

[1] Contando ao ministro da guerra o haver Gomes Freire demorado por oito dias a sua partida para Lisboa, escrevia o general Forbes:

«Não admira que este official seja de caracter insubordinavel para os superiores, quando com as ordens expressas de sua magestade praticou uma criminosa indolencia e frouxidão em as cumprir logo.»

Officio de Forbes a Luiz Pinto, 23 de abril de 1795. Archivo do ministerio da guerra. N'este officio diz Forbes que Gomes Freire estivera oito dias sem cumprir a ordem superior, que lhe intimára para marchar; que durante esse tempo fugira de se encontrar na rua com o general e se pozera em marcha sem d'elle se despedir. E acrescenta que Freire e Pamplona o diffamavam publicamente *«com uma soltura de lingua que era bem propria do seu caracter, enthusiasmados com o favor e auxilio de mal entendidas protecções que pensam ter para viverem á redea solta»*.

[2] «Se o sr. Forbes tivesse os conhecimentos e a sciencia que requer o seu posto e fosse militar, mas não um homem, que andou de farda em umas poucas de campanhas, porém *ignora até os primeiros rudimentos do seu officio*, saberia conhecer e avaliar as posições, que o marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha occupou n'este dia com o meu regimento e o de Cascaes... Poderia dizer-se-lhe (a Gomes Freire) que a

Que a disciplina e a fraternidade militar não eram certamente exemplares, o demonstram, alem dos successos deploraveis, que ficam relatados, as discordias e enredos levantados no 1.º regimento de Olivença entre varios officiaes constituidos em dois bandos antagonistas, um dos quaes se conjurára para diffamar o coronel Mestral, emquanto o outro por mostrar-se parcial do seu commandante, não deixava de accender pela sua parte as culposas dissenções. E tal extremo tocaram as malquerenças que Mestral, soldado valeroso, mas sem prestigio, implorava do general em chefe as providencias necessarias e urgentes para conter o seu regimento na subordinação e disciplina [1].

O 1.º de Olivença já durante as escandalosas discussões entre Mestral e Gomes Freire, dera indicios evidentes de que não era bem segura nos soldados a disciplina. Nem era para assombrar que elles relaxassem mais ou menos os vinculos militares com o exemplo contagioso dos seus officiaes. Que nunca as tropas se contiveram na passiva sujeição aos seus chefes, quando são elles os primeiros a antepor as suas paixões aos estrictos deveres da profissão.

O pobre general Forbes, a quem já eram bastantes causas de amargura as suas apaixonadas e irritantes contestações com o coronel Freire, e os outros officiaes da sua parcialidade, procurou obviar ao progresso das discordias no 1.º regimento de Olivença, concedendo que a seu pedido o capitão Mexia, o mais devotado parcial e confidente de Mestral, respondesse em conselho de guerra para se justificar das graves accusações que lhe eram dirigidas pelos seus nada fraternos camaradas. N'este processo concluiu o auditor que deviam admoestar-se os officiaes para que se unissem em boa harmonia, que até

honra de um official não está offendida quando é *notoria a paletice* da sua parte adversaria.» Carta de Gomes Freire a Luiz Pinto, Salt, 14 de fevereiro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

[1] «Tenho soffrido até agora o partido, que se formou contra mim no regimento...» Officio do coronel Mestral ao general Forbes, campo de Nossa Senhora de la Salud, 19 de septembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra. N'este officio reclama o coronel do 1.º de Olivença providencias *para conter este regimento na subordinação e disciplina.*

ali, na opinião do juiz togado, não fôra exemplar e edificante[1].

Após tantas e tão infructuosas tentativas do general Schérer a fim de repellir para muito áquem do Fluvia o exercito hespanhol, permaneceram inactivos os dois antagonistas durante o resto de maio nas suas posições em uma e outra margem d'este rio. Sómente sendo já mui entrado o mez de junho, determinou o general Urrutia saír da situação de pura defensiva, fazendo acommetter por mar a praça de Rosas e os navios francezes ancorados na bahia. Da esquadra hespanhola de Gravina, que andava cruzando na altura d'aquella povoação, se destacaram numerosas chalupas canhoneiras e bombardeiras, protegidas por duas naus de linha e tres fragatas. E entrando todas na bahia, formadas as lanchas artilheiras em tres divisões, romperam os seus fogos contra os navios inimigos surtos n'aquelle porto e contra a cidadella de Rosas, o castello *de la Trinidad* e as baterias accessorias, que reforçavam a sua defeza. Reciprocaram um violento canhoneio os hespanhoes e os francezes, sem que d'esta maritima incursão resultasse nenhum fructo e apenas mais uma superflua demonstração de quanto se egualavam no valor e na sanha exterminadora os dois renitentes adversarios.

Esta operação naval, cujo fim era apenas inquietar o inimigo, interpretou a o general Schérer como sendo uma diversão, que devia preceder um ataque geral e decisivo das forças hespanholas contra a linha dos francezes sobre o Flu-

[1] O principal motor das odientas dissenções no 1.º de Olivença fôra o capellão padre João Cyriaco de Oliveira. Fôra elle quem incitára contra Mestral e contra o capitão Mexia, o animo de Werna, que então era tenente coronel n'este regimento, e quem inflammára no mesmo grau o major Agostinho Eduardo de Brinken, o capitão Parrot e o cadete Pedro Antonio da Rosa Calado. Queixando-se acerbamente do padre, e relatando o procedimento e a indisciplina do capellão e dos officiaes, escrevia Mestral a Forbes em tom de epiphonema: «É uma das provas *da epidemia de insubordinação* do seculo».

Officio de Mestral a Forbes, septembro de 1794. Archivo do ministerio da guerra. A estes mesmos successos se referem dois officios de Mestral a Forbes, ambos de 13 de septembro de 1794, no archivo do ministerio da guerra.

via. E com esta suspeita resolveu antecipar-se aos seus contrarios, tomando contra elles uma energica offensiva.

Na manhã de 14 de junho deram os francezes principio a um ataque a todas as posições dos seus adversarios. Contra a esquerda hespanhola marchou uma divisão de cinco mil homens de infanteria, quinhentos cavallos e algumas boccas de fogo. Reconhecidos pelo capitão D. Simão de la Rochete, que tinha o commando no posto avançado de Bellaire, os movimentos do inimigo, ao dirigir-se á posição de Puig de Forcas, e communicada a nova sem detença ao marechal de campo D. João Miguel de Vives, adoptou este general as convenientes disposições, com que resistisse á aggressão já imminente. Não tinham os francezes feito manobrar na introducção ou phase preparatoria do combate mais do que uma vanguarda. E entendendo Vives ser possivel que intentassem colher os hespanhoes n'uma emboscada, onde tivessem prevenidas as suas restantes forças, ordenou prudentemente aos commandantes das columnas, que se não travassem n'um recontro sem que o inimigo, desenvolvendo no campo as suas tropas, claramente revelasse o seu numero e as suas intenções. Não eram infundadas as suspeitas do marechal de campo Vives, porque havendo-se adiantado com a columna do seu commando o brigadeiro D. Ulysses Albergoti, depararam-se-lhe emboscados n'uma floresta grande copia de francezes, com os quaes elle teve por discreto não se affrontar em desegual peleja.

Ao mesmo tempo o coronel D. Casimiro Bofarull, commandante de outra columna, inquietava os francezes com o fogo vehemente da sua artilheria. A vanguarda hespanhola postada em Besalu disputava mui vivamente o passo ao inimigo, empenhada n'um combate de infanteria. No ardor e enthusiasmo da refrega, tanto avançaram essas tropas contra os seus adversarios, que estiveram a lanço de ser envolvidas e cortadas, se o coronel D. Luiz de Aragón, acudindo opportunamente, não forçára os francezes a retirar, passando o Fluvia pela aldêa de Espinavera. Desenganados de que pela esquerda lhes não era dado penetrar na linha hespanhola, resolveram-se os

francezes a retrogradar, e na retirada os incommodaram até além de Navata, causando-lhes bastante damno, os destacamentos commandados pelos coroneis marquez de Coupigny e D. Philippe Sant March, e pelo sargento mór D. João José Sarden. Depois que dos francezes se não perceberam mais vestigios, ordenou Vives que as suas tropas se restituissem ás suas antigas posições. Apesar de infructuoso para ambos os contendores, custou este combate perdas consideraveis aos francezes e não minimas aos hespanhoes, porque, segundo a estimativa d'estes ultimos, passariam de duzentos os inimigos, que pagaram a preço da sua vida a esteril gloria, e dos hespanhoes, se houvessemos de pôr inteira fé nas palavras de generaes em chefe, quasi sempre infieis n'estes assumptos, não baixariam de setenta ou oitenta as suas victimas.

No ataque dirigido contra a direita hespanhola empenharam os francezes forças mais importantes que as do combate pela esquerda. Estendiam-se as tropas republicanas desde as cercanias do vau de S. Miguel do Fluvia até á povoação de S. Pedro Pescador, ás ribas do Mediterraneo. Acommetteram com vigor os postos avançados hespanhoes, que fizeram rosto ao inimigo, quanto o permittia a numerica desproporção. Mas apenas o brigadeiro Aguirre conheceu pela continuação da mosquetaria, que se travára uma refrega com as suas avançadas, determinou que dois esquadrões de hussares, commandados pelo tenente coronel D. Benito San Juan, o de voluntarios a cavallo, sob o mando do sargento mór D. Philippe Palanco, reforçados com duas boccas de fogo ás ordens do capitão D. Joaquim Cavaleri, marchassem sobre Armentera para tolher aos francezes a passagem do Fluvia na altura d'aquelle ponto. O vau de Vallveralla teve por defensores as tropas do brigadeiro Ordoñez, o de Vilaroban foi occupado pelo marechal de campo D. José Iturrigaray com um grosso destacamento, em que entrava bastante cavallaria. Apenas ahi chegado ordenou este general ao brigadeiro D. Ignacio Guernica, que, passando o Fluvia com um esquadrão, fosse acommetter o inimigo na margem esquerda d'este rio. Executou Guernica a determinação, e marchando prestes ao sitio de S. Thomás,

se lhe depararam os francezes estabelecidos nas alturas, fortalecidos por vantajosas posições e apoiados por não pouco numerosa artilheria. Descobrindo, porém, grande superioridade nas forças inimigas, foi obrigado a retirar, marchando para a direita e deixando frustrado o movimento. A esse tempo chegava o coronel escossez D. Daniel Macdonnell com cento sessenta e quatro cavallos, que ao trote largo se adiantava em apoio de Guernica. Encontrando-se com alguns poucos pelotões de infanteria franceza, em numero de cento e vinte homens, apoiados nos seus flancos por cento e cincoenta cavallos, executou contra elles uma carga impetuosa, desbaratou a cavallaria, e acutilou furiosamente a gente de pé, fazendo n'ella uma temerosa carniçaria [1].

A cavallaria hespanhola pela fórma relatada, tivera de separar-se, operando por uma parte a do brigadeiro Guernica e pela outra, sem communicação com a primeira, a do coronel Macdonnell. Era facil aos francezes atacar agora a de Guernica no momento, em que o terreno lhe não consentia passar da columna de marcha a uma formação regular e conveniente. Alcançaram os francezes, a favor da occasião e da numerica superioridade, rechaçar a cavallaria hespanhola contra o Fluvia. Mas acudindo opportunamente o brigadeiro D. João Ordoñez com um batalhão do regimento *de la Corona*, e atacando por um dos flancos as tropas francezas, conseguiu, com o seu fogo veloz e bem nutrido, entreter o inimigo, até que, reunidas n'um só corpo as dispersas fracções da cavallaria, poderam de concerto com infanteria obrigar os francezes a deixarem o campo de batalha. Foi notavel e merecedor de honrosa commemoração o brilhante feito militar de D. Manuel Aguirre.

[1] A relação official dos combates do dia 14 de junho, enviada ao governo hespanhol pelo general Urrutia, estampada na *Gacela de Madrid*, e publicada na *Gazeta de Lisboa*, 2.º supplemento ao n.º XXX, de 1795, assevera com manifesta exaggeração, que o estrago produzido na infanteria foi de tal maneira, que apenas um homem, d'entre cento e vinte, conseguiu escapar. Repugna realmente á boa rasão, que uma força de duzentos e setenta homens, em que havia cento e cincoenta cavalleiros, se deixasse quasi inteiramente aniquilar por um adversario, que não chegava a contar cento e setenta cavallos.

Achava-se Aguirre com só cincoenta hussares do seu corpo, e vendo que o inimigo irrompia impetuoso contra o esquadrão de Guernica, não lhe soffreu o animo o conservar-se de longe espectador do apertado lance, em que se viam os seus companheiros de armas. Avançou, pois, com o seu pequenissimo esquadrão contra os francezes, e apesar da sua bravura temeraria, oppresso pela força superior do inimigo, foi compellido a retirar. Recebeu em renhido combate corpo a corpo duas valentes cutiladas, e teria deixado a vida no recontro, se não fosse a façanha admiravel de um cabo de esquadra do seu regimento. Tinha por nome Eusebio Chavero. Acabava de luctar com um caçador francez, a quem matára. Trazia como tropheo da sua victoria a arma com baioneta do seu adversario. Chegando junto do seu coronel, a quem cercavam, jogando-lhe altibaixos e estocadas, alguns dos cavalleiros inimigos, o hussar hespanhol mata dois dos hussares francezes, que esgrimiam furiosos contra Aguirre, e depois ajudado por outro valoroso camarada, pelejaram ambos bravamente, até que salvaram o seu brioso commandante e o levaram bem ferido para fóra do campo de batalha.

Emquanto estes successos se passavam ordenára o marechal de campo Iturrigaray que o sargento-mór D. Francisco Soler, com o 2.º batalhão do regimento *de la Corona*, e um pelotão de trinta e quatro hussares, a cuja frente se poz D. Joaquim Romero, passassem o Fluvia pelo váu de Vallveralla, e com grande celeridade acommettessem os francezes, antecipando-se-lhes para que, segundo parecia, não viessem tornear a Ordoñez e Macdonell.

Cumpriram aquellas tropas com denodo e rapidez a prescripção do general, apesar da escassa força que numerava nas fileiras o 2.º batalhão do regimento *de la Corona*, e do pequeno apoio, que lhe podiam ministrar os hussares de Romero. E em breve tempo se viram aquelles valentes militares expostos ao fogo da infanteria franceza, numerosa e decidida a jogar n'um lance a fortuna da jornada, batidos pelas peças de campanha, e pela artilheria de posição, estabelecida nas alturas, e ameaçados alem d'isso nos seus flancos por uma

cavallaria, n'aquelle ponto, mui superior em numero á hespanhola. Resoluto a manter-se firme até á derradeira extremidade, a despeito de que era desegual em força e vantagens de terreno, ordenou o major Solér que para a frente destacassem tres companhias a travar com o inimigo o combate de fuzilaria. E durante uma hora o sustentaram com extrema firmeza e animo imperturbavel contra um adversario, que sabia aproveitar, para se cobrir e offender, os accidentes favoraveis do terreno. As duas restantes companhias, — um batalhão hespanhol, tinha n'aquelle tempo cinco, porque eram dez em quasi toda a Europa, incluso Portugal, as de um regimento de infanteria, das quaes duas eram de granadeiros, — as outras duas companhias, formadas em columna, serviam de reserva e permaneciam de arma ao hombro, sem disparar um unico tiro, e sem que as fizesse trepidar o fogo do inimigo. Conhecendo, porém, Solér que havia satisfeito honradamente ao seu encargo, e julgando que seria doloroso expôr mais tempo os seus briosos subordinados a um esteril sacrificio, mandou cessar o fogo e retirando em boa ordem, passou de novo o rio Fluvia para voltar á primitiva posição.

Emquanto durava o recontro do 2.º batalhão *de la Corona* com o inimigo, o brigadeiro D. João Ordoñez com o 1.º batalhão do mesmo regimento, havendo já sustido o impeto dos francezes, segundo fica relatado, marchou em direcção a Torruella, e de caminho teve noticia da contingente situação, em que luctava a outra ala do regimento. Antes de chegar a Torruella, observou que o 2.º batalhão, não podendo medir-se vantajosamente por mais tempo com um inimigo superior, transpunha novamente o rio para a margem direita. Determinou-se, pois, a executar egual movimento, que se realisou sem que fosse perturbado pelos francezes.

A esse tempo o tenente coronel D. Benito San Juan que marchára para Armentera junto ao mar com dois esquadrões do seu regimento e o de voluntarios a cavallo, commandado pelo sargento mór D. Philippe Palanco, defendia durante algumas horas aquella posição. Observando, porém, que as demais forças hespanholas tinham vadeado o Fluvia e se acha-

vam postadas já na margem esquerda, apparelhava-se tambem para a occupar, com o intento de cair sobre a rectaguarda ao inimigo. Recebeu n'esta occasião uma ordem para que rapidamente se pozesse em marcha sobre a povoação de Vilaroban. E como n'esta direcção tivesse de passar por Vallveralla, soube n'este ponto que as tropas amigas volviam á margem direita. E na esquerda se estabeleceu por algum tempo em observação sem que os francezes dessem mostras de repetir o combate, que lhes não surtira o effeito desejado.

Digamos agora o que se passou no centro da linha hespanhola, emquanto se pelejava com extremo vigor e successo vario na esquerda e na direita das posições. Apenas o general Urrutia houve noticia de que as tropas inimigas se descobriam, avançando contra a aldêa de Pontós, marchou immediatamente para o Col de Oriol, onde permaneciam como reserva, juntamente com algumas forças hespanholas os regimentos de Portugal. Ouvia-se então com grande frequencia e vivacidade para a esquerda e para a direita o trovejar das boccas de fogo e as descargas da infanteria. Reconheceu o general Urrutia, que nas duas alas do seu exercito se combatia com grandissimo fervor. No centro, porém, não se percebia movimento algum, que denotasse um ataque frontal por aquella banda. Estacionava o inimigo em frente de Bascara, occulto e defendido por espessos e copados arvoredos. Pareceu ao general em chefe hespanhol que os francezes teriam intenção de acommetter d'ali os flancos interiores das duas alas, interpondo-se-lhes, para as bater *em detalhe*, antes que do centro hespanhol acudisse a soccorrel-os alguma tropa de refresco. N'esta conjunctura, para frustrar a operação do inimigo, tornava-se urgente e imprescindivel antecipar-se-lhe no ataque, para ter a vantagem da iniciativa. Tomou, pois, as seguintes disposições, que foram litteralmente executadas. A vanguarda do centro hespanhol, commandada pelo marechal de campo D. Ildefonso Arias Saavedra, tendo sob as suas ordens o marechal de campo marquez de la Romana, devia atravessar o Fluvia pela ponte de Bascara, levando por encargo o atacar o castello arruinado e antigo de Pontós, erigido na corôa de

uma eminencia mui aspera e alcantilada. Logo depois seguir-se-ia na passagem do rio pela mesma ponte a divisão do marechal de campo D. Gregorio de la Cuesta, para servir de apoio e de reserva ás tropas de Saavedra e la Romana. Se Cuesta encontrasse não mui energica resistencia, haveria de occupar as alturas á direita de Pontós e pôr *em checque* os francezes, que atacavam a posição de Ventalló.

Todos estes movimentos foram precisamente executados. Havendo os hespanhoes passado o Fluvia, marchou o marquez de la Romana com a sua columna a aggredir a povoação de Pontós, a pequena distancia á rectaguarda do castello d'este nome. Effeituou-se a investida contra a velha fortaleza e o burgo adjacente. Pela encosta occidental da eminencia subiu, com a gente do seu commando, o capitão D. Pedro Echevarria, emquanto pela pendente meridional acommettia os francezes o coronel D. Antonio Miralles com duas companhias do batalhão *de Barcelona*, apoiados por uma do regimento *de la Reyna*, a cuja frente marchava animando-as para o combate o marechal de campo Arias Saavedra. Pela parte septentrional avançou desde a aldêa de Pontós contra o castello o marquez de la Romana com as restantes companhias do batalhão *de Barcelona*, e o que servia de guarda ao general, todos elles sustentados pelo batalhão *de Navarra*, que marchava na cauda da columna. Os francezes com o seu valor habitual e a sua pericia em aproveitar as vantagens do terreno, occupavam uma posição, cujo accesso já de si mui arduo pelo pendor alcantilado da montanha, se fazia mais difficultoso pelas florestas e quebradas, que impediam o passo aos atacantes.

As muralhas do castello, posto que em parte derruidas, e a casaria, que demorava muito proxima, acrescentavam os recursos da defesa. Resistiram, pois, as tropas republicanas durante largo tempo com indomita constancia e egual valor ao dos soldados hespanhoes. Mas ao cabo de um combate renhidissimo houveram de ceder aos seus contrarios. E sendo já occupada a posição por um troço das tropas castelhanas, receberam os francezes um reforço consideravel, que da ermida *del Angel* acudíra promptamente. Renovaram com ardor

inopinado a sangrenta requesta, forcejando por desalojar os hespanhoes. Áquella sasão, porém, o marechal D. Gregorio de La Cuesta, com a sua divisão, que servia de reserva, marchára a occupar a aldêa de Armadas, na margem esquerda do Fluvia ao oriente e não mui distante da estrada, que conduz de Gerona a Figueras, passando por Oriol e por Bascara. Estava a povoação assente sobre uma cumieira de uma serra, a que pertence com outras intermedias aquella, em que a ermida de Pontós era edificada. Uma garganta ou portella interrompia a serie ou successão d'estas alturas, e por ella abria passo á estrada real para a fronteira. Os francezes defendiam todos os cabeços d'esta breve serrania, e n'elles haviam estabelecido dois obuzes e egual numero de canhões de calibre 4 e 8. Com o auxilio da reserva as forças hespanholas alcançaram repellir o ataque dos francezes, que pretendiam recobrar a eminencia de Pontós. Rechaçadas n'esta posição as tropas republicanas, caíram sobre a de Armadas os hespanhoes e sem grande esforço poderam senhoreal-a. E logo lhes foi egualmente permittido com diminuto sacrificio o expulsar os francezes, que defendiam a ermida *del Angel*. De tal maneira se viram estreitados os republicanos, que houveram de desamparar o campo de batalha.

Perseguidos os francezes rijamente pelas forças hespanholas, retirou-se uma parte d'elles, não sem grave contradicção e desordem nas fileiras, até se restituir ao seu campo fortificado entre as praças de Rosas e Figueras. Outra parte foi acossada no seu movimento retrogrado até á povoação de Borrasa. Perderam os francezes n'este combate as quatro boccas de fogo assestadas nas alturas, os seus carros de munições, quatorze viaturas da administração militar, mais de trinta muares e varios artigos de armamento e equipamento, muitos viveres e munições.

Emquanto o general Forbes com o seu estado maior assistia ao combate de Pontós, os regimentos portuguezes encorporados na reserva com algumas tropas hespanholas estanceavam em Fallinas, promptos a acudir aonde lh'o prescrevesse o general em chefe D. José de Urrutia.

Os regimentos portuguezes de infanteria antes da acção de 14 de junho tinham dasde os seus acantonamentos passado a estabelecer-se no acampamento de Olivas, delineado segundo as regras da mais escrupulosa castrametação [1]. D'ali haviam marchado para as alturas de S. Estéban [2].

Desde que principiára a introducção aos diversos combates sobre o Fluvia, o general hespanhol transpondo o rio, dirigira-se na margem esquerda ao campo de batalha no centro da sua linha e ali prescrevêra e vigiára os varios movimentos e manobras, com que as suas tropas repelliram e pozeram quasi em debandada as forças inimigas. E vendo que os francezes se tinham acolhido aos seus acampamentos, e attentando no cançasso e fadiga dos seus soldados, ordenou que o exercito alliado désse principio á retirada, effeituando-a em escalão. Já ia adiantado o movimento, e tinham passado o Fluvia o centro e a vanguarda, quando algumas tropas ligeiras da Republica, hussares e atiradores, tentaram acommetter e tornear a rectaguarda, propondo-se destruil-a ou sequer desordenal-a, antes que a vanguarda e o centro, que iam já seguros do seu triumpho, tivessem tempo de mudar a sua frente e retomar a formação em ordem de batalha.

Percebendo, porém, o general Urrutia as intenções dos seus contrarios, ordenou que o marechal de campo D. Gregorio de la Cuesta com a sua divisão fizesse alto. Voltando Cuesta o rosto ao inimigo, avançou ao seu encontro com o batalhão de caçadores *de Andaluzia* e duas peças de campanha. Graças á prompta e audaz execução da sua manobra pôde forçar os adversarios a mudar de direcção e a obliquar sobre a direita hespanhola, com o proposito de acommettel-a pelo flanco. Ordenou então o marechal Cuesta, que avançasse contra elles o regimento *de Malaga*, que segundo os testemunhos contem-

[1] Planta do acampamento de Olivas, pertencente ao sr. capitão do estado maior de artilheria Maximiliano Eugenio de Azevedo. Na direita do campo estava abarracado o 2.º regimento do Porto, na esquerda o 1.º de Olivença, e entre elles a contar da direita por sua ordem os regimentos de Peniche, Cascaes e Freire d'Andrade.

[2] *Memoria dos successos da guerra dos Pyrenéus orientaes*, por F. D. F. L., v, pag. 84.

poraneos, com prodigios de valor honrou as gloriosas tradições da antiga infanteria hespanhola, porque na sua marcha contra os francezes soffreu com heroica serenidade tres descargas de granada e lanterneta. Sem disparar um unico tiro, subiu a uma posição inimiga e d'ali á baioneta desalojou as forças republicanas [1]. Acudindo mais tropas a reforçar o regimento *de Malaga*, poderam os hespanhoes perseguir o inimigo pela volta da uma hora depois do meio dia, na sua retirada. A qual, porém, não foi tão completa, nem os francezes saíram tão dessangrados do conflicto, que decorrido pouco tempo não fossem novamente descobertos, marchando em varias columnas atravez dos bosques e dirigindo-se contra a direita hespanhola, com o intento manifesto de atacar pelo flanco direito a divisão do marechal D. Gregorio de la Cuesta. O novo movimento do inimigo inquietou bastantemente o general Urrutia. Encontrando-se os francezes com as tropas, que estava commandando o marechal de campo Moncada, as atacaram bravamente. Mas a presteza e resolução, com que se lhes oppozeram o batalhão de granadeiros *de Andaluzia* e o *de Castilla* poderam frustrar os intentos do inimigo. O regimento de infanteria *de Valencia*, que tambem acorrêra a suster o impeto francez, foi na sua marcha acommettido nas alturas de Armadas, com tão grande violencia pelas tropas republicanas, que o seu destroço houvera porventura sido inevitavel, se não fôra o batalhão de caçadores *de Andaluzia*, que pelos seus fogos de pelotão com grande vivacidade, desordenou as fileiras inimigas. Acrescendo então aos corpos empenhados no combate algumas outras forças hespanholas, conseguiram bater o inimigo e compellil-o á retirada.

Ao proprio tempo, em que o marechal D. Gregorio de la Cuesta na direita do centro hespanhol tão vantajosamente se media com os francezes, os marechaes de campo Arias de Saavedra e marquez de la Romana pela esquerda e na altura, onde existia edificada a ermida de Pontós, sustentaram o combate com extrema valentia e rechaçaram o inimigo, empe-

[1] Officio do general Forbes a Luiz Pinto, datado do campo de Olivas, a 17 de junho de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

nhado em apoderar-se novamente d'aquella valiosa posição. Com activa perseguição o acossaram por algum tempo. Logo desde o principio da nova acção o general Urrutia fizera marchar para mais proximo do campo de batalha os regimentos portuguezes e as forças hespanholas, que com elles constituiam a reserva, e este movimento se effeituou com a maior regularidade e exacção. Essas tropas não chegaram, porém, a empenhar-se na refrega, porque já os francezes eram postos a esse tempo em definitiva retirada.

Vendo então o general Urrutia não haver já nenhum receio de que mudasse o inimigo a frente á rectaguarda, ordenou que as tropas alliadas retrocedessem, passando o Fluvia em direcção aos seus acampamentos na margem direita. Se o general Urrutia, era em verdade, como parece, superior em força ao general republicano Schérer, se a acção lhe tinha sido favoravel, e se os francezes deixaram evidentemente de ter menos carinhosa do que d'antes a fortuna, que até á campanha antecedente os amimára, commetteu o caudilho hespanhol um erro grave em ter inutilisado as suas vantagens, retrocedendo ás suas primitivas posições na orla direita do Fluvia, em vez de procurar estabelecer-se na margem esquerda para repellir o inimigo até Figueras e forçal-o a approximar-se da fronteira. Emquanto durou a acção, permaneceu em espectativa, sem ter occasião de ser chamada ao campo de batalha, a reserva constituida pelas forças hespanholas da brigada *de Sevilha*, postada na planicie de Bascara, pelos regimentos portuguezes formados no Col de Oriol, e por alguns esquadrões no váu de Arens. Calculou o general Urrutia, talvez exaggeradamente, em dois mil e quinhentos homens a perda experimentada pelo inimigo e amesquinhou, segundo o costume, as baixas do seu exercito em cerca de cento e oito mortos, dos quaes nove eram officiaes, trezentos e quarenta e seis feridos, e entre elles vinte e nove officiaes, oitenta contusos, sendo treze officiaes, e apenas doze prisioneiros, e entre elles dois officiaes [1].

[1] A narração d'estes combates é fundada nas participações officiaes do general Urrutia, publicadas na *Gaceta de Madrid*, e transcriptas na *Ga-*

Foi esta a ultima acção geral, quasi uma batalha, travada entre os peninsulares e os francezes. As suas consequencias foram tão pouco decisivas, que os dois exercitos depois do combate se retrahiram ambos para as suas posições áquem e além do Fluvia. O rebate de que as tropas da Republica marchavam novamente em 15 de junho a acommetter os seus contrarios, careceu de fundamento, mas obrigou os alliados a tomarem providencias defensivas. E de feito n'aquelle dia todo o exercito alliado esteve em armas prevenido para avançar á primeira voz ao encontro do inimigo. A 16, pela uma hora da madrugada, pozeram-se em marcha para occuparem de novo o Col de Oriol os regimentos de Freire e de Cascaes, e o do Porto, o de Peniche e o de Olivença dirigiram-se á bateria do centro, que dominava a estrada de Bascara a Gerona, e tiveram á sua direita um batalhão suisso, e na rectaguarda batalhões dos regimentos *de Malaga, de Napoles* e *de Soria.* Aquella bateria estivera antes guarnecida pelo regimento *de Sevilha.* Nas suas vizinhanças se reuniram forças alliadas em numero de nove mil homens á espera dos francezes. E porque elles não appareceram até ser já amanhecido o dia 17, as tro-

zeta de Lisboa, comparadas com as narrativas consignadas na obra valiosa tantas vezes já citada *Victoires et conquêtes des français*, e nas communicações officiaes do general Forbes, apesar de serem sempre obscuras e laconicas em tudo o que se refere a operações militares.

O general Forbes computou a perda total dos hespanhoes em cerca de quinhentos homens. Officio já citado de Forbes a Luiz Pinto, Olivas, 17 de junho de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

Segundo a narração do official portuguez de artilheria, que escreveu com manifesta imparcialidade a *Historia da guerra nos Pyrenéus orientaes*, as perdas experimentadas pelos hespanhoes foram muito mais numerosas que as referidas nas participações officiaes do general Urrutia. Conforme á versão do artilheiro portuguez, os mortos e feridos, excederiam a mil homens, ainda que não faltara quem os numerasse em dois mil. Os prisioneiros teriam sido tambem em quantidade copiosa. Entre os officiaes contar-se-íam nem menos de vinte e cinco feridos. As perdas mais importantes haveriam sido causadas, quando uma parte das tropas hespanholas foram atacadas valentemente pelo inimigo, porventura, na occasião em que o regimento *de Valencia* ao passar desapercebido por Armadas, foi acommettido em um dos flancos pelos francezes emboscados. *Historia da guerra nos Pyrenéus orientaes*, pag. 84.

pas volveram aos seus acampamentos sem nenhuma perturbação na sua marcha [1].

A fortuna das armas francezas tinham notavelmente esmorecido n'esta ultima campanha, depois que pelas mudanças politicas no regimen da Republica havia desfallecido a audacia na direcção da guerra e a confiança implicita na victoria. Os homens, que depois do 9 Thermidor, tinham de suas mãos o governo republicano, mais moderado e menos ambicioso de novas glorias militares que na epocha precedente, repercutiam em certa maneira o sentimento nacional. A França mostrava-se então sequiosa de paz no interior, tão cruamente flagellado pelas contenções civis, e no exterior, onde a gloria não podia inteiramente compensar os incomportaveis e crescentes sacrificios de sangue precioso e de recursos pecuniarios largamente dispendidos em manter armamentos colossaes.

A Convenção inclinára se agora a tratar com as potencias, que intentassem desligar-se da primeira coallisão. Celebrára a 5 de abril de 1795 um tratado de paz e amisade com a Prussia, que havia sido com a Austria o paladino principal na cruzada para punir a Revolução. Era assignado em Basilea (Bâle) pelo representante francez na Suissa, Francisco Barthélemy e pelo ministro de estado prussiano barão de Hardenberg.

Depois dos combates de 14 de junho os exercitos ficaram occupando os antigos acampamentos, sem que os alliados tivessem outras fadigas e cuidados que os de vigiar os movimentos do inimigo, o qual de noite principalmente sempre ia pondo em sobresalto os seus antagonistas [2]. Os francezes não deixavam adormecer tranquillamente o general Urrutia, que amiudadas vezes punha em armas as suas tropas, fazendo as

[1] Officio citado de Forbes a Luiz Pinto, 17 de junho de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

[2] «Não ha novidade, mas sempre cuidadosos em vigiar os frequentes movimentos do inimigo, que não deixa de algum modo de incommodarnos, principalmente de noite.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, campo de Olivas, 25 de junho de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

occupar novas posições muito além dos seus acampamentos, para volverem pouco depois sem haverem-se travado com o inimigo. Assim a 2 de julho ao raiar da aurora o exercito alliado marchava sobre o Col de Oriol, e a divisão auxiliar ia postar-se entre as aldêas de Lampalla e Villahun a meia legua para a frente de Oriol. E sendo passadas duas horas, retrocediam todas as tropas sem que ao general Forbes tivesse Urrutia communicado a rasão d'este infructuoso movimento [1]. Tal era o segredo, em que o general em chefe escondia ao seu resignado collega os seus planos estrategicos e as suas disposições de grande tactica.

Por aquelle tempo chegavam com frequencia ao quartel general hespanhol parlamentarios francezes e recatavam se no mysterio as negociações, que vinham ali tratar [2]. Tudo indicava, porém, que a final a Convenção anhelava por concluir a paz com o rei de Hespanha. A guerra durava com toda a importunidade e todo o cansaço de um conflicto prolongado sem prospecto de breve terminação por uma victoria decisiva. Os animos principiavam a abater-se, a fatigar-se, a desesperar. Na divisão auxiliar eram manifestos os indicios de que os portuguezes começavam a sentir mediocre enthusiasmo pela indefinida continuação das operações e a suspirar pelo seu regresso á terra patria.

Continuavam com frequencia na divisão portugueza as deserções. Houve dia em que abandonaram as fileiras nem menos de treze soldados, e quasi todos pertencentes ao regimento de Cascaes. Dava o general Forbes como principal motivo de taes e tão repetidas infracções do sacramento militar a impaciencia e o desanimo, em que esses militares tinham caído, por verem interminavel a campanha, e não menos porque o seu coronel o monteiro mór do reino, como grande senhor, muito mimoso do seu principe e da côrte, se havia recolhido

[1] «E passadas duas horas voltámos ao acampamento, sem saber com certeza o fim para que se fizera este movimento.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, Olivas, 2 de julho de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Officio de Forbes a Luiz Pinto, Olivas, 6 de julho de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

a Portugal deixando orphãos de incitamento e de commando os seus subordinados [1].

Arreceiava-se o general de que as deserções não haveriam de cessar e instava com o governo portuguez para declarar peremptoriamente que não haveria mais indultos em beneficio dos desertores. E na verdade o perdão concedido para solemnisar o nascimento do principe da Beira, não produzira mais effeito que o de augmentar consideravelmente a deserção. Logo depois de publicado este novo testemunho da real clemencia os desertores haviam sido em numero superior a cincoenta. E esta quebra da honra militar succedia exactamente, segundo a affirmação do general, quando aos soldados se não faltava com o que lhes era devido, e quando nem podiam attenuar o seu delicto com a fadiga extraordinaria e a exaggerada violencia do serviço [2].

Para que se veja quanto havia sido realmente assombrosa a deserção, é bastante mencionar, segundo o testemunho do general Forbes, que em junho de 1795 o 2.º regimento do Porto, com trezentos e quarenta e nove soldados promptos, numerava quinhentos e trinta e cinco desertores, o de Peniche novecentos sessenta e nove. É verdade que muitos d'elles datavam de quando estes dois corpos estavam ainda em Portugal. O regimento de Freire attestava o seu excellente espirito militar e a devoção pelo seu chefe, com a notavel e quasi milagrosa circumstancia de que não tinha desertores [3].

[1] Escrevia o general Forbes a Luiz Pinto que os soldados do regimento de Cascaes «estavam esmorecidos com a duração da campanha; vendo regressar ao reino o seu coronel monteiro mór, desanimaram alguns, pensando que permanecerão muitos annos em Hespanha...» Officio de 29 de junho de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

[2] «Continuam infelizmente a grassar as deserções... Depois do perdão pelo nascimento do principe da Beira tem desertado mais de cincoenta... Não ha rasão nenhuma, porque não ha falta de pagamento, nem serviço violento...» Officio do general Forbes a Luiz Pinto, 9 de julho de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

Já a 24 de abril, quando eram ainda mui activas as operações escrevia o general Forbes: «O delicto de deserção é dos mais frequentes no exercito e necessita de prompto castigo.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, 24 de abril de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

[3] Nota official indicando o estado das forças auxiliares em junho de

Não era mais que nos soldados vivo o enthusiasmo, com que varios officiaes assistiam na campanha, nem menos vehementes os anceios de voltar de novo á patria ao cabo de dois annos de trabalhos, quasi sempre mal agourados. Muitos dos officiaes ou por conveniencia do serviço, taes como Pamplona e Gomes Freire, ou por sua propria utilidade e efficazes intercessões, tinham voltado a Portugal. Alguns, se pomos fé nas informações do general Forbes, para se furtarem ás fadigas do serviço, simulavam enfermidades. N'elles duramente reprehendia o general que a tal ponto de opprobrio exaggerassem o esquecimento dos seus deveres e o desprezo da sua dignidade [1]. Os officiaes que por impulsos de seu brio militar ou por não terem na côrte valimento, iam supportando resignados, se não contentes, as desesperanças e aventuras da campanha, doíam-se com rasão de que os mimos e galardões recaíssem principalmente nos que abandonavam o exercito, e deixavam aos seus menos ditosos camaradas os encargos do serviço trabalhoso [2].

Quasi dois annos continuos de marchas, de acampamentos, de bivaques e de recontros, haviam incapacitado para os violentos exercicios de uma campanha um grande numero de officiaes, que sobre os annos de sua provecta edade ainda mais envelheceram com as doenças, as fadigas, os descommodos. Muitos dos capitães contavam quarenta annos de serviço e não eram muito raros os porta-bandeiras, que com cerca de

1795, junto ao officio de Forbes a Luiz Pinto, 30 de julho de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

[1] No officio de Forbes a Luiz Pinto, de 30 de abril de 1795, pede providencias sobre varios assumptos, e principalmente a respeito «de alguns officiaes tão esquecidos de si proprios, que para evitar os incommodos e perigos da campanha, se atrevem a fingir molestias para se inhabilitarem ao serviço e fugirem vergonhosamente da campanha.» Archivo do ministerio da guerra.

[2] «Os officiaes, que d'aqui se apresentam n'essa côrte, a titulo de enfermos e têem obtido logo despachos de maior patente, desanimam e descontentam muito os que ficam aqui no trabalhoso exercicio dos seus postos, sem premio algum, com tanto ou maior merecimento dos que foram.» Officio do general Forbes a Luiz Pinto, 30 de julho de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

trinta annos de carreira militar se não dariam certamente por generosamente compensados n'esta sua modesta condição com o privilegio de levarem nas marchas e nos combates os sagrados stemmas da sua patria e os venerandos symbolos da honra militar [1].

Apesar de todas estas contradicções e infortunios coube á divisão portugueza o cerrar com chave de ouro os seus fastos bellicosos na guerra contra os francezes. Determinou o general em chefe D. José de Urrutia emprehender uma audaz operação na ala direita e na rectaguarda do inimigo. A breve intervallo da fronteira e a 24 leguas de Gerona, a praça de Puyg-Cerdá com a Cerdanha hespanhola estava em poder das tropas republicanas. Era conveniente restituil-a ao dominio castelhano antes da paz, que se vislumbrava já mui proxima. Ordenou o general que um destacamento das tropas hespanholas, na força de uns mil homens de infanteria e proporcionado numero de hussares e dragões, marchasse a tomar a fortaleza e os acampamentos, que os francezes nas suas cercanias occupavam. Ás tropas hespanholas se aggregaram dois batalhões provisorios portuguezes, que perfaziam oitocentas praças, e se compunham de contingentes de todos os cinco regimentos actuaes. Recaiu o commando de toda a expedição no marechal de campo D. Gregorio de la Cuesta, governador da praça de Gerona. O coronel Antonio José de Miranda Henriques foi commandando a columna portugueza. Do seu acampamento de Olivas partiram os portuguezes a 22 de julho, dirigindo-se no primeiro dia de marcha á villa de Bañoles. No dia seguinte fizeram um alto demorado em Besalu, d'onde passaram a Olot e d'este ponto se encaminharam a Ripoll. Ali houveram de estancear, porque as chuvas copiosas lhes não consentiram a continuação da marcha. Vindo, porém, o tempo a serenar, partiram de Ripoll a 24 de julho ás oito horas da manhã. Chegando ás duas da tarde á povoação de Ribas, ahi descançaram aquella noite. D'esse ponto se encaminharam a 25 ao Col de Mayans, onde faziam alto ás cinco horas da tarde

[1] Officio citado do general Forbes a Luiz Pinto, 30 de julho de 1795.

e logo ao anoitecer se punham em marcha novamente para irem amanhecer a 26 em frente de Puyg-Cerdá.

Chegadas que foram as tropas alliadas ao logar do seu destino, o marechal de campo D. Gregorio de la Cuesta resolveu acommetter o inimigo nos seus tres campos fortificados de Er, Ossège e Puyg-Cerdá, proximos á praça d'este nome. O coronel Miranda Henriques com os seus oitocentos portuguezes e um esquadrão dos dragões *de Sagunto* formou a reserva destinada a acudir aos hespanhoes, onde carecessem de reforço e estabeleceu-se n'uma altura de pequena elevação. Romperam o combate as tropas hespanholas, atacando com uma das suas columnas aos francezes, que em numero de seiscentos guarneciam um acampamento na frente e a pouca distancia de Puyg-Cerdá. E com tal impeto e valentia se arremessaram contra os soldados republicanos, que apesar do vigor, com que elles tentaram defender-se, em breve tempo se viram forçados a acolher-se á povoação. Quasi ao mesmo tempo o coronel de infanteria D. Luiz de Aragón com a sua columna de quatrocentos granadeiros hespanhoes e cincoenta cavallos do regimento *de Sagunto*, marchou resolutamente a acommetter o acampamento de Ossège, onde cento e cincoenta francezes lhe oppozeram tão brava resistencia que sairia frustrada a tentativa, se não fôra marchar em seu auxilio, e por ordem expressa do marechal Cuesta, o coronel Miranda Henriques á frente do 1.° batalhão, commandado pelo tenente coronel Florencio José Corrêa de Mello. Perante a grande superioridade numerica dos atacantes, desampararam os cento e cincoenta francezes a posição, e dispersaram-se nas montanhas. Occupou o coronel Henriques o campo de Ossège com o seu 1.° batalhão e os quatrocentos granadeiros. Pouco tempo se demorou, porém, n'aquelle posto. Ordenou-lhe o marechal Cuesta, que entregasse a defeza d'aquelle ponto aos granadeiros hespanhoes, e elle com toda a sua tropa marchasse para uma altura, na qual a alcance de canhão de Puyg-Cerdá, o marechal Cuesta havia já postado o resto da columna portugueza.

Apercebiam-se os francezes em Puyg-Cerdá para utilisar todos os seus recursos defensivos até á derradeira extremidade.

A praça, porém, não permittia pelo estado de suas obras uma energica e prolongada resistencia. Intimou Cuesta o official que ali tinha o commando a que se rendesse acompanhando a intimação com as costumadas comminaçães do maximo rigor. Contestou o governador repulsando com altiva sobranceria a exigencia do hespanhol. Não pedia a fortificação um sitio regular. Resolveu, pois, o general Cuesta tomal-a por um vigoroso ataque de viva força, para que lhe eram bastantes as tropas de que dispunha.

Em consequencia ordenou varias columnas, das quaes uma era formada pelos dois batalhões portuguezes, um d'elles commandado pelo tenente coronel graduado do 2.º regimento do Porto, Florencio José Corrêa de Mello, e o outro pelo major do regimento de Peniche, Luiz Antonio de Castel-Branco. Cada um dos batalhões marchava coberto pelos seus atiradores, porque então se principiava a modificar a tactica tradicional da ordem unida, imitando dos francezes com maior moderação da que estes usavam, o combate na ordem dispersa. Commandava os atiradores n'um dos batalhões o tenente Francisco Claudio Blanc, do regimento de Freire, e no outro o alferes do 2.º do Porto, João da Gama.

Cairam impetuosas as tropas das duas nações peninsulares sobre as fortificações de Puyg Cerdá. Defenderam-se os republicanos rijamente fazendo laborar com vehemencia as suas boccas de fogo e não poupando em damno dos aggressores as descargas da sua fuzilaria. Era incansavel e fogosa a tenacidade na defeza, indomito o fervor dos atacantes. Mas foi tão bem dirigido o assalto pelos officiaes portuguezes e hespanhoes, e tão efficaz o exemplo, com que animavam uns e outros aos seus soldados, que após duas horas de renhidissima refrega conseguiram os alliados estabelecer-se no recinto. Ficou prisioneira a guarnição com dois generaes.

A conspicua participação, que tiveram n'este conflicto as tropas de Portugal, é attestada pelo grande numero de baixas, desproporcionado á força da sua columna. Dos officiaes ficou ferido gravemente no pescoço o tenente coronel D. Miguel Pereira Forjaz, ajudante de ordens do general Forbes, e alguns

annos depois conde da Feira, membro da regencia do reino e secretario de estado nas repartições da guerra e da marinha. Tiveram egualmente ferimentos de gravidade o capitão do regimento de Peniche Joaquim José Pereira de Burgos, que sómente por algumas horas póde sobreviver ao seu desastre; e o alferes da primeira companhia do regimento de Freire, Francisco Pedro Baracho. Foi levemente ferido o tenente do regimento de Peniche, Julião Rodrigues, e d'este mesmo corpo foi contuso o capitão José Porphyrio. Receberam ferimentos dois porta-bandeiras, um do regimento de Peniche, Francisco Luiz Trinité, e outro Joaquim Antonio Carneiro, do regimento de Cascaes. Dos cadetes foram feridos João Baptista e Anacleto João, do regimento de Peniche. Dos officiaes inferiores saíram feridos os furrieis Caetano Alberto, do 1.º de Olivença, e Manuel José, do de Peniche. O coronel Miranda Henriques, o tenente-coronel graduado Florencio José Correia de Mello e o tenente Manuel Pamplona, ambos do 2.º regimento do Porto, assim como alguns soldados receberam queimaduras, quando se inflammaram uns cartuxos, que os francezes tinham deixado junto a uma das suas peças. As baixas foram no total dois mortos, cincoenta e dois feridos, dois contusos e um soldado extraviado, pertencente ao 2.º regimento do Porto. Não quizeram os portuguezes despedir-se da campanha sem deixarem largamente sellado com o seu sangue o seu ultimo campo de batalha, compensando por um feito assignalado a pequena parte que haviam tido nos combates depois da retirada sobre Gerona.

Na defeza de Puygcerdá participaram os habitantes, sem exceptuar as mulheres, e os mancebos de pouca edade, que preludiando ás scenas de heroicidade nos futuros cercos de Saragoça, combatiam denodados arremessando das janellas aos atacantes pedras, agua e azeite a ferver, moveis, utensilios e tudo o mais com que podiam offender o inimigo. O vencedor com mais cega obediencia ás praxes cruelissimas da guerra sem quartel, do que ás generosas inspirações da humanidade, vingou na gente civil a ferocidade, pondo á espada quantos homens poude haver ás mãos nos primeiros mo-

mentos de furor, e entregando as mulheres á brutalidade impiedosa dos soldados [1].

Depois de tomada a praça de Puygcerdá, foi egualmente rendida pelas tropas alliadas a povoação de Belver e seguiu-se a occupação de toda a Cerdanha. Os dois batalhões portuguezes com tanta galhardia haviam tomado parte na acção de Puygcerdá, que o general Urrutia não se contentou com agradecer por escripto ao general Forbes a brilhante e exemplar cooperação de tão valorosos alliados, antes veiu pessoalmente ao acampamento portuguez de Olivas para expressar de viva voz a cada um dos corpos da divisão auxiliar o seu louvor e agradecimento [2].

Depois da acção de Puygcerdá e reconquista da Cerdanha hespanhola pelas tropas alliadas os dois exercitos mantiveram-se como se fôra em tacito armisticio até que em principios de septembro, ainda antes da publicação da paz, os francezes começaram a retirar da fronteira catalã as suas tropas. A cavallaria hespanhola desfilava para o interior do seu paiz e parte da infanteria deixava egualmente o theatro da guerra.

[1] Officio do general Forbes a Luiz Pinto, 30 de julho de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

«Os homens (de Puygcerdá) com armas de fogo e chuços; as mulheres com agua quente, com azeite a ferver e com muitos ustensis fizeram um damno consideravel nas tropas... Portanto o general mandou tocar a degolar e tão sómente perdoou ás mulheres, que castigou de outro modo.»

Memoria dos successos da guerra dos Pyrenéus orientaes, etc., por F. D. F. L. V., pag. 88-89.

[2] Ao dar conta d'esta visita acrescentava o general Forbes: «Os vencidos enchem de elogios o valor e a constancia dos portuguezes, o que tudo me faz venturoso pela honra de commandar uma tropa veterana tão brilhante e esforçada.» Officio de Forbes a Luiz Pinto, campo de Olivas, 3 de agosto de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

No officio de 6 de agosto de 1795 escrevia o general Forbes a Luiz Pinto: «É tão grande o reconhecimento do general em chefe que depois de me haver lisonjeado com vivas expressões de gratidão o soccorro, que teve das tropas portuguezas na conquista da Cerdanha, tem feito ouvir o seu echo no exercito e por toda esta provincia, que não cessa de louvar a energia, com que brilharam n'esta acção, fazendo mais certa e perduravel esta confissão com descrever os movimentos do seu prazer e alegria na carta que me dirigiu e apresento a v. ex.ª»

A divisão portugueza saía do acampamento de Olivas e ia acantonar na villa de Bañoles e seus contornos.

Pelo mesmo tempo tinham-se apresentado quasi todos os prisioneiros portuguezes, que em grande parte pertenciam ao 1.º regimento do Porto. Este corpo foi novamente organisado com o numero total de quatrocentas setenta e cinco praças, metade proximamente da força com que havia sido mandado para o Roussillon[1]. Ao coronel Ernesto Frederico de Werna já não permittira o seu destino ingrato gosar novamente a liberdade, porque não sobrevivera ao captiveiro[2].

Com a reconquista de Puyg-Cerdá se concluiu a primeira guerra dos governos peninsulares contra os francezes depois da Revolução. Já antes estavam pendentes as negociações entre a côrte de Madrid e a Convenção para os ajustes da paz tão anciosamente desejada pelos dois belligerantes.

A 4 de Thermidor, no terceiro anno da Republica (22 de julho de 1795) os dois plenipotenciarios, o cidadão Francisco Barthélemy, embaixador francez perante a Confederação dos treze cantões helveticos e D. Domingos Yriarte, antigo enviado extraordinario hespanhol junto do rei e da Republica de Polonia, firmavam em Basiléa, na Suissa, um tratado de paz entre a Convenção nacional e Carlos IV.

Por estes ajustes de paz estabelecia-se a boa intelligencia e amisade entre a França e a Hespanha e obrigavam-se as duas potencias a não fornecer nenhum auxilio a outra nação para fazer a guerra a qualquer d'ellas; e a negar pelo seu territorio a passagem de forças militares destinadas a invadir ou atacar a outra. A Republica franceza restituia ao rei catholico, dentro de quinze dias a contar da troca das ratificações, todas as conquistas que tivesse realisado nos dominios hespanhoes. As contribuições levantadas por ambos os belligerantes nas povoações do outro cessariam de ter effeito

[1] Mappa da força da divisão auxiliar em septembro de 1795, junto ao officio de Forbes a Luiz Pinto, 14 de outubro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

[2] Officios de Forbes a Luiz Pinto, de 3 e 10 de septembro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

quinze dias depois da assignatura do tratado e não seriam exigidas as quantias, que até esse momento restassem ainda por solver. Apenas o tratado estivesse em pleno vigor, nem a Republica franceza nem a Hespanha poderiam ter junto á sua commum fronteira maior força militar, que a empregada ahi habitualmente antes que houvesse rompido a ultima guerra. A côrte de Madrid cedia á Republica franceza a parte hespanhola da ilha de S. Domingos nas Antilhas. Todos os prisioneiros de ambas as nações deveriam ser restituidos no decurso de dois mezes a datar da ratificação do tratado. Os portuguezes aprisionados durante a guerra franco-hispana, e pertencentes á divisão auxiliar, eram comprehendidos n'esta geral restituição. A Hespanha restabelecia pelo tratado as suas relações de paz e amizade com a Republica das Provincias Unidas dos Paizes Baixos, já então alliada intima da Republica franceza. A Convenção nacional acceitava a mediação de Carlos IV para que se negociasse a paz entre a França e o reino de Portugal, e volvessem egualmente a pacifica e amigavel convivencia com a nação franceza os reinos de Napoles e de Sardenha, o ducado de Parma, e os demais estados italianos. Não menos desejosa a Convenção de pôr termo á guerra com as outras potencias européas admittia por medianeiro o monarcha hespanhol, se qualquer d'ellas recorresse á catholica majestade para fazer a paz com a Republica franceza.

Pouco depois os francezes restituiam aos hespanhoes a praça de Rosas com as suas dependencias, a villa de Figueras com a cidadella de S. Fernando, e todo o Ampurdán, que haviam senhoreado.

No 1.º de agosto a Convenção nacional com grandes mostras de applauso e contentamento approvou e ratificou o tratado concluido com o soberano das Hespanhas.

Muito maior foi o jubilo, com que a côrte de Madrid se viu desapressada e livre de uma guerra tão prolongada e ruinosa, que trouxera devastadas as suas provincias junto dos Pyreneus, e que ameaçára arruinar inteiramente o thesouro do rei catholico. Para manifestar a sua satisfação entornou Carlos IV sem medida a dourada cornucopia da sua munificencia sobre

os que juntavam aos serviços prestados nos campos de batalha ou nos gabinetes para as negociações da paz as boas graças do soberano. O duque de Alcudia, D. Manuel Godoy, teve o melhor quinhão nos regios galardões. Para agradecer-lhe a parte, que tivera na terminação da guerra, condecorou-o Carlos IV com o titulo de *Principe de la Paz*, que tão nefasto foi depois a Portugal, quando o soberbo valido, tornado em instrumento submisso de Bonaparte, contribuiu poderosamente para as crescentes humilhações e desventuras, que perseguiram Portugal desde o primeiro anno do XIX seculo. O tenente general D. José de Urrutia foi promovido ao posto de capitão general, o mais eminente na hierarchia militar hespanhola. A egual categoria foi elevado o principe de Castelfranco, que em chefe commandára as tropas de Carlos IV contra os francezes nas provincias vascongadas e em a Navarra. O plenipotenciario D. Domingos de Yriarte foi premiado com as honras e vencimento de conselheiro de estado e pouco sobreviveu ao seu despacho.

Festejou-se em Portugal com egual contentamento a conclusão da paz. Muitos dos officiaes, que mais se tinham distinguido na divisão auxiliar, foram promovidos aos postos immediatamente superiores [1].

[1] Ascenderam a tenentes generaes effectivos os marechaes de campo D. Antonio Soares de Noronha, e D. Francisco Xavier de Noronha, e a tenente general graduado o marechal de campo D. João Corrêa de Sá Benevides. Foram graduados em marechaes de campo os coroneis Gomes Freire de Andrade, do regimento do seu appellido, o marquez de Alorna (conde de Assumar), da cavallaria de Evora, o monteiro mór Francisco de Mello de Mendoça da Cunha e Menezes, da infanteria de Cascaes, João Jacob de Mestral, do 1.º de Olivença, José Narciso de Magalhães e Menezes, do regimento de infanteria de Vianna. Tiveram a patente de coroneis, o tenente coronel graduado Florencio José Corrêa de Mello, os tenentes coroneis Nicolau Joaquim de Caria, do regimento de Freire, Luiz Carlos de Clavière, ajudante de ordens do general Forbes, e Izidoro Paulo Pereira, do real corpo de engenheiros. Foram graduados no posto immediato os tenentes coroneis Agostinho Eduardo de Brinken, do 1.º regimento de Elvas, Antonio de Lima Barreto, do 1.º do Porto, e D. Thomás de Noronha, do regimento de Freire. Obtiveram o posto de tenentes coroneis os sargentos móres D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho, Nuno Freire de Andrade, do 1.º regimento de Elvas, Christovão Parrot, do 1.º de Olivença e Antonio Liberato de Mendonça, do regimento de Cascaes; os sargentos móres

Nos principios de outubro estavam ancoradas no porto de Barcelona vinte e sete embarcações de pequena lotação, destinadas a transportar a Lisboa as tropas e material da divisão portugueza. Por accordo entre os dois governos peninsulares encarregára-se a administração hespanhola de fazer apromptar e abastecer os navios que haveriam de reconduzir a expedição, cuja força para este fim se computára em quatro mil homens [1].

A artilheria da divisão consistia então em onze canhões de calibre 3, e dois obuzes de 6 pollegadas [2].

A titulo de gratificação extraordinaria o governo portuguez concedeu a todos os militares presentes na divisão dois mezes de soldo, e mandou abonar a cada um dos que foram aprisionados pelos francezes, meio soldo mensal por todo o tempo que estiveram em poder do inimigo.

Em fins de septembro marchou a divisão auxiliar a acantonar

artilheiros José Antonio da Rosa, Antonio Teixeira Rebello, e Diogo José Cony, todos aggregados ao regimento de artilheria da Côrte; o sargento mór engenheiro Manuel de Sousa Ramos, e o da cavallaria de Almeida, Manuel Ignacio Martins Pamplona, mais tarde conde de Subserra e ministro da guerra; e de infanteria de Castello de Vide, D. José Carcome Lobo. Foram promovidos a sargentos móres os capitães: Carlos André Harth, ajudante de ordens do general Forbes; do regimento de cavallaria de Elvas, o emigrado francez principe de Luxembourg e da cavallaria de Moura, conde de Léautaud, tambem emigrado, os quaes ambos tinham servido no estado maior da divisão auxiliar. Tiveram a graduação de tenentes coroneis com o soldo de coronel, os sargentos móres graduados: Antonio de Sousa Falcão, o marquez de Alegrete, e Luiz Machado de Mendoça, todos do regimento de Freire. Foi promovido a capitão o primeiro tenente engenheiro Manuel Joaquim Brandão.

Primeiro Supplemento á *Gazeta de Lisboa,* n.º 52, do 1.º de janeiro de 1796.

[1] O custo do transporte orçou por quinhentos e cincoenta e cinco mil cruzados ou duzentos e vinte e dois contos de réis. Arbitraram-se a cada praça duzentos e quarenta réis por dia e seiscentos e quarenta a cada official. Officio de Forbes a Luiz Pinto, 7 de outubro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

[2] N'este numero entravam cinco peças, que pelo governo hespanhol tinham sido mandadas fundir em Barcelona para substituir as que foram tomadas pelos francezes. Os dois obuzes tinham sido egualmente fabricados na grande cidade catalã, e dados á divisão auxiliar, em compensação dos que se perderam nas campanhas. Officios de Forbes a Luiz Pinto, de 24 de agosto, e 29 de outubro de 1795. Archivo do ministerio da guerra.

nas povoações de Sarriá e S. Gervasio, a breve distancia de Barcelona, em cujo porto as tropas haveriam de embarcar de regresso á sua patria. Effeituou-se a marcha desde Bañoles em duas columnas ou brigadas, cada uma formada de tres regimentos. Os enfermos, que eram em grande numero, foram transportados para o hospital de Mataró, a cinco leguas de Barcelona.

A 28 de outubro faziam-se de véla os navios, que conduziam as tropas de Portugal. Eram comboiados pela fragata *Diana*, e pelos bergantins *Tartaro* e *Atocha*, da marinha de guerra hespanhola. E havendo cursado o Mediterraneo e o Atlantico mais afortunadamente que na ida para a Catalunha, ao cabo de quarenta e cinco dias de feliz navegação aportavam a Lisboa a 10 e 11 de dezembro de 1795 e vinham effeituar o desembarque no caes de Belem. Da varanda do jardim do paço assistia ao desfilar das tropas o principe D. João com diversas pessoas da sua familia e o luzido cortejo da sua casa.

Todos os militares, que tinham feito parte da divisão auxiliar e sobreviveram á ultima campanha, foram condecorados com uma insignia, que attestasse honrosamente a sua participação nas campanhas do Roussillon e da Catalunha [1].

Decretou-se que nas bandeiras dos corpos que tinham servido nas campanhas contra a França, se inscrevesse o nome de cada regimento antepondo-lhe a laconica divisa: *Ao valor* [2].

Estava concluida uma guerra, a que Portugal fôra induzido pela sua alliança com a Inglaterra e pelas suas dynasticas relações com a Hespanha, então dominada por um estadista de grandíssima vaidade e diminutissimos talentos. Estava assim

[1] A insignia era para os officiaes e cadetes de artilheria, uma peça de prata, para os officiaes inferiores, o mesmo emblema bordado a seda branca, e para os soldados era de lã da mesma côr. Para todas as demais tropas a insignia era uma granada, que para os generaes era de oiro, de prata para os officiaes e os cadetes, de seda branca para os officiaes inferiores e finalmente de lã da mesma côr para os soldados. A insignia devia usar-se bordada na manga direita da farda. Decreto de 17 de dezembro de 1795, publicado por extracto na *Gazeta de Lisboa*, 2.º supplemento ao n.º 1, de 1796.

[2] Outro decreto de 17 de dezembro de 1795, publicado por extracto no supplemento já citado á *Gazeta de Lisboa*.

terminada uma empreza, de que Portugal não colhêra mais fructos do que o esteril sacrificio de muitas vidas e o dispendio de alguns milhões, n'uma quadra em que apparecia já angustiosa a situação da fazenda publica e eram pouco propicios os recursos economicos da nação[1].

Ficára demonstrado quanto é pouco promettedor de prosperos successos o aventurar-se á guerra offensiva uma nação pequena para servir interesses extrangeiros, sem a minima sombra de proveito ou galardão. E tornára-se evidente quanto é perigoso pensar na organisação, na disciplina, na instrucção das tropas e na sua administração, sómente quando os feciaes assomam ás fronteiras para intimar o principio de hostilidades provocadas pela imprevidencia dos governos.

Depois da guerra continuava Portugal na mesma angustiosa situação internacional de que havia partido para se envolver na coallisão, com a differença, porém, de que a Hespanha, pela submissão do principe da Paz aos dictames im-

[1] A despeza feita com a divisão auxiliar, emquanto permaneceu no Roussillon e na Catalunha, segundo a conta official do thesoureiro da expedição, José Maria Trinité, assignada em Lisboa no 1.º de maio de 1796 e existente no archivo do ministerio da guerra, subiu a 761:889$044 réis. D'esta quantia saíram apenas os gastos feitos com os soldos, prets, rações de viveres e de forragens, hospitaes, transportes, e em geral as despezas com a administração e manutenção das tropas durante as campanhas. Não entraram n'aquella conta o numeroso armamento, equipamento e material, que do arsenal de Lisboa por mais de uma vez se remetteu á divisão, nem o custo dos artigos de uniforme e vestuario, com que foi necessario substituir o que se consumíra ou se perdêra nas desastrosas retiradas. Tão pouco figurou n'aquella verba o preço elevadissimo dos transportes por mar tanto na ida, como na volta. De maneira que, mettendo em calculo todas as despezas acrescidas com o desleixo e a dilapidação, e não esquecendo o enorme gasto com a esquadra portugueza encorporada na britannica durante largo tempo, não andaria muito abaixo de cinco milhões de cruzados, o que Portugal dispendeu para comprazer com os caprichos de D. Manuel Godoy, e servir o odio da Inglaterra contra a França, cujo espolio anciosamente se aprestava a partilhar. Ainda á despeza causada por uma guerra sem a minima vantagem para Portugal se deve acrescentar que o governo hespanhol mais tarde reclamou de Portugal o pagamento de cerca de cinco milhões de reales, que dispendêra com a divisão auxiliar. Despacho de Luiz Pinto, para o duque de Frias e de Uzeda, embaixador de Hespanha em Lisboa, 23 de janeiro de 1800. Archivo dos negocios extrangeiros.

periosos da Republica franceza, passou a ser nas mãos do Directorio e mais tarde nas do primeiro consul Bonaparte, o seu mais fiel auxiliar nas ambiciosas tentativas contra a honra e independencia de Portugal.

FIM DO TOMO III

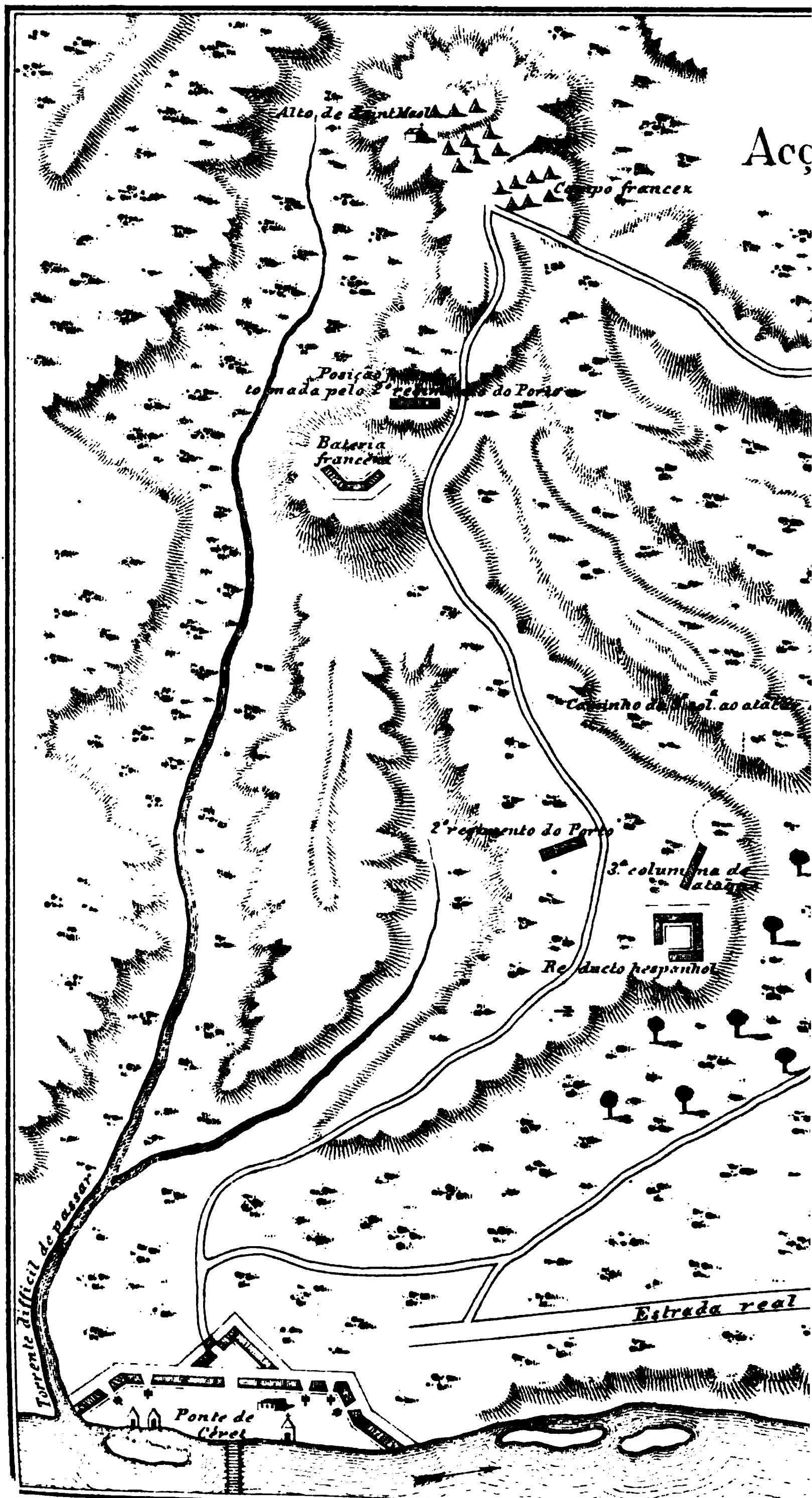
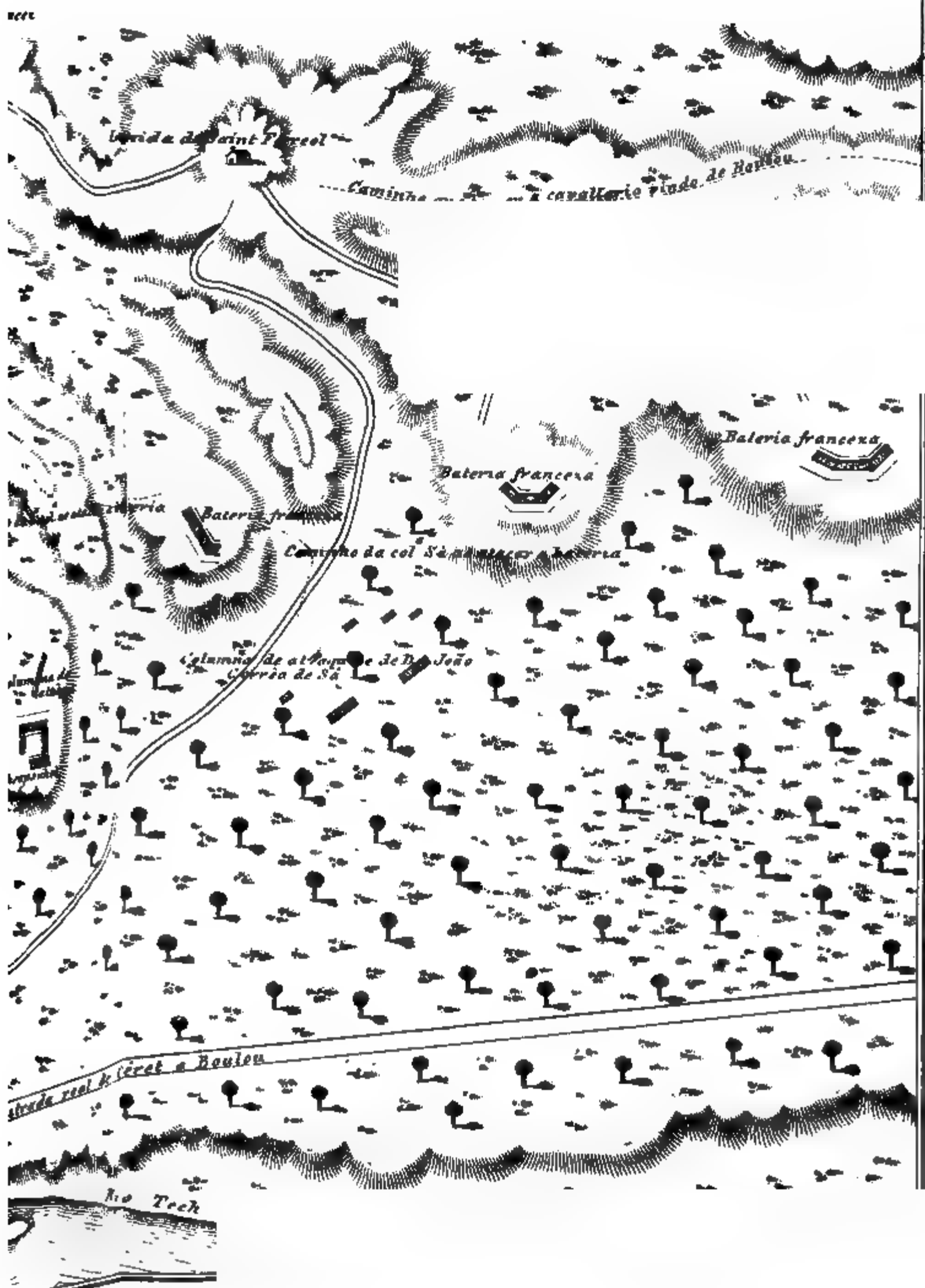
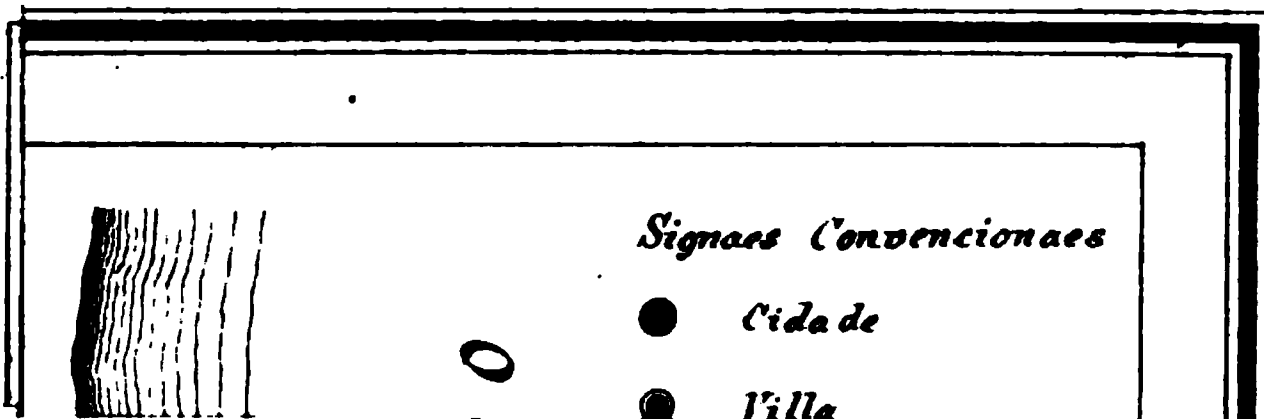
Reducto hespanhol
Estrada real
Ponte de Céret
Torrente difficil de passar

Acção de 26 de Novembro de 1793

Bateria franceza

Bateria franceza

Corrêa de Sá

Rio Tech

Signaes Convencionaes
Cidade
Villa

Signaes Convencionaes

Cidade

Villa